RB186,096

Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/henriqueidapoema00eric

HENRIQUEIDA

POEMA HEROICO

COM ADVERTENCIAS PRELIMINARES
das regras da Poeſia Epica, Argumentos,
e Notas.

COMPOSTO PELO

ILLUSTRISS. E EXCELLENT. CONDE DA ERICEIRA
D. FRANCISCO XAVIER
DE MENEZES,

DO CONSELHO DE GUERRA DE SUA MAGESTADE, Meſtre de Campo General dos ſeus Exercitos, e Deputado da Junta dos Tres Eſtados, Director, e Cenſor da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, Secretario, e Protector da Academia Portugueza, Academico dos Arcades de Roma, e da Sociedade Real de Londres.

LISBOA OCCIDENTAL:
NA OFFICINA DE ANTONIO ISIDORO DA FONSECA;
Com todas as licenças neceſſarias.

Anno de 1741.

Vende-ſe na meſma Officina, e na Logea de Manoel da Conceiçaõ morador na Rua direita do Loreto.

POEMA

LICENCAS
§
DA ACADEMIA REAL.

CENSURA DO CONDE DO VIMIOSO DO CONSELHO de Sua Mageſtade, e Academico Real.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

MAndaõ-me VV. Excellencias dizer o meu parecer ſobre o Poema do Conde D. Henrique, eſcrito pelo Excellentiſſimo Senhor Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, e ſe neſte preceito naõ tiveſſe tanta parte o meſmo Autor da obra, como companheiro de VV. Excellencias no emprego de Cenſor da noſſa Academia, obedecera eu ſempre com a meſma ſogeiçaõ aos ſeus acenos, mas naõ com a meſma liberdade no meu voto.

Pois que couſa pòde haver mais elevada, e mais laborioſa, que eſcrever naõ digo ja com perfeiçaõ, mas ainda com mediania hum Poema Epico, ou Heroico? E que couſa tambem mais difficil, e arriſcada, que fazer hum juizo, e hum exame a eſta meſma obra, que tanto intimida naõ ſó a quem a compoem, mas a quem a pondera, e que tanto honra naõ ſó a quem a medita, mas a quem a comprehende?

Digo pois que he hum Poema inteiramente acertado, e conforme a todas as ſuas regras, e preceitos, os quaes nos enſinaõ que o aſſumpto nem ha de ſer ſummamente antigo, para que naõ ſeja impoſſivel a memoria do ſucceſſo, nem demaſiadamente moderno, para que naõ ſeja viva a lembrança delle.

Que a acçaõ ha de ſer heroicamente grande, e taõ digna, como difficultoſa de imitarſe.

Que ha de ſer huma ſó em hum ſó Heròe, o qual em virtude della conſiga huma nova gloria, e immortal.

Que eſta meſma acçaõ naõ ha de ſer continuada como hiſtoria, mas dividida com artificioſa ideya, principiando pelo meyo da empreza.

Que ſe ha de acompanhar de epiſodios, encher de figuras, e ornar com todos aquelles primores da arte q̃ a façaõ mais formoſa.

Que o eſtylo ha de ſer naõ ſó elegante, mas ſublime, porèm com tal medida, que naõ embarace o facil, e o natural.

Que o Poeta ſe ha de reveſtir do caracter das peſſoas que introduz, uſando da meſma propriedade nas materias que trata.

Eſtas ſaõ as circunſtancias mais eſſenciaes que devem concorrer em hum perfeito Poema, as quaes eu naõ devo demonſtrar no que examiney, por naõ parecer que ſupponho que he neceſſaria eſta demonſtraçaõ, quando todos confeſſaõ ſem competencia, admiraõ ſem inveja, ou invejaõ ſem dor, o engenho raro, a diſcriçaõ incomparavel, a memoria feliz, o eſtudo immenſo, a ſciencia profunda, e finalmente o genio eſpecial, o eſpirito elevado, o enthuſiaſmo, e furor divino que tem na poeſia o Senhor Conde da Ericeira ſendo aquella huma arte, cujo nome, e exercicio diz M. Tullio que fora ſempre reſpeitado atè das naçoens mais barbaras, e incultas: e que naõ ha homem taõ contrario, e inimigo das Muſas, que ſe naõ lizongee facilmente de que a voz canora do verſo ſeja o eterno pregaõ das ſuas acçoens.

Se iſto diſſe o meſmo pay da eloquencia em beneficio de Archia poeta, que naõ chegou a fazer o mayor esforço da ſua arte, qual he hum poema Epico, ſó porque tinha concorrido para algum louvor, e gloria do povo Romano; que elogios naõ faria ao grande Virgilio, ſe chegaſſe a ver a ſua famoſa Eneida; a qual naõ deixou menos memoravel o ſeculo de Auguſto, nem menos illuſtre a gloria de Roma, do que fez immortal o nome do Autor?

Logo ſe eſta obra he taõ excellente, ou taõ divina, que Propercio naõ duvidou affirmar que ella havia de ſer mais celebre que a Iliade de Homero; que applauſos, e acclamaçoens naõ merece outra, que naõ lhe ſendo inferior em nenhuma circunſtancia, a excede muito em muitas?

Primeiramente a materia de Virgilio là tem alguma parte do aſſumpto de Homero: hum, e outro deſcreve o ſitio de Troya, hum, e outro refere as acçoens dequelles Capitães; o aſſumpto do Senhor Conde da Ericeira he inteiramente diverſo de ambos.

O Herõe de Virgilio era incerto, e duvidoſo aſcendente da familia de Auguſto, a quem o poeta queria lizongear: o Herõe do Senhor Conde he certo, e infallivel progenitor da Caſa Real Portugueza, que elle procura, e conſegue engrandecer.

Virgilio deixou taõ imperfeita a ſua Eneida, que intentou que naõ ficaſſe memoria da obra, ſendo ella ſublime, ſe naõ do Autor, que a mandava queimar por ſer defeituoſa, o Senhor Conde tem emendado tanto a ſua Enriqueida, que ja parece mais effeito da modeſtia, que amor à perfeiçaõ.

Finalmente Virgilio naõ teve com quem competir dentro da ſua meſma naçaõ: o Senhor Conde podia ſer emulo, mas fòy vencedòr

cedor do noſſo inſigne Camoens ; taõ inſigne que ſempre illuſtraria a patria com o ſeu engenho, ainda que o naõ tiveſſe empregado em ſerviço della.

Naõ fallo na exceſſiva differença da esfera do poeta Latino ao Luſitano , ſendo aquelle taõ humilde pelo naſcimento, como diſtinto pelas obras , e ſendo eſte ſó taõ illuſtre nas compoſiçoens , como na origem : de cuja grande Caſa foy ſempre o melhor patrimonio o amor de todas as ſciencias , e o patrocinio de todos os ſabios , ſendo eſta nobre virtude naõ ſey ſe de menos merecimento por ſer herdada , ſe de mayor louvor por ſer perpetua. Mas naõ devo paſſar em ſilencio o grande , e notorio exceſſo que o Senhor Conde faz a Virgilio na extençaõ, e generalidade do meſmo engenho.

De Virgilio ſe conta que orara huma ſó vez , e que ſe por aquella oraçaõ ſe julgaſſe a ſua capacidade, ſeria reputado por hum homem indiſcreto , e totalmente inhabil para as letras ; o Senhor Conde he igual na poetica , e na oratoria ; taõ egregio quando executa as regras da poeſia , como quando obſerva os preceitos da eloquencia ; e he mayor aſſombro para nòs a igualdade que tem comſigo , que a ventagem que leva aos outros deſtas profiſſoens.

E aſſim me parece que VV. Excellencias devem agradecer ao Senhor Conde da Ericeira querer eſtampar o ſeu livro, e uſar nelle do titulo de Socio da Academia Real; para que os que eſtaõ dentro, e fóra da meſma Academia incitados da gloria de o terem por companheiro , e director , huns trabalhem por conſeguir taõ exceſſiva honra , e os outros procurem moſtrar que naõ ſaõ indignos della. Lisboa Occidental, 14. de Abril de 1737.

O Conde de Vimioſo.

CENSURA DE ALEXANDRE DE GUSMAM Academico da Academia Real.

EXCELLENTISSIMOS SENHORES.

LI com igual exacçaõ , e goſto o Poema da Henriqueida compoſto pelo Excellentiſſimo Senhor Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes , e ſendo obrigado pelo preceito de VV. Excellencias a interpòr ſobre eſta Obra huma cenſura , que reconheço mui ſuperior ao meu humilde juizo , naõ achey nella mais que motivos frequentiſſimos para a minha admiraçaõ. Ja pelo uzo

naõ

naõ deveriaõ caufalla as engenhozas producçõeſ deſte por todos os titulos nobiliſſimo Autor ; faõ com tudo tantas as ſingularidades que neſte Poema ſe encontraõ, que o Leitor, por mais que entre prevenido da rara capacidade de quem o compoz, naõ pòde deixar de ficar a cada paſſo ſorprendido. O aſſunto, e parte hiſtorica delle intereſſa ſummamente a atençaõ, ao meſmo tempo que realça a gloria do Reyno, e da mayor parte das Familias conſpicuas delle ; a invençaõ, e enredo ſaõ dos mais agradaveis, e bem ſeguidos que ſe achaõ em outro algum Poema; os epiſodios cheyos de aprazivel novidade ; os caracteres ſuſtentados até o fim ſem ſe deſmentirem, nem degeneratem ; as deſcripçõeſ, e comparaçoens uzadas com parcimonia que naõ enfaſtia, mas tambem aſſazonadas com variedade, e viveza de imagens, que fazem hum verdadeiro retrato da natureza; as Deidades, e fabulas (que foraõ o leite com que ſe criou a Poeſia, e ſem a qual nos parece ſempre debil, e enervada) introduzidas com o mais feliz artificio que ocorreo a nenhum dos Poetas Chriſtãos, ſervindo ſe o Autor dellas com toda a liberdade que lhe he neceſſaria para ornamento da ſua Obra, ſem o menor prejuizo da ſua piedade ; finalmente todas as regras do Poema Epico ſobre a unidade da acçaõ, duraçaõ della, e repartiçaõ dos ſucceſſos, e dos Cantos, &c executadas taõ pontual, e naturalmente, que parecem obſervadas pelo Autor, mais por força de habito, que de eſtudo.

Sendo eſte Poema taõ exuberante para adquirirlhe gloria, naõ ſe contentou o ſeu fecundiſſimo genio com a producçaõ delle, mas offerece juntamente outro theſouro bem eſtimavel nas Advertencias Preliminares, onde com o pretexto de anticipar a apologia a huma Obra, que ninguem ſe atreverá a criticar, explica as regras que ſeguio, e as obſervaçõeſ porque ſe governou, compondo deſta ſorte huma eſpecie de Arte da Poeſia Epica, que ſervirá ao diante de farol, e guia para todos os que quizerem acertar neſta deleitavel, ainda que laborioſiſſima, e arriſcadiſſima occupaçaõ.

Com o meſmo eſpirito incanſavel fez a todos os lugares do Poema, que receou poderem ſer menos bem entendidos pelos leitores mediocres, notas clariſſimas, cheyas de vaſta erudiçaõ, e de noticias mui particulares, ſegurando aſſim a ſua Obra do perigo de ſer deſfigurada, e violentada pelas ideas eterogeneas de algum commentador indiſcreto, e prevenindo ao Leitor a ſatisfaçaõ de achar o verdadeiro ſentido com huma abundancia de noticias, que nem com muito trabalho poderia ſubminiſtrarlhe qualquer outro que depois emprendeſſe o commento.

Iſto

Iſto he em breve o que me occorre do muito que poderia dizer em louvor do volume que Vv. Excellencias me mandaraõ examinar; e ſe o Ceo atendeſſe aos noſſos dezejos, em cumprimento de hum que he geral em todos os que conhecem ao Excellentiſſimo Senhor Conde da Ericeira, lhe prolongaria por muitos ſeculos huma vida indefeſſa em produzir continuamente obras glorioſas ao ſeu nome, e à ſua Patria, huma vida illuſtrada com os alentos do coraçaõ mais candido, e generoſo, e do engenho mais diſcreto, e ornado, que ja mais ſe hajaõ viſtos unidos com taõ eſclarecido ſangue, huma vida, em fim, que ſerà memoravel em todo o Orbe Literario, naõ ſó a titulo de Autor, e Poeta inſigne, mas tambem de Mecenas humaniſſimo. Lisboa Oriental 24 de Julho de 1737.

Alexandre de Guſmaõ.

O Director, e Cenſores da Academia Real da Hiſtoria Portugueza daõ licença ao Conde da Ericeira para uſar do titulo de Academico do numero no livro intitulado *Poema do Conde D. Henrique*, viſtas as approvaçoens dos dous Academicos, a que ſe cometeo o ſeu exame. Lisboa Occidental, 11. de Agoſto de 1737.

Conde de Aſſumar.

Antonio dos Reys.

Marquez de Valença.

D. Diogo Fernandes de Almeida.

Nuno da Sylva Telles.

LICEN-

LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. BERNARDO DO DESTERRO, Religioſo da Ordem de S. Domingos Preſentado na Sagrada Theologia.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

OBrigado do preceito de V. Eminencia a dar o meu parecer ſobre eſta Obra, intitulada: *Henriqueida Poema heroico com advertencias, &c.* compoſta pelo Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, ſó poſſo, e devo dizer, que nem acho, nem podia achar nella couſa, em que ſe offenda a pureza de noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes. V. Eminencia mandará o que for ſervido. Convento de S. Domingos de Lisboa Occidental 1. de Julho de 1738.

Fr. Bernardo do Deſterro.

CENSURA DO M. R. P. M Fr. JOZE' PEREIRA DE SANTA ANNA, Religioſo da Obſervancia do Carmo, Doutor, e Lente jubilado na Sagrada Theologia, e Chroniſta da ſua Ordem.

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI o avultado Livro, que contem a bem formada *Henriqueida* com as Advertencias preliminares, e Notas, de que he Autor o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes do Conſelho de Guerra de Sua Mageſtade, &c. Varaõ, alèm de famoſo em virtudes moraes, e politicas, de modo conſumado nas ſciencias relevantes, que os menos ſabios o numeraõ entre os mayores, e os mais intelligentes conhecem, que he pela ſua quaſi incomprehenſivel univerſalidade, atè dos Principes das Artes liberaes o Corifeo. Logo nas ſuas Advertencias preliminares, no titulo da *Imitaçaõ* exprime hum modeſto dezejo de ſeguir a Homero, parecendolhe, que ſó o iguala na falta de viſta, que julga defeito, e naõ nas obſervadas perfeiçõeſ de ſeu Poema. Claramente moſtra, que o naõ cega o amor proprio; porque a ter capacidade

pacidade de exercitar eſte affecto, poderia crer a conſtante voz de muitos arbitros, que em alguma parte condenaõ a Obra de Homero, e em tudo louvaõ a proporçaõ, e mais particularidades deſte Poema Heroico. Mas ainda, que o Excellentiſſimo Autor, por naõ abonar o applauſo proprio, ou deſconheça, ou deſpreze as ventagens, que leva àquelle, e a ſemelhantes poetas, baſta para ſuperabundantemente eſtabelecer eſta verdade a bem recebida, e nunca impugnada opiniaõ de ſeus cultores. Em Homero ſeria defeito a referida falta de viſta: mas no Excellentiſſimo Conde foy alta providencia, por tal vez nos perſuadirmos, que todo he intelligencia; por quanto atè depois de lhe faltar o exercicio dos olhos corporeos, incanſavelmente trabalha com os d'alma, e quanto he poſſivel, vé com o ſeu claro entendimento. Para ſer inſigne poeta, lhe baſtaria haver herdado de ſeu Excellentiſſimo pay eſta nativa qualidade; mas para neſta eſtimabiliſſima arte exceder aos ſeus meſmos originarios predeceſſores, atè de ſua Excellentiſſima Mãy participou poeticas affluencias. Ambos os ſeus generantes foraõ inſignes; porèm no filho avulta mais do que em cada hum dos pays a poezia, porque à maneira de hum rio, ſempre eſte he caudaloſo depois que nelle entraõ, e ſe unem muitas aguas. As que da perenne fonte do Parnazo para o entendimento do Excellentiſſimo Autor da Enriqueida manàraõ, ſaõ as mais criſtalinas: bem que por nenhum outro principio ſe reconhecem mais puras, que por naõ haver em toda eſta grande Obra couſa que offenda a noſſa Santa Fè, e bons coſtumes. Por tanto a julgo digniſſima de ſe eſtampar. Real Convento do Carmo de Lisboa 11. de Julho de 1738.

Doutor Fr. Jozè Pereira de Santa Anna.

VIſtas as informaçoens, pòde-ſe imprimir o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental, 11. de Julho de 1738.

Fr. Rodrigo de Alencaſtre. Sylva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. D. JOZE' BARBOSA C. R. Chroniſta da Sereniſſima Caſa de Bragança, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, e Examinador Synodal do Patriarcado de Lisboa.

EMINENTISSIMO SENHOR.

HE V. Eminencia ſervido, que dé o meu parecer ſobre o Poema intitulado *Henriqueida*, que compoz o Excellentiſſimo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, taõ benemerito da ſua fama, que de juſtiça ſe lhe deve a univerſal acclamaçaõ a todas as ſuas obras. Naõ ſe ſatisfaz o Autor com moſtrar neſte Poema a elevaçaõ do ſeu juizo na mageſtade da acçaõ, a delicadeſa do ſeu diſcurſo na diſtribuiçaõ das partes, a veroſimilidade na idea das ficções, e a natureza dos Epiſodios; mas fez por força da natural cadencia, que em taõ grande numero de Oitavas ſe admire ſempre a ſuavidade, e a conſtancia do metro. Nada diſto me faz novidade, porque aſſim como dos valeroſos naſcem valeroſos, tambem dos diſcretos naſcem diſcretos. Seria injuria da natureza, que degeneraſſem feamente os filhos da condiçaõ dos Pays, porque naõ coſtuma o valor das Aguias produzir a puſilanimidade das Pombas.

Da Caſa do Autor ſe deve dizer, que he a Caſa da Sabedoria, porque naõ fallando nos deſcendentes do Autor, que com o eſplendor do ſangue recebéraõ a viveza do entendimento, e os teſouros da erudiçaõ, naõ vejo por toda a ſua Excellentiſſima aſcendencia ſe naõ profeſſores de todo o genero de letras, de ſorte que atè diſpoz a Providencia, que eſta grande Caſa vieſſe a ſer herdeira de algumas, cujos poſſuidores foraõ reſpeitados no ſeu tempo por morgados das ſciencias. E fallando neſtes, que por ſerem de fóra ſe lhes deves de attençaõ o primeiro lugar, quem naõ ſabe que Diogo de Paiva de Andrada foy hum Theologo, que entre os muitos, e grandes, que foraõ mandados por differentes Principes ao Concilio de Trento, mereceo, e conſeguio (que he mais) entre todos a primeira diſtincçaõ pelas ſuas letras, de que daõ glorioſo teſtemunho os Eſcritores daquelle Sagrado Congreſſo. Deo à luz a defenſa da Fé novamente illuſtrada no meſmo Concilio em hum volume de quarto; eſtampou outro, com o titulo *Orthodoxæ fidei*

Conſul-

Conſultationes, e tres tomos de *Sermoens*, naõ fazendo agora menção de muitas *Oraçoens latinas*, que diſſe na preſença daquelles doutiſſimos, e graviſſimos Padres. Seu Irmaõ o V. P. Fr. Thomè de Jeſus, que honrou as maſmorras de Africa com a ſua prizaõ, e a Religiaõ dos Eremitas de S. Agoſtinho, de que foy profeſſo, com as ſuas virtudes, entre muitos livros que imprimio, he mais celebrado (e com razaõ) o que tem por titulo *Trabalhos de Jeſu*, que depois de traduzido em varias linguas, modernamente ſe imprimio com a ſua Vida eſcrita por D. Fr. Aleixo de Menezes Primaz do Oriente, e das Heſpanhas, Governador da India, e Viſo-Rey de Portugal. Franciſco de Andrada Commendador de S. Payo das Fragoas, e Irmaõ de ambos eſcreveo a unica *Chronica* que temos, *d' ElRey D. Joaõ o III.* Traduzio em Portuguez a *Vida de Jorge Caſtrioto* compoſta em Latim por Marino Barlecio Scutarino: o *Poema do Cerco de Dio*, que he rariſſimo, e outros muitos impreſſos, e manuſcritos. Seu filho, e ſucceſſor na meſma Commenda Diogo de Paiva de Andrada atèm de muitas *Cartas Latinas, e Portuguezas, de muitas Poeſias, e Enigmas nas linguas natural, Italiana, e Eſpanhola, de tres Tragedias, e de alguns Panegyricos*, deu á luz *o Exame de Antiguidades, o Caſamento perfeito, e o famoſo Poema Chauleidos*, em que teve a felicidade de ſer igual a fineza dos conceitos à elevaçaõ do metro.

Mas voltando agora para os Senhores deſta Caſa pela Baronia dos Menezes, o primeiro Conde da Ericeira D. Diogo de Menezes eſcreveo, e imprimio a *Vida de D. Henrique de Menezes Governador da India*. Deixou correr mais liberalmente a penna o ſegundo Conde D. Fernando de Menezes, e entre grande numero de manuſcriptos, que ſe conſervaõ ſeus, vemos na luz publica a *Hiſtoria de Tangere*, e a da *Reſtauraçaõ de Portugal*, eſcrita em dous volumes na lingua Latina com tanta elegancia, como na Portugueza a *de ElRey D. Joaõ o I.* Seu Irmaõ, e genro o terceiro Conde D. Luiz de Menezes, quem ignora que eſcreveo a *Hiſtoria de Portugal Reſtaurado* em dous grandes volumes, a *Vida de Jorge Caſtrioto*, e o *Compendio da Vida do Marquez de Tavora*, e que deixou grande quantidade de manuſcritos, politicos, militares, e poeticos, e entre elles hum certamente digno de toda a eſtimaçaõ, qual he a repoſta pelos meſmos conſoantes a todos os Sonetos de D. Luiz de Ulhoa? Neſta Caſa eruditiſſima atè as Senhoras ſe fizeraõ milagres da diſcriçaõ, como ſe vio na Excellentiſſima Condeſſa Dona Joanna de Menezes, filha, mulher, e Mãy do II. III. e IV. Condes da Ericeira, que compôdo em proza, e verſo muitas, e elegantiſſimas obras, ſe excedeo a ſi meſma nas 300. Oitavas do *Deſperta-*

dor del Alma al sueño de la Vida, que corre impresso com o supposto nome de *Apollinario de Almada*. Naõ escreveo a Excellentissima Condessa com penna de Aguia, porque ha muitas, escreveo com pena da Fenix, porque he unica.

De todos estes eruditissimos Cavalheros he neto, sobrinho, e filho o Excellentissimo Autor deste Poema, em quem entendo que fez a natureza o mayor esforço, pois parecendo muito difficultosa a semelhança, ou a igualdade, naõ só veneramos, e respeitamos o excesso na agudeza, e facilidade, em todo o genero de composiçaõ, mas tambem na fecundidade, porque trinta, e sete volumes se compoem de obras suas. A muitos engenhos fez estereis o tempo com a fecundidade; a este o faz o tempo cada vez mais fecundo. Cansaõ as arvores com a producçaõ dos frutos; cada dia he mais copiosa a fantesia do Autor. Houve terras, que enriquecendo o mundo com as suas minas, vieraõ a naõ ter estimaçaõ, pela falta do ouro; esta mina Excellentissima he mais rica, quanto mais produz, e nelle se vè o como o entendimento humano he huma participaçaõ do divino, porque nunca se exhaure. Isto prognosticaraõ os rarissimos principios da sua idade, porque chegou nelles aonde naõ chegaraõ outros em annos mais provectos, e bastaria dizer que fazendo os escritos dos seus Ascendentes trinta, e sete volumes, elle só igualou a todos com o mesmo numero de tomos.

Atéagora quiz dizer alguma cousa do Autor da Henriqueida, porque a materia he taõ vasta, e ao mesmo tempo taõ elevada, que por muito que se diga, nunca se póde passar do principio: agora me he preciso informar a V. Eminencia àcerca do Poema. A Epopèa, Eminentissimo Senhor, he huma narraçaõ em verso heroico das acções illustres de alguns Heròes. Naõ direy agora todas as partes, de que se deve formar, as quaes todas descreveo em breve, mas elegante estilo o Padre Le Jay, fazendo-as summamente perceptiveis no conciso, e claro modo de dizer, porque naõ entro a dar documentos, quando sómente se me pede informaçaõ deste livro. He certo pelo que dizem os Autores, que hum Poema que mereça verdadeiramente o nome de Poema naõ o ha pelas condições que se lhe suppoem necessarias, e precisas. Deve de ter huma só acçaõ, que naõ ha de ser nem muito antigua, nem muito moderna; deve de ter hum só Heroe, mas taõ eminente aos seus companheiros, que pareça sempre mayor, nunca igual, descuido de que he notado Torquato Tasso, que tudo quanto houve de grande, e de illustre no sitio de Jerusalem attribue a Reginaldo, a Tancredo, e a Raymundo, deixando a Godofredo,

dofredo, que he o ſeu Herôe, ſó com a ſatisfaçaõ de ſer teſte munha de tudo, e de cooperar como particular, e naõ como ſuperior: o que melhor ſe prova que reſolvendo Godofredo na auſencia de Reginaldo levantar o cerco da Cidade Santa, e voltando depois Reginaldo, mudou de ſorte de opiniaõ, que aos ſoldados ſe lhes infundio tal valor, que ſe lhes rendeo a Cidade ſitiada, demaneira, que pelas leys, que ſe daõ para a bondade de hum Poema, o Poema Heroico he Chimera, que naõ pôde exiſtir.

Com tudo eu creyo que eſte quaſi impoſſivel o conſeguio o Autor neſte Poema, porque o Conde D. Henrique, que he o ſeu Herôe, he taõ ſuperior a todos os companheiros das ſuas acções, que ſempre ſe lhe conhece a differença, que ſe dà entre Principe e Vaſſallos. A acçaõ he huma, qual he a fundaçaõ do ſeu Imperio. A veroſimilidade que he huma das partes da acçaõ, ſe vê aqui com toda a decencia, e propriedade, porque tudo o que finge à fecundiſſima, e diſcretiſſima idea do Autor, poderia ſer, ainda que naõ foy. Naõ ſe vê aqui o que com riſo, e indignidade ſe vê em Homero, e em Virgilio, Meſtres, e Lentes de Prima mais que jubilados da Poeſia Grega, e Latina. Eu naõ duvido que a antiguidade lhes conciliou toda eſta grandeza, mas ſendo eu grande venerador da antiguidade, naõ paſſa o meu reſpeito a huma obſtinada cegueira. Se baſta a antiguidade para violentar, e arraſtrar a razaõ, taõ antiga he a idolatria, que muitos lhe daõ o ſeu infeliz principio nos filhos de Seth, e ninguem haverà que affirme que a idolatria merece eſtimaçaõ por haver muitos ſeculos, que ſe introduzio.

Que importa que Homero, e que Virgilio ſejaõ antigos para deſculpa do que eſcreveraõ? Pôde parecer bem ainda ao mayor idolatra da antiguidade eſcrever Homero que Achilles converſava com os ſeus cavallos, e que elles diſcorriaõ com o ſeu Herôe ſobre o eſtado futuro dos ſeus ſucceſſos? Eu creyo que quando Homero eſcreveo eſte diſparate, eſtava taõ cego no juizo, como nos olhos Que haja, e que houveſſe homens, que foſſem capazes de tratarem com cavallos, naõ o duvido; mas que os cavallos percebeſſem os conceitos humanos, e que reſpondeſſem, como ſe foſſem racionaes, iſto devia de ſer em Grecia, e foy generoſidade de Homero, que quiz dar juizo, a quem a natureza naõ deo mais do que inſtincto. Tudo podia dizer, quem naõ conhecia a indignidade do que imaginava.

Parece que foy pena da imitaçaõ de Homero o que diſſe Virgilio, que huma arvore natural produſia hum ramo de ouro;

que

que ſem duvida ſe deve de ter por beneficio da Chryſopeya poetica, que do cadaver de Polidoro naſceraõ varas fructiferas, e que os navios de Eneas ſe transformaraõ em Ninfas. Que direy das lagrimas que diz Homero dos cavallos de Achilles? Pareceo tambem ao meſmo Virgilio aquella corrente de lagrimas deſtes cavallos, que a Ethon, que o havia ſido de Pallante, quando repreſenta a ſua pompa funeral, o deſcreve chorando na marcha; inverofimilidade que o Padre la Cerda commentando eſte lugar corrobora com a autoridade de muitos Poetas, e Hiſtoriadores, porque he vicio geralmente introduſido nos Commentadores quererem defender tudo quanto diſſe o commentado, ſuppondo como infalliveis as ſuas opinioens, felicidade que naõ teve o noſſo grande Camões, porque alguns dos que o explicaraõ, naõ tiveraõ com elle eſta attençaõ. Eſtas lagrimas nos brutos naõ ſó foy aſſerçaõ de Poetas, mas tambem de alguns Hiſtoriadores, como Suetonio, e Plinio, e ainda que Aldrovando quaſi entendeo que eraõ encarecimentos poeticos, juſtifica eſta opiniaõ allegando varios Autores. Eu naõ duvido que houveſſe demonſtraçaõ como de agradecimento nos brutos para com os ſeus bemfeitores, que na ſua falta ſe deixaraõ morrer; e ſe elles tiveſſem o ſegredo de chorarem, naõ fariaõ a fineza de morrerem. Entendo que ſaõ exaggerações inverofimeis, porque as lagrimas ſaõ filhas do diſcurſo, o diſcurſo he effeito da razaõ, e aonde naõ ha as premiſſas, naõ ſe pòde ſeguir a conſequencia.

Se quem os eſcrevia dava credito a eſtes impoſſiveis, naõ ſey o que diga; e ſe era para divertir a quem ouvia contar eſtes armonicos deſconcertos, bem lhes podia liſonjear os ouvidos com acções mais verofimeis. Que direy da facilidade, com que o meſmo Poeta introduz nos Campos Eliſios ao ſeu piedoſo Eneas para fazer huma viſita a ſeu Pay Anchiſes para ouvir da ſua boca a futura grandeza da Republica Romana, quando era mais natural que o ſoubeſſe daSibilla Cumea, a quem ſe attribuhia o eſpirito de profecia, e que na entrada da infernal caverna ja lhe tinha dado argumentos do meſmo dote.

O Heroe, como todos aſſentaõ, deve ſer de tal ſorte conſtante, que ha de ſer ſuperior a todo o genero de adverſidade, e naõ ha de haver acçaõ por ardua que ſeja, que naõ ceda ao ſeu valor, que para iſſo ſe ſuppoem Heroe. E como ſe compadece iſto quando vemos a Eneas todas as vezes que ouviado algum trovaõ, e todas as vezes que o vento paſſava de Favonio, ou de Galerno, ja poſto de joelhos, chorando como o mais timido homem do mundo, e pedindo ſoccorro ao Ceo naquelles perigos. Eſtas acções mais pare-

parecem de carpidor, que de Herce. Que faria Eneas ſe lhe ſuccedera o marimoto, que experimentou D. Vaſco da Gama? Naõ teriamos os Reys de Albania, porque morreria de ſuſto, e naõ diria o que diſſe o Illuſtre Gama aos ſeus companheiros, que aquella extraordinario movimento era medo do mar, ſentindo ſobre ſi o pezo de taõ valeroſos ſoldados, como cantou o inſigne Camões na Eſtancia 47 do Canto II.

O' gente forte, e de altos penſamentos
Que tambem della haõ medo os elementos!

Iſto he ſer Heroe.

Que lagrimas taõ indignamente derramadas, como as do piedoſo Eneas na morte de Palinuro, que era hum miſeravel Piloto? Naõ podia ſentir mais a morte de ſeu Pay Anchiſes, que na de ſua mulher Creuſa naõ fallo, porque naõ faltaõ autores, que affirmaõ que elle meſmo a matára em obſervancia do pacto que fizera com os Gregos de naõ ficar com vida filho algum do infeliciſſimo Priamo, porque eſte Heroe fundava a mayor parte da ſua grandeza em acções, de que ou ſe naõ devia de fazer caſo, ou que naõ mereciaõ eſtimaçaõ. Que acçaõ mais heroica que ver a hum homem taõ inſigne, como o piedoſo Eneas, deſtinado para fundador do Imperio Romano, occupado com toda a ſua gente em cortar ramos de arvores para compòr, e adornar com elles a ſepultura de Miſeno, que podendonos perſuadir que ſeria algum homem digno da mayor eſtimaçaõ, pois ſe lhe faziaõ na morte taõ publicas demonſtrações de ſentimento, ſabemos que o ſeu miniſtério era no mar empunhar hum remo, e tocar na terra huma trombeta. Que compaſſivo patrono perderaõ os Algaravios, e os Trombeteiros negros em naõ alcançarem os tempos do piedoſo Eneas!

Huma das partes, de que reſulta a perfeita Epopèa, he a dos coſtumes, que deve ter o Heroe em grão perfeito, porque naõ ſerá juſto que hum Varaõ, que ha de ſer o exemplar de todos, achem os que delle dependem, vicios, que imitem huns, e que eſcandalizem a outros. Ha de ſer pio, magnanimo, generoſo, affavel, e independente: ha de receber os tributos, como obrigaçaõ dos vencidos, naõ como ſatisfaçaõ da cobiça. Todas as ſuas acçoens haõ de reſpirar valor, e mageſtade, e de nenhum modo ha de dar mào exemplo pelo perigo da imitaçaõ.

Naõ o praticou aſſim Virgilio com o ſeu piedoſo Eneas nos divertimentos, que lhe fingio com a Rainha Dido (Princeza modeſtiſſima, e que para naõ contrahir o ſegundo caſamento com hũ Rey, que a pretendia, ſe queimou viva; infamia de que a reſgatou a diſcreta pena de Auſonio no Epigramma 118.) e arrendeo ao amor

mor de hum homem deſconhecido, e peregrino. Anachroniſmo verdadeiramente atrevido ſobre falſo, porque tendo vindo Eneas a Italia 330. antes da fundaçaõ de Roma, ſetenta annos depois de ſe fundar aquella Senhora de todas as naçoens, deo principio a Rainha Dido à Cidade de Carthago. Bem ſey que os Poetas tem algumas vezes os privilegios de Profetas, por onde ſe lhes dá o nome de *Vates*, que he perturbarem artificioſamente a ordem dos tempos: porèm naõ ha de ſer pelos fins indecentes, como eſte, que fingio Virgilio, para infamar huma Princeza, que naõ merecia eſta injuria pelas accoens prudentiſſimas da ſua vida.

Como ſe pòde perſuadir que foſſe magnanimo Eneas, vendo-o matar a Turno, que lhe pedia a vida com todas as demonſtraçoens de rendido? Nem parece que baſta a deſculpa que ſe allega para eſta vileza, o verlhe pendente dos hombros a inſignia militar, de que tinha deſpojado a Pallante, porque eſte motivo na opiniaõ de muitos foy pretexto para disfarçar a propria vingança com a fineza da amizade.

Nenhum deſtes ou deſcuidos, ou erros verà o mais eſcrupuloſo Leitor neſte Poema, porque alèm de ſer compoſto depois deſtas, e de outras Cenſuras aos Poemas de Homero, e de Virgilio, todos ſabem que a meſma generoſidade do illuſtre ſangue de ſeu Autor Excellentiſſimo paſſou a animar a ſua pena, e que naõ podia haver ſemelhante nota em hum entendimento, que medita ſempre acçoens heroicas, o que provàra com evidencia, ſe o juizo, que faço das letras, pudeſſe paſſar ao das armas ſem a nota de affectaçaõ. Tudo neſte Poema he igual, porque a ſentença que he outra parte da Epopèa, he ſummamente delicada, e taõ propria, que parece que ſe naõ podia dizer de outra ſorte, e a dicçaõ finalmente he taõ elevada, taõ clara, e taõ conſtante, que tira as eſperanças de ſer imitada. Entendo que eſte Poema, em que ſenaõ vè palavra contra a Fé, ou bons coſtumes, ſe deve de imprimir para que ſirva a todos de exemplar, e de admiraçaõ. A outros Autores deve-ſe dar a licença para imprimir, para que por beneficio da impreſſaõ mereçaõ a fama: porèm no Excellentiſſimo Autor deſte Poema naõ he aſſim, porque tem chegado a taõ alto ponto de gloria, que naõ pòde ter augmento, porque a ſua vaſtiſſima erudiçaõ he taõ conhecida por toda Europa, como o dizem as ſuas doutiſſimas correſpondencias em Italia com os Cardeaes Conti, depois Innocencio XIII. e Cienfuegos, com Muratori, Bianchini, Creſcimbeni, e o illuſtre Congreſſo dos Arcades com a ſua Excellentiſſima Sociedade ſatisfizeraõ a louvavel ambiçaõ de aggregarem ao ſeu corpo hum dos mayores homens do mundo: em Alemanha com

du Mont, e Garelli, em Olanda com le Clerc; e Bayle: em Inglaterra com Sylveſtre, e outros da Sociedade Real em que ja ſe acha introduſido: em França com Boileau, Renaudot, Bignon, la Roque, Neufuille, e outros muitos em que entra o grande Marechal de Schomberg, de cuja heroica boca aprendeo pelo eſpaço de hum anno a Arte militar: em Eſpanha com Salazar, que foy o Conde D. Pedro da ſua idade, Mayans, e Feijò, vendo, e ouvindo celebrado o ſeu nome, com mais de trinta Dedicatorias, entre as quaes merece particular memoria a da Critica de D. Salvador Jozè Mañer. Naõ pòde haver eſcrupulo de lizonja nos louvores deſte Autor Excellentiſſimo, pois ſabemos que de tal ſorte concorreo a natureſa para o fazer grande, que na idade de oito annos ja era Academico Inſtantaneo, e de poucos mais, Academico dos Generoſos, aonde, quando ſe renovou, foy Preſidente ſendo de vinte annos, Secretario, e Protector da Academia Portugueza, e Cenſor, e Director da Real, e pela ſua rara viveza, grande engenho, e mayores noticias naõ houve Certame poetico no ſeu tempo, de que naõ foſſe Juiz; e de taõ virtuoſa hydropeſia em juntar livros, que acreſcentou à Livraria que herdàra, mais de vinte mil volumes eſcolhidos, e ſeis centos manuſcritos de muita eſtimaçaõ, e naõ podendo ſer mayor a fama deſte Autor Excellentiſſimo, ſahindo agora a *Henriqueida* à luz publica, darà mais hum novo argumento, e hum illuſtre teſtemunho do que todo o mundo venera. Eſte he o meu parecer. V. Eminencia mandarà o que for ſervido. Lisboa Occidental neſta Caſa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 14. de Setembro de 1738.

D. Jozè Barboza C. R.

VIſta a informaçaõ pòde-ſe imprimir o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental, 25. de Setembro de 1738.

Gouvea.

DO PAÇO.

CENSURA DO M. R. P. M. PAULO AMARO DA COMPAnhia de Jesu, &c.

SENHOR.

SE a obediencia por goſtoſa perdeſſe o ſer meritoria, nada mereceria o meu rendimento ao preceito, com que V. Mageſtade me ordena veja a Henriqueida compoſta pelo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes; pois o goſto, com que a vi, igual à expectaçaõ, com que acompanhava os dezejos de toda a Republica Literaria, foy taõ grande, que antes devo dar, como dou, a V. Mageſtade as graças, pela anticipaçaõ, com que ſatisfez aos meos dezejos, do que publicarme obediente ao ſeu preceito com a devida execuçaõ delle, poſto que ardua para a tenuidade do meu juizo, havendo de interpor, como ſou mandado, o meu parecer em obra taõ heroica: porque ainda que a obediencia, que para ſer perfeita, ha de ſer cega, atropelaſſe, como tal, o conhecimento proprio, parece me fazia menos apto para Cenſor a excepçaõ de ſoſpeito, aſſim pela veneraçaõ peſſoal, com que ſempre reſpeitey os incomparaveis talentos do Autor, como pela obrigaçaõ commua da Religiaõ, que profeſſo, â ſua Excellentiſſima Peſſoa, e Caſa, juſta, ainda que ſempre diminuta retribuiçaõ ao amor, e empenho, com que favorece eſta minima Companhia.

E ſem ſer neceſſario mendigar teſtemunhos da antiguidade, nos noſſos tempos ſe me offereciaõ os motivos, que no noſſo agradecimento ſe poderiaõ julgar calificada prova da ſoſpeiçaõ. Tal foy o mageſtoſo apparato, com que o Author ſe empenhou igualmente em honrar os vivos, e em celebrar as honras funebres de hum Jeſuita morto, o grande P. Antonio Vieyra; procurando com vozes mudas, e eloquencia viva eternizar a vida daquelle heroe, que lhe roubara a morte, e gravando com os meſmos caracteres no mauſoleo, que lhe erigia, o *Non plus ultra* da ſua magnificencia, e o da noſſa obrigaçaõ pelas demonſtraçoens de amor, que conſagrava à memoria de Vieyra, a qual com ſua veneraçaõ fazia mais ſaudoſa. Tal he (naõ fallando em quem herdando do Autor com o ſangue, e virtudes o affecto, chegou a publicar por gloria a cenſura de Amigo da Companhia) tal he a ſingular benevolencia, com que repetidas vezes a ſua nativa eloquencia

cia

cia animada com o amor, e zelo ou refreou a protervia dos noſſos emulos, ou fez callar convencida a loquacidade dos maldizentes. E para naõ hir mais longe neſta meſma obra no Canto 8. outava 9. ainda que em termos conciſos, expoz o Autor hum largo teſtemunho do ſeu affecto, e hum novo motivo para a noſſa obrigaçaõ, tal, que a haver neſte Poema couſa digna de cenſura, juſtamente ſe poderia temer, que o affecto, pintor deſtriſſimo, de tal ſorte temperaſſe as cores, que realçaſſe luzes das meſmas ſombras. Porèm he tal a excellencia deſta obra, e de ſeu Author, taõ grandes os creditos, que com ſeus eruditiſſimos eſcritos tem conſeguido na Republica Literaria, que chegou a fazer impoſſivel a ſoſpeiçaõ, ainda em quem tiveſſe motivos para ſer o mais apaixonado. Eſta a cauſa, porque poſto de parte todo o eſcrupulo, que em tal caſo por falta de materia todo he impertinente, me reſolvo mais como interlocutor da voz publica, que como Cenſor, a dizer a V. Mageſtade o que ſinto.

Se neſte Poema verdadeiramente heroico ſe attender o ſeu Autor, no meſmo titulo, que o publica, traz a mais calificada approvaçaõ; pois naõ ha quem ignore, que ſendo a Caſa da Ericeira fecundiſſima de Varoens doutos, e de Eſcritores eruditiſſimos, como teſtemunhaõ tantas obras, com que tem eternizado o ſeu nome, e enriquecido a Patria, no Author deſta ſe preverteo a regular ordem da natureza, que por limitada pareçe ſe canſa nas producções, hindo ſempre em diminuiçaõ; porque depois de tantos Heroes, e taõ grandes, ſahio á luz com eſte, que ſe naõ teve a gloria de primeiro, pòde ter a jactancia de unico, e de que a repetida producçaõ de tantos Varoens inſignes, quantos veneramos em ſeus Aſcendentes, foy enſayo, para que o mundo lograſſe no Author hum maximo, em quem ſe admiraſſe compendiada toda a erudiçaõ, e ſabedoria, que repartida pelos outros baſtava a fazer cada hum grande. Naõ he encarecimento meu; he confiſſaõ de rigoroſa juſtiça; pois tem compoſto ſò o Author deſta obra igual numero de volumes ao de todos ſeus Aſcendentes: ſendo tanto mais para admirar, ſe ſe attende á diverſaõ dos negocios politicos, e militares forçozos aos ſeus empregos, que, occupando o tempo, coſtumaõ perturbar as eſpecies, e interromper o ſocego, que Ovidio julgava taõ precizo para a cultura das muzas, e o naõ he menos para o eſtudo das ſciencias. Mas para em tudo ſer grande o Author, até niſto ſe havia de aſſemelhar a Cezar, a quem nem o governo politico da Republica embaraçava a applicaçaõ aos livros, nem o manejo da eſpada retardava os voos da pena: e ſempre com ventagem, naõ ſó pela multidaõ,

e variedade de obras, mas pela circunſtancia dos annos, e eſtado preſente; pois ainda quando ja cego naõ ceſſa de illuſtrar a Patria, e diffundir as luzes da infinita erudiçaõ, que entezourou ſeu incançavel eſtudo.

Sey que Democrito grangeou os creditos de mayor filoſofo à cuſta da viſta, deque ſe privou, para que mais applicado, porque menos divirtido, pudeſſe contemplar os ſegredos da natureza, donde naſceo dizer delle Cicero vio mais Deimocrito cego, que toda Grecia com viſta: ſey que Homero Principe dos Poetas Gregos padeceo a falta de viſta, e que Ennio Aufidio, ſendo cego, naõ ſó ſe occupava no emprego publico de Senador, mas em particular na compoſiçaõ da hiſtoria Grega: com tudo na cegueira do Author deſcubro eu mayores luzes; pois naõ ſó ſerve ao publico, como Aufidio, nos Conſelhos, e Juntas, de que he Miniſtro meritiſſimo, ſe naõ que o vence, naõ ſe occupando, como elle, em huma ſó hiſtoria, nem, como Homero ſó em dous Poemas, mas em tantas, e taõ diverſas materias, como ſabemos, e dezejamos ſayba o mundo todo por beneficio da eſtampa.

E ſe a cegueira de Democrito, padecendo o dezar de ambiçaõ, e impiedade, o fez Oraculo entre os Filoſofos, a do Author o faz digno da mayor admiraçaõ, porque mais incompativel com os ſeus eſtudos, e eſcritos. Que diſcorra com mais acerto, e agudeza nas materias Filoſoficas hum cego, bem ſe entende; porque, ſuppoſtos os principios, e atalhada com a falta de viſta a diverſaõ, que cauſaõ os ſentidos externos, ſe avivaõ mais os internos, e ſe emprega toda a alma nos diſcurſos, ſendo poriſſo eſtes mais acertados, e as concluſoens mais concludentes. Mas que hum cego, como o Author, diſcorra, e eſcreva com tanto acerto em materias taõ vaſtas, juntando em hum tantos eſtudos, como os da Hiſtoria, Poezia, Mathematica, Chronologia, Politica, Genealogia, Militar, Filologia, Erudiçaõ, e os mais, com que illuſtra ſuas obras, e em cada hum com tal magiſterio, como ſe ſó aquelle profeſſaſſe, he ſem duvida aſſombro da facilidade, paſmo da erudiçaõ, effeito raro do eſtudo, portento da memoria, e para dizer tudo, monſtrozidade de engenho. E hum tal Autor mal podia dar ao publico obra, que naõ foſſe parto legitimo de ſeu raro talento, e poriſſo naõ ſó acredor da approvaçaõ, mas da veneraçaõ comua.

Tal he, Senhor, eſte Poema; porque, ſe ſe attende à fórma, nelle ſe vem religioſiſſimamente obſervadas as leys da Epopeia por taõ poucos praticadas, quando o pedia à obrigaçaõ, que ſe impunhaõ, no aſſumpto, que tomavaõ: donde ſe ſegue poſſo

dizer

dizer ſem affectaçaõ, que à viſta deſte Poema heroico naõ tem Portugal que envejar a Grecia o ſeu Homero, a Italia os Virgilios, Eſtacios, Taſſos, e Arioſtos, a França o Brebeuf, a Inglaterra o ſeu Milton, a Heſpanha o ſeu Gongora, nem ainda ſentir de ſaudoſo a falta do grande Luiz de Camões, e de ſeu fiel imitador Gabriel Pereira de Caſtro; pois logra de prezente no Author hum Poeta, que ſe naõ foy primeiro na ordem dos annos, naõ he ſegundo no facil, ſuave, claro, e conſtante do eſtillo, no delicado, e proprio da ſentença, no agudo, e grave dos conceitos, no agradavel dos epiſodios, no vario, e deleitoſo da textura; e para dizer tudo, em todas as qualidades, que ſe requerem para hum conſumado Meſtre da Poeſia.

E aſſentando eſta fórma ſobre huma materia taõ heroica, qual he a Acçaõ, com que o Senhor Conde D. Henrique tronco da Auguſtiſſima, e Real Caſa de V. Mageſtade lançou os fundamentos á grande maquina do Imperio Portuguez, naõ podia deixar de reſultar hum compoſto taõ admiravel, como confeſſarà o mundo todo, quando por meyo do prelo ſe veja enriquecido com eſte thezouro de eloquencia, e erudiçaõ, a cujo applauſo ſó poderà faltar o da enveja pela que póde cauſar a obra por inimitavel? E porque nem ao publico ſe retarde eſte goſto, nem ao Author eſta gloria, digo que ſendo V. Mageſtade taõ eſtimador da Peſſoa do Author, taõ zeloſo do credito da Naçaõ, taõ amante das boas letras (conſequencia quaſi forçoza da alta intelligencia, que dellas tem) e juſtiſſimamente acclamado no ſeu Reyno, e nos eſtranhos por Mecenas das Artes liberaes, naõ ſó julgo conveniente conceda a licença, que ſe pede para a eſtampa deſte volume, mas que com efficacia igual ao zelo do bem publico, que em V. Mageſtade reyna, ordene ao Author naõ roube com furto taõ manifeſto a ſi a gloria, e a nòs o proveito, que a todos ha de rezultar de dar á luz os trinta e ſeis volumes, que ainda lhe reſtaõ; porque ſendo por filhos do meſmo Pay Irmãos deſte, he mais que juſto o acompanhem no prelo, e corraõ o mundo, multiplicando, ſe naõ a gloria de ſeu Author, porque naõ pòde ſobir a mais, os titulos para a veneraçaõ de ſeu nome ſempre immortal. Eſte o meu parecer, que em tudo ſogeito ao mais acertado de V. Mageſtade. Collegio de S. Antaõ da Companhia de Jeſu, 16. de Novembro de 1738.

Paulo Amaro.

Que

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà a eſta Meſa para ſe taixar, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrà, Lisboa Occidental, 17. de Novembro de 1738.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho. Coelho. Coſta.

LICEN-

LICENCAS.

Do Santo Officio.

EStà conformè com o ſeu Original, Lisboa Occidental, 20. de Junho de 1741.

Fr. Bernardo do Deſterro.

VIſto eſtar confórme com o Original, póde correr, Lisboa Occidental, 20. de Junho de 1741.

Fr. Rodrigo de Alencaſtre. Sylva. Soares. Abreu.

Do Ordinario.

PO'de correr, Lisboa Occidental, 21. de Junho de 1741.

D. V. A. de Lacedemonia.

Do Paço.

TAixaõ eſte livro em papel em 800. reis, para que poſſa correr. Lisboa Occidental, 22. de Junho de 1741.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

ADVERTENCIAS PRELIMINARES
ao Poema Heroico da Henriqueida.

NAõ he o prologo, que ſe lé antes de principiarſe huma obra, quem juſtifica os ſeus defeitos; porque eſtes ſó ſe julgaõ depois que aquella acaba de lerſe. Pode ſer, que por eſta cauſa naõ uzaſſem os eſcritores antigos deſta prevençaõ; pois ſe o autor reconheceo alguns erros na ſua obra, mais util lhe ſeria a emenda, do que a diſculpa. Até o nome, ou a ſignificaçaõ alteraraõ os modernos, dando-lhe o que ſó ſe acha antes das Tragedias, e Comedias; e como aquellas tem leys taõ ſemelhantes às dos Poemas Heroicos, o que ſe juſtifica na Arte Poetica do Grande Ariſtoteles, bem podia eu por eſta razaõ dar aquelle titulo a eſtas advertencias preliminares, ſe foſſe o meu fim prevenir a atençaõ dos Leitores, ou ganhar com humilde adulaçaõ a ſua benevolencia, por temer com indigno receyo a ſua critica. Em ſeculos mais modernos chamaraõ os Latinos, e denominaõ as outras naçoens ao prologo Prefacio, e os Portuguezes antigos lhe chamaraõ Prefaçaõ, mudando-lhe depois com os Heſpanhoes eſte titulo, que lhe era mais proprio, no de Prologo, de que tambem alguns eſcritores tinhaõ uſado nas obras em proſa com autoridade de Saõ Jeronymo no ſeu Prologo Galiato da Biblia. Proemio ſe acha em Cicero, e Quintiliano com o meſmo uzo, que ſe continuou

em tudo o que precede a qualquer obra, como diz a ſua Ethimologia, ſendo eſte nome mais comum que o de preludio, apparato, e outros, de que naõ ha exemplos nos Eſcritores Antigos, que os naõ ſeparavaõ da introducçaõ das hiſtorias, do exordio das orações, e da propoſiçaõ dos Poemas heroicos. Porém como o meu intento he ſó demonſtrar as regras, que ſegui para hum Poema Epico, que he o ultimo esforço da Poeſia, e dos engenhos humanos, me pareceo intitular *Advertencias Preliminares* as que haviaõ de preceder a Henriqueida, fogindo da oſtentaçaõ de allegar os lugares de muitos autores, que eſcreveraõ regras para os Poemas Heroicos, que ſaõ mais do que aquelles, que com perfeiçaõ as ſeguiraõ; e em quanto as notas, com que determino aclarar algumas aluſoens deſte Poema, ſenaõ lem no fim delle, ſupriraõ de algum modo eſtas advertencias aquelle commento, que naõ hey de eſcrever por vaidade de que a minha obra o mereça como illuſtraçaõ, mas como defeito, pois o he grande hum eſtilo eſcuro, que neceſſita de aclararſe com as notas, ſe de algum modo nos Poemas naõ foſſe obrigaçaõ procurar o eſtilo ſublime, e a menos vulgar erudiçaõ.

IMITAÇAM.

Reſolvime, naõ ſey ſe com demaſiada ouſadia, a exporme ao perigo, em que naufragaraõ por mais de vinte e ſete ſeculos mais de quatrocentos Poetas de todas as naçoens, que eſcreveraõ

Poemas

Poemas Heroicos; e naõ ſey, ſe concordaraõ todos em que dous de cada cento ficaraõ izentos da critica juſta; e ainda entre eſtes naõ ſó ſe acháraõ Zoilos, que indignamente os ſatiriſaraõ, mas Ariſtarcos, que com rigida, e naõ ſempre impropria cenſura, pretenderaõ deſcubrirlhe alguns deſcuidos, de que naõ pódem livrarſe nem ainda os mortaes, que preſumem dar immortalidade aos ſeus Heroes; e com elles aos ſeus eſcritos. Homero ſó deo à lingoa Grega os dous Poemas perfeitos da Iliada que he o mais elevado, e da Odiſſea que he o mais engenhoſo. Oh! ſe eu pudera ſeguilo nas idéas, como hoje a minha falta de viſta o iguala neſte defeito! He o iluſtre Meleſigenes o mais antigo autor profano, que exiſte, ſendo a idade, em que floreceo, taõ incerta, como a ſua patria, de que a glorioſa diſputa, dizem, cauſou a guerra entre ſete Cidades: naõ determino agora defendelo das deſmerecidas calunias dos que naõ ſabem tranſportarſe aos ſeculos antigos para conhecerem o genio dos tempos, o caracter dos homens, a inclinaçaõ das naçoens, e o eſtilo das Lingoas: alguma noticia, que tenho da Grega, naõ me baſtou para entendelo bem, mas procurey ler as ſuas melhores Traducçoens, e comentos, ſervindo-me mais que todos o da eruditiſſima Anna Tanaquil filha do doutiſſimo Fabro, e eſpoſa do igualmente grande Mr. Dacier, que na meſma traducçaõ, e notas dos dous Poemas, e nos Livros, que eſcreveo contra

a ignorancia moderna, conſervou a antiga poſſe a eſte, que foy em tudo o primeiro dos Poetas: deſejey imitalo nas ſuas principaes partes, e ſeguilo nos combates da Iliada, e nos amores, e enredo da Odiſſea. Virgilio entre os Latinos nos dá quaſi o unico Poema perfeito, e o tenho pela obra humana, em que ſe achaõ menos imperfeiçoens: de longe ſegui, e adorey os ſeus veſtigios, como diz Stacio, a quem dou por eſta modeſtia, mais do que lhe arguo pela ſua eſcura elevaçaõ, o ſegundo lugar entre os Poetas Latinos; e como os vulgares, de que logo falarey, ainda naõ conheceraõ, principalmente em Heſpanha, e Portugal, por ſublime o que he natural, e claro, ſeguindo o genio da naçaõ, imitey em Stacio algumas figuras mais atrevidas, como tambem os jogos, em que ſe dilata mais que outros Poetas. Jà que as Muſas concederaõ apenas mais de dous Poemas perfeitos a cada naçaõ, direy por credito da Portugueza, que os ſeus eſcritores deraõ à Lingoa Latina dos modernos os melhores dous Poemas, de que hum he o Chauleidos de Diogo de Paiva de Andrade, que naõ cede a Stacio no eſpirito, e o excede na clareza; e o outro o Paciecidos do P. Bartolomeu Pereira, que pode no eſtilo compararſe melhor que todos os modernos a Virgilio, ainda que a materia do ſeu Poema ſeja mais pia que heroica. Da meſma ſorte deo Portugal a Heſpanha as melhores duas compoſiçoens, que tem a ſua Epopéa: lea-ſe para

juſtifi-

juſtificar eſta propoſiçaõ, o Alfonſo, ou Lisboa Conquiſtada de Franciſco Botelho de Vaſconcellos, a quem louvo na Oitava 185. do Canto 12. e que muitas vezes tem impreſſo, e emendado, quando na primeira ediçaõ parecia a todos, que naõ havia nelle que emendar: deixo ao juizo publico a deciſaõ da duvida, que pode excitarſe entre o ſeu, e o meu Poema, naõ ſobre a excellencia, que lhe naõ diſputo, mas ſobre qual dos dous eſcolheo a acçaõ fundamental do Imperio Luſitano, pois eu a buſquey no principio com o ſeu fundador, e elle na Conquiſta de Lisboa com o ſeu primeiro Rey. Miguel da Sylveira tambem Portuguez deo no Macabeo outro excellente Poema á Lingoa Caſtelhana, a quem naõ ſigo tanto na diccaõ que a lima gaſtou pelo muito que a quiz polir, ficando com a imperfeiçaõ de ſer exceſſivamente perfeita. Dando Portugal taõ excellentes quatro Poemas a duas Lingoas, naõ havia de ficar ſem outros dous na ſua: o incomparavel Luis de Camoens nos Luſiadas foy o modelo, que mais intentey copiar, ſe me atreveſſe a fazello; pois a ſua erudita claridade me cegou deſde logo, e muitas vezes me deſanimou do meu ouſado intento; e por eſta cauſa me apartey algum tanto da ordem inteiramente hiſtorica, que obſervou, e dos Deoſes Gentilicos, que nobremente introduzio, e a que eu buſquey o meyo, que em ſeu lugar ſe verá. Naõ me ſervirаõ menos as ſuas Rimas, em que ſe foſſe poſſivel, he

mayor

mayor que no ſeu Poema, para o que no meu ſe acha de erotico, ou amoroſo. Gabriel Pereyra de Caſtro na ſua Uliſſea ſó a Camoens naõ diſputa o primeiro lugar: naõ ſey ſe na Matilde da Henriqueida ſe deſcobre igualdade com a Calypſo da Uliſſea, mas ſey que naõ a compito, porque naõ haja de ſucederme o meſmo que ao autor da Uliſſipo: aquelle Poema veremos com as notas do grande iluſtrador das Obras de Camoens Manoel de Faria, e Souſa, que naõ ſaberiamos haver tambem commentado a Uliſſéa, ſe o R. P. Pedro Alvares da Congregaçaõ do Oratorio nos naõ trouxeſſe de Madrid eſte, e outros teſouros literarios; merecendo mais eſte titulo de teſouro a ſua ſciencia, e erudiçaõ. A Lingoa Toſcana deo a Italia hum grande numero de Poemas Heroicos; e entre elles tem o primeiro lugar ſem competencia a Jeruſalem Libertada de Torquato Taſſo, que entre os de todas he tambem hum dos primeiros: imitey-o quanto pude, na ordem, em que poucos o igualaõ, na religiaõ, nos epiſodios, e no amoroſo, como tambem na liberdade da Fabula Heroica, conſervando os nomes de alguns Heróes, mudando outros, e as circunſtancias, eſcrevendo de hum Heróe eſtrangeiro com mais de ſeis ſeculos de antiguidade, e acabando a acçaõ depois de muitos ſitios, e batalhas, inſpiraçoens celeſtes, e caſos milagroſos na Conquiſta da Cidade de Jeruſalem, em que livrou dos ſacrilegios dos infieis o Sepulchro de Chriſto.

Tam-

Tambem eu hia imitando a Taſſo, que pela demaſiada critica, a que expoz a ſua *Gieruſalemme Liberata*, perdeo na *Conquiſtata* as mayores bellezas poeticas da ſua primeira obra; porque naõ falta quem entenda, que a juſta docilidade, com que emendey o de que me advertiraõ os meus cenſores, diminuio alguma parte do primeiro fogo poetico, com que compuz a Henriqueida. De ſegundo Poeta Italiano me naõ atrevo a tirar o lugar a Ludovico Arioſto, porque aindá que a alguns pareça, que o ſeu Orlando Furioſo ſe chega mais aos livros dos Caualeiros andantes do que aos tempos heroicos, ſendo huns, e outros muito cheyos de hiſtorias fabuloſas, e o tempo de Orlando muito proprio para as aventuras da errante Cavalaria, naõ pode negarſe quanto intereſſa a ſua agradavel narraçaõ, e os ſeus incidentes, e quanto admira a fecundidade do ſeu genio poetico: huma, e outra couſa eſtimaria eu ſaber copiar, e o procurey fazer no enredo do meu Poema com a diferença de que em Orlando predominava a loucura, e em Henrique a generoſidade. Os Francezes, que melhor que muitas naçoens, deraõ os preceitos para o Poema Epico, confeſſaõ, que ainda o naõ tem perfeito. Póde ſer, que ſe exceptue deſta regra M. de Voltaire na ſua Henriade, ou Henriquiada, com quem o meu Poema ſe parece mais no titulo, que na fórma, naõ deixando de eſtimar, quanto merece, a ſua ſublime, e natural poeſia, que eu quizera imitar

antes

antes que outras ideas muito diferentes das do meu aſſumpto. Deixo aos Criticos Francezes a eſcolha do ſegundo lugar, que naõ ſey ſe he devido ao P. le Moine no ſeu S. Luiz, ou a Scudery no ſeu Alarico. A Lingoa Ingleza tem o Paraiſo Perdido de Joaõ Milton hum dos mais admiraveis Poemas, que ſe eſcreveraõ; porque de huma idéa Theologica, e verdadeira, qual foy a rebeliaõ de Lucifer, introduzio de ſorte o mais ſublime da Poeſia, que naõ fazem falta os falſos Deoſes da Gentilidade, os quaes tambem eraõ genios infernaes aos que lem o triunfo de Deos pelo primeiro Genio contra o ſeu ſacrilego inimigo. Nem o meſmo autor, que imitando a Homero, fez ſegundo Poema, o pode igualar ao ſeu primeiro no do Paraiſo Reſtaurado. que ainda aſſim entendo naõ o excedem outros, que aquella naçaõ eſtima, e de que eu com o mediano conhecimento, que tenho da Lingoa Ingleza, naõ poſſo julgar a preferencia. Porém a traduçaõ em verſo Latino, e proſa Franceza, com o juizo, que fez Adiſſon, me perſuadiraõ mais do que a rigoroſa cenſura, que fez hum anonymo nas cartas criticas impreſſas em Pariz no anno de 1731. ſobre os dous Poemas de Milton. Eſta he no todo a imitaçaõ, que procurey buſcar nos mayores Poetas Epicos; mas como ha tantos outros, de que as partes ſaõ excellentes, naõ deixey de ler com admiraçaõ as ficçoens de Apollonio Rhodio na ſua Argonautica, e de outros Poemas Gregos;

os

os penſamentos de Lucano com os encantos da ſua Ericto, e diſpoſiçaõ de ſitios, e batalhas, ſeguindo nas do Conde D. Henrique as regras da Milicia, que ſe conhecia no ſeu ſeculo com pouca diferença da Romana, em que me vali muito de Vegecio; a fabula hiſtorica de Silio Italico na ſua Guerra Punica, e a Arte rude, mas engenho grande, nos fragmentos deſte aſſumpto dos doze Livros de Ennio; dividindo o meu Poema, como elle, como Virgilio na Eneida, como Stacio na Thebaida, e como outros, tambem em doze Cantos a Henriqueida. Valerio Flaco na ſua Argonautica Latina tem idéas nobres, e Ovidio nos ſeus Metamorphoſis contextura admiravel, dando-me com Heſiodo na ſua Theogonia, tudo o que trato de Mithologico, e Manilio as fabulas Aſtronomicas. Dos Latinos modernos, ſeria eu feliz, ſe imitaſſe na parte ſacra, que naõ he a mais pequena do meu Poema, a do De Partu Virginis de Sanazaro: o P. Buſſiers no Scanderbegius me deo para a guerra dos barbaros, e para o perfeito caracter do Heróe hum bom exemplar. Os muitos Poemas Heroicos de autores Caſtelhanos ſaõ dificeis de graduar; mas ainda aſſim direy, que o da Cruz de Zarate he dos melhores na diſpoſiçaõ, no eſtilo, e na elevaçaõ: a Farſalia de Xauregui naõ he inferior a Lucano. Naõ deſeſtimey pelo eſtilo pouco levantado ao Principe de Sguilace na ſua Napoles Recuperada, Poema digno de eſtimaçaõ pelo ſeu illuſtre autor, e pela

pureza da ſua fraze ; e pelas meſmas cauſas naõ excluhi a Sevilha Conquiſtada do Conde de la Roca pela impropriedade de eſcrever hum aſſumpto heroico em verſos, que naõ o ſaõ. O Polifemo de Gongora procurey, que me deſſe o eſpirito ſublime, com que fez voar, ſem precipitarſe, as Muſas Heſpanholas ; e nem eſta fabula, nem a de Andromeda, e Perſeo, que compoz em ſeis Cantos a Condeça da Ericeyra D. Joanna de Meneſes minha Mãy com taõ alto, e proprio eſtilo, que merece melhor que outras ſer chamada decima Muſa, como acreditou entre outras muitas obras no *Deſpertador del Alma al ſueño de la vida*, que com o nome ſupoſto de Apollinario de Almada corre impreſſo; nem o Orfeo, que o Conde da Ericeyra D. Luiz de Meneſes meu Pay compoz à competencia do que ſe imprimio com pouca mudança nas Obras poſthumas de D. Agoſtinho de Salazar ; reſtituindo-ſe depois ao ſeu verdadeiro autor D. Joaõ de Xaureguy ; nem a Conquiſta de Oran, que com elegante, e polida penna deſcreveo D. Eugenio Gerardo Lobo, o qual ſupondo melhor fim ao ſitio de Campomayor, naõ quiz fazer tragico o Poema, que principiou deſta empreza, de que devia ſer o Heróe D. Luiz Manoel da Camara Conde da Ribeira ; nem D. Antonio de Mendoça, que com diſcreto decoro, e devota decencia, reduzio a hum Romance a vida de Noſſa Senhora, aſſumpto, que com elevaçaõ tratou Julio de Mello de Caſtro, e

ainda

ainda naõ ſahio a luz, como merecia; nem outras obras, que pelo aſſumpto, pela brevidade, ou pelo metro, naõ mereceraõ o nome de Poemas Heroicos, deixaraõ de ſer emprego em muitas partes da minha deſigual imitaçaõ: devame entre todas lugar ſeparado a Filis de Antonio da Fonſeca Soares, que liſongeando o eſpirito Apoſtolico, com que o ſeu diſcreto autor mudou o nome, e a vida, tambem ſe occultou no retiro dos gabinetes. Na Lingoa Portugueza ha igualmente manuſcritos, e correm impreſſos outros Poemas, em que Bocarro he eſtimado no ſcientifico na ſua Anacephaleoſis, de que ſó ſahio a luz huma pequena parte; e naõ deixey de imitalos no filoſofico de alguns dos meus epiſodios. O Affonſo Africano de Moiſinho gravemente eſcrito me ſervio para a fórma da guerra dos Portuguezes, e Mouros: o Condeſtavel, claro em nobre eſtilo compoſto por Franciſco Rodrigues Lobo igualmente ſublime que ſuave, me obrigou a ſeguilo depois de o examinar; e o ſegundo cerco de Diu de Franciſco de Andrade me naõ pareceo menos eſtimavel; como tambem os dous Poemas de Jeronymo Cortereal, ainda que em verſo ſolto: iſto meſmo digo da Malaca Conquiſtada de Franciſco de Sà de Meneſes; da Lisboa Conquiſtada, de que o Conde da Ericeyra D. Fernando de Meneſes meu Avo, eſcreveo os primeiros cinco Cantos com tanto acerto, que poderia competir com quem depois illuſtrou eſte aſſumpto; e naõ he menos ſin-

gular o Poema da Alfonſeida de Fr. Jeronymo Vahia, que vi nos meus primeiros annos; e certamente que a Vida de Noſſa Senhora eſcrita em hum grande Poema por Manoel Alvares de Barbuda faria contar eſte autor entre os grandes poetas, ſe o tiveſſe emendado, tirando-lhe alguns equivocos pueris, que foraõ no ſeu ſeculo o contagio, que inficionou o ar do Parnaſſo, e corrompeo a agoa de Hypocrene. Naõ me ſerá facil reduzir a numero os poetas heroicos Italianos, que eſtudey para admirar algumas das ſuas partes: teria o primeiro lugar, ſenaõ o deſmereceſſe pela impureza, o Adonis do Marini, e ſe foſſe Poema Epico taõ perfeito, como Mr. Chapelain quiz provar mais erudita que ſolidamente no diſcurſo, que ſe lè na impreſſaõ deſte Poema feita em Pariz; mas aquelle douto Francez, que ſabia as regras da Epopèa, naõ ſe acreditou neſte paradoxo, e menos no Poema da Pucelle, que mereceo juſtamente à critica quaſi univerſal pela dureza do ſeu eſtilo, quando podia ſer eſtimado pela ordem, e pelo aſſumpto. As imagens poeticas, os muitos conceitos, a afluencia, e os epitetos, com que Marino colorio o ſeu Adonis, lhe fazem condemnar hoje pela ſua naçaõ a ſua eſteril abundancia, que os modernos achaõ muito diverſa da antiga, e natural ſimplicidade de Dante, e de Petrarca, que com outros autores dos primeiros litterarios de Italia, ſeguem como exemplares: tem eſta opiniaõ por juizes competentes os nacionaes,

naes, e por mais rectos os Francezes. Em Heſpanha, e Portugal ainda ſenaõ apagou a verdadeira, ou apparente luz brilhante, de que ſe adornaõ as 5U040. Outavas deſte Poema mais amoroſo, que heroico, executando o ſeu autor regras mais ſeguras na que he obra mayor, ſendo mais pequena, em que deſcreveo a ſagrada tragedia do Eſtrago dos Innocentes. A conquiſta de Granada de Gratiani me deveo a aplicaçaõ pela ſua ordem, e nobreza: o Amadiz de Bernardo Taſſo pela diverſidade das aventuras; e as Avarchides de Alamanni naõ me foraõ diſſonantes pelo metro. Como na Lingoa Franceza achey taõ poucos Poetas Epicos, que ſe livraſſem da engenhoſa, e ſabia critica do meu iluſtre amigo Nicoláo Boyleau Deipreaux, confeſſarey, ainda com receyo de alguma ſatira poſthuma, que li com utilidade na parte, em que ſaõ menos perfeitos, a Brebeuf no ſublime da ſua Farſalia, e aos autores do Clovis, e de S. Paulino. Outros Poemas mais breves, mas nem por iſſo menos excellentes pela diſcriçaõ, li, e admirey; e tem entre eſtes o primeiro lugar o Roubo de Proſerpina de Claudiano, e a Raquel de D. Luïz de Ulhoa, o Faetonte do Conde de Villamediana, e a Santa Urſula de Diogo Bernardes, ou de Camoens, como Manoel de Faria pertende: e como ſempre fogi de tudo, o que parece furto, até na Poeſia, póde ſer, que ainda que ſegui a Horacio, que chama rebanho de eſcravos aos imitadores, degeneraſſe

raſſe o meu Poema em ter poucas imitaçoens; pois ſó ſerviraõ as idéas, que conſervey com tenaz memoria de deixar na minha as eſpecies do que li, para que inſenſivelmente ſem cativarme a liberdade, me illuſtraſſem a imaginativa, que os inimigos dos Poetas depois do autor do Exame de ingenios o ſutil Joaõ Huarte digno de florecer em tempo de melhor Filoſofia, achou nos Poetas por parte ſuperior do ſeu diſcurſo, acreditando mais o ſeu furor divino, do que o ſeu juizo ſolido. Se a Henriqueida mereceſſe achar por commentadores alguns (como Boyleau lhe chama) Salmaſios futuros, a quem eu applicaſſe o tormento de explicarme, por mais que procurey ſeguir o eſtilo claro; póde ſer que elles deſcobriſſem roubos, de que me naõ acuſa a conciencia, como entre outros achou até no grande Camoens o ſeu vaſto, e erudito commentador Manoel de Faria, e Souſa: mas continuarey em fazer hum breve juizo de outros Poetas Heroicos, valendo-me dos que ajuntou Bayllet no ſeu *Jugement des Scavants*, e do que outros criticos obſervaraõ mais do que eu ponderey na liçaõ de muitos.

PRECEITOS.

Sempre me perſuadi pelo diſcurſo, e pela experiencia, que eraõ mais poderoſos os exemplos do que os preceitos; e por iſſo dey o primeiro lugar neſtas *Advertencias Preliminares* aos autores dos Poemas, que me animey a imitar, do que aos da Arte Poetica, que procurey ſeguir. Seja o primeiro

ro o incomparavel Ariſtoteles, pois ſeguindo na ſua Arte Poetica ſó a Homero, ſe, como alguns com menos fundamento diſcorrem, os Poemas deſte cego illuminado foraõ eſcritos ſem ordem, unindo-ſe depois as rapſodias, que elle compunha acaſo, e cantava por intereſſe, mais ſe acredita o engenho de Ariſtoteles, reduzindo a arte o que a naõ tinha; mas naõ ſey ſe he atheiſmo poetico, como no Poeta Lucrecio, ou Filoſofico, atribuir aos acaſos, como aos atomos, a primeira creaçaõ de obras taõ perfeitas: depois deſta Arte, e de ſeus Commentadores, me appliquey à de Horacio, pequeno Livro, que no ſeu breve corpo he todo alma, e de que os documentos ſaõ os mais ſeguros para os que naõ querem perderſe nas veredas do Parnaſo. Os que traduziraõ, e illuſtraraõ eſte Livro em quaſi todas as lingoas me naõ foraõ deſconhecidos, nem inuteis. Jeronymo Vida foy hum dos que no verſo melhor ſeguiraõ a Horacio; mas em tudo o excedeo nos ſeus quatro Livros da Arte Poetica Franceza o admiravel, e já allegado Boyleau, a quem nos meus primeiros annos traduzi fielmente em Oitavas Portuguezas mais com o intereſſe de aprender os ſeus preceitos do que com o intento de merecer os elogios, que elle me concedeo taõ liberalmente, como ſe le em huma das ſuas cartas, que corre impreſſa, e ſe lerá em outras, que com as minhas em proſa, e verſo Francez, com o texto do ſeu Poema, e as ſuas judicioſas annotaçoens,

notaçoens, e com a minha traducçaõ ſahirá a luz depois deſte Poema, juntamente com as minhas obras poeticas, que comprehendem cinco volumes em cinco Lingoas. Naõ ſó eſte illuſtre Critico me enſinou com a ſua Arte Poetica, mas o tinha jà feito na ſua traducçaõ, e obſervaçoens do Tratado Grego do eſtilo ſublime, que eſcreveo Longino, e o que he mais, dando-me exemplos para o Poema Heroico no ſeu *Lutrin*, em que as obſervou em hum aſſumpto taõ diſtante da Epopea; o que tambem fizeraõ Homero na ſua *Batrachomiomachia*, ou Guerra dos Ratos, e das Rans; Taſſoni na ſua *Sechia Rapita*, Lope de Vega na ſua *Gatomachia*, e modernamente D. Pedro Sylveſtre no ſeu Roubo burleſco de Proſerpina, ſenaõ he que o ſeu autor da primeira grandeza de Heſpanha ſe nos occulta em alguma gruta, ou (o que he mais proprio no ſeu idioma, e no ſeu apellido) em alguma cova, ou Cueva do monte Pierio, ſendo o Marquez de Cuellar hoje Duque de Albuquerque, a quem o Livro ſe dedica. Deixo de tratar das Artes Poeticas de Voſſio, e do juizo, que elle fez dos Poetas antigos, da de Scaligero, e de outras muitas, porque podem verſe neſtes autores. que trataõ dos ſeus preceitos fazendo mençaõ dos que ſe apartaraõ delles nos Poemas Heroicos, que compuzeraõ; o que com a meſma erudiçaõ recopilou Bayllet, e o ſeu Commentador Mr. de la Monnoye no ſeu Juizo ſobre os homens ſcientes. Só direy

rey que o P. le Boſſù Conego Regular de Santa Genovéfa no ſeu completo Tratado do Poema Epico he o autor, que mais eſtudey, por achar nelle unidas as ſuas verdadeiras regras, e naõ menos, poſto que nem em tudo conformes, na comparaçaõ de Homero com Virgilio, e nas reflexoens ſobre a Arte Poetica do P. Rapin, que ſe eſcreveſſe hum Poema Heroico, naõ ſey ſe imitaria taõ feliſmente a Eneida, como imitou as ſuas Geotgicas na ſua incomparavel obra *De Hortorum cultura*. Naõ he vingança eſta minha ſuppoſiçaõ, ainda que o podia ſer de que eſte diſcreto Jeſuita naõ entendendo a Lingoa Portugueza, e naõ ſey, ſe tendo viſto as traducçoens pouco fieis de Camoens, lhe argue ſem cauſa defeitos grandes, e injuſtamente dà o nome de *Mercadores Portuguezes* a Vaſco da Gama taõ illuſtre no ſangue, como nas acçoens, e aos ſeus nobres companheiros, ſegundos Argonautas, que deſcobriraõ, e navegaraõ por mayores, e mais tormentoſos mares, conquiſtando para o ſeu Deos, e para o ſeu Rey, vaſtiſſimas Provincias, e novos mundos. Com mais moderada, e engenhoſa critica faz o autor da Hiſtoria Poetica da guerra do Parnaſſo entre os antigos, e modernos combater ſò com o ſeu ardente eſpirito o batalhaõ dos Luſiadas contra os da Illiada, e Odiſſéa; mas ainda que confeſſa, que Camoens desbaratou no principio com o ſeu vigor a Homero, reconhece depois, que eſte venceo ao primeiro, refazen-

do-se, por ter melhor ordem; mas com taõ nobre triunfo, que compara Homero a Aquilles, e Camoens a Heitor, sendo este Heróe na opiniaõ de alguns censores de Homero, a pezar do seu tragico fim, de hum caracter mais heroico, e na descripçaõ do Poeta, mais digno de admiraçaõ, que o Heróe do seu Poema; e assim o reconhece a tradiçaõ, que conta a Heitor, e naõ a Aquilles, entre os nove da fama. He certo, que faltando a Homero ambos os olhos, e a Camoens hum só, aquelle se perdeo muito de vista entre as escuras sombras da antiguidade, e de huma lingoa morta; este dá, como o Sol, luz aos modernos, sem que Ulisses, nem Eneas possaõ tirar a vista, ou dar a morte a este Ciclope, que só na grandeza, e vigor he Polifemo. Bem justificaõ a Camoens Manoel Correa, Manoel de Faria, Joaõ Soares de Brito, Diogo do Couto nas suas obras manuscritas, de que se conserva o original na grande livraria do Duque de Lafoens, e ultimamente M. de Par Duperron de Casteá na excellente traducçaõ em prosa Franceza, e reflexoens, que fez sobre este Poema: o Arcade Ignacio Garcez Ferreyra na correcta ediçaõ dos Lusiadas com as notas, a que chama ligeiras, e naõ o saõ muitas vezes ao Poeta, e aos seus Commentadores, que sem parcialidade, e com erudiçaõ, ou combate, ou defende. Veremos em 8U800. Versos Latinos, que saõ tantos como os que tem Camoens nas suas 1U100. Oitavas, que traduzio o Cisne Portuguez

Fr.

Fr. Franciſco de Santo Agoſtinho Macedo, e que nos dà correctos nos ſeus vinte volumes das vidas, e obras dos Poetas Portuguezes, que eſcreveraõ na lingoa Latina o R. P. Antonio dos Reys da Congregaçaõ do Oratorio igual aos mayores, e igualmente grande Hiſtoriador no meſmo douto idioma, em que reſtaura huns, e outros eſcritores da ſua naçaõ, que melhor o cultivaraõ. Outros Authores ſobre o Poema Epico pudera allegar, e as criticas, e defenſas de Homero, e de Taſſo; mas naõ ſey ſe me accuſo, ou me defendo, quando em referir, que vi tanto, naõ poſſo allegar ignorancia, ſe os leitores deſcobrirem, que conhecendo eu os exemplos, naõ os imitey, e ſabendo os preceitos, naõ os ſegui.

ASSUMPTO.

O Aſſumpto que eſcolhi, naõ me parece que neceſſita de defenſa. He a acçaõ o principio da Monarchia Portugueza, ampliando ainda que ſem o titulo de Rey, o Conde D. Henrique da Caſa Real de França pela linha Regia, e Varonia dos Duques de Borgonha, o pequeno Dominio, que ſeu Sogro ElRey D. Affonſo VI. havia dado em dote à Rainha D. Thereza ſua filha com o direito de acrecentar com as conquiſtas, que fizeſſe aos Mouros, o Condado de Portugal, como logo direy, quando tratar da acçaõ do Poema. Achey como Virgilio, e como Taſſo hum Heróe eſtrangeiro, e naõ de nacimento pouco duvidoſo na origem, ainda que conſtantemente illuſtre na nobreza: achey

hum Principe generoſo, como logo moſtrarey no ſeu caracter, e inimigo dos infieis, a quem com valor heroico dizem que venceo em 17. batalhas: achey que era aſcendente do Sabio Rey D. Joaõ o V. de quem he por varonia decimo ſettimo Avo com tanta certeza, como era duvidoſa a deſcendencia, que a adulaçaõ de Virgilio deixou de Eneas a Auguſto, e a liſonja de Taſſo de Gofredo de Bullon a Affonſo de Eſte Duque de Ferrara, a quem dedicaraõ os ſeus Poemas. Taſſo tinha aſſumpto com perto de ſeis ſeculos de antiguidade, e he o meu aſſumpto de pouco mais de ſeis ſeculos: o de Virgilio tinha mais de doze: o de Sylveira no ſeu Macabeo era de mais de dezeſette: incerto, mas naõ muito antigo, he o tempo da ruina de Troya até o de Homero: com pouca diferença da minha, e pouca he a da conquiſta de Lisboa em Vaſconcellos: antiquiſſima para Valerio Flacco he a Argonautica, mas muito moderna para Lucano, que floreceo no tempo de Nero, a batalha de Farſalia, e ainda mais a conquiſta da India para Camoens, que havia ſó 75. annos que tinha principiado no de 1497. quando elle imprimio a primeira vez o ſeu Poema no de 1572. tendo-o eſcrito alguns annos antes, de que ſe ſegue, que o meu aſſumpto he hum meyo termo do que ſeguiraõ os mayores Poetas, naõ tendo eſta eleiçaõ tempo determinado.

Ninguem havia até agora celebrado em Verſo o Conde D. Henrique, e o ſeculo, em que viveo

he

hè proprio das aventuras de torneos, e juſtas, que como elle buſcavaõ os Campeoens valeroſos; as quaes principiaraõ a aperfeiçoarſe com o Emperador Federico Barbaroxa, que floreceo 40. annos depois da morte do Conde D. Henrique, tempo em que como prova o P. Meneſtrier tiveraõ a verdadeira origem as Armas, e Brazoens das Familias, o que me naõ ſervio pouco para as dos Heróes Portuguezes de que faço mençaõ: em fim pareceme que deſcobri hum dos aſſumptos mais proprios para hum Poema Epico.

ACÇAM.

A acçaõ da Henriqueida he unica, porque toda ſe dirige por meyos proporcionados a hum ſó fim, que he aſſegurar a conquiſta de Portugal, libertando as quatro Provincias deſde o Minho até o Tejo, e fundando o Reyno na protecçaõ do melhor Palladio em Noſſa Senhora com a invocaçaõ de Carquere, que milagroſamente livrou o Principe D. Affonſo da prizaõ, que deſde o ſeu nacimento lhe embaraçava os paſſos; e ultimamente havendo fundado à Virgem hum Templo, acaba a acçaõ matando a Hali-Aben-Joſef, que era o Rey ſeu emulo, de que foy o premio a conquiſta de Lisboa, em que acaba a acçaõ. Eſte Poema naõ principia pelo meyo, como fizeraõ com Virgilio alguns dos mayores Poetas, nem rigoroſamente pelo principio, como, naõ ſem cenſura, o executaraõ outros. Sendo a acçaõ o eſtabelecimento do

dominio

dominio do Heróe, o coloquey na frente do seu exercito, a que os infieis disputavaõ o Rio Douro junto ao Porto, que com o Castello de Gaya deraõ por aquelles tempos à parte de Lusitania o nome de Portugal; digo que Henrique matando a Almançor passou aquelle Rio, e os principios de Portugal vaõ por Episodio no Canto 10.

Naõ se aparta o Heróe da acçaõ mais que o tempo do sitio de Coimbra, e preso em Leyria para soccorrer a Praça por causa das cheyas do Mondego, de outros Rios, e do Mar; mas naõ ocioso, pois dou a entender, que poz em contribuiçaõ parte da Beyra, e da Estremadura, exercitando as suas poucas tropas, e dando eu assim tempo a que, sem ser contra o verosimil, possaõ chegar a ElRey Halí os soccorros com os tres Reys de Cordova, Granada, e Sevilha para fazer mais illustre o triunfo da ultima batalha; confessando ingenuamente, que o amor proprio me fez dar a gloria da defensa de Coimbra a D. Pedro Bernardo de S. Fagundo tronco dos Menezes, e meu decimoquinto Avo por varonia, que era vivo pelos annos de 1 U 100. e alcançou grandes vitorias contra os Mouros, a quem ganhou na terra de Campos vesinha a Portugal muitas batalhas, e Villas.

DURAÇAM.

Grande questaõ excitaõ os eruditos sobre a duraçaõ, que ha de ter a acçaõ de hum Poema Heroico, e sendo Virgilio hum dos que melhor assinalaõ

ſinalaõ os tempos, ainda aſſim ha diſſertaçoens do tempo, que durou a acçaõ da Eneida, deſde a primeira tempeſtade, em que Enéas foy buſcar Cartago até a morte de Turno; alargando-a huns até ſette annos, como logo direy, e eſtreitando-a outros a hum anno, e a menos. O meſmo ſuccede em Homero dilatando-ſe a Odiſſéa até outo annos, e reſtringindo-ſe a Illiada a quarenta, e ſette dias ſómente. A Jeruſalem de Taſſo naõ he pouco dilatada, e os Luſiadas de Camoens contém huma acçaõ de mais de dous annos deſde a partida de Vaſco da Gama até a ſua volta, ou de tres, principiando do tempo, em que ElRey D. Manoel o nomeou, como Garcez quer provar: e lendo-ſe o meu Poema com attençaõ ſe verá, que principia na Oitava 68. do Canto 1. em 21. de Julho, quando o Sol entra em Leaõ, e proſegue no Canto 5. Oitava 56. no Canto 8. Oitava 28. no Equinocio de Setembro; no Canto 9. Oitava 65. a 22. de Outubro; no Canto 10. Oitava 49. em Abril, que he quaſi hum anno deſde Julho antecedente: no meſmo Canto Oitava 61. em 22. de Novembro, quando entra o Sol em Sagitario; no Canto 11. Oitava 50. a 20. de Dezembro, quando o Sol domina no Tropico de Capricornio, e na Oitava 120. no principio de Janeiro, em que digo que Henrique marchou de Leyria ao ſoccorro de Coimbra, e na Oitava 121. em que ſe diz, que Henrique ſahio ſem eſperar o mez de Março; e ultimamente ſe termi-

na

na no Canto 12. Oitava 159. em que ſe executa a Conquiſta de Lisboa, quando o Sol eſtá no Signo do Eſcorpiaõ, em que entra a 23. de Outubro; e aſſim a acçaõ deſte Poema vem a ter dous annos, e tres mezes de duraçaõ; os quaes acabaõ na entrada, que o Conde D. Henrique fez em Lisboa, que foy no anno de 1U106. como prova Fr. Antonio Brandaõ p. 3. da Monarchia Luſitana fol. 49. que nos dá com a Hiſtoria dos Godos a unica noticia, que temos deſta empreza; ignorando-ſe o como Lisboa depois ſe perdeo. E naõ admitindo os Poetas taõ exacta Chronologia, ainda me naõ atrevera a hum Anacroniſmo taõ eſtranho como o de Virgilio contra a virtude de Dido, a quem o Poeta ſupoem contemporanea de Enéas (por mais que Salmaſio, e outros eſcritores queiraõ defender eſta contrariedade taõ condemnada por Santo Agoſtinho) que viveo 300. annos antes daquella Rainha dos Cartagineſes.

TITULO.

Deo-me o Titulo o meſmo nome do Heróe, como a Virgilio, a Homero, a Stacio na Aquileida, a Sylveira, e a Vaſconcellos: ourros o tomaraõ da acçaõ, como Homero na Illiada, Stacio na Thebaida, Silio Italico, Lucano, e os autores da Argonautica: Camoens deo ao ſeu Poema o titulo de Luſiadas, de que a acçaõ he ſó o deſcobrimento da India, tirando-o do nome commum dos Luſitanos, a quem na ſua primeira impreſſaõ

chama

chama os Luſiadas, e parece, que por eſta razaõ cantou Armas, e Varoens aſſinalados, e naõ diſſe Armas, e Varaõ. Em outras impreſſoens ſe lè *As Luſiadas*, attendendo mais à naçaõ Luſitana na ſua terminaçaõ feminina, do que aos Heróes. Eu ſeguindo os primeiros exemplos ſem duplicar o titulo, como primeiro fez Taſſo, chamando ao ſeu Poema ſem exemplo antigo o *Gofredo*, ou *Jeruſalem Libertada*, duvidey ſó gramaticalmente, ſe havia de dar-lhe o titulo de Henriquiada, que era mais ſonoro, ou o de *Henriqueida*, que era mais conforme à eufonía, e à derivaçaõ, que ſe faz do nome de Henrique em Portuguez; mas buſquey antes os nomes, que tem ſemelhante aſſonancia na Lingoa Grega, como de Aquiles ſe formou Aquilleida, e do de Enéas Eneida; pois ſendo Henrique nome Gotico, podia valerme da terminaçaõ, que me pareceſſe mais propria no caſo, em que o tranſportaſſe à Lingoa de Grecia; e aſſim ficou menos parecido com a Henriáde de Voltaire, que ou ſeguio diferente opiniaõ da minha, ou naõ achou em Francez outra terminaçaõ; pois ſendo o nome de Henrique naquelle idioma ſó *Henry*, naõ podia formar delle outro titulo para o ſeu Poema.

RELIGIAM.

Com mais eſcrupulo do que coſtumaõ ter os Poetas na permitida liberdade da religiaõ nos ſeus Poemas, entro a tratar huma queſtaõ, que tem ſido aſſumpto de diſcurſos eruditiſſimos; mas reduzirey

zirey a poucas regras as que ſegui em ponto taõ delicado. He certo, que os Gregos, e Latinos doutos tinhaõ por alegorias muitas das ſuas fabulas, mas tambem he certo, que eſta era a religiaõ, em que viviaõ, ou que alguns Filoſofos, e Reys faziaõ crer aos povos; e aſſim quando Homero, Virgilio, e os outros Poetas do Paganiſmo contaõ os milagres, as apparições, os combates, os amores, e as inſpiraçoens, e praticas dos ſeus falſos Deoſes, trata o ſeu engano como verdadeiros eſtes prodigios, ainda que mentiroſos, com a meſma credulidade com que os Chriſtãos juſtamente o crem pelo infalivel da fé, nas Eſcrituras, nas tradiçoens da Igreja, e nas ſuas deciſoens, e hiſtorias Eccleſiaſticas, e outras vezes com fé pia, os milagres, e ſucceſſos verdadeiros; porém como a permiſſaõ da Igreja deixou aos Poetas a liberdade de que com huma proteſtaçaõ no fim da obra pudeſſem chamar Deoſes, Fado, Fortuna, Deſtino, e outras alluſoens, e fabulas poeticas, ſendo Urbano VIII. quem declarou mais eſta favoravel faculdade, por ſer Poeta inſigne, e que imprimio em ſeu nome as ſuas excèllentes obras; da meſma ſorte que no Ceo ſe conſervaraõ os Planetas, e Conſtellaçoens com nomes fabuloſos, de que alguns ſe achaõ na Eſcritura. Em cinco dos ſette dias da Semana, excepto na piedade da Lingoa Portugueza, conſervaõ tambem as outras naçoens os nomes de cinco Planetas, e ficaraõ os ouvidos delicados dos que compoem,

ou

ou lem verſos, mais coſtumados a ouvir os nomes profanos dos Deoſes, do que os ſagrados de Deos, da Virgem Maria, dos Anjos, e dos Santos. Faz Boyleau huma excellente diſtinçaõ entre eſtas duas opinioens, e inclina mais à parte de naõ degradar os Deoſes dos Poemas, naõ querendo tirar a Neptuno o governo dos mares com o tridente, nem a Themis a venda, e a balança, nem querendo renderſe à authoridade de Taſſo, a quem diz, que naõ faz o proceſſo neſta parte, tendo por certo, que ſe o ſeu Heróe ſó gaſtaſſe o tempo em combater pela oraçaõ ao Demonio: ſeria inſipido o ſeu Poema, ſe com Reynaldo, Argante, Tancredo, Clorinda, e Erminia, naõ alegraſſe a devota triſteza do ſeu aſſumpto: he verdade, que o grande Taſſo, e alguns, a quem ſeguio, e quaſi todos os Poetas Chriſtãos, que depois eſcreveraõ Poemas Heroicos, ſupriraõ com os encantos cauſados pela permiſſaõ, que Deos muitas vezes concede aos máos genios, as fabulas gentilicas, porque ſendo os prodigios os meſmos, e ainda mayores ſem offenſa da religiaõ, pretendem com o extraordinario ſorprender, e agradar, veſtindo-ſe a poeſia deſtes adornos para deleitar enſinando, que he o ſeu objecto. O incomparavel Luiz de Camoens zeloſo obſervante dos ritos poeticos antigos introduzio alegoricamente os meſmos Deoſes no ſeu Poema; e naõ cuſtou pouco a Manoel de Faria deſcobrir, e pretender approvar nos ſeus Commentos, e melhor na

ſua Apologia, às vezes com mais erudiçaõ do que certeza, o fim alegorico, com que Camoens entre os Catolicos, que adoraõ o verdadeiro Deos, e veneraõ os ſeus Santos, intruduzio os meſmos falſos Deoſes da Idolatria, que hiaõ a deſtruir na India, ſupoſto que transformada em mais groſſeiros ſimulacros. Bem ſey que me baſtava o exemplo de Camoens, ainda que taõ combatido dos eſtrangeiros neſta parte; porém o de Taſſo he tambem muito digno de ſeguirſe, e mais conforme aos principios de hum Poeta Chriſtaõ, e bem ſe ve, que os ſeguio com felicidade, igualmente Joaõ Milton no ſeu Paraiſo Perdido com a admiraçaõ, que jà ponderey. Buſquey hum meyo termo, que pela novidade poderà naõ deſagradar; pois deixey aos Mouros a ſua falſa ſeita, e ainda que inimiga da idolatria, como os Mouros Heſpanhoes eraõ doutos na Lingoa Arabiga, e muitos entendiaõ a Latina, ou romance, naõ os ſupuz ignorantes das fabulas, como naõ o foy Averroes, Avicena, e outros muitos; e poriſſo naõ he inveroſimil, que a Rainha de Lamego Axa Ançures, que he a Heroína, que combate a Henrique, como Camilla a Enéas, e que foy varonil, e valeroſa, como provarey tratando da hiſtoria, ſe inclinaſſe com huma loucura taõ impoſſivel a renovar no mundo os falſos Deoſes Gentilicos, a que podia haverſe inclinado pelos Livros Arabigos, e Latinos, que trataſſem da Mythologia, ſendo certo, que havia Poetas entre os Mahometanos,

hometanos, e obras de teatro, e canções, de que os primeiros Romanceiros conservarão na antiga Lingoa Hespanhola historias confusas entre fabulas: assim me servio esta ficçaõ de que o que haviaõ de ser encantos, e conjuros com os nomes impios, e barbaros dos demonios, fossem invocaçoens dos seus falsos Deoses, que trouxe com este disfarce ao Poema sem offensa da religiaõ, nem da poesia. Conservey ao Heróe toda a piedade, que teve hum progenitor de tantos Principes, que defenderaõ, e propagaraõ a religiaõ verdadeira, e que buscaraõ como protectora a Rainha dos Anjos, a quem fiz tutelar do Conde D. Henrique, e do Reyno, sendo todo o Poema dirigido a esta milagrosa protectora descuberta pela inspiraçaõ de Sibilla, que he o nome da Mãy do Conde D. Henrique, que me deo agradavelmente na alegoria de que era o seu espirito a imagem da antiga Sibilla, de que produzem os nossos autores huma inscripçaõ naõ muito certa, que dizem se descobrio em Cintra ao mesmo tempo que a India, e dizem, que nella se liaõ huns versos com erros tambem na Arte, e na claridade pouco propria das Profecias, os quaes traduzi no meu 2. Canto, e pòdem verse nos Authores, que os copiáraõ, ou os fingiraõ. E sendo S. Giraldo Arcebispo de Braga contemporaneo do Conde D. Henrique, naturalmente o busquey para intercessor, e interprete dos milagres, e para dissipar as illusoens, encantos, e falsidades, concorrendo

para

para a converſaõ dos Reys de Lamego, e de Muley, e Abdara filhos legitimos, mas ignorados de Henrique.

HISTORIA.

Ainda que obſervey tratando da religiaõ, que os Poetas Gentios naõ contávaõ todas as fabulas como mentiroſas, mas ſim como principios tolerados dos ſeus falſos ritos, naõ confeſſarey, que as outras ficçoens por elles inventádas, o foraõ como novos dogmas, com que accreſcentaraõ a antiga Mythologia; e por eſſa razaõ muitas naõ foraõ ſeguidas dos Poetas mais modernos: ſeja exemplo entre muitos a engenhoſa transformaçaõ, que inventou Virgilio, das Nàos de Enéas em Ninfas maritimas, a qual eu imitey transformando os animaes, que os Navios dos Mouros tinhaõ nas poppas, em mõſtros marinhos, porém naõ ſe tirá daqui a conſequencia de que tinhaõ por verdadeiro, ou ao menos por tradiçaõ provavel tudo o que Homero, e Virgilio referem antes, e depois de Troya abrazada; porque quaſi tudo he huma fabula heroica fundada ſobre poucos factos verdadeiros para illuſtrar a acçaõ, que he o unico emprego de hum Poema Epico. Tenho diſcorrido, que os Poetas, que tiveraõ aſſumptos antigos de mais de quatro, ou cinco ſeculos, ſe animaraõ mais a alterar as circunſtancias das hiſtorias; e que ainda que Homero naõ floreceſſe tanto tempo depois da Guerra de Troya, o ſeculo mythico, e o genio da mentiroſa Gre-

cia

cia lhe facilitariaõ mais os fingimentos.

Virgilio eſtava mais longe da incerta expediçaõ de Enéas a Italia, e ſabia muito bem, como taõ douto, que quaſi tudo o que eſcrevia, era falſo: por eſta razaõ Stacio eſcreveo com mais liberdade o odio dos dous irmãos Etheocles, e Polynice na ſua Thebaida; e muito mais fingio Valerio Flacco por ſer mais antiga a acçaõ da ſua Argonautica. Torquato Taſſo tirou alguns nomes, e ſucceſſos da Conquiſta de Jeruſalem, e muitos nomes proprios das hiſtorias de Guilherme Arcebiſpo de Tiro, onde naõ ha poucas ficçoens, e do Livro intitulado: *Geſta Dei per Francos*; mas accreſcentou na meſma hiſtoria naõ ſó circunſtancias, mas acçoens, que naõ houve, e peſſoas, que nunca exiſtiraõ. Silio Italico, como eſcreveo da ſegunda guerra Punica, que Tito Livio, e outros hiſtoriadores tinhaõ deſcrito, naõ ſendo as vittorias de Scipiaõ Africano, e a ruina de Cartago ignoradas de algum dos Romanos, que viviaõ no ſeculo deſte Poeta, naõ muito diſtante do aſſumpto, que tratou, já fingio menos, mas ainda aſſim os ſeus poucos commentadores moſtraõ os Reys, e os Capitaens, que inventou, principalmente em Heſpanha por mais que no aparato da ſua Hiſtoria pertendeſſe D. Jozé Pellicer inferir, que eraõ verdadeiros com a authoridade deſte, e de outros Poetas, aquelles meſmos Reys, que naõ foraõ menos fabuloſos do que outros, que como taõ erudito,

deſter-

desterrou das falsas historias attribuidas por Joaõ Annio de Viterbo a Beroso Caldeo, a Manethon Egipcio, e a outros autores, de que só existem verdadeiros alguns fragmentos. Lucano, que viveo no tempo de Nero pouco mais de cem annos mais moderno que a batalha de Farsalia, naõ se attreveo a fingir tanto, parecendo-lhe que a memoria, e a tradiçaõ, as historias, as inscripçoens, as medalhas, e até as estatuas, estavaõ ainda muito vivas para desmentirem a acçaõ do seu Poema, se animosamente desfigurasse com a poesia a verdade da historia, naõ ficando assim a sua Farsalia taõ estimada; e como já no seu seculo principiava a corromperse o bom gosto, que no estilo, e nas regras da poesia, e eloquencia florecèra no de Augusto, para contemporisar com os declamadores, e com o genio de hum Emperador Tiranno, e máo Poeta; póde ser tambem que induzido por sua esposa Polla Argentaria, para agradar às Matronas Romanas menos instruidas nos preceitos da Arte Poetica, assim como se lhe attribuem os conceitos, e versos languidos; que adoptou entre os seus o amor de Lucano, produzissem todas estas causas o effeito, de que os criticos de melhor gosto tirassem por verdadeiro a este Poeta Hespanhol o lugar, que podia merecer por judicioso. Este exemplo parece que servio ao insigne Luiz de Camoens taõ vesinho como já adverti, ao descobrimento da India, que foy o assumpto do seu Poema; porém tantos episodios

ſodios fabuloſos, e huma inimitavel narraçaõ, me naõ deo lugar a ſeguir na ordem hiſtorica taõ excellente exemplar, quando por eſtas reflexoens eſtava taõ longe do meu tempo o do Conde D. Henrique com mais de ſeis ſeculos de diſtancia; o que me obrigava a imitar mais a Taſſo, e Vaſconcellos, que no ſeu Alfonſo elevou tanto o ſucceſſo verdadeiro da conquiſta de Lisboa, que veyo a conhecer a fabula heroica ignorada dos genios vulgares. Voltaire por eſte motivo alterou pouco a hiſtoria da Liga na ſua Henriade em que conſervou os nomes verdadeiros, de que alguns deviaõ condennarſe ao eſquecimento; e dá a razaõ dos ſucceſſos, que finge, em huma obſervaçaõ, que ſe acha no ſeu Canto 1. na ediçaõ de Genebra de 1723. intitulando ainda entaõ o ſeu Poema: *A Liga, ou Henrique o Grande*, reſpondendo já, em que naõ differe muito da minha opiniaõ ſobre a differença de alterar nos Poemas as hiſtorias modernas menos que as antigas, pois faziaõ já a eſte autor as meſmas objecçoens, principalmente ſobre a jornada, que finge de Henrique IV. para conferir em Londres com a Rainha Iſabel de Inglaterra. Naõ ſey ſe por eſtes principios devo diſculparme mais das muitas verdades, que conſervey na minha Henriqueida, ſe por temor dos menos exercitados na Epopéa, eſtou obrigado a juſtificarme do muito que alterey a hiſtoria dos ſucceſſos, que omiti, e dos que inteiramente imaginey, pois os parciaes da me-

nos bem fundada opiniaõ de que hum Poema ha de ſer huma hiſtoria verdadeira, e bem ſeguida, adornada porém com fraſe, e figuras poeticas, ſendo ſó fabuloſos os Epiſodios, naõ admitiraõ a muita liberdade, que com os melhores preceitos tomey na minha fabula hiſtorica. Advertirey neſte lugar, que he verdade o que digo do Conde D. Henrique, aſſim a reſpeito do ſeu nacimento, como àcerca do ſeu caſamento, e conquiſta: que ſaõ certos os homes da mayor parte dos Heróes, e das ſuas familias: que Henrique ſendo Senhor da Cidade do Porto, e das terras, que teve em dote, dilatou as ſuas conquiſtas pelas Provincias de Entre Douro, e Minho, Beira, e Tras os montes, e até pela Eſtremadura ganhando Lisboa, e Cintra. Pódem lerſe as noticias mais verdadeiras, que permanecem deſte glorioſo fundador do Reyno de Portugal, a quem deo nome, e fama o exacto Chroniſta Fr. Antonio Brandaõ na 3. Part. da Monarchia Luſitana, em quanto com melhor eſtilo, e naõ menos diligente averiguaçaõ naõ ſahem a luz as Memorias do meu Heróe admiravelmente eſcritas pelo Padre D. Jozé Barboza Clerigo Regular da Divina Providencia, e digno alumno da Academia Real da Hiſtoria Portugueza. Tambem he verdade no meu Poema, como prova o meſmo Brandaõ, que em Lamego houve hum Rey tributario do Conde D. Henrique chamado Hecha Martin, e que a Rainha A-

xa

xa Ançures ſua eſpoſa era muito guerreira, e que ſe rebelaraõ contra o Conde, perdendo huma batalha junto ao Rio Alardo, e ao Monte Fuſte na ſerra ſeca naõ diſtante de Lamego para a parte de Arouca, e que eſtes Reys vencidos ſe bautiſaraõ. He certo, que a Imagem de Noſſa Senhora de Carquere foy a quem recorreo o Conde D. Henrique, para que a interceſſaõ da Virgem Maria conſeguiſſe o milagre, que Deos obrou livrando ao Infante D. Affonſo ſeu primogenito, e depois Rey D. Affonſo Henriques, do impedimento, que até a idade de cinco annos lhe embaraçava os paſſos; e dizem, que aquella Imagem ſe achou dentro de hum pequeno ſino preſervada dos ſacrilegios dos Mouros no concavo do tronco de hum antigo caſtanheiro, como refere o devoto autor do Santuario Mariano, e que eſta Igreja foy de Conegos Regrantes, como he hoje dos Padres da Companhia de JESUS. He verdadeiro o largo ſitio de Coimbra, e que depois delle levantado foy Hali-Aben-Joſef o mais poderoſo Rey Mouro de Heſpanha, e Africa, derrotado com outros Reys pelo meu Heróe, que dizem vencera os Mouros em 17. batalhas, de que, como já diſſe, ha pouca noticia, e poriſſo fingi algumas com as conquiſtas de Cidades, e Villas, naõ ſabendo de outras particularidades. He certo, que D. Pedro Affonſo foy filho illegitimo do Conde D. Henrique, e que obrou muitas acçoens heroicas, mas pouco ſabidas, ſa-

hindo do Reyno, e voltando a elle, onde, conforme a alguns foy Meſtre de Aviz, e acabou ſantamente na Religiaõ de Saõ Bernardo, ainda que outros o confundem em parte deſtas circunſtancias com outro D. Pedro Affonſo filho tambem natural delRey D. Affonſo Henriques. A Infanta Dona Urraca, que caſou com D. Bermudo Peres de Trava, atribûo o nome de Urania; e pouco mais do que deixo referido tem de verdadeiro o Poema; mas tudo veſtido poeticamente, para fazer agradavel a contextura, e util o documento. Deixey para a ultima reflexaõ deſtas *Advertencias* que a liberdade de ſe apartarem da Hiſtoria os Poetas heroicos até chegou ao inalteravel da verdade da Eſcrittura; pois o autor do Poema do Macabeo introduzio nelle Epiſodios, e ſucceſſos falſos, e entre elles a eſtranheza de ver naõ ſó em profecia os Reys de Portugal, e muitas das Familias Illuſtres deſte Reyno, mas a de Guſman, de que era o Duque de Medîna de las Torres, o que tambem obſerva Antonio Henriques Gomes no ſeu Samſam Nazareno, e outros muitos com Sannazaro.

INVOCAÇAM DAS MUSAS, e Epiſodios.

Como os eſcrupuloſos da verdade hiſtorica dos Poemas naõ o ſaõ tanto no fabuloſo dos Epiſodios, que naõ ſómente ſaõ a ſua melhor parte, mas a mayor, e a mais delicioſa, ſem fazer a minha apologia, tratarey brevemente dos que introduzi

duzi na minha acçaõ, perſuadindo-me a que naõ haõ de parecer taõ eſtranhos della, como outros nos Poemas mais eſtimados, de que ſe exceptua entre muy poucos o de Luiz de Camoens, porque os ſeus Epiſodios ſaõ felizmente deduzidos do ſeu aſſumpto, e applicados à gloria dos ſeus Heróes. No Canto 1. deſde a Oitava 16. principia o Epiſodio da entrada de Henrique na Gruta, donde ſahe a vencer a batalha junto a Gaya; e reſervey para todo o Canto 2. referir o Heróe aos Generaes os miſteriosos prodigios, que vio nos ſucceſſos futuros, e nos documentos da Sibilla, de que a alegoria, como já diſſe, hé o eſpirito da Mãy de Henrique, que tinha o meſmo nome: algumas deſtas profecias deixey muito eſcuras, por me parecer mais proprio do eſtilo dos vaticinios declarar pouco os nomes, ainda que Virgilio com o *Tu Marcellus eris*, e com elle quaſi todos os Poetas me deraõ exemplo para os que nomeyo. He eſte Epiſodio o que dá ao Heróe a primeira inſpiraçaõ de buſcar na Imagem de Carquere o Numen tutelar do Reyno, que fundava, aludindo à hiſtoria dos tres Livros da Sibilla no tempo de Tarquino ſoberbo Rey de Roma. No Canto 3. Oitava 50. entra com a batalha dos Reys de Lamego, que he parte da acçaõ, o Epiſodio da deſcripçaõ do jardim marcial da Heroina Axa, e da ſua idolatria, o que faço motivo principal de todo o ſeu caracter. Já deſde o 1. Canto principiou Aldara o Epiſodio, que corre em todo o

Poema,

Poema, ácerca do ſeu amor para com Muley, e da ſua repugnancia ás finezas de Pelayo Amado; porém no Canto 3. conta Henrique os ſeus amores com Matilde, por onde no fim do Poema vem a conhecerſe, que Muley, e Aldára eraõ filhos de Henrique. No 4. Canto depois do pequeno Epiſodio, que faço incidente do ſitio de Lamego com a morte de Lucidio, e crueldade de Brunaferro, entra hum dos Epiſodios, que me deſagrada menos, que he o do Palacio da Gloria, onde por huma vãa curioſidade, que logo moſtrarey tratando do caracter de Henrique, ſer hum dos defeitos, que o fazem veroſimel, moſtro as atracções da fingida Matilde, com que foy incitado, e os principios de algumas ſciencias, e artes, que ſe conheceraõ nos ſeculos futuros, imitando a Arioſto, que aſſim deſcrevo, como elle profeticamente, ſeis ſeculos antes a invençaõ da polvora, e dos ſeus furioſos inſtrumentos. No Canto 5. principia hum largo Epiſodio, que corre até o Canto 7. onde naõ he eſtranho do aſſumpto deſcrever os jogos, e torneyos, aſſim porque Homero, e Virgilio deſcreveraõ eſtes eſpectaculos largamente, e Stacio muito mais, como porque aſſim naõ ſó faço a narraçaõ mais plauſivel, mas porque me ſervem muito para deſcobrir ſem a violencia da guerra, em que ſaõ improprias as reflexoens, o caracter do meu Heróe principal, e dos outros, que tem lugar inferior. Aqui trato das Familias, e dos ſeus Brazoens: aqui

ſigo

ſigo o genio daquelle ſeculo, em que eraõ taõ comuns os torneyos, e buſcar aventuras: aqui deſcrevo o Templo de Carquere, e os futuros: aqui moſtro a piedade generoſa do Heróe no triunfo, com que conduz a Imagem; e os jogos, e torneyos, que devoto lhe dedica, e tudo ſaõ diſpoſiçoens, para merecer a protecçaõ celeſte, e o fim da acçaõ, que he fundar o Imperio. No Canto 8. he tambem o canto de Aldara hum Epiſodio preciſo para inveſtigar em hum ſoliloquio, como ella entendia, por naõ ſaber que Pelayo Amado a eſcutava, as duvidas do ſeu nacimento; e logo ſe ſegue a caça em diverſas fórmas, para o que me naõ valí pouco do que Oppiano, Graciano, e Olimpo Nemeſiano eſcreveraõ das eſpecies da Arte Venatoria, que conheceraõ, e entre os modernos do Poema de *Venatione*, que eſcreveo com elegancia Natal Comes, e tambem de outros Poetas, que trataraõ da Volateria, quaſi deſconhecida até o undecimo ſeculo. As appariçoens dos Deoſes Gentilicos de Axa no Canto 9. fortificaõ a ſua illuſaõ, e deſcobrem, imitando eu a Camoens, muitas glorias futuras de Portugal. No Canto 10. introduzi hum Epiſodio hiſtorico, aſſim porque naõ foſſem todos vaticinios, como para imitar a Virgilio, e Camoens, naõ deixando os Leitores ſem noticia do principio, e ſucceſſos, que precederaõ a acçaõ do Heróe na ſua vida, e na hiſtoria de Portugal. A hiſtoria, que conta Tancredo no Canto 12. em

que deſcobre, que Muley, e Aldara ſaõ irmaõs, e filhos do Conde D. Henrique he o ultimo Epiſodio, que me deixa livre a concluſaõ do Poema, ſendo a conquiſta de Lisboa Capital do Reyno o preço da morte, que deo Henrique a ElRey Hali ſeu contrario, acabando com hum ſó golpe toda a ſua barbara tirannia; e com o exemplo de Virgilio, em que Enéas matando a Turno repete o verſo:

Vitaque cum gemitu fugit indignata ſub umbras.

Naõ ſe achando menos eſtabelecido o Reyno de Alba por Enéas pelo ſeu caſamento com Lavinia; e aſſim entendeo mal Mafeo Vegio, como moderno, ainda que grande Poeta, que eſta fora huma das imperfeiçoens de Virgilio, por naõ ter emendado o ſeu Poema, como ſe vè de alguns verſos, que deixou por acabar, e da diſpoſiçaõ, que dizem fizera antes de morrer, de que a ſua obra ſe queimaſſe; o que evitou Tucca:

Ne Troja foret tota cremata rogo.

E por eſte antigo conceito ſe reconhece, e ainda mais pela Eneida, que o ſuplemento de Mafeo Vegio he inutil, pois quer acabar hum Poema, como huma Comedia, naõ deixando a quem o le aquella ſublime ſuſpenſaõ, que dá a nobreza da acçaõ heroica: ô que bem conheceo Arioſto, e os que melhor ſeguiraõ a Virgilio. Entre a hiſtoria, e os Epiſodios naõ poſſo deixar de advertir outra vez com os Meſtres da Arte Poetica o erro de Stacio

na

na Aquileida, em que naõ emprehendia menos, que deſcrever toda a vida de Aquiles, de quem huma acçaõ colerica, que durou ſó quarenta e ſete dias, deu materia a toda a Illiada de Homero. Já Horacio tinha deixado a Stacio eſte preceito reprehendendo o Poeta, que intentava reduzir a hum ſó Poema toda a fortuna de Priamo, e Guerra de Troya, que foy o aſſumpto dos tres mayores Poemas da antiguidade:

Fortunam Priami cantabo, & nobile bellum.

Mas qual foy o ſucceſſo deſta ignorante vaidade? O meſmo Horacio o diz com o apologo de Eſopo taõ ſabido:

Parturient montes, naſcetur ridiculus mus.

Naõ eſtava melhor informado Stacio do principio da ſua acçaõ, pois refere antes que o reciproco fratricidio, que he o aſſumpto da Thebaida, a fundaçaõ de Thebas com huma larga deſcripçaõ, naõ ſeguindo a Virgilio, que reduzio a ſeis verſos depois de propor, e invocar, a deſcripçaõ de Cartago, que era preciſo dar a conhecer, pois Eneas hia buſcala, prevenindo já a colera de Juno, e a protecçaõ de Venus. Deixey de fazer memoria do Epiſodio amoroſo, e tragico de Licio, e Liſis, e Alcino no ſitio de Coimbra Canto 11. naõ por entender que era o menos digno de attençaõ, mas porque com o exemplo de Taſſo no ſucceſſo de Olindo, e Sofronia no ſitio de Jeruſalem ficava juſtificado, ainda que o emendaſſe Taſſo na ſua

Jeruſalem Conquiſtada, que, como já apontey, naõ foy bem recebida do publico. No que digo neſtas Advertencias ſobre alterarſe a verdade da hiſtoria, e ſobre a Acçaõ, e Epiſodios, naõ aleguey muitos exemplos, e lugares em termos, porque podem lerſe no já louvado Tratado do Poema Epico do P. le Boſſu, de quem deſejey ſeguir as liçoens em toda a Henriqueida.

CARACTER DE HENRIQUE, e dos ſegundos Heróes do Poema.

Melhor ſe verá, como tudo o mais, pela liçaõ do Poema do que por eſtas *Advertencias Preliminares*, ſe o caracter do Heróe, e os de todos os actores, que entraõ na Henriqueida, ſe conſerva ſem mudança em toda a obra. Achey Aquiles colerico, Uliſſes aſtuto, Enéas pio, Ceſar ambicioſo, Gofredo devoto, Vaſco da Gama ouſado, D. Affonſo Henriques intrepido, e aſſim outros, que me deixaraõ para o meu Heróe o caracter de generoſo: nelle cabem todas as acçoens heroicas, e nobres, porque conforme a melhor etimologia he generoſo, quem naõ degenera da ſua natureza; e aſſim parece que moſtra ſer Henrique querendo dar liberdade a Aldára, e dando-a a Muley, ſendo ella filha unica, e herdeira, como elle ſupunha, do ſeu mayor inimigo, e o mais precioſo penhor para a ſua conſervaçaõ; e Muley o mais valeroſo dos ſeus contrarios, em que brilhavaõ as virtudes, que podiaõ recear os Portuguezes, quanto mais as admi-

admiravaõ. Deo tambem liberdade aos Cativos, e exercitou a magnificencia, e a piedade em todas as ſuas acçoens. Mas porque naõ me eſqueci dos preceitos, que deraõ os Meſtres da Poetica, e ainda melhor dos exemplos, fogindo, como adverte Boyleau, da affectaçaõ inveroſimil, de que o Heróe de hum Poema ſe pinte ſem defeito, como ſe finge, no heróe de huma novella; deixey que Henrique nos amores occultos de Matilde ſuſpendeſſe por hum anno o impulſo, que o conduzia para a guerra de Heſpanha, que toleraſſe o zeloſo ardor, com que quaſi tumultuariamente ſe oppuſeraõ os ſeus Generaes, e Conſelheiros à liberdade de Aldára, e que com huma exceſſiva, e credula curioſidade entraſſe a examinar na eſcuridaõ da noute os encantos do Palacio da Gloria. A Rainha D. Thereza ſempre he prudente, e conſtante; a Infanta Urania amante, mas advertida: Egas Moniz, que he o Patroclo Meneſiades deſte Aquiles, e o Achates deſte Eneas, permanece ſempre devoto, fiel, e valeroſo, ſendo hum dos principaes inſtrumentos, que conſervou a vida ao Infante D. Affonſo, de quem era Ayo, e o primeiro, depois de Henrique nas vittorias. D. Pedro Bernardo igualmente ſabio, e animoſo, naõ deſmente em muitas acçoens o ſeu caracter. Pelayo Amado Heróe amoroſo, mas nem poriſſo menos guerreiro, padece os infortunios de hum amante naõ correſpondido, e algumas vezes o caſ-

tigo dos excesſos, a que o obrigou a paixaõ; e as finezas, que ſó mereceraõ ao principio a eſtimaçaõ de Aldára, ultimamente lhe conſeguem o premio de que ſe fez digno. Cunha prudente, Tavora activo, Pereira conſtante. Hercules de Ruhan trouxe eu de Bretanha a Portugal, porque já naquella Provincia de França eraõ Soberanos de muitas terras os deſta Familia, em que me intereſſey por huma alliança, e o fiz, como faõ os Francezes, ardente, e luzido. A Muley reveſti de acçoens taõ nobres, que algumas vezes temi fazelo mais amavel do que o meu primeiro Heróe, como arguem a Homero a reſpeito de Heitor, e a Taſſo a reſpeito de Reinaldo; porém como era filho de Henrique, ainda que deſconhecido, ſó nelle podia ter o Heróe hum digno contrario, a quem ſempre reſpeitou Muley por occulta ſimpatia, e a quem ſempre venceo Henrique no valor, e generoſidade. A paixaõ violenta que teve para com Aldára, o obrigou a algum nobre furor, que o deixa deſigual ao generoſo Heròe. A Hali-Aben-Joſef, que he o Turno do meu Enéas, e o Argante do meu Gofredo, naõ fiz taõ odioſo, que ficaſſe indigno de combater a Henrique, porém a tirannia, e a impiedade deſluzem algumas virtudes heroicas mais do que moraes, que lhe conſervey para ennobrecer o ultimo triunfo do Heròe. Muſtafa teve o caſtigo da ſua perfidia, e nelle predomina ſempre a aſtucia ao valor; nos outros Mouros faço variar

quanto

quanto poſſo os intereſſes, e as inclinaçoens, ficando de algum modo premiadas com os Reynos de Africa as virtudes, e juſtiça de Lucidoro. A diſciplina militar de Roberto tem exercicio na defenſa de Gaya, e Coimbra, e em outras occaſioens, naõ lhe ſendo deſigual Elvidio. A moderaçaõ delRey de Lamego he huma diſpoſiçaõ para o bautiſmo, que pretendeo, e conſeguio, e eſte caracter oppoſto ao furor da Rainha naõ me parece que faz máo effeito: he eſta Heroína Axa Ançures, como já ponderey, a Camilla do meu Eneas, ou a Penteſilea, Hipolita, e Clorinda de outros Heróes. Depois das cauſas, a que attribui a ſua idolatria, deixey livres todas as illuſoens, que ſe repreſentaraõ na ſua idéa para animar a ſua furioſa paixaõ, que até o fim do Poema foy ſempre obſtinada, e ſó por hum milagre entendi que podia ſer convertida, como os antigos uſavaõ nas que chamavaõ maquinas; pois huma loucura fomentada pelo máo genio, hum valor intrepido, e huma ſoberba indomavel, com a vaidade, que dà a fermoſura, e a diſcriçaõ, naõ podiaõ ſer ſuperadas menos que por hum prodigio Divino. Aldara taõ pouco belicoſa, e taõ fina amante, he hum caracter oppoſto ao de Axa, em que tambem traſluzem as virtudes de filha de Henrique, que interiormente moderavaõ a violencia da ſua affectuoſa inclinaçaõ a Muley, e que ſó davaõ lugar à juſta eſtimaçaõ, que fazia de Pelayo Amado: e no fim

do

do Poema com a generoſa reſoluçaõ de D. Pedro Affonſo, que jà naõ era Muley, lhe tirey dos olhos hum objecto, que podia recearſe, ainda que injuſtamente, criminoſo. S. Giraldo he ſempre Santo, fiel ao ſeu Principe, e livre da liſonja: e naõ tratando de outros caracteres inferiores, direy ſó, que com o exemplo de Camoens conſervey em quaſi todos os nomes Portuguezes, pois naõ ſey, que ſeja diſſonante:

O caro meu irmaõ Paulo da Gama.

E em outras partes:

Martim Lopes ſe chama o Cavaleiro. Can. 8. 8. 23.

Mais ſe lhe ajunta Nicoláo Coelho. Can.

Vendo Vaſco da Gama que taõ perto. Can. 6. 8. 80.

E no Cant. 4. Oitav. 24. para dizer hum nome inteiro, o partio com huma hyperbaton com eſte verſo:

Mem Rodrigues ſe diz de Vaſconcellos.

Na meſma Oitav.

Antaõ Vaſques de Almada he Capitaõ.

No Cant. 8. Oitav. 27.

Que Gonçalo Ribeiro ſe nomea.

No Cant. 8. Oitav. 34.

Gil Fernandes he de Elvas quem o eſtraga.

Aqui de D. Filippe de Menezes.

E aſſim em quaſi todo o Poema, ſem que o embaracem o humilde, ou o duro de alguns nomes para lhe dar a gloria, que adquiriraõ com as ſuas acçoens, e póde ſer Camoens em tudo excelente exem-

exemplar. Tambem o pòdem ſer Homero com os armonioſos nomes da ſua elegante Lingoa; Virgilio latiniſando alguns da Frigia, e Grega, e a mayor parte dos Poetas, naõ ignorando a diſcreta advertencia de Boyleau de que pela aſpereza de hum nome proprio ſe perdia toda a conſonancia de hum Poema, para o que traz o exemplo de Mr. de Sainte Garde, que eſcolheo por Heròe a Childebrand, quando a armonia dos nomes de Uliſſes, Agamennon, Idomeneo, Pàris, Enéas, e outros já ennobrecem as idéas com a melodia, que lhe dá o idioma; porém ainda que hum illuſtre exemplo moderno com delicadeza mudaſſe os nomes Portuguezes, fio tanto da conſonancia da Lingoa, em que eſcrevo, que antes quiz ſeguir tantos exemplos, e conſervar os verdadeiros nomes aos Varoens inſignes, que com as ſuas acçoens deraõ immortal gloria às ſuas Familias, e à naçaõ Portugueza, do que buſcar o que os Gregos chamaraõ Eufonia, que naõ ſò deve de ſer agradavel, mas propria da Lingoa, em que ſe eſcreve.

LINGOA.

Tenho tratado do todo do meu Poema: faltame agora diſcorrer ſobre as ſuas partes; ou por explicarme melhor, tenho dado huma idéa da Arte, que ſegui; e agora diſcorrerey do modo, porque procurey executalo. Deixo de dizer, que a propoſiçaõ foy breve, reduzindo a tres Oitavas o caracter do Heròe, a gloria do ſeu nome, a futu-

ra

ra do ſeu Reyno, e a acçaõ de todo o Poema. A invocaçaõ he Chriſtãa, como a de Taſſo com alegoria poetica: a dedicatoria ao Sereniſſimo Senhor Infante D. Antonio reduzi com grande repugnancia minha a taõ poucos verſos, aſſim porque as ſuas muitas virtudes pòdem ſer aſſumpto do mais largo panegirico, como porque naõ achey nos Gregos, e Latinos eſtes exemplos, ſendo breves os que me deraõ Camoens, Taſſo, e outros modernos para poder ſeguilos; mas primeiro que trate do eſtilo poetico da Henriqueida, me deſculparey dos que entendendo, que eu podia eſcrevelo em outras Lingoas mais univerſaes, me condennaõ, porque o eſcrevi na propria, dizendo huns, que naõ era a mais armonioſa, nem a mais abundante; outros com mais razaõ, que ſe a gloria da naçaõ Portugueza, e a minha propria eraõ o motivo de compor hum Poema, huma e outra couſa ficava reduzida ſò ao Reyno de Portugal, e ſuas Conquiſtas, onde todos conheciaõ, e admiravaõ as acçoens do Conde D. Henrique ſeu primeiro Fundador, e onde poucos liaõ, e menos louvavaõ as obras dos autores vivos, e muito menos as dos nacionaes, naõ ſendo menos dificil ſer poeta, do que ſer profeta na ſua patria; e que ſe Homero, e Virgilio, e outros antigos eſcreveraõ na Lingoa materna, fora porque como dominantes eraõ univerſaes, e ainda Arioſto, Taſſo, outros Italianos, e muitos Heſpanhoes, compuzeraõ em Lingoa, que ſe entende

em

em muitas Cortes de Europa, e com mayor razaõ o fizeraõ os Francezes por eſta cauſa, e concluiaõ, que havendo Claudiano eſcrito em Latim o ſeu Poema de *Raptu Proſerpinæ*, principiou em Grego o da *Gigantomachia*, que tambem havia começado em Latim, e que ao meſmo aſſumpto tendo Manoel de Galhegos compoſto em Portuguez o *Templo da Memoria*, imprimio em Heſpanhol com muito acerto outra *Gigantomachia*, ſendo eſte autor taõ douto nas regras do Poema Heroico, como moſtrou no *Diſcurſo Preliminar*, que fez àquella obra, e no que nas melhores ediçoens ſe le antes da Uliſſea de Gabriel Pereira de Caſtro. Mais claramente me combatiaõ com os exemplos de tantos modernos, em que naõ tem inferior lugar os Portuguezes, que fizeraõ Poemas na Lingoa Latina, e na Caſtelhana, a qual preferio Franciſco Botelho de Vaſconcellos em todas as impreſſoens do ſeu Alfonſo à Portugueza, conſervando-o neſta manuſcrito com igual elegancia.

Naõ reſpondo à primeira parte deſta cenſura, porque me parece, e cuido, que ſem ſer por engano proprio, que he a Lingoa Portugueza huma das mais graves, e armonicas para o heroico, e para o amoroſo de hum Poema Epico: baſte-me para exemplo Luiz de Camoens, que he certo ſabia muito bem outras Lingoas, e illuſtrando, e polindo a propria, que nos Luſiadas ſe conſerva ha mais de 160. annos quaſi ſem alteraçaõ conſidera-

vel, mereceo ſer admirado, e traduzido quatro vezes em Latim, huma em Italiano, duas em Francez, huma em Inglez, e quatro em Heſpanhol. Na ſua abundancia naõ achey falta, e aſſim me vali pouco de palavras, e frazes de outras Lingoas, naõ ſeguindo muitos autores modernos, que ſendo grandes em outro ſentido, ſe disfiguraõ, e corrompem o idioma, tomando muitas licenças, quando eu com menos eſcrupulo, por ſer Poeta, podia, como fez Camoens, uſar de algumas; o que imitey com tanta mais moderaçaõ, quanto tenho de menos autoridade; pois até à diſpotica de Tiberio naõ permitio o Senado introduzir huma palavra nova; e as que cita eſtranhas, quando as julga preciſas, eſcreve em Grego o meſmo Cicero, naõ ſe atrevendo a latiniſalas.

A'cerca do eſtilo diz Horacio na Arte Poetica verſ. 56. e 57. onde faz o meſmo elogio de introduzir palavras novas naõ menos que a Cataõ, que Ennio merece grande louvor, por enriquecer a Lingoa Latina com palavras nobres, como ſe pòde ver dos verſos ſeguintes:

Si poſſum, invideor, cum lingua Catonis, & Enni
Sermonem patrium ditaverit, & nova rerum
Nomina protulerit: licuit, ſemperque licebit.

Que Lucano naõ mereça o nome de Poeta a pezar do ſeu bom eſtilo, verſificaçaõ, e maximas, em que convem muitos doutos, moſtra Petronio Arbitro, que o pòde ſer neſtas materias, no Satyri-

con,

con, e era contemporaneo de Lucano. E eſta opiniaõ he ſeguida de Servio no Commento de Virgilio, e naõ menos de Santo Iſidôro no Liv. 8. das Origens, como tambem de outros muitos, conciliando engenhoſamente Gaſpar Barleo eſta opiniaõ, e a contraria no diſtico ſeguinte:

Qui minus hiſtoricus credor minus eſſe Poeta:
Me minor eſt vates, & minor hiſtoricus.

Julio Ceſar Scaligero no Hypercriticon Lib. 6. Poet. pag. 841. e 842. dá o ſegundo lugar a Stacio depois de Virgilio, ainda que muitos o contradizem; e neſta parte o goſto de cada hum julgará o que lhe parecer dando a preferencia a Lucano, ou Silio Italico.

Os que negaõ ao ultimo o conhecimento da Arte Poetica, fundaõ-ſe em que ſegue hiſtoricamente a Polibio, e Tito Livio, e em que naõ conheceo a Fabula Heroica; e dizem que naõ era Poeta por natureza, mas ſim por arte. A Valerio Flacco naõ valeo o elogio de Quintiliano, porque tambem delle ſe tira a conſequencia de que a ſua obra naõ ficou muy correcta; nem o de Gaſpar Barthio nos ſeus adverſarios, que o louvaõ com grande diſtincçaõ, nem o do P. Filippe Briete no Liv. 2. dos Poetas Latinos, que naõ ſendo taõ parcial de Valerio Flacco, como Barthio, lhe dá preferencia a Stacio, e a Lucano; porém entre os Criticos deſte autor, de que he o principal o P. Rapin, naõ lhe he concedido taõ ſuperior lugar

no Parnaſſo; concluindo-ſe em Bayllet tom. 4. da ediçaõ de 4. do Jugement des Scavans, que eſcolhendo huma acçaõ propria para hum Poema, por ſer fabuloſa, e heroica, naõ a tratou bem, por encher a ſua compoſiçaõ de acçoens particulares dos Argonautas, ſendo ainda aſſim melhor o que intentou do que o que copiou de Apollonio Rhodio, que como já diſſe, eſcreveo do meſmo aſſumpto. No juizo da Dioniſiaca de Nonnus concordaõ os mais doutos, que a vaſtidaõ da materia, que abraça, e outros defeitos impedem que mereça os elogios de alguns, em que entraõ com grande autoridade Policiano, e Mureto, a que ſe oppoem Daniel Heinſio dizendo que ſe enganaraõ. Joaõ Tzetzes nas Chiliadas, que compoz, ainda que tenha erudiçaõ, e boas maximas politicas, como a ſua obra he de hiſtoria miſcellanea, naõ merece ſer imitada por autor de Poema Epico. Joaõ Gunthero quaſi contemporaneo do Conde D. Henrique, pois eſcreveo as acçoens de Federico Barbarroxa mereceo a pezar da groſſaria do ſeu ſeculo repetidos elogios dos melhores Criticos, como foraõ Janu Douza in Præfat. altera Annal. Batav. carmine ſcript. idem lib. de Poet. Latin. pag. 74. Gaſpar Barthius in adverſariis: Joaõ de Antvvild em todas as naçoens teve digno louvor dos mais eruditos eſcritores; mas como o aſſumpto do ſeu Poema do Archithoemo he moral, e naõ heroico, pois trata das miſe-

rias

rias dos homens, naõ entra neſte meu exame.

Joaõ de Iske Inglez conhecido por Devonio, e por Iſcano, que floreceo no fim do ſeculo XII. e principio do ſeguinte, ſendo diſcreto, e erudito na Lingoa Grega, e Latina, em lugar de imitar, como devia, a Homero, e Virgilio, pois eſcreveo 6. Livros da Guerra de Troya, cahio no erro comum de querer tirar todas as fabulas daquelles Poetas, para eſcrever ſó a verdade, que ſuppoz tinha achado na hiſtoria da meſma guerra, que corre com o nome de *Darete Phrygio*. Guilherme Breton fez hum Poema intitulado *Philippidos* das acçoens de Filippe Auguſto Rey de França, a que naõ falta genio, e arte; mas com a paixaõ hiſtorica entra na collecçaõ dos hiſtoriadores de França de Pithou impreſſa em 1596. Felippe Gualther naõ executou bem o grande aſſumpto, que eſcolheo no ſeu Poema do Alexandreidos, pois ſe lhe achaõ muitos defeitos, ſendo ao meu juizo, o mayor querer tratar de todas as acçoens grandes de hum Heròe, de quem ſó ha de eſcolherſe huma para o Poema Epico. Quem naõ havia de deſanimarſe de fazer hum Poema Heroico, quando Petrarca o melhor Poeta Italiano, e hum dos reſtauradores da Lingoa Latina no ſeu Poema de Africa, ou da ſegunda Guerra Punica naquella Lingoa, naõ ſó he condennado por erros de quantidade, mas pela ordem; e naõ ſendo apparecido ainda Silio Italico, lhe deo Voſſio, e outros Criticos

ticos hum lugar inferior a eſte Poeta? A Theſeida de Joaõ Bocacio he mais agradavel pela contextura, do que pela dicçaõ Poetica, naõ ſe iſentando eſte grande autor do vicio moderno de eſcrever todas as acçoens do ſeu Heròe. O Morgante de Luiz Puley ainda hoje engana aos que ſò eſtimaõ os incidentes agradaveis, e os conceitos exquiſitos com a pureza da Lingoa, ſem condennar a eſte autor pela barbara idéa epica de matar o ſeu Herôe antes de acabar o ſeu Poema pelo haver mordido na extremidade dè hum pé hum Caranguejo marinho, como ſe foſſe por qualquer outra parte invulneravel, como Aquiles, ou aquelle Cancro o meſmo, que he Signo celeſte, por morder em ſemelhante lugar a Hercules. Ricardo Bartolino fez a ſua Auſtriada com pouco melhor ſucceſſo do que Bautiſta de Cantalicio a ſuaGonçalvia aoGraõ Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova, aſſumpto, que tratou mais poeticamente Bautiſta Mantuano ſò na patria igual a Virgilio; e pouco excedeo a eſtes dous Pedro Gravina,qne louvou o meſmo Heròe na conquiſta de Napoles; mas eſte Poema naõ exiſte. Como trato pouco dos Poemas, que tem aſſumpto ſacro, naõ fallarey na grande eſtimaçaõ, que mereceo Joaõ Peres, ou Petrejus no ſeu Poema Latino da Magdalena, que o celebre André Navagerio, ſendo Embaxador de Veneza em Heſpanha, preferia, pela ſua elevaçaõ, a todos os Poetas modernos de Italia; nem na Vida de S. Jozé,

Jozé, e outros Poemas Sacros puramente eſcritos pelo Meſtre Jozé de Valdiviezo em Heſpanhol, nem em outros muitos de ſemelhantes aſſumptos nas duas Lingoas, Caſtelhana, e Portugueza, em que ſe diſtinguem o Cartuxano taõ louvado por Manoel de Faria, Vita Chriſti de Antonio das Povoas, a de Saõ Joaõ Evangeliſta de Nuno Barreto, e a de Santa Quiteria de Jozé do Couto Peſtana.

Naõ fazendo tanta eſtimaçaõ do Poema dos Amores de Orlando, e Angelica de Matheus Bojardo Conde de Scandiano, como elle teve antes de apparecer o de Arioſto, tornarey a obſervar neſte, que como eſtas Advertencias Preliminares trataõ da ordem dos Poemas Epicos, e das ſuas partes, admiro muito as que obſervou Arioſto, mas a pezar da Cruſca, e de grande parte da Italia, comparando-o com Taſſo, entendo que o ultimo fez melhor Poema, ainda que o primeiro me parece mayor Poeta, e que naõ ſeria igual ao *Furioſo* o ſeu *Orlando Innamorato*, ſe o acabaſſe. O Poema do Vellocino de ouro eſcrito em Latim pelo Heſpanhol Alvaro Gomes he univerſalmente eſtimado, como outros Poemas Sacros do meſmo autor. Joaõ Jorge Triſſino foy dos primeiros, que ſe animaraõ a livrarſe da eſcravidaõ das Rimas, eſcrevendo em verſo ſolto, em que foy muito ſeguido dos Italianos, e ainda hoje o he dos modernos da meſma naçaõ, mas ſenaõ attendermos à conſonancia,

nancia, ſeguio eſte Poeta, como muito poucos, as regras de Ariſtoteles no ſeu Poema de *Beliſario*, ou *Italia Libertada*. Os dous Poemas de Ludovico Dolce, que ſaõ dos principios de Orlando, e o de Sacripante moſtraõ o engenho deſte autor, mas ſaõ do meſmo genio dos que eſcreveraõ acçoens de Cavaleiros andantes, que poucas vezes acertaraõ com a Fabula heroica fazendo comica a ficçaõ. Tomando a parte oppoſta condenna o P. Rapin ſempre digno de allegarſe ao Poema Heſpanhol do Cid, que compoz Diogo Ximenes de Aylon, porque eſcreveo ignorando o Epiſodio, e a Fabula, as acçoens do Graõ Campeador com exacta Cronologia. Melhor ſuccedeo a Joaõ Rufo com a ſua bem eſcrita Auſtriada: a Franciada de Ronzard naõ merece reflexaõ, pois a ſua erudiçaõ Grega naõ lhe deo a conhecer a ordem de hum Poema Epico, dictando-lhe ſó a dureza do eſtilo, em que às vezes he culpado o meſmo exceſſo de erudiçaõ; e Des Preaux lhe chama Francez Grego Latino. O Poema intitulado Semana, que algum tempo teve mal merecida eſtimaçaõ, de que foy autor em Francez Guilherme Saluſtio du Bertâs, naõ ſó naõ he dos daquelle genero, de que eu faço particular memoria, mas o Cardeal du Perron o exclue da claſſe dos Poemas Heroicos, porque naõ miſtura as hiſtorias com as fabulas, deſcrevendo em 7. Livros os ſette dias da primeira ſemana do mundo. Panagio Salio adquirio mais reputaçaõ

putaçaõ depois da ſua morte em dous Poemas Latinos: oprimeiro da Gallia Chriſtiana, que trata da Vida de Saõ Vaſto, e outro intitulado *Telanthropia*, ou do fim do homem, ambos de aſſumptos menos proprios da ordem heroica, de que trata.

Devo acrecentar ao que diſſe de Taſſo, que procurey evitar algum dos defeitos, que os criticos rigoroſos lhe arguem, e pòdem verſe na ultima ediçaõ das ſuas obras, em Bayllet Tom. 5. da ediçaõ de 4. e em muitos autores. O meſmo Taſſo parece que o reconheceo, mas he certo, que, como já obſervey, conſerva o ſeu primeiro Poema a devida eſtimaçaõ, que o ſeu ſegundo perdeo, moſtrando, que nem ſempre na poeſia, como na muſica he o mais exacto, o mais perfeito: no Rinaldo tinha elle já moſtrado nos ſeus poucos annos aquelle meſmo fogo, que ſempre o animou, e nos ultimos acreditou, que ſabia moderarſe, proporcionando à idade o aſſumpto nas jornadas da creaçaõ do mundo, que eſcreveo em verſos ſoltos, declarando, que ſentia naõ o ter eſcolhido para os outros Poemas, porque nelles podia obſervar melhor a regularidade, e a ordem, naõ interrompendo a narraçaõ em cada Oitava, nem augmentando mayor aperto às prizoens poeticas com as Rimas, que nem ſempre ſe ſugeitaõ à razaõ, a quem os conſoantes devem ſervir como eſcravos, o que bem obſervou, e executou melhor o meſtre da Arte Poetica Franceza.

Deſtes, e outros Poetas ſe póde ver o juizo, que faz Manoel de Faria, e Souſa nos apparatos, e contexto dos ſeus commentos a Luiz de Camões. O meſmo aſſumpto de Taſſo ſeguio na Lingoa Latina Pedro Angelo Bargeo na ſua Cyriada em onze Livros louvada univerſalmente pela ſua pureza, e elegancia. Joaõ Bautiſta Lalli ſe diſtinguio, como Scarron em Francez, transformando em Italiano a Virgilio, e a Taſſo no eſtilo burleſco: compoz tambem hum Poema ſerio da deſtruiçaõ de Jeruſalem por Veſpaſiano; mas naõ foy taõ celebre no eſtilo heroico, como no jocoſo.

Naõ baſtou o excellente juizo de D. Nicoláo Antonio para fazer renacer do eſquecimento, em que eſtá, o Poema de Bernardo, ou Victoria de Ronceſvalles eſcrito por Bernardo de Valbuena, donde louva muito as comparaçoens, e imagens poeticas, e a invençaõ, e boa eſcolha, por ſer de huma acçaõ entre fabuloſa, e verdadeira, e de hum ſeculo, que admite todas as ficçoens, com que os modernos fizeraõ ſucceder ao tempo mithico ou fabuloſo dos antigos, as acçoens pouco verdadeiras dos Heròes transformados em cavalleiros andantes, de que naõ ſe izentou a virtude, e o valor do meſmo Carlos Magno.

Ainda que a Florença defendida dos Godos Poema Italiano de Nicoláo Villani naõ ſe acabou, nem limou pelo ſeu autor, ſuſtenta a reputaçaõ, que as ſuas Poeſias Italianas, e Latinas lhe adquiriraõ,

riraõ, como reconhecem Lauro in Orcheſta, Joaõ Meurſio in Epiſt. ad Dom. Molin. e outros autores.

Alonſo de Erzilla na ſua Araucana foy hum dos primeiros Heſpanhoes, que conſervou em todo o Poema hum eſtilo puro, ainda que naõ ſublime: a ſua melhor impreſſaõ he a de Lisboa dedicada ao Conde de Lemos; e Manoel de Faria diz na ſua primeira Centuria dos Sonetos de Camoens, que o fez celebre o Soneto de D. Iſabel de Caſtro, que principia:

Araucana naçaõ mais venturoſa.

Lope de Vega na Jeruſalem Conquiſtada, Belleza de Angelica, Dragontéa, ou Expediçoens do Almirante Inglez Franciſco Drak, e outros, que pòdem paſſar por Poemas Epicos, moſtraõ mais a ſua clareza, e affluencia, que a ſua regularidade.

Gabriel de Chiabrera mereceo de Urbano VIII. magnificos elogios; mas entre hum grande numero de poeſias, naõ ſaõ os ſeus Poemas Heroicos os que merecem eſtes grandes louvores. Entre os defeitos, que o P. Rapin acha na ſua *Amedeida*, ou *Couquiſta de Rhodes*, naõ he o menor durar a acçaõ ſómente por quatro dias; e naõ tem mais regularidade os outros Poemas, de que o principal he o da Gothiada. Luiz Groto Cego de Adria mais conhecido por eſte defeito foy muito eſtimado, e naõ he o ſeu Poema de Mambrino o que lhe deo o mayor nome, por ſer de hum aſſumpto inteiramente de cavalleiros andantes.

Franciſco Braciolini pòde ſer que foſſe o Poeta que eſcreveo mais Poemas Heroicos, pois ſe contaõ onze com hum grande numero de Cantos, e Oitavas: mas entre todos o mais eſtimado he o da Reſtauraçaõ da Cruz com trinta e cinco Cantos; e os outros pòdem verſe em Lourenço Craſſo, e em Leaõ Allatio de Apibus Urbanis, onde eſte Poeta entrou com mais cauſa, pois Urbano VIII. permitio por honrallo, que trouxeſſe as ſuas abelhas por Armas, e elle accrecentou o ſeu nome chamando-ſe Braciolini de Apio: querem com tudo alguns deſtes autores, que o Poema da Cruz tenha o terceiro lugar depois de Taſſo, e Arioſto.

Thomaz Stigliani Cavalleiro de Malta no ſeu Poema do *Novo Mundo* em 34. Cantos, teve como todos, defenſores, e inimigos; mas naõ pòde negarſe, que he dos que merecem eſtimaçaõ. Do meſmo aſſumpto, mas com o titulo de *Colombeida*, ou Expediçoens de Chriſtovaõ Colon, compoz hum Poema Latino Julio Ceſar Stella, que ſendo de poucos annos poderia melhorar, ſenaõ deixaſſe os eſtudos por outros divertimentos.

Alexandre Donato Jeſuita eſcreveo com aceitaçaõ em Latim o Poema de Conſtantino Libertador de Roma, e à ſua competencia eſcolheo o meſmo aſſumpto com pouca diferença, e com emulaçaõ o P. Mombrun da meſma Companhia.

Joaõ Argolo filho de André bem conhecido pelas ſuas obras Aſtronomicas, parece que ſeguio o ſeu

o ſeu genio em eſcolher Endimion, o qual porque obſervou a Lua fingio a fabula, que fora amante de Diana, para aſſumpto de hum Poema Heroico eſcrito em idade de ſette annos, e ſette mezes; e ſahio a luz com eſte Poema à competencia do Adonis do Cavalleiro Marino, ſendo univerſalmente louvado depois que ſe reconheceo ſer obra propriamente ſua feita em taõ pouco tempo, e de taõ poucos annos.

O P. Antonio Milieu Jeſuita Francez ſacrificou em huma doença vinte mil verſos Latinos à ſua mortificaçaõ, ou deſengano, mas houve quem como a Virgilio, livraſſe do fogo o ſeu Poema Latino intitulado *Moſes Viator*; e ainda que naõ parece aſſumpto de Poema Heroico, o P. Buffieres no prologo do Scanderbegius, de que já tratey, o reconhece por hum taõ grande Poeta, que ſoube adornar hum aſſumpto Sacro com as melhores flores do Parnaſſo Chriſtaõ. Julio Strozzi autor do Poema Italiano *Venetia Edificata* deſempenhou hum aſſumpto proprio de hum Poema Epico com acerto. Ao P. Pedro de Mombrun, de que já tratey, devo accrecentar, que naõ havendo autor, que melhor conheceſſe as regras da Poeſia Heroica, como moſtrou nas ſuas Diſſertaçoens, e tendo todas as outras qualidades de grande Poeta, naõ conſeguio, que o ſeu Conſtantino agradaſſe a todos; por onde ſe ve, que naõ baſta a regularidade para fazer agradavel hum Poema. Bom ſeria, que

o Deſ-

o Deſmarets ſatisfizeſſe tanto aos outros, como a ſi meſmo no ſeu Poema de Clovis; ainda aſſim naõ deixey de ſervirme de alguma das ſuas reflexoens ſobre a introducçaõ das fabulas do Paganiſmo dos Poemas Chriſtaõs.

Naõ poſſo negar ao P. Pedro de Moyne no ſeu Poema de S. Luiz parte dos louvores, que lhe deo a diſcreta critica de Mr. Coſtar; e com mais moderaçaõ ſendo tambem Jeſuita o P. Rapin: muitos lhe condennaõ a demaſiada ouſadia Poetica, que outras naçoens naõ eſtranhaõ tanto: alguns querem que o ſeu Poema, e o da Henriade de Voltaire ſejaõ os dous melhores, que até agora tem a Lingoa Franceza, como já diſſe. Por mais que deſejey, que os conſoantes naõ ſe repetiſſem em Oitavas ſuceſſivas, porque a variedade das Rimas he ſempre agradavel aos ouvidos, naõ imitey a puerilidade, a que ſe ſugeitou o autor da *Aquileja Perdida*, de quem obſervou Menage, que em vinte Cantos quaſi naõ repetio conſoante algum, fazendo eſta violencia ainda mais duras, como ponderey, as leys poeticas; o que ſe ve nos acroſticos, onde as Nenias de Faria foraõ ſacrificio da graciosa ſatira de D. Gabriel del Corral Abbade de Touro, e em outros laberintos, e anagramas, a que ſatiriza o Epigrama Francez, ſendo o conceito, que os que voltaõ os nomes tem já voltado o miolo ainda mais que por Poetas por Anagramaticos.

Supoſto que tenho conhecimento de algumas Lingoas,

Lingoas, nenhuma ſey, como a propria, e o meſmo cuido confeſſaraõ todos os que forem verdadeiros, e modeſtos, e ſe o negarem, appello para os nacionaes, que conhecem os idiotiſmos, de que nacem os barbariſmos, e ſoleciſmos, vicios os mais intoleraveis da Gramatica: algumas excepçoens haverá na proſa, menos no verſo, em que os nomes proprios, e apellidos Portuguezes, ou haviaõ de confundirſe com a mudança, ou haviaõ de parecer eſcabroſos conſervando-ſe nas ſuas terminaçoens. No Canto 8. procurey moſtrar a doçura da noſſa Lingoa nas queixas de Aldara, e igualmente achey a Lingoa Portugueza propria para o heroico, e para o amoroſo: no eſtilo medio parece a alguns mais difficil, mas iſto he defeito dos que naõ admitem mediania, nem eſtimaõ ſenaõ o que he eſtranho, e ſe na proſa naõ tem as outras naçoens eſcritor que exceda, e tal vez nem que iguale ao Inſigne P. Antonio Vieyra, Joaõ de Barros, Fr. Luiz de Souſa, Jacinto Freyre, e aos dous Condes da Ericeyra, como tambem nos verſos aos que tenho referido, naõ contando em ambos os eſtilos os que ainda vivem, que muito que eu me contentaſſe com taõ grandes exemplos para naõ deſeſtimar aquella Lingoa, de que diz Camoens, que com pouca corrupçaõ ſe perſuadiraõ os Deoſes que era a Latina?

ESTILO POETICO.

Em todas eſtas largas *Advertencias Preliminares*

nares ſe teraõ viſto as dificuldades, que encontrey para me reſolver no eſtilo poetico, que devia ſeguir. Aſſentey, que neſta parte havia de imitar pouco; pois violentando o meu eſtilo natural, ſeria affectado; e voltando os olhos para a nobre ſimplicidade de Homero, naõ deixando de eſtimalla, como merece, e de reconhecer, que o que hoje parece mais humilde, era grande no ſeculo, em que eſcreveo, e na lingoa, que em todos os ſeus cinco dialectos com tanta elegancia uſou, ſe me fez inimitavel. Naõ ſou taõ deſvanecido, nem taõ ditoſo, que me perſuada que ſegui a admiravel clareza, e elevaçaõ de Virgilio, mas deſejando imitallo, e naõ menos a Taſſo, e a Camoens, encontrey bipartido o Parnaſſo moderno. Decidem os Francezes, que tem bom voto nas materias litterarias, contra os Poetas de voo mais rapido, e de expreſſoens menos intelligiveis; e ſuppoſto que tem dado excellentes preceitos para o Poema Heroico, elles meſmos confeſſaõ, como já adverti, que até agora naõ produziraõ iguaes exemplos: com os dos Gregos, e com os dos Latinos do ſeculo de Auguſto, querem provar com razaõ, que a poeſia hade ſer alta, e clara, como o ſaõ as Eſtrellas. Nas ſuas tragedias, principalmente nas de Corneille, Racine, e alguns outros, e nas Comedias de Moliere, e poucos mais puſeraõ o ſeu theatro na mayor perfeiçaõ, e regularidade, exprimindo as paixões mais heroicas, e mais finas com huma natural ex-

plicaçaõ

plicaçaõ dos movimentos da alma; contra o que chamaõ brilhante falſo, com que diminuiraõ o preço a muitos Poetas modernos, e a alguns antigos da ſua, e de outras naçoens. Os Italianos, como já inſinuey, tiveraõ tres tempos: no de Dante até Petrarca, e ſeus imitadores, floreceo a poeſia pura, e clara, ſubindo mais que Dedalo, porque lhe naõ baſta a mediania, nem ſe verifica nella o *Medio tutiſſimus ibis*; e menos que Icaro, por naõ dar ás agoas de Aganipe com o ſeu naufragio o tragico nome de Icarias. No ſegundo tempo, ou idade da Poeſia Toſcana dizem os ſeus modernos profeſſores, que ſe eſcureceraõ as idéas de que naõ podiaõ nacer claros os conceitos, parecendo-lhe, que o que ſe entendia facilmente era dificil que ſe admiraſſe; e daqui dizem que ſe originou fazer conſiſtir toda a poeſia em fraſes, e epitectos, que deviaõ mais ao artificio de falſos adornos, do que à fermoſura de verdadeiras perfeiçoens; e quaſi reduzidos ſó a palavras cuidavaõ mais em equivocos, paranomaſias, e outras figuras, que devem uſarſe com moderaçaõ, do que na ſolida eloquencia poetica do eſtilo ſublime, e dos conceitos, que perſuadem mais eficazmente, quando ſaõ naturaes, do que ferem por ſer demaſiadamente agudos. Os da ultima idade deſejaõ na Arcadia, de que tenho a honra de ſer Academico, com o nome de Ormauro Paliſeo, que ſe cultive no nobre edificio, que ſe fundou pelo ſeu Protector ElRey D. Joaõ V. dignan-

do-ſe, como ſabio de admitir o nome do Paſtor Albano, a pacifica, e naõ ruſtica ſimplicidade da Grega Arcadia, de que tem ſahido a luz taõ excellentes obras ſobre o modello das antigas. A Graõ Bretanha, e outras naçoens Setentrionaes ſogeitaraõ a ſua poeſia a eſta reforma; mas a ninfa Pirene ainda preſume que os Pirineos ſaõ mais altos que o Parnaſſo, e defende com ardente vigor Heſpanhol a entrada de Heſpanha, e Portugal a eſtes rigidos eſtatutos dos novos criticos. Principiou Joaõ de Mena nas ſuas Treſentas, e em outras obras de verſo de doze ſyllabas à tirar a poeſia da ſua abatida groſſaria. Em Portugal o Infante D. Pedro o igualou, e excedeo: Garcilaſſo de la Vega lhe reſtituio a ternura, e ſuavidade dos antigos Latinos: Boſcan naõ a perdeo; os dous Lupercios tiveraõ toda a heroica gravidade: Gongora a fez voar mais alto, e perderaõ-ſe muitos dos que o ſeguiraõ: D. Antonio de Solis apurou de ſorte a fraze, e animou os conceitos de modo, que naõ o excedeo a deſcripçaõ de D. Antonio de Mendoça, nem os penſamentos de D. Luiz de Ulloa. O eſtilo das Comedias de Calderon ainda conſervou elevaçaõ, e conceituoſa clareza; mas eſtes, e muitos outros, que antes, e depois floreceraõ, e hoje dignamente ſe eſtimaõ, foraõ cada vez mais encobrindo os conceitos nas frazes, e nas alluſoens, e termos quaſi inintelligiveis aos Eſtrangeiros, deſprezando tudo o que naõ participa deſta agudeza,

com

com que o eſtilo Heſpanhol he o que tem ſido mais diverſo nos ultimos tres ſeculos, parecendo-lhe, que declararſe he abaterſe. Quaſi o meſmo tem ſucedido a Portugal, e como já tratey dos autores dos ſeus Poemas Heroicos, direy ſó em commum do genio poetico da minha naçaõ, que perdendo de viſta a Camoens, foraõ poucos os que o imitaraõ: Antonio Barboſa Bacellar tenho por hum dos melhores: Antonio da Fonſeca Soares tem muitos por igual: Bernardim Ribeiro, Diogo Bernardes, e Franciſco Rodrigues Lobo com outros mais modernos, ainda conſervaõ a antiga clareza. Eu com tudo fluctuey entre o goſto da naçaõ, que entende bem a Lingoa Portugueza, como propria, e da Caſtelhana, que de todo naõ a ignora, como veſinha para combater com as naçoens, que me entendem menos, ainda que da poeſia pòde ſer que entendaõ mais, e conſervey, quanto me foy poſſivel, hum eſtilo alto, mas que procurey naõ foſſe eſcuro, huns conceitos, que ſe percebeſſem, e humas figuras, que fogiſſem da declamaçaõ, que naõ ſe dilataſſem nas metaforas, nem fizeſſem frequentes hiperboles, porque ſe ſaõ commuas, admiraõ-ſe menos, e a hyperbaton, ou tranſpoſiçaõ, naõ he na noſſa Lingoa taõ tolerada, ſenaõ quando he menos commua. O eſtilo ſacro deſejey que foſſe com o devido decoro, e decencia; o heroico com gravidade, o ſcientifico ſem oſtentaçaõ, e o medio ſempre em fraſe poe-

tica, e naõ profaica. Obſervey com muitos doutos modernos, que o genio do ſeculo naõ admite tanto, ainda que he de ferro, os combates ſanguinolentos, e as acçoens tirannicas, como os antigos, e que a parte erotica prefere à heroica, o Amor a Marte, e Venus a Pallas: aſſim vay o Poema com a mayor ternura, e pureza, com que pude explicarme, todo cheyo de lances, e affectos amoroſos, que faço ſervir à principal acçaõ ſem interromper a parte ſeria do Poema, ſervindo ſó no deſcanſo das operaçoens militares.

COMPARAÇOENS.

Confeſſo que achey quaſi apuradas as comparaçoens, que ſaõ huns dos mais bellos adornos da poeſia heroica: ſó na Eneida de Virgilio achey 107. e algumas repetidas: Camoens naõ tem tantas como o meu Poema, ainda comparando o mayor numero das minhas Oitavas com o das ſuas, porque naõ chegaõ a 30. e as minhas ſaõ mais de 50. Entre os Gregos depois de Homero he Oppiano mais felice, e abundante nellas, e entre os Latinos modernos Jeronymo Vida na ſua admiravel Chriſtiada, Poema que depois de Sanazaro he dos que melhor uniraõ a poeſia com a religiaõ, por mais que naõ ſatisfaça em tudo ao P. Rapin: O P. Friſon naõ menos illuſtre Jeſuita condenna neſte Poema os dous largos diſcurſos, que Saõ Joaõ, e Saõ Jozé fizeraõ a Pilatos em quanto condennava a Chriſto à morte; porque, como Mr. Bayle tam-

bem

hem repara, naõ eſtava aquelle juiz muito para ouvir ſemelhantes declamaçoens, a que eu acrecento, que até a hiſtoria Evangelica alterou em hum Poema taõ catholico hum Poeta taõ pio neſta, e em outras circunſtancias, e naõ entendo, que ha autor digno de credito, que dilate a Vida de Saõ Jozé até a Paixaõ de Chriſto.

DESCRIPÇOENS.

Com razaõ ſe condennaõ as deſcripçoens muito largas, e naõ julgo que deve chamarſe aſſim a relaçaõ de hum combate, ou hum Epiſodio; e tudo o que naõ he deſcrever miudamente as partes do adorno, que he eſtranho ao Poema, por oſtentar huma vãa erudiçaõ, naõ ſe condennará, como faz Boyleau no Poema do *Alarico*; e os que querem, que Lope de Vega naõ ſe acreditaſſe muito na ſua Jeruſalem, ainda que naõ he para deſprezar nas ſuas partes, naõ negaõ ſerem muito difuſas as ſuas deſcripçoens. Com tudo he permitido deterſe mais tempo em comtemplar huma pintura, que agradavelmente com as ſuas imagens vivas liſongea os olhos, e a faculdade chamada imaginativa; poriſſo me dilatey mais no jardim militar de Axa no Canto 3. no Palacio da Gloria Canto 4. na gruta do 1. e 2. Canto, e nelles deſcrevo as paixões do ſuſto, e goſto de Thereza. O boſque, e a noute do Canto 4. as conſtellaçoens confuſas, e os oraculos nocturnos do 3. a agricultura do 9. o inverno do 10. a aurora, e outras partes do dia, e do anno,

no, com outras muitas mais breves saõ as descripçoens principaes da Henriqueida.

COMBATES.

Nas monomaquias, ou combates particulares, variey, quanto pude, as circunstancias, segundo o caracter dos combatentes, e diversificando-os quanto me foy possivel dos muitos, que se achaõ em Homero, Virgilio, e outros Poetas. He ferós o combate de D. Payo da Cunha, e Almançor no primeiro Canto; breve o do mesmo Principe Mouro com Henrique dentro do Rio Douro; generoso o que o Heróe refere que tivera com Muley no Canto 2. Estranho o de Egas Moniz com Pallas, que tomou a fórma de Zaida, como Homero diz fizera Minerva à de Mentor. Furioso o de Pelayo, e Muley no Canto 3. e mayor o de Egas Moniz com Axa defendendo a tenda do Infante.

Igual o de Muley com Pelayo no fim do torneyo: e mayor de todos o do Conde Dom Henrique com ElRey Hali, em que se acaba o Poema. Intentey reduzir quasi todas as operaçoens militares ao estilo da guerra daquelles tempos, como já disse, mas que naõ ficassem inuteis aos nossos as suas regras. No primeiro Canto se rebate o assalto de Gaya, queima-se a ponte, atea-se hum incendio no campo, vence-se huma batalha: no 3. se vence outra em huma serra, a qual se deo com astucia, e rebelliaõ: no 4. se ganha Lamego por assalto. No 5. se ataca o exercito de Henrique de

noute

noute pelẽ treiçaõ dos cattivos, e ſe executaõ outras operaçoens. No 6. ſe dá a batalha no monte da Nazaré, e ſe ganhaõ Leyria, Pombal por enterpreza. No ſitio de Coimbra, que ſe acha no Canto 10. ſe uſa de todas as maquinas para a expugnaçaõ, e defenſa das Praças; peleja-ſe nas contraminas, nas ſortidas, e nos aſſaltos, até que os Mouros levantaõ o ſitio, tendo viſto o naufragio da ſua armada. No Canto 12. ſe deſcreve a ultima batalha, em que foraõ mortos tres Reys, retirando-ſe a Lisboa ElRey Halí, além de outros combates de diverſos modos.

VERSIFICAÇAM.

Variey a conſonancia das Rimas da Henriqueida de ſorte que ficaſſem o mais longe, que foſſe poſſivel, e cuido que neſta parte naõ ſe achará em muitos Poetas tanta diverſidade, e naõ tomey para os conſoantes mais licenças que as que autoriſaõ os exemplos, como v. g. digno, eſcrevendo-o ſem g, com divino, como uſou Gongora; rito, e afflito, e outros ſemelhantes. Tendo exemplo em todos os Poetas, fogi na meſma Oitava de aſſoantes, e naõ ſey ſe em alguma ficariaõ por deſcuido: tambem me naõ atrevi a introduzir alguns eſdruxulos, como fez Camoens, e agudos, como uſou o meſmo Poeta, e outros muitos, e naõ ſey ſe com razaõ ſe tirou à poeſia heroica eſta liberdade, que ſe deixou aos verſos menores, naõ fazendo falta na muſica eſta ultima ſyllaba, que

lhe

lhe diminue huma nota, eſcolhendo ſempre por mais harmonioſos os ſinaes agudos para o fim das Arias. Uſo mais de fazer o hemiſtiquio no aſſento da ſexta dos verſos hendecaſſylabos do que na quarta, e às vezes o faço em ambas, como he permitido. As ſinalefas faço quantas vezes poſſo ſem offenſa da pronuncia, que nos antigos era mais vagaroſa, fazendo, por exemplo, a palavra *glorioſo* de quatro ſyllabas, que agora ſe reduz a tres ſómente, mas algumas vezes tomo a licença de naõ as fazer ſeguindo o uſo, e pronuncia da Lingoa Portugueza. Fogi taõbem quãto pude das ſinalefas das palavras, que acabaõ em m, por me parecerem aſperas, ainda que algum Poeta grande quer, que ſeja obrigaçaõ fazellas, quando terminaõ por E, e M, emendando-me eſte verſo:

Sabendo que renacem eſperanças.

Com outro verſo, que tem por mais conſtante:

Sabendo que renacem as eſperanças.

Porém neſte, e em alguns ſemelhantes naõ mudey de opiniaõ, porque a Lingoa Latina, que faz ſinalefa no M, nem ſempre dá regras ao uſo da Portugueza, onde o eſcrever, como ſe pronuncia, he a melhor norma, e propriedade. Na palavra *Heróe* quiz tambem o coſtume, que ſe pronunciaſſe mais vezes com duas ſyllabas, como ſe foſſe *heroy*; porém muitas, como eu tambem faço, he de tres ſyllabas com aſſento na primeira, como ſe foſſe *hèroe*, e póde ſer que o mais proprio foſſe, como

mais

mais chegado à origem, ſer tambem de tres ſyllabas com o aſſento na penultima *heróe*, e no plural o vſaraõ aſſim os Heſpanhoes, ainda que prevaleceo o aſſento na primeira dizendo hèroe, e hèroes. Eſtas, e outras duvidas ſobre a teorica, e pratica dos verſos vulgares tem facil emenda; porque ſe quem os lè, for Poeta, ou ao menos tiver bom ouvido, elle meſmo lhe dará a ſua natural cadencia, e ſenaõ o for, naõ lhe conhecerá o defeito do verſo: e muitas vezes obſervey, quando duvidava ſe algumas obras metricas, que me moſtravaõ, eraõ de quem o dizia, o experimentava eu lendo alguns verſos errados, a que naõ acodiaõ, ſenaõ os tinhaõ compoſto; o que melhor ſe examina na muſica. Porque naõ pareça vaidade, deixo de apontar alguns verſos, de que com admiravel arte ſe valeo Virgilio, exprimindo na compoſiçaõ do meſmo verſo a meſma acçaõ, que deſcreve. No Canto 1. digo:

Correo, cahio precipitadamente.

E no meſmo Canto

Alfanges brilhaõ, e tambores ſoaõ.

NUMERO DE VERSOS.

Nas notas da Arte Poetica de Ariſtoteles faz o erudito Mr. Dacier huma juſta reflexaõ, pois entendendo contra muitas opinioens, que a Eneida de Virgilio conta huma acçaõ, que durou quaſi ſette annos, quando muitos commentadores a reduzem a hum ſó, e a menos; e que a Odiſſea, co-

mo he mais provavel, dura 8. annos, e a Illiada ſó 47. dias ; porque ſendo a colera de Aquiles a cauſa, naõ era veroſimil, que duraſſe muito mais o ſeu effeito, como já dey a entender tratando do tempo, que dura a acçaõ do meu Heróe. Paſſa Mr. Dacier depois de concluir que a duraçaõ da fabula heroica do Poema naõ tem tempo determinado, a preguntar o numero de verſos, de que hade comporſe, e interpretando hum lugar de Ariſtoteles, em que louva os Athenienſes, porque em hum ſó dia ouviaõ muitas tragedias, ficando-lhe na memoria, julga que hum Poema ha de poder lerſe tambem em hum ſó dia para que ſenaõ perca o fio, nem a memoria do principio até o fim da acçaõ; e deixando eu outros exemplos, me parece que o numero de 1600. Oitavas, que comprehendem 12800. verſos, era o que mais ſe conformava com eſta regra ; pois ſe Virgilio nos doze Livros da ſua Eneida, que he o meſmo numero de Cantos, em que reparti a minha Henriqueida, fez 10880. verſos, quando os meus a onze ſyllabas fazem 140800. ſyllabas, arbitrando os verſos exametros do meſmo Virgilio a quinze ſyllabas cada hum, que he o numero, que comprehende a mayor parte delles pela alternativa de tres Dactylos, e tres Spondeos, ainda que haja muitos de quatorze ſyllabas, mas poucos de dezeſeis, alguns de treze, e rariſſimos de dezeſette, e ainda mais raros os Spondaicos, que pódem ter ſó doze, fica juſto o arbitrio de quinze,

com

com que tem Virgilio por esta conta curiosa 163200. syllabas, que saõ 22400. mais do que o meu Poema, em que a 88. syllabas cada Oitava, fariaõ 215. Oitavas mais com pouca diferença; porém nem nesta parte aspiro a igualar a Virgilio; e porque só na quantidade dos versos, e naõ na qualidade posso competir com Camoens para affirmar com verdade, e sem offensa da modestia, que he mayor a Henriqueida, do que os Lusiadas, comprehende aquella 500. Oitavas mais, porque o Poema de Camoens nos seus 10. Cantos tem só 1100. Oitavas, e a Jerusalem libertada de Tasso 2196. Stanças, ou Oitavas, que fazem 16788. versos, e 596. Oitavas mais do que se achaõ na Henriqueida; com que pela primeira conta tem mais extensaõ o Poema de Tasso do que o de Virgilio. Deixo o exemplo de Marino, de que o ultimo Canto só dos vinte, em que dividio o Adonis, tem mais de 500. Oitavas, que he quasi a terceira parte do meu Poema, escrevendo a sua affluencia 5040. como já disse, a assumpto taõ pouco heroico. Tambem na diversa grandeza dos Cantos ha tanta varieda'e, que em Camoens se acha hum, e vem a ser o 7. com 87. Oitavas, e outro, que he o 10. com 156. sendo o mayor elogio deste Poeta o que ref. re Manoel de Faria dizendo hum homem douto do seu tempo, que aquelle Poema havia de ser taõ breve, que logo se tomasse de memoria, ou taõ largo, que nunca se acabasse de ler.

Naõ ſey ſe he paradoxa a opiniaõ, que ſigo, de que a mayor parte dos Poetas naõ cuidaraõ na allegoria, que o ſeu engenho, ou o dos ſeus commentadores lhe deſcobrio depois de acabados, o que naõ he dificil, pois encaminhando-ſe ſempre toda a Poeſia Heroica, e Tragica, e ainda a de outras eſpecies a unir o ſuave com o util, fazendo-ſe triunfante a virtude, e caſtigado o vicio, ſendo as maximas, os preceitos, e as acçoens verdadeiras, ainda que fabuloſos os exemplos, todo o Poema póde ter ſem outra applicaçaõ a ſua allegoria.

Naõ cuido eu que Marino no ſeu Adonis teve as idéas, que lhe attribue D. Lourenço Scoto, que fez a Allegoria daquelle Poema; porque ſe Marino procuràſſe perſuadir tanto as virtudes, naõ pintaria com taõ liſongeiras cores os vicios: bem ſey que nas fabulas antigas ſe pertendem achar as melhores maximas da Filoſofia Moral; mas no meu Poema procurey combater em poucas palavras eſta opiniaõ, como póde verſe em huma Oitava do Canto 1. que he a ſeguinte:

Tinha eu lido, que a Deoſa caçadora
Em ſonhos a Endimion favorecera;
Oh quem de tantos males precurſora
Taõ danoſos exemplos nunca lera!
Aſſim ſe infama o numen, que ſe adora,
Que nelle a meſma culpa ſe venera?

Falſo

Falso rito, que tem cego, e inculto,
O vicio claro, o documento occulto!

O que tenho por mais certo he, que as fabulas tiveraõ a ſua origem em algumas hiſtorias verdadeiras, que a mentiroſa Grecia (como diz o Poeta) ſe atreveo a alterar na ſua hiſtoria, e na ſua poeſia, e taõ ouſadamente, que ſendo infaliveis as hiſtorias das Eſcripturas, desfiguraraõ elles a verdade, e naõ duvido que a applicaçaõ allegorica, e moral, foſſe feita depois; porque ſenaõ entendeſſe que o exemplo dos Deoſes autoriſava os mais enormes delictos; e aſſim verifico eſte ſiſtema com mais razaõ nos Poemas, do que a conjectura, que faço nas fabulas; pois he certo, que os apologos, de quem fazem autor Eſopo, e alguns a Socrates, como os Orientaes a Locman, naõ póde negarſe, que ſaõ inteiramente moraes, e allegoricos: e poriſſo confeſſo ſinceramente, que ſó eſcolhi a acçaõ pela gloria de Portugal no principio da ſua fundaçaõ, como Eſtado livre, e o Heróe, como hum Principe generoſo, e adornado de virtudes catholicas, moraes, militares, e politicas, e que com o favor Divino merecido pela ſua ardente piedade, livrou os ſeus Eſtados dos barbaros ſacrilegios Mahometanos; e todos os outros caracteres concorrem para eſte fim, que tive por taõ natural, que naõ multipliquey tanto as maximas, e dogmas moraes, e politicos, que quaſi ſempre ſaõ lugares comuns, e entendi, que baſtavaõ as reflexoens poeticas,

cas,que augmentey para liſongear o goſto moderno de Heſpanha; porque algum he taõ dificil, que naõ admite Oitava ſem conceito, quando eſtes, ſe ſaõ comuns, naõ ſe eſtimaõ, e interrompem a narraçaõ; o que naõ faz o eſtilo, e fraſe poetica, quando naõ ſahe do aſſumpto, a que deve proporcionarſe.

IMPRESSAM.

Principiey a eſcrever eſte Poema em Julho de 1720. eſtando em Coimbra, e em pouco mais de hum mez acabey os primeiros quatro Cantos. Alguns dos homens doutos daquella Univerſidade me animaraõ a ſeguir eſta empreza, e me fez reſolver o R. P. Fr. Caetano de S. Jozé Carmelita Deſcalço, de que o juizo, a erudiçaõ, e a verdade faz juſtamente opiniaõ ſegura na Republica Literaria: continuey algum tempo depois o quinto Canto, e com huma ſuſpenſaõ de onze annos fiquey cultivando na Academia Real da Hiſtoria Portugueza em muſas mais ſeveras todos os meus eſtudos. Na Academia Portugueza, que renovando a Generoſa, ſe continuava naquelle tempo em minha Caſa, li os cinco Cantos, e recebi as correcçoens dos Academicos. Depois emendey tudo o que doutamente me advertio Martinho de Mendoça de Pina, e de Proença, de quem o nome baſta para o elogio: o meſmo digo de Alexandre de Guſmaõ, que fez hum judicioſo exame da Henriqueida, e era hum dos Cenſores deſta obra; o R. P. D. Manoel Caetano

tano de Souſa, que unio ſempre as mais ſublimes faculdades à Filologia; o Inquiſidor Filippe Maciel interrompeo as ſuas nobres occupaçõeſ para emendar eſte Poema; o Doutor Franciſco Xavier Leitaõ, e outros Academicos acharaõ em mim a devida docilidade as ſuas juſtas reflexoens, e ſenti que a diſtancia em que vive, com grande dano das boas letras da Corte, Franciſco Botelho de Vaſconcellos me naõ deixaſſe comunicarlhe mais que os primeiros Cantos, e ſenaõ foy effeito da ſua cortezania, naõ os achou indignos de continuarſe, o que eu faria felizmente, ſe ſoubeſſe imitar o ſeu Alffonſo: e ſe os ſuperiores empregos politicos, e militares, que para illuſtrar outras Cortes exercitava o Senhor Conde de Tarouca, o naõ tiveſſem roubado à noſſa deſde o anno de 1709. ſeria elle o primeiro, a quem eu conſultaſſe, e a quem ſeguiſſe, como fiz deſde os meus primeiros annos, porque o reconheço por hum dos primeiros Poetas do noſſo ſeculo, a quem o roubou ha pouco tempo a morte: aos eruditos Marquezes de Alegrete devi ſabias admoeſtaçoens: outros Cenſores me haõ de dar os Tribunaes, que mandaõ examinar a Henriqueida, e já ſe antecipou a approvala antes de a ler (porque depois ſeria mais eſcrupuloſa a cenſura) o Senhor Conde de Vimioſo, que com o Senhor Marquez de Valença ſeu Pay, ouviraõ algumas partes deſte Poema; e a ſua erudiçaõ, ſinceridade, e bom goſto unidos à ſua benevolencia, me tiraraõ da duvi-

da,

da, em que eſtava de que paſſaſſe de manuſcrito a impreſſo. Agora ſahe a luz pelo muito que me incitaõ os curioſos, ſem me dar tempo para algumas eſtampas, e ornatos, que ſó o podiaõ fazer plauſivel. Póde ſer, que ſe for digno de ſegunda ediçaõ, ſeja mais polido, emendando o que judicioſamente me advertirem os que o lerem, e acreſcentando ás ligeiras notas, que agora ſe acharaõ no fim da Henriqueida, as de que elles entenderem neceſſita, advertíndo-me eſta falta os Leitores judicioſos, ſenaõ ſe entenderem alguns verſos, o que ſó ſerá, porque eu naõ declaraſſe bem o ſeu ſentido.

PROTESTAÇAM.

OS Decretos Pontificios permitem, como já referi, que os Poetas fallem em Deoſes, deoſas, deidades, fado, deſtino, fortuna, e outros termos da antiga, e falſa idolatria, e tambem que ſe refiraõ alguns ſucceſſos, que parecem milagroſos, e virtudes extraordinarias ſó com a fé pia, que ſe lhe dá em quanto a Igreja Catholica os naõ autoriſa. Com ambas eſtas deciſoens proteſto conformarme neſte Poema, e em todas as minhas obras, como filho obedientiſſimo da Santa Igreja Catholica Romana, e aſſim o firmo com o meu nome. Lisboa 15. de Fevereiro de 1740.

O CONDE DA ERICEYRA.

HENRI-

HENRIQUEIDA

CANTO I.

Argumento.

ENtra Henrique na gruta miſterioſa,
Temem, que nella acabe o varaõ forte:
Gaya faz reſiſtencia valeroſa,
Na batalha acha o Mouro oppoſta a ſorte:
Sahe o Heroe da cova tenebroſa,
Tem Almançor no Douro a dura morte:
De Mulei ſente Aldara o fado eſquivo,
E a quem a cativou deixou cativo.

I.

Eu canto as Armas, e o Varaõ famoſo, Nota 1.
Que deo a Portugal principio Regio,
Conſeguindo por forte, e generoſo,
Em guerra, e paz o nome mais egregio;
E animado de eſpirito glorioſo
Caſtigou dos infieis o ſacrilegio
Deixando por prudente, e por ouſado,
Nas virtudes o Imperio eternizado.

2.

Europa foy da eſpada fulminante
Teatro illuſtre, victima glorioſa,
Aſia vio no ſeu braço a Cruz brilhante,
E ficou do ſeu nome temeroſa:
De Africa a gente barbara, e triumfante
Selhe poſtrou rendida, e receoſa
Para ſer fundador de huin quinto Imperio
Que do Mundo domine outro Emisferio.

3.

Nota 2. Direy, como depois da alta aliança
Conquiſtou valeroſo em dura guerra
Quanto paiz em Portugal alcança
Do Douro ao Tejo a dilatada terra:
Ou morre o Mouro à inclita vingança,
Ou cobarde do Reyno ſe deſterra;
Porque no juſto Imperio ſinta afligto
Duas penas a hum barbaro delicto.

4.

Nota 3. Naõ Caliope heroica agora invoco,
Tu me inſpira ò Deidade, que celeſte
Para a epica tuba, que hoje toco,
Teu inflamado eſpirito me déſte:
Pois ſe por ti meus numeros provoco,
E ſe influencia eterna concedeſte,
Voarey ſuperior à meſma Vrania
Até cantar o Herôe de Luſitania.

5.

Nota 4. Excelſo deſcendente Antonio Auguſto
Naõ ſó do meſmo ſangue derivado,
Mas que no proprio coraçaõ robuſto
Moſtrais igual eſpirito esforçado:
Se tenho no reſpeito hum nobre ſuſto
Para temer hum Nume taõ ſagrado;
Vòs fareis, que a Real benignidade
Modère do reſpeito a auſteridade.

6.

Se achar em Vòs o claro patrocinio,
Italia, e Grecia haõ de admirar meu canto;
E já outro glorioſo vaticinio
A idea me arrebata em furor ſanto,
Pronoſticando que em feliz dominio
Hà de em Vós outro Imperio alcançar tanto,
Que eu a voſſa conquiſta ainda publique,
Para que iguale Antonio ao meſmo Henrique.

7.

Voe a penna por Vòs à ſacra eſfera
Do Excelſo ſucceſſor do claro Imperio
Fundado por Henrique, aquem venera
Com mais duravel gloria outro emiſferio:
Que ſe Vós a guiais, ſe conſidera
Digna de deſcrever tanto miſterio:
Nada tema, ſe a ſorte quiz que achaſſe
Hum Mecenas, que a Auguſto ainda igualaſſe.

8.

Henrique de Borgonha, que eterniza
Para a poſteridade a rara empreza
Já do Luſo paiz a terra piza,
Que Afonſo de Leaõ deo a Tereza;
O premio do valor ſe immortaliza
Ao conſeguir taõ inclita belleza,
Naõ no Reyno, que aceita ſem ganhalo,
Mas na occaſiaõ, que tem de conquiſtalo.

9.

Em dote o Grande Afonſo eſte direito,
Naõ ſò o que poſſue lhe offerece,
Que a eſperança fundada em forte peito
Por conquiſta ſegura ſe conhece:
Darlhe o que o Mouro occupa, he hum effeito
Da opiniaõ, com que a dadiva ennobrece;
Porque hum largo paiz por pouco admita,
Que o que ha de conquiſtar naõ ſe limita.

10

Grande, em eſforço, em numero, peqneno
Exercito ſeguia ao Varaõ forte,
E a multidaõ immenſa do Agareno
Julga emprego a cem braços cada morte: Nota 5.
Nada perturba o animo ſereno,
Nada recea da inconſtante ſorte,
Quem ou a encontre oppoſta, ou opportuna,
Tem na virtude o imperio da Fortuna.

11.

Ao Douro prateado a margem de ouro
Bordava ainda acampado em brancas tendas
O exercito invencivel, ſendo o Douro
Quem rapido ſepara eſtas contendas:
Teme que ainda naõ baſte, ó feroz Mouro,
O rio para foſſo, em que defendas
O teu Paiz da Luſitana furia
Que há de vingar da patria a antigua injuria.

12.

Deſde o Porto a conquiſta principiando
Do novo Reyno, que fundar procura,
Já com feliz auſpicio hia formando
O claro nome, que nos evos dura:
Ao exercito o emporio ſuſtentando
A ſubſiſtencia às tropas aſſegura,
Porém ao Mar a Mahometana armada
Opprime numeroſa, corre ouzada.

13.

A idea vacilante nos projetos
De vadear o tumido embaraço,
Dos perigos creciaõ nos objetos
Mayores glorias ao invicto braço:
Nova guerra, e mais dura nos afetos
Temia de huma auzencia no ameaço,
Se no Porto deixaſſe mal ſegura
Da Regia eſpoſa a amada fermoſura.

14.

Paſſando à parte auſtral o caudeloſo
Rio, que os inimigos diſputavaõ,
Se evitaſſem ſeu braço valeroſo,
Outro danno mayor ameaçavaõ,
Pois da noite no azilo tenebroſo,
Se do Douro a paſſagem lhe deixavaõ,
A entrepreza do Porto intentariaõ,
Ou por bloqueo a Praça ganhariaõ.

15.

Conduzido do proprio penſamento,
Naõ podia ter guia mais illuſtre,
Prevenindo prudente o vario intento,
Teme valente que a occaſiaõ ſe fruſtre,
Expoem o que mais ama a algum violento
Succeſſo, que o triunfo lhe desluſtre,
E a ſi ſe expoem, ſe na inacçaõ ſuſpende
A gloria, a que o ſocego ſempre offende.

16.

Aſſim paſſou de todos ſeparado
De Gaya às antiquiſſimas ruinas, Nota 6.
Que tinha com raſaõ fortificado
Da parte auſtral das agoas criſtalinas:
De huma gruta buſcou centro ignorado,
E merecendo inſpiraçoens divinas,
Hum Angelico eſpirito, a que invoca,
Quer que ouça as vozes deſta muda boca.

17.

Da horrenda gruta a entrada defendiaõ
Agudas folhas da arvore do Averno;
E enlaçadas raizes, que ſe uniaõ,
Mais que de Gordio no embaraço eterno: Nota 7.
Penhaſcos deſde a terra ao Ceo ſobiaõ
Lubricos os fez tanto o frio inverno,
Que Henrique vio, ſubindo reſolutos,
Precipitarſe os mais velozes brutos.

18.

O mar, e a terra em horrida diſputa
Gritavaõ com clamores deſmedidos;
Que naõ entraſſem na funeſta gruta
Os que aſſim o intentavaõ preſumidos:
A conſtancia mais forte, e reſoluta,
De ondas, e rochas tragicos bramidos,
Temia vendo vnirſe em dura guerra
Contra hum-sò coraçaõ o Mar, e a Terra.

19.

Naõ fingidos dragoens de hum falſo encanto
Com fantaſtica idea fabuloſa
Intentaraõ formar tragico eſpanto
A quem vence a conſtancia valeroſa:
Nota 8. Mas o bruto Neméo, e o de Erymantho,
Multiplicou a ſerra prodigioſa,
E o varaõ ſempre invicto naõ recea
Nota 9. Incendios de Deyanira, nem de Althea.

20.

Nota 10. Africos ſaõ os ventos mais ſuaves,
Cicutas ſaõ as plantas mais amenas,
Funebres Corvos as mais doces aves,
Inundaçoens as agoas mais ſerenas:
Nota 11. Naõ ſe achem de Trofonio os ſonhos graves,
Que aqui ſe encontraõ verdadeiras penas,
Mas por mais que os horrores multiplique,
A todos vença hum coraçaõ de Henrique.

21.

Aves, penhascos, feras, troncos, ramas,
O Heroe venceo, e os meſmos elementos,
Pois fez o coraçaõ com vivas chamas
Secar as ondas, e acender os ventos:
Tu, diz Henrique, ó Genio, que me inflamas,
De ſacrilegos livra os meus intentos;
Deixarey hum perigo, que ſe encobre,
Venerando ao ſagrado hum medo nobre.

22.

Se o Ceo reſerva algum ſegredo oculto
Na ignorada regiaõ deſte emiſferio,
Mas que o julguem temor, ſeja o meu culto
Quem deyxe impenetravel o miſterio:
Naõ quero ao preço do mais leve inſulto
Comprar a gloria do mais alto imperio:
E aſſim ſegurarey por varios modos;
Que ſe eu temo emprendelo, o temaõ todos.

23.

23.

Póde ſer que o meu barbaro contrario
Deſprezaſſe o miſterio tenebroſo,
Que ſempre he contra o Ceo mais temerario
Quem mais vezes no mundo he temeroſo:
Ninguem me vé no ſitio ſolitario,
Deixar pudera hum riſco naõ forçoſo,
Mas ſe o Ceo me aſſegura da impiedade,
Busco a victoria livre da vaidade.

24.

Se, como a fama conta, foy ao Mouro
Util huma imprudencia de Rodrigo, Nota 12.
Deſprezando em Toledo o triſte agouro,
Que ſempre reſpeitára o tempo antigo,
E o que eſperava nitido teſouro,
Se transformou em vozes do caſtigo,
E neſte vaõ, e occulto cenotafio Nota 13.
Leo do Gotico Imperio o epitafio.

25.

Eu de mais alta cauza commovido,
Naõ de humana ambiçaõ hoje incitado,
Em lugar deſſe Reyno deſtruido,
Outro eſpero, e mayor, deixar fundado:
Na eſpada a Cruz me faz mais atrevido,
No eſcudo a Cruz me faz mais animado: Nota 14.
O Inferno tema eſta ſagrada offenſa,
Que eu naõ o temo, tendoa por defenſa.

26.

Diſſe: e ſubindo a inacceſſivel penha,
Qual bizarro Falcaõ, que da eſcabroſa
Alcantilada rocha ſe deſpenha
Para opprimir a Garça receoſa:
Dece apreſſado à gruta, em que ſe empenha
A inveſtigar a entrada tenebroſa;
E a illuminou o eſpirito brilhante
Aos reflexos da eſpada rutilante.

27.

Nota 15. Como o Douro divide a antigua Gaya
Do ſegundo Ramiro deſtruida,
Da moderna Cidade, que na praya
Fez a naçaõ Sueva prevenida;
Nadante ponte a criſtalina raya
Deixava dominada, e opprimida;
Nota 16. E a guarniçaõ mandava o forte Helvidio
Do caſtello arruinado no preſidio.

28.

Vio, que Henrique cahia do rochedo,
E o naõ vio mais, mas capitaõ prudente,
Por naõ dar aos ſoldados juſto medo,
Naõ fia à voz o triſte mal, que ſente:
Subir pretende ao aſpero penedo:
Correo, cahio precipitadamente;
E hum ſoldado, que o ſegue com acordo,
No retiro aproveyta o deſacordo.

29.

Mas como tambem vio do Grande Henrique
O ineſperado tragico ſucceſſo,
A dor ſem prevençaõ faz que publique
A mayor perda com mayor exceſſo;
E a Fama, porque os males multiplique,
Voando com triſtiſſimo progreſſo,
Leva a noticia da funeſta empreſa
Ao exercito, à Praça, e Princeſa.

30.

No campo os Generaes correm velozes
Nota 17. A Egas Monis com apreſſados gritos;
He morto Henrique dizem triſtes vozes,
E muitos de as ouvir paſmaõ aflitos:
Golpes taõ repentinos, como atrozes,
Cauzaõ da dor eſſeytos infinitos,
Que o amor com impulſos taõ terriveis
Venceo os coraçoens ſempre invenciveis.

31.

No Porto as meſmas pedras das muralhas
Pareciaõ ſenſiveis aos clamores,
E quaſi deſcobriraõ as medalhas,
Que enterraraõ os claros fundadores:
Os povos ja taõ deſtros nas batalhas,
Que igualaõ os Soldados vencedores,
Ao pronto ſuſto de pezar taõ alto
Se rendem à entrepreza deſte aſſalto.

32.

Eco contra os amantes vingativa Nota 18.
Das antiguas injurias de Narciſo,
Das noticias mais triſtes expreſſiva
Multiplica no ar o infauſto avizo:
Mas da bella Tereſa compaſſiva,
Lhe deyxa ouvir confuſo hum mal preciſo;
Que fizera a duriſſima certeza,
Se quaſi mata a duvida a Tereza?

33.

Se naõ morre ao aſſalto repentino,
He porque o coraçaõ fiel, e juſto
Guarda na vida hum ſentimento fino,
Que com o alento immortalize o ſuſto:
Rogando eſtava ao Protector Divino.
Pelas victorias do Varaõ auguſto;
E com taõ bem nacida confiança
Mais crè, que ao deſengano, a eſta eſperança

34.

Henrique he vivo: diſſe, e ſe o contagio
Do contrario rumor perverte os ares,
Primeiro mo diſſera algum preſagio,
Que ſaõ muy prevenidos os peſares:
E primeiro eu morrera no naufragio
Dos olhos deſatados em dous mares,
Do que ninguem ſoubeſſe a dura ſorte
Da vida, em que ainda vive a minha morte;

35.

Buſcay melhor, ó Generaes valentes,
O centro reſervado, o ſitio inculto,
E trazeyme as reliquias excellentes,
Porque eu crea o meu mal, e elle o meu cult o:
Entaõ ſerà das cinzas ainda ardentes
Nota 19. Meu peyto o mauſoléo, vivendo occulto,
No meſmo coraçaõ, em que arde activo
O incendio morto em holocauſto vivo.

36.

Neſte tempo de infame intelligencia
Nota 20. Informado o terrivel Iſmaelita,
Aſſaltou Gaya, e com feroz violencia
Arroja à ponte maquina exquiſita:
Ferido Helvidio fez tal reſiſtencia
Contra a barbara turba, e infinita,
Que a pena ſó lhe ſerve no perigo
De animalo á vingança, e ao caſtigo.

37.

O Africano Gigante Alcidemonte
Sem arrimar eſcada ao alto muro,
O excedeo tanto com a horrenda fronte,
Que ficou indefeſo, e mal ſeguro:
Nota 21. Hum monte pareceo ſobre outro monte,
Ou que Tifeo ſacrilego, e impuro
Intentou com a barbara ouzadia
Apagar com hum aſſopro a luz do dia.

Nota 22. 38.

Porem Dom Mendo Portuguez galhardo
Veloz arroja em golpe penetrante
A hum dos olhos hum tiro, e fez o dardo,
Nota 23. Que Ciclópe acabaſſe eſte Gigante:
Os Mouros, que o ſeguiaõ ſem reſguardo,
Debaxo do Coloſſo fulminante,
Quando cahio a eſtatua horrenda e dura,
Juntas acharaõ morte, e ſepultura.

39.

39.

A o meſmo tempo pela oppoſta parte
Aſſalta o muro Muſtafà valente,
Que tem força inferior, mas tem mais arte,
E he na Guerra mais forte o mais prudente:
No militar officio ao meſmo Marte
Cuida que excede com valor ſciente;
E no eſcudo gravára mil empreſas
De expugnaçoens, aſſedios, e entrepreſas.

40.

Com quinhentos Numîdas eſcolhidos
Huma portatil fabrica guiava,
Que até nos tardos paſſos, e medidos,
O vagaroſo Amphibio retratava:
Eraõ de aço os reparos taõ luzidos,
Que aos defenſores o fulgor cegava:
Como ſeria activa a ſua offenſa,
Se era ainda offenſiva na defenſa!

Nota 24.

Nota 25.

41.

Ao chegar à muralha, de repente
A concha ſuperior, que ſe levanta,
Iguala o parapeito, e prontamente
A milicia ſe anima a empreſa tanta:
Com as eſcadas a Africana gente
Sobe cuberta, e tanto ſe adianta,
Que ja ſobre as ameas, que coroaõ,
Alfanges brilhaõ, e tambores ſoaõ.

Nota 26.

42.

Acode a tanto danno o Graõ Roberto,
Francëz illuſtre, em armas invencivel,
Em defender as Praças taõ experto,
Como em ganhalas Muſtafá terrivel:
Tinha ali de penedos encuberto
Hum numero taõ grande, e taõ horrivel,
E os fez cahir com tal deſembaraço,
Que a pô ſe reduzio o monte de aço.

43.

Ficaraõ os Numîdas ſepultados
Na voluvel de marmore montanha,
E taõ profundamente ſoterrados,
Que inficionar naõ podem a campanha:
Sò Muſtafá mais deſtro que os ſoldados
Livrou a vida com fortuna eſtranha:
Fiado de Roberto na piedade,
Perde dentro da Praça a liberdade.

44.

Naõ tem melhor ſucceſſo outra nadante
Maquina ardente, que a queimar a ponte
Tambem mandava o barbaro arrogante,
Que ſobre as agoas rayos brote hum monte!
Nota 27. Correa vendo o Ethna fulminante,
Que as chamas eſpalhava no Orizonte,
E a ponte, que de barcas he formada,
Da inflamada materia ameaçada:

45.

Como valente, e deſtro prevenira
Nadando na corrente alguns madeiros,
De hum batel os conduz, e ouzado gira
Entre os tiros dos barbaros guerreiros:
Com a violencia a maquina retira,
Que retrocede os impetos primeiros,
E encalhando outra vez na propria arêa,
Nas tendas Mahometanas fogo atêa.

46.

Todo o campo Agareno em chamas arde,
E aos Luſitanos favoravel vento,
Porque o ſeu pronto eſtrago naõ retarde,
O incendio leva rapido, e violento:
Em terra, e agoa o perfido cobarde,
Em fogo, e ar, naõ acha hum elemento,
Para donde fogir de hum tal caſtigo,
Nota 28. E atê naõ cabe o medo no perigo.

47.

Como de hum boſque os troncos elevados
Ao impulſo veloz de hum forte vento
Cahem da pronta furia deſtroçados,
Perdendo humildes o dominio izento;
Aſſim foraõ do fogo devorados
Pavilhoens, que ſobindo ao Firmamento
Sobre troncos altiſſimos de Pinho,
Eraõ mudaveis arvores de linho.

48.

Qual das abelhas o eſquadraõ volante,
Sentindo na colmea ardente eſtrago,
Foge ligeiro com ſuſurro errante,
Para que o ar lhe dé o azilo vago;
Aſſim já deixa o campo vacilante
O exercito Agareno, que preſago
Pudera exporſe a ardores taõ activos,
Antes do que ſofrer outros mais vivos.

49.

De Gaya os valeroſos defenſores
De novos batalhoens ja ſocorridos
Saltaõ os muros com marciaes ardores
Por Dom Payo da Cunha conduzidos;
E os Mouros, que os eſtragos, e os terrores
Viaõ por tantos modos repartidos,
Ainda aſſim à ſortida ſe oppuſeraõ,
E com numero inmenſo a combateraõ.

Nota 29.

50.

O Principe Almançor fero Africano
De Annibal era o emulo ambicioſo,
E hum ſonho crê, que lhe aſſegura ufano,
Que Henrique he morto, e elle victorioſo:
No campo ouvindo logo o caſo inſano
Do imaginado fim do Heroe famozo,
Ja tem por infalivel a victoria,
Faltando tal contrario, he pouca a gloria.

51.

Fieis ſequazes do mayor Profeta,
Clama o impio com voz alta, e ſonora,
Nota 30. Ainda algum terror panico inquieta
Quem vencedor já vè o Deos, que adora?
Da omnipotente maõ a aguda ſeta
Matou a Henrique, e já no inferno mora,
Quem por decreto iniquo, mas profundo,
A Mahometana Ley tirára ao Mundo.

52.

Nota 31. Vivo a gruta fatidica o enterra,
Sacrilego em buſcala ao Ceo provoca,
Ambicioſo da pena entrou na terra,
Por donde abrio o Abiſmo a horrivel boca:
Nota 32. Já do noſſo emiſferio Alá deſterra
Quem falſa religiaõ impuro invoca;
Eſte terror nos ſeus corre difuſo,
E deixa o ſeu exercito confuſo.

53.

Naõ queimarmos a ponte he providencia,
Pois por ella com ultima ouzadia
Vaõ desfilando, e faltos de ſciencia
Nos moſtraõ a ignorancia na porfia:
Ja do ſeu General a experiencia
Acharaõ menos, e hontem, que vivia,
Naõ quiz paſſar o rio temerario,
Reſpeitando o valor de hum tal contrario.

54.

Naõ pode no breviſſimo recinto
De Gaya ainda caber baſtante força,
Que em terreno cortado, e taõ ſuccinto,
Forme em batalha o corpo, que a reforça:
Vereis o rio do ſeu ſangue tinto,
Se eſte pequeno exercito ſe esforça
A offerecerſe victima da eſpada
Da noſſa multidaõ bem ordenada.

55.

Ouvindo eſtes acentos efficazes,
Correm crueis, avançaõ-ſe ligeiros
Os Mouros, como os Lobos mais vorazes
A tragar ſem paſtor poucos cordeiros:
A Mafoma, que ſeguem contumazes,
Invocaõ com clamores liſongeiros,
Almançor, que os incita, e que os ordena,
Na meſma culpa lhes fomenta a pena.

56.

Cahe ferido o Luzo Leovigildo Nota 33;
A' lança de Almançor irreſiſtivel,
Vay ſocorrelo o Godo Hermenegildo,
E o mata o meſmo ferro em golpe horrivel;
Do Leonez, e valente Atanagildo,
Que ſempre prezumira de invencivel,
Ainda que a maõ direita o Mouro offende,
Com o Alfange na eſquerda ſe defende.

57.

Cobrando força o fere com tal furia,
Que ſe ao verſe ſem redeas o cavallo,
Lhe naõ fizeſſe a involuntaria injuria,
De que a primeira vez viſſe voltallo,
Sentira o Africano a ouzada incuria
De atreverſe ſem armas a atacallo;
Com que aqui fez o bruto inadvertido
Que o vencedor fugiſſe do vencido.

58.

Gritava Cunha, ó claros Luſitanos,
Porque Henrique morreo, morreſtes todos?
Victorias quereis dar aos Mauritanos?
Ja naõ vingais aos aſcendentes Godos?
Vereis ſegunda vez ritos profanos
Triunfar da Fé, da Patria por dois modos;
E ſogeitar às crueldades ſuas
Todo o Sol da Juſtiça às meyas Luas.

59.

59

Almançor, que o ouvio, valente o buſca,
E achando o prevenido os dois ſe enveſtem,
De hum a candida cor, de outro a cor fuſca
Da ſanguinha os ſemblantes jà reveſtem;
A eſpada do graõ Cunha ao Mouro offuſca,
E taõ luzidas armas ambos veſtem,
Que as nações, que o combate ponderavaõ,
Quando o queriaõ ver, logo cegavaõ.

60.

De Cunha o branco roſtro rubricado
Com ſangue illuſtre mais lhe acende a ira;
O braço de Almançor quaſi cortado
Na diviſaõ das armas ſe retira:
Porem de novo eſpirito incitado
Entre os que perde, furia tal lhe inſpira,
Que o ſangue, que aos impulſos ſe eſtimûla
Nota 34. No bràço, que naõ acha, ainda circula.

61

Socorreo a Almançor turba infinita,
E por mais que com animo valente,
Que o deixem pelejar altivo grita,
Lhe naõ obedeceraõ juſtamente,
Porque ainda que o eſpirito o incita,
E a falta de outro eſpirito naõ ſente,
Ambos era precizo ſe perdeſſem,
Se dentro da ferida os naõ prendeſſem

62

Mas brevemente volta, e ſocorrido
Nota 35. De toda a Tingitana Mauritania,
Se vio quaſi acabado, e deſunido
O pequeno eſquadraõ de Luſitania:
Em vaõ paſſou o Douro prevenido
Nota 36. Carlos com cem cavallos de Aquitania,
Que nos golpes das agoas ſe perderaõ,
E nas ondas das ſetas ſe eſconderaõ.

63.

Amparado da Praça ainda ſuſtenta
O Cunha a furia do inimigo forte;
Helvidio de huma bellica tormenta
Arroja ſetas, que temeo Mavorte: Nota 37.
No debil eſquadraõ, que aſſim fomenta,
Dos Portugueſes ſó dilata a morte;
Que ſe invicto aos alfanges permanece,
Ao numero das flechas ja perece.

64.

Victoria o Mahometano alegre clama,
E o braço rende a Alá por ſacrificio
O valente Almançor, que certo aclama
De Henrique morto o mais feliz auſpicio:
Mas pouco goza da inconſtante fama,
E pouco tempo o fado achou propicio;
Porque ſó pela ſerra vence tudo
Campeaõ com Cruz azul no branco eſcudo.

65.

Hum cavallo tomou de hum dos contrarios;
E rompendo eſquadroens com golpes duros,
A reſiſtir impulſos temerarios
Nem baſtaõ armas, nem baſtàraõ muros:
Effeitos de valor extraordinarios
Deixaõ os vencedores mal ſeguros;
E na teſta ſe poem o aventureiro
Do eſquadraõ quaſi extinto ainda guerreiro.

66.

E calando a viſeira, ſem que explique
Com mais palavras o ſucceſſo raro,
Naõ deixa duvidar que ſeja Henrique
Quem jà o moſtrára no valòr preclaro:
A huma ſô voz o applauſo ſe publique,
Treme o meſmo Almançor, e com reparo
Vé no ſeu roſtro ardor, que faz activo
Crelo reſuſcitado mais que vivo.

67

Como na montaria os caçadores
Vencendo fortes, ſuperando aſtutos,
Seguros ſe ſuppoem, e vencedores,
Do vulgo immenſo de ferozes brutos;
Mas ſaindo hum Leaõ, jà com temores
Sò cuidaõ em fogir irreſolutos,
Aſſim dos Mouros a confuſa idea,
A' viſta de hum ſò homem titubea.

68.

Era o tempo, em que o Sol no ardente Eſtio
Nota 38. A' quartaà do Leaõ mais ſebre influe,
E obſervou, que alguns váos permite o rio,
Nota 39. Com que a falta das pontes ſubſtitue:
O exercito a que o Douro impede o brio,
Nota 40. Logo em quatro colunas diſtribue,
E ſobre outras de jaſpe em raro exemplo
A gloria lhe fabrica hum firme templo.

69.

Da ponte, e dos caminhos criſtalinos:
Da batalha, e da nova alegre a gente
Pronta ſoccorre os companheiros dinos;
Que ſuſtentou o Cunha mais valente.
Henrique tendo impulſos taõ divinos
Com todos repartio o animo ardente,
Sem ſe eſquecer quando o furor renova,
De mandar a Tereza a alegre nova.

70.

Nota 41. Teve eſta commiſſaõ Pelayo Amado;
Naõ replicou, mas com deſconfiança
De deixar o combate principiado,
Deixou padecer mais huma eſperança:
Prontamente, ó Tereza, o teu cuidado
Affligio triſte nova, e tarde alcança
O ſuſpirado alivio o fino peito;
Oh dos peſares infelice effeito!

71.

Todos correm às armas, ninguem corre
A vencer os contrarios de Tereza,
Que da omenagem na mais alta torre
Via o ſucceſſo da mais alta empreſa:
Pela campanha, e rio, em que diſcorre
A viſta com as lagrimas mais preſa,
Acrecentava em duvidas, e em magoas,
Eſperanças ao campo, ao rio as agoas.

72.

Mas como vè, que o Mouro titubea,
E da victoria timido deſiſte,
Logo diſcurſa na diſcreta idéa,
Que razaõ já naõ tem para eſtar triſte:
Que ſeja morto Henrique naõ recea,
Vendo hum braço, a que o Mouro naõ reſiſte:
Suprir ninguem podia tanta gloria;
O que a fama calou, diſſe a Victoria. Nota 42.

73.

Já paſſára o exercito a ribeira,
E deſprezando ſetas, e penedos,
Occupou com tres linhas a ladeira
Da colina inferior entre os rochedos:
Almançor com a gente mais ligeira
Querendo introduzir panicos medos,
Fingio que pela frente os atacava,
Quando o flanco direito lhes ganhava

74.

Egas Moniz com Brácaros famoſos Nota 43.
Cobria o lado de eſquadroens luzidos,
Supre o valor ſer pouco numeroſos,
E eſpera forte os Mouros atrevidos:
Dois batalhoens do Lethes vigoroſos Nota 44.
Naõ podem ſer dos tempos eſquecidos,
E eternizaõ taõ celebre victoria
No templo perduravel da memoria.

75.

Do mais aſpero ſitio, em que os formava,
Ao Cabo os entregou, que mais eſtima,
Era D. Fafes Luz, que o nome dava
Com o proprio eſplendor ao patrio Lima:
Reſiſtencia Almançor achou taõ brava
Neſte lado, que triſte ſe laſtima
De ver muitas mil vidas trofeos breves
De eſpadas graves, e de ſetas leves.

76.

O lado eſquerdo ataca o fero Acmete,
Que groſſo, e corpulento era o mais tardo,
Mas mais ligeiro foge, que acomete,
Nota 45. Do famoſo Leonés Pedro Bernardo:
Por tronco dos Meneſes lhe compete
Ser ja dos Mouros vencedor galhardo,
Moſtrando no valor, e na cautela,
Ser legitima prole de Fruela.

77.

Com tal força o carrega o Cabo invicto,
Que o cavallo do Mouro ao grave peſo
Na terra o lança, e blasfemando afflito,
O piſa, e deixa Pedro com deſprezo:
Puxando os eſquadroens para o conflito,
Em furor generoſo o roſtro aceſo,
Os que fogem da eſpada fulminante,
Se deſmayaõ ás iras do ſemblante.

78.

Vendo Henrique as façanhas de Pelayo,
Que com elle no centro pelejava,
E vibrando na eſpada hum fatal rayo,
A's cabeças dos Mouros fulminava,
Lhe preguntou, ſe do mortal deſmayo
A Tereza livrou, como o mandava?
Naõ (lhe diz) fora medo o meu deſvio,
E mais do que a obediencia pode o brio.

79.

Henrique ſentio tanto eſta impiedade,
Que Pelayo temeo do roſtro a ira:
Naõ temas, diz Henrique, foi crueldade
Hum peito deſprezar, que naõ reſpira;
Se Tereza do ſuſto, ou da ſaudade
Morreſſe, ſe he que vive quem ſoſpira,
Ainda que eu acabaſſe da violencia,
Louvaria taõ nobre inobediencia.

80.

Mas porque naõ mandaſte algum ſoldado?
Porque faz hum ſoldado muita falta,
Lhe diz o Almeida bem nacido Amado,
E nenhum quiz perder gloria taõ alta:
O ultimo eſforço faz o Mouro irado,
Que a fortuna, e valor de Henrique exalta;
Pois Silva com as tropas de reſerva
Desbaratou a multidaõ proterva.

81.

Como no campo azul aves vorazes
De ſangue, e pennas em diluvio vago,
Com o odio nativo contumazes
A terra inundaõ no funeſto eſtrago,
Mas vendo da Aguia os voos efficazes,
Fogem do ſeu valor regio, e preſago:
Aſſim vendo de Henrique o braço forte;
Fogem os Mouros da infalivel morte.

82.

Almançor pelo rio corre, e nada,
Até beber a morte no Oceano,
De Henrique o penetrou a ardente eſpada,
E ſe abrazou nas ondas o tirano:
Jà toda a turba infiel deſordenada
Pede a vida ao Heroe, que ſempre humano;
Lha concede piedozo aos ſeus gemidos,
Que he valor ter piedade dos rendidos,

83.

Tantos deſpojos nos quarteis ſe acharaõ,
Que os Soldados no exceſſo da riqueza
Aromas, e delicias deſprezaraõ,
Por naõ vencer o luxo à fortaleza:
Bandeiras, e Eſtendartes reſervaraõ
Os Generaes por credito da empreza;
E os colocou Henrique para exemplo
Do verdadeiro Deos no mayor Templo.

84.

No meſmo campo barbaro aquartela
O victorioſo exercito, e da Lua
Tardou muito a nocturna ſentinela,
Por naõ ver arraſtrada a forma ſua;
O rio paſſa Henrique, e ſe deſvela,
Por livrarſe da pena, em que fluctua,
A buſcar já ſem tantos embaraços
O amado premio nos amantes braços.

85.

Taõ depreſſa chegou, taõ de repente
Appareceo Henrique à bella eſpoſa,
Que o julga ſombra do ſeu bem auzente,
Elle a ſegue, ella foge temeroſa;
Mas vendo, que eſtá vivo, hum accidente
Dos ſeus olhos offuſca a luz fermoſa,
E qual foy mais cruel dizer naõ poſſo,
Se o exceſſo do pezar, ſe o do alvoroço.

86.

Com lagrimas a pena ſe alivia,
No coraçaõ o goſto ſe reprime,
Hum mata, ſe naõ cabe na alegria,
Outra alenta em ſuſpiros quanto exprime:
Eſta do tempo o ſeu remedio fia,
Sem tempo aquelle acaba quanto opprime;
E aſſim foy em Tereza mais injuſto,
Pronto o golpe do goſto, que o do ſuſto.

87.

De inadvertido Henrique ſe condena,
A Pelayo o perdaõ quaſi revoga,
Rompe em ſoſpiros huma amante pena,
Que em affecto interior naõ deſafoga;
Mas o Amor laſtimado logo ordena
Que Tereza do extremo, em que ſe afoga,
Se reſtitua, ſendo no exceſſivo
O goſto ſó do goſto o correctivo.

88.

Contar queria Henrique da victoria
As raras, e admiraveis circunſtancias,
Dos Luſitanos a ſublime gloria,
Dos Mouros as infauſtas arrogancias;
Porque neſtas liſonjas da memoria
Soaõ as militares conſonancias;
E quem ama, tem ſempre prevenidos
Aos trofeos de hum amante os ſeus ouvidos.

89.

Mas advertida naõ permite agora
A relaçaõ Tereza, e ſó conſegue,
Que elle deſcanſe até que a bella Aurora
Ao Sol, que há de nacer, o dia entregue:
E porque a Corte ſaiba quanto ignora
Da gruta eſtranha, em que os prodigios ſegue,
A convocou para a manhaã futura
Curioſa da rariſſima aventura.

90.

Conformouſe o Heroe, mas quer que ſeja
Primeiro que o deſcanſo, o culto grato;
Ao templo, humilde vay, porque dezeja,
Que o Ceo, e o Mundo naõ o julgaſſe ingrato:
Vota hum novo e dificio, em que ſe veja
Taõ pio o ſuntuoſiſſimo apparato,
Que nelle caiba tanto ſacrificio,
E acredite no voto o beneficio.

91.

Os Generaes em tanto aos que fogiaõ
Com eſquadroens volantes alcançavaõ,
Pelos rayos da Lua descobriaõ
Os que entre os verdes ramos ſe occultavaõ:
Pelayo ouvio huns ecos, que feriaõ
Os montes, em que tremulos ſoavaõ:
De acento feminil as vozes eraõ,
E com mayor razaõ o enterneceraõ.

92.

Nota 46. Cruel amor, dizia, aſſim quizeſte
Pagarme, quando cri os teus enganos?
Se naõ he que o caſtigo hoje me deſte
De haverte reſiſtido tantos annos:
Nota 47. Algum dia julgou, que eras celeſte
A cega idolatria dos humanos:
Mas como poderia huma deidade
Tratar tantos rendidos com crueldade?

93.

Das aves, e dos brutos fuy tirana,
Ou na eſfera cerulea, ou na frondoſa,
E a alguma fonte, em que me via ufana,
Só conſentia ouvir, que era fermoſa:
De nenhum caçador a voz profana
Ou facil atendi, ou vanglorioſa;
Pois ſempre as caſtiguey por mais groſſeiras,
Quando mais me adulavaõ liſongeiras.

94.

Deſprezey tantos votos, tantos cultos,
Que bem podem contar os meus rigores,
Quantos de amor diſculpaõ os inſultos
Só porque chamaõ puros os ardores:
Se aſſim foraõ, viveraõ ſempre occultos,
E os affectos extinctos nos temores
Naõ uſaraõ do falſo privilegio
De chamar ſacrificio ao ſacrilegio.

95.

Conte a Poeſia que por força, ou arte,
Nunca encontraſte hum animo invencivel,
E que rendeſte a Jupiter, e Marte, Nota 48.
Para que a todo o Ceo foſſes terrivel;
Que em quanto quiz vencerte, em toda a parte
Vi que ao meu alvedrio era poſſivel,
Mas ſe em meu peito introduzirte deixo,
Naõ de ti, fero amor, de mim me queixo.

96.

Vi a Muley, que hum Javali ſeguia Nota 49.
Com tal dezembaraço, e gentileza,
Que conheci, que ao meu rigor vencia,
E dominava em mim mayor fereza:
Debil meu coraçaõ ſe defendia
De outras occultas ſetas à deſtreza:
Se o pronto eſtrago fez mayor a culpa,
Taõ activa violencia me diſculpa.

97.

Contra Muley ſe volta o feroz bruto,
E vibrando agudiſſimas offenſas,
Muley airoſo, deſtro, e reſoluto
Lhe fez inuteis golpes, e defenſas:
E vivo mo offerece por tributo,
Dizendo que naõ quer mais recompenſas,
Que ver aceita a victima profana
Deſte boſque à belliſſima Diana. Nota 50.

98.

Tinha eu lido, que a Deoſa caçadora
Em ſonhos a Endimion favorecera; Nota 51.
Oh quem de tantos males precurſora
Taõ danoſos exemplos nunca lera!
Aſſim ſe infama o Numen, que ſe adora,
Que nelle a meſma culpa ſe venera?
Falſo rito, que tem cego, e inculto,
O vicio claro, o documento occulto. Nota 52.

99.

Sempre inuteis, e váos os eſcarmentos
Chegaõ depois de conhecerſe os danos,
Fazendo reflexaõ nos documentos,
Quando naõ ſaõ remedio os deſenganos:
Em fim vi em Muley puros intentos,
Nota 53. Que de Himineo nos ritos naõ profanos
Moſtrarme prometia com firmeza
A' luz da nupcial téa huma fineza.

100.

Era Muley (que o nome repetido,
Para que o fira mais, quer o meu peito)
Nota 54. Da clara eſtirpe de Tarif temido,
O que paſſou primeiro o Herculeo Eſtreito,
Que deu a Calpe o nome eſclarecido,
E que o Gotico Imperio vio ſogeito:
E ſe o naõ excedeo no valeroſo,
O venceo no galhardo, e generoſo.

101.

Que era, digo, Muley, quando diſcorro,
Que foy, e ja naõ he, e eſta violencia
Naõ me mata ao lembrarme? E naõ me corro
De caber tanta pena na eloquencia?
Naõ chama o tempo a morte em meu ſocorro,
E dura a vida na immortal auſencia?
Paſſou ja eſte bem? Como ameaça
Com que paſſou, e o peito me naõ paſſa?

102.

Mas ſe eu vi o ſeu peito treſpaſſado
Neſta batalha, e deixo o peito illeſo,
Porque me queixo do tyrano fado,
Quando o meu braço me naõ deixa preſo?
Oh que cobarde, e debil tem eſtado
Vida, que nem merece o meu deſpreſo?
Anticipe hum punhal o duro corte;
Serey taõ infeliz, que fuja a morte?

103.

Ja eſtava o nobre Amado taõ vizinho
Da triſte Aldara, que do fatal erro,
Que preparava o tragico carinho,
Suſpende o golpe, e arrebata o ferro:
Em liquidos rubis candido arminho
A alma mais bella em funebre deſterro,
Sem prontidaõ taõ pia, e taõ ſincera,
Hum ſe inundara, e outra ſe perdera.

104.

Quem es, lhe diz Aldara, unica filha
Del-Rey de Fez, como ſe ſoube logo,
Deos, ou demonio, monſtruo, ou maravilha;
Que nem me deixas eſte deſafogo?
Meu valor invencivel naõ ſe humilha,
Nem ſe apaga o ardor de tanto fogo;
Arroja-ſe ao punhal, que tem Pelayo,
Que evita cuidadoſo o triſte enſayo.

105.

Mas na maõ ſente huma ferida leve
Amado, e tem no peito outra mais grave,
Como naõ ſente a que ſentir mais deve,
Só a que o mata, julga por ſuave:
As iras ſuſpendeo da maõ de neve,
Mas quantas vezes innocente a ave,
Por livrar da prizaõ a que eſtà viva,
Fica no proprio laço mais cativa!

106.

Aſſim ſuccede ao vencedor amante,
Que em cortez, e piedoſa tyrania
Prende a bella Africana, que triunfante
Naõ ſoube que venceo, quem a vencia:
Sem engano lhe affirma que hum inſtante
Ainda naõ ha, que o ſeu Muley vivia, Nota 55.
Que as feridas lhe atou com huma venda,
E que o mandou curar na propria tenda.

107.

Naõ me enganes, lhe diz, Chriſtaõ, ſe es nobre,
Como conheço, vendo-te piedoſo,
Todo o meu mal ſincero me deſcobre,
Ou deixame morrer, ſe es generoſo:
Elle lhe aſſegurou, que naõ lhe encobre
Nada do ſeu ſucceſſo laſtimoſo,
E com decoro digno a tal belleza
A conduz ao Palacio da Princeza.

108.

Quando chegou, o Sol com luz mais clara
Illuminava o caudaloſo Douro,
E lhe parece, que deveo a Aldara
O meſmo Febo, novos rayos de ouro:
Moſtroulhe a Aurora eſta belleza rara,
Quando a Lua huma parte do theſouro
Occultava entre as ſombras eſcondida,
Naõ ſey ſe de envejoſa, ou prevenida.

109.

Tereſa alegre a recebeo benigna,
Nota 56. Perdoando a Pelayo o mal paſſado
Por preço da cativa, que achou digna
De a collocar no meſmo Regio eſtrado:
Que nunca a fermoſura foy indigna
De eſtimaçaõ, e no abatido eſtado,
Na laſtima o agrado ſe acreſcenta,
Com que atè na deſgraça a ſorte augmenta.

FIM DO CANTO I.

HENRIQUEIDA

CANTO II.

Argumento.

QUanto na gruta vio, refere Henrique,
E as acçoens dos ſeus Regios deſcendentes,
Donde a Sibilla, porque tudo explique,
Lhe deu aviſos ſantos, e excellentes:
O ſeu valor no campo ſe publique;
Vence a Muley, e a muitos combatentes,
E quanto executàra valeroſo
A creditou no pio, e generoſo.

1.

Exaltando o valor, e a fermoſura
Em dous tronos os Principes ſentados, Nota 57.
Na ſala da mais rara arquitetura
Os Generaes eſperaõ convocados:
A ouvir da gruta a incognita aventura
Alegres ſe apreſſaraõ, e adornados
De plumas, que elevando aos Ceos as glorias,
Eſcreveraõ ſem letras as victorias.

2.

Mais que huma acçaõ de Henrique, o ſeu reſ-
Attençaõ, e ſilencio ja lhe impunha; (peito
A voz ſahia do esforçado peito
Acentos, e palavras naõ compunha;
Do artificio oratorio o alto conceito
Naõ affectava nas razoens, que expunha;
Pois da ſua verdade na experiencia
Se animava a efficacia da eloquencia.

3.

3.

Illuſtres, e glorioſos companheiros;
(Diz o benigno Herôe) a quem acclama
Por ſabios, por fieis, e por guerreiros,
No templo da memoria a voz da fama:
Se hontem vencendo foſtes os primeiros
Em moſtrar, que alto alento vos inflama,
E ainda ſuppondo a morte, que choraſtes;
Sem mim a furia barbara domaſtes.

4.

He juſto que comvoſco participe,
Porque aſſim mo ordenou alto decreto,
De toda a gloria, e que hoje me anticipe
Em revelar myſterio taõ ſecreto:
Da mudavel fortuna ſe diſſipe
Qualquer receyo de animo inquieto,
Porque piedoſo oraculo divino
Feliz me moſtra o Portuguez deſtino.

5.

Arrebatado de huma força eſtranha
Atraveſſey o Douro arrebatado,
Das guardas Mahometanas da campanha
Entre as ſombras naõ fuy bem obſervado;
Da fatal penha, da aſpera montanha,
Como ſabeis, cahi precipitado,
Mas permitio o Ceo, com raro auſpicio,
Foſſe deſcanſo, o que era precipicio.

6.

De huma intrincada gruta a entrada eſtreita,
Vencendo alguns difficeis embaraços,
Penetrey, e primeiro vi desfeita
Huma horrivel ſerpente entre os meus braços;
Outra que mais cruel me naõ reſpeita,
Venci, quando à garganta em duros laços
Ao ar que eu reſpirava, reprimia
O aperto, ou o veneno, que temia.

7.

Quando o fado he propicio, atè no berço
Hercules deſtes monſtruos ſe defende,
Deſpedacey tanto animal perverſo,
E hum Tigre eſcarmentado naõ me offende:
A corrupçaõ com quantos no univerſo
Infectos viz produz, aqui pretende
A viſta perturbar, e animo aflito
Com mais caſtigos, que ſofreo o Egito.

Nota 58.

Nota 59.

8.

Bramidos triſtes ſe eſcutavaõ dentro
Da eſcura entrada da funeſta cova,
E quanto nella mais me reconcentro,
Se augmenta à admiraçaõ materia nova:
Examinar o perigoſo centro
O horror duvida, e o valor approva;
Sigo a brilhante luz, que alli me influe,
E huma porçaõ do Sol me reſtitue.

9.

Huma abobeda vejo levantada,
Que ſuſtentavaõ ruſticas colunas,
E huma inſcripçaõ em marmore gravada,
Que promete enigmaticas fortunas;
De Egypcios geroglificos formada
Deixa entenderme imagens opportunas
Da Mahometana Ley em vituperio,
E em gloria immenſa ao Luſitano Imperio.

Nota 60.

10.

O Porto, e Gaya em miſticas figuras
Dando as maõs ſobre o Douro o nome formaõ
De Portugal, que em clauſulas futuras,
Mais que alteraõ as letras, as reformaõ:
Nas paredes eſtatuas, e pinturas,
Com mais clareza a ſuſpenſaõ me informaõ;
Humas nos meſmos ſimbolos ſe cifraõ,
Outras aos geroglificos deſcifraõ.

Nota 61.

11.

Nota 62. De bronze Eſtatuas vi ſeis vezes quatro;
E todas com ſemblante heroico, e regio
Adornavaõ o inclito teatro
Deſigualmente na igualdade egregio:
Mas ao reconhecer quanto idolatro
Me eſtava prevenindo o ſacrilegio
Inſcripçaõ, que na pedra admiro impreſſa,
E no Latino idioma bem expreſſa.

12.

Os vinte e quatro Heroes teus deſcendentes,
O tu mortal, que aqui chegaſte ouſado,
Reys haõ de ſer illuſtres, e excellentes
Do Imperio, que por ti ſerà fundado;
Celeſtes glorias às remotas gentes
Pelo Oceano nunca navegado
Haõ de levar, e a Religiaõ, e a guerra
Vencendo o mar, e dominando a terra.

13.

Mais com admirações do que com ſuſtos;
Vejo as Eſtatuas, mas o fado avaro
Sò me deixa de filhos taõ auguſtos
Que encontre eſcuro tanto nome claro:
Os decretos do Ceo ſempre ſaõ juſtos,
Penetrar o futuro he favor raro;
E o tempo, que de longe o roſtro encobre,
Das profecias véo ſutil deſcobre.

14.

Nota 63. Conquiſtador no Rey primeiro lia,
E ainda ſendo meu filho, quaſi envejo
Ver, que a Cidade ha de ganhar hum dia,
A quem tributo de ouro paga o Tejo.
Nota 64. Povoador o outro Rey, que ſe ſeguia,
Dizem as letras, que na Eſtatua vejo,
Feliz ſerà politica taõ rara,
De que hum povoe, o que outro conquiſtara.

15.

15.

Robuſto outro ſe chama, e na eſtatura Nota 66.
Apenas cabe eſpirito taõ fero:
De outro o nome no trage ſe aſſegura, Nota 67.
E epiteto ſó tinha de ſincero:
Hum irmaõ ſeu de condiçaõ mais dura Nota 68.
O trono ocupa Grande, mas ſevero:
A outro de Lavrador a gloria applica, Nota 69.
Porque o Reyno ennobrece, e frutifica.

16.

De Bravo aquelle o nome bem merece, Nota 70.
E produzio o Grande Juſticeiro: Nota 71.
Fermoſo o que ſuccede ſó parece, Nota 72.
E da Boa memoria outro Guerreiro; Nota 73.
O Conſtante em ſeu Filho reconhece, Nota 74.
De quem he o Africano claro herdeiro, Nota 75.
Em dois a antonomaſia acha opportuna
De Perfeito, e de Filho da Fortuna. Nota 76.

17.

Segue-ſe o que ſe chama Religioſo; Nota 77.
Perdeſe hum grande Rey por temerario, Nota 78.
O ultimo denomina Virtuoſo Nota 79.
O occulto vaticinio extraordinario:
Mas comprindo hum decreto rigoroſo, Nota 80.
O povo eſtranho ao Reyno mais contrario,
Tres Reys lhe deu, a quem a Fama clara
Prudente, Bom, e Grande appellidara. Nota 81.

18.

Outro o Reſtaurador ſe reſtitue Nota 82.
Com gloria rara do uſurpado Imperio;
O nome de Feliz bem ſe atribue Nota 83.
Ao filho, mas o altera hum vituperio:
O irmaõ, que nova luz ao Reyno influe, Nota 84.
De Pacifico acclama o emiſferio:
De Sabio o nome nas eſferas ſoa Nota 85.
Do que eſta Auguſta ſerie aqui coroa.

19.

A Academia Real vejo felice,
Que inſtitue do Rey alta a Sciencia
Porque a hiſtoria fiel reſtituiſſe
Dos tempos contra a rapida violencia:
Livrando a Italia a Armada quiz que viſſe
No mar Egeo a Sacra intelligencia
Furtado, Cunha, e Souza ao Luzitano
Fazem triunfar do barbaro Otomano.

20.

Incognitas eſtatuas coroadas,
Que haõ de igualar a duraçaõ do mundo;
Dos Regios ſucceſſores derivadas
Me eſcondeo o miſterio mais profundo:
Nota 87. Da primeyra ſó vejo as animadas
Virtudes do conſorcio mais fecundo,
Que o valor, e a belleza lhe deſtina
Filho de hum Semideos, e huma Heroina.

21.

De Infantes claros, de Princeſas bellas,
Nota 88. Cem pinturas admiro miſterioſas,
Que augmentaraõ figuras às eſtrellas
Com virtudes, e acçoens ſempre glorioſas:
Se em copiar as Rainhas te desvellas,
De que adoraſte Eſtatuas taõ fermoſas,
Alto eſpirito meu arrebatado,
Ficarás aos ſeus rayos fulminado.

22.

Nota 89. Mais huma parte vejo deſcuberta
Do que as tres, que no mundo conhecemos,
E a Zona ardente, que julgais deſerta,
Vi penetrar aos ultimos extremos:
Mil incertos Heròes com gloria certa
Deſcubro, e quantos hoje aqui vencemos,
Conheci, já cingido o verde louro,
Nota 90. Paſſando os vãos, que lá moſtrava o Douro.

23.

Deſtes, e outros ſegredos, que contemplo,
Rendida ſe deſmaya a minha idêa,
Guardando na memoria para exemplo
O aſſombro, que a illuſtra, e que a enlea:
Mas ao ſahir do ſubterraneo templo
A grande luz de huma brilhante téa
No ardor inextinguivel, que ſcintilla,
Me deſcobre a fatidica Sibilla. Nota 19.

24.

Poſtrada eſtava a Sabia Profetiſa
No altar, que erige hum Sabio a hum Deos ignoto, Nota 92.
E o Soberano eſpirito a eterniſa
Contra Lacheſis, Atropos, e Cloto: Nota 93.
O venerando geſto ſe diviſa
Do pueril, e decrepito remoto;
E a roupa azul, que com eſtrellas veſte,
Até na cor a inculca por celeſte.

25.

Cortez ſe levantou; e hum Santo riſo
Vinculando o agrado, e o reſpeito,
Me reſtitue do temor preciſo,
De que reconheceo em mim o effeito:
Que òre primeyro a Deos me faz aviſo
No acto mais puro do interior do peito:
E a que me aſſente logo ali me empenha
Em commodo lugar, que forma a penha.

26.

Sobre a Tripode de ouro ella ſentada Nota 94.
Tres livros, que a hum volume unio, revolve, Nota 95.
E aos Seculos a ſerie embaraçada
Com a graça profetica diſſolve:
A lira triangular toca inſpirada, Nota 96.
E quando as minhas duvidas reſolve;
Com voz, que até nas pedras tem dominio,
Cantou eſte ſonoro vaticinio.

27.

Felice Capitaõ, de que a piedade,
E o propagar a Fé com juſto zelo,
Fez ouvir a Profetica verdade
Taõ dezejada do mortal deſvelo:
Eſta por mim o Ceo te perſuade,
Attende o graõ miſterio, que revelo:
Publica aos teus razoens taõ miſterioſas,
Para animar-ſe a empreſas mais famoſas.

28.

Nota 97. Herofile de Troya he quem te fala,
A quem ſuperſticioſa a falſa hiſtoria,
Nota 98. Sendo huma ſó, dez nomes me aſſinala,
Repartindo entre tantas huma gloria:
Erythrea me ouvio, Cumas a iguala,
Delfos tem no ſeu templo eſta memoria,
A Perſia, Frigia, e Libia os caſos conto,
Tibur, e Sardis, Samos, e Heleſponto.

29.

Nota 99. Tambem de Colofonia, e de Teſſalia,
Troya, e Egipto o nome multiplicaõ,
E de outra Cumas me apellida Italia
Em quantas cegas fabulas publicaõ:
Os que melhor beberaõ da Caſtalia
Mais termos allegoricos me applicaõ,
Tranſformando o meu nome no ſeu canto
Nota 100. Em Lampuſia, Caſſandra, Dafne, e Manto.

30.

Nota 101. E o que he mais, as horriveis Pithoniſas
Nota 102. Os dois, os dez, e os quinze Sacerdotes,
Em oraculos vãos, torpes diviſas,
Desfiguraraõ meus divinos dotes;
Por mais que a idolatria immortalizas,
Por mais que, ò Genio impuro, injurias brotes,
Naõ podes deſmentir com falſidades,
Nota 103. Que eu conheci primeiro altas verdades.

31.

31.

Por tres livros pedi immenſa ſoma, Nota 104.
E porque ma negou, dey ao incendio
Logo o primeyro, pois que avara Roma
Naõ quiz fazer do Erario eſte diſpendio:
No meſmo preço os dois eſtimo, e toma
Igual partido, crendo, que o compendio
Dos tres volumes, que eu vendia unidos,
Valeriaõ ja menos divididos.

32.

Promptamente o ſegundo arrójo ao fogo,
E tendo eſte terceiro, o proprio preço
Lhe pedi com eſtranho deſafogo,
Que admirou a Tarquino pelo exceſſo:
Os tres talentos me entregaraõ logo,
Sem comprender no raro do ſuceſſo
A miſterioſa luz de huma verdade,
Que em tres, e em hum reſide a Divindade.

33.

Da Lira triangular fuy inventora,
E ignora o vulgo o miſterioſo terno;
Pela Tripode de Ouro a Febo adora,
Sem que lhe explique eſte ſegredo eterno: Nota 105.
Em poeſia divina a voz canora
Do numero ternario ſempiterno
Naõ podem entender, porque ſe emprega
A raſaõ em dar luz à fé, que he cega.

34.

Mais do Ceo me permite a graça infuſa,
Pois nas primeyras letras dos meus verſos
Quiz inſpirarme no entuſiaſmo a Muſa
De hum Deos humano acroſticos diverſos; Nota 106.
Mas vendo, que a cegueira taõ confuſa
Sentidos ao meu Livro dà perverſos;
Quando os Marſos diſputaõ o ſeu ſolio, Nota 107.
O volume roubey do Capitolio.

35.

35.

Diſſimuley no incendio do edificio
A perda que chorarão do volume;
Nota 108. Em vão de Auguſto auguſto ſacrificio
Reſtauralo outra vez cego preſume:
Porque de tradiçoens o incerto indicio
Em corrupto exemplar guarda, e reſume;
E o original verão os Luſitanos,
Que hão de exceder as glorias dos Romanos.

36.

Para teu filho o meſmo Deos reſerva
A explicação deſte feliz miſterio,
O meu ſilencio as ſuas Leys obſerva,
E tu ſerás quem funde o grande Imperio:
Ouve agora a inſcripção, que ſe conſerva
Eſcondida do tempo ao vituperio,
Nota 109. Não no monte Sagrado a Berecintia,
Nota 110. Mas no que o nome pouco altera a Cinthia.

37.

Nota 111. Não ha de revolverſe eſte penedo,
Nem as letras com ordem rectamente;
Sem que faça, perdido o antigo medo,
Do Occaſo tributario o Oriente:
O Ganges, Indo, e Tejo, alto ſegredo!
Que os frutos troquem já o Ceo conſente;
E eſte decreto aqui ſe reſtitua
Ao Sol eterno, e à divina Lua.

38.

Aſſim ſerá, que quando deſcubertos
Caracteres ao dia apparecerem,
Mundos, e mares antes encubertos
Nota 112. Verão os Argonautas, que os venerem:
Prudentes em governo, em guerra expertos,
Em quanto os vicios de Aſia os não vencerem,
Hão de fazer que eſqueça ao nome Liſio
Nota 113. Alexandre, Seſoſtris, e Dioniſio.

39.

39.

Da India há de cantar com melhor plectro
Eliſio Homero, Portuguez Virgilio; Nota 114.
Quem há de conſagrarte Epico metro
Para acertar, hà de pedirlhe auxilio:
Aquelle hà de empunhar o heroico Scetro,
E Ode, Elegia, Egloga, ou Idilio,
Naõ inſpirou melhor pura Caſtalia Nota 115.
Em Sicilia, e em Ponto, em Grecia, e Italia. Nota 116.

40.

Deſtes teus Capitaens os deſcendentes
De Africa ſaõ terror, medo de Heſpanha,
E de Pereyra os ramos florecentes Nota 117.
Se enlaçaràõ nos louros da campanha:
Quarenta Luſitanos excellentes Nota 118.
Com valor raro, e com cautela eſtranha,
Faraõ deixando a Monarquia izenta
Tambem felice hum anno de quarenta. Nota 119.

41.

A primeira batalha duvidoſa Nota 120.
A infantaria vence com conſtancia,
Outra em hum Forte triunfa vigoroſa,
Outra rompe das Linhas a arrogancia:
No Cano morre a Grifa temeroſa,
Na Beira naõ reſiſte huma inconſtancia,
E vejo em outra com auſpicios raros
Moſtrar longes eſcuros Montes claros.

42.

Innumeraveis ſabios Luſitanos
A's artes, que inventàraõ, daràõ luſtre, Nota 121.
Oh quantos com ſeus dotes Soberanos
Nos milagres faraõ a Patria illuſtre! Nota 122.
Apurando a impiedade dos tiranos,
Porque a meſma crueldade ſe desluſtre,
Triunfaráõ os vencidos neſta guerra,
Regando o ſangue puro a toda a terra.

43.

Mas porque te intereiſe a propria hiſtoria,
Hoje paſſando o rio os teus Soldados
Alcançaràõ completa huma vitoria,
E o verte os deixará mais animados:
Sabe uzar da fortuna, porque a gloria
Naõ dá deſcanſo aos animos ouzados;
Nota 123. E terás neſſe exercito hum cativo,
Que há de ſer teu contrario o mais activo.

44.

Ferido eſtá, mas a mayor ferida
He do amor, que ſe alenta na vingança;
Só quer viver, porque te cuſte a vida
Que lhe tires a vida da eſperança:
Se lhe moſtras vontade agradecida,
Serà teu mayor mal o bem que alcança:
Teme que por livrar hum bem auzente,
Rebelioens, e inimigos te fomente.

45.

Mas teu conſtante peito naõ deſiſta
De aſſegurar o bem, que principiaſte,
Se naõ deixas ſegura eſta conquiſta,
Favoraveis decretos malograſte;
E ainda que o Mouro barbaro reſiſta,
Fortifica o Imperio, que fundaſte;
Pois naõ he o deſcuido a hum froxo peito
Cauza ſó do caſtigo, mas effeito.

46.

Ja contra ti a Magica inficiona
Nota 124. Os ares, e renova os ſeus preſtigios:
Nota 125. Filhos de Marte, alumnos de Bellona
Dos teus contrarios ſeguem os veſtigios:
Nota 126. Valeroſa, e belliſſima Amazona
Tem fermoſa outros magicos prodigios;
Teme mais atraçoens fortes, e amaveis,
Do que de Africa os monſtruos formidaveis.

47.

47.

Emprende, porque alcança quem ſe anima,
Trabalha, porque o ocio he jà fraqueza,
Premea, que a virtude a gloria eſtima,
Toléra, que he heroica eſta firmeza;
Caſtiga, porque ao vicio a pena opprima;
Previne, e a cautela naõ deſpreza;
Conſulta, que o ouvir he ſabio eſtudo;
Reſolve, que a omiſſaõ faz perder tudo.

48.

O canto ſuſpendeo, e eu mais ſuſpenſo
Eſtatua já da gruta parecia;
E agradecer o ſeu favor inmenſo
Deſpertarme do aſſombro ſó podia:
Jà que por ti penetro o veo mais denſo,
Com que o tempo futuro ſe encobria,
E ſabes, porque em tudo o acerto iguales,
Moſtrar-me os bens, e prevenir-me os males;

49.

Com que pòde hum mortal moſtrar-ſe grato,
Se quando ſe offerece agradecido,
Se te naõ ſatisfaz, parece ingrato,
Se o intenta, ſe julga preſumido?
Em aceitar, reſponde, para ornato
De hum templo de Maria o prevenido
Preço, que do meu livro guardo occulto,
Para que o ſantifiques neſte culto. Nota 127.

50.

Tres talentos me entrega, e lhe aſſeguro,
Conſagralos à Virgem mais divina,
Sayo do miſterioſo centro eſcuro
Que já prefiro à eſfera criſtalina;
Quando vi ao Sol claro, e ao Ceo puro,
Tanto me cega, quanto me illumina;
Saudoſo da Sibilla, e do ſeu canto,
Mais do que a luz, me tira a viſta o pranto.

51.

Se quando entrey na gruta pintar viſtes
As ervas, e as ſerpentes venenoſas,
Se horriveis feras deſcrever me ouviſtes,
Aves nocturnas, penhas horroroſas:
Quando ſahi, as perſpectivas triſtes
Mudando a ſcena, eſtavaõ ja fermoſas;
Que quando o bem ſe buſca na aſpereſa,
Conſeguido he augmento da belleza.

52.

Em hum verde Loureiro ſe enlaçava
A Hera, e me teciaõ a coroa,
Nem Filomena triſte ſe queixava,
E ſó himnos armonicos entoa:
O mar bramia, o rio murmurava,
Hum corre brando, outro ſereno ſóa,
E os Tigres taõ vorazes, e manchados,
Saõ jà manſos cordeiros matizados.

53.

Plantas ſaudaveis, e cheiroſas flores,
Reveſtem a eſcabroſa, e dura penha,
Criſtal para apagar os meus ardores.
Apreſſado a ſervirme ſe deſpenha;
Nota 129. Pomona com ſuaviſſimos primores
A reſtaurarme as forças mais ſe empenha,
Rubicundos, e candidos tributos
Colherme deixa em ſaſonados fruros.

54.

Mas temi deſte ſitio na delicia,
Que em mar de flores com ocioſo encanto
Nota 128. Foſſe Serea com mortal caricia
A amavel Filomena em doce canto:
Bellicos inſtrumentos da milicia
Eraõ dos montes generoſo eſpanto;
Para buſcarvos os ſeus ecos ſigo,
E me diſputa o paſſo o inimigo.

55.

55.

Cercado eſtava já de cem turbantes,
E a hum Mouro, que matey com reſiſtencia,
Ainda morto com brios arrogantes
Me cedeo o cavallo com violencia:
Acabàra a mil golpes fulminantes
Na multidaõ da barbara inclemencia,
Se naõ me dera hum Africano forte
Galhardo a vida para darlhe a morte.

56.

Viz Soldados, lhe diz, ſe ſois Soldados,
Quando intentais vencer deſigualmente,
E eſtimàreis, a ſer mais esforçados,
A vida de hum contrario taõ valente;
Eu ſerey quem vos livre dos cuidados
Do ſeu valor por meyo mais decente;
Se me vencer, deixay o livre, e vivo,
Se eu o render, o quero por cativo.

57.

Trazia o Mouro na luzida adarga
De hum javalí cravadas as defenſas, Nota 130
No turbante huma branca cinta larga, Nota 131.
E outras de alguma Dama recompenſas:
Comigo hum pouco do eſquadraõ ſe alarga,
E as atençoens de todo eſtaõ ſuſpenſas;
E com razaõ de ver a galhardia
Só igual do Africano à bizarria.

58.

Se eu pudera, lhe diſſe agradecido
Evitar o combate, eu te prometo, Nota 132
Que te pagàra, ò Mouro comedido,
A vida, que me deixas indiſcreto:
Temo tanto vencerte, que ſentido
Do mal, que hey de fazerte, eſtou inquieto
De ſaber qual injuria o peito guarde,
Se parecer ingrato, ſe cobarde.

59.

Ainda (reſponde) naõ conheces tudo,
Quanto me deves, mas porque me explique,
A Cruz cerulea do argentado eſcudo,
E o teu valor me dizem, que és Henrique:
Logo ponderaràs ſem muito eſtudo
O que arriſco em que hum nome naõ publique,
Que deixára, ao atarſe em priſoens duras,
A Religiaõ, e a Patria mais ſeguras.

60.

Que ſó a mim o ſeu trofeo me devaõ
Intento, e ſó por meyos generoſos,
E ſem que tantos ſem valor ſe atrevaõ,
Hum te ha de dar cuidados mais glorioſos:
Nota 133. De Ceſar as victorias, que ſe elevaõ
Nota 134. A eternizalo entre aſtros luminoſos,
Nota 135. Foy por vencer a Luſitania, e França,
E em ti ſó a ambas vença a minha lança.

61.

E porque ſaibas, que naõ ſou indigno
De concederme a gloria de adverſario,
Hum neto de Tarif ja ſe faz digno
A Henrique de Borgonha por contrario:
Temo dizerte mais, quando benigno
Te fallo, porque ſey, que temerario
Nem todo o teu eſforço me esperára,
Se ſoubeſſes, que amante ſou de Aldara.

62.

Henrique ſou eſpoſo de Tereſa,
Reſpondo, e fique igual eſte combate,
Se cada qual invoca huma belleza,
Que milagroſa a vida lhe dilate;
Mas ventajoſa deſta Cruz a empreſa
Será quem os teus brios deſbarate:
E eu depuzera o ſacro Privilegio,
Se o valor naõ trocaſſe em ſacrilegio.

63.

Mais que por publicar proprias jactancias,
Contarey com violencia do modeſto
Deſte eſtranho combate as circunſtancias,
Que Marte fez feliz, o Amor funeſto:
Partido o ſol, medidas as diſtancias,
O roſtro occulto, o nome manifeſto,
Rompi a dura lança com eſpanto
Entre as eburneas armas de Erimanto.

64.

Nem a tocar a Cruz a ſua chega,
Quando no ar voou em mil pedaços,
Como o meu golpe toda a força emprega,
Da ſella o fiz perder os duros laços:
Outra vez ſe afirmou, com furia cega
Fia o triumfo dos robuſtos braços;
Mais de ardor nobre ferem inflamadas
Fogo, do que nas armas as eſpadas.

65.

No inverno naõ combate Auſtro furioſo
Tanto do Louro as folhas agitadas,
Nem o incorrupto Cedro, que frondoſo
Supéra excelſo as nuvens elevadas;
Quanto hum, e outro ferro vigoroſo
Quer romper as defenſas duplicadas,
Abatendo-ſe as armas rutilantes
Mais que as folhas das arvores triunfantes.

66.

Ao darme hum fatal golpe na cabeça,
Que ſem duvida o elmo me cortàra,
A branca cinta tanto o intereſſa,
Que em ver, que eu a cortey, fino repára:
Ceſſa, me diz, hum pouco, Henrique ceſſa,
Que leva o vento eſte favor de Aldàra:
Como eu naõ perca taõ ſublime gloria,
Perca ſe a vida, e perca-ſe a victoria.

67.

O candido trofeo outra vez ata,
Mas com o intempeſtivo movimento
O peito, que o defende, ſe deſata,
Nota 136. No peito, que o offende, acha o tormento;
Se eu vira, que eſte acaſo deſbarata
Armas, que veſte o ſeu bizarro alento,
Reparar o deixára o fatal caſo,
Que naõ quero a victoria pelo acaſo.

68.

Nota 137. O Sol me ſoccorreo da meſma esfera,
Pois dando em meu eſcudo prateado,
Nas armas do contrario reverbera,
E me naõ deixa vello deſarmado:
A luz, que me offuſcara, e o offendera,
Foy cauſa do ſucceſſo deſgraçado,
Porque eu naõ vi, que o peito lhe faltava,
E elle naõ vio tambem, que eu o buſcava.

69.

Ao galhardo Africano o forte peito
Treſpaſſou o meu ferro mais felice,
Guardando à fatal venda tal reſpeito,
Que naõ quiz que o curaſſe, ſe o feriſſe:
Ainda ſentindo taõ mortal effeito,
Naõ perdeo o bizarro, porque diſſe
Aos ſeus, que me deixaſſem livre o paſſo,
Quando já me faziaõ embaraço.

70.

Ao retirarme às vezes combatendo,
Outras ſempre o terreno melhorando,
Me encorporey com o eſquadraõ de Mendo,
Que eſtava valeroſo pelejando:
Examinay os mortos, que pretendo,
Na ſepultura ao meu contrario honrando,
Fazer que o tempo reconheça unido
A elle bizarro, a mim agradecido.

71.

E ſe acaſo viveſſe, ainda que creyo,
Que com elle a Sibilla me ameaça,
Heyde moſtrar que os males naõ receyo,
Para que os beneficios ſatisfaça:
Elle me deu a vida, eu ſó premeyo
O deverlhe a fortuna na deſgraça;
Se o Ceo me caſtigar por ſerlhe grato,
Mais me caſtigaria o ſer ingrato.

72.

E já que Hecha Martim Rey de Lamego Nota 138.
Temos por aliado, e tributario,
E Coimbra nos deixa do Mondego Nota 139.
Seguro o paſſo ao paiz contrario;
Seja o dourado Tejo illuſtre emprego
Do valor que caſtigue o temerario
Ali Aben Joſeph, a quem coroa Nota 140.
Africa em Fez, e Europa hoje em Lisboa.

73.

Calloúſe Henrique, e todos ſe admiraraõ
De ouvir os ſeus rariſſimos ſucceſſos,
E unidos novamente aſſeguraraõ
Concorrer para o fim dos ſeus progreſſos:
Nem do grande projecto duvidaraõ,
Vendo do Ceo favores taõ expreſſos;
Sò dilatar o ſeu valor temia
Gloria de tantos ſeculos hum dia. Nota 141.

74.

Amado, que era atenta ſentinela
Das mudanças, que via no ſemblante
De Aldara com as lagrimas mais bella,
E elle com os peſares mais amante:
Vendo, que Henrique tanto ſe deſvela
Na vida de Muley, e vacilante
Receya da Sibilla o vaticinio,
E ainda mais dos ciumes o dominio.

75.

Nota 142. Tambem ſentia o haver dito a Aldara,
Que vivo ainda Muley reconhecera,
E eſpera ſó por ver ſe ella declara
O caſo, que por elle ſò ſoubera:
Das duvidas o livra, e ſe prepara
A bella Aldara a publicar quem era;
E em revelar miſterio taõ ſecreto
O amor taõ fino foy, como indiſcreto.

76.

Imaginou que Henrique generoſo,
Dizendo que Muley eſtava vivo,
E que o tinha eſcolhido por eſpoſo,
Ambos logo livraſſe compaſſivo;
Já ſe via no roſtro mais fermoſo
Eloquente hum rubor taõ expreſſivo,
Que até com voz mais tremula, e remiſſa,
Pudera perſuadir huma injuſtiça.

77.

Já que amor conheceis, Principe Auguſto,
E jà que amada ſois, alta Princeſa,
Diz Aldara entre as lagrimas, e o ſuſto,
Augmentando os extremos da belleza,
Concedeyme atençaõ, que ſerá juſto,
Que ſe a voz no reſpeito tenho preſa,
Me diſculpeis affectos ſemelhantes,
Naõ por Principes ſó, mas por amantes.

78.

Nota 143. Aldara ſou, meu Pay he eſſe illuſtre
Joſeph, que ameaçais com furia tanta,
E porque a ſua fama o naõ desluſtre,
Em ter hum tal contrario ſe adianta:
He de Europa terror, de Africa luſtre,
Veléz de ouvir ſeu nome ainda ſe eſpanta;
Donde moſtrou com brios ſoberanos,
Que ainda ſabem vencer os Mahometanos.

79.

79.

Da Luſitania, e Betica domina — Nota 144.
As terras que dominaõ os dous mares,
Seus baixeis na campanha criſtalina
Daõ aos Hiſpanos tragicos peſares:
De Africa a mayor parte humilde inclina
Nobre culto aos ſeus inclitos altares;
Tremem as Praças, quando o vem, e inquietas
Lhe poupaõ as Baliſtas as Trombetas. — Nota 145.

80.

Almançor meu irmaõ, que hoje no rio
Morreo, me faz herdeira de hum Imperio,
Em que da aduſta Libia o Senhorio — Nota 146.
O aviſinha ao antartico emiſferio:
A caſtigar de Argante o deſvario,
Que Tanger lhe uſurpou com vituperio,
Paſſou ElRey, e meu Irmaõ me ordena,
Que o Tejo deixe pelo Lis, e o Lena: — Nota 147.

81.

Como em Leiria exercito formava,
Com que eſta Praça conquiſtar queria,
Sem reparar que expoſta me deixava
Ao corpo, que a Coimbra guarnecia,
E como a ſua auſencia o animava
A que quizeſſe entreprender Leiria;
Seguy o ſeu exercito curioſa,
E o receyo me fez ſer animoſa.

82.

De Amor ſaõ miſterioſos os acaſos;
A alguns deveo Muley, que eu o atendeſſe,
E de dar à eſperança breves praſos
Em vinculo feliz lhe prometeſſe:
Neſta batalha por diverſos caſos
Quiz a envejoſa ſorte, que o perdeſſe;
E por ſer mais cruel o duro effeito,
No campo treſpaſſado vi ſeu peito.

83.

Quiz animallo, e hum fatal deſmayo
Fez que me retiraſſem ſem alento
Os que vinhaõ fugindo de Pelayo,
Deixando-me no meſmo deſalento:
Da vida quiz fazer o ultimo enſayo,
Quando pòde ſentir meu ſentimento;
Pelayo o ferro uſurpa com piedade,
Se pòde ſer piedoſa huma crueldade.

84.

Naõ ſey ſe com verdade, ou com engano,
Que Muley eſtâ vivo me aſſegura,
Se iſto foy dilatar-me hum deſengano,
Pouco eſte bem a huma infelice dura;
Mas como o poſſo deſcobrir ſem danno,
Ou porque tenha illuſtre ſepultura,
Donde eu tambem me enterre, ou porque vivo
Grato vos reconheça, e compaſſivo.

85.

Examiney, ó Principes famoſos,
Se vive por quem vivo, ou ſe na ſorte
Mais infeliz os aſtros rigoroſos
Propicios ſaõ em permitir-me a morte.
Calliou-ſe, porque affectos impetuoſos
A lingoa embargaõ com priſaõ taõ forte,
Que ſe abraza, e ſe afoga a ſua magoa
Em diluvios de fogo, em piras de agoa.

86.

Pelayo diz a Henrique, que ſeguindo
Os fugitivos, hum ferido vira,
Que os ultimos acentos proferindo
De amor, e Aldara os nomes repetira;
Que admirando a fineza, que eſtâ ouvindo,
Piedoſo o cura, e vendo que reſpira,
O manda retirar, e que intentava
Já referir a Henrique o que paſſava.

87.

87.

Que o affecto de Aldara o interrompe,
Em que a violencia deixa deſcifrado
O occulto amor, em que o peſar prorompe
Quanto ſegredo o peito tem guardado:
Que a ferida tem cura, e que naõ rompe
Por donde empenhe tanto o ſeu cuidado;
E que Cupido a vida lhe decreta,
Para triunfo da dourada ſéta.

88.

Que dos golpes de Henrique hum excellente Nota 148.
Da eſcola de Chiron deſtro ſectario
Balſamo lhe aplicàra, que vehemente
Fora do danno hum efficaz contrario:
Mas vendo que fogira a ſua gente,
Julgando a Aldara preſa do adverſario,
As vendas deſatara, e na contenda
O vingara huma venda de outra venda. Nota 149.

89.

E que ao chegar Aldara naõ podera
Com o alvoroço mais ferido o peito,
Nem pronunciar o que depois diſſera
De Amor, e de Aldara outro mortal effeito,
Mas que quando piedoſo hoje entendera,
Que eſtava livre a vida, e o reſpeito
Da que amava, eſta nova appetecida
Matàra a morte, e dera vida à vida.

90.

Henrique o mais magnanimo, e benigno
Principe que vio nunca a vaga fama,
E tendo eſta virtude por mais digno
De fundar tanto Imperio o Ceo aclama;
Ir viſitar Muley naõ acha indigno
De hum taõ inclito Heróe, antes ſe infama
A gratidaõ, ſe o beneficio eſquece
De quem por infeliz mais a merece.

91.

Pareceo-lhe a Tereſa, que agradava
A Henrique, ſe a Muley tambem aſſiſte,
Que Aldara a ſiga quer, mas naõ ouſava;
Pois o decoro ao meſmo amor reſiſte:
Mas vendo que a Princeza tanto inſtava,
Cortez em diſculpar-ſe naõ perſiſte;
E fez, ou com vontade, ou com violencia,
Decente a repugnancia na obediencia.

92.

Que naõ tinha Muley outros favores
Mais que a cinta, lhe diz, com tal tormento,
Que lhe moſtraõ preſagios, e temores,
Que a corta o ferro, e que a arrebata o vento:
Por ella tem dos golpes os rigores,
Por ella perde heroico vencimento,
E a quiſera cobrar, porque recea,
Que ſirva de laço, e de cadea.

93.

Naõ ſe eſquece Muley, por ver a dama,
De proſtrar-ſe a Tereza, e dar a Henrique,
Moderando o affecto, que o inflama,
Quanta expreſſaõ ſeu rendimento explique:
Naõ me admira, lhe diz, que certa a fama
Voſſas glorias, ò Principes, publique,
E ſó me admira ver, que em ambos ſe una
Tanto o merecimento, e a fortuna.

94.

Naõ podia, Senhor, eſta ferida
Ser mortal, porque ſendo de hum tal braço,
Se por mais forte me tiraſſe a vida,
Por generoſa lhe apertàra o laço:
E vós alta Princeſa eſclarecida;
Deſculpay no reſpeito hum embaraço,
Que hoje o ſilencio por azilo toma,
Porque naõ pode errar eſte idioma.

95.

Logo Henrique, e Tereza lhe permitem
Que à dama, a quem finiſſima reſpeita,
As finezas nas vozes ſe acreditem,
E fique tanta pena ſatisfeita:
Mas ella reſpondeo, que naõ ſe admitem
Por quem ao cativeiro eſtà ſugeita
Expreſſoens, que offendendo a Mageſtade,
Naõ deixaõ o alvedrio à liberdade.

96.

Henrique lhe propoem, que Muley ſeja
Livre, e poſſa voltar donde reſpire
Na liberdade, bem que ſe dezeja
Mais do que a quantos a ambiçaõ aſpire:
Que convaleça, e que aſſiſtido ſeja
De ſorte que contente ſe retire,
E que lhe dà ſua preciosa eſpada,
Que ſó porque o ferio, lhe deſagrada.

97.

Obſequioſo reſponde, mas licença
Lhe pede de ſaber, ſe acçaõ taõ rara
Lhe acrecenta a mais alta recompenſa,
Levando a ElRey Jozé a illuſtre Aldara?
Diz Henrique, eu bem ſey que fora offenſa
Negar, mas hum rumor jà ſe prepara, Nota 150.
Que Amado excita, e que a promeſſa rompe
De Henrique, e mais zelozo o interrompe.

98.

Permitime Senhor, que hoje ſe opponha
A tanta generoſa bizarria
Que naõ pode deixar que ſe diſponha
A favor de hum infiel, da Monarquia:
Aldara he o penhor, que ſó componha
DelRey ſeu Pay a barbara ouſadia,
Jozé, aquelle meſmo que arrogante,
Sabeis, matou de Heſpanha hum claro Infante. Nota 151.

99.

99.

Sim, diz Egas Moniz, ſe unica filha
Nota 152. He do Rey Iſmaelita Aldára bella,
E no ſeu emisferio hoje ſó brilha
Para influillo eſta benigna eſtrella:
De tantos Reynos, que triunfante humilha,
Mandar-lhe a ſucceſſora ſem cautela,
He arriſcar a patria, e com peſares
Ver erigir ſacrilegos altares.

100.

Mendo acrecenta: o voſſo patrocinio
Que honre, e livre a Muley, naõ ſerà injuſto,
Se arriſca da Sibilla o vaticinio,
Concede ao beneficio premio juſto:
Mas da Princeſa de Africa o dominio
Sò vos deixa ſeguro o trono auguſto,
Quem pòde duvidallo? Inſta Roberto,
No conſelho fiel, na guerra experto.

101.

E diz Pedro Bernardo; que os Leoneſes,
Que ao ſeu ſoldo ali tem da propria terra,
Logo ha de ſeparar dos Portuguezes,
E farà ſó aos Mouros dura guerra;
Por deſtruir os barbaros arneſes,
Se vir livrar a Aldara, ſe deſterra,
Deixando Portugal aos patrios lares
Do Tormes, do Piſſuerga, e Mançanares.

102.

Henrique a todos reſpondeo ſevero,
Que o zeloſo lhe agradece, mas que a ira
Reprime ſó por ver, que he taõ ſincero
O affecto, que nos animos reſpira:
E a Muley diz: bem ves, que naõ eſpero
Ver que hoje alcances quanto o amor te inſpira,
Por libertar a Aldara dezejada,
Que aqui fica ſegura, e reſpeitada.

103.

Impulſo eſtranho obedecer me obriga, Nota 153.
Diz o Africano, e eſſes conſelheiros
Em mim vos deixaõ furia, que inimiga
Pòde ſer que desfolhe os ſeus loureiros:
Hoje me augmentaõ a arrogancia antiga
Renovando-me os impetos primeiros;
E ſendo Aldára o claro ſacrificio,
Me prevertem na injuria o beneficio.

104.

Se com ficar eſcravo reſtauràra
A liberdade a ſua fermoſura,
Toda a minha ambiçaõ ſacrificàra,
Sò por ſervilla na prizaõ mais dura:
Já vou livre, ò Henrique, que o declara
A voſſa heroica voz, e a intençaõ pura;
E o ſangue, que perdi, em mim ſe augmenta
Nas iras, em que agora ſe alimenta.

105.

Tù, belliſſimo aſſombro dos humanos,
Victima da politica cobarde,
Has de ver que aos teus olhos ſoberanos
Se reſtitue quem ſó nelles arde:
Eſperem os ingratos Luſitanos,
Que hum amante impaciente aqui naõ tarde,
E veraõ ſe irritar hum poderoſo
He melhor que obrigallo generoſo.

105.

Duas vidas, Pelayo, te devia,
Com hũma voz de hum golpe as uſurpaſte;
Na campanha veremos algum dia,
Se as reſtituiſte, ou ſe as roubaſte:
Com ſuſpiros Aldara o Ceo feria,
E ſem que Henrique a ſuſpendello baſte,
Hum cavallo lhe deu, que o vento alcança,
Do amor eſtimulado, e da vingança.

HENRIQUEIDA

CANTO III.

Argumento.

Promete hum feliz ſonho ao Luſo Imperio
A firmeza, e do Infante a melhoria:
Muda ElRey de Lamego em vituperio
O tributo, que ao Principe devia:
Axa convoca as Deoſas do Emisferio,
E no jardim renova a idolatria,
Lembra Henrique hum perdido amor paſſado:
Deixa ao Rebelde preſo, e caſtigado.

1.

Com nuvens de rubi, rayos de prata
Se rompe a nevoa, que formava o Douro;
Foge a ſombra da luz, que ſe dilata,
Ve-ſe no Oriente o nitido teſouro:
Corre a Aurora a cortina de eſcarlata,
Apparece de Febo o berço de ouro,
E ſahindo do mar, quando madruga
Ao ſeu incendio proprio o Sol ſe enxuga.

2.

De Muley com ſaudade, e ſimpatia,
Henrique cuidadoſo naõ deſcança;
Aldara nos affectos, que ſentia,
Morre da pena, e vive de eſperança:
Egas Moniz, que a todos preferia
Em celebrar o bem que Henrique alcança,
Conduz de Guimaraẽs o Infante amado
Dando à ſaudade o premio deſejado.

3.

Cede Adonis ao inclito mancebo
Deſtinado a imperar aos Portugueſes,
E que o brilhante circulo de Febo
Naõ vira no principio cinco vezes;
Eſte he o mayor premio, que recebo,
A Henrique diz com expreſſoens cortezes
Moniz, a quem fiara vigilante
A regia educaçaõ do claro Infante

Nota 154.

4.

Eſte he o premio mayor, que eſperar poſſo
Da firme confiança generoſa,
Que podia ſó dar o favor voſſo
A huma fidelidade affectuoſa:
Livre o vereis com gloria, e alvoroço,
Na protecçaõ da Virgem prodigioſa:
Eſte portento a minha voz conſagre,
Juſtifique hum milagre outro milagre.

5.

Até o primeiro luſtro Affonſo illuſtre
Tem achado invenciveis embaraços
No incuravel achaque, porque fruſtre
Os que ha de dar á gloria largos paſſos:
De Chiron a ſciencia ſe deſluſtre
Ao querer deſatar taõ fortes laços;
E eu cri, que me deixaſſe o mal groſſeiro
Em vez de Ayo fiel, pio enfermeiro.

Nota 155.

6.

Tibia a fé, triſte a Corte, mudo o goſto,
Vendo no primogenito excellente,
Em que toda a eſperança tinha poſto,
Da prizaõ dura a pena mais vehemente:
Até da meſma viſta era deſgoſto
Ver a belleza quem o achaque ſente:
Porque por mayor mal o fado deixa,
Que augmente a gentileza a dor da queixa.

7.

A voſſa diligencia, e o meu zelo
Nota 156. Tinhaõ de Apollo os filhos apurado,
Naõ podia dormir o meu diſvelo
Sem fazer juſta offenſa ao meu cuidado;
Mas ainda que reſiſto, ainda que appello,
Ao ſuave veneno eſtou proſtrado;
Nota 157. Com que Morfeo, que a todos adormece,
Nos olhos ſeu encanto eſtabelece.

8.

Naõ foy o ſeu imperio mais ſuave,
Naõ foy o ſeu dominio mais violento,
Nota 158. Quando de Juno o doce imperio grave
De Lemnos o mudou ao firmamento:
E de Cymindis transformado em ave
Se atreveo receoſo ao grande intento
De introduzir do opio a efficacia
Da Providencia na alta perſpicacia.

9.

Nem fabuloſa intereſſada Juno
Lhe prometeo a bella Paſithea
Mares de Ceres, campos de Neptuno
Naõ paſſou enganando a ſacra idea:
Nem de Venus o adorno, que opportuno
Tanto o ſeu peito eſmalta, como enlea;
Nem para fomentar a Troya eſtragos,
Converteo em cantos os afagos.

10.

Mas Deidade de effeito mais piedoſo
O ſono me inſpirou, porque admiraſſe,
Que conſeguio do Filho, Pay, e eſpoſo,
O bem que Affonſo do ſeu mal livraſſe:
Aſſinaloume o ſitio prodigioſo,
Em que a Imagem divina occulta achaſſe,
E que o Infante livre logo ſeja,
Quando ſe edificar famoſa Igreja,

11.

E que reſerva ao Principe o deſtino,
Como ſe vê do aſſombro, que contemplo,
Para triunfar do Mahometano indino,
Para ſer das virtudes alto exemplo:
Naõ falteis a hum preceito taõ divino,
De Carquere ſe forme o ſacro Templo;
Nelle a Deos entregay com Fé tranquilla
Todos os tres talentos da Sibilla.

12.

No belliſſimo roſtro de Maria,
Porque naõ ſegue aos olhos a brancura,
Breve porçaõ da noite atrahe o dia,
Que augmenta com a graça a fermoſura:
Eu naõ dormia naõ, mas ſe dormia,
Porque eſta viſta celeſtial, e pura
Perco por ver hum Sol menos luzente;
E naõ dura eſte ſonho eternamente?

13.

O Heróe alegre corre, e à conſorte
Com Affonſo nos braços participa
Do digno filho a mais felice ſorte,
Que a Fé ſem evidencia ſe anticipa:
Como da ſombra a oppoſiçaõ mais forte,
Que eclipſa a Lua, a ſua luz diſſipa;
Quando para enterralla em dura guerra
He piramide, e pira a opaca terra.

14.

Aſſim o triſte horror ſe deſvanece,
Com que o mal offuſcava ao bello Infante;
E para o novo templo eſtabelece
Precioſo material, que ao mundo eſpante:
Como em Lamego o ſitio ſe eſcurece,
Que he nuvem negra ao aſtro mais brilhante;
A aquella parte a marcha ſe promulga,
E buſca ao Rey, que ainda obediente julga.

15.

Tereza, que ſem guerra ſe perſuade
O milagroſo ſitio ſe deſcubra,
Com Affonſo alivia huma ſaudade,
Que o vèo da devoçaõ alegre cubra:
Porém Aldara incredula à verdade
De tanto vaticinio he bem que encubra
No artificioſo, e fino peito occulto
O fiel do dezejo, o infiel do culto.

16.

Henrique diz à parte ao nobre Cunha,
Que com o deſafogo ſe melhora
Hum peſar, que lhe fia, e no que expunha,
Bem diſſimula as lagrimas, que chora,
E diz que favoravel ſe diſpunha
A ſorte, mas que bem ſeria agora,
Se naõ ſe perverteſſe no preſagio
Do antigo occulto, e infeliz naufragio.

17.

Nota 159. Foy de França Matilde illuſtre adorno,
Nota 160. E o Loire, o Sena, o Rhodano, e o Garona
Nunca viraõ belleza em ſeu contorno,
Nota 161. Que igualaſſe eſta Deoſa de Bayona:
Cupido quiz por força, ou por ſoborno
Vencer o coraçaõ, que mais blaſona,
Pois Henrique cuidava em toda a parte
Que o naõ feriſſe Amor ferindo a Marte.

18.

Livrou-ſe das belliſſimas Franceſas
Sem faltar a huma atenta corteſia,
E o valor com primores, e finezas,
De hum verdadeiro amante parecia:
No Templo das mais celebres bellezas
Naõ abrazava, porque ſó luzia,
Mas naõ baſtaõ de amor nos ſeus rigores
Luzes, que naõ ſe inflamem nos ardores.

19.

Quaſi tocava nos confins de Heſpanha
Atè do mar ſeu animo triunfante,
Vencedor nos perigos da campanha,
E naõ vencido às atracçoens de amante:
Na propria patria a pena mais eſtranha
Executou o cego fulminante;
Moſtrou Matilde a Henrique, e ſendo inquietas,
Entaõ deixou na aljava as duras ſetas.

20.

Soberbo as guarda, quando as poupa avaro;
Vendo que o precioſiſſimo theſouro
Lhe ſobeja, pois tem o roſtro raro
Nos olhos ſetas, nos cabellos ouro:
Naõ foy do amor eſte trofeo preclaro,
E eſtima ter Cupido eſte deſdouro,
Porque a gloria de Heróe ſempre publique,
Que nem o amor pòde vencer a Henrique.

21.

Que Matilde o venceſſe he mayor gloria,
Pois naõ cedendo a hum Deos, cede a huma Dama;
E render à belleza huma victoria
Sò no decoro immortaliza a fama;
Mas como eſta tragedia na memoria
Do alto varaõ a todo o affecto inflama,
Como jà com o exercito marchaſſe,
Cunha a Henrique rogou, que a recitaſſe.

22.

Obra o teu rogo em mim, como preceito,
Diz Henrique, vencendo a reſiſtencia,
Que a taõ triſte memoria faz meu peito,
Renovando na laſtima a violencia:
Se do preſente eſtado ſatisfeito,
E do futuro o Ceo me deo ſciencia;
Bem ſey que he melancolico delirio
Só no paſſado mal buſcar martirio.

23.

Na gruta de hum maritimo rochedo
De huma Dama ouço a voz triſte, e canora,
Que levou a atençaõ, ſem cauſar medo,
Sendo deſconhecida, mas ſonora:
Na diviſaõ, que deixa eſte penedo,
Viſta, e ouvido a hum tempo ſe melhorã,
E ſe deſcobre maravilha tanta
Vendo quem canta, ouvindo quem encanta.

24.

Nota 162. De azul veſtia, como Galatea,
E por Deoſa do Mar o Mar a invoca,
Ou delle naſce agora Citerea,
Ou o Sol no Oriente as ondas toca:
Na neve a luz dos olhos o fogo atea,
Perolas, e coraes reſume a boca;
E ao retratalla foge temeroſo
Hum criſtal de hum criſtal por envejoſo.

25.

Duros penhaſcos, ſe aſperos naceſtes,
Para romper as minhas triſtes vozes,
E quando em voſſo centro as recebeſtes,
Vos deixaraõ mais ruſticos, e atrozes;
Aqui venho cobrar quantos perdeſtes
Eccos amantes, finos, e velozes;
Porque dos meus miſterios nos prodigios
Naõ quero, nem nos eccos, os veſtigios.

26.

Nota 163. Naõ digais, que a Princeſa de Champanha
Entre os voſſos horrores ſe ſepulta,
Nota 164. Que naõ admite o trono de Bretanha,
Nota 165. E que em Guienna incognita ſe occulta;
Sabeis callar a cauſa mais eſtranha,
Que a faz fugir para eſta praya inculta,
Laſtima deva amor taõ infinito
No peito; mas na voz ſempre he delito.

27.

Muitas vezes te diſſe, ò muda penha,
Porque o meu epitafio ſe componha,
Quando o meu deſengano me deſpenha,
Para que em ti meu tumulo diſponha,
Que a taõ ditoſa morte ſó me empenha
O occulto amor de Henrique de Borgonha.
Aſſim cantou Matilde, e o ſeu pranto
Me fez trocar a magoa pelo encanto. Nota 166.

28.

Mas por fazer mais rara eſta aventura,
Lhe digo pela penha mal unida,
Que naõ pòde matar-ſe a fermoſura,
Que immortal, quando mata, dá mais vida:
E quem pòde dar luz à ſombra eſcura,
Verà a liberdade mais rendida
De hum coraçaõ, que permanece inteiro,
Para naõ dividir o cativeiro.

29.

Sobreſaltada quer fugir Matilde,
E mais ſe admira quando me conhece,
E a filha de Rogero, e de Clotilde Nota 167.
A minha ſuſpenſaõ já reconhece;
Do affecto ouzado o ſacrificio humilde
O meu amante peito lhe offerece,
E me refere timida a fineſa,
Que devi de Champanha à Gran Princeſa.

30.

Quando em Troyes, que he Corte de Rogero,
No publico torneyo appareceſtes,
E ao Duque de Bretanha em golpe fero,
Que era o mantenedor, logo venceſtes,
Entaõ vos vi no campo taõ ſevero,
Como ayroſo na dança o excedeſtes;
E fazendo do engenho claro exame,
Os premios lhe levaſtes no certame.

31.

Da praça na diſtancia ſó me viſtes,
E eu a Maſcara fuy, com quem dançaſtes;
E por deixarme eſtas memorias triſtes,
Para Borgonha alegre vos voltaſtes,
E tanto que innocente vos partiſtes
Do incendio inextinguivel, que ateaſtes;
Por ter o de Bretanha ſempre unido,
Me deſtinaõ por premio do vencido.

32.

Obſervey, que naõ ereis inſenſivel,
Póde ſer que o cauzaſſe hum novo objecto;
Ou que já diſtinguiſſeis o invencivel
Do meu occulto, mas vehemente affecto:
Naõ foy eſte ao decoro irreſiſtivel,
E eſcondeo o recato o meu projecto;
Porém ſe conheceſſeis fè taõ pura,
Dilatarieis huma auſencia dura.

33.

Entendi, que era juſto, que em meu peito
Vós alcançaſſeis mais outra victoria,
Vi tambem que a violencia do preceito
Naõ tirava a violencia da memoria;
E em huma eſcura noite ſem reſpeito
De expòr a vida, o Reyno, a fama, a gloria,
De Tancredo fiel acompanhada,
Vivo em Bayona occulta, e retirada.

34.

Como ſoube, que a Heſpanha vos levava
O generoſo eſpirito da guerra,
Por Tancredo de todos me informava;
Nota 168. Quantos paſſavaõ de Pirene á Serra;
Já dous dias havia que tardava,
E eſta gruta maritima me encerra,
Donde devi por hum eſtranho caſo,
Mais do que á diligencia, a hum ſó acaſo.

35.

35.

Diſſe, e no roſtro das purpureas roſas
A cor jà ſe deſmaya, e jà ſe aviva,
E as luzes dos ſeus olhos mais fermoſas
Ferem meu peito com a força activa:
Com expreſſoens corteſes, e amoroſas,
Que huma morta eſperança eſtà jà viva,
Lhe explico, e bem ouvido eſte meu rogo,
De Anteros ſe inflamou no puro fogo.

36.

He preciſo tambem, que te repita, Nota 169.
Que de occulto himeneo licitos laços
Do fino ardor, que o coraçaõ me incita,
Tive o mais feliz premio nos ſeus braços:
E o naõ quiz publicar, pois ſe ſe irrita
Bretanha, tem Champanha os embaraços
De que à guerra cruel logo ſe exponha,
Intereſſando a França, e a Borgonha.

37.

E quando a reſtaurar a Paleſtina Nota 170.
Os Principes Chriſtãos ſe vem uuidos,
E buſcàraõ na inſignia mais divina
Auſpicios ſacroſantos, e luſidos;
Naõ quero, nem por cauſa juſta, e digna,
Ser cauſa de que fiquem deſunidos:
Catolico o meu zelo aſſim diſcorre,
Em quanto Febo os doze ſignos corre.

38.

Jà neſte termo hum duplicado fruto, Nota 171.
Quando illumina a Geminis com rayos
O claro Apollo, davaõ por tributo Nota 172.
De outro Sol fecundiſſimos enſayos:
Em magoa troca o goſto, a gala em luto
Hum mortal accidente, que em deſmayos
Rouba à bella Matilde em hum inſtante,
E me deixa huma Infanta, e hum Infante.

39.

Qual foy a minha pena, eſſa naõ digo,
Nem o enterro encuberto, mas decente,
Pois tenho em cada acento hum inimigo,
Nota 173. Que a memoria me fere mortalmente:
Sò lembrarey, que o Heſpanhol Rodrigo
Dos Mouros era o rayo mais ardente,
Emulo fuy do ſeu bizarro alento,
E encubri no valor o ſentimento.

40.

A Tancredo fieitieios dous Infantes,
Nota 174. E hum Navio em Bayona bem armado
A Galiza conduz os Navegantes
No furioſo Oceano arrebatado:
Os meus olhos os ſeguem ſempre amantes;
Mas quando ſe conjura iniquo o fado,
Na ſorte inexoravel, e importuna,
Naõ muda hum elemento huma fortuna.

41.

E vendo-ſe abordar pelo pirata,
Queima o proprio baxel barbaramente;
Morrer matando he gloria de quem mata,
E naõ manda o valor ſer imprudente:
Por mais que a minha viſta ſe dilata,
Cobre o fumo os Navios de repente;
Com que aos meus olhos os eſcondem logo,
Ou cativeiro, ou ferro, ou agoa, ou fogo.

42.

Disfarçado, e fiel mando Roberto
Correr todos os Reynos Mahometanos,
Sem ſaber do combate o termo certo,
Nem de Tancredo os infelices dannos:
Occulto eſte ſucceſſo por incerto,
Haõ de contallo os ſeculos, e os annos,
Arè que pelos evos ſucceſſivos
Nota 175. Se encontre do Parnaſo nos archivos.

43.

Callou-ſe Henrique, e Cunha lhe reſponde
Admirado do tragico ſucceſſo,
Que o Ceo com mayor gloria correſponde
Ao fim do ſeu magnanimo progreſſo;
E aſſim lhe diz: alto miſterio eſconde
Os dous Infantes, que com tanto exceſſo,
E com tanta razaõ chorais perdidos,
E pòde ſer vejaes reſtituidos.

44.

Rompey deſſas memorias as cadeas,
E à fundaçaõ do Imperio Luſitano
Applicay as magnanimas idèas,
Deſcubri o teſouro ſoberano:
A Portugal trazeis melhor Eneas
Mais verdadeiro culto, que o Troyano;
E porque em vòs ſeu fado ſe reduza,
Ganhais Lavinia por perder Creuſa.

Nota 176.

Nota 177.

45.

Henrique entre a ternura, e a inteireza,
Diz ao Cunha: eſte caſo que deſcubro
Sò a ti por reſpeito de Tereza,
Com triſtes cinzas de Matilde cubro:
Nem dos filhos o amor, nem a fineza
De huma eſpoſa infeliz, que agora encubro,
Me afligem, pois ſó temo que cativos
Os innocentes eſcapaſſem vivos.

46.

Bem ſabes a razaõ, porque ſe a morte
Lhes deſſe a tumba ſemelhante ao berço,
Hoje os coroa mais eterna ſorte,
Que o Imperio mais vaſto do univerſo;
Mas ſe a Parca cruel preſerva o corte
Neſte ſucceſſo tragico, e adverſo,
Mudada a Religiaõ, e pervertida,
Sò para ter mais morte, tem mais vida.

47.

Eſtes, e outros diſcurſos do paſſado
Occupavaõ a Henrique, que marchava,
Como em paiz amigo, ſem cuidado
A Lamego, donde Egas o levava:
Aqui canta, ali canſa outro ſoldado,
Hum General ao outro convidava,
Muitos contaõ da guerra a propria gloria,
Huns com modeſtia, e outros com vangloria.

48.

Nota 178. Amado aborrecido ſe prezume,
E engenhoſa a memoria no martirio,
Da ſaudade, do amor, e do ciume,
Tem a ſede, o letargo, e o delirio:
Todos os males no ſeu mal reſume,
E quando tem na fé débil colirio,
Reconhece, que intenta liſongeira,
Que cure huma cegueira outra cegueira.

49.

Tambem de odio, e de amor corria cego
Muley, e das paixoens, em que ſe anima,
Quer que ſeja o Chriſtaõ tragico emprego,
Que todos aborrece, e Henrique eſtima:
Introdux-ſe na Corte de Lamego,
E a Rainha ſó buſca, porque exprima
Ao varonil eſpirito que encerra,
Rebeliaõ, a que chama juſta guerra.

50.

Acha Anzures imagem de Bellona
O Rey, e o Reyno forte dominava,
Naõ da belleza, do valor blazona,
Que aquella dava vida, eſte matava:
Nota 179. Nunca ſe vio taõ rigida Amazona;
Porque o paiz, que o Termodonte lava,
A achara digna de imperar em Scitia
Nota 180. Mais que Pantaſilea, e mais que Oritia.

51.

Armas ligeiras veſte, naõ que o peſo
Offenda o varonil talhe robuſto;
Mas porque lhe parece com deſpreſo
O menos defenſivo mais auguſto:
Inverno congelado, eſtio aceſo,
Frio ameace, ou intimide aduſto,
Vencido a competir nenhum ſe atreve
O ardor dos olhos, e do roſtro a neve.

52.

Solto o cabello dava ao ſol deſmayos,
E Semiramis nova nunca o prende, Nota 181.
Por entender, que fulminando rayos,
Multiplica outras armas, com que offende,
De alfange, lança, e ſeta nos enſayos,
Ou de perto, ou de longe a todos rende;
E ninguem ſabe quem morreo primeiro,
Se o deſtro, ſe o robuſto, ſe o ligeiro.

53.

Da breve, e veloz planta ſó ſe izenta
A humilde flor, naõ a ſoberba eſpiga,
Nem hum inſtante a area repreſenta.
Pouco veſtigio a quem ſeus paſſos ſiga:
Dos Heſperides pomos avarenta
Corra Atalanta, ſe a ambiçaõ a obriga,
Que naõ ſerá vencida por tal erro
Quem o ouro deſpreza mais que o ferro.

54.

Impaciente do jugo, que impuſera
Henrique ao Rey, em quanto o naõ ſacode,
Naõ veſte as armas, porque naõ impera,
Se de hum eſtranho arbitrio às leys acode:
Com profunda politica pondera
Como livrarſe do tributo póde;
Mas quaſi as eſperanças tem perdido
Na triſte nova de Almançor vencido.

55.

55.

A ſeita de Mahometo aborrecia
E aos Gregos, e Romanos ſe inclinava,
No Palacio em occulta idolatria
As guerreiras deidades adorava:
Tambem às Heroinas erigia
Eſtatuas, que devota reſpeitava;
E nos ſeus ſacrificios mais reparte
Nota 182. Com Pallas, e Bellona, que com Marte.

56.

De hum jardim diſſimula como adorno
De marmore os divinos ſimulacros,
E as flores do odorifero contorno
Eraõ perfumes dos ſeus ritos ſacros:
As fontes com mais liquido ſoborno
Nota 183. Serviaõ de expiaçoens, e de lavacros,
E os animaes dos prados florecentes
Eraõ victimas puras, e innocentes.

57.

Por Numen tutelar Pallas ſe eleva
Nota 184. Sobre hum lago, que he copia do Tritonio,
E porque naſce armada mais lhe deva
Nota 185. Do que deveo ao Reyno de Erictonio:
Bornido eſcudo em porfido ſe atreva
Nota 186. A exceder o criſtal terror Gorgonio,
Nota 187. Que o Egide no duro à pedra cede,
E o eſpelho no brilhante naõ a excede.

58.

A eſtatua de Bellona tem dominio
Nota 188. No verde templo mais que teve em Roma
Na Porta Carmental, Circo Flaminio,
Onde eſcudos pendentes piſa, e doma:
Em bellica coluna hum vaticinio
Axa naquelle dia alegre toma,
Fecial do ſeu Reyno ſem reſgnardo
Nota 189. Para a parte do Douro arroja hum dardo.

59.

59.

Em buſtos ſemideoſas valeroſas,
Nos pedeſtaes altas acçoens gravadas,
Incitando as ideas generoſas
As iras entretem diſſimuladas.
Tomiris vence a Cyro, e primoroſas
Na eſcultura as victorias debuxadas,
A cabeça ſe vè fria, e exangue,
Em agoa inſaciavel, como em ſangue.

Nota 190.

Nota 191.

Nota 192.

60.

Camilla contra Eneas taõ activa
De Turno o Reyno armigera defende,
Que ainda, a peſar de Apollo, a teme viva
Aruncio, que ſacrilego a offende:
Harpalice valente, e compaſſiva
A todo o furor Getico ſuſpende;
E eſta filial piedade hoje admirando,
Foy ao ſincel o marmore mais brando.

Nota 193.

Nota 194.

61.

O Filho de Peleo invulneravel
Só podia vencer Pantaſilea
Inventora do ferro inexoravel,
De que o meſmo Vulcano ſe recea;
Clelia na eſtatua equeſtre, e admiravel,
Como no Tibre humrio aqui vadèa,
As agoas deſprezando, e os perigos,
Fez naufragar em terra os inimigos.

Nota 195.

Nota 196.

62.

Semiramis deixando o arteficio,
Que era inutil a tanta fermoſura,
Por triunfante no bellico exercicio
Melhor Penſil, que em Babilouia, apura:
Só em oppor-ſe a Alcides deo indicio
Hipolita de forte, inſigne, e dura,
De exemplo ſerve a Axa generoſa,
Pois tambem de Teſeo quiz ſer eſpoſa.

Nota 197.

Nota 198.

63.

Os quadros enſinavaõ nos debuvos
Da arquitectura militar preceitos,
A murta ameas, torrioens os buxos
Fabricaõ ſem na arte ter defeitos:
Porque atè na delicia tenha influxos
A virtude marcial nos fortes peitos,
Com as plantas ſe formaõ nunca incultas
Nota 199. Arietes, Baliſtas, Catapultas.

64.

As arvores, que admite, ſaõ loureiros,
E o Mirto, ou o Carvalho, que apregoa
Para glorioſo premio dos guerreiros
Nota 200. A triunfal, ou a Civica coroa:
Das aves, que tem cantos liſongeiros,
Nota 201. A Cromatica muſica naõ ſoa,
E o Gallo vigilante ſe conſerva
Nota 202. Por conſagrado a Pallas, e a Minerva

65.

As fontes com as agoas inquietas
Do ar com artificio comprimido
Imitaõ bem as vozes das trombetas
Nas que em bronze formou buril pulido:
De agoa diſpara criſtalinas ſetas
Pallas contra huma imagem de Cupido,
E como à guerra em tudo correſponde,
O amor nas agoas timido ſe eſconde.

66.

Vem-ſe oppoſtas tambem nas partes quatro
As feras, que tem mais antipatia,
Nota 203. E que foraõ de Roma no teatro
Liſonja da triunfante tirania:
Nota 204. Junto ao jardim hum grande anfiteatro
O animo ainda mais fero divertia,
E conduſio da parte mais diſtante
Nota 205: Contra o Rhinoceronte o Elefante.

67

67.

Neſte jardim da Pallas Africana
Entrou Muley, e ao vello, ſó o adula
A imagem da vingança, que tirana
O amante peito incita, e eſtimula;
A' galharda Amazona ſoberana,
Que taõ altos eſpiritos vincula,
O ardor ſó mitigado na decencia
Aſſim falla com bellica eloquencia.

68.

Que pouco hey de valerme da Oratoria,
Bellicoſa belleza, a quem aclama
Mais que Zenobia naõ vencida a gloria,
Mais que Bellona verdadeira a fama:
Se a cada paſſo encontro huma victoria;
E hum retrato do ardor, que vos inflama;
Mais do que eu neſtes verdes orizontes
Guerra dizem eſtatuas, plantas, fontes.

69.

As eſtatuas heroicas ſaõ equeſtres,
Para levar ao campo as heroinas;
Saõ as plantas pentagonos terreſtres,
Saõ as fontes trombetas criſtalinas:
Voſſo eſpoſo Alexandre, e vos Taleſtres; Nota 205.
Naõ ſofraõ nas cadeas mais indinas,
Porque a ſorte huma vez lhe foy contraria;
A Regia Dignidade tributaria.

70.

Ainda que Henrique ſe acha victorioſo;
Deſcuidado o vereis neſta comarca,
Seu exercito pouco numeroſo
Tambem deu na batalha o feudo à Parca:
Ver em Lamego eſpera vanglorioſo
De hum Conde ſer vaſſallo hum graõ Monarca;
E o que he mais, vòs Magnanima Princeza,
Ir poſtrar-vos no ſolio de Tereza.

71.

Mais vem disposto agora (que huma espia
Do seu campo me aviza) que ao combate,
A descobrir a imagem de Maria
Persuadido de hum cego desbarate:
Nota 206. Por donde o monte Fuste se desvia
Do Rio Alarda, e tem o seu remate
A Serra, que do sitio a origem tome,
Porque de Seca bem merece o nome.

72.

Hà de passar o campo sem receyo,
E se este posto occupa a gente nossa,
Ainda que voltar queira, o que naõ creyo,
Desta aspereza, he crivel, que naõ possa:
E se de pelejar elege o meyo,
Toda a victoria ha de ficar por vossa,
Porque de sorte haveis de estar campada,
Que a tudo corte a vossa invicta espada.

73.

Muitas vezes marchey neste terreno,
Que he de pedras, e matos taõ cortado,
Que naõ tem campo plano, ou sitio ameno
Para hum corpo de tropas bem formado:
Verà por vòs o Imperio do Agareno
Seu abatido nome restaurado,
E essas estátuas, que admirais taõ raras,
Haõ de dar-vos as pedras para as aras.

74.

E se ElRey duvidar do juramento,
Que extorquio a violencia sem vontade,
O medo o deo, e o rompe em nobre intento
O valor, Religiaõ, e liberdade;
A ElRey Jozé do vosso vencimento
A noticia darey com brevidade,
E vos socorrerà com pressa rara,
Que està cativa sua filha Aldara.

75.

Ao pronunciar o nome a voz retira,
Porque traidor ao peito o ſeu ſemblante
A deſcobrir taõ fino amor conſpira
Desluzindo o zeloſo com o amante: Nota 207.
Só deixa em furias deſatada a ira,
E contra os Luſitanos fulminante
Tira ao Ceo huma ſeta temerario,
E entre as ſuas a guarda o Sagitario. Nota 208.

76.

A Rainha reſponde: ſe aſcendente
Naõ fora teu o vencedor de Heſpanha,
Neſſe eſpirito heroico o mais ardente
Eu conhecera a gloria mais eſtranha:
Mas porque em ti Muley heroico augmente
Eſſa tranſmigraçaõ tanta façanha, Nota 209.
Naõ te deo o valor eſſa alma ſua,
Veyo buſcar eſpiritos na tua.

77.

Quanto propoens, propunha o meu diſcurſo,
E a vontade delRey eu a domino,
Mas tenha na cautela o ſeu recurſo
A aſtucia militar, que hoje imagino:
Dos meus Alcaides o marcial concurſo Nota 210.
Convocar com as tropas determino,
E luſidos os quero, e numeroſos,
Para que a Henrique eſperem cauteloſos.

78.

Retirou-ſe Muley com alegria
De ver a ſua maquina ajuſtada,
E ſoube que Jozé ſe recolhia,
Deixando a rebeliaõ bem caſtigada:
Já a nocturna emulaçaõ do dia
Dava á ſombra a victoria coſtumada,
E Axa alegre augmentando as luzes bellas
Brilhante emulaçaõ foy das eſtrellas.

79.

Só no jardim ficou, e porque aceite
Nota 211. Pallas a libaçaõ, que lhe prepara,
Nota 212. De Jo a copa bebeo de puro leite,
Que a via lactea naõ ſe vé mais clara,
E porque o reſto em culto ſe aproveite,
Regou a terra, donde erige a ara,
E invocando tres vezes a Tritonia
Purificou no affecto a ceremonia.

80.

Deidade victorioſa, a quem renovo
(Tremula pronunciou) o culto antigo,
Quando outros ritos barbaros reprovo,
E a Religiaõ mais ſabia fina ſigo;
Aquelle ſanto oraculo, que approvo,
Me diga, ſe vencendo eſte inimigo,
Collocarey no throno Luſitano
O voſſo rito eterno, e ſoberano.

81.

A penas proferio o ultimo acento,
Nota 213. Quando (oh prodigio!) o marmore ſe anima,
Deo lhe o genio de Averno o ſentimento,
Com que equivocas clauſulas exprima:
Ou lhe perturba o Ceo o entendimento,
Ou como ſempre as fabulas eſtima,
Naõ póde a conjectura, com que aſſombra,
Ver a futura luz mais que na ſombra.

82.

Nota 214. No dia, em que triunfes coroada
No templo dos Chriſtãos com teu eſpoſo,
De Henrique, e de Tereſa a ley proſtrada
Te ha de ſervir com culto obſequioſo:
Por ti ſercy das gentes adorada,
E os mais Deoſes com culto religioſo,
E hey de aſſiſtirte ſó a ti viſivel,
Para que ſempre ſejas invencivel.

83.

Tanto que o ar ferio a voz guerreira,
A paz dos elementos ſe perturba,
Foge a Lua entre os aſtros a primeira,
Enfia Marte, e Hercules ſe turba:
Perſeo monta no Pégaſo, a carreira Nota 215.
Lhe imterrompe a Balea, corre a turba, Nota 216.
A que o nome, ò Zodiaco, deveſtes Nota 217.
Dos agitados animaes celeſtes.

84.

Morre o Ciſce, e naõ canta o bruto Heſperio Nota 218.
A Alcides outra vez no Ceo inſulta,
Sem que ſe mude o arctico emisferio,
Neptuno a Urſa temeroſa occulta:
Argos naufràga no celeſte Imperio,
Antinóo na urna ſe ſepulta;
E ao Giganre Orion morde raivoſa
A Canicula ardente, e venenoſa.

85.

Os ventos ameaçaõ, ou ſuſpiraõ,
De Aves nocturnas gritos naõ canoros
Conſagradas a Pallas medo inſpiraõ
Atè aos inflamados Meteoros:
Paraõ exhalaçoens, cometas giraõ,
E ſe pudera nos Sagrados Coros
Alterar-ſe a immutavel conſonancia,
Lá chegaria a horrivel diſſonancia.

86.

Tudo temeo, ſó Axa naõ temia;
E huma illuſaõ, ou foſſe novo encanto;
Repreſenta na vaga fantaſia
Mayor admiraçaõ, mayor eſpanto:
Qualquer das heroinas parecia,
Que armas lhe dava para emprender tanto:
Os cavallos maneja mais robuſtos,
Corpos inteiros ſaõ os meſmos buſtos.

87.

Nota 219. Correm eſtatuas em marcial torneyo
E as futuras victorias aſſeguraõ,
A todas jà conſulta ſem receyo
As militares maximas, que apuraõ:
Tanto os ſentidos neſte vago enleyo
Da enganada Africana preſos duraõ,
Que eternamente nelles ſe empregàra,
Se o Sol, por lhe dar luz, naõ madrugàra.

88.

Zaida favorecida da Rainha,
E coſtumada ao bellico exercicio,
Com mortal accidente à Parca tinha
Feito naquella noite ſacrificio:
Nota 220. A animar o cadaver ſe encaminha
Pallas com taõ occulto maleficio,
Que como a Zaida jà ninguem a eſtranha,
E a Axa como Pallas acompanha.

88.

Veyo ElRey ao jardim, e cuidadoſo
Se informa, porque tanto ſe deſvela?
Reſponde que obſe vou no Ceo fermoſo
Nota 221. O Heliaco occaſo de huma eſtrella:
Que vio hum Meteoro luminoſo,
Que em Lamego moſtrava a luz mais bella,
E transformando o ſeu benigno enſayo,
Ao Douro fulminava, como rayo.

90.

Esforçou as razoens com eloquencia
Efficaz nas acçoens, e nos acentos,
Moſtrou da liberdade alta excellencia,
Referio de Muley dignos intentos:
Da liga de Jozé a conveniencia,
Da Mahometana Ley claros augmentos;
Chorou em fim, e o Rey credulo, e triſte
A's razoens, naõ às lagrimas reſiſte.

91.

Zaida aviza a Muley, e com fingido
Obſequio a Henrique os Mouros convocados,
Porque foſſe o exercito luzido,
Vem com mil vezes trinta bem armados:
Vay em paſtor Muley deſconhecido,
Como ſe foſſe guia dos Soldados;
Porque Henrique mandando hum menſageiro
Naõ ſoſpeite o intento verdadeiro.

92.

Bem prevenio, que hum Tavora galhardo Nota 222.
Dò nome, e Real Sangue de Ramiro
As agoas vadeou do rio Alardo,
E ao campo jà chegàra em largo giro:
Buſca ElRey, e examina com reſguardo
Primeiro de huma mata no retiro,
Se percebe ſinal, em que deſcubra,
Que algum traidor intento encubra.

93.

A Rainha, que a Zaida ſempre obſerva,
Em que Pallas aos outros vivè occulta,
Como em Mentor ſe transformou Minerva, Nota 223.
A que o Principe de Itaca conſulta,
Segue o ſagaz avizo, que a preſerva,
E ao Tavora a deſtreza difficulta:
Fingindo que o naõ vè teve advertida
Com ella aſtuta pratica, e fingida.

94.

Diz a Rainha a Zaida o grande goſto,
Com que eſpera ao Senhor, a que obedece,
Pois nelle o Ceo os louros jà tem poſto;
Que incomparavel ſeu valor merece:
Zaida reſponde, que jà eſtà diſpoſto
O exercito feſtivo, que apparece,
De ficis, e valentes tributarios,
Com que Henrique combata os ſeus contrarios.

95.

95.

Sem temor ſahe o Tavora, e agora
Naõ tem medo à cautela, e nunca à furia,
Que generoſo eſpirito naõ fora,
Se imaginára taõ rebelde injuria:
Quem naõ cuida no mal, e ao mal ignora,
E ſe ſuppor o melhor he nobre incuria,
Ainda que o ſer ſincero he certo dano
Depois que foy politica o engano.

96.

Ao Rey, q̃ encontra, diz, que o Grande Henrique
Depois que vencedor ficou no Douro,
Sitio vay deſcobrir, que ſantifique
Hum milagroſo celeſtial teſouro;
Que o tributo lhe pede, porque applique
Ao Rey mayor o certo feudo de ouro,
Fingindo ElRey reſponde que em peſſoa
Leva a Henrique o erario, e a coroa.

97.

E que como eſta honra lhe concede,
No rio Alardo os dois melhor campados
Se aviſtaraõ, matando em tanto a ſede,
Que lhe mata os Cavallos, e os Soldados:
E que aceite tambem benigno pede
O Principe huns riquiſſimos traçados
Cheyos de taõ brilhante pedraria,
Que tanta luz receya o meſmo dia.

98.

Nota 224. Deo ao Embaxador da Herminia ſerra
Hum veloz bruto, e huma precioſa joya,
Porém no engano, e cauteloſa guerra,
Bem prevenia o que ſe finge em Troya:
E porque aſtucias o treidor encerra,
Manda á luſida eſcolta, que o comboya,
Que em ſerra, e rio obſervem os primeiros
Póſtos, caminhos, váos, desfiladeiros.

99.

99.

O prudente Gazul, que manda a eſcolta,
Tambem ſabe o ſegredo deſta empreſa,
E pontual refere, quando volta,
Do ſitio a impenetravel aſpereza:
Que quem nella ſe enreda naõ ſe ſolta,
Que deixe entrar Henrique, e com preſteza,
Baſtaõ, ſe do alto lançaõ pedras duras,
As meſmas armas para ſepulturas.

100.

A Rainha, a quem Pallas ſempre influe,
Tres batalhoens conduz às eminencias,
Aos deſtros ſetas, e arcos diſtribue,
Aos robuſtos, dos ſeixos às violencias,
Com numero dobrado contribue
A guarnecer com prontas diligencias
Portos, e vãos aos que com varios giros
Daõ de mais longe impulſo aos fortes tiros.

101.

Ou na falda do Fuſte, ou nos caminhos,
Que a Serra ſeca ali permite eſtreitos,
Viute eſquadroens ſe formaõ muy viſinhos
Com duros coraçoens, e duros peitos:
Por donde corre em liquidos arminhos.
O Alarda, eſtaõ das agoas taõ desfeitos
Outros desfiladeiros, que diſtantes
Nelles formar naõ pode mil infantes.

102.

Huma planicie, donde a Serra alarga,
Elege com as tropas, que diſtina,
Para as levar com mais vigor à carga
A idolatrada idolatra heroîna:
ElRey ſe forma em terra menos larga,
Que a marcha aos Portuguezes mais domina,
E como ao reſto o mato a Serra encobre,
Para atrahillos falſo ſe deſcobre.

103.

Tambem monſtruo Africano o Crocodillo
Em mayor rio engana com afagos,
E as torrentes beneficas do Nilo
Malquiſta com ſeus tragicos eſtragos;
Nota 225. Tambem no mar, fingindo-ſe tranquilo
Immoveis faz ſeus movimentos vagos
Aos que buſcaõ incautos, e ſem medo
Eſſe vivente hipocrita rochedo.

104.

Henrique o Rey deſcobre, inadvertido
Com poucos ſe avançou ſó por honrallo,
O exercito formara prevenido
Moniz, e naõ permite ſeparallo:
Por ſubir ao penhaſco mais erguido
Infatigavel dece do cavallo:
Záida, que vè, que o alto ſitio buſca,
Nota 226. Com nevoa eſpeſſa toda a Serra offuſca.

105.

Mas o genio, que a Henrique activo guarda,
Ao Herôe faz a ſombra favoravel,
Porque o Mouro, que alegre a preſa a guarda,
Deſencontra ao Varaõ incomparavel:
Deſcuberto ſe julga, e ſe acobarda,
Sem lembrar-ſe do ſitio inexpugnavel;
E nem dos deſcuidados na imprudencia
Pode mais que o valor huma violencia.

106.

Oſinal do combate intempeſtivo
Fez tocar, com que Henrique ſe encorpora
Com Moniz, que he prudente quanto activo,
E a ordem da batalha ſe melhora:
A faiſa Palas contra o fumo eſquivo,
Como a noute illumina a bella Aurora
Eſpalha a eſcuridaõ ſó a hum alento,
E fez fogir do vento o meſmo vento.

107.

No rio hum batalhaõ ſe precipita
Dos Mouros com o impulſo repentino:
A valente Amazona entaõ ſe incita
Na eſperança do Oraculo divino:
Os batalhoens, que manda, pronta excita,
E encontra com Moniz o ſeu deſtino,
Que com os eſquadroens, que manda Muça,
Atacava huma forte eſcaramuça.

108

Com ella ao inimigo diſſimula
A marcha occulta, que com arte eſtranha
A toda a infantaria, que regula,
Avançava cuberta na montanha:
Záida, que outros encantos accumula,
E à Rainha finiſſima acompanha,
Com eſquadraõ fantaſtico, e ligeiro,
Occupa a entrada do deſfiladeiro.

Nota 227.

109.

Porèm Pelayo Amado, que deſpreza
Todas as iras, que naõ ſaõ de Aldara,
Ataca as ſombras, admirando a illeſa
Incorporea ſubſtancia, que encontrara:
Mas na planicie a gente Portugueſa
Depois deſte prodigio bem formara,
Quando vio hum Campeaõ, que o apellida,
Com o roſtro cuberto, a voz fingida.

Nota 228.

110.

Negro bruto montava, que animado
Carvaõ com fogo occulto parecia,
E nas armas o aço envernizado
A' ſombra, que o offuſcava, a luz devia:
Tem de chamas de fogo ſemeado
O peito, que outras chamas encobria,
Negro, e vermelho ayraõ, com que prezumo,
Que à regiaõ do fogo leva o fumo.

111.

A pezar do eſcabrozo do terreno
Nota 229. Livre dos rayos, a que ſegue Clicie,
Hum boſque havia occulto, e ſempre ameno,
Que uſurpou à montanha huma planicie:
Na verde relva, no calcado feno,
Igual ſe dilatava a ſuperficie,
Adonde as pedras nas equeſtres voltas
Nem ſe encontravaõ lubricas, nem ſoltas.

112.

Para eſte ſitio os contendores fortes
Reſervaõ o galhardo deſafio,
Eccos horriveis de funeſtas mortes
Soaõ no monte, eſpalhaõ-ſe no rio:
Iras, e furias por diverſas ſortes
Todas fogindo ao boſque mais ſombrio,
Acharaõ tantos ao furor eſtreitos
Para caber no esforço de dous peitos.

113.

Quem es, lhe diz Amado, que deſtinas
Contra mim tanta colera encuberta,
E em dano teu provocas as ruinas
Em parte taõ occulta, e taõ deſerta?
Nas cores deſſas armas peregrinas
Vejo de algum amante a pena certa,
Porque o triſte, e o ardente he hum compendio
De hum peſar firme, de hum voraz incendio.

114.

Eu ſou Muley, lhe diz, traidor Pelayo,
Que por tirar-me a alma me das vida,
Porque me livras de hum mortal deſmayo,
Por fazer-me immortal outra ferida?
Deixaſte o menos nobre, como o rayo,
E ſó a parte ſolida offendida;
E cuidas, que naõ ſey o novo inſulto,
Que me fulmina o teu amor occulto?

115.

O Amor que encubro, o Portuguez replica,
Nem de mim meſmo o fio, e tão ſecreto
Vive no peito, que atè mal explica
Ao meſmo penſamento o fino affeto:
Algum genio envejoſo he quem publica
Mal, que me mata occulto, e inquieto:
Hum genio, diz Muley, mo diſſe agora
Por Záida, a quem o Abiſmo humilde adora.

116.

Záida, que diſtinguindo-ſe na guerra,
Segue os veſtigios de Axa bellicoſa,
Que magica domina o Ceo, e a terra,
E governa a região mais tenebroſa:
Quanto ſegredo a Nigromancia encerra
Poſſue, ſem que tema na horroroza
Arte, que aos elementos faz injurias,
Do Ceo os rayos, nem do Abiſmo as furias.

117.

Ella as armas me deu, não as forjadas,
Que a fabula deſcreve, por Vulcano, Nota 230.
Mas para o combater bem fabricadas
A' prova ainda de hum braço ſoberano:
Se as pudera deſpir, jà deſpojadas,
Igualara o combate, mas tirano
O ſeu preceito as deu com execravel
Juramento mais que eu invulneravel.

118.

Agora, diz Amado, te perdòo
Eſſe encanto, ſe deixas eſſa banda;
E ſe a cobro, e com ella me corôo,
A buſcar outro encanto o genio manda:
Vou a buſcarte, ou a encontrarte vòo,
Mas o cavallo tanto ſe deſmanda,
Que a penas a Muley ligeiro encontra,
Hum movimento faz, que o deſencontra.

119.

119.

Foy cauſa a venda deſte movimento,
Nota 231. Pois querendo-a roubar Zefiro amante,
A arrebatara à ſua esfera o vento,
Nota 232. Se a naõ prendeſſe a arvore triunfante:
Cahio Pelayo; mas Muley atento
Se apea a ſocorrelo vigilante;
E vendo-o ſem acordo, contribue
Para a vida, que aſſim lhe reſtitue.

120.

Porèm como na queda ambos os braços
Maltratou com o grande precipicio,
Cobra a venda, e vencendo os embaraços,
Ao inimigo augmenta o beneficio:
O freyo lhe concerta, que em pedaços
Deixava ao bruto indomito exercicio;
E porque o ſeu valor ſe naõ dilate,
Volta a animar dos Mouros o combate.

121.

Moniz a infantaria pela Serra
Conduzia buſcando o mais fragoſo,
Henrique ſobre o rio em dura guerra
Desbarata poder mais numeroſo:
Com tal valor ao Rey rebelde encerra
No poſto inacceſſivel, que furioſo
O Mouro, que do impulſo ſe acobarda,
Se precipita na ribeira Alarda.

122.

Henrique o ſegue, e Zaida huma torrente
Arroja com violencia da montanha,
Com que creceo o rio de repente
De agoa, e do gelo rapida campanha:
Qual a Balea em corpo taõ ingenre
Sente a ferida, com que a farpa eſtranha
Veloz a offende, e treme o orizonte
Vendo que ſobre as ondas foge hum monte.

123.

123.

Aſſim o Mouro, o roſtro enſanguentado
Pela eſpada de Henrique, às agoas corre,
O vencedor tambem peleja a nado,
E pelo campo liquido diſcorre:
Arrojarſe naõ ouza algum Soldado,
Com que ninguem aos Principes ſocorre;
Porèm a rebeliaõ ficou vencida,
Perdida a liberdade, ſalva a vida.

124.

O Herôe a terra com o Rey cativo
Entre nuvens de ſetas dos contrarios
Illeſo ſahe; o grande Cunha activo
Aproveita o temor dos adverſarios,
E o graõ Pedro Bernardo executivo
Se opoem aos batalhoens, que temerarios
Ao favor da torrente, que os defende,
Refazer-ſe outra vez qualquer pretende.

125.

As ondas com o Tavora atraveſſa, Nota 133.
Que outro Delfim no ſeu brazaõ merece;
Hum, e outro com furia ſe arremeſſa,
E o eſquadraõ, que os ſegue, em força crece
Porque de todo o barbaro pereça,
Gazul contra Bernardo ſe offerece;
Mas eſte com juſtiça reſoluta,
A pena dos rebeldes lhe executa.

126.

A cabeça do tronco jà troncada
Na partida blasfemia, que profere,
Vay de Acheronte à margem inflamada Nota 134.
Acabar as injurias, que refere:
Em fim a turba infiel desbaratada
Nem na fogida o ſeu remedio eſpere,
Achando no terreno os embaraços,
Que a fizeraõ prender entre os ſeus laços.

127.

127.

Axa, e a ſua Palas enganoſa
Com o reſto coroa o mais ſublime
Da ſerra ſeca, que aſpera, e fragoſa,
Atè as penhas com o ſeu peſo opprime:
Ali do ſeu jardim a numeroſa
Cohorte de heroînas ſe lhe imprime
Na falſa fé, que vem a ſocorrela,
E a Pallas tutelar tudo revela.

128.

He certo, alta Deidade, a quem venero,
Que Semiramis vem a ſocorrer-me?
E que Tomiris com ſeu braço fero
A Henrique, como a Cyro, ha de trazer-me?
Bellona a do ſemblante mais ſevero
Com outras deoſas vem aqui valer-me?
He illuſaõ, que finge a minha gloria,
Ou he deſtes infieis certa a vitoria?

129.

Záida (que o mào eſpirito fomenta
Sempre os noſſos enganos) lhe aſſegura,
Que o triunfo glorioſo o Ceo lhe augmenta,
Quando a eſperança contra a fé murmura:
E que hum pequeno corpo ſe apreſenta
A combatella dentro na eſpeſſura,
E que os mais Portuguezes deſtruidos
Ficaràõ a muy poucos reduzidos.

130.

Foy o caſo, que o deſtro, e reſoluto
Egas Moniz vencendo o mais terrivel,
Com encuberta marcha era abſoluto
Senhor jà da eminencia inacceſſivel:
Nota 135. Dom Fafes Luz Signifero, que aſſuto
Unîa com o ſabio o invencivel,
Do batalhaõ, que Amado conduſira,
O primeiro lugar ſubſtituira.

131.

131.

Axã a eſte com furia deſafia,
Qualquer pelo terreno impraticavel
Aos cavallos da propria força fia
O ultimo esforço do valor notavel.
Quanto a deſtreza deu na Geometria
Douto preceito á colera implacavel,
Se executou; comque eſta acçaõ tremenda
Mais liçaõ parecia que contenda.

Nota 236.

132.

Mais o Sol duplicado, que partido,
Tinha nos olhos a belleza fera;
Teme mais o contrario comedido
Que o fogo, que arde, a luz, que reverbera:
Só os golpes repara prevenido,
Mas o publico dano conſidera,
Se deixa aqui vencer com vitupetio
A inimiga mayor do Luſo Imperio.

133.

Como o filho de Tetis, e o de Alcmena
Se empenhaõ em triunfar de huma Amaſona,
Esforça as iras, mas o Fado ordena,
Que ſeja mais feliz eſta Bellona:
Ou he que Amor o ſeu valor condena,
Porque com indecencia o inficiona,
De naõ dar à belleza o vencimento,
Donde ſó he vitoria o rendimento.

Nota 237.

134.

Naõ vio mais dura luta em Grecia o Iſthmo;
Mas nos braços mais bellos, e robuſtos,
Quaſi chegou ao triſte paraciſmo
Em que pagaſſe intentos taõ injuſtos:
Lançou-o em terra, e cria ja o Abiſmo
Ver acabar alentos taõ auguſtos;
Porque ferido eſtava, e tu o deſarmas,
Venus mais bella, a quem deu Marte as armas.

Nota 238.

135.

Mas ſuſpendeo-ſe a acçaõ, vendo o prodigio,
Que fez em Pallas o Moniz valente,
Nota 239. Pois contra a furia do infernal Eſtigio
Teve poder o herôe preeminente:
Nota 240. Ainda tem de Diomedes hum veſtigio,
Que ao Deos da guerra forte, e excellente
Ferio, e ainda morrera da violencia,
Nota 241. Se de Peon naõ fora alta a ſciencia.

136.

Por mais que, ò vil eſpirito, provocas
O incorrupto cadaver com furores,
E das tuas legioens o ardor invocas,
Para inflamar os frigidos horrores;
Lhe abrio o General mais de mil bocas,
Por donde ſe exhalaraõ ſeus ardores,
E deſtruido o material compoſto,
Nota 242. A' triſte corrupçaõ ſe achou expoſto.

137.

Tal foy o horrendo grito, tal o eſtrondo,
Que a Raynha, que cré ſuperſticioſa,
Que a deſampara Pallas, vay diſpondo
Retirarſe na noute tenebroſa;
Quando os ſeus eſquadroen hia compondo,
Nota 243. Do Graõ Moniz a eſpada vitorioſa,
Antes que fuja o que ama Leucothoe,
Rende Axa, os ſeus ordena, os mias deſtroe.

138.

Entretanto Muley tambem queria
Diſputar na montanha huma vereda,
Vendo que a gente barbara fogia,
Naõ quer que outra deſgraça lhe ſucceda:
Vay por caminho incognito a Leiria,
Até ver ſe a fortuna ao valor ceda,
Convocar de Lisboa o graõ Monarca,
Livrar Aldara, ou dar tributo á Parca.

HENRIQUEIDA

CANTO IV.

Argumento.

O Cruel Brunaferro acha em Lamego
O caſtigo da barbara crueldade:
Na mais forte illuſaõ deu leve emprego
O Grande Henrique a enganos da vaidade:
No palacio da Gloria quaſi cego
Eſteve de huma vaã curioſidade:
A maquina no ar ſe deſvanece,
Giraldo aviſos ſantos lhe offerece.

1.

Henrique entre os deſpojos deſcanſára,
Se hum prudente Varaõ nos ſeus progreſſos
Sò no preſente alegre imaginàra,
Sem prever o futuro dos ſucceſſos:
Via a grande vitoria, que alcançàra
Do valor Portuguez novos exceſſos,
Debellado o rebelde, e vè no auſpicio
Favoravel a ſorte, o Ceo propicio.

2.

Vè do Averno os horrores diſſipados,
Os Reys, e os Mouros principaes cativos,
E que a poucos os noſſos irritados
Da rebelde treiçaõ deixaraõ vivos:
Julga da Beira os povos dominados
Depois da ultima acçaõ menos activos;
E o que o alegra mais, deſſe encuberto
Milagroſo teſouro eſtâ mais perto.

3.

Mas tambem prevenido conſidera;
Que ainda que perca ſempre pouca gente;
No exercito pequeno, que numera,
A pouca, que lhe falta, mais ſe ſente:
Nota 244. Que Hydra renace o monſtro, que ſupera;
E ao cortallo ſe gaſta o ferro ardente,
E quanto temer deve os ſeus inſultos,
Sendo os parciaes contrarios mais occultos.

4.

Irritado o Monarca poderoſo,
Que de Africa ſabia, que voltava,
Conduzindo na Armada hum numeroſo,
Exercito, que a Heſpanha ameaçava:
Por Pelayo, a que būſca generoſo,
Pela queda cruel, que o maltratava,
Soube o que ſoſpeitava, que a Lamego
Sublevara Muley amante, e cego.

5.

Naõ duvida, que incite ao feroz Mouro;
Como lho contaria a vaga fama,
Vendo ao filho Almançor morto no Douro,
No Porto preſa a filha, a quem ſó ama:
Mandalla livre ao Pay ſerà deſdouro,
Donde a attençaõ com o temor ſe infama:
E em lugar de ſoccorro dos Leonezes,
Teme outra nova guerra aos Portuguezes.

6.

Nota 245. Que o Grande Imperador Affonſo Auguſto
Progenitor da ſua Regia eſpoſa
Sete vezes ja vira em laço juſto
De Himineo puro a tocha luminoſa;
Mas ſem varonil prole o fado injuſto
A ſucceſſaõ deixava duvidoſa;
As praças, que em Leam ſe conſervavaõ,
De Tereza o direyto ſuſtentavaõ.

7.

Vivia, mas decrepito vivia
O mais prodigo, e forte dos Monarcas,
Se morreſſe, do Abyſmo ſe veria
A Diſcordia invocar furias, e parcas:
Se as ſuas poucas tropas dividia,
Naõ póde defender tantas comarcas;
Sendo às ſuas conquiſtas vaſto emprego
Quanto corre do Tormes ao Mondego. Nota 246.

8.

Teme que a liberdade, que concede
A Muley, mas que foſſe generoſa,
Paixaõ particular ſeja, que excede
O que a Sibilla manda prodigioſa;
Quando ao Ceo graças dâ, ſoccorros pede,
E do Oriente na corte luminoſa
Groſſeyro Febo huma fineza fruſtra;
Se á bella Aurora, que a illuſtrou, desluſtra.

9.

Chegou Moniz, e o Hèroe nos ſeus braços
Das acções raras o valor premêa
Modeſto quer romper os nobres laços
Da heroica precioſiſſima cadêa.
Com elle conſultou os embaraços,
Que prevenia na prudente idêa;
Porem hum, e outro dano eſtâ remoto;
E todos pertos, naõ comprindo o voto.

10.

Nos tres dias a Deos graças dirigem,
Naõ como Grecia, e Roma em falſos ritos
Trofeos nos troncos com vaidade erigem
Aos Deoſes, de que adoraõ os delitos:
E como tem na Fé mais certa origem,
Sendo a Cruz vencedora nos conflitos,
Aos que na religiaõ ſó foraõ broncos,
Moſtra o trofeo de hum tronco a muitos troncos. Nota 247.

11.

Amado, e os feridos com eſcolta
Ao Porto mandaõ, donde a Fama grita
A victoria de Henrique, e pronta volta
Com o alvoroço, que em Tereza incita:
Preſo ElRey de Lamego, mas vay ſolta
Axa com os cativos, a que excita
Occultamente com ſegunda furia
A vingança mayor de tanta injuria.

12.

Nota 248. Só quem do eſpaço a ereo convocaſſe
Os genios infernaes, que giraõ vagos,
Nota 249. E por Muſa a Teſifone invocaſſe,
Por herôes os eſpiritos preſagos;
Explicaria bem ſe o explicaſſe;
Os effeitos, que os tragicos eſtragos
Do ſuceſſo infeliz do rio Alarda
Produzem na Africana mais galharda.

13.

Nem a Morfeo ſeu animo ſe rende,
E a Pallas increpando o falſo engano,
Aſſim lhe diz, e ainda adorar pretende
Quem reconhece cauſa do ſeu dano:
Deidade injuſta, dize-me, em que offende
Huma mortal a hum Numen ſoberano;
Que todo o culto fina lhe dedica,
A alma lhe entrega, a fé lhe ſacrifica?

14.

Nota 250. Naõ ignoro, que hâ leys, a que o deſtino
Os mais ſupremos Deoſes tem atado:
Nota 251. Sofre o filho de Venus peregrino,
Nota 252. Morre o filho de Tetis deſgraçado:
Que naõ ten a poder o que he divino,
Quando a outro Deos ſe vé ſubordinado,
Duro he de crer; mas nada me perſuade
A que poſſa mentir huma deidade.

15.

15.

Naõ julguey foſſe oraculo confuſo,
Que receber pudeſſe dois ſentidos,
O que ouvi no jardim, ficando illuſo
Meu diſcurſo em aſſombros repetidos:
Mas a ti meſma, Pallas, he que accuſo,
Que em accentos por mim mal entendidos
Me prometeſte, ou falſa, ou inconſtante
Ver ſervirme a quem ſirvo hoje triunfante.

16.

Se impiedade naõ foſſe, ou atheiſmo, Nota 253.
Te negara o ſer deoſa, mas ja ſente,
Seja ſonno, ou encanto, ou paraciſmo,
Hum letargo, que a occupa de repente:
Eſcuro ſonho lâ do eſcuro abyſmo Nota 254.
Faz que a Pallas a idêa repreſente,
Que lhe promete a liberdade, e gloria
No templo, em que ha de ter mayor vitoria

17.

Ordem de Henrique para a marcha aviza,
E elle ſe deſviou de a ver, pois foge
De ver huma afflicçaõ, que naõ ſuaviza,
Nem permite â cobiça, que a deſpoje:
Ao Rey chama, e lhe diz: por ley preciſa
Te dera a pena, que mereces hoje,
E em que incorreo quem barbaro deſterra
A Ley da religiaõ, as leys da guerra.

18.

Mas quando te rendi participaſte
Da gloria de que eu ſeja quem te vença,
E póde ſer que eſta piedade baſte,
Para que a Fè, que ſigo, te convença:
Tu faltando ao tributo, que juraſte,
A' tua meſma ley fizeſte offenſa:
Eu naõ te dou, podendo, mais caſtigos,
Que a minha ley perdoa aos inimigos.

19

Confuſo o Mouro os olhos naõ levanta,
E com lagrymas rega os pés de Henrique;
Elle o conſola com piedade tanta,
Que faz que o goſto o pranto multiplique:
Em quanto para o Porto ſe adianta
O eſquadraõ, faz que a ordem ſe publique,
Que haja de ſer o ſeu primeiro emprego
De aſſegurar, e guarnecer Lamego.

20.

Marchou alegre, o campo vitorioſo
No fecundo paiz, e na riqueza
Dos rebeldes ſe algum foy cobiçoſo
Jâ ſatisfez a ſede da avareza:
A Cidade deffende hum valeroſo
Etiope, a quem deu tanta fereza
Mais por definiçaõ do que por erro
O nome, e a dureza, e cor do ferro.

21.

Nota 255. Chama-ſe Brunaferro o Troglodita
Nota 256. Criado com Ceraſtes, e o cabello
Nota 257. No retorcido cada ſerpe imita,
Com que a Gorgona hum tempo quiz prendello:
Como em noute malevola ſe irrita
Saturno contra o mundo, que quer vello,
E cada obſervaçaõ, a que ſe exponha,
Introduz pelos olhos a peçonha.

22.

Aſſim o bruto Ciclope caſtiga
Quem da luz, que ſó tem, o horror obſerva;
Fogindo delle o ſeu narîs ſe abriga,
E da boca igualmente ſe preſerva:
Cova a boca, em que fetido periga
Do alento, que reſpira, ou que reſerva,
Hum dente que dos mais vive diſtante
Naõ muito deſigual ao do Elefante.

23.

Pagem de Henrique era o Francez Lucidio, Nota 258.
Que ainda do quarto luſtro longe eſtava,
E com bandeira branca a eſte preſidio
Seguro na Fé publica o mandava:
O Etiope, aquem era hum homicidio,
E huma treiçaõ quem ſó liſongeava,
Outro branco final moſtra no muro,
Que nas immundas mãos tingio de eſcuro.

24.

Era illuſtre, e gentil, forte, e diſcreto
O galhardo Francez, e o ſeu retrato
Antipoda deixava o triſte objeto
De Brunaferro barbaro, e ingrato:
A Filis conſagrava o puro affeto
Do Paço de Tereza bello ornato
Taõ fino, taõ atento, e taõ occulto,
Que transformou toda a eſperança em culto.

25.

Cortez lhe diz, ſem perturbalo o horrendo
Daquella monſtruoſiſſima figura,
Que Henrique tem por certo, que vencendo
Ao ſeu Rey, eſta praça tem ſegura;
Que ſe logo lha entrega obedecendo,
Seu juſto imperio a todos aſſegura
Com a ſua firmiſſima verdade
Os privilegios, vida, e liberdade.

26.

Abrindo a boca com mortal ſorriſo
Lhe diz, que da muralha, donde o veja
Seu vil ſenhor lhe pagarà o avizo
De tal ſorte, que nunca triſte eſteja;
Porem ſe quer viver, ſerà preciſo
Ter com elle a piedade, que dezeja,
E remetello ao Rey de Babilonia, Nota 259.
Se deixa dos Chriſtãos a ceremonia.

27.

Todo o candido roſtro hum rubicundo
De ira, e de pejo generoſo indicio
Reveſtio de Lucidio; e ao Mouro immundo
Reſponde da conſtancia em beneficio:
Se do Abiſmo o tormento mais profundo
Me ameaçaſſe em horrido exercicio;
Se em delicias de premio nunca incerto
Nota 260. Teu falſo paraîzo fora certo.

28.

Nada me pertubara, ou me vencera;
E cuido zombas dos meus poucos annos:
Vè que reſolves, porque Henrique eſpera
Ou capitulaçoens, ou deſenganos:
O direito das gentes, que venera
A inculta fé dos povos inhumanos,
Me defende, e te peço naõ conjures,
E o Ceo, e o Mundo contra ti procures.

29.

Muito eloquente eſtàs, diz Brunaferro;
E unindo a negra tinta à branca neve,
O ata em grilhaõ mais rigido que o ferro,
E a chamar por Henrique ainda ſe atreve:
A huma amea o conduz, e o mayor erro
Intenta, mas ſe o credito ſe deve
A tal acçaõ, naõ julgo ſaõ enganos
Ter coraçoens de feras os humanos.

30.

Do Embaixador, que agora me mandaſtes
Era unica no mundo a gentileza;
Quatro recebe iguaes, que hum, que enviaſte,
Naõ era comitiva a tal grandeza:
Huma infamia em renderme aconſelhaſte,
Rebelliaõ, falſidade com fraqueza;
Se em quatro partes dividiſte a injuria,
Em outras quatro ſatisfaço a furia.

31.

Diſſe: e feliz Lucidio na deſgraça
A Deos invoca alegre no ſemblante,
Brunaferro ſem ferro o deſpedaça,
E voa ao Ceo o eſpirito conſtante:
Cheyo de horror Henrique aſſalta a Praça,
E ainda que ſe reſiſte, em hum inſtante
Por quatro partes entra nella, e logo
Lhe deu igual caſtigo a ferro, e fogo.

32.

Ao Troglodita infame, oh graõ portento!
Indo a ferir Henrique, ſe abre a terra,
E reſpirando em infernal alento,
Eternamente ao infelice encerra;
Foy de Lucidio hum nobre monumento
Quem as reliquias entre jaſpes cerra,
E a Filis, quando o ſoube, em fé mais pura
Tambem a ſepultou outra clauſura.

33.

Guarnecido Lamego, Henrique irado
Jura naõ ter com Mouros aliança,
Juſtamente dezeja exaſperado
Tomar em todos a fatal vingança:
Manda a Pedro, que hum corpo deſtacado
Sobre o Mondego deixe em ſegurança
Nos tres já dominados orizontes
Beira, entre Douro, e Minho, e Traz os montes.

34.

Mas que ſe vir Jozé com formidavel
Exercito nas margens do Mondego,
Com a ſua peſſoa inexpugnavel
Será Coimbra à furia muito emprego:
Com forte guarniçaõ mais defenſavel
Seras do injuſto Rey a intento cego
Cidade, tu que â gloria em luz penetras
Antes nas armas, e depois nas letras.

Nota 261.

35.

Avîza abella eſpoſa, que conduza
A Corte, e que em Lamego entaõ reſida,
Que ja o amor a ſaudade accuſa,
E a eſperança na auzencia lhe dá vida:
Com Moniz ſahe a ver adonde luza
A eſtrella hoje na terra eſclarecida,
Deſſa, que reſplandece pura, e bella
Do Ceo, e Mar benigna, e clara eſtrella.

36.

Deſcanſava o exercito entre a gloria,
E de tantos triunfos alcançados
Quaſi deſeſtimavaõ a vitoria,
Porque eſtaõ a veucer taõ coſtumados:
O herôe, que lhe interrompaõ a memoria
Naõ permitio hum dia aos ſeus ſoldados;
E entre as eſtatuas do jardim paſſea
Entregue ſó à ſua illuſtre idêa.

37.

Nota 262. No plenilunio Cintia ao Sol oppoſta
Bem ſubſtitue ao Apollineo plauſtro,
Mas aos magicos canticos expoſta
De outro circulo aprende o horrivel clauſtro:
Pequena opaca nuvem, que interpoſta
Por vencer ao Favonio trouxe o Auſtro,
Se a luz naõ rouba, a infiel tençaõ publica,
Com que a argentada imagem falſifica.

38.

Nota 263. O herôe admira, que de Grecia, e Roma
Apenas dure huma inſcripçaõ, ou cipo,
E que o tempo cruel, que tudo doma,
Nota 264. Reſpeite tantas obras de Liſipo:
Se algum encanto, diz, o imperio toma
Deſte jardim, e eu delle participo,
Se naõ me prevenir juſto receyo,
A eſpiritos impuros liſongeo.

39.

39.

Porèm, como hâ ſucceſſos miſterioſos,
Que excedem o diſcurſo dos humanos,
Verey, ſem ter receyos temeroſos,
Diſſipada a illuſaõ deſtes enganos:
Da virtude os impulſos generoſos
Eſpero que me dem os deſenganos:
Naõ recea encontrar tragico effeito
Veſtido de taes armas o meu peito.

40.

Hum largo boſque de immortal verdura
Impenetravel ao rigor de Eólo
Contra os rayos de Apollo ſe conjura
Com as rebeldes arvores de Apollo:
A noute nelle aprende a ſer eſcura,
E a Triforme deidade deixa o Polo,
E de ſombras, e plantas ſoberana
He a hum tempo Proſerpina, e Diana.

Nota 265.

41.

De eſmeraldas a immenſa galeria
Das verdes folhas do Loureiro eterno
Henrique, a que o diſcurſo conduzia,
Penetrava no eſpaço mais interno:
Renovouſe na amante fantaſia,
Ou foſſe fugeſtaõ da meſmo inferno,
Porque o valor humano ſem eſpanto,
Temendo o encanto, deſprezou o encanto.

42.

De Matilde, que foy primeiro affeto,
A tragedia ſe aviva na memoria,
Da perda de hum, e de outro amado objeto
Se recita a ſi meſmo a triſte hiſtoria:
Plutaõ creo, que lograſſe o ſeu projeto
Alcançando do herôe certa vitoria,
E os ſequazes convocaõ do Deos Pithio
A noute, a ſolidaõ, o amor, e o ſitio.

Nota 266.

Nota 267.

43.

43.

Cruzava-ſe intrincado labirinto,
Nota 268. Que naõ foy mais difficil o de Creta,
E dentro do odorifero recinto
Levou a Henrique a vaga idêa inquieta:
Nota 269. Jaſpe, e metal de Paros, e Corinto,
A arquitectura em parte taõ ſecreta
Proporcionou izentos ſempre aos danos
Da indiſcriçaõ curioſa dos humanos.

44.

A ſuſpenſaõ, e a ſombra naõ permite
Que do Palacio o frontiſpicio obſerve,
Patente a porta, porque a entrar o incite,
Lhe moſtra que os myſterios naõ reſerve:
Ainda que eſte portento facilite
O exame, deixa, ò Henrique, ſe conſerve
O teu animo igual, e generoſo,
E recea o caſtigo de curioſo.

45.

Pergunta â guarda, que encontrou luzida
Mais que os farôes brilhantes, que da entrada
Lhe moſtraõ a eſcultura enriquecida,
De Jonicas colunas adornada:
Nota 270. Que Principe, ou Princeza eſclarecidas
Vive dos Mahometanos retirada,
E ſe he iſto milagre, ou ſe he preſtigio,
Sonho, encanto, illuſaõ, ſombra, ou prodigio?

46.

Cortez o Capitaõ lhe correſponde
Dizendo que ordem tem de conduzilo,
E he Francéz o idioma, em que reſponde,
E que o Ceo ja aos ſeus males deu o azilo:
Que he real quanto vé, e o ſiga donde
Vive quem quer ſó velo, e admitilo,
E coroalo no mais digno Imperio,
Que ainda caber naõ pode no myſterio.

47.

47.

Timbales de ouro, timpanos de prata,
Frautas, que saõ guerreiras, e harmoniosas,
Toca a guarda, em que argento, e escarlata
A Aurora usurpa as cores mais formosas:
Sobe a escada, em que o porfido dilata
Estatuas, e outras obras primorosas,
E penetra admirado os infinitos
Aposentos de adornos exquisitos.

48.

No ultimo gabinete a comitiva
O deixa só, e as luzes duplicadas
Na copia dos espelhos expressiva
As pinturas lhe mostraõ estimadas:
Da mão de Apelles vê Campaspe viva, Nota 271.
E as bellas dúas Venus celebradas, Nota 272.
E porque a Anadiomene naõ escondas, Nota 273.
Elle a restaura, ô mar, das tuas ondas.

49.

Mil compassivas expressoens amantes
Explicou hum pincel douto, e egregio
Da enternecida Grecia nos semblantes
Vendo a Ifigenia em sacrificio Regio; Nota 274.
Mas naõ quiz a destreza de Timantes
Equivocar na magoa o sacrilegio,
Deixando hum veo do pay no rostro ignoto
Sem offensa do amor bemquisto o voto.

50.

Vem se de Zeuzis os copiados frutos, Nota 275.
Que exprimir Baco credulo intentara,
Porque da arte feliz nos atributos
Naõ só aves, mas sabios enganava.
Contra o rigor dos evos absolutos Nota 276.
Protogenes as cores duplicava, Nota 277.
Porque Jalyso de caçar naõ canse,
E ainda ao tempo veloz no vôo alcance.

51.

Nota 278. No friſo de Parraſio ſe conhece
O atrevido pincel, que exprime ouzado
Quanto do amor conſtante permanece
Na memoria fiel vivo traslado:
Mas ſó o conjugal puro apparece,
Nota 279. Por Euridice Orfeo do inferno irado
Penetra o centro, e com a doce lira
Na diſſonancia a melodîa inſpira.

52.

Nota 280. Os cabellos cortava Hypſicratêa
Para ſeguir na guerra ſeu conſorte;
Linceo por Hipermneſtra naõ recea,
Como os triſtes irmãos, a triſte ſorte:
Proteſilào, que na Troyana arêa
Quiz ſer primeiro, e ter primeiro a morte,
De que o vingou o amante de Deidamia,
Reconhece a fineza de Laudamia.

53.

Nota 281. Na parte ſuperior Apollodoro
Pintou do Grego amante nos ſucceſſos
Quanto do Meleſigenes canoro
Explica a Muſa Grega nos progreſſos:
E naõ he no Poeta mais ſonoro,
Que no Pintor, Uliſſes, porque expreſſos
No ſeu roſtro os affectos com mais ancia
Conſervava a Penelope a conſtancia.

54.

Nota 282. Atracçoens de Calipſo, amor de Circe
Naõ apartaraõ de Itaca ao amante,
Delicias deſpreſou ſó por unirſe
Ao primeiro himineo firme, e conſtante:
Lico ao longe pintou, e em fonte a Dirce,
Só porque foy a Antiope inconſtante,
Sentio, deſconhecendo o ſeu perigo,
Dos dois primeiros filhos o caſtigo.

55.

55.

Sobre a mais fina Purpura de Tyro
Diamantes, e eſmeraldas, que bordavaõ
Magnifico hum docel, em largo giro
Dois quadros com hum veo diſſimulavaõ:
Henrique os deſcobrio; mas ſe refiro
De quem eraõ os roſtros, que copiavaõ,
Seraõ eſtas memorias infaliveis
Por menos veroſimeis mais incriveis,

56.

Vio Henrique no quadro o ſeu retrato,
E logo o de Matilde, que veſtia
No trage azul o ſeu primeiro ornato,
Com que no mar a Tetis offendia:
Mas porque ſe convença mais de ingrato,
Tancredo aos ſeus dois filhos conduzia,
De que os roſtros naõ via, e com deſdouro
Ambos moſtravaõ o veſtido Mouro

57.

Que he iſto, diz o Herôe, ſerá poſſivel,
Que vivaõ entre os feros Mahometanos
Pedro, e Sibilla? E naõ he caſo incrivel,
Que façaõ guerra aos proprios Luſitanos!
Vivos ſaõ, Grande Henrique, he infalivel,
Que os reſervaõ miſterios ſoberanos,
Diz huma voz, ſe me quer dar a vida
A tua fé hum dia agradecida

58.

Sim darey, diz o Herôe, porque a piedade
Se vincula ao valor; quando, ó portento!
Sahe Matilde, e nunca houve deidade,
Que mais bella illuſtraſſe o Firmamento:
Henrique hum pouco teme a raridade,
Mas invocando o ſeu bizarro alento,
Quem na guerra triunfou mais fea, e dura,
Teve medo eſta vez da fermoſura.

Nota 283.

59.

Rio, que corre em rapido deſvelo
Parando ao forte impulſo do Auſtro frio
Naõ muda o vago argente em duro gelo,
Que ſó rompe a priſaõ no ardente eſtio:
Como Henrique, que em nobre paralelo
He de virtudes caudeloſo rio,
A hum perigo, a que heroico naõ ſe atreve,
Eſtatua ali ſe vio de fogo, e neve.

60.

Naõ temas, diz Matilde, ſe o receyo
Naõ he, porque o teu erro te amedrenta,
Mas naõ ſerá, que em peito ingrato eu creyo,
Que nem hum temor nobre ſe alimenta:
Viva eſtou, que hum deſmayo em triſte enleyo
Me occupou o ſentido, e taõ violenta
Perturbaçaõ pedia mais exame;
Mas quem depois da morte achou quem ame?

61.

Meus ſoſpiros as pedras penetraraõ,
Naõ o teu peito, e quem primeiro ao templo
Veyo, aos outros chamou, que levantaraõ
As que naõ tomaõ o teu duro exemplo:
Como ſabes as cauſas, qne occultaraõ
Meu nome, no perigo, que contemplo,
Sem declararme, illuſtre huma matrona
Me curou ainda incognita em Bayona.

62.

Por ti pergunto, quando fallo apenas,
E naõ ſey porque cauſa o caſo ignoras,
Pois occupou nas vozes, e nas penas
Em Bayona os diſcurſos muitas horas
Mas vendo que a naõ verte me condenas,
E ouvindo em França, que a Tereza adoras,
Ou porque mais fermoſa a conſideras,
Ou que pelo ſeu dote hum reyno eſperas

63.

Me embarco logo em traje de Soldado,
No Porto deſembarco, e a tempo chego,
Que ouço de Gaya o caſo deſgraçado,
Em que te ſuppôz morto o vulgo cego:
Da gruta de Sybilla ao ignorado
Centro remoto buſco em fino emprego
De ſofrer certa morte menos dura,
Que contigo me deſſe a ſepultura.

64.

Herofile piedoſa me revela,
Que os dois filhos viviaõ, que a Tancredo
Cruel Joſeph guardava com cautela
Sobre o mar de Lisboa em hum rochedo,
Donde huma Torre fez, e hum ſentinela
Aꝛ viſta o guarda ſempre por ter medo
De o matar, qne hum Profeta o dificulta,
Porque hum myſterio o Ceo com elle occulta.

65.

E que quando julgâras, que abrazados
Ficaraõ no combate do pirata,
Entraraõ no navio os ſeus Soldados,
E o fogo ainda apagaraõ, que o maltrata;
E dos tenros infantes laſtimados,
A quem a vida o Ceo tanto dilata,
Ao Rey os levaõ, que o ſucceſſo encobre,
E nunca a ſua origem lhes deſcobre.

66.

Que ha de ſer Pedro do teu Reyno herdeiro,
E que em Borgonha ſua irmãa ſuccede,
Que no filho illegitimo primeiro
Bem vez o mal, que o movimento impede:
E porque o Ceo piedoſo ao verdadeiro
Amor attende, a gloria me concede
De viver neſte ſitio occulto a todos,
Em que ſubſiſto por eſtranhos modos.

67.

De Herofile ſe eſtende a eſtranha gruta
Com ſubterranea fabrica infinita
Atè eſte Palacio, a quem tributa
Delicioſa opulencia, e exquiſita:
A guarda, que aqui vez, com abſoluta
Força aqui conduzio, e preſa habita
No carcere magnifico, em que vivo,
Que julga eſtreito quem eſtá cativo.

68.

Foy o caſo, que dando em hum naufragio
No Douro á coſta grande náo Franceza,
Que de Rohaõ fogindo de hum contagio,
Nunca pode tomar a terra Ingleza,
Tendo por infallivel o preſagio
De que eu ſó do Palacio na grandeza
Entre as tuas memorias morreria,
Pela gruta me deu tal companhia.

69.

Tambem vinhaõ illuſtres Damas bellas,
Que logo haõ de ſervirte cuidadoſas,
E eſte Palacio encobre com cautelas
Altas, incriveis, raras, miſterioſas:
Porque ſe em ſair delle te deſvelas,
„Taes ſeraõ tuas iras rigoroſas!
Verás do ſeu cuidado dando indicios,
Labiryntos, penhaſcos, precipicios.

70.

Nota 284. Acho ſempre que â gruta buſco a boca
Quanto pede a delicia inſaciavel,
E ſe a Sybilla a minha voz invoca,
Tudo deſcobre pronta, e admiravel:
Se eſtá o mundo em paz, ou ſe o provoca
De qualquer guerra o monſtruo formidavel,
E quanto na politica reſume,
Cada dia me moſtra o ſeu volume.

71.

Nelle vejo os problemas, que ſe julgaõ Nota 285.
Impoſſiveis nas ſciencias, e nas artes,
Que todos nos ſeus livros ſe divulgaõ:
E de novos ſiſtemas novas partes:
Todos por ti ao mundo ſe promulgaõ
Com tanto que de mim nunca te apartes,
Em quanto dos dois filhos, que perdemos,
A deſejada converſaõ naõ vemos.

72.

Saberas deſſa pedra, a que a ignorancia Nota 286.
Aſſim chama, julgandoa fabuloſa,
Que he perfeito Elixir, pura ſubſtancia
Da celeſte materia luminoſa:
E depois que o Mercurio tem conſtancia
Do primeiro metal cauſa precioſa,
Quando aos outros a eſſencia lhe permuta,
Como o Sol com ſeus rayos os tranſmuta.

73.

Na vitrificaçaõ he fino eſmalte Nota 287.
Ouro no firme, e na brandura cera,
E porque a tudo com virtude exalte,
Nas regioens naturaes ſublime impera:
Nunca o remedio, a quem a teve falte,
Pois ſe a harmonia univerſal ſe altera,
Quem eſta Panacea bem conhece, Nota 288.
A conſonancia a tudo eſtabelece.

74.

Mas naõ ſey ſe vencer o humano tedio,
Que tens da Parca aos tragicos poderes,
Me ha de baſtar, pois naõ farey remedio,
Em que empregue culpaveis filacteres: Nota 289.
Has de deixar morrerme em duro aſſedio,
Sem que eu uze de indignos caracteres,
Com que do Abyſmo faz a vãa ſciencia
O Amor filho do crime, e da violencia. Nota 290.

75.

75.

Tambem importa pouco, que eu comprenda
A projecçaõ, que dos metaes impuros
Sutilmente ſe infunda, e ſem contenda
Logo os reduza aos ſeus principios puros:
Pois quando a ingratidaõ em ti me offenda,
Ficaõ tantos ſegredos mal ſeguros,
E naõ transformarey por meu deſdouro
Nota 291. Huma ſéta de chumbo em ſéta de ouro?

76.

Aqui verás do orbe o Magnetiſmo,
Nota 292. E a pedra, que buſcar ſó ſabe o Polo,
Nota 293. E que o fogo central, que vem do Abyſmo,
Mais no mundo produz que o meſmo Apolo:
Nota 294. Verás a terra, que em paraleliſmo
Se agita, e da regiaõ, que altera Eôlo,
Leva conſigo o mais vizinho ambiente,
Com que o coſtume faz, que ſe naõ ſente.

77.

Nota 295. Verás que com o cubo duplicado
Saõ ja as diagonaes comenſuraveis
Nota 296. E tambem com o circulo quadrado
Periferia, e diametro trataveis:
Nota 297. E do moto perenne ainda ignorado,
Da Mecanica as regras admiraveis,
Com que da gravidade o centro encontra,
Nota 298. Se o pendulo, que vibra, o deſencontra.

78.

Nota 299. Tambem aqui anticipar preſume
Dos ſeculos rariſſimos inventos,
Multiplicar mil copias de hum volume,
Com que os ſabios dos tempos ſaõ izentos;
E quanto a natureza em ſi reſume,
Ou eſcondem os vaſtos elementos,
Nota 300. O naõ viſivel ver o Microſcopio,
Nota 301. O immenſo deſcobrir o Teleſcopio.

79.

79.

Contar do tempo os minimos minutos Nota 302.
Sofrendo os golpes de quem mede os annos,
Com dentes de metal mordendo aſtutos
Os que ſurdos ja ſaõ aos deſenganos:
Mas porque mais guerreiros attributos
Eſtimas que outras glorias dos humanos,
Mais do que a Scipiaõ diſſe Panecio, Nota 303.
Te enſinarey melhor do que Vegecio. Nota 304.

80.

Em fim para lograrmos o deſinio
De que de Agar a geraçaõ malina
Nem conſerve em Heſpanha o ſeu dominio,
Nem ſe atreva á ſagrada Paleſtina,
Eu te deſcubrirey o vaticinio,
Com que a ſciente Herófile examina
O que tu moſtrarás á Luzitania
Antes que ao mundo a bellica germania. Nota 305.

81.

Dois mineraes a hum material unidos
Compoem hum negro pó voraz, e forte,
Fazendo em bronze, ou ferro reprimidos
Em globos de metal voar a morte:
Os muros ficaõ todos abatidos,
Pode o valor com arte mais que a ſorte,
Rompendo a muitos barbaros arnezes
Com prontos rayos poucos Portuguezes.

82.

A Henrique tentou mais eſta promeſſa
Que as maravilhas, que admirou ſuſpenſo,
Que na gloria, e virtude ſe intereſſa,
E dellas faz o ſeu teſouro immenſo:
Matilde, diz, que nova ſciencia he eſſa,
Que em ſi poder encerra taõ intenſo?
Que aſſim me facilita dar caſtigo
Da Religiaõ, e Reyno ao inimigo?

83.

83.

Facil ſerá, Matilde lhe reſponde,
Saber eſte ſegredo, e quantos guardo,
Se o teu amor mais fino correſponde
Ao que te adoro, e como amante aguardo:
Mais efficaz ardor meu peito eſconde
Com tal violencia, ó Principe galhardo,
Que quanto eſtrago horrendo veras logo
Na artificioſa maquina de fogo.

84.

Conduz a Henrique adonde veja a praça,
Que outra fortificada repreſenta,
E com fingido ſitio a ameaça,
Feſta, que por marcial o goſto augmenta:
O ruido da polvora embaraça
Com novo horror ao ar, de que alimenta
No ſalitre animada, ou opprimida
Para exhalar em fogo a ingrata vida.

85.

Nota 307. O Capitaõ da guarda o ſitio fórma,
Aproches ſe encaminhaõ com cautelas,
Ali ja ſe diſpoem a plataforma,
Aqui ja ſe avizinhaõ paralelas,
De dentro aquella face ſe refórma,
Guardas ſe poſtaõ, poem-ſe ſentinelas,
As contrabatarias jogaõ duras,
Diſpoem-ſe no baluarte as cortaduras.

86.

Conſervas, revelins, e meias luas,
Coroas, hornaveques, e tenalhas
Todas ſervem com traças naõ commuas
Aos que amèas ſó tinhaõ nas muralhas:
Eſtas vitorias, diz, das armas tuas
Ao ganhar Praças, e ao vencer batalhas,
Veràs, Henrique, para os teus projetos,
Se deixares triunfar os meus affetos.

87.

87.

Exhalaçoens nos ares fugitivas
Eſtrellas correm taõ artificioſas,
Que os ardores, que moſtraõ por feſtivas
Os incendios lhe aplacaõ de horroroſas:
Arvores brotaõ com as chamas vivas
Para levar ao Ceo plantas frondoſas,
E os frutos ainda brilhaõ no emisferio
Mais que os que produzio jardim Heſperio.

Nota 308.

88.

Ao recolher-ſe Henrique, e a Princeza,
Ao ar, á terra, e agua o fogo apura,
E no circulo inclue de huma meſa
Quanto do mundo o circulo procura:
A abundancia, primor, delicadeza,
A' tentaçaõ do goſto aqui conjura
Matilde, e dâ bebidas mais divinas
Nectar, e ambroſia em copas criſtalinas.

89.

Com diverſo exercicio as Damas bellas
Servem humas com pronta bizarria,
Outras, como ſuaves Filomelas
Cantaõ, como da Aurora nace o dia:
Humas na luz excedem as Eſtrellas,
Outras vencem dos Ceos a melodia,
Planetas ſaõ de errante luzimento,
Porém Matilde he Sol, e he Firmamento.

90.

A fantaſtica fórma da Sybilla
A todas enſinava o doce canto,
Henrique, quando a vé ſabia, e tranquilla,
Quaſi ſe rende ja ao doce encanto:
Ella lhe diz, que ali ſe recopila
Da humana gloria o templo illuſtre, e ſanto;
Que ſe aproveite, e que venere humilde
O affecto da Belliſſima Matilde.

Nota 309.

91.

Que eſte nupcial primeiro, e caſto laço
A Tereza prefere na aliança,
E que neſte invencivel embaraço
Para o divorcio juſta cauſa alcança;
Que dos tempos ja vio no largo eſpaço
Dos claros ſucceſſores a eſperança,
E que em quantas vitorias diſtribue
Nota 310 A Affonſo inutil Pedro ſubſtitue.

92.

Unindo a clara voz á doce lira
Nota 311. Qual filha de Acloó, aſſim cantava:
Mas como vio ao genio, que a inſpira,
Da harmonia os acentos imitava;
Verſos magicos ſaõ, com que conſpira
Triunfar da firmeza, que encontrava,
Póde mais das virtudes o preſidio
Nota 312. Que a Cromatica uniaõ do canto Lidio.

93.

Nota 313. Amor alma do mundo ao mundo inflama,
Que o mundo ſem amor ſe deſanima,
Quem naõ fomenta eſta celeſte chama,
O ardor, que vivifica, deſeſtima:
Mas o primeiro amor he ſó quem ama,
Nunca a inconſtancia a natureza anima:
O Graõ Motor, que fez o Firmamento,
Deu aos orbes no amor o movimento.

94.

Aos abraços do Sol fogindo a Aurora,
Elle conſtante os ſeus rigores ſegue,
E ella quer ſó da luz ſer precurſora,
Nota 314. Porque no antigo eſpoſo o amor empregue:
Diana, a que Endimion ſonhando adora,
Ainda que o ſeu amor nunca conſegue,
Por ſer do amor primeiro o privilegio,
Nota 315. De Acteon caſtigou o ſacrilegio.

95.

Amando a Tetis os velozes rios
Correm buſcando a morte entre os ſeus braços,
E aos labyrintos verdes, e ſombrios
Rompem as eſmeraldas dos ſeus laços:
Nem dos montes os asperos deſvios,
Nem dos penedos duros embaraços,
Interrompem no boſque, nem no monte
O amor que bebem na nativa fonte.

96.

Sabem, que haõ de acabar as tenras flores
Do Sol que adoraõ aos ardentes rayos,
E antes querem morrer entre os ardores,
Que deixar de naſcer entre os deſmayos:
Clicie, que ſegue os Delficos fulgores,
Naõ muda dos ſeus giros os enſayos,
Sabendo, que do eſtrago fulminante
Será primeiro emprego amor gigante. Nota 316.

97.

Da vibora os matizes enganoſos Nota 317.
Buſca o amante, e ſabe que os afagos
Haõ de ſer em carinhos venenoſos
Do ſeu tragico amor doces eſtragos:
E ella concebe os filhos horroroſos
Deſpreſando os aviſos, que preſagos
Lhe moſtraõ que ao naſcer he matricida
O ingrato bruto da tirana vida.

98.

Abraça a vide ao infecundo Olmeiro,
Sem mudar ſeus terniſſimos abraços,
Vendo junto dos rayos ao Loureiro,
Que para a coroar lhe eſtende os braços:
E antes ſe expoem ao impeto groſſeiro
Da fulminante ſéta, que em pedaços
Aos pampanos frutiferos maltrata,
Querendo antes morrer que ſer ingrata.

99.

Naõ quer ſegundo eſpoſo triſte a Ave,
Exprimindo em gemidos finas anſias,
E culpa a Filomena, que ſuave
Entre as queixas apura as conſonancias,
Do vòo leve, nem do acento grave
Se val nas ſolitarias diſſonancias,
Eſpera immovel, ſem ſeguir ſeu giro,
Da ſeta ambicioſa o fatal tiro.

100.

Pois ſe tendo a certeza da ruina
Conſerva o ſenſitivo, e vegetante
O ſeu primeiro affecto, que o inclina,
Na ſimpatia do ſeu peito amante:
Como tu da belleza mais divina
Foges perfido, ingrato, e inconſtante,
Quando promete em ſeu amor caricias,
Tezouros, goſtos, bens, glorias, delicias?

101.

Vé, que queixoſos os ſeus olhos bellos
Mudos eſtaõ culpando os teus deſvios,
E ſe os naõ enxugaſſem ſeus cabellos,
Naufragáraõ de aljofares em rios:
E ſe aos ſoſpiros queres entendellos,
Venceraõ teus ingratos deſvarios;
Mudos os ſeus eſpiritos velozes
Mais haõ de convencerte do que as vozes.

102.

Com amoroſos licitos afagos
Em poſſes trocarás as eſperanças;
Fixa os affectos, que girando vagos
Do teu genio aprendèraõ as mudanças:
Deixa da guerra os barbaros eſtragos,
Que no templo da gloria a gloria alcanças;
O Amor na ſua Corte te eterniza,
E o teu merecimento diviniza.

103.

Reſpire o ecco amor ; amor reſpondem
Mil amores , que voaõ pelos ares,
Amor as bellas ninfas correſpondem
Em boſques , plantas , fontes , rios , mares ;
Os goſtos apparecem , ſó ſe eſcondem
As magoas , ſuſtos , ancias , e peſares :
Ama a Matilde , Henrique , continûa ;
Mas a razaõ no engano naõ fluctûa.

104.

Matilde a interrompeo , Gran Profetiſa ,
A cuja voz as penhas ſaõ velozes,
Detem ao rio a voz , que o ſuaviza ,
Domeſticaõ-ſe os brutos mais ferozes :
Deixa quem nos rigores ſe eterniza
Tanto que até reſiſte âs tuas vozes ;
Que as penhas vence duras , e ſeveras ,
No frio as aguas , no tirano as feras.

105.

Permiteme qne em lagrimas me afogue,
E que com mais razaõ qne a amante Dido
Da triſte vida as duras leys revogue ,
Acabe hum ſentimento em hum ſentido ,
Antes do que a hum ingrato tanto rogue,
E ſem que eſpere vello enternecido ,
Profane ſem remedio amor infauſto ,
E apague a agua do pranto eſte holocauſto.

106.

O Varaõ ſabio , a quem o amor ferira ,
Quando a belleza as lagrimas prepara ,
Se da virtude as armas naõ veſtira ,
E ſe as vozes do Ceo naõ invocàra ,
Diz á Sibilla , que elle mais ſe admira ,
Vendo a ſua ſciencia ſempre rara ,
Que embarace os piiſſimos intentos
De dedicar á Virgem tres talentos.

Nota 318.

107.

Que nas ſuas acções ſempre dedica
A Deos primeiro o reverente culto,
E que aquelle Palacio multiplica
Ao luxo, e á vaidade amado inſulto:
Que quer ver o lugar, que ſantifica,
Ou em publico templo, ou ainda occulto,
As aras, em que renda a vaſſalagem
Da Divina Maria á Sacra Imagem.

108.

Naõ deu o alto Motor á vil ſerpente
Mais permiſſaõ no artificioſo riſco;
No eſpelho da virtude transparente
Morreo, porque ſe vio, qual Baſiliſco.
Tudo deſapparece de repente,
Piramide, coluna, ou obeliſco
Naõ ſubſiſtio neſte edificio vago,
Nem para ſer padraõ do meſmo eſtrago.

109.

Venceſte, Henrique, ſó ſe ouvio nos ares,
Ou por dizer melhor, venceo Maria,
Teus filhos vivem; digo-o com peſares,
Tudo o mais erro foy da fantaſia;
Por favores do Ceo taõ ſingulares
O Varaõ ſe confirma na fé pia,
De que há de achar a imagem dezejada,
Que eſta ventura naõ ſerá ſonhada.

110.

Moniz, a quem deſperta o terremoto,
Buſca Henrique no boſque dos Loureiros,
Que como ao mayor impeto do Noto
Foraõ faceis deſpojos, e ligeiros:
O idolo de Pallas cahio roto,
E os ſimulacros falſos, e groſſeiros,
Que eraõ da idolatria falſos laços,
Tem inteira ruîna em mil pedaços.

111.

Mais que a aurora vulgar Divina Aurora Nota 319.
Aos dois Varões devotos amanhece,
Que he da fermoſa Lua vencedora,
E eleita como o Sol, naõ o eſcurece:
E tambem das vitorias precurſoras
Ao Abyſmo terrivel ſó parece,
E he contra elle o ſeu rigor armado
Invencivel exercito ordenado.

112.

Contou Henrique ao General valente,
Fiel miniſtro, ſabio Conſelheiro,
O ſucceſſo admiravel, e prudente
Encobre aos mais o caſo verdadeiro:
Ambos buſcaõ ſeguindo a luz do Oriente
O eſcuro occaſo do melhor luzeiro:
Giraldo entaõ chegou Prelado illuſtre Nota 320.
Das Heſpanhas Primâs, de Braga luſtre.

113.

Vinha o Santo Pontifice com zelo
Corroborar a Henrique na fadiga
Do ſeu Chriſtaõ, e militar deſvelo,
Com que ſabe vencer furia inimiga;
Das virtudes prototipo, e modélo,
Os vicios, que naõ tem, em ſi caſtiga,
Que a naõ ſer ſó do Ceo eſta violencia,
Fora nelle injuſtiça a penitencia.

114.

O Herôe o ſaudou, e elle com riſo
Grave, e benigno, facil, e modeſto,
Lhe diz, que tambem teve certo avizo,
Que o teſouro ſeria manifeſto;
Que o milagre ſerá premio preciſo
Do voto ardente, e do dezejo honeſto,
E porque a Corte juntos eſperaſſem,
Na Quinta de Reſende deſcanſaſſem. Nota 321.

115.

115.

Naõ ſubia a ſer emulo dos aſtros,
Nem moſtrava em inutil frontiſpicio
Marmores envejados de alabaſtros,
O nobre, mas ſó commodo edificio:
Dos Rèſendes entaõ, hoje dos Caſtros,
Moſtra de antiguidade hum claro indicio;
E Giraldo ao entrar com alegria
A Henrique eſtas palavras proferia.

116.

Donde vereis, Senhor, outra cohorte
De purpura, e de prata bem veſtida,
As Damas bellas, e luzida Corte,
E a Princeza mais bella, e mais luzida:
Exercicios de Apollo, e de Mavorte,
Meſa a mais abundante, e mais polida;
Donde Liſipo, que fez vivo ao jaſpe,
E Apelles o retrato de Campaſpe?

117.

Admirays-vos de ouvir quantõ eu exponho,
E naõ vos admirais de que a vaidade,
Como era ſonho, ſe tornaſſe em ſonho,
Caſtigando huma vãa curioſidade?
Mais certas profecias interponho:
Que a meſma voz eterna da verdade
Permitio tentaçoens taõ importunas,
Para darvos, vencendo as mais fortunas.

118.

Morreo Matilde, e os filhos, que julgaveis
Perdidos, ainda hoje eſtaõ perdidos,
Mas por ſegredos altos, e admiraveis
De todo vos ſeraõ reſtituidos.
Diſſe, e nos documentos ſaudaveis
Do zelo, e da verdade bem naſcidos,
Henrique, a quem anima feliz aura,
Da pena, naõ do aſſombro ſe reſtaura.

119.

Era Santo, era ſabio, e era velho
O Varaõ, que o inſpira, enſina, adverte,
Naõ traz malignidade o ſeu conſelho,
A ignorancia, e liſonja o naõ perverte:
Como em claro, em fiel, em puro eſpelho,
Nelle vé a verdade, e porque acerte,
Lhe naõ reſerva quanto o peito encerra
Do que diſpoem na paz, e obra na guerra.

120.

Explica da Sybilla algum myſterio,
Que o Herôe penetrado naõ tiveſſe,
E as maximas politicas do Imperio
Com ſolidos avizos lhe offerece;
Gloria á virtude, ao vicio vituperio,
Saõ os dois polos, em que permanece,
Ao amigo fiel, forte ao contrario,
Firmeza em religiaõ, ordem no erario.

121.

Seis vezes vio o Sol nos mais Planetas
Correr os dias, e paſſar as horas,
Outras tantas do mar ondas inquietas,
Vendo-ſe nos criſtàes tantas auroras;
Que os tres Varoens em praticas ſecretas
Formaraõ as idéas precurſoras
De ter o novo Imperio eternidade
Na reflexaõ, no acerto, e na verdade.

HENRIQUEIDA

CANTO V.

Argumento.

DEntro de hum Caſtanheiro a Imagem Santa
Se deſcobre, Tereza eſtà cioſa,
Axa cruel treiçaõ fera adianta,
Prepara Henrique a obra ſuntuoſa,
Do anfiteatro ſe executa a planta,
De jogos varonis feſta famoſa,
Daõ brazoens da Nobreza as varias cores,
Bermudo a Vrania expoem puros amores.

1.

Nota 322. Ja no dia do Sol o Sol ao dia
Na ſetima manhãa a luz moſtrava,
E o deſcanſo, que ao mundo concedia,
Aos tres ſabios Varoens naõ grangeava:
O ſanto zelo, em que qualquer ardia,
Mais que os rayos de Febo os inflamava,
Rompendo de Morfeo doces cadeas,
Lhe illuſtra aſtro melhor puras idéas.

2.

Nota 323. Contava a tradiçaõ, que a imagem Santa
Roubada ao Mahometano ſacrilegio
Tinha por templo o tronco de huma planta,
Que guardava fiel tal privilegio,
A examinallas todas ſe adianta
O cuidado devoto, ardente, e Regio,
Que a arvore, que occulta tanta gloria,
Os Seculos uſurpaõ á memoria,

3.

3.

Arde o dezejo, e quando activa a calma
Os campos queima, os ruſticos fulmina,
Em amoroſo fogo atéa a alma,
Por buſcar de Maria a luz Divina:
Cedro, Oliveira, Platano, nem Palma
A fé deixa nas plantas, que examina,
Até que vio da Roza o atributo
Na que entre eſpinhos ſimboliza hum fruto.

4.

Aos troncos dominava hum Caſtanheiro
Naõ ſó por mais antigo venerado
Pois do Mundo no Seculo primeiro
Fora do Paraîzo transplantado,
E do impeto do Africo groſſeiro
Nas implacaveis furias reſpeitado,
Porém por mais excelſo, e mais frondoſo,
Se coroava ſempre vitorioſo.

5.

Eterna enveja do Loureiro eterno
Sobre as nuvens eleva a verde fronte,
Deixando innuteis do profundo Averno
As fadigas de Eſterope, e de Bronte: Nota 324.
Celeſte inundaçaõ do humido inverno
Diverte antes que a fórme aerea fonte,
E he ſem temer injurias, nem deſmayos,
Izento ás aguas, ſuperior aos rayos.

6.

Era taõ vaſto o concavo profundo,
Que nelle as Hamadriadas occultas
Grecia julgára, e que ao frondoſo mundo Nota 325.
Dictavaõ da cultura as leys mais cultas:
Sacro-metal ſonoro em ſom jucundo Nota 326.
Mal ſe ouvia entre as partes ſempre incultas,
E a ignorancia ſem fé a aſſombro tanto
Naõ vé milagre, e quer ſuppor encanto.

7.

Os Oraculos verdes, e frondoſos
Nota 327. De Dodòna nos ritos florecentes
Naõ tiveraõ metaes taõ harmonioſos
A's ſuas eſmeraldas eloquentes:
Os Varoens a eſtes eccos miſterioſos
Deſpertaõ nos affectos mais ardentes,
A planta cede ao ferro com violencia,
E era ambiçaõ devota a reſiſtencia.

8.

Breve templo de bronze reſonante
Por largo tempo encobre as claras vozes
Naõ permitindo o Ceo que as fie amante
Do ecco ligeiro aos circulos velozes:
Dos ſacrilegios ſempre triunfante
E de injurias dos Seculos atrozes,
Fiel guarda o depoſito divino
Da tutelar do Portuguez deſtino,

9.

Cedro incorrupto á celeſtial Imagem
Naõ ſey ſe reverente, ſe atrevido
Formou, e á bella copia deu ventagem,
Que foſſe eſte retrato parecido:
Pois quem naõ deu á culpa outra omenagem,
Original naõ teve, nem fingido,
E ſó fora o modelo taõ perfeito
Da ſoberana idéa no conceito.

10.

Na mão direita hum fruto rubicundo
Prende, porque outra vez ſe naõ atreva,
Se em breve eſfera retratava o mundo,
A pervertelo nos enganos de Eva:
Ao bello Infante placido, e jucundo,
Porque eterno carinho ſó lhe deva,
Do coraçaõ no lado pós amante
A maõ, do melhor Ceo mais certo Atlante.

11.

O Prelado, o Heróe, o Conſelheiro;
Devoto, reverente, e obſequioſo,
Vinculaõ a hum ſó Culto verdadeiro
O Santo, o agradecido, e o piedoſo.
Se do falſo Palladio outro madeiro
Foy em Troya depoſito enganoſo,
Eſte, que tanto anima, quanto inflama,
No peito acende mais benigna chama.

Nota 328.

12.

Giraldo da Deidade illuminado
A Henrique altas fortunas profetiza,
De que ſerá o Reyno eternizado,
Pois de Maria os cultos eterniza:
De Affonſo a Clarávál vé venerado,
E hum Joaõ eſſe culto immortaliza,
De eſtranho jugo ao libertar o Imperio
No feudo de hum puriſſimo myſterio.

Nota 329.
Nota 330.

13.

Naõ verde jaſpe do ſincel polido
A's diſcretas fadigas obediente
Ainda forma o altar enriquecido
Do generoſo affeto em culto ardente:
Mas de folhas hum templo bem tecido
He da eſperança ſymbolo excellente,
Que occultaõ entre o verde com primores
Os affetos em frutos, como em flores.

14.

A ſaudar Maria vem as Aves,
E achaõ ſó hoje unidos Sol, e Aurora,
E as ſacrifica victimas ſuaves
De inſtrumentos eburneos voz canora:
Nos acentos agudos, e nos graves
Se matizava a muſica ſonora,
E a cor das pennas, que mudou no pletro,
Iguala as varias clauſulas do metro.

15.

15.

A' que Fenis renace pura, e bella
Celebraõ com a doce conſonancia,
E em Córos a ſuaviſſima Capella
Se transfórma em Angelica ſuſtancia:
Da Canicula emenda a impura eſtrella
No Orbe inferior a ardente diſſonancia:
E de mil Filomenas nos acentos
Ajuſtaõ a harmonia os elementos.

16.

Naõ menos agradavel melodia
A muſica de Marte ao longe entoa,
E entre os Clarins a bellica alegria
Pacificos triunfos apregoa:
Que vem do Porto a Regia companhia
Na trombeta da Fama ao Mundo ſoa;
E ainda quando de perto os ares rompe,
Devotas ſuſpenſoens naõ interrompe.

17.

Ja accuſa o carinho da Princeza
No fino coraçaõ do amado eſpoſo
De deſcuidada, e tarda huma fineza,
Que deixava hum affeto receoſo:
Querendo convencello de tibieza
Se adianta ao concurſo num roſo,
E ſó, triſte, e ſolicita ſe perde
Entre o frondoſo labyrinto verde.

18.

Da harmonia das Aves atrahida
Vio de folhas breviſſimo edificio:
Ouvio de Henrique a voz bem conhecida,
Que deu ao ſeu ciume hum novo indicio;
Pois com ternura amante, e bem naſcida,
Aſſim dizia: O raro beneficio!
O' felice ocaſiaõ, ſorte oportuna,
„ Que hoje, ſem merecer devo á fortuna!

19.

19.

Bellissima Deidade, que excedestes
Das Humanas a fragil fermosura,
E que neste retiro concedestes,
Que vos adore com a fé mais pura:
A Corte deixarey pelos agrestes
Destritos, que illustraes, que assim se apura,
Do favor, que vos devo, alta excellencia,
Nem de Tereza sentirey a ausencia.

20.

Voz sereis quem governe, e quem domine
Quanto possuo, e vença em vosso nome,
Mas que o mundo a servirme se destine,
Mas que esta espada novos orbes dome:
Vosso preceito as leys me determine,
E sô do vosso acerto as ordens tome;
Porque o naõ admitirme fora aggravo
Com Tereza, e Affonso por escravo.

21.

Cessou a voz, mas naõ cessava o pranto,
E Tereza em receyo sempre injusto
Buscava do retiro Sacrosanto
A entrada que cerrou o amor máis justo:
Abre, lhe diz, ingrato esposo, em quanto
Com dano a gloria, e o amor com susto,
Viver me deixaõ vendo huma violencia
Que a inconstancia occasiona em larga ausencia.

22.

Bem póde ser, que toleresse o peito
A offensa intoleravel do ciume,
Mas naõ póde ultrajado o meu respeito
Sofrer huma vileza, que presume,
Eu, e Affonso cativos? triste effeito
He das loucuras, que o amor resume,
O mais atroz, o mais fatal motivo
De quem de indigno amor estâ cativo.

23.

23.

Abre de folhas a enlaçada porta
Henrique alegre, eo Paſtor ſevero,
Que no ſemblante a Regia Eſpoſa exhorta,
Unindo o reſpeitoſo com o auſtero;
Mas a Princeza do prodigio abſorta
Com voto humilde, com ardor ſincero,
Tambem quer que a illuſtre a ſacra Imagem,
Fazendo eſcravidaõ da vaſſalagem.

24.

Henrique da perdida confiança
Se juſtifica amante, e queixa fino,
E logo lhe refere o bem, que alcança
Deſcobrindo teſouro taõ Divino:
Ja he certeza atimida eſperança
De ver o Infante ſem o mal indino,
Com que fez eſte acaſo ſoberano
O ciume cortés, feliz o engano.

25.

Ja pelo boſque a numeroſa Corte
A ver tanto milagre ſe apreſſava,
E a Deoſa tutelar da Luſa ſorte
A Lamego o Pontifice levava:
Affonſo, que de Adonis, e Mavorte
Moſtrava a fórma, e o valor guardava,
Maria adora tendo em dote infuſo
Pelo affeto á raſa, primeiro o uſo.

26.

Incredulas as bellas Africanas
Diſſimulaõ nos roſtros as idéas,
E vendo as fermoſuras ſoberanas,
Poucos ſaõ os iſentos das cadeas:
Ambas galhardas, ambas inhumanas,
Nota 337. Sem encantos de Circes, e Medeas,
Fazem temer no amante paraſiſmo
Mais do Ceo a violencia que a do Abyſmo

27.

27.

Seguia a Aldára o infeliz Pelayo;
Que ao ſilencio o ſeu mal atento entrega;
Convalecido do mortal deſmayo,
De que a ignorada cauſa a todos nega:
Serve, e ſoſpira, e ſe algum triſte enſayo
De hum peito, que com magoas naõ ſocega;
Algum indicio do ſeu mal deſcobre,
Multiplicando a cinza, o fogo encobre.

28.

Axa, que até triunfa na deſgraça;
Domina hum negro bruto, e reſoluta
Iras fulmina, furias ameaça,
E eſtá entre as priſoens mais abſoluta:
O varonil naõ diminue a graça
Do bello; e por vencer forte, e aſtuta;
Quem do valor ſe livra com violencia,
Naõ acha à fermoſura reſiſtencia.

29.

O Rey, a quem já move affecto pio
Da Religiaõ Chriſtãa, e o diſſimula,
Deſcobre da heroîna no deſvio,
Que o temor da mudança a eſtimula:
Porém Axa, que o Mouro deſvario
Deſpreſa, novos erros acumula,
Seguindo os Deoſes falſos, que a poeſia
Só conſerva da antiga idolatria.

30.

A maquina, que armava, deſtruira
Do eſpoſo a converçaõ, que já ſoſpeita,
E ſem fiarlhe o que infiel conſpira,
Finge, que delle vive ſatisfeita:
Ao valor, e ambiçaõ, cautela, e ira;
A ſua altiva idèa eſta ſogeita;
Com Muſtafá, que foy cativo em Gaya,
Os projectos belligeros enſaya.

31.

Do caminho apartada assim lhe disse:
Galhardo Capitaõ, destro, e valente,
E que até na desgraça estás felice,
Pois constante a toleras, e prudente;
O teu conselho inspire huma infelice,
Que hoje fia de ti o mal, que sente;
Mas vê, que naõ admite huma arrogancia.
Prudencia, que pareça tolerancia.

32.

Estes Christãos se vem hoje elevados
Em illusaõ taõ nova, e agradavel,
Que esquecidos do genio de Soldados
Se enganaõ com descuido mais culpavel:
Sem cautela nos levaõ confiados
A' Corte, donde a sorte sempre instavel
Nos vio no Trono, e com diverso effeito
Hoje nos vê com lastima, e respeito.

33.

Nella tenho parciaes bem encubertos;
Animey entre os ferros os cativos,
Sey que se movem por avisos certos,
Já de Leiria os Mouros mais altivos:
Numerosos, intrepidos, e expertos
Já correm taõ velozes, como activos,
E Muley, ou por força, ou por sobornos
Ganhou muitos Castellos dos contornos.

34.

Inquietando o paiz com correrias
Excita os seus, e na inimiga terra
Os entretem nas fortes ouzadias,
E os exercita na pequena guerra;
Como sempre em finissimas porfias
O amor de Aldára no seu peito encerra,
Rouballa intenta, e de taõ nobre insulto
Só de mim fia este segredo occulto.

35.

Celebrar quer Henrique hum ſimulacro,
Que da Mãy do ſeu Deos hoje deſcobre,
Jogos publicará com rito ſacro
Do culto vaõ em exercicio nobre;
E que ſerá ſe ElRey no ſeu lavacro
Se manchar, porque ainda que mo encobre,
Mal diſſimula o cego paraſiſmo
De naufragar nas aguas do Bautiſmo?

36.

Antes que abatimento taõ infame
Se ſaiba de quem teve o louro Regio,
E que ao meu coraçaõ a furia inflame
A caſtigar já certo o ſacrilegio;
He juſto que a hum cobarde mais naõ ame,
Pois ſe eſqueceo do raro privilegio
De que admitillo amante era impoſſivel
Sem o heroico caracter de invencivel.

37.

Pois o favor alcanças de Roberto, Nota 332.
Naõ porque em ti venere a antigua gloria,
Mas porque em teu triunfo moſtra certo
Em ti vivo o Padraõ de huma vitoria:
Sahirás de Lamego hoje encuberto,
Que a tua falta naõ ſerà notoria,
Em quanto occupaõ todos de outra ſorte
Feſtas da Imagem, e atracções da Corte.

38.

Pratico és do paiz; do frio Herminio Nota 333.
Buſca com largo giro o mais fragoſo,
E ſe paſſas o Tejo, no dominio
Entrarás do Africano poderoſo,
E te aſſeguro certo o vaticinio
De que ſe te fingires cauteloſo
Em caçar pelos boſques empenhado,
Conſeguirás o intento dezejado.

39.

Pois fallas no idioma, e dialecto
Nota 334. Gallego, e Portuguez novo, e antigo,
Preciſo eſtudo a hum General provecto
Saber a propria lingua do inimigo,
Veremos bem logrado o graõ projecto,
E ſe por ti o mayor bem conſigo,
Verás nos meus intentos ſempre gratos,
Que ſó peitos cobardes ſaõ ingratos.

40.

Neſte occulto lugar pronta equipagem
Terás de caçador, porque Ermeſinda,
Que a amar de Pallas a valente imagem
Nota 335. Foy educada em Perſia por Clorinda,
E quẽ me ſegue em fina vaſſalagem
Fiel, diſcreta, valeroſa, e linda;
Mas naõ pinto o que ſey, que naõ ignoras;
Pois com decente amor feliz a adoras.

41.

Tanto que a luz em tragico naufragio
Morrer no Occaſo por naſcer nõ Oriente,
Quando a ave de Marte com preſagio
Nota 336. Do oppoſto meridiano as glorias ſente,
E quando no ſuaviſſimo contagio,
Que cauſa o ſoporifero accidente,
Quem ſe julga immortal, invicto, e forte
Se rende neſte enſayo ás leys da morte.

42.

Há de entregarte, ò Muſtafá galhardo,
A inſtrucçaõ, que te tenho prometido,
E as cartas a Muley com tal reſguardo,
Nota 337. Que o que lhe aviſo vay deſconhecido:
Com ſétas, e arco, com aljava, e dardo,
Irás diſſimulado, e defendido,
Para encobrir pella inimiga terra
Nota 338. Com a imagem da guerra a meſma guerra.

43.

Muſtafá obediencia lhe aſſegura;
Impaciente no boſque a noite eſpera,
E eſtá certo que nunca ſeja eſcura,
Se Ermeſinda illuſtrar a verde esfera:
Sempre amanhece a ſua fermoſura,
E mais que a ſombra a ſua luz impera;
O amor o anima, o medo naõ o aſſombra;
E para ver a luz dezeja a ſombra.

44.

Anticipou-ſe a noite compaſſiva,
Como parcial do amor, e do delito;
Veyo a bella Africana, e atractiva
Diſpenſa huma eſperança ao peito aflito;
Das ordens da Rainha executiva
Elle ſe alenta mais para o conflito,
Que das armas, que veſte em taes enſayos;
Nas ſétas com que mataõ os ſeus rayos.

45.

Quando lhe diz, belliſſima tirana,
Me naõ trouxeſte as mais atrozes ſétas?
E quando aos meus affectos inhumana
Me naõ mudaſte os aſtros em cometas?
Mas como me dominas ſoberana,
A executar as ordens, que interpretas,
Taõ veloz voltarey que em fino intento
Dè azas o dezejo ao penſamento.

46.

Reſponde-lhe Ermeſinda, que premiado
O ſeu amor ſerá, ſe conſeguido
Se vir eſte projecto dezejado
Em que ſe veja Henrique deſtruido:
Que teme, elle lhe diz, ver malogrado
Tanto bem, pois do fado perſeguido
» Fora, mas teme que ainda mais o ſeja
» De tanto bem na bem naſcida enveja.

47.

Separaõ-ſe os amantes, porque as vozes
Dos Portuguezes já vizinhas ſoaõ,
E da auſencia os tormentos mais atrozes
Nos dois peitos as iras apregoaõ:
Muſtafá guia os paſſos mais velozes;
Por donde os montes ao paiz coroaõ;
Ermeſinda a Lamego volta occulta,
De Axa naõ tanto a ſorte dificulta.

48.

Nota 339. Sahio mais claro o Sol, quando da Lua
O mundo conta o agradavel dia,
Pois aſtro mais brilhante à gloria ſua
Novamente no mundo apparecia:
Deſtro arquitecto a traça naõ comua
A Henrique delineada entaõ traſia,
Dando da devoçaõ o pio exemplo
Eſcolhe ameno ſitio ao novo templo.

49.

Eminente, frutifero, e frondoſo
O lugar, que elegeraõ, ſe dilata
Naõ longe donde o Douro caudaloſo
Engaſta em ouro a precioſa prata;
Nota 340. Para donde ſe exalta luminoſo
O pólo, em que Caliſto ſe retrata,
Se aparta de Lamego, e nos eſpaços
Nota 341. Nove mil vezes naõ numera os paſſos.

50.

Fermoſa a variedade dos objectos
Diverſifica a bella perſpectiva,
Augmentando os piiſſimos affectos
A muda ſolidaõ mais expreſſiva:
Apreſſa dos magnanimos projectos
O Heróe a execuçaõ pronta, e activa,
E a pedra quer já pór fiel, e ufano
Fundamental do Imperio Luſitano.

51.

Em quanto ão ferro naõ reſiſte a terra,
Nas largas profundiſſimas feridas,
Feſtivo enſayo de agradavel guerra
Leva a Fama às naçoens deſconhecidas:
Quanto nas leys Olympicas ſe encerra, Nota 342.
E nas feſtas antigas mais luzidas
De Iſthmo, ou Nemeo, e ainda o grande Pitio, Nota 343.
Quer que ſe exceda Henrique neſte ſitio.

52.

Muſa, que o entuſiaſmo, e vaticinio Nota 344.
De Patroclo nos jogos dèſte a Homero,
E nos do Pay do fundador Lavinio, Nota 345.
Achou Virgilio o numen teu ſincero,
Ou menos o influxo, que Papinio Nota 346.
Cantou com alto eſpirito, e ſevero;
Neſta occaſiaõ teu fogo naõ me occultes
Ainda que em outro aſſumpto o difficultes.

53.

Fabrica-ſe hum luzido anfiteatro
Com milhares de aſſentos divididos,
O ovado ſe cortou com lados quatro
Que eraõ dos olhos todos comprehendidos:
Na àrea do magnifico teatro
Os jogos varonîs mais aplaudidos
Seriaõ da deſtreza dezempenho
Antes que em outros combateſſe o engenho.

54.

Abatidos dos boſques mais vizinhos
Os triſtes Cipariſſos ſe lembravaõ,
Que occupando poſtrados os caminhos Nota 347.
Suas proprias exequias celebravaõ:
Lagrimas eraõ nos feridos Pinhos
Quantas com a reſina deſtilavaõ;
Sentem do ferro os golpes mais groſſeiros,
Se antes livres dos rayos, os Loureiros.

55.

55.

Nota 348. O inſtrumento de Ceres nas eſpigas
Naõ fez no Eſtio mais fatal eſtrago,
Nota 349. Nem de Vulturno as rapidas fadigas
Daõ no Outono mais folhas ao ar vago;
Mas naõ temaõ crueldades inimigas,
Se o verde coraçaõ he já preſago
De que celebraõ com feliz exemplo
Ser conſagradas para o Regio templo.

56.

Inteiro a Lua hum circulo deſcreve,
Nota 350. Em quanto o vaſto circulo ſe prepara,
E a Fama grita, canta, diz, e eſcreve
Nas vizinhas regioens feſta taõ rara:
As Leys, que Henrique provido preſcreve
Naõ prohibiaõ, que encuberto entrara
Qualquer aventureiro, que o intentaſſe,
E a robuſta deſtreza exercitaſſe,

57.

E goſaria de ſeguro azilo,
Mas que inimigo foſſe, em quanto a feſta
Influxo dava ao mundo taõ tranquilo,
Que a pia cauſa eſtava manifeſta:
Corteſia, primor, decencia, eſtilo
Da Corte ſó ſe achava na floreſta,
E os ſeculos aqui ſe renovaraõ,
Nota 351. Que a Artur, e Carlos Magno eterniſaraõ.

58.

As Princezas, e as Damas illuſtravaõ
Nota 352. A ecliptica brilhante deſta eſféra,
E os que com fino culto as adoravaõ,
A luz obſervaõ, que em ſeu peito impera:
Intimidaõ ao tempo que animavaõ
Em tanto coraçaõ, que ama, e venera,
Quanto o reſpeito apaga, o amor arde,
Augmentando o ouſado no cobarde.

59.

59.

Premio qualquer das Damas ja deſtina
A quem vença em ſeu nome algum combate:
E ſuſpendendo as iras, que fulmina,
Permite, que o rigor o naõ maltrate:
Nobre ambiçaõ incita a gloria fina
De que o affeto em laminas retrate
Do mais puro decoro em novo exceſſo
O ineſtimavel, e precioſo preço.

60.

Henrique há de julgar ſciente, e recto
Quem ficar vencedor por força, ou arte,
Livre a juſtiça eſtá de odio, ou affeto,
Que igual a todos a razaõ reparte:
De aſſento ſuperior qualquer objeto
Deſcobre, e ſe diſpoem o amor, e Marte,
Hum fazendo ao mais fino mais felice,
Outro a livrar o forte de infelice.

61.

Dois a dois eſquadroens em quatro entradas,
Qualquer compoſto de outo Cavalleiros,
De ouro, e de prata as cores matizadas
Fazem da guerra enſayos verdadeiros:
As producçoens, que Pan vé transformadas Nota 353.
Da amada Ninfa em troncos mais ligeiros,
Parecem precioſas, e luzidas,
Que primeiro as tocára a mão de Midas. Nota 354.

62.

Do opulento metal, que o Sol influe, Nota 355.
A auguſta cor no traje, e nos arnezes,
Illuſtra, como a ſorte a diſtribue,
A quadri ha galharda dos Meneſes:
Sem diviſa no eſcudo ſe atribue
Pedro Bernardo gloria dos Leonezes,
E por timbre huma Torre, em que eſtá preſa,
Como ſempre infelice huma belleza.

63.

Nota 356. Em campo de ouro as ondas azuladas
Retratando do Tavora a corrente;
Sem vozes de Arion articuladas,
Outro Delfim cortava velozmente:
Para empreſas heroicas animadas
Lanças de tanto Tavora valente
Seguem em Dom Ramiro hum novo Marte
Sempre em valor, agora em força, e arte.

64.

Nota 357. Claro metal, que a Lua ſimboliſa
Veſtindo a Regia cor o Rey dos brutos,
Como ſigno do Ceo tras a diviſa
Na quadrilha dos Sylvas reſolutos:
Com Alderete o nome immortaliza
Dos Leonezes Monarcas abſolutos,
Donde os Varoens inſignes reſplandecem
Nos Sylvas, que em dez Seculos florecem.

65.

Nota 358. Se o Ceo grava em azul aſtros dourados,
Tem nove aſtros azues outro Ceo de ouro
Os Cunhas ſempre illuſtres, e eſtimados
Do Luſitano gloria, horror do Mouro,
Pelo invicto Dom Payo hoje guiados
Neſte feſtivo enſayo ſem deſdouro,
Até por leves tiros naõ tem erro
Das firmes Cunhas o ceruleo ferro.

66.

Nota 359. Com claro argento no purpureo eſcudo
Quatro vezes oh Cynthia reverbéras
Com que o Conde Dom Mendo claro em tudo
Gravou de Souſa o nome nas eſferas:
Naõ eſcureças tempo eſcuro, e mudo,
Que as glorias immortaes cruel alteras,
Na clara deſcendencia as eſperanças
De triplicadas Regias alianças.

67.

Egas Moniz com ſeu braſaõ luzido
De Tetis no matiz bandas de prata
Debuxa, e de Ataide eſclarecido
Ja pronoſtica as glorias, que dilata:
Será no Oriente o ſeu valor temido,
Se hoje no Occaſo os Mouros desbarata,
Pois taõ fino feſteja no Occidente
Da mais brilhante luz o ſacro Oriente. Nota 360.

68.

Pelayo Amado valeroſo, e fino,
Do ouro, que produz a amante ſeta
Seis circulos formou, que ao ſeu deſtino
Cada hum pena eterna ſe interpreta:
E nos rubîs do eſcudo diamantino
Em dobre Cruz tem hum fatal cometa,
Que a invencivel ardor do peito exangue
Verteo do coraçaõ no eſcudo o ſangue. Nota 361.

69.

Outra Cruz, que entre prata apura as flores,
E em campo carmeſim mais reſplandece
Das Pereiras nos ramos vencedores
Dos que tinha o Loureiro a gloria eſquece:
Dom Rodrigo Forjás altos ardores
Influe nas coroas, que ja tece
A' generoſa eſtirpe de Bragança
Com a cor do triunfo, e da eſperança. Nota 362.

70.

De outras Regias Familias ſe occultavaõ
Os nomes nas coroas, a que uniaõ
Os nomes, que depois deſenlaçavaõ,
E em novas alianças repetiaõ:
Outras a Portugal ainda naõ davaõ
Glori s, que em outros Reynos repartiaõ,
E muitas naõ refere a brevidade,
Ou uſurpou a iniqua antiguidade. Nota 363.

71.

Paraõ nos Ceos os rapidos Planetas
Vendo no Mundo eſtrellas mais brilhantes,
Deixando fixas luzes inquietas,
Para admirar eſtrellas mais errantes:
Tem as haſtes vibradas por cometas,
Que á meſma eſfera voaõ fulminantes:
Luz, gloria, arte, e valor perdem no Polo
Nota 364. Mercurio, Marte, Jupiter, e Apollo.

72.

Parece, que temendo as flores bellas
Ser dos velozes brutos ultrajadas,
Nota 365. Sem que Flora ſe atreva hoje a prendellas,
Correm de tantas cores matizadas:
Nota 366. Ou he Iris, que dece das eſtrellas,
E concorrendo ás feſtas celebradas,
Reparte a huma quadrilha, e outra quadrilha
O pacifico eſmalte, com que brilha.

73.

Nota 367. Os brutos de huma eſquadra ruços eraõ,
De outra morzelos ſempre formidaveis,
Os alazoens ligeiros ſe eſcolheraõ,
Buſcaraõ-ſe roſilhos agradaveis:
Os malhados por varios ſe atenderaõ,
Os caſtanhos comuns, mas eſtimaveis,
Correm ruços queimados, como rayos,
E naõ lhe cedem os viſtoſos bayos.

74.

Como imitaõ ao trage Mahometano
Nas trunfas, capelhares, e marlotas,
Baſtou a falſa imagem do Africano,
Meneſes, a inflamar o ardor, que brotas:
Foraõ lanças as canas, com que ufano
Traſpaſſaſte as adargas mais remotas,
E houve alguma, que ao golpe fero, e rudo
Tingio com ſangue algum ſanguinho eſcudo.

75.

O Tavora ſe unio ao graõ Menezes,
E Alfagrano, que em aſtros tem dominio, Nota 368.
Aſſim gritou: valentes Portuguezes,
Ouvi hum infalivel vaticinio:
Deſtes Heróes unidos os Arnezes
Só deſta alegre guerra no deſinio
Seis Seculos depois, aſſombros raros!
Hum dia haõ de ſubir por Monteſclaros. Nota 369.

76.

Ao nome de Luiz daraõ mais nome,
E da amizade unindo o laço eſtreito,
Sem que o furor de Heſpanha os vença, ou dome,
Dois grandes coraçoens guarda hum ſó peito:
Menezes ou eſpada, ou pena tome, Nota 370.
Vencido Apollo vé, Marte ſogeito,
Canta a Reſtauraçaõ, que admira o Mundo,
Porque as ácçoens celebre do ſegundo.

77.

Naõ terás ó Menezes invencivel
Da eſtirpe Varonil na deſcendencia
Quem na guerra naõ foſſe o mais terrivel,
Fiel á Patria, illuſtre na eloquencia:
Duas vezes a Aſia achou poſſivel Nota 371.
Ver prudencia, e valor na adoleſcencia
De Henrique, e de Luiz a força ſabia
Reſpeita Malabar, recea a Arabia.

78.

Quatro vezes o nome de Fernando, Nota 372.
Duas vezes o nome de Diogo
Africa ardente vejo reſpeitando,
Que he ſeu ardor mais forte, que o ſeu fogo:
Na America outro Henrique eſtá moſtrando
Da idade juvenil o deſafogo;
Segue hum Franciſco os bellicos veſtigios,
E ha de cantar, ó Henrique, os teus prodigios.

79.

79.

Nota 373. Filho ſerá de hnma divina Muſa,
Que dos Heróes herdando alta grandeza
Unio Aonia na Hipocrene Luſa
Virtude, deſcriçaõ, ſciencia belleza?
Nota 374. Celeſte graça em perfeiçoens infuſa
De outra Joanna admiro, e na fineza
Do amante eſpoſo que a adorava tanto
Primeiro ſerá gloria depois pranto.

80.

O tronco, que produz o verde ramo,
A quem azul tributo paga Erice,
„ Com o de Cantanhede, a que hoje aclamo
Generoſo, fiel, grande, e felice,
Antonio vejo, e de taõ longe o amo,
Porque á Liſia tirou jugo infelice,
Que o moſtro nos futuros, donde vença
Nota 375. Em Elvas, Monteſclaros, e Valença.

81.

Nota 376. Em tudo igual a eſtirpe de Tarouca
Segue em Africa a Pedro, e a Duarte,
E a trombeta da Fama nunca rouca
Cante em Joaõ Mercurio, Apollo, e Marte.
Nota 377. Se os Menezes contaſſe, fora pouca
A voz mais elevada, e melhor arte,
Pois deu o Ceo por timbre dos Menezes,
Vencer os Mahometicos Arnezes.

82.

Vendo Alfragan ao Souſa, e ao Pereyra,
Que guiavaõ as inclitas quadrilhas,
Aſſim continuou na verdadeira,
Pintura das futuras maravilhas:
Nota 378. Souſa feliz, que tanto na groſſeira
Eſcuridaõ do tempo em glorias brilhas,
Tres vezes, ja o ouviſte, o privilegio
Terás de ver teu tronco outra vez Regio.

83.

83.

Teſouro de valor tira das Minas
Huma proſapia generoſa, e forte,
E Antonio fez voar as Luſas Quinas
Até as collocar na Heſperia Corte:
Se eu merecceſſe inſpiraçoens divinas,
Deſcrevera o valor, pintara a ſorte,
„ Com que o progenitor admira, e doma
Invencivel Galiza, ſabio Roma.

Nota 379.

Nota 380.

84.

Do meſmo grande Affonſo Rey terceiro
Outra familia excelſa ſe deriva
Ja elevada ao titulo primeiro
Com Real aliança ſucceſſiva:
De Uliſſes a Cidade, a que hum guerreiro
Teu deſcendente outavo em força activa
Do Hiſpano hà de livrar, veja hum Prelado,
Que á purpura illuſtrou o ardor ſagrado.

Nota 381.

Nota 382.

85.

Unica, bella, ſabia ſucceſſorã
De Luſitania, e Belgia ao ſangue auguſto
Luiza foy da idade ainda na Aurora
No Oriente goſto, no Occidente ſuſto:
Morreo, porque morreo o bem, que adora,
De tragico ſucceſſo, ó caſo injuſto!
Do amor, da morte em ſetas penetrantes
Mataſte em hum ſó golpe dois amantes!

Nota 383.

86.

Miguel filho de Pedro alto Monarca,
E que ainda naõ tocava o luſtro quinto,
Paſſará do Aqueronte a fatal Barca,
De que outra Barca he ſimbolo diſtinto:
Conjurando-ſe a Enveja, invoca a Parca,
E no mar, como o Sol, o deixa extinto,
Naõ para renacer mais que na gloria,
Na fama, na ſaudade, e na memoria:

Nota 384.

87.

87.

Será galhardo, amavel, e erudito,
Agil, ſciente, varonil, conſtante,
O animo generoſo, o peito invito,
Docil, cortés, magnifico, elegante:
Naõ falte ao Tejo eternamente aflito,
Vendo-o nas ſuas ondas naufragante,
Para expiar tal culpa em triſtes agoas
O immortal pranto das funeſtas maogas.

88.

Eu naõ faria tragica eſta ſcena,
Mas o genio fatal, que em mim domina,
Nota 385. Que eterniſe a Miguel aſſim me ordena,
Sem poder reſiſtir força divina:
Nota 386. Tu, Pereira feliz, a tanta pena
Modera na fortuna, que deſtina
A Fortuna mayor, que ſobre os aſtros
Forma eſtatuas de bronſes, e alabaſtros.

89.

Nas eſtrellas naõ vez? pois eu o vejo,
O eſpirito mayor, que o mundo admira,
Nuno, que deſempenha ao teu dezejo
„ Quanta nobre ambiçaõ glorioſo aſpira:
Por quanto abraça o Douro, lava o Tejo,
O Minho rega, e o Guadiana gira,
Vença, e chorem de Heſpanha a gente rota
Nota 387. Atoleiros, Valverde, Aljubarrota.

90.

Santa origem ſerá, e tronco egregio
De tanto Heróe Real, que de Bragança
Naõ ſó produz o ſacro Louro Regio,
Mas toda Europa em inclita aliança:
Coroado o nativo privilegio
Vio ſatisfeita anſioſa huma eſperança,
O tronco Portuguez tendo opportuna
A Juſtiça, a conſtancia, e a fortuna.

91.

Sylvas, e Cunhas nobre paralelo
Do Solio de Leaõ reproduzido,
Da guerra, e da politica o modelo
Tem em tanto Varaõ eſclarecido:
Se em individualos me deſvelo,
Naõ cabe tanta gloria em hum ſentido,
Ambas ſagrada purpura adornava,
Ambas coroa bellica illuſtrava.

Nota 388.

92.

De Sylva ao graõ Miguel Roma reſpeita,
E a diſcriçaõ admira generoſa;
De Cunha Inſigne Nuno ſatisfeita
Deixa de Europa a expectaçaõ anſioſa:
Tanto ao Mayor Monarca bem aceita
Será ſua virtude prodigioſa,
Que brilhando a modeſtia mais que a ſorte,
Terà coluna a Fé, defenſa a Corte.

Nota 389.

Nota 390.

93.

No nome igual, na profiſſaõ diverſo
Outro Cunha terror do Gentiliſmo
O Imperio Luſitano no univerſo
Dilatou por vencer até o Abiſmo:
Aires tambem venceo rito perverſo,
Deixando ao Mahometano em paraliſmo;
As ſabias producçoens vejo illuſtradas
Conduzindo Heroinas coroadas.

Nota 391.

Nota 392.

Nota 393.

94.

De Ataides, e Almeidas igualmente
De donde naſce o Sol adonde morre
Em Luiz, e Jeronymo ſe augmente
A fama, que em dois mundos canta, e corre:
Hum, e outro Ataide, que excellente,
Vencendo varonil ſabio diſcorre,
E em deſcendentes ſeus reproduzidos
Se regeneraõ dotes taõ luzidos,

Nota 394.

Nota 395.

95.

Nota 396. Francisco entre os Almeydas substitue
Ao Rey, que descobrio o Eoo Imperio,
Com o seu appilido destribue
Nota 397. Joaõ prudente aceito ao Reyno Iberio:
Do seu Principe á gloria contribue
Que lhe fia o politico misterio
Pedro qne o segue inrrepido se expunha
Nota 398. Em Valença, Aragaõ, e Catalunha

96.

Em quanto a Mahometana astrologia.
Da luz os caracteres descifrava,
E com furor da occulta profecia
Muito mais claramente os explicava,
Hum, e outro esquadraõ igual corria,
E de Lisia o triunfo festejava:
O luzimento alternaõ no teatro
Hum a hum, dois a dois, e quatro a quatro.

97.

Sem desar, sem perigo, sem acaso
Da Gineta exercitaõ os primores,
Cada filho do Zefiro he Pegaso,
Nota 399. Que de Etonte se alenta nos ardores:
Vestigios naõ se vem no campo raso
Dos velozes, e prontos voadores;
Ja unidas quadrilhas saõ contrarias,
Às cores por mais bellas saõ sô varias.

98.

Guiou Moniz a escaramuça airosa,
Que de muitos tecendo-se hum só fio,
Clausula foy da festa mais vistosa,
Termo do mais galhardo desafio:
O ouro na opulencia generosa,
Que aos Cavalleiros enriquece o brio,
Nos laços lhe servio embaraçados
De fio aos labyrintos intrincados.

99.

Madrugou mais a Aurora ſucceſſiva
Pãra avizar ao Sol, que ſem deſmayos
Se quizeſſe adornar da luz mais viva,
Que a materia ſutil dà aos ſeus rayos;
Veſte ao dia de gala taõ feſtiva
Para admirar os bellicos enſayos,
Que perguntaõ os aſtros ao orizonte,
„ Se Jove reſuſcita ao ſeu Faetonte. Nota 400.

100.

A Praça do Romano anfiteatro,
Imitando a perfeita arquitetura,
Formou em ſemicirculo o teatro
Do Circo na vaſtiſſima figura:
Na porçaõ, que cortou angulos quatro
No commodo, e na viſta, que procura,
Facilita os dezejos, e os ardores
A muitas vezes mil expectadores.

101.

Com Henrique, e Tereza Affonſo eſtava,
E na infancia animado o tenro affeto
„ Mais ao Numen de Carquere invocava,
Que o divertia o majeſtoſo objeto
Celeſte genio o ſacro ardor lhe dava
Com certo auſpicio, com feliz projeto
De que fizeſſe culto taõ devoto
Taõ grande o beneficio, como o voto.

102.

De Tereza, e de Henrique amada filha
Tres luſtros naõ tocava a bella Urania,
Que para ſer do Mundo maravilha
Naſceo no Occaſo Sol de Luſitania:
Tanto em retratos ſeus a Fama brilha,
Que em França, Heſpanha, Italia, Anglia, e Germania,
Seus rayos ainda em ſombras exprimidos
Deixaõ todos os Principes feridos.

103.

Nota 401. Dom Bermudo de Trava mais ditoſo
Foy no amoroſo affecto, que o deſvella,
No obſequio fino, e culto decoroſo,
Sua eſtrella lhe deu taõ clara eſtrella:
Foy deſtinado ao talamo glorioſo
No Real himineo de Urania bella:
Urania digo: o tempo irreverente
Urraca lhe chamou groſſeiramente.

104.

Em nome da Princeza o Cavalleiro
Dos Limas varoniz tronco preclaro
Se offereceo bizarro aventureiro
A fazer eſte dia unico, e raro:
E como na arte equeſtre era o primeiro,
Como he hum ſó na esfera Apollo claro,
Tambem ſó com ſuas luzes reverbera,
Que Sol foy, que brilhou na Luſa esfera.

105.

Nota 402. De Etiopes cativos a cohorte
Prendeo dourada nitida cadea
Com tal arte enlaçada, e de tal ſorte,
Que a mão o fuſil ultimo encadea:
Todos eſtes eſcravos deſtro, e forte
Na guerra Mahometana ao ferro enlea,
E ao ver de Urania a ſuperior deidade,
Lhes deu, e elle a naõ tem, a liberdade.

106.

Montava airoſo em hum Cavallo andrino,
Que pela cor cuidava, que gozaſſe
Do alvedrio, mas nega-lhe o deſtino,
Que ao racional ſeguiſſe, ou imitaſſe;
Antes mais preſo ao freyo ſerve fino
Ao aceno mais leve, porque achaſſe
Domado o fogo, que ferós ſahia
Do vivente carvaõ, que o eſcondia.

107.

De pedras os matizes precioſos
A ſella guarneciaõ, e os jaezes,
Brancos airoens de paſſaros airoſos
O coroaõ voando muitas vezes,
Os ſeus intentos vagos, e pompoſos
Prende o chapeo, mas naõ veſtindo arneſes,
Bermudo em negro trage acha motivo
De que ainda o corteſaõ vença o feſtivo.

108.

Regulando ajuſtados movimentos
Entrou no Circo o bruto, e ao compaſſo
De acordes militares inſtrumentos
Concordava o veloz deſembaraſſo:
Parece que aprendeo os documentos
Da dança, que exercita paſſo a paſſo,
Das liçoens, que com mortes infinitas
Foraõ fatal eſtrago aos Sibaritas. Nota 403.

109.

Ao chegar ao balcaõ tanto a preſença
De Urania o vay com rayos perturbando,
Que o temor naõ ſe occulta na detença,
Com que vay ao Bucefalo guiando:
E a naõ achar nos olhos recompenſa,
Com que a Princeza moſtra o geſto brando,
Teria a tanta luz neſte oriſonte Nota 404.
Duas vezes o eſtrago de Faetonte.

110.

O negro bruto as lanças Africanas
Rompeo ſó de Bermudo dominado,
Mas deſpedindo as ſetas inhumanas
Hoje temeo ſer de outras fulminado:
Por iſſo obedeceo às leys tiranas
De Bermudo, e tres vezes retirado
Conſeguio neſte obſequio acreditarſe,
Pois nunca o enſinára a retirarſe.

111.

111.

Nota 405. O Touro, a quem a magica Medéa
Em Colcos com encanto o fogo apaga,
Nota 406. O em que Jove occultou a amante idéa,
E com Europa em ondas naõ naufraga:
Nota 407. O que Febo em Abril com luz rodea,
E com eſtrella ardente nos Ceos vaga,
Nota 408. Nem o que cenſurou Momo importuno,
Na producçaõ perfeita de Neptuno.

112.

Iguala ou ja na furia, ou ja na fórma,
Nota 409. O Touro, que ao Zodiaco da praça,
Como em terreſtre ſigno ſe transfórma,
Com influencia tragica ameaça:
A viſta apenas a Bermudo infórma,
Que com valor, deſembaraço, e graça,
Com rumor leve de hum trovaõ enſayo
Relampago brilhou, e ferio rayo.

113.

Enveſte o Touro, e com tal furia enveſte,
Que eſtando ja ferido deu hum ſalto,
Em que quaſi igualando-ſe ao celeſte,
Parece quiz ſubir ainda mais alto:
Firme o braço, ò Bermudo entaõ tiveſte,
E elle de alento, naõ de furia falto
Morto bramío, e em bronze parecia
Nota 410. Que o do tirano artifice fingia.

114.

Foge aos applauſos o galhardo Lima,
Que a modeſtia ao valor ſempre ſe iguala,
Entra em outro Cavallo, em que ſe eſtima
A deſtra força mais que a airoſa gala:
Era da cor madura, que ſublima
O fruto, em que a Provincia ſe aſſinala;
Porèm no alto, no forte, e no groſſeiro,
Só o excedia o meſmo Caſtanheiro.

115.

115.

Outro animal manchado achou no Corro,
Que a naõ naſcer na ardente Luſitania,
Entre os Tigres carnivoros diſcorro
O adoptára por filho a aduſta Hircania: Nota 411.
Pouco fez em vencello, que ſoccorro
Achou nos olhos da divina Urania,
Que ou eſtando parciaes, ou inimigos,
Nelles tem os remedios, e os perigos.

116.

Porèm ſuſpenſo na belleza rara
Se deſcuidou da deſatada furia,
E ſe pronto o Cavallo naõ voltára,
Padecera o caſtigo a amante incuria:
O bruto, a que a traiçaõ ſó amparára,
Pagou depreſſa a imaginada injuria,
Porque caindo o lenço ao Varaõ forte,
Satisfez ao deſar do Touro a morte.

117.

Branco ſinal de paz julgava o bruto
O lenço que cahio ao Cavalleiro,
E ja cuidava em retirarſe aſtuto
O inſtinto irracional rudo, e groſſeiro,
Mas logo deſmayou ao reſoluto
Impulſo de inſtrumento mais guerreiro,
Que aos golpes o caſtiga inevitaveis
Até ſendo os deſares inculpaveis.

118.

No activo impulſo, e claro luzimento
A eſpada de Bermudo em golpes duros
Em cada giro a anima hum elemento,
Rompe da meya Lua os fortes muros:
Da meya Lua, que em furor violento, Nota 412.
Vendo os ſeus flancos curvos mal ſeguros,
Perdendo os ſeus reparos defenſivos,
Arietes ſe fazem offenſivos.

119.

119.

Rendidas as defenſas exteriores,
E aberta a brecha na vivente praça,
De ſangue hum foſſo em liquidos furores
Por algum tempo os golpes embaraça:
A eſpada nos ſeus rapidos ardores
Até ſabe vencer quando ameaça;
Sobre o Touro o Cavallo parecia
Nota 413. Que o Pelion ſobre o Oſſa ao Ceos ſubia.

120.

Nota 414. Terceira vez hum rayo Tranſtagano,
Que unio a cor ſanguinha, e a cor fuſca,
Ao que o eſpera Alcides Luſitano,
Sahindo da priſaõ, ligeiro buſca,
E naõ abate o impeto tirano,
Vendo o ferro da lança, que o offuſca;
Cerra os olhos, ás iras dando emprego,
A' luz, e á furia duas vezes cego.

121.

Mas apenas ſentio a aguda lança,
Quando golpe mayor aſtuto evita;
Em pedaços a haſtea aos Ceos alcança,
E ao proprio Marte algum receyo excita:
Como de viver mais teve eſperança
O Touro, naõ ſe atreve a quem o incita,
Bermudo por cobarde ja o deſpreſa,
Suſpende a força, uzando da deſtreza.

122.

Tanto o perſegue em fim, tanto o provoca,
Que irritado cavando a terra dura,
Pede o bruto por huma, e outra boca,
Que ainda vivo lhe dem a ſepultura:
Mas taõ leve o rejaõ ſempre lhe toca,
Que tormento mais largo lhe aſſegura:
Mil ſortes executa a cada paſſo
Com deſtreza, primor, deſembaraſſo.

123.

123.

Deſſangrada cahio vitima indina
Do invencivel valor, bruto cobarde,
Outros o ſeguem, donde achou mais dina
Reſiſtencia o ſeu braço aquella tarde:
Até qne hum Touro de intenſaõ malina,
Que das tres Furias entre as chamas arde,
Vendo hum bruto que a neve em cor compete,
Ardente o ferós Touro o acommete.

124.

Vio Urania a malevola Megera
Incitar com açoute ſerpentino
Do Touro a furia, e ainda foy mais fera
Com o infernal eſpirito malino:
Fere o Cavallo, Urania conſidera
Perigo taõ mortal no amante fino,
Que eclipſadas as luzes dos ſeus rayos,
Deixou do prado as roſas em deſmayos.

Nota 415.

125.

Os Princepes acodem cuidadoſos
Ao ſuſto da Princeſa, mas tirando
Bermudo a eſpada, os golpes pavoroſos
Em hum ſó golpe foy multiplicando:
Foge a Furia aos impulſos valeroſos,
E o Touro, quando a aréa eſtá piſando,
Vé que lhe falta, e com a horrenda guia
Ainda vivo ao Trifauce deſafia.

Nota 416.

126.

Bermudo corre a ver de Urania bella
Deſmayada a fineza compaſſiva,
Do Amor ſe queixa, e deſejara vella
Antes ſer mais cruel, que menos viva:
Renace, e renacendo a minha Eſtrella
Ainda que reſuſcites ſempre eſquiva,
Naõ ſó farey por tanto beneficio
Da vida, mas de Amor o ſacrificio.

127.

Abre os olhos Urania, e reſtitue
A luz, que ao mundo rouba outro emiſferio,
Com ſayor vivifica quanto influe,
Nota 417. Tem o Oriente dois Soes no Luſo Imperio:
Das tres graças nas leys que conſtitue
Nota 418. Deſpreza do deſmayo o vituperio
Julgavaõ-ſe as tres Deoſas vitorioſas
Mas ja fogem rendidas, e invejoſas.

128.

Tornaõ ao roſtro as nacaradas flores,
Naõ ſó porque o ſeu mal ſe deſvanece,
Mas porque mais ſe avivaõ nos rubores
Do motivo, que a todos apparece.
Bermudo ao puro affecto nos ardores
Sacrificios prepara, louros tece;
Mas a Murta prefere, pois retrata
Nota 419. Venus propicia antes que Dafne ingrata.

129.

No dia ſucceſſivo ſe prepara
Toda a equeſtre deſtreza em hum torneyo,
E como Henrique o campo aſſegurara,
Os Mouros concorreraõ ſem receyo.
Deixame, Muſa, hum pouco, em quanto avata
Guarda a noute o primor, garbo, e aſſeyo,
Com que Henrique magnifico deſtina
Militar culto á imagem mais divina.

HENRIQUEIDA

CANTO VI.

Argumento.

Mantenedor occulto applaude Aldara,
A quem combate Lucidoro amante
Muitos campeoens amor tambem prepara,
Muley no deſafio entra arrogante:
Henrique vio o templo, que fundàra,
E nos futuros vio a Fé triunfante;
Feſtivo culto conduzio Maria:
Aldára em triſtes duvidas temia.

1.

Antes que em doces vozes Filomena
Explique os ſeus ſuaviſſimos peſares,
E na harmonia equivocando a pena
Alegre os campos, e entriſteça os ares;
Do famoſo torneyo, que ſe ordena,
Retumbaõ inſtrumentos militares,
Para que em terra, e Ceo ſe unaõ canoras
Vozes ſuaves, clauſulas ſonoras.

2.

Quando a primeira luz o Sol moſtrava,
Na Praça hum valeroſo Cavalleiro
Seu luzimento tanto acreditava,
Que por iſſo em luzir era o primeiro:
De ouro, e de azul as armas matizava
Dando do p[illegible]ito indicio verdadeiro
No ouro das ſetas, com que amor o rende,
E no azul do ciume, que o offende.

3.

Sobe no elmo huma cerulea pluma
Para avivar a cor do Ceo, que iguala,
Porque ao ciume hum ſimbolo reſuma,
Em hum Camaleaõ bem o aſſinala:
E por mais que do ar viver preſuma
Nem neſta propriedade o deſiguala
E ambos tambem recebem com temores
Impreſſoens falſas das primeiras cores.

4.

A azulada viſeira ao roſtro cobre,
Porque nella ſe occultem os affetos,
Que nas veas azues a alma deſcobre,
Quando pinta o receyo os vãos objetos:
Aſpide de Zafiras ſe deſcobre
Sobre o peito de ferro, e nos projetos
De inficionar o amor mais receoſo
Entre flores ſe eſconde venenoſo.

5.

Sobre argentado eſcudo o mar ſe eſmalta,
Que a hum Ceo nublado as cores equivoca,
Poem na diviſa a alma, que lhe falta,
Para explicar a pena, que o provoca:
Deidade de huma eſfera ainda mais alta
Adora amante, e temeroſo invoca,
Diz a letra, explicando anſias violentas,
Inconſtancias naõ pinto, mas tormentas.

6.

Brandindo a lança ao mundo deſafia
Hoje o mantenedor com garbo tanto,
Que por ver taõ galharda bizarria
Mais cedo tira a noute o negro manto:
De Sol a Sol no circulo de hum dia
Quer ſer de Africa horror, de Heſpanhá eſpanto,
E com edito publico declara,
Que ſó elle merece a bella Aldára.

7.

7.

Até Henrique o certo nome ignora
do illuſtre Cavalleiro do ciume;
Deſperta Aldàra ao deſpertar da Aurora,
E quem ſeja eſte amante naõ preſume;
Naõ póde ſer Mulcy, que fino a adora,
E que em ſeu coraçaõ o amor reſume;
Nem fora defenſor dos Luſitanos
Para ſer agreſſor dos Mahometanos.

8.

Naõ deſconhece os tragicos effeitos,
Que vê repreſentar ſua belleza
No teatro infeliz de tantos peitos,
Que ſe abraſaõ nas aras da fineza:
Mas quantos alvedrios ſatisfeitos
Da eſcravidaõ adoraõ a fereza,
Ainda quando preſumem dos inſultos
Temem a pena no ſilencio occultos.

9.

Taõ offendida eſtá de que appareça
O Cartel do galan deſvanecido,
Que publica o haver quem a mereça
No ſeu contexto breve, e preſumido;
Que naõ he muito tanto ſe enfureça
O ſeu rigor nas anſias opprimido,
Que acendendo do roſtro as bellas roſas
Até fizeſſe as iras mais fermoſas.

10.

A téa, que brilhante apparecia,
E do ouro do Tejo ſe enriquece,
Em largo eſpaço o Campo dividia,
E de ricos brocados ſe guarnece:
De mil Clarins de prata na harmonia
Eco tanto ſe alegra, e deſvanece,
Que reſpeitando os nobres inſtrumentos,
Naõ ſe atreve a partir doces acentos.

11.

Incognito hum ayroſo Cavalleiro
Occupa a Praça em hum manchado Etonte;
Verde penacho traz o aventureiro,
Porque a ſua eſperança ſe remonte:
Nas armas de eſmeralda hum verdadeiro
Retrato deu o prado ao oriſonte:
No eſcudo hum rayo a hum louro desbarata,
E a letra: o Ceo ſe vinga de huma ingrata.

12.

Ao verde campeaõ o azul oppoſto
Correraõ deſiguaes as duas lanças;
Cahe o primeiro, e moſtra ao ferro expoſto,
Que o ciume he quem mata as eſperanças:
O deſengano no ciume he goſto,
E he pena da eſperança nas mudanças:
Aſſim ao Louro, ó Africo, desfolhas,
Levando-lhe a eſperança as verdes folhas!

13.

Naõ foy mortal o golpe, e deſcobrindo
O roſtro ao Cavalleiro deſgraçado,
Todos conhecem o infeliz Galindo
Da bella Aldára amante deſpreſado:
Como mais que o robuſto eſtima o lindo,
Deu ao mantenedor pouco cuidado;
Aſſim viſte, ó Adoniz, ultrajarte
Nota 420. Do eburneo dente do animal de Marte!

14.

Mais atençaõ levou fero Altabruno,
(Todos eraõ da Corte Mahometana)
Ama Aldára, e condena-o de importuno
O rigor da belliſſima Africana:
Mas de vingarſe o tempo acha oportuno
No que a offende no nome, que profana;
Para que quando a ninfa em varia ſorte
O aborrece rendido, o eſtime forte.

15.

Fora definiçaõ anticipada
O nome, que a Altabruno ſe puſera,
Que na grande eſtatura, e cor toſtada
As duas propriedades merecera:
Mas a eſtatura taõ proporcionada,
Porém a cor taõ agradavel era,
Que nem como gigante a viſta aſſombra,
Nem deixa de ter luz na viva ſombra.

16.

Muito ſe aſſinalou na Perſia, e Lidia, Nota 421.
Naõ ſó de Marte em militar paleſtra,
Porém na eſcola equeſtre, em que Numidia
Aos feroſes Cavallos ſabia adeſtra:
Naõ tem de Africa a barbara perfidia,
Mas taõ agil valor, força taõ deſtra,
Que galhardo em torneyos, e terrivel,
Se nomea Altabruno o invencivel.

17.

Tinha em nome de Aldára ſuſtentado
Em Féz do Circo os jogos com tal gloria,
Que ſó de hum coraçaõ por deſgraçado
Nunca pode alcançar huma vitoria:
Mas agora, que a vé, de novo armado
Dos rayos, que illuſtrando-lhe a memoria,
Lhe davaõ clara luz na triſte auſencia,
Augmenta o ſeu valor doce violencia.

18.

Monta hum ruço queimado alto, e fogoſo,
Que o Campo Tingitano géra, e cria,
E no grande, no ardente, e no fumoſo
Vivo monte de cinſa parecia:
Armas da meſma cor veſte animoſo,
E tambem ſeu incendio deſcobria
Sobre o Ethna com neve eſte compendio:
Naõ ha neve, que encubra o meu incendio.

19.

Corre a primeira lança com tal furia,
Que cego deſencontra o ſeu contrario,
Cobardia naõ foy, nem foy incuria,
Mas effeito do affeto extraordinario:
Interpretando o erro como injuria
Deſte accaſo, ou preſagio triſte, e vario,
Retira a lança, que da mão naõ ſolta,
Buſca o mantenedor em outra volta.

20.

Neſſa regiaõ eterea fluctuante
Aſſim ſe encontra na celeſte guerra
A colera de Jove fulminante,
Que em duas nuvens rapida ſe encerra:
Nota 422. E á horriſona voz do graõ Tonante
Clama o Ceo, foge o mar, e treme a terra,
Porque o mundo padeça entre deſmayos
Os trovoens, os relampagos, e os rayos.

21.

Aſſim foy o rumor dos golpes rudos,
Aſſim o fogo, que feriraõ logo
As lanças, que quebradas nos eſcudos
Rayos foraõ de luz, rayos de fogo:
Naõ penetraraõ ferros taõ agudos
Nem a defenſa, nem o deſafogo,
Com que os dois campeoens novos Mavortes
Os vibraõ feros, e os recebem fortes.

22.

As primeiras tres haſteas foraõ rotas,
Sem que nenhum dos dois perdeſſe a ſella,
Deſpreſaõ ambos armas taõ remotas,
E á maça de armas cada qual apella.
As deſtrezas da arte mais ignotas
Exercitou a força, e a cautella;
Cego Altabruno dos ſeus fortes braços
Menos os golpes ſaõ, que os ameaços.

23.

Aproveita-ſe o illuſtre Luſitano,
Que naõ perde o acordo, nem na ira,
Da furia, com que fere o Mahometano,
E inteiro o elmo de Altabruno tira:
Sente o deſar; arroja-ſe inhumano,
Como ſe hum alto monte entaõ cahira,
De hum ſalto ao Luſitano ſobre os hombros,
Que ao Mouro lança em terra com aſſombros.

24.

Ainda que cobre ao campo a branda aréa,
Como era de ſi proprio o precipicio,
Tal golpe o Mouro deu, que ſe recea,
Que foſſe eſte da vida ultimo indicio:
Henrique, a que a piedade liſongea,
O fez curar benevolo, e propicio;
Mas elle, que a morrer ſe perſuade,
Tem por mayor caſtigo eſta piedade.

25.

Hum Caſtanho do Betis, pés calçados, Nota 423.
(Cuido pelo veloz, que de Talares)
Monta o mantenedor ja deſcanſados
Os alentos em tendas militares:
Elle, e ſeu eſcudeiro diſfarçados
Naõ deixaõ ver os roſtros com peſares
De quantos tal valor atentos viaõ,
E o mais forte campeaõ deſconheciaõ.

26.

Galhardo aventureiro agora vejo,
A quem armas cor de fogo diſtinguiraõ
Em dourado Ginete, a quem do Tejo
As douradas aréas produziraõ:
Objecto foy Aldára ao ſeu deſejo,
E deſde que naſceo, logo influiraõ
Nelle as luzes fataes deſta deidade
Iguaes ambos no ſangue, iguaes na idade.

27.

Deſcendia da eſtirpe de Alidoro,
Que em Fez tinha reinado em tempo antigo;
A Coroa perdeo, naõ o decoro
No ſeu injuſto fado, e inimigo:
Era infeliz o illuſtre Lucidoro,
Tendo de benemerito o caſtigo.
Oh cruel, varia, barbara, importuna,
Falſa, infiel, malevola fortuna!

28.

Gentil, ſabio, valente, e generoſo,
Fazem a Lucidoro taõ amavel,
Que ao Rey, ou prevenido, ou envejoſo,
Tanta virtude o fez deſagradavel:
Porém diſſimulando cauteloſo,
Temendo o ſeu direyto incontraſtavel,
A' Coroa Africana, que uſurpara,
Eſperanças lhe deu da bella Aldára.

29.

A tirana, adorada, unica filha
A Politica diz; mas como ignora
Que ella a Muley o altivo peito humilha,
E que elle fino, e miſterioſo adora;
Vendo que Lucidoro tanto brilha
Dos verdes annos na primeira aurora,
Teme que Aldára, quando o favorece,
Com mui pouca violencia lhe obedece.

30.

E ainda que he illuſaõ eſte ciume,
Detinha a Lucidoro, e fugitivo
Veyo a Lamego, pois ſervir preſume
A Ninfa amada em cativeiro eſquivo:
Vendo o cartel, que occulto amor reſume
De vaidade em caracter exceſſivo,
Corre a vingar a incognita ouzadia,
E em ira nobre aceſo aſſim dizia.

31.

Felice Cavalleiro, ſe he felice
Quem ſe quer oſtentar deſvanecido,
Acaba de acabar a hum infelice,
Que vem a combater hum preſumido:
Nada o mantenedor entaõ lhe diſſe,
Evitando na voz ſer conhecido,
Moſtra-lhe outro cartel, donde ſe lera,
Que por mais fino amante a merecera.

32.

Agora, ó Cavalleiro, mais me offendes,
Pois antes te cedera eſſa beleza,
Que ſem a merecer muy vaõ pretendes,
Por mais fortuna, que por mais fineza:
E em quanto hoje de mim te naõ defendes,
Vé, e lé neſſe eſcudo a minha empreſa:
De noute hum Giraſol traz Lucidoro,
E a letra, *ſem vèr ſigo a luz, que adoro.*

33.

Nas armas de Rubi o Sol ferindo,
Retratando-ſe o Ceo nas de Zafiras,
Vaõ os dois contendores ja brandindo
Nas duas lanças as cioſas iras:
Vè Lucidoro, que lhe vay fogindo
O Cavallo, e lhe diz: tu te retiras
Bruto infiel, que ſempre ao meu preceito
Foſte docil, domeſtico, e ſogeito? Nota 424.

34.

Queres irracional, que neſte acaſo
A gloria, a vida, o premio, o nome exponha?
E logo lo bruto, oh prodigioſo caſo!
Moſtra ter compaixaõ, ou ter vergonha:
O mais rapido vóo do Pegaſo,
Mas que entre o Ceo, e a Terra ſe interponha,
Quando deſſe Perſeo do Firmamento,
Naõ igualou taõ pronto movimento.

35.

Na meya volta as lanças ſe encontraraõ,
E ambas errando os fulgidos eſcudos
Na terra até o enriſtre ſe cravaraõ,
Nota 425. Quaſi temeo Plutaõ os golpes rudos!
Vigoroſos os dois deſenlaçaraõ
Os ferros, que ja ſaõ menos agudos,
Embotados nas pedras, que eſtaõ dentro
Da molle aréa no profundo centro.

36.

Das fendas, que abre a terra, ó maravilha!
Sahe chama, que as lanças logo atéa,
Ou he que fórma o ferro ardor, que brilha
De pederneiras na eſcondida véa,
Nota 426. Ou que Ceres buſcando a amada filha
Duas vezes inflama a ſacra téa,
Reſgatando-a do Abyſmo os ſeus carinhos
Pelos dois profundiſſimos caminhos.

37.

Queimaõ-ſe as haſteas no fatal incendio,
Rompem-ſe as maças ſobre as armas fortes,
As eſpadas com horrido diſpendio
Ameaçavaõ furias, iras, mortes;
Mas como ſó da guerra era compendio
O feſtivo torneyo, aos duros cortes
Deſtes rayos de Marte deſatados
Os fios naõ eſtavaõ aſiados.

38.

Ainda aſſim ſupre a força deſmedida
A ſabia prevençaõ nos contendores,
Todo o Circo atroou qualquer ferida,
Os golpes ſoaõ mais do que os clamores;
Do que os clamores, que huma voz unida
Rompe para aplaudir os contendores;
Mas cahio Lucidoro; ó mal terrivel!
E o deſarma o campeaõ ſempre invencivel.

39.

39.

Hum ay ! ſe ouvio de Aldára ; naõ que amaſſe
Ao amante infeliz , mas compaſſiva
Teme que a triſte vida lhe cuſtaſſe
Fineza taõ eſtranha , e exceſſiva :
Baſtou eſta piedade a que ceſſaſſe
De Lucidoro a dor , que tanto aviva ,
Eo Cavalleiro occulto com acordo
O reſtaura do eſtranho deſacordo.

40.

Hum fiel eſcudeiro , que o ſeguira ,
Lhe rega o roſtro com o fino pranto ,
Morto o julga , e no elmo , que lhe tira ,
Vè , que o partira hum golpe com eſpanto :
E grita : Oh ſabia , ó Maga Roſemira ,
Que armas falſas forjou teu cego encanto !
Eſtas com juramentos execraveis
Tu me afirmaſte ſer impenetraveis.

41.

O' flor dos Cavalleiros Mauritanos ,
O' dos Califas ſucceſſor illuſtre , Nota 427.
Principe deſtinado aos Africanos ,
De Europa admiraçaõ , de Africa luſtre !
Se huma batalha aos ferros Luſitanos
Vos mataſſe , naõ fora vil desluſtre ;
Mas quem vos trouxe , ó Lucidoro fino ,
A ſer de huns jogos ſacrificio indino !

42.

Aſſim clamava o miſero eſcudeiro ;
Mas vendo que ainda o Principe reſpira ,
Nos ſeus braços o leva do Terreiro ,
E para as Regias tendas o retira :
Dos golpes convalece o Cavalleiro ,
Mas o amor , o ciume , a dor , e a ira ,
O fazem a Lisboa retirarſe ,
E nas armas buſçar , com que vingarſe.

43.

43.

Oſman o groſſo tambem foy vencido ;
Orcane o forte volta maltratado,
Halî o negro fica mal ferido,
Oſmin o largo cahe deſtroçado :
Elche o deſtro confeſſa-ſe rendido,
Hazin o branco em ſangue eſtá banhado,
Zaide o ditoſo perde a antonomaſia,
Vence hum ſó Europeo Africa, e Aſia.

44.

Teme o Sol o valor do Heróe occulto,
E intenta ja fogir para o Oriente,
Mas ao longe apparece hum negro vulto,
Que corre á Praça atropelando a gente :
Antes que acabe o ſoberano indulto,
Que aos Africanos hoje aqui conſente,
Quer dar do ſeu valor inteira copia
O amante Cavalleiro de Etiopia.

45.

Mas como agora chega a eſte deſtrito,
E o cartel lé do amante mais ditoſo,
Que a publicar ſe atreve em hum edito,
Que mereceo a Aldára vangloriofo,
Julga que em ſeu amor fora delito
O naõ contradizello valeroſo,
Naõ hoje, porque o dia eſta acabado,
E naõ buſcava hum contendor canſado.

46.

Mas naõ vos pede, Soberano Henrique,
Que àmanháa concedaes a tanto brio,
Que outra vez o torneyo ſe publique,
Pois pede campo para o deſafio :
Permiti, que o ſeu nome naõ explique,
Nem de vos, Grande Principe, confio,
Quem he o nobre Etiope encuberto,
Sem eſtar ſeu contrario deſcuberto.

47.

Fingindo a voz o vencedor galhardo
Diſſe aceitava no ſeguinte dia
O deſafio achando o tempo tardo,
E que eſtas condiçoens ſó admitia:
Sem armas, que ſerviſſem de reſguardo,
Eſpadas, e punhaes ſó eſcolhia,
A pé, cuberto o roſtro, e naõ ſe achaſſe
No Campo quem com vida os ſeparaſſe.

48.

Muito ſentio o Principe excellente,
De que jogos a aſſuntos ſuperiores
Se viſſem transfórmados brevemente
Na ſcena dos antigos gladiatores:
Mas ainda que violento, às leys conſente, Nota 428.
Que propunhaõ os fortes contendores:
Sahe do Campo o Embaxador do Nilo,
A luz acha na ſombra o triſte azilo.

49.

Girava a Corte entre os diſcurſos varios,
Que cauſaõ os rariſſimos ſucceſſos,
Todos ſem conhecer os dois contrarios,
De hum no troneyo admiraõ os progreſſos:
Em Aldára naõ foraõ temerarios
Os juizos, que fórmaõ ſeus exceſſos;
O coraçaõ acerta ſenſitivo,
E mais preſago foy que diſcurſivo.

50.

Que culpa tem, ó Fado, a fermoſura,
(Diz Aldára ao ſeu proprio penſamento)
Que expoſta ás ſem razoens da ſorte dura
Em cada perfeiçaõ acha hum tormento?
Devo de ſer fermoſa, que a ventura
Aſſim me deixa entregue ao ſentimento,
E ſe o ſou de mim foges mal naſcida?
Quando foy a fealdade apetecida?

51.

51.

Que de Africa, e de Heſpanha o claro imperio
Perca no cativeiro dilatado!
Que por hum ſolio encontre hum vituperio!
Que mataſſe a Almançor Henrique ouſado!
Que a Lua eclipſe a luz neſte emisferio!
Que me deixe meu Pay no duro eſtado!
Tudo hey de tolerar na triſte queixa,
Mas que farey quando Muley me deixa?

52.

Mas ay! que há mayor mal do que deixarme,
E he ſe foſſe Muley, como ſoſpeito,
Quem corre disfarçado por vingarme
De quem vive de ſi taõ ſatisfeito:
Em trofeos repetidos quiz moſtrarme
A fortuna, que tema o duro effeito
Do deſafio, que hoje ſe prepara,
E ſe morrer Muley, naõ viva Aldára.

53.

Forjou Pelayo Amado eſtas cadeas,
E por mais que ignorados ſeus affetos,
Até agora encobrio loucas idéas,
Bem ſey, que ſaõ meus olhos os objetos:
Tambem ſey, ó Muley, que naõ receas,
Que rendaõ ao meu peito os ſeus projetos;
Nem que por ſer mais forte, ou mais ditoſo,
O teme o teu alento generoſo.

54.

Eu ſim o temo quando te ameaça,
(Se he o mantenedor, como imagino)
Pois tu tens contra ti minha deſgraça,
E elle tem ja por ſi o teu deſtino:
Porque vive quem tantos embaraça?
Porque a morte outra vez naõ determino
De huma infeliz, que ainda que innocente,
Se faz por deſgraçada delinquente?

55.

55.

A Ley cruel hoje a aſſiſtir me obriga
Ao tirano eſpéctaculo funeſto,
E que o que vence hum favor meu conſiga
Do ſeu valor por premio manifeſto:
Eſtá depoſitada a fatal liga
Para hum fim taõ improprio, e taõ moleſto:
Zefiro eſte trofeo naõ ſe atribue,
E outra vez hum accaſo a reſtitue.

56.

Aſſim voaõ os vagos penſamentos
Da infelice belliſſima Princeza,
Enternecendo aos meſmos elementos
Dor que perturba o Ceo de huma belleza:
Do Sol, que naſce, os puros luzimentos
Nunca a chama moſtraraõ taõ aceſa;
Pois do roſtro de Aldára as vivas cores
Com purpura inflamaraõ ſeus ardores.

57.

Vem Tereza buſcala, e conduzila,
O reſpeito aos ſeus olhos foy colirio,
As perolas enxuga, que deſtila,
Encubrindo em obſequio o ſeu delirio:
Na janela apparece taõ tranquila,
Que occultando a violencia do martirio,
Quando com mais crueldade a eſtimula,
Para augmentarlhe a força, o diſſimula.

58.

Ao meſmo tempo a monomaquia fera — Nota 429.
Para objecto fatal ſe prevenira,
E a tantos coraçoens move, e altera,
A huns a compaixaõ, a outros a ira:
Nunca de Grecia a idade mais ſevera,
Que eſpéctaculos tragicos admira,
Moveo a ſimpatia da paleſtra — Nota 430:
Na muſica cromatica da Orqueſtra. — Nota 431

59.

Nunca os Heróes mudados em actores
Nota 432. De Sofocles, e Euripides no plectro
Com affectos, e acentos superiores
Se viraõ animar do activo metro:
Nota 433. Nem de triste catastrofe os furores,
Quando despoja aos Reys de vida, e Scetro,
Applica as atençoens com simpatia,
Do que a tragica scena aqui movia.

60.

Entraraõ os dois emulos amantes
No Campo a passo igual por parte opposta,
Os vestidos decentes, naõ brilhantes
Até donde huma raya estava posta:
Quiz Henrique dos ferros penetrantes
Dos dois punhaes a furia ver deposta,
Alfanges curtos, e no peso certos,
Cuberto o rostro, os peitos descubertos.

61.

Egas Moniz á Praça se transfere
Da Regia autoridade revestido,
Do desafio as leys aos dois refere,
E em tom grave fallou neste sentido:
Henrique digno de que no orbe impere,
Parte ao vosso furor tem remetido;
Porque de alguma sorte se deshonra
Quem na barbara furia pós a honra.

62.

Por isso dos punhaes a morte breve,
Ainda que a escolhesseis, naõ permite,
Só da espada, e dos braços fiar deve
Qualquer de vòs a ira, que o incite:
Nota 434. Divide linha recta a area leve,
Que do vosso furor será limite:
Ambos na espada day os juramentos
De estar de impuro amor, e de odio izentos.

63.

63.

Juráy, que naõ trazeis ſuperſticioſos
Caractéres, e eſpiritos indinos,
E que ambos ſois por ſangue generoſos,
E de aſpirar á illuſtre Aldára dignos:
Mas para que huns alentos taõ brioſos
Já poſſaõ eſperar premios condinos,
Terá o vencedor a branca venda,
Do amado bem a ineſtimavel prenda.

64.

Naõ quer ſaber quem ſois, porque o vencido
Aos ſeus olhos naõ fique com deſares;
Porém o vitorioſo conhecido
Trofeos no Campo erija militares:
O Sol tambem por mim eſtá partido;
Naõ haja voz ouzada, que dos ares
Soe, intentando barbara incitarvos,
Ou pretenda ſacrilega animarvos.

65.

Naõ vio Roma no ſeculo triunfante
Contra o Rhinoceronte do Oriente
Enveſtir formidavel o Elefante,
Que no irado ſe eſquece do prudente:
Nem aquelle com furia fulminante
O corno afia contra a tromba ingente,
E eſperando o final com impaciencia,
Anticipar furor, moſtrar violencia.

66.

Como aos eccos das caixas, e trombetas
Correraõ os contrarios taõ velozes,
Que ao ſahir de dois arcos duas ſetas
Nem mais ligeiras ſaõ, nem mais atrozes:
Dentro dos coraçoens clamaõ inquietas
Preſas do duro edíto muitas vozes;
E ſe todas gritaſſem animadas,
O rumor ſó ſe ouvira das eſpadas.

67.

O Etiope buſcava o peito forte
Do Luzitano pela oppoſta parte,
E ſem o ſeu reparo pronta morte,
Ainda ſendo immortal, tivera Marte:
Mas eſte ſe aviſinha de tal ſorte,
Que a furia conſervando as leys da arte,
Moſtra em dois contendores taõ preclaros,
Que ſaõ iguaes os golpes, e os reparos.

68.

Paſſou o Luſo a aſſinalada raya,
Egas o adverte, occupa logo o poſto
Do angulo recto, cada qual ſe enſaya
A medir a diſtancia ao ferro oppoſto:
E porque naõ pareça, que deſmaya
O valor á deſtreza agora expoſto,
Se empenhaõ vigoroſos ſó na offenſa
Mais do que ſe apuraraõ na deffenſa.

69.

Ambos no lado eſquerdo eſtaõ feridos,
As maſcaras de ſangue eſtaõ banhadas,
Correndo das cabeças repetidos
Rios de ſangue em duas cotiladas:
Os golpes taõ iguaes ſe vem medidos
Entre os dois, que ſaltando-lhe as eſpadas
Ao meſmo tempo, ſó entaõ ſe vira,
Que a maõ direita cadaqual ferira.

70.

Apertaraõ-ſe em laços taõ eſtreitos,
Que amizade parece o que he ſó ira,
Tanto ſe uniraõ os valentes peitos,
Que com o alento de hum o outro reſpira:
Se do vigor perderaõ os effeitos,
A ſuprilos o eſpirito conſpira,
Nenhum ſe deſmayou eſtando exangue,
Porque a alma immortal naõ perde o ſangue.

71.

Ambos Anteos na terra a hum tempo cahem,
E della com mais força ſe levantaõ,
Ambos Alcides, porque naõ deſmayem,
No ar com mais vigor ao mundo eſpantaõ:
Mas em rios purpureos tantos ſahem
Eſpiritos, que eſpiritos quebrantaõ,
Que em hum ponto os contrarios esforçados
Cahiraõ, naõ rendidos, mas poſtrados.

72.

Egas corre piedoſo, exclama Henrique,
Urania chora, mas Tereza adverte,
Que os roſtros lhes deſcubraõ, e ſe applique
Pedra, que eſtanque o ſangue, que ſe verte:
Mas que Muſa haverá, que a pena explique
Da triſte Aldára, a quem a dor perverte
Vendo como o temia o ſeu deſmayo,
Que hum he o ſeu Muley, outro he Pelayo.

73.

Antes que as luzes dos ſeus olhos bellos
Em dois fataes deſmayos ſe eclipſaſſem,
Os rayos dos ſeus nitidos cabelos
Arrancou, porque ao mundo fulminaſſem;
Delinquentes ſeus braços quiz prendellos
Urania, porque nunca a maltrataſſem,
Por piedade caſtigo applicar deve
A culpas de criſtal prizoens de neve.

74.

Todo era gelo o roſtro, todo gelo
Era o ſangue, que em purpura o tingia,
Taõ congelado eſtava o corpo bello,
Que huma eſtatua de neve parecia;
Cloto em deſmayo eterno quiz detello
No circulo, em que o rapido corria,
Mas da Parca o Amor vence os furores,
E triunfaõ dos gelos os ardores.

75.

75.

No deſmayo Cupido repreſenta
Ao coraçaõ, que o ſeu idioma entende,
Que Pelayo, e Muley a hum tempo alenta
Nota 436. Com erva vulneraria, que os defende:
Aſſim foy, porque a vida aos dois izenta
De tanto mortal golpe, que os ofende;
Alquife em Medicina taõ profundo,
Que os ſegredos de Apollo explica ao mundo.

76.

Tambem deu vida a Aldára neſta cura,
E Henrique generoſo remunera
A Aldára o ſabio, que tal bem procura,
Com huma copa de ouro, e huma eſfera:
Nota 437. Eſta, abreviado o Ceo, a luz lhe apura
Nos aſtros rutilantes, que numera;
Nota 438. Grava a copa Chiron docto Centauro,
Nota 439. E o Numen Serpentino de Epidauro.

77.

Moniz taõ igual julga o deſafio,
Que o premio aos dois amantes juſto nega,
Valor, deſtreza, gala, amor, e brio,
Sem differença a admiraçaõ emprega:
Entrou o ardente Deos no imperio frio,
E na Corte o eſpanto naõ ſocega,
Por ver ſó deſcuberto em hum deſmayo
O miſterioſo affecto de Pelayo.

78.

Condenaõ os politicos aſtutos
Que o coraçaõ Pelayo aſſim rendeſſe,
E tendo taõ illuſtres atributos,
A huma infiel, a huma inimiga o deſſe;
Quem de Amor os decretos abſolutos
Por certa experiencia reconheſſe,
Naõ ſe admire; que unidas na deſgraça
O vença diſcriçaõ, belleza, e graça.

79.

79.

Ja prodiga eſpalhava a branca Aurora
Perolas, com que enfeita as lindas flores,
Quando Giraldo chega, que atégora
Aſſiſtia de Carquere aos primores:
Diz a Henrique: a puriſſima Senhora
Deſte mundo inferior, e dos ſuperiores,
Que há pouco amanheceo neſte emisferio,
Deidade he tutelar do Luzo Imperio.

80.

Primeiro das Gentilicas deidades,
Depois ſervindo aos Mahometanos ritos,
Edificio exiſtia, a que as idades
Reſpeitaraõ por tempos infinitos:
Os muros conſervey, e as impiedades
Purifiquey dos barbaros delitos,
E ſem perder a antiga arquitetura,
Supre ao jaſpe a madeira, e a pintura.

81.

Maria tem por Vòs decente hum templo
Milagre da incanſavel diligencia,
Se naõ o mais magnifico o contemplo,
Tem proporçaõ, riqueza, ordem, decencia:
O Ceo vos diz, que com taõ ſanto exemplo
Regios Heroes da voſſa deſcendencia
Faraõ mais ſumptuoſos edificios
Conſagrados de Deos aos ſacrificios.

82.

Affonſo à alta deidade agradecido,
Que em Carquere a ſaude lhe promete,
Aos filhos do Mellifluo eſclarecido
As dadivas magnificas repete:
Vaſto edificio cerca o templo erguido,
Do Mundo as maravilhas foraõ ſete:
Maria em Alcobaça Soberana
Deixa envejoſo o templo de Diana.

Nota 441.

83.

83.

Outro naõ deſigual devoto erige
Nota 442. Junto ao Mondego ao lenho Sacroſanto,
E aos filhos da Aguia de Africa dirige
A vida regular, e o Culto Santo:
Nota 443. Da gloria de Guſmaõ bem ſe collige,
Pois na Regia Tereza brilha tanto,
Que à Batalha dará marmoreos muros
Rayos de eſtrella ſaõ, claros, e eſcuros.

84.

Nota 444. Deſempenho ſerà do ardente voto
Da outava geraçaõ, que ſe eterniza:
Com nome igual hum Rey de Heſpanha roto
De outro de Liſia o nome immortaliza:
Nota 445. Hum deſcendente ſeu grande, e devoto,
Undecimo Varaõ, que ſe diviſa,
Outro Belem formando no Occidente
Leva de hum Deos o oriente ao meſmo Oriente.

85.

Nota 446. Filhos do docto interprete divino,
Que em Belém explicou Sagrado Texto,
E expòs com raro eſtudo, e peregrino
Da lingua Santa incognito contexto;
Serviraõ a eſte templo auguſto, e dino,
Cauſa da devoçaõ, e naõ pretexto,
Fazendo Deos ao Rey, e aos ſeus erarios
Nota 447. Mais de tres Reys do Oriente tributarios.

86.

Nota 448. O evo decimo outavo conte o mundo,
E em teu decimo outavo deſcendente
De animo heroico, de ſaber profundo,
Sacro edificio faz mais eminente:
Nota 449. Da Cidade, a que o Ithaco facundo
A gloria deu, e o nome eternamente,
Pouco Mafra ſe aparta, para donde
Nota 450. Calixto ſe levanta, o Sol ſe eſconde

87.

Montes ſe abatem, valles ſe ſublimaõ,
Formaõ-ſe vias Apias militares, Nota 451.
Com premios os artifices ſe animaõ
A abreviar as obras ſingulares:
Precioſas pedras, ainda que as oprimaõ
Priſoens da terra, ſobem a os altares;
E ainda que ſe reſiſtem importunas,
Voaõ aos obeliſcos, e colunas.

88.

Robuſta, e delicada arquitectura
Da geometria as proporçoens obſerva,
Dos marmoreos matizes à Pintura
Aqui a natureza naõ reſerva:
Nos ſeus vivos primores a Eſcultura
Heróes tantos ao tempo aſſim preſerva,
Que as cores, que empregava o deſtro Apelles,
Servem nas producçoens de Praxiteles. Nota 452.

89.

Os pincéis dos ſinceis nada envejoſos
Eternizaõ tambem ſacras hiſtorias,
Sem ouro os ornamentos ſumptuoſos
No artificio enriquecem novas glorias:
Piramides nos bronzes luminoſos
Da devoçaõ troſeos, da Fé vitorias:
Ardem com ſeus incendios nunca exhauſtos
Da piedade abrazados holocauſtos.

90.

Do Serafim de Aſſiz o humilde rito Nota 453.
Numeroſo eſquadraõ, e penitente,
Guarda com regra tal neſte deſtrito,
Que a diſciplina obſerva ſantamente:
De Maria o dedica ao infinito Nota 454.
Patrocinio, e ao Santo, que excellente
Terá vencendo o tempo, a ſorte, o caſo,
Em Lisboa Oriente, em Padua Occaſo.

91.

Com lingoas de metal mil prodigioſos
Voaõ viventes bronzes animados,
Que em alta conſonancia harmonioſos
Chegaõ aos Ceos com ſeus canoros brados:
Gigantes ſaõ peſados, que animoſos
Sobre montes de marmore elevados
Nas torres vigilantes ſentinelas
Nota 455. Sem impiedade aſſaltaõ as Eſtrellas.

92.

Nota 456. Será do Sacro voto deſempenho
Hum Principe galhardo, e admiravel,
Donde as virtudes, o ſaber, o engenho
Seraõ do Reyno gloria perduravel:
Belliſſima Princeza fino empenho
Da prizaõ de Himeneo no laço amavel,
De Heſpanha, e Portugal na alta aliança
Satisfazem reciproca eſperança.

93.

Em Carquere ſe apure o vaticinio;
Ceſſem agora os jogos, que profanos,
Se ſatisfazem pios o deſinio,
Saõ por ſanguinolentos inhumanos:
Algum dia ſerá voſſo dominio
Izento de eſpectaculos tiranos;
Ley contra os deſafios juſta alcança,
E o brio naõ dependa da vingança.

94.

Vinde famoſo Heróe, vinde Senhores,
Ceda à Imagem Divina o ſimulacro,
Multipliquem-ſe em luzes os ardores,
Com que hoje há de brilhar hum rito Sacro:
As lagrimas dos vicios aos horrores
Expiem com puriſſimo lavacro,
Por que ſó as que nacem da alegria
Nas clauzulas ſe enxuguem da harmonia.

95.

95.

Do generoſo Henrique o peito activo
Ordena, que ao triunfo de Maria
Appareça no dia ſucceſſivo
Quanto ao ſeu culto há muitos prevenia:
A Muley viſitou, e compaſſivo
Poſtos, riquezas, glorias prometia,
Se apartado do erro Mahometano
Concorreſſe ao triunfo Soberano.

96.

Elle esforçando a voz debilitada
Pelos rios de ſangue, que perdera,
Lhe diz: naõ ſey, Senhor, com que animada
Violencia em mim voſſo preceito impera:
A vida, a liberdade ſogeitara
Com ſacrificio fino, e Fè ſincera,
A ſeguir quanto explica eſſe projeto
A minha obrigaçaõ, e o meu affeto.

97.

Mas a honra me prende na homenagem
Do grande Rey de Fez, que firvo ha tanto,
E he mais indiſſoluvel vaſſalagem
A que profeſſo ao meu Profeta Santo:
Mas ſe he taõ poderoſa neſſa imagem
A pura Máy de hum filho ſacroſanto, Nota 457.
Se he certa a voſſa ley, para que a admire,
Com inſtancia, lhe peço, que ma inſpire.

98.

Henrique alegre o toma nos ſeus braços,
Elle lhe diz, que logo ha de auzentarſe,
Que das feridas os violentos laços
Permitaõ ſem perigo o retirarſe:
Que Aldara poſſa ver ſem embaraços,
Lhe pede com inſtancia ao apartarſe:
Henrique naõ lhe nega eſta licença,
Que aceita por mais alta recompenſa.

99.

Buſca logo o Heróe ao ſeu Pelayo,
E ao vello com temor, e com reſpeito,
Transformou o obſequio em hum deſmayo,
E o ſuſtentou o Principe em ſeu peito:
Logo reſpira em taõ piedoſo enſayo,
E Henrique receando o triſte effeito;
Só lhe diz que huma vida taõ illuſtre
Perderſe em vãos combates he deſluſtre.

100.

Diz Pelayo animando o deſalento,
Voſſas vozes, Senhor, ſe contradizem,
Pois por naõ augmentar meu ſentimento,
Me dizem mais em quanto me naõ dizem:
Bem ſey vos encubri o amante intento,
Sem merecer que a pena me ſuavizem,
Naõ me dando eſta vez mayor caſtigo;
Se amo a filha de hum Rey voſſo inimigo.

101.

Como ſer ſeu eſpoſo me impedia.
Seu rigor, minha Fé, voſſo intereſſe,
Para explicar as anſias, que ſentia
Julguey que a permiſſaõ naõ ſe me deſſe:
Augmentavaſe a publica alegria,
Com que o mantenedor naõ ſe ſoubeſſe;
Bem podeis perdoar hum nobre effeito
Do decoro, do amor, e do reſpeito.

102.

Trocar ſe em deſafio eſte torneyo
Naõ foy minha eleiçaõ, pois ſó me obriga
A que o admita naõ moſtrar receyo
A' gente Mahometana, e inimiga.
Mas he dos meus ſentidos triſte enleyo
Ver que a pia Deidade me caſtiga,
Pois celebrando o Numen Soberáno
Confundo o amor ſacro no profano.

103.

O Varaõ generoſo o admoeſta
Com lagrimas diſcretas, e benignas;
A que modere a pena, que o moleſta,
E a vida exponha em occaſioens mais dignas:
Pelayo lhe aſſegura: e manifeſta,
Que hum nobre amor naõ faz acçoens indignas,
E farà quanto Henrique de cretára;
Excepto, ſe mandar naõ ame Aldara,

104.

Já do triunfo ſacro os ecos ſoaõ,
As tochas ſe repartem rutilantes,
Os clarins ſuavizaõ quanto atroaõ,
Enriquecem-ſe os carros triunfantes:
Os eſtendartes pelos ares voaõ:
Adornaõ-ſe as figuras mais brilhantes:
Virtudes ſaõ, e o mundo aqui ſe mude,
Porque vio eſta vez rica a virtude.

105.

Em quanto alegremente ſe previnem,
Seis vezes nace o Sol, ſeis vezes morre,
Em todos varias feſtas ſe deſtinem,
Que engenhoza alegria entaõ diſcorre:
Para que os mais velozes ſe examinem,
Premio terâ quem mais ligeiro corre:
Jà ſe vê levantada por diviſa
Em dois eſtadios candida baliſa.

106.

Silvio Paſtor da Beira foy primeiro
Em correr com Montano o Tranſmontano,
Eſte mais forte, o outro mais ligeiro,
Hum parte confiado, o outro ufano:
Silvio ſe adiantou ao mais groſſeiro;
Melhor o alento conſervou Montano,
E qual ſahe do arco a veloz ſeta,
Montano alcança o premio, e chega â meta.

107.

107.

Foy o preço hum Neblî de prata fina,
Que aos vivos igualando na grandeza,
Montano, a quem o premio ſe deſtina,
Eſtima os naõ iguale em ligeireza:
Deuſe a Silvio huma Garça, que ſe imclina
Ao Neblî, que voou com mais preſteza,
Ainda que era inferior, naõ foy deſprezo
Ter o menos veloz o menor peſo.

108.

Coraçaõ ſó formado de hum diamante
Foy alvo, e premio à mais ditoſa ſeca,
Que acertaſſe voando em hum inſtante
A breve, dura, e precioſa meta:
Era Adonis do Tejo Liſidante
Hum caçador, que a ave mais inquieta,
Por mais que gire, e voe em vago arrojo,
He do ſeu tiro tragico deſpojo.

109.

Ama Amarilis Ninfa, que no Douro
(Que a ſua formoſura bem retrata)
Tem nos cabellos as areas de ouro,
Moſtra no roſtro a precioſa prata:
Tirſo paſtor da Beira eſte teſouro
Pretende, mas a Ninfa ambos maltrata,
Porque he ſeu coraçaõ incontraſtavel
Mais que o diamante duro, e invulneravel.

110.

O Amor invocaõ, e as douradas ſetas
Os dois de longe deſtramente tiraõ,
Voaõ exhalaçoens, correm cometas,
Fulminaõ rayos, e planetas giraõ;
Giraõ, porém malevolos Planetas
Taes rigores influem, taes inſpiraõ
Deſdens na bella Ninfa, que adoraraõ,
Que o duro coraçaõ naõ acertaraõ.

111.

Mayor mal, que o deſar hoje padecem,
Porque no infeliciſſimo naufragio
Outro favorecido reconhecem
Do ciume em malevolo contagio;
Hum galhardo Francez, que deſconhecem, Nota 485.
Diſpara a ſeta, e com feliz preſagio
Acerta o coraçaõ, e o rende fino,
E de hum, e de outro premio ſe faz dino.

112.

Hercules de Rohan era, e valente
Hercules no valor, e força eſtranha,
Que Amarilis amava occultamente,
E encuberto ſaira de Bretanha;
De Bretanha, em que reyna illuſtremente,
E por ſervir a Henrique na campanha,
E exporſe voluntario aventureiro,
Encobre o Soberano no guerreiro.

113.

Neſtes, e em outros jogos bellicoſos
Os heroes mais inſignes ſe entretinhaõ,
Em quanto os apparatos mais famoſos
Apeſar dos dezejos ſe detinhaõ:
Já Pelayo, e Muley ambicioſos
De nova gloria novo alento tinhaõ:
Buſca Muley a Aldara ao deſpedirſe,
E aſſim lhe diz donde naõ poſſa ouvirſe.

114.

Já que naõ permitio, bella homicida,
O fado, que ao meu bem nunca he propicio,
Que perdendo por ti a triſte vida,
Fizeſſe mais completo o ſacrificio;
De todo morrerey neſta partida
Tendo nas ſaudades exercicio
O pranto em finas lagrimas desfeito,
Que o ſangue, que ainda tem, verta o meu peito.

115.

115.

Eu parto, mas de ti só me apartara
Voltar taõ prontamente a libertarte,
Que se a Venus excede a bella Aldara,
Quando a adora Muley, naõ cede a Marte:
ElRey teu Pay o exercito prepara,
E seguem ao seu bellico estandarte
Quantos soldados tem de Africa a terra,
E deu Lisia vencida em dura guerra.

116.

Nota 459. O Estreito Herculeo, o Gaditano pégo
Atravessou armada numerosa,
De huma batalha buscará o emprego,
Logo a Coimbra renderá famosa:
Coimbra, que he a chave do Mondego,
Com que se fecha a Beira bellicosa,
E se ousado o socorro intenta Henrique,
Força será, que derrotado fique.

117.

Por ti avisa, que Axa tem tramado
Huma conspiraçaõ muy bem ordida,
E nella Affonso, que ha de ser roubado,
Será penhor, que te assegure a vida:
Axa com seu esforço denodado
Tambem hade livrarte, e defendida
Por mim, que heide voltar para servirte,
A té o Mondego pode conduzirte.

118.

Mustafá, que em astucia he novo Ulisses,
Te darâ a instrucçaõ, a noute, a hora:
Faça amor meus projetos mais felices,
Do que os outros se viraõ ateagora:
Algum dia naõ sejaõ infelices
Os votos de hum amante, que te adora;
E acenda mais Cupido as duras fragoas
Com o animado ardor das minhas magoas.

119.

Naõ ſofre o teu reſpeito, e meu decoro,
Que finta de Pelayo os vãos exceſſos,
Pois do ciume o vil affecto ignoro,
E no meu coraçaõ naõ fez progreſſos:
Sabes o bella Aldara, que te adoro,
E em meus infeliciſſimos ſucceſſos
Como firme hey de achar tua conſtancia,
Naõ temo da fortuna outra inconſtancia.

120.

Seguro eſtás, Aldara lhe reſponde,
De quem tuas finezas reconhece,
Segura a ElRey meu pay, que correſponde
As ſuas leys quem fina lhe obedece:
Mais quiſera dizer, que o peito eſconde
Affecto, que ſe tanto o naõ prendeſſe
O decoro, o concurſo, que chegara,
Pode ſer que aprendelo naõ baſtara.

121.

A Muſtafá carta del Rey entrega,
E he certo que ignorava o que continha,
Que a boa ley, e a obediencia cega
Fez que ignoraſſe o mal, que nella vinha:
Náo, que com vento proſpero navega,
Ave que voa, Cerva que caminha,
Naõ igualaõ Muley, que ſe deſpede,
Que ao penſamento iguala, ao vento excede.

122.

Duas cartas o Mouro achou incluſas,
Huma Hali Rey de Fez lhe remetia,
Na ſua as inſtrucçoens vinhaõ diffuſas
Do roubo, que do Infante pretendia:
Ade Aldara expreſſoens faz taõ confuſas,
Que ſó dos ſeus miſterios ſe entendia
O que baſtava para o ſentimento,
Com que lhe deu ſeu Pay mayor tormento.

123.

Em quanto Axa outra carta lé contente,
Porque ElRey lhe promete libertala,
E liſongea a ſua chama ardente
Na ocaziaõ, que lhe dá para incitala;
Aldara ſe retira occultamente
A ler; mas hum preſagio lhe aſſinala
Hum tremor, que a ſuſpende, e a eſtimula,
E muda ſó ſeus males articula.

124.

Filha, lhe eſcreue, quando a tua auzencia
Naõ pode conſeguir tirarme a vida,
A mayor guerra, e a mayor violencia
Sey que nunca hey de ter por homicida:
Naõ cuides que a conſtancia, ou que a prudencia
Curaraõ com o tempo eſta ferida:
Quem a mitiga he ſó huma eſperança
De pronta, certa, e aſpera vingança.

125.

Subjuguey aos rebeldes Tingitanos,
Conquiſtey de Numidia o vaſto Imperio,
Dilatey os limites Africanos
Muito dentro do torrido emiſferio:
De poucos colligados Luſitanos
Recebí duplicado vituperio;
A Almançor ſepultou rapido o Douro,
E em ti perdi meu vnico teſouro.

126.

Aſtuto Muſtafá, Muley valente
Com Axa incomparavel Heroína
Vnem o forte, o heroico, e o prudente
Para cauſar a Portugal ruína:
Hum roubará Affonſo deſtramente,
O outro a libertarte ſe deſtina,
E Axa com ſeus parciaes hade ampararte,
E te conduzirá para livrarte.

127.

Muley de Muſtafá trará noticias
Do ſitio para o campo aſſinalado,
Das horas para a empreſa mais propicias,
Do lugar para a Corte decretado:
E porque naõ deſpertem as malicias,
Vendo huma copia os tres deſte tratado,
A todos inſtrucçaõ vay diferente,
E a diſſimulaçaõ ſempre he prudente.

128.

Na noite, em que chegar ao novo Templo
O triunfo, que ha tanto ſe previne,
Por propria aos meus intentos eu contemplo,
Que a huma empreza taõ ardua ſe deſtine:
Da ſua Religiaõ o falſo exemplo
Com eſte máo ſucceſſo ſe arruine,
Vendo quando Maria eſtá triunfante,
Que eu levo por cativo o ſeu Infante.

129.

Pella parte de Arouca diſſilaraõ
Valeroſos ſoldados eſcolhidos,
Em trage de paiſanos diſſarçaraõ
Os varonís impulſos prevenidos:
Nos carros entre frutos ocultaraõ
Os arneſes mais fortes, que luzidos;
E no campo acharam para montallos
Dos meſmos inimigos os cavallos.

130.

Faltame ſó fazerte huma advertencia,
Em que huma alta politica ſe encobre,
E he ſaber que Muley com mais violencia
Os ſeus nobres affectos te deſcobre:
E te ordeno, que moſtres na apparencia,
Que ao ſeu igual ardor teu peito cobre;
Mas tudo ſem perigo do decoro,
Porque eſpoſa has de ſer de Lucidoro.

131.

Minha idade avãçada naõ permite,
Que o deixe, e ſeus parciaes com tal direito,
Sem que ſaiba de certo, que o admite,
Como o mais digno imperio, hoje o teu peito:
Huma guerra civil naõ tem limite,
Que naõ produza perigoſo effeito;
Em fim por cauſa occulta, e muy forçoſa,
Nota 460. Tu de Muley naõ podes ſer eſpoſa.

132.

O eſpirito ſutil, que inflama o rayo,
A que a fragil materia naõ reſiſte,
Porque penetre em fulminante enſayo
Duro metal, que no ſeu centro exiſte,
Naõ produz dano igual, igual deſmayo,
Que o coraçaõ ſentio de Aldara triſte,
Quando ſem que offendeſſe os olhos logo
Abraza ao firme peito o leve fogo.

133.

Aſſim ſe queixa: ò timida eſperança,
Que com fingidas glorias liſongeas,
Para enganar huma infeliz lembrança
A ambicioſa illuſaõ de outras idéas:
Se nos meus males há de haver mudança,
Porque em eterna duvida os enleas?
E ſe a naõ ha de haver, porque em meu dano
Prendeſte com o engano o deſengano?

134.

Nos apparentes longes da alegria
Gaſtaſte o cabedal do ſofrimento,
E augmentas o dilirio da ouſadia,
Preferindo á verdade o fingimento?
Só com a ſem rezaõ de huma porfia
Jnfamaſte a razaõ de hum ſentimento;
E a hum golpe atroz meu coraçaõ ferido
He mais cruel por menos prevenido.

135.

Ingrato Pay, que hoje o meu mal pretendes,
Naõ baſta que em deſcuido taõ groſſeiro,
Quando da eſcarvidaõ me naõ defendes;
Me deixes em taõ longo cativeiro?
Se me queres livrar, porque me ofendes?
Tiras-me do alvedrio o ſer primeiro?
E da tormenta em huma breve calma
Livraſme o corpo por prenderme a alma?

136.

Tu naõ me deſte o ſer, pois ſe mo deras,
Hum beneficio tal naõ deſtruiras,
Ou o amor, que geraſte conheceras,
Ou o ſeu fino ardor naõ me arguiras:
Se a ti de Africa os aſpides, e as feras,
Te inſpiraraõ venenos, deraõ iras,
Naõ tenho eu productor de tanta injuria,
Quem vio o Amor ſer filho de huma furia?

137.

Se eſſa razaõ, ou ſem razaõ de eſtado
Dèr eſſe vaſto Imperio a Lucidoro,
Outro Imperio mayor tenho ganhado
No coraçaõ, que eternamente adoro:
Outro enigma occultaſte ao meu cuidado,
Tiras-me a vida, arriſcas-me odecoro,
Pois conclues dizendome terrivel,
Que ſer eu de Muley he impoſſivel.

138.

Naõ he elle de eſtirpe taõ glorioſa,
Que primeiro que a tua vence Heſpanha?
Naõ conta a ſua eſpada valeroſa
Em cada golpe ſeu huma façanha?
Alma heroica, ſublime, generoſa,
E de amor a fineza mais eſtranha,
Sciencia, diſcriçaõ, garbo, deſtreza,
Pontualidade, agrado, e gentileza?

139.

139.

Pois ſe iſto naõ deſculpa a ſimpatia,
Que tu meſmo em meu Peito fomentaſte,
E quando a Lucidoro o preferia,
Que em tudo me igualava me afirmaſte;
Que noticia, que cauſa, ou que porfia
Faz que revogues quanto decretaſte?
Quem te diſſe com falſo vaticinio,
Que ás almas ſe eſtendia o teu dominio?

140.

Muley naõ ſaberá taõ novo intento,
Porque quero evitarte hum inimigo,
Que tem para o ingrato, e o violento
No ſeu valor prontiſſimo caſtigo:
Nem ſaberá meu roſtro o meu tormento;
Eu buſco a Muſtafà, e a Axa ſigo:
Ainda con vida quero, que me vejas,
Para verme morrer, como deſejas.

141.

Seguindo as inſtrucóes os conjurados,
(Que de Aldara os diſcurſos interrompem)
Buſcaõ entre os cativos os ſoldados,
Que por ver o triunfo as prizoens rompem:
Pelo indulto de Henrique libertados
A os beneficios com treiçoens corrompem;
E a noite ſucceſſiva ao ſanto rito
Querem infieis que ſirva ao ſeu delito.

HENRIQUEIDA

CANTO VII.

Argumento.

Deu Henrique aos cativos liberdade,
Axa a huma rebeliaõ falsa os convoca,
Magnifico triunfo da Deidade,
Pallas novas treiçoens dura provoca:
Nocturno assalto em barbara impiedade
A' luz do escudo mágico, á que invoca,
Axa, o Infante expondo a graõ perigo,
No Numen tutelar acha o castigo.

1.

A o excelso triunfo de Maria
Concorreraõ do Ceo as luzes bellas,
Na mesma noite se anticipa o dia,
Suprem ao sol, a lua, e as estrellas:
A Imagem misterioſa entaõ se via,
Servindolhe as celestes sentinellas,
Nas estrellas, na lua, e sol luzido,
De coroa, de trono, e de vestido. ota 461.

2.

Simbolo seu se anticipou a Aurora
Das sombras defendida, e preservada,
E do sol da justiça precursora
Dos rayos lhe moderа a força irada:
Della o astro nasceo, que o Mundo adora
Sem que rompesse a nuvem illustrada
E apuraõ as celestes filomenas
Canoros voos, harmoniosas penas.

3.

Tudo em ſonhos admira o pio Henrique,
E deſpertando, o campo deſpertava;
Faz que a todo o cativo ſe publique
Liberdade, que tanto dezejava:
Que eſte indulto geral ſe notifique,
Ordena, e que ſó delle reſervava,
Pelo obrigar politica cautela,
Com os Reys de Lamego Aldára bella.

4.

Naõ quero, diz, ó triſtes Mahomeranos,
Ver nos voſſos ſemblantes as ideas;
Que a alegria dos animos vfanos
Malencolicas turbem, manchem feas:
Nota 462. Se imitaſſe os triunfos dos Romanos,
Bem pudera levarvos nas cadeas,
Atando ao carro a barbara vaidade
No triunfo mayor de huma Deidade.

5.

Mas como ella concede os ſeus auſpicios
Para o mundo ſahir do cativeiro,
Participay de tantos beneficios,
E deixay de huma vez rito groſſeiro:
Achareis ſeus influxos taõ propicios,
Se hoje ſeguis o culto verdadeiro:
Que tereis, eſquecidos os inſultos,
Eternos bens, benevolos indultos.

6.

Alguns ouvindo a Henrique ſe convertem
Rendidos aos affectos generoſos,
Outros, que com favores ſe pervertem,
A treiçaõ diſſimulaõ cauteloſos:
Em ElRey de Lamego entaõ ſe advertem
Sinais enternecidos, e piedoſos,
De que ja com as luzes da verdade
Mais que a priſaõ ſentira a liberdade.

7.

7.

Axà a conſpiraçaõ lhe communica,
Mas ElRey lhe reſponde a naõ approva;
Ella com razoens fortes lhe replica,
Elle com cauſas juſtas as reprova:
A Rainha os motivos juſtifica
Vendo que Henrique na amniſtîa nova
Só aos dois rigoroſo excceptuara,
E a infelice, e ſoberana Aldara.

Nota 463

8.

Que aos tres mais offendeo neſta reſerva;
E aſſim romper deviaõ a omenagem,
Que em ſonhos vira a Pallas, e Minerva
De Maria roubar a nova imagem:
Que a imprudencia de Henrique hoje os perſerva
De ſofrer taõ indigna vaſſalagem;
Pois em ſeus intereſſes naõ diſcorre,
Quando com ſuas armas os ſocorre.

Nota 464

9.

Naõ tens, reſponde o Rey, que perſuadirme;
Porque ſempre imprudentes teus projectos
Conſeguiraõ perderme, e deſtruirme,
Dominando tirana os meus affectos:
Que ſonhos, que viſoens queres fingirme
Da cega idolatria em vãos objectos?
Multiplicando infiel o ſer Divino,
Quando negas hum Deos, que he Uno, e Trino?

10.

Renovas dos Romanos, e dos Gregos
Superſtiçoens no mundo ha tanto extintas,
Quando aos que eraõ mais ſabios, menos cegos
Foraõ allegorias indiſtintas?
Fabulas, que aos Poetas ſaõ empregos,
Como verdades ſolidas me pintas,
E nem buſcas deſculpa em taes horrores
De ſer a religiaõ dos teus mayores?

11.

Naõ eſtranharàs muito, dando o exemplo,
Que eu tambem deixe o Mahometano rito:
Que abominavel eu tambem contemplo
Nota 467. No barbaro Alcoraõ com ferro eſcrito:
Segueme, amada eſpoſa, buſca o templo
Dos Chriſtãos, reconhece o teu delito;
E ſe te deixo, e tua idolatria,
He ſó por ſer eſcravo de Maria.

12.

Eu, a Rainha diz, em ti reſpeito
Hum eſpoſo, ainda ſendo taõ indino,
Porém já obra em ti magico effeito
De algum encanto perfido, e malino:
Eſte punhal do teu cobarde peito
Vertera o ſangue por caſtigo dino;
Mas fique impune taõ horrendo inſulto,
Porque de que te amey gozas o indulto.

13.

Se a Religiaõ, que ſigo, e tu declaras,
Neſſa tua ignorancia conheceras,
Nem a dos Mahometanos adoraras,
Nem a vaã dos Chriſtãos cego atenderas:
Eu vou ſacrificar nas ſacras aras
De Pallas, e te deixo entre quimeras;
Mas ſe naõ queres quererme por matarme,
Ao menos o ſegredo has de guardarme.

14.

Parte mais que em amor aceſa em ira;
Cede no Rey o eſcandalo à piedade,
E do grande concurſo ſe retira,
Sentindo mais o engano, que a ſaudade:
Naõ lhe fia a Rainha, que conſpira
Por tirar ao Infante a liberdade,
Que pode ſer, que o dano preveniſſe,
Sem que a eſpoſa, e ſegredo deſtruiſſe.

15.

15.

Entre tanto o exercito devoto
Em ordem differente eſtá formado
Da antiga; com que ſempre deixou roto
Do Iſmaelita feroz o ardor ouzado:
Para deſempenhar o pio voto,
Em que o Reyno de Henrique eſtá fundado;
Tochas tomaõ em dia taõ feſtivo,
E he cada peito hum holocauſto vivo.

16.

Quantas naçoens às feſtas concorreraõ,
Se uniraõ aos ſoldados generoſos,
E das azas de Dedalo lhe deraõ Nota 468.
Com que inflamar ardores luminoſos:
Neſtes candidos voos, em que arderaõ,
Naõ temem precipicios perigoſos,
Que humildes ſem impulſo temerario
Naõ daõ tragico nome ao mar Icario.

17.

Ainda que ſe tiveſſem deſcuberto
Os perſpicazes tubos criſtalinos,
Com que depois o Florentino experto Nota 469.
Penetrou os eſpaços diamantinos,
E no ceruleo liquido deſerto
Tantos pode indagar aſtros divinos,
Que vencendo a diſtancia incomparavel,
Numero numerou innumeravel. Nota 470.

18.

Naõ excedera as luzes inquietas,
Que errantes ſobre a terra entaõ giravaõ,
Para Henrique beneficos Planetas,
A que as ſuas virtudes illuſtravaõ;
Para os Mouros malevolos Cometas,
Que ruina fatal ameaçavaõ,
Para a Deidade eſpiritos brilhantes,
Que adoravaõ ſeus rayos rutilantes.

19.

Move-ſe o Firmamento luminoſo
Nota 471. Tambem tardo, e com ordem, e ſocego,
Nota 472. Por trinta e cinco eſtadios vagaroſo,
(Tantos diſta de Carquere Lamego)
Deſcrever o triunfo ſumptuoſo
Será da Muſa taõ celeſte emprego,
Que temo que ás eſferas ſe remonte,
Porque eſqueça a tragedia de Faetonte.

20.

De caixas, e clarins dez vezes cento,
De inſtrumentos alegres, e ſonoros,
De Citaras de acorde, e doce acento,
De Archilaùdes brandos, e canoros,
Das Tiorbas o rapido inſtrumento,
Das flautas Paſtorís amantes coros,
Com a Viola a Harpa na armonia
Nota 473. Vencem dos Ceos a acorde melodia.

21.

Quanto o ar em neumatico artificio
Nota 474. Da ſuave priſaõ ſahe animado,
E quanto pelo encordio beneficio
He das tremulas cordas agitado,
Quanto em fim no pulſatil exercicio
Soa batido, e fica moderado,
Temperando a diſcordia aos meſmos ventos,
Impera o ar nos outros elementos.

22.

Nove carros, que ás nuvens imitavaõ,
Com emplumadas raras melodias
Por celebrar a Deoſa, que adoravaõ
Conduzem as celeſtes Gerarquias:
Os Serafins, e os Querubins guiavaõ
Tronos, Dominaçoes com harmonias,
Virtudes, Poteſtades, Principados
Aos Arcanjos, e aos Anjos imitados.

23.

Logo apparecem mifticas figuras,
Que dos antigos trages fe reveftem;
Que em eftatuas, medalhas, e pinturas
Se relevaõ, fe gravaõ, e fe veftem:
Cubertas de ouro, e prata as veftiduras;
Que oclaro Henrique ordena fe lhe apreftem,
As repreſentaõ Damas taõ fermoſas,
Que as ſuas joyas ſaõ menos precioſas.

24.

A Religiaõ do Imperio fundamento,
A Fé qanto mais cega mais bem viſta,
Que teraõ neſte Reyno illuſtre aumento,
Lhe aſſeguraõ do Barbaro a conquiſta:
A Devoçaõ encobre o luzimento
Porque modeſta no triunfo aſſiſta;
Reſplandece magnifica a Piedade,
Mas atada aos ſeus pés traz a Vaidade.

25.

A Prudencia modera a Fortaleza,
Com a Juſtiça ſe vne a Temperança,
Em cor de fogo a Caridade aceſa
Florece pelo verde da Eſperança:
Rende à Deidade cultos a Grandeza,
Duas colunas tem a Segurança;
E da Magnificencia o nobre indulto
Com a Modeſtia vnio decencia, e culto.

26.

Veyo a Feſtividade ſumptuoſa,
E alegra aõ Mundo com feliz ſemblante;
A Pureza ſe admira mais fermoſa
Com preço, cor, firmeſa de Diamante:
Paſſa a Felicidade, mas ditoſa
A Eternidade a fez parar conſtante,
Que a vaã Felicidade ſó ſe firma,
Quando na Eternidade ſe confirma.

27.

Só da Deidade vejo os atributos,
Que adornaõ o triunfo ſoberano,
Porque ſervem por altos eſtatutos
A' firmeſa do Imperio Luſitano:
Nota 476 Na Caſa de ouro pintaõ-ſe os tributos,
Que haõ de pagar Gentio, e Mauritano,
Na Eburnea Torre a ſuperior defenſa,
Que ao Reyno ha de livrar da eſtranha offenſa.

28.

Na Arca de Aliança a paz ſegura
Da reciproca vniaõ dos dois Imperios,
Do Ceo na Porta a religiaõ que pura
Abre o Ceo aos remotos emiſferios:
Na Matutina Eſtrella o culto apura,
Que deixa a Conceiçaõ ſem vituperios:
Nota 477 Com que hum Reſtaurador do ſeu conrrario
Se izenta, ſendo á Virgem tributario.

29.

Naõ ſe quebrando o Eſpelho da Juſtiça,
Naõ dece da cadeira a Sapiencia,
Nem da Alegria a Cauſa eſtá remiſſa,
Nem a Miſtica Roſa perde a eſſencia:
A Torre de David contra a in juſtiça
Nas conquiſtas ſe erija ſem violencia,
Para que ſe conſolem os Aflitos,
Bem dos males, Refugio dos dilitos.

30.

Movel docel em ouro, e em Diamantes
Bordou Vrania, e enriqueceo Tereza;
Nelle exprimem lavores elegantes
A vida da mais inclita Princeſa;
Candidas Aſucenas, e brilhantes
Da ſua origem mostraõ a pureza:
A flor de Jericó pinta fermoſa,
Que tambem ſem eſpinhos nace a Roſa.

31.

Da Imagem trono fez os ſantos braços
Giraldo ricamente reveſtido,
Prendendo ao peito o peſo em fortes laços
Mais o leva adornado, que opprimido:
Do caminho as diſtancias, e embaraços
Vence Henrique zeloſo, e eſcolhido,
Dá por ſorte quem leve as varas de ouro
Do portatil docel deſte teſouro.

32.

Cahio, naõ foy a caſo, a feliz ſorte
Em Bermudo, e nos ſete, que nas canas
Acreditando o agil com o forte,
Se illuſtraõ com deſtrezas taõ vfanas:
Moniz glorias de Febo, e de Mavorte,
Nobres occupaçoens, porem profanas
O izentaõ de ter parte neſte voto,
Mortificando o ſeu ardor devoto.

33.

Nos braços leva o Principe innocente
Deſtinado ao amante ſacrificio,
E antes do que a razaõ ſeu vzo aumente,
Com Fé implora Afonſo o beneficio:
O impedimento mais que nunca ſente,
Por naõ dar na diſtancia outro exercicio,
Com o exemplo dos mais o ſeu deſvelo,
Mais do que a idade lhe madruga o zelo.

34.

Eraõ doze as ſublimes haſteas de ouro
Do Zodiaco movel claros ſignos,
Faltaõ rres que a ter parte no teſouro
A miſterioſa ſorte fez mais dignos:
Dom Pedro Fermarîz terror do Mouro,
E o Conde Dom Oſorio nunca indignos
Foraõ de ſer eleitos, hum dos Mellos, Nota 478.
Outro he Progenitor dos Va.concellos. Nota 479.

35.

35.

Quiz Henrique, que a ſorte ſe tiraſſe
Entre os Aventureiros, e eſcolhido
Hercules deRohan foy neſta claſſe,
E ſó entaõ de Henrique conhecido:
Henrique ſe queixou de que faltaſſe
Por ignorado a obſequio taõ devidoi
Mas que as ſuas aeçoens aſſinaladas
Naõ foy poſſivel ſerem ignoradas.

36.

Em hum carro dourado acompanhavaõ
Axa e Aldara a Vrania, e a Tereza,
Porque na eſcravidaõ aſſim honravaõ
A huma Raynha, a huma infeliz Princeſa:
No roſtro os coraçoens ſe diviſavaõ,
Em Axa varonil era a trifleza,
E Aldara que ſó ſente outra ferida,
Mais deſmayada eſtá, mais abatida.

37.

Dos cativos hum numero exceſſivo
Cantavaõ a ditoſa liberdade,
E coroavaõ triunfo taõ feſtivo
Luzidos eſquadroes com igualdade:
Ja Febo para o dia ſucceſſivo
Aos Antipodas leva a claridade,
Quando ao Templo de Carquere famoſo
Chegou todo o concurſo numeroſo.

38.

A Imagem ſobre hum trono ſe coloca
Precioſo na materia, e no artificio,
Ao original, que repreſenta, invoca
Giraldo em fervoroſo ſacrificio:
Ao bello Infante a parte enferma toca
Pedindo a Deos o novo beneficio;
Ficar em oraçaõ de noite eſcolhe,
E todo o campo às tendas ſe recolhe.

39.

Donde hum desfiladeiro mais se estreita,
E em planicie mais larga se termina,
Que a hum monte inacessivel se sogeita,
De quem desce huma fonte cristalina,
Moniz que ao seu Infante ama, e respeita
Para seguro comodo destina;
Ali se armou o pavelhaõ brilhante,
Que guarda forte, e ronda vigilante.

40.

Soldados escolhidos pós na entrada,
Na montanha dobradas sentinelas
Inutil fora a força a maõ armada
Se desprezasse barbara as cautelas:
O dia auzente, a noite ennevoada,
Occulta a Lua, escuras as estrellas,
E hum silencio, que a guerra tem prescrito,
Tudo era favoravel ao delito.

41.

Para ficar ao templo mais vizinho,
E prevenir as festas sumptuosas,
Da Cidade o Heroe deixa o caminho
Campando com as tropas bellicosas:
Tereza inseparavel no carinho
O segue com as Damas mais fermosas,
E o campo em tantas luzes se reparte,
Que parece, que Venus busca a Marte.

42.

A distancia do exercito Agareno
Os cativos ja livres desarmados,
Aspero, e impraticavel o terreno,
Todos da marcha alegres, mas cansados:
O tempo ainda que escuro, era sereno,
Serra Morfeo os olhos aos soldados;
Se huma vez o descuido achou desculpa,
A tivera, mas naõ, que sempre he culpa.

43.

Moniz a Henrique adverte, que a piedade
Que benigno exercita nos cativos,
Dandolhe generoſo a liberdade
Dà aos rebeldes perfidos motivos:
Porem oVaraõ forte o diſſuade
Dizendolhe, que em dias taõ feſtivos,
Mas que o culpem de pouco acautelado,
Nota 480. Quer ſer por generoſo acreditado,

44.

Que armas reſguardàra a vigilancia
Dos ſoldados, e cabos mais expertos,
Com que ſeria inutil a arrogancia
Dos ſeus impulſos barbaros, e incertos;
E pode ſer perdeſſem a jactancia,
Ou deixaſſem os odios encubertos,
Vendo que a confiança bem nacida
Lhes dava liberdade, goſto, e vida.

45.

Toma hum cavallo a intrepida Amazona
Das armas que occultou, fortificada,
E ainda que do valor menos blaſona,
O meſmo fez Aldara delicada:
Quando ſe vniraõ Venus, e Bellona?
Quando a belleſa quer vencer armada?
Anima o tenro, irrita o bellicoſo,
O preceito do Pay, a ley do eſpoſo.

46.

Quando, ó prodigio incrivel! viraõ logo,
Que ſobre hum negro, e formidavel bruto,
De Axa ao conjuro, ao voto, ao culto, ao rogo,
Vem de Pallas o Numen reſoluto:
Como ſahe das armas vivo fogo,
No eſcudo reconhecem o atributo,
Com que mancha do eſpelho a luz confuſa
Nota 481. A ſerpentina teſta de Meduſa.

47.

47.

Aldara quer fogir, mas a Raynha
Quaſi por força faz, que ſe detenha;
Lembralhe, que a Muley no empenho tinha,
E aſſim eſpere que a buſcala venha;
Que já retroceder lhe naõ convinha,
E tanto diz, que Aldara ſó ſe empenha;
Do ſeu grave temor entaõ ſé eſquece,
Para que arriſque a vida, que aborrece.

48.

Naõ temas, diz, o pavoroſo vulto,
Eu te guio, eu te levo adonde eſtejas
Sobre o trono de Fez livre de inſulto,
E eſpoſa de Muley como dezejas:
Só deti eſpero religioſo culto,
E aqui te naõ obrigo porque vejas,
Que ſem mais ceremonia alcança tanto
Neſte implicito pacto o ſabio encanto.

49.

Eu voey pelo campo, e ao meſmo inſtante
Que vio nos ares a Gorgonea fronte,
O que antes era exercito triunfante
Ficou de pedras inſenſivel monte:
Mortifero veneno fulminante
Deu eſte baſiliſco ao oriſonte;
E eſtaõ petrificados, e opprimidos,
Em perfeitas eſtatuas convertidos. Nota 482.

50.

Izentey Muſtafá da horrenda viſta,
Que com os mais cativos que fomenta,
Forma dez batalhoens, que pronto aliſta,
Com armas dos Chriſtáos o ardor o alenta:
Giraldo vela ſó para que aſſiſta
A' Imagem, que huma Virgem repreſenta;
Moniz tambem vigia, que ao eſpanto
Sò dois mortaes reſiſtem deſte encanto.

51.

Effeito foy da emulaçaõ de Marte,
Que tem a protecçaõ dos Luſitanos,
E diz que ha de levar ſeu eſtendarte
Mais longe que o dos Gregos, e Romanos:
Enveja meu valor, eſforço, e arte,
E até agora ſe oppoz aos Mahometanos,
E porque Deoſa ſou, me julga indigna
Da guerra, de homens ſó paleſtra digna.

52.

Eſſa blaſfemia diz? Axa reſponde,
Pois eu lhe moſtrarey em deſafio,
Se a tua protecçaõ me correſponde,
Que naõ ſó Venus lhe domina o brio:
Aſſim chegaõ as tres vnidas, donde,
Seguindo a luz do eſcuro no ſombrio,
Enconrraõ Muſtafá mais reſoluto
Do que pelo valente, pelo aſtuto.

53.

Nota 483. A que he Fatima Pallas ſe perſuade,
A quem do Ceo mandara o ſeu Profeta;
Aſſim, ſeguindo a irracional vontade,
Cada hum ſeus dezejos interpreta;
Prevenido aconcelha, que ameta-ſe
Dos batalhoens o exercito acometa,
E que os guie Abdalá deſtro, e activo,
Que ſeguindo Almançor ficou cativo.

54.

Que as trombetas roubadas por mil partes
A rebate tocando falſamente,
Inuteis deixem militares artes,
Porque no eſcuro cégaſe o ſciente:
Que elle arvorando os Mouros eſtendartes,
Que tiratá do templo facilmente,
O incendio ha de atear no lugar ſacro,
E roubar o teſouro, e ſimulacro.

55.

55.

Só quer dois batalhoens para os progreſſos,
Que no centro do exercito medita,
E que aos vltimos tres deixa os ſuceſſos,
Que tanta diverſaõ lhes facilita:
De arte, e valor as glorias, e os exceſſos
Nas grandes heroinas depoſita:
Prender Henrique fero, e arrogante,
Matar Egas Moniz, roubar o Infante.

56.

Approvou Pallas quanto o Mouro intenta,
Porque ella meſma o tinha ſugerido,
E já a tenda do Heróe ſe repreſenta
Muy de perto no eſcudo mais luzido:
Como a guarda he dobrada, o corpo augmenta
De hum batalhaõ com numero eſcolhido
De officiaes aſtutos, e valentes,
Que inſtruio com palavras eloquentes.

57.

O eſcudo, que he de hum phosforo compoſto, Nota 484.
Eſtava com tal arte fabricado,
Que o Portugués, que á viſta o teve expoſto,
Ou cegou, ou ficou petrificado:
Seguem no os Mouros pelo lado oppoſto,
E ficando o objecto illuminado,
Produz os dois effeitos de maneira,
Que de huns he luz, e de outros he cegueira.

58.

Axa, a quem ſempre ſegue a bella Aldara,
Marcha ao quartel de Affonſo prontamente,
E Pallas, quando della ſe ſepara,
Lhe moſtra ali Bellona de repente:
Valor invicto, fermoſura rara
Tinha a Deoſa, e o eſcudo refulgente
Ao de Pallas copiava nos enſayos,
Pois dando luzes, fulminava rayos.

59.

59.

Todos levavaõ ordem, que logrando
Qualquer dos tres o meditado effeito,
Ou Henrique, ou Affonſo cativando,
Ou a Imagem levando ſem reſpeito,
Do campo ſe ſahiſſe retirando
Da preſa, que fizera ſatisfeito,
E a Muley a entregaſſe valeroſo,
Que da ſerra eſperava no fragoſo.

60.

E do deſtacamento, que mandava,
Huma partida pronta remeteſſe,
Que na forte Leyria aſſegurava
Qualquer dos tres deſpojos; que trouxeſſe;
Porque ſe Aldara naõ ſe libertava,
Ou entre a confuſaõ a Axa perdeſſe;
Penhor havia para o troco dino
No tenro, no Real, e no divino.

61.

Tambem ſendo de Vrania, ou de Tereza
A eſcravidaõ, aſſim ſe aſſegurava
O principal motivo deſta empreſa,
Que era ter liberdade a vnica Aldara.
Ah Muley, que malogras a fineſa,
E o caſtigo fatal ſe te prepara;
Porque o Rey jà deſcobre os embaraços
De que já mais te vejas nos ſeus braços.

62.

Primeiro que Selim dé o rebate,
E antes que Muſtafá com furia inſana
Nota 485. Eroſtrato infeliz queime, e maltrate
O templo, a quem cedera o de Diana;
Fiando do ſilencio o ſeu combate
Axa ſegunda Pallas Africana
Buſca de Affonſo o pavelhaõ guerreiro,
E he ſeu farol o magico luzeiro.

63.

Foſſe o deſcuido, ou foſſe já o encanto,
Ninguem no campo, como deve, vela,
Eſcurecco a noite o negro manto,
Nem ſe diviſa a mais pequena eſtrela;
Paſſaõ do ſono a ver a Radamanto Nota 486.
Degolada huma e outra ſentinela,
Nenhuma, ſe viveſſe, ſe queixara,
Que a Heroina as deixou, como as achara. Nota 487.

64.

Todo o diſfiladeiro tem paſſado
Axa com toda a gente, que governa,
E quaſi o ſeu projecto tem logrado,
Pois ſó lhe falta a parte mais interna:
Porem no vltimo extremo eſtava armado
Egas Moniz, que alcança gloria eterna,
Naõ ſó por forte exemplo da conſtancia,
Mas por alto exemplar da vigilancia.

65.

Relampago o cegou o ardente eſcudo,
Mas qual Touro, que o dano nunca obſerva, Nota 488.
Cerra os olhos no golpe fero, e rudo,
E aſſim faz ſua furia mais proterva:
Com a ponta da eſpada rompe tudo,
E o phosforo do Averno naõ preſerva
O eſcudo, e a fantaſtica Bellona,
Que deſempara a rigida Amazona,

66.

A cauſa de vencer falſa deidade
Foy a Imagem da Deoſa verdadeira,
Que no peito trazia, e com piedade
Moniz invoca a tanta acçaõ guerreira:
Tambem por ella a magica crueldade
Naõ a offendeo na vniverſal cegueira,
Sendo em tudo Maria vencedora
Contra a noite do Averno bella Aurorã.

67.

67.

Naõ importa, diz Axa, naõ importa
Que Bellona me déixe na contenda,
Antes ao meu valor a Deoſa exhorta
A que ſem hum milagre tudo offenda;
Deixa, deixa, o Moniz a eſtreita porta,
E naõ defendas ſó de Affonſo a tenda,
Vé que tens contra ti muitos contrarios,
E naõ ſaõ os valentes temerarios.

68.

A vida, e liberdade te concedo;
Ou ſe queres ſeguir o amado Infante,
Vem para o cativeiro, que o ſegredo
Da noite occulta intento ſemelhante.
Moniz reſponde: vé, ſe de hum rochedo
Podes mover a maquina arrogante;
E pode ſer ainda, ſe o moveres,
Que daqui me naõ movaõ teus poderes.

69.

Como foſte rebelde, és já cobarde,
Nem do antigo valor tens os veſtigios,
E buſcas, porque o medo ſe reſguarde,
As ventagens, aſtucias, e preſtigios.
Com o deſprezo em novas iras arde
Axa, e ſaõ taõ incriveis os prodigios
Do ſeu braço, e taõ fortes golpes tira,
Que o que antes deſprezava, mais admira.

70.

Como naõ cabem mais no ſitio eſtreito,
Corpo a corpo combatem, e as eſpadas
Soando em cada eſcudo, em cada peito
A compaſſo parecem alternadas:
Qual da harmonia o primeiro effeito
Deſcobriraõ cadencias ajuſtadas
Os que obſervaraõ rithmo ſoberano
Entre os golpes da forja de Vulcano.

Nota 489.

71.

Aſſim aqui tambem de fogo fragoa
Se diſtingue entre os rayos melodia;
Quiz o Ceo desfazendo nuvens de agoa
Apagar tanto ardor, mas naõ podia:
Aldara com temor, laſtima, e magoa,
Convocar ſeus ſoldados pretendia;
Mas por mais que em chamalos ſe deſvela,
Naõ permite a eſtreiteza ſocorrela.

72.

De Axa ao eſcudo huma eſtocada offende
Com taõ rigido impulſo, que quebrando
O ferro, que o braçal ao hombro prende,
Foy ao eſquerdo braço maltratando:
Axa deſpreza o aço, que a defende,
No contrario eſte acaſo vay vingando,
Dalhe no elmo hum golpe taõ terrivel,
Que o vencére a naõ ſer elle invencivel.

73.

Bellicoſa, e belliſſima Bellona, Nota 490.
Clélia melhor, melhor Pantaſilea,
Com juſta cauſa o teu valor blaſona
Sem encantos da Magica Medea:
Naõ te empenhes armigera Amaſona,
Que naõ has de lograr a tua idea:
Vé, que por defender o Infante Regio,
Me he preciſo fazerte hum ſacrilegio.

74.

Eu te perdoo, diz, mas naõ diſcorra
Teu valor corteſaõ, quando peleja,
Se naõ queres dar tempo te ſocorra
A guarda, quando te ouça, e naõ te veja:
E ainda que da heroína o ſangue corra,
E que no braço muy ferida eſteja,
Continûa o combate de tal ſorte,
Que dos ſeus golpes foge a meſma morte. Nota 491.

75

Tambem Moniz no roſtro eſtà ferido,
Que huma ponta ſutil rompe a viſeira,
Osmin, que Axa acompanha, tem ſubido
A inacceſſivel aſpera ladeira:
Para o paſſo cortar ſem ſer ſentido,
Leva dos Mouros multidaõ guerreira;
Na tenda quer entrar do auguſto Infante,
A quem defende auxilio o mais triunfante.

76.

O que eſperava preſo ao duro laço,
Que qualquer movimento dificulta,
Vé com pequena eſpada em tenro braço
Com ſuperior alento, e força occulta:
De riſo lhe ſervira eſte embaraço,
Mas o prodigio com mais corpo avulta;
Guarda ao Infante Infante mais divino,
E a Deidade, que ampara o ſeu deſtino.

77.

De huma donzèla vio o roſtro bello
Ali temido, porem ſempre amado;
He hum rayo de luz cada cabello,
Com ſeus olhos o ſol fica eclipſado:
Oſmin vendo o prodigio, julga ao velo,
Que huma falſa illuſaõ o tem formado;
Hum menino nos braços da Deidade
O cega com divina claridade.

78.

Com o braço direito o ferro anima
De Affonſo que promete neſte enſayo
Ser com eſta Deidade que o ſublima,
No ſeu oriente aos Mahometanos rayo:
Que muito que ao milagre ſe reprima
Oſmin, e os que o ſeguiraõ com deſmayo!
Se os que ficaraõ vivos affirmaraõ,
Que a Imagem de Carquere admiraraõ.

79.

Axa, que vé o impenetravel muro,
Que em Moniz combatia inutilmente,
E que o ſangue perdido ao ferro duro
Se ſentia animar menos vehemente;
E que Aldara lhe diz, que mal ſeguro
O corpo que mandava, ja ſe ſente,
E que Oſmin por Forjaz deſbaratado
Se retira ferido, e derrotado.

80.

Diz a Moniz: venceſte, Varaõ forte,
E me venceſte a mim com nova gloria:
Parece que te deu ou fado, ou ſorte,
De todos meus combates a vitoria:
Contigo a Pallas ſuperou Mavorte,
E ſerá com aſſombro da memoria,
Egas Moniz quem vence o impoſſivel
De que Axa naõ blaſone de invencivel.

81.

Pronta voltou ſem eſperar reſpoſta;
E curando a ferida as máos de Aldara,
Se vaõ encorporar na parte oppoſta
Com a gente que Pallas reſervara:
De Henrique eſtava a tenda mais expoſta,
Que deſperta do encanto, e ſe prepara,
Ainda que deſarmado, a opporſe a tudo
Com forte eſpada, e com ligeito eſcudo,

82.

A Cruz cerulea ſobre a prata fina,
Que eterniza os triunfos, que tivera
Na Sacra expediçaõ de Paleſtina
Aſtro brilhava na argentada eſfera:
Pallas, que a luz lhe moſtra repentina
Do eſpelho claro, e de Meduſa fera,
Como da Cruz armado Henrique a buſca,
A verdadeira luz a falſa offuſca.

83.

Chocaõ os dois eſcudos, e o de Pallas
Com tal rumor, que excede a hum terremoto,
Oh inſigne Varaõ, em fumo exhalas,
E o encanto do Abiſmo ficou roto:
Com Altamor, e os ſeus mais te aſinalas,
Milagres do valor, glorias do voto,
Com que hoje aſſeguraſte ao teu dominio
Da Deidade mayor o patrocinio.

84.

Pallas ſe transformou em cavaleiro,
E retirando a Axa do combate,
Voa em ſegundo Pegaſo ligeiro,
Porque a vida a outros fins mais lhe dilate:
Mayor Perſeo Henrique que o primeiro
Vença Meduſas, monſtros deſbarate,
Nota 492. E ſe hum Athlante converteo em monte,
Nota 493. Outro do meſmo Athlante opprime a fronte.

85.

Como ceſſaõ do phosforo os encantos,
Deſpertaõ do letargo os Portuguezes,
Henrique ſó defende a tenda a quantos
A quiſeraõ entrar por muytas vezes;
Mas deſprezando os magicos eſpantos
O grande Lima, o inclito Menezes,
Tereza aſtro mayor de Luſitania
Eſte defende, aquelle a bella Vrania.

86.

Porque as duas Princeſas acordando
Das armas ao rumor ſobreſaltadas,
Mas da decencia naõ ſe deſcuidando,
Fogiaõ do ſeu medo ſó guiadas,
Aos furibundos Mouros encontrando,
Ja aos primeiros dois eſtaõ proſtradas:
Orcane o bravo cativou Tereſa,
Rende o fero Gailan a outra Princeza.

87.

Altamor, que he de Pallas ſubalterno,
Roſtro feroz, altiſſima eſtatura,
A cor, que ſó agrada ao negro Averno,
Eſtranha força, horrenda catadura
Se oppunha a Henrique, a quem do meſmo inferno
Vencer naõ pode a Piromancia eſcura, Nota 494.
A luta corpo a corpo lhe offerece,
As armas deixa, a terra ſe eſtremece.

88.

Entendo, que aſſim ſó tempo daria
Para roubar das tendas as Princeſas
A Orcane, e a Gailan, que bem ſabia,
Que podia fiarlhe altas empreſas:
Sobre o Heroe taõ rapido cahia,
Que naõ baſtavaõ forças, nem deſtrezas
Para o livrar dos dentes do Meloſſo, Nota 495.
Nem do peſo do ruſtico coloſſo. Nota 496.

89.

Mas pegou com tal força nas colunas
Henrique, que eſta maquina ſuſtentaõ,
Que contra as reſiſtencias importunas
Precipitaõ a fabrica, que aumentaõ:
Novo Sanſaõ com glorias opportunas; Nota 497.
Pois ſe áquelle as ruinas deſalentaõ,
Eſte ja livre de oppreſſões indinas
Eternizou a vida nas ruinas.

90.

Como na terra Anteo acha o Gigante Nota 498.
Outro vigor, e ſe levanta forte,
Mas de Henrique no braço fulminante
Tem de hum ſó golpe a merecida morte;
Pois antes que de todo ſe levante,
Entre os olhos o offende de tal ſorte,
Que a maõ, que deſarmada o ameaça,
De Hercules pareceo a ingente maça.

91.

Ja o Meneſes tinha libertado
Do invencivel Varaõ a bella eſpoſa,
Ja Bermudo com animo eſforçado
Livra Vrania da ſorte perigoſa:
A Orcane, e a Gailan tinha cuſtado
A vida execuçaõ taõ horroroſa:
Correm outros ſoldados, que ſe armaraõ
Com eſpadas, que os Mouros lhes roubaraõ.

92.

Em quanto iſto paſſava, tinha ſido
Abdalá mais felice na entrepreſa,
Porque no ſonno havia deſtruido
Toda a primeira guarda Portugueza:
E ainda depois do encanto eſtar vencido,
A gente, que acodio ou morta, ou preſa,
Ficára ſem o esforço ja notorio
De Cunha, Silva, Tavora, e Oſorio.

93.

Soavaõ as trombetas cento a cento
Com rumor falſo por diverſas partes,
Mas Rodrigo Forjáz, com nobre alento
Em hum ſó Marte inclue muitos Martes,
E ouvindo tanto bellico inſtrumento,
Do eſtratagema reconhece as artes,
Grita na eſcuridaõ, e na fadiga,
Que ninguem das trombetas o eco ſiga.

94.

Que todos ſe vnaõ, e que façaõ alto,
E obrigando a montar os que encontrava,
Acodindo ao primeiro ſobreſalto,
Sò com tres eſquadroens groſſos ſe achava:
Nem de valor, nem de experiencia falto
Abdalá com infantes ſó eſtaua,
E em batalhoens quadrados dirigia
Das lanças a duriſſima porfia.

95.

Outros vaõ com os alfanges, e rodelas
Pelas tendas ferindo os deſcuidados,
Outros guardas matando, e ſentinelas,
E a todos os que encontraõ deſarmados:
Sahem outros do campo com cautelas,
E aos fugitivos deixaõ degolados:
Só eſtes naõ cometem injuſtiça,
Pois caſtigar cobardes he juſtiça.

96.

Tudo era confuſaõ, mortes, e horrores
Em quanto Muſtafá, e os que o ſeguiaõ,
No templo com ſacrilegos furores
Os roubos, e os incendios emprendiaõ;
Mas de Giraldo os votos, e os ardores
As impias intençoens desvaneciaõ;
Do amor divino o peito era compendio,
E hum incendio apagou com outro incendio.

97.

Deſte holocauſto que ſahio preſúmo
Para offuſcar dos cegos os intentos
Huma delgada nevoa, hum ſutil fumo Nota 499.
Que de ſombras reveſte os elementos:
A noite de prodigios foy reſumo,
Vencem os milagroſos os violentos;
Se Plutaõ a Proſerpina roubara, Nota 450.
No Ceo, eterno Jove a colocara.

98.

Mas naõ chegou a ſer arrebatada
A Deidade, que ao Abiſmo predomina,
Pois foy ſem ver as ſombras preſervada
Do mundo eſcravo na fatal ruina:
Eſtava a ſituaçaõ bem demarcada
Por Muſtafa ao templo, que domina;
De alta magnificencia dando indicios
Naõ ſó tendas, palacios, e edificios.

99.

Qual matizado inſecto, que rodea
Com os vóos a luz, que buſca cego,
E com as azas, que no fogo atéa,
Naõ he alguma vez do ardor emprego:
Aſſim o Mouro, que ſe liſongea
De achar o templo, o buſca ſem ſocego;
E como em negro veo o Ceo o encobre,
Quanto mais perto, menos o deſcobre.

100.

Que he iſto, diz, he illuſaõ? he ſonho,
Soldados o que a todos nos ſucede?
O ordenado projecto, que diſponho,
O Ceo deſtroe, ou o inferno impede:
De toda a minha aſtucia me envergonho,
Vede o lugar do templo, vede, vede,
Se o podeis encontrar, ou ſe tirano
He ſò da minha viſta o cego engano.

101.

Eſta tenda, lhe diz Zaide previſto,
E de arrayaes no exame conſumado,
Eſta tenda, que eu hontem tinha viſto,
He de Giraldo, aqui o achey campado:
E o templo dedicado a Máy de Chriſto
Taõ perto della eſtava ſituado,
Que por hum breve tranſito, que aplicá,
Do templo ao interior ſe comunica.

102.

Pois a tenda ſe queime, aſſim ſervindo
(Reſponde Muſtafá) nos fica, quando
O templo aqui deſcobrirá luzindo,
E com ella o iremos abrazando:
Occulta pederneira entaõ ferindo
Nota 101. O elemento ſutil, que eſtá guardando,
Brota pequenas luzes taõ brilhantes,
Que ſaltaõ mil eſtrellas ſcintilantes,

103.

A inflamavel materia, que diſpunhã
De alcatraõ, pez, enxofre, breu, betume,
E outros ingredientes, que compunha
Do artifice infernal o eterno lume,
Da tenda à lona fragil logo punha,
Porem perdendo o ſeu voraz coſtume,
Sem que ninguem taõ rara cauſa entenda,
Fez luzir ſem arder a ſutil tenda.

104.

Qual ſahe o Amianto incombuſtivel Nota 502.
Rara compoſiçaõ do linho Asbeſto,
De que arda a lucerna inextinguivel
Da occulta eſfera luminar funeſlo:
Preſervado ao incendio irreſiſtivel,
E nella o maculado, o indigeſto,
Sem beneficio da agoa taõ preciſo,
Fica ao fogo mais puro, eſtá mais liſo.

105.

Aſſim o pavelhaõ farol luzente
Reduzindo a huma luz mil luminarias,
Se vé brilhante, e naõ ſe encontra ardente
Para terror das gentes adverſarias:
Já nenhum deſcobrir o templo intente,
Pois lhe aſſeguraõ experiencias varias,
Que ainda que Muſtafá com iras ferve,
Só de ver que naõ vé a luz lhe ſerve.

106.

Se eſta arvore da vida o Ceo reſguarda: Nota 503.
Da Deidade immortal, que ao mundo aviva,
Do novo templo o paraiſo guarda
De humano Querubim a eſpada activa:
Ao Mouro a luz em deſcobrir naõ tarda,
Só arde no quartel a guerra viva:
Toma hum cavallo Muſtafá, e na ſombra
Viver eſpera, quando a luz o aſſombra.

107.

Sahe do campo, e na intrincada brenha
Antes que a luz da Aurora apparecesse,
Dois Cavalleiros vê, e mais se empenha,
Por ver se a cada hum bem reconhece:
Quem he, pregunta, e hum se desempenha
Quando ao perder a voz se desvanece,
Dizendo: ay triste Aldara! e em hum desmayo
Quasi da vida achou o ultimo ensayo.

108.

Naõ examina o outro satisfeito
De que huma presa tal deva ao acaso;
Nos braços a sustenta com respeito,
Dezeja ao bruto as azas do Pegáso:
Do desmayo lhe dura o triste effeito
Occultando dois soes no escuro ocaso;
Chega adonde Muley, e a gente estava,
Que algum dos prisioneiros esperava.

109.

Axa achou já de Pallas conduzida,
Que em ar pouco despois se desvanece,
Diz Mustafá, que a empresa está perdida,
Que a magica mayor tudo escurece;
Mas que a gloria mais alta, e mais luzida,
Que o peito de Muley fino appetece,
E ao Reyno a segurança constitue,
Toda em Aldara aqui lhe restitue.

110.

Apeouse Muley dizendo ao Mouro;
Como affirmas, ó illustre companheiro,
Que tudo se perdeo, tendo hum tesouro,
De que naõ será premio o mundo inteiro?
Nota 504. Se o Ceo se desatasse em chuva de ouro,
Ao querello pagar, fora grosseiro;
Nem Jove merecera tanta gloria,
Como em Danae fingio a falsa historia.

111.

Axa anima a Ermeſinda, quando o dia
Já nos braços da Aurora anima as flores;
Muley o amado roſtro deſcobria,
Tirando hum veo, que rouba os ſeus primores:
Se queres, que te dure eſſa alegria,
Que alenta teus puriſſimos ardores,
Naõ examines mais, vive no engano,
Que hade cuſtarte a vida o deſengano.

112.

Vio, quem cuidára tal! Que o encuberto
Era Ermeſinda, e livre do accidente
Explica a cauſa do ſucceſſo incerto,
Que todos comprehendem facilmente:
Quando Axa com Moniz forte, e experto
Combateo com o esforço mais valente,
Me ordenou, que a Aldara acompanhaſſe,
Fiel ſerviſſe, e pratico guiaſſe.

113.

Deixou Axa o combate com violencia,
De Pallas por hum vóo arrebatada,
Quer Aldara ſeguilla, a experiencia
Das armas della foy ſempre ignorada:
O trabalho, o temor ſem advertencia
Deixaraõ a Princeſa delicada;
Do cavallo entre as brenhas a déſmonto,
Para lhe adminiſtrar remedio pronto.

114.

Mas vendo-ſe já ſoltos os cavallos,
Correm á dezejada liberdade,
O deſcuido foy cauſa de ſoltallos,
O perigo de Aldara, e a piedade:
Ligeiro me apreſtey para cobrallos,
Mas hum me fez na teſta com crueldade
A contuſaõ que vedes, e a ferida,
Com que em terra cahi quaſi ſem vida.

115.

Cobrando alguma parte do ſentido;
A Princeſa buſquey, que antes deixara,
Hum Cavalleiro vi deſconhecido,
E a penas dizer pude: ay triſte Aldara!
Foſſe Mouro, ou Chriſtaõ compadecido,
Ou vida, ou liberdade lhe deixara,
E logo a dor, e o ſuſto de repente
Me fazem repetir novo accidente.

116.

Muſtafá ſabe o boſque, quando cheguem
Os Chriſtãos, que entre os matos a deſcubraõ,
E a priſaõ nova barbaros a entreguem,
Huma partida voſſa as brenhas cubraõ:
Poucos na expediçaõ he bem ſe empreguem,
Porque no menor numero ſe encubraõ:
Aſſim diſſe Ermeſinda, e Muley logo
Do coraçaõ na lingua exhala o fogo.

117.

Naõ por injuſto, o Muſtafá, me tenhas;
Pois naõ te accuſarey, Muley lhe diſſe,
De que por Ermeſinda mais te empenhas,
Sendo em livralla o teu amor felice:
A ti te culpo, ó ſorte, que deſpenhas
Do mais alto da gloria hum infelice,
O engano reconheço, e tanto fio
De ti, que o mayor bem de ti confio.

118.

Axa mande eſſas tropas, e da cura
Se trate de Ermeſinda prontamente;
Eu vou com Muſtafá pela eſpeſſura,
Poucos ſoldados levarey ſomente.
Nunca te cançárás, eſtrella dura,
De atormentar hum animo innocente?
Parte com Muſtafá ſem que a inſtancia
De Axa poſſa deter tanta arrogancia.

119.

Chega ao lugar, que Muſtafá conhece,
Naõ acha Aldara, ao longe ouve humas vozes
De que os ecos no peito reconhece,
Para fazer ſeus males mais atrozes:
Muley adonde eſtás? vé, que padece
Aldara, dizem clauzulas velozes:
E para o ferir mais o fatal rayo,
Acreſcentavaõ, levame Pelayo.

120.

Voemos, diz Muley, que tal injuria
Só vós me vingareis, ficis amigos,
Os cavallos correndo a toda a furia,
Deſprezaõ embaraços, e perigos:
O ciume o guiou com tanta incuria,
Que o campo vendo já dos inimigos,
O detem Muſtafá, que com vehemencia
Reduz a breves termos a eloquencia.

121.

Se te perdes, ſenhor, deſeſperado;
Perdes contigo os meyos da vingança:
O exercito de ElRey, que eſtá formado
Em Leiria, fomente eſta eſperança:
Dizes bem, lhe reſponde, e moderado
O primeiro furor, que nada alcança,
Volta, e com Axa para o novo emprego
Vay buſcar a paſſagem do Mondego.

122.

Entre tanto a manhaã clara, e brilhante
Os triunfos illuſtra aos Luſitanos,
Abdalá conſervava ainda arrogante
Mais de tres mil valentes Mahometanos: Nota 505.
Huma falange forma, e taõ conſtante
Nella recebe os golpes inhumanos,
Que para o acabar juntos concorrem,
Que elle, e os ſeus no campo ouſados morrem.

123.

Alegre Henrique a todos agradece
Milagres do valor, que a noite encobre,
Dos Mouros abomina, e aborrece
A ingratidaõ infame, e o trato dobre:
De curar os feridos naõ ſe eſquece,
O numero dos mortos ſe deſcobre,
Que eraõ quaſi dois mil, que em nova gloria
Vivem no Empireo, e duraõ na memoria.

124.

Naõ morreo Capitaõ aſſinalado,
Mas tal era o valor da gente brava,
Que val hum Capitaõ cada ſoldado.
E a perda com trabalho reſtaurava:
Neſte tempo chegou Pelayo Amado,
Que contra os fugitivos ſe avançava;
Na ſella hum Cavalleiro conduzia,
Candida touca o roſtro lhe cobria.

125.

A' tenda aſſim o leva de Tereza,
A quem diz: outra vez, ſorte opportuna!
Quer vos entregue, ó inclita Princeſa
Hum precioſo depoſito a fortuna:
Acaſo penetrando huma aſpereza,
Rendida ao triſte mal, ancia importuna!
Achey Aldara bella, e quer a ſorte,
Que eu lhe dé vida, para darme a morte.

226.

Procuro que ſe anime, e ſó conſigo,
Que hum pouco convaleça do accidente,
Cede ao pranto, ao deſmayo, e ao perigo,
Que evito, vendo ao longe a Moura gente:
Com rogos efficazes ſó a obrigo
A que volte a buſcarvos deligente;
Mas ella, que a Muley na idea tinha,
Cré, que para livralla ſe encaminha.

127.

Vrania o roſtro lhe deſcobre affavel,
Aldara ſó com lagrimas ſe explica,
Tereza até nas queixas ſendo amavel,
Só da ſua ſaudade a dor publica:
A fermoſa Africana inconſolavel
Huns intimos ſuſpiros multiplica,
E por vingarſe os olhos poem em terra,
Fazendo aos que os naõ vem a mayor guerra.

128.

Com ElRey de Lamego veyo Henrique
Louvando a fideliſſima lealdade,
Mas ſem querer, que a Axa juſtifique,
Lhe concede benigno a liberdade;
E naõ a aceita o Rey, porque publique,
Que à verdadeira Fé ſe perſuade;
Alegre o Heròe o aperta em doces laços
Na priſaõ nobre dos invictos braços.

129.

A buſcar vay Giraldo, que o inſtrua,
Ao templo, donde os Principes concorrem,
Para que hum novo culto reſtitua
Na gratidaõ dos votos, que diſcorrem:
O Imperio mais feliz ſe conſtitua
Entre os prodigios, que a diluvios correm:
Buſcaõ no ſeu quartel ao claro Infante,
Quando a Moniz encontraõ vacillante.

130.

Sem armas, e com negra veſtidura Nota 506.
Em ſangue o roſtro, e em lagrimas banhado;
No matiz deſta tragica pintura
O mais fino peſar tem retratado:
Apenas reconhece eſta figura
Henrique em tanta dor ſobreſaltado,
De todo a cor, e a voz perdeo Tereza,
Choraõ todos, deſmaya-ſe a Princeza.

131.

Senhor, Moniz exclama, ſe o caſtigo,
Que hoje merece hum guarda negligente,
Da juſtiça, que tendes, eu conſigo,
Peçovos ſe execute prontamente:
Naõ me pode matar tanto inimigo,
Porque viva infelice, e delinquente;
Só me achey, hum lugar defendo eſtreito,
Foy muro impenetravel o meu peito.

132.

Com Axa combati, voltou ferida,
O roſtro me deixou em ſangue tinto,
Era immortal, porque me tire a vida
A infamia, que no ardor me deixa extinto:
A perfida naçaõ introduzida
Por naõ ſey que intrincado labirinto
Vi na que antes julguey ſegura tenda,
Quando voltey da rigida contenda.

133.

Cahi em Mouros mortos tropeçando,
E Huſmim, e outros, que vejo mal feridos
Com juramento eſtavaõ affirmando,
Que huma Mulher, e Affonſo os tem vencidos
Tudo cré minha Fé do venerando
Objecto dos meus votos repetidos;
Porem quando julguey vello triunfante,
Na tenda naõ encontro ao bello Infante.

134.

Entre as ſombras fataes da noite horrivel
Clamando por Affonſo em vaõ ſuſpiro,
Deſcobrillo, Senhor, he impoſſivel,
Examiney o ultimo retiro:
Eu tenho feito deligencia incrivel
Do largo campo no eſpaçoſo giro,
Naõ apparece Affonſo, o Ceo o ordena,
Matay-me, que ſerá menor a pena.

135.

Nos braços a Moniz Henrique enlaça,
E ſendo ſeu o mal, pio o conſola,
Tem tal conformidade na deſgraça,
Que a Fé entre a conſtancia ſe acriſola,
Urania anima, e a Tereza abraça;
E ſe a pena interior o deſconſola,
Naõ ſe fia a evidencias do ſemblante
O peito firme, o animo conſtante.

136.

Vamos ao templo, diz, vamos ao templo
Dar graças de vencer ferozes Mouros;
A Fé triumfe, e ſervirá de exemplo
Ver que ao Numen ſe rendaõ verdes louros:
Para perder hum filho em mim contemplo
De repetidas culpas os deſdouros:
Coimbra ſe guarneça, e fortifique,
O Mouro tema, porque o buſca Henrique.

HENRIQUEIDA

CANTO VIII.

Argumento

Livra Affonſo hum milagre de Maria,
O Templo ſe deſcreve; e o Prelado,
Fortunas pronoſtica, quando ouvia
O ſucceſſo, que Affonſo tem contado:
Canta Aldara de amor a ſorte impia,
Occulto ouve o miſterio o fino Amado;
Na Regia caça vem os orizontes
Tiranizar os Ceos, vencer os montes.

1.

Como depois de hum horrido naufragio
No porto acha o abrigo hum baixel roto,
No templo vay buſcar ao ſeu ſufragio
Divino aſilo o Principe devoto:
Jâ reconhece por feliz preſagio
De que a Deidade atende ao puro voto,
Ver que Giraldo alegre o recebia,
E que ao ſupremo altar os conduzia.

2.

Adornado das ſacras veſtiduras
Na maõ o Bago, a Mitra na cabeça,
Mais do que as pedras, que a illuminaõ, puras,
A brilhante virtude reſplandeça:
Principe com vitorias taõ ſeguras,
Que o Ceo vos dà, o nome ſe eſcureça,
(Diz o Paſtor) dos nove, a quem aclama,
Ou com juſtiça, ou com liſonja a fama.

3.

A David igualaes juſto, e glorioſo, Nota 507.
Joſuè pàra o Sol, e vos a Lua,
Macabeo reſtauraes templo famoſo,
Heitor por entre fabulas fluctua:
Sois ſem vicio Alexandre generoſo,
Até Cezar vos cede a gloria ſua;
Outro Artur, Carlos Magno mais guerreiro,
Emulo de Gofredo, e companheiro.

4.

Dos Mouros, e do Abiſmo hoje adquiriſtes
Dois triunfos, que celebre alcançaſtes,
Taõ conſtante de Affonſo a perda ouviſtes,
Que agora outro mayor em vòs ganhaſtes;
Ceſſem em fim as ſombras vans, e triſtes,
Pois das virtudes o alto premio achaſtes:
Vinde às pedras das aras no miſterio,
Pedras fundamentaes do Luſo Imperio.

5.

O templo de madeira hoje formado Nota 508
Se hà de adornar de Marmores precioſos;
Será o Santuario edificado
Sobre quatro Gigantes eſpantoſos:
Para o voſſo triunfo eternizado
Se haõ de ver quatro arcos mais glorioſos;
Hé Simbolo o primeiro da vitoria,
Hum da paz, hum do amor, outro da gloria:

6.

Sobre o portico excelſo ha de eſcrever-ſe
Breve inſcripçaõ de eſtilo lapidario,
Para a poſteridade, em que há de ler-ſe Nota 509.
Feliz prodigio, raro, e extraordinario:
Neſſe eſpaçoſo coro ha de fazer-ſe
Guerra a Plutaõ do harmonico contrario,
Cantando ao Numen ſacro em tons diverſos
Salmos, himnos, liçoens, canticos, verſos.

7.

De marmores veſtido o largo Clauſtro,
Com apraſivel viſta freſcos ares,
A Epiſcopal Cidade tem ao Auſtro,
Nota 510. E perto o Douro enveja de outros mares;
Nota 511. Antes que corra muito o Cinthio plauſtro,
Conegos de Agoſtinho Regulares,
Que o mundo deixaõ com feliz repudio,
Nota 512. De outro templo mayor ſeraõ preludio.

8.

Nota 513. Terá de Parroquial o privilegio;
E hum voſſo pio, e claro deſcendente,
Que he o decimo ſexto ao Trono Regio,
Ha de dar-lhe outra forma nobremente:
Inſtituto Apoſtolico, e egregio,
Que ha de levar a luz ao meſmo Oriente,
O há de occupar, e tu, ó Ceo ordenas,
Que em Coimbra ſuſtente nova Atenas.

9.

Neofitos, que a nova Companhia
Com ſangue, e ſanto ardor produz; e rega,
Daraõ tal luz, que a cega idolatria
Só pela luz da Fé ficará cega:
Terá nella oflagello a hereſia,
Nas letras, e virtudes ſó ſe emprega;
Leys mais ſabias formou que as de Licurgo,
Dando à Aſia hum ſegundo Taumaturgo.

10.

Nota 514. Em quanto deſcrevia o tempo, e templo
O Primàs a quem todos veneravaõ,
E ao trono de Maria em pio exemplo
Humildes, e devotos ſe proſtravaõ,
A rara maravilha ainda contemplo
Que alegres viaõ, finos admiravaõ:
Naõ apagou a idade eſtes veſtigios,
Tudo portentos ſaõ, tudo prodigios.

11.

11.

Examinava Henrique o trono auguſto
Da Deidade, em que ao preço excede a arte,
Que no interior inſpira ao peito juſto,
Que hum grande beneficio lhe reparte:
Ceſſem em fim a dor, a pena, o ſuſto,
Que em Cupido abbreviado o meſmo Marte
Só com candida tunica apparece,
Pequena eſpada a breve maõ guarnece.

12.

Em ſangue Mahometano tinto eſtava
Do leve Alfange o aço rutilante,
Gracioſo o eſgrimia, e levantava
O bello Affonſo, o ſoſpirado Infante: Nota 515.
Com fingido furor ameaçava
Ao Mouro que já o teme fulminante:
A admiraçaõ, e o goſto em finos laços
O apriſionaraõ nos amantes braços.

13.

No colo o traz do occulto Santuario,
E primeiro a Moniz do que a Tereza
O moſtrou, como premio neceſſario
Do que ao fiel defenſor deve a fineza: Nota 116.
Timantes com pincel incerto, e vario
De Agamenon a hum vèo fia a triſteza;
E aqui com mais razaõ encobriria
O afeto inimitavel da alegria.

14.

Dos pays, da irmãa, terniſſimo o afago,
Do Ayo, e dos mais finiſſimo o reſpeito,
A os oſculos lugar naõ deixaõ vago,
Nos pes, nas maõs, na fronte, face, e peito:
A eſcura ſombra, que com negro eſtrago
Cobrio aos coraçoens com triſte effeito,
Só ſirva quando occulto ſe conſagre,
De brilharem as luzes do milagre.

15.

15.

No lindiſſimo roſtro do Menino
O branco, e rubicundo eſtà confuſo,
Brilha nos olhos reſplandor Divino,
Que offuſca o Mouro, e illumina o Luſo:
Abrio a breve boca, em que o deſtino
Quiz que a razaõ anticipaſſe o uſo,
Para exprimir com pueril cadencia
Sem artificio a harmonica eloquencia.

16.

Dormindo eſtava diz, e encomendado
Me tinha, como ſempre me enſinaſtes,
» A protectora, de que o peito ornado
» A imagem trago de ouro entre os engaſtes:
As razoes deſpertey de hum Mouro irado,
Eſta Imagem naõ ſey ſe ali levaſtes;
Ella, e ſeu filho entaõ me defenderaõ;
Naõ fogi, porem elles me trouxeraõ.

17.

Deume a Deidade a maõ, para que eu ande,
E dormi ſocegado aos pes do trono,
Dos Mouros vi o eſtrago pronto, e grande,
Achando a morte ao vir tirarme o ſono:
Que me ponha no chaõ meu Pay me mande,
Porque eſte he do milagre certo abono:
Diſſe, ſaltou do colo, e prontamente
Se poſtra ao ſacro trono reverente.

18.

Aqui foraõ os gritos, e os clamores,
Aqui dos olhos lagrimas amantes,
Aqui da devoçaõ vivos ardores,
Aqui da Fé, e Amor votos conſtantes:
Giraldo impoz ſilencio, e ſuperiores
Inſpiraçoens com frazes elegantes
Em Sagrada eloquencia docto exprime
Collocado na Catedra ſublime.

19.

Naõ de Tullio, ou Demoſtenes imita
Retorica diſcreta artificioſa, Nota 517.
Mas otaçaõ pathetica acredita
A protecçaõ da Virgem prodigioſa:
A que a mereçaõ fervoroſo incita,
Porque a virtude fique vitorioſa;
Que ha de ſer Rey Affonſo, diz a Henrique,
E que viſaõ mais rara moſtra Ourique. Nota 518.

20.

A noute ſuccedeo clara, e ſerena,
Harmonico metal informa os ares,
De flores ſe deſpio a ſelva amena,
Para reverdecerem nos altares:
Que o campo ſe illumine Henrique ordena,
E ſoem inſtrumentos militares:
O ſilencio da noute he melodia,
E com mais luzes naõ enveja o dia.

21.

A hum triduo de exceſſivo luzimento
Já ſem ter embaraço Affonſo aſſiſte,
Todos vem o ſeu agil movimento,
E nenhum impio à admiraçaõ reſiſte;
Mas entre o univerſal contentamento
Só ElRey de Lamego eſtava triſte,
Por ver a eſpoſa em taõ profundo abiſmo,
E por tardar-lhe a graça do Bautiſmo.

22.

Aſſim o Catecumeno zeloſo
Diz ao Paſtor, que com amor o inſtrue:
Quando ſerá o dia venturoſo,
Que a eſperança do Ceo me reſtitue?
Hoje admirey o caſo milagroſo,
Que à minha converſaõ naõ contribue;
Mas ſinto, que em prodigios ſe conſagre,
Para dever a Fé mais que ao milagre.

23.

Quando ſerà que a agoa regenére
O fogo, que immortal nunca ſe apague,
E que nas ſuas ondas firme eſpere,
Que o meu delito já feliz naufrague?
De Axa naõ he razaõ, que deſeſpere,
Ainda que cega em tantos erros vague:
Intercede por ella varaõ juſto,
Que a ama afecto puro, e naõ injuſto.

24.

Que hà tres Bautiſmos ſabio lhe reſponde,
O da agoa, que he da Fé claro colirio,
O de fogo ao dezejo correſponde,
O de Sangue ſe apura no martirio:
O primeiro veras ó Rey adonde
Vencendo o Mahometico delirio,
Do teu peito ha de ver a ardente fragoa
Nota 529. O eſpirito Divino ſobre a agoa.

25.

O Bautiſmo de ſangue te comuta
O Ceo que por pagarte tal mudança,
Com auxilio efficaz, graça abſoluta,
De que Axa ſe converta, dà eſperança:
Comigo has de ficar, pois reſoluta
De Henrique contra o Mouro a dura Lança
O quer ir caſtigar com digno emprego
Nas criſtalinas margens do Mondego.

26.

Aqui ſeràs por mim bem inſtruido
Da minha Religiaõ no alto miſterio,
E veràs com firmeza conſtruido
O edificio immortal do Luſo Imperio:
Affonſo aſtro brilhante taõ luzido
No ſeu oriente illuſtra eſte emiſferio:
Moniz o quer fiar do meu cuidado,
Que mais que cortezaõ vay ſer Soldado.

27.

Tambem neſte deſtrito toda a Corte,
Que pode embaraçar a dura Guerra,
Fica ſegura com a guarda forte,
Que obſerve o rio, e que examine a Serra:
Lamego a aſſegurava de outra ſorte,
Porem de Henrique a pia Fé naõ erra,
Pois ſe a Cidade Deos naõ defendia, Nota 520.
Debalde o mundo a guarda, ou a vigia.

28.

Neſtes dias do goſto, e do deſcanſo
O Sol no Velocino imita Aſtrea,
E no juſto equilibrio o tempo manſo,
O dia igual á noute naõ recea:
De hum breve rio ao placido remanſo
Aldara as ſuas penas liſongea;
Naõ ſabe que Pelayo occulto eſtava,
E entre a eſpeſſa verdura a eſcutava.

29.

Só poderey, ó Ninfas deſte Rio
Fiar de vos as mais ſenſiveis magoas;
Se o ſegredo guardais, que vos confio,
Aumentaraõ meus olhos voſſas agoas,
E aſſim tu nunca ſintas o deſvio,
Deos que no Douro rapido deſagoas
Deſſa tua belliſſima Napéa, Nota 521.
Com algum bem meus males liſongea.

30.

Fugitivos Criſtàes, firmes penedos,
Eſcuras Serranîas, claras fontes,
Tenras flores, robuſtos arvoredos,
Humildes valles, e ſoberbos montes,
Amantes aves, rigidos rochedos,
Verdes prados, ceruleos orizontes,
Grutas horrendas, e planicies bellas,
Q pacas nuvens, lucidas eſtrellas.

31.

Se no inſenſivel, Seno vegetavel
O amor de quem o mundo ſó ſe anima,
Conſeguio, que hum caraćter taõ amavel.
Nos duros coraçoens fiel ſe imprima;
Conſolay hum peſar inconſolavel
Antes que a auzencia com a dor me opprima,
Pois me acabaõ com fino ſentimento
A magoa, a ſaudade, e o deſalento.

32.

Fugitivos criſtàes, que a huma eſperança
Bem imitais no movimento leve,
Que em tanto giro inquieto cega alcança
Urna de prata, tumulo de neve:
De hum verde labirinto na mudança
O meſmo fim minha eſperança teve;
Pois correo ſem parar no doce engano,
Até morrer no mar do deſengano.

33.

Firmes penedos ſempre combatidos
Do mayor vento aos rapidos horrores,
Que imutaveis eſtais, que eſtais erguidos
Do tempo contra os tragicos rigores!
Vede que hoje por mim ſois excedidos,
Porque a minha conſtancia nos amores
Naõ ſe move, ou abate na importuna
Tormentoſa inconſtancia da fortuna.

34.

Eſcuras, Serranîas que cortendo
O mundo, naõ mudaés de natureza,
Pois os boſques cortando, os prados vendo
Conſervais eſſa ruſtica aſpereza;
Conſolayvos comigo, porque entendo,
Que vos ſabe exceder minha triſteza,
Pois naõ produzo plantas, nem boninas
Em dilatadas tragicas ruinas.

35.

Claras fontes, que em liquidas correntes
Movendo brandamente os criſtàes puros,
Vedes ao doce impulſo obedientes
A conſtancia dos mármores mais duros;
Sabey, que ſaõ em mim taõ inclementes
Os deſtinos fataes, e aſtros eſcuros,
Que os naõ abranda, quando corre ha tanto,
A amargoſa torrente do meu pranto.

36.

Tenras flores, que efimeras da Aurora,
Ainda que vos inſpira alma taõ pura,
No dia, em que naceis mimos de Flora,
Exemplares morreis da fermoſura;
Voſſa fragrante ſorte ſe melhora,
Se a comparais com minha ſorte dura;
Sempre quiſera, para ſer felice,
Naõ ver ſegunda aurora huma infelice.

37.

Robuſtos arvoredos, que com folhas
Veſtîs na Primavera verde adorno,
E ſe no Inverno, ó Africo, os deſfolhas,
Renacem no odorifero contorno;
Tu meu peſar juſto ſerà que eſcolhas,
Que eu me trasforme em tronco por ſoborno,
Pois ſofrerey tormentas, e mudanças,
Porque haõ de renacer as eſperanças.

38.

Humildes valles, que as torrentes frias
Inundaõ, quando decem das montanhas,
Veas que deixa pouco eſtar vazias
O circulo das humidas entranhas; Nota 522.
Mais que em vòs abatidas ouſadias
Vejo em mim por deſgraças taõ eſtranhas,
Pois a altivez, que me elevou, me inſulta,
E a inundaçoens de males me ſepulta.

39.

Soberbos montes, que aſſaltando a Eſfera,
Sois dos Gigantes tumidos enſayos,
E por reconhecer hum Deos, que impera,
Ardeis primeiro à furia dos ſeus rayos,
Eu que ſó me elevey com Fé ſincera
Ao Ceo de hum puro amor, ſinto os deſmayos,
Com que o deſtino contra mim conſpira:
Fulmina a hum amor juſto injuſta a ira!

40.

Amantes aves, que cantando finas
De amor correſpondido anſias ſuaves,
Sempre voais aos goſtos peregrinas
Com vozes brandas, com acſentos graves;
Se unidas tendes glorias taõ divinas,
Sem cauſa vos queixais ingratas aves:
Ay de quem triſte, amor, taõ longe deixas,
Que ſe perdem no ar inuteis queixas!

41.

Vos rigidos rochedos, quando intento
Invocarvos, eſtais ſurdos, e mudos?
Eu cuidey, que pudeſſe o meu lamento
Fazervos com ſeus ecos menos rudos:
Mas ay! que ſe ſentis meu ſentimento,
He para ſer duriſſimos eſcudos,
E revelando penas taõ ſecretas,
Me voltais os meus ecos como ſetas!

42.

Verdes prados, que em ervas poderoſas
Produzis os remedios das feridas,
E até curando as ſetas venenoſas,
Em vòs renacem immortaes as vidas;
Se de Amor contra as frechas vigoroſas
Ainda guardais virtudes eſcondidas,
A outros as applicay, ó prado ameno,
Deixayme o meu ſuaviſſimo veneno.

43.

43.

Ceruleos horizontes, que encobrindo
De eſpiritos amantes os miſterios,
Os triumfos do Amor eſtais ouvindo,
E das ingratidoens os vituperios,
Dizeyme ſe eſtes ays, que vaõ ſobindo,
Tem alterado a paz dos emisferios?
Porque eu pretendo, que eſta amante guerra
Perturbe o Ceo, como perturba a terra.

44.

Grutas horrendas, vòs, que a luz naõ viſtes,
E ſó porque a naõ viſtes, naõ a amaſtes,
Ditoſas ſois, pois entre as ſombras triſtes
O bem nunca perdeſtes, que adoraſtes:
Se lâ no voſſo centro agora ouviſtes
Eſtas vozes, que inteiras conſervaſtes,
Levay-as, e contay no Reyno eſcuro,
Que ainda há ſobre a terra hum amor puro.

45.

Planicies bellas, que de longe vejo,
E que abrindo de Ceres o teſouro
do avaro agricultor dais ao dezejo
Prodigo premio nas eſpigas de ouro,
Deixay, que com meus olhos chegue ao Tejo,
Donde hoje chega o bem, que tinha o Douro,
Aſſim naõ vos deſtruaõ vivas guerras,
E vos naõ interrompaõ altas Serras.

46.

Opacas nuvens, que com negror giros
Voais ameaçando tempeſtades,
E que nos voſſos humidos retiros
Reſervais tormentoſas impiedades;
Logo o vento vorás de meus ſoſpiros
Ou vos há de romper as denſidades,
Ou fazervos correr, ſe em meus deſmayos
Do Sol, que adoro, me encobris os rayos.

47.

Ah lucidas eſtrellas mentiroſas!
Como vendo de perto a minha eſtrella,
E as ſuas influencias rigoroſas,
Publicais, que he benigna, clara, e bella?
Ou apagay astochas luminoſas
Para naõ ver o mal, que me deſvela,
Ou deſterray deſſe ſublime aſſento
Huma eſtrella, que infama o Firmamento.

48.

Mas já que ó compaſſiva Filomena,
Só vòs correſpondeis as minhas vozes,
Pois ſó quem ſente huma amoroſa pena
Se laſtima de effeitos taõ atrozes;
Que vos confie, Amor aqui me ordena,
Com ſoſpiros ancioſos, e velozes
Todo o meu mal, por ver ſe em voſſo canto
Se adoça a amarga cauſa do meu pranto.

49.

Naõ quero ſó de amor dizer as magoas,
Poir ſabeis, que Muley por forma occulta
Dentro em meu coraçaõ aviva as fragoas,
E que o pranto eſte ardor naõ difficulta:
Mas já que ao ſom canoro deſtas agoas,
E às verdes ſombras deſta ſelva inculta,
Cantais raras tragedias, vaõs amores,
Contay taõ rara hiſtoria às mudas flores.

50.

Nota 523. Por mais que me aſſeguraõ, que ſou filha
De Ali Aben Jozef Rey poderoſo,
Que em Africa, e Europa impera, e brilha
Sabio, prudente, illuſtre, e valeroſo,
E por mais qne o meu genio naõ ſe humilhe
A ter principio menos generoſo;
Se naõ achar noticias mais ſeguras,
Mo encontraõ reflexoes, e conjecturas.

51.

Na Corte naõ naci de Mauritania,
Nem nos Palacios me criey antigos,
Que fez Anteo na grande Tingitania Nota 524.
Antes de ter de Alcides os caſtigos:
Dizem-me que naci na Luſitania,
E que meu Pay temendo os inimigos,
Que o direito lhe dà de Lucidoro,
Aſſegura em Lisboa o meu decoro.

52.

Mas ſe eſte importa tanto, que imprudencia
Permitio, que paſſando-me a Leiria,
Arriſcando-me a vida, e a decencia,
Foſſe buſcar a guerra, que fogia?
Quando a penas da guerra huma apparencia
Na caça, que buſcava, conhecia,
Donde dava Muley com duro effeito
A lança a hum bruto, as ſetas ao meu peito?

53.

Ao Principe Almançor unico filho
De ElRey continuamente perguntava
Quem era minha Máy, pois naõ me humilho
A entender, que ella foſſe vil eſcrava:
Entaõ, e agora mais me maravilho
De me dizerem todos, ſe occultava
Por cauſas importantes deſte Imperio;
Que encobrio hum politico miſterio.

54.

Artelinda de rara fermoſura
Nos primeiros annos me affirmava,
Que eu era filha ſua, o que aſſegura,
Mas carinho affectado me moſtrava:
Em vaõ diſſimular entaõ procura
O affecto, que o ſeu peito me negava,
E alguma vez lhe ouvi, ſem que me viſſe,
Que de taõ alto ſer naõ preſumiſſe.

55.

55.

Ter meu Pay o Africano, e vaõ ciume,
E intereſſar-ſe pouco em que eu amaſſe
A Muley, pois o affecto, eo coſtume
Fex que nunca a Almançor eu o negaſſe;
E quando a Lucidoro ardente lume
Abraza; naõ temer, que ſe abrazaſſe
„ Meu peito em outro ardor, a quem violento
Temer fazia o ſeu merecimento.

56.

E quando a inimizade hereditaria,
Juſtiça, e emulaçaõ de Lucidoro,
E a enveja de meu Pay tem por contraria,
Arriſcar-ſe o imperio, eo decoro:
E com injuſta ley taõ nova, e varia,
Querer que eu ſacrifique o bem, que adoro,
E que era vil politica fingida
Ser hum mal certo, que me cuſte a vida.

57.

Deixar-me a ſua colera ambicioſa
Deſde a batalha, que ainda chora o Douro,
Em huma eſcravidaõ taõ vergonhoſa,
Que he hum infame eſtrago ao nome Mouro,
Sem que prometa ſoma taõ copioſa,
Que até a Henrique tente o ſeu teſouro,
Ou naõ marchar com tanta gente armada,
Que toda Europa veja ſubjugada.

58.

Imporme em fim o rigido preceito
De abandonar Muley eternamente,
E dizer offendendo o meu reſpeito,
O que faz eſta ley menos decente;
Pois de ma promulgar naõ ſatisfeito
Indîca, e naõ declara hum indecente
Motivo miſterioſo, e inviſivel,
Que condena a aliança a hum impoſſivel.

59.

Ter eu no eſquerdo braço azul eſtrella Nota 525.
Com Cruz de igual matiz, que bem gravada,
Por mais que a arte deſtra ſe deſvela,
Nunca ſe conſeguio ſer apagada,
E ou foſſe a natureza, ou a cautela,
Naõ he acaſo ver-ſe debuxada
Cruz, que a ley dos Chriſtaõs me ſignifica,
E eſtrella, que os meus males prognoſtica.

60.

Ter Muley outra cifra ſemelhante
Como lhe ouvi, ſem ſe ſaber a origem,
„ E quando ſerve a patria taõ conſtante,
Ver que tantas inſidias lhe dirigem,
„ E quando ao ſeu eſpirito arrogante
Troſeos o exaltaõ, e padroens lhe erigem,
Do furor de hum amante naõ ter medo,
Se acaſo ſe rompeſſe eſte ſegredo.

61.

Conhecer eu em mim: agora fio
De vos mayor miſterio, ó Filomena,
E excede eſte, que fina vos confio,
Ao que fiou da agulha a voſſa pena: Nota 526.
Se de Thereo o torpe deſvario
A eſſa farpada lingoa ſe condena,
„ Se eſte romperdes, com mais triſte ſorte
„ Nènias podeis cantar da voſſa morte. Nota 127.

62.

Conhecer, digo, em mim, que a Muley amo,
Porem com taõ rariſſima eſtranheſa,
Que quanto ardor na ſua auzencia inflamo,
Quando eſtou perto, troca-ſe em tibieza;
E ſe por lhe fallar com anſia o chamo;
Huma occulta priſaõ ata a fineza,
O que era inclinaçaõ transforma em trato,
E à violencia do amor cede o recato. Nota 528.

63.

Indicios saõ de que eu naõ sou quem dizem,
E que, morto Almançor, seu Pay publica,
Que eu sua herdeira sou, porque suavizem
Estes remedios, que ao seu povo applica:
Pois como aos seus preceitos contradizem,
E a Lucidoro he raro quem replica,
Finge huma filha, e a Lucidoro engana,
Quando a mim taõ cruel me desengana.

64.

Nota 529. Pelayo Amado, aborrecido digo,
Se esse nome felîz te lisongea,
Como o queres perder, pois inimigo
Duas vezes me forjas a cadea?
Mas naõ me julgues taõ cruel contigo,
Que naõ tenhaõ lugar na minha idea
Tuas raras virtudes, e estimaveis,
Que foraõ, sem Muley, incomparaveis.

65.

Antes tudo ao contrario me sucede,
Que com Muley, pois quando te aborreço
Estando auzente, a tua vista impede,
E até do meu rigor quasi me esqueço;
Mas quando vejo huma violenta sede,
Com que sem conhecer o raro preço
Do sangue de Muley, te vejo exangue
Nota 530. Só por beber meu sangue no seu sangue.

66.

Com tal horror teu forte braço vejo,
Que mais te temo, quanto mais te admiro,
E até da tua sombra tenho pejo
Neste a meus males ultimo retiro:
Creyo que aprisionando o meu dezejo,
Tambem queres roubarme o que respiro;
Mas ainda assim posso afirmar-te agora,
Que a naõ ser de Muley, só tua fora.

67.

67.

Ceſſou de Aldara o dilatado canto,
Que Filomena atenta lhe aprendia;
Mas vendo hum Cervo, que com cego eſpanto,
Por naõ ſer Acteon veloz corria, Nota 531.
Lhe diſpara huma ſeta, mas foy tanto
O incendio, que no ferro ſe encobria,
Que agradece da morte o beneficio,
E he victima, holocauſto, e ſacrificio.

68.

Novo, e leve rumor ſente nas ramas,
Embraça o arco, e quando applica a viſta,
Antes das ſetas vio arder as chamas
Em mais illuſtre, e racional conquiſta:
Pelayo, eu ſou, lhe diz, a quem inflamas,
E a quem feres deidade, e bem previſta
Tinhas já minha morte, e minha offenſa,
Ao promulgar-me a tragica ſentença.

69.

Naõ te aſſuſtes, belliſſima homicida,
De que ſe me occultey ſó para verte,
Quando os ſuceſſos ſey da tua vida,
Os poſſa divulgar para offender-te:
Se tens huma payxaõ taõbem nacida,
Que em miſterios puriſſimos ſe adverte,
Pois fazes reſpirar minha eſperança,
Permite que eu de mim tome vingança.

70.

Se acaſo deſſe Rey naõ foſſes filha,
Como tal vez ſuppoem teu ſentimento,
Quem no mundo naſceo por maravilha,
A ſi ſe deve o alto nacimento:
Sempre he unica Aldara, ſempre brilha
Taõ ſingular ſeu claro luzimento,
Que huma deidade em inclita victoria
Se deve a ſi o ſer, credito, e gloria.

71.

Naõ ſe diga, que eu tanto deſejara,
Porque a nenhum dos dois mal eſtivera,
A mim, que eu em Aldara amava Aldara,
E naõ o Imperio, que a engrandecera;
A ti, porque em ti meſma ſe formara
Outro Imperio, que mais te ennobrecera,
Sendo taõ altos dotes eſtimados
Por adquiridos mais, que por herdados.

72.

Quanto mais que a adopçaõ de hum Rey illuſtre
Suppoem hum nacimento ſoberano,
Nem quererá, que eſta eleiçaõ ſe fruſtre
Deſcobrindo-ſe indigno neſte engano:
Naõ he poſſivel naõ que te deſluſtre
Tanto raro atributo mais que humano,
Reſplandecendo em ti claros veſtigios
De aſſombros: de milagres, de prodigios.

73.

Como he certa do amor a aſtrologia,
Neſſa cerulea Cruz, azul eſtrella,
Quero prognoſticar, que em ti ſe via
Celeſte religiaõ, e ſorte bella:
Já com eſſes ſinaes o Ceo queria
Prevenir com altiſſima cautela,
Que elles ſejaõ, tirando o vituperio,
Quem decifre o rariſſimo miſterio.

74.

He certo, e infelice o meu deſtino,
Que he até nas venturas infelice,
Em acaſos, que cego naõ preuino,
Duas vezes me fez por ti felice:
Mas ſe prendi o numen mais divino,
Ainda que eu adorallo conſeguiſſe,
Como pode eſperar o privilegio
Outro, que ſe equivoca em ſaçrilegio?

75.

Vejo em teu coraçaõ, que generoſo
Deſculpa a obrigaçaõ, paga a fineſa,
E ſó naõ vence influxo poderoſo
De mais antigo affecto na firmeza:
Eu te juro (oh que effeito prodigioſo
De quem ſabe adorar tua belleza!
Eu te juro por eſſes olhos bellos,
Pelo teu roſtro, pelos teus cabelos

76.

Que a eſſa ley, que tens por opportuna
De amar Muley meu peito naõ ſe opponha;
Que o naõ offenda eſpada, que importuna
Tanto à tua averſaõ a mim me exponha:
Goze feliz taõ proſpera fortuna,
Sem que eu em tanta gloria lhe interponha
Hum ferro, que até teme o duro effeito
De arrancar teu retrato do ſeu peito.

77.

Já faltou a Muley hum inimigo,
„ Que lhe podia dar algum cuidado,
E ſou eu; mas naõ julgues o que digo
„ Ou de deſvanecido, ou de affectado;
Porque arriſcando eſtava ſó comigo
„ Quem te adora mais fino, e neſſe eſtrado
Quem da divina Aldara tem favores,
Temeria quem teme os ſeus rigores.

78.

Mas no dia, em que eu vir, que elle poſſue
(Oh nunca o Ceo permita, que eu o veja!)
O bem que a ſua ſorte lhe atribue,
Cauſa immortal de bem nacida enveja,
E que huma eſtrella, que feliz lhe influe,
A mim me deixa a cruz para que ſeja
Martiryo ao meu eterno ſentimento,
E ſimbolo fatal do meu tormento.

79.

Fogirey de tal ſorte dos humanos,
Que as feras me teraõ por companheiro,
E viviraõ comigo os deſenganos,
De que o exemplar ſerey mais verdadeiro:
Já mais veraõ teus olhos ſoberanos
Do teu rigor o objecto, mas primeiro
Que eu ſobreviva a tanta indignidade,
Da Parca eſpero o golpe por piedade.

80.

E ſe a fidelidade o permitiſſe,
Mas que a morrer ſaudoſo me arriſcaſſe,
Eu ſeria quem ſó te conduziſſe,
E a ElRey teu Pay ſegura te levaſſe:
E ſe quando morreſſe hum infelice,
Hum reſto de piedade em ti ſe achaſſe,
Aceitarias minha triſte vida
Por premio da fineza bem nacida.

81.

Vegetante, inſenſivel, e animado
Para ouvirem teus males convocaſte;
Naquelle tronco ſe verá gravado
Quanto duro peſar lhe confiaſte:
Nos ecos grita o monte o teu cuidado,
E a ave conta a dor, que lhe fiaſte;
Serey do que te ouvi mudo rochedo,
Eternizando amor com o ſegredo.

82.

Callou-ſe, ou ſuſpendeo-ſe o fino amante,
E ſe eu pintar quizera as vivas cores,
Que de Aldara animaraõ o ſemblante,
Luzes ao prado, ao Ceo tirara as flores:
O eſpirito movendo vacillante
Iras, piedades, confuſoens, temores,
Moſtraõ que he cáos a alma indifferente
No combate do frigido, e do ardente.

83.

Sempre as payxoens mais nobres prevalecem
Nos affectos de hum peito generoſo,
E aſſim reſpondo aos que te naõ conhecem,
Pelayo illuſtre, ſabio, e valeroſo,
Pode ſer, que os Politicos temeſſem
Romper tanto ſegredo miſterioſo,
E entre illuſtres contrarios diſputado
O intereſſe do Amor mais que o do Eſtado.

84.

Mas em quem, como eu admiro, e vejo
De hum magnanimo peito as circunſtancias,
Ceſſa o receyo, a dor, a ira, o pejo
Do delirio infeliz das minhas anſias:
Deva-te compaixaõ o meu dezejo,
E da minha fortuna as diſſonancias;
Da minha eſtimaçaõ te fazes dino,
Sogeita-te aos decretos do deſtino.

85.

Neſte tempo hum aviſo lhe chegara
De que a benignidade das Princeſas
Por divertir ſeus males lhe ordenara
Venatorias magnificas grandeſas;
No ar, e na terra a guerra ſe prepara,
Igualando os acertos, e as deſtrezas,
E aves, e brutos temem ameaços
De lanças, caens, falcoens, ſetas, e laços.

86.

Já voava de Henrique hum Gerifalte
Cerulea producçaõ do Boreas frio,
E dando ao ar azul purpureo eſmalte,
Vence huma Garça em alto deſafio:
Mas hum Neblî, ſem que o vigor lhe falte;
De outra conhece o generoſo brio,
Sendo ao cahir ſobre o contrario ouzado
Dos volantes punhaes atraveſſado,

Nota 532.

87.

87.

Já tira o caçador o capirote,
Que com impulſo cego ſacodia
„ Ao veloz Africano Tagarote,
Que na maõ, e no Ceo a hum tempo via:
Faz que no mar aereo hoje ſe note
Quanto a aquatica eſfera deſcobria,
Quando ganhaõ o vento azas de linho
De outros Falcoens maritimos de Pinho

88.

Daquella parte ſahe das pioſes
Contra outra Garça hum Cipriote Sacre,
A quem naõ valem voos taõ velozes
Para naõ ver correr purpureo lacre:
Cahe rendida aos golpes ſempre atrozes
Do inimigo voraz, rapido, e acre,
Sem que a izentaſſe do tirano eſtillo
A immunidade do celeſte azillo.

89.

Outro Leonès Borni deſapparece
Lá remontado aos ultimos ſafiros;
Mas já precipitado à terra dece,
E de ave mais valente foge os giros:
Nota 533. Aguia Real as luzes eſcurece
Dos orbes ſuperiores nos retiros;
Naõ ſey ſe o aſtro foy, que a eſte intento
A opprimillo baixou do Firmamento.

90.

De Alcotaens, Bafarîs, e de Montanos,
De Alfanques, e Alietos rigoroſos
Sentem os ares impetos tiranos,
Vem os campos eſtragos rigoroſos;
Mas outra Aguia em voos ſoberanos
Se remonta em alentos generoſos;
E já recea os ſeus impulſos graves
Nota 534. O exercito carnivoro das aves.

91.

91.

Da parte occidental os ventos cruza,
E as aves, que do Oriente ſe elevavaõ,
Nenhuma o ſeu Imperio já recuza
Nem as que ao Auſtro as azas eſpalhavaõ:
Simbolo heroyco foy da gloria Luſa,
Que todos taõ alegres obſervavaõ,
Como ſe eſtes prognoſticos propicios
Recordaſſem de Roma os vaõs auſpicios. Nota 535.

92.

A legiaõ dos domeſticos Açores Nota 536.
De Dedalo parciaes hoje conſeguem
Exercitar ſeus tragicos rigores
Nos filhos de Perdicas, qne perſeguem:
Como ſe todos foſſem inventores
Dos inſtrumentos, a que as artes ſeguem;
Hum os ruſticos marmores partindo,
Outro angulos geometricos medindo.

93.

Oh da enveja fatal barbaro effeito
Do proprio ſangue hidropica inimiga,
Que à virtude, e ſciencia ſem reſpeito
A deſtruir o bem ao mundo obriga!
Naõ de oppor-ſe à Fortuna ſatisfeito
Eſte affecto infetnal, quer ſe perſiga
A meſma gloria eterna, que eſcurece
Eſſa meſma virtude, que aborrece.

94.

O boſque eſcarmentando nos eſtragos,
Que via executar na azul esfera,
Já ſente os giros rapidos, e vagos,
Do veloz bruto, e da robuſta fera:
Torcidos inſtrumentos, que preſagos
Com o ſom, que nos montes reverbeta,
Profetiſaõ do boſque a triſte inopia,
Já foraõ de Amaltéa feliz copia. Nota 537.

95.

Quantos Adonis vejo, quantos Martes,
Nota 538. Meleagros, e Alcides repetidos,
Que os matos rompem por diverſas partes
A hum tempo rigoroſos, e advertidos!
Nota 539. Huns na batida exercitando as artes
Dos projectos da caça prevenidos
Fazem ſahir os brutos com injuria
Huns pelo medo, e outros pela furia.

96.

Da parte eſquerda facil o terreno
Permite na calcada outro exercicio,
Entre o pungente tojo o mole feno
Deixa ver dos veſtigios leve indicio:
Vem as bellezas pelo prado ameno
Fazer das ſetas o furor propicio.
Oh quanta ninfa vejo ſoberana,
Enveja de Atalanta, e de Diana!

97.

Humas nas portas com mayor paciencia
De hum Cervo eſperaõ o improviſo ſalto,
Outras ao Javali, que com violencia
Fere o humilde, offende o menos alto:
De taõ raras bellezas a excellencia
Agora nos meus rithmos naõ exalto,
Porque tanta deidade, e taõ luzida,
Jà naõ vejo entre as ramas eſcondida.

98.

A muſica horroroſa dos latidos
Nota 540. Dos Melampos, Barcinos, e Altimores,
Nota 541. De Hecuba pareciaõ os gemidos
Vendo abrazar-ſe Troya entre os ardores:
Nota 542. Pois, como Mera, foraõ convertidos
Nos caninos famelicos horrores
Os que antes com divinos privilegios
Eraõ brilhantes eſplendores Regios

99.

Inſtigados da ardente antipatia
Sahem dos propugnaculos frondoſos
Ao compaſſo da bellica harmonia
Os brutos com os gritos mais furioſos:
Ao venablo de Henrique reſiſtia
Hum Javali, que he Rey dos monſtruoſos
Habitadores da aſpera colonia
Do povo irracional de Calidonia. Nota 543.

100.

Tumido monte de carvaõ ardente
Se move o novo aſſombro de Erimanto, Nota 544.
E pareceo, que a mouta de repente
Se animou para ſer ao mundo eſpanto:
Sahe aos colmilhos cada eburneo dente,
E o punhal mais agudo o naõ foy tanto;
Sendo aos ſeus golpes horridos, e broncos
Debil defenſa os mais robuſtos troncos.

101.

Armando-ſe do eſcuro humido lodo,
Do ſol aos rayos endurece a malha,
Do ferro á prova ſe defende todo
Para entrar mais ſeguro na batalha:
Temo que a prevençaõ de qualquer modo
A' ſua aſtucia irracional naõ valha?
E que ſendo de Henrique o ameaço,
Reſiſta ao ferro, e naõ reſiſta ao braço.

102.

Temeraõ os fieis exploradores
O monſtruo, que em latidos deſcobriraõ,
Huns morreraõ dos dentes aos rigores,
Outros viveraõ ſó porque fogiraõ:
A alguns mataraõ os crueis horrores,
Outros feridos tremulos cahiraõ;
De dois julgo no alto, que ſaltaraõ,
Que nos dois Caens celeſtes ſe abraſaraõ, Nota 545.

103.

Eſpantouſe huma candida Hacanea,
Nota 546. Que a belliſſima Aldara dominava,
E ella no precipicio, que recea,
Largando a redea, o riſco ſe augmentava:
Deſta amavel priſaõ rompe a cadea
O bruto, que as fortunas ignorava,
Como ſe conſeguiſſe em tal deſvio
Nota 547. A maquina, ou inſtinto, ou alvedrio.

104.

Levou Aldara ao alto da montanha
Para augmentar a força do deſpenho,
Mas Pelayo em tragedia taõ eſtranha
Buſca de outra fineza o deſempenho:
O ſeu cavallo deixa na campanha,
E no perigo acrecentando o empenho
Faz com a eſpada o bruto em mil pedaços,
Recebe a amada Deoſa nos ſeus braços.

105.

Eſte he o primeiro bem, que devo à ſorte,
Diz Pelayo, mas foy a tanto cuſto,
Que eu dera a vida com felice morte,
Porque da tua naõ tiveſſe o ſuſto;
Naõ perdeo o acordo em mal taõ forte
Aldara, e concedendo o premio juſto,
A Pelayo, com roſtro mais propicio
Lhe agradeceo benigna o beneficio.

106.

Voltou o Javali, donde Tereza
Se aſſuſtara à naõ ver que o ſegue Henrique,
Mas ao perigo proprio huma fineza
Naõ permitio que as atençoens apliqne:
Tudo fia da heroica fortaleza
Do Heróe, porque os triunfos multiplique;
Tudo teme, que nunca neſta parte
He hum cobarde amor filho de Marte.

107.

Henrique prevenindo o ſacrilegio,
Vibrando a lança as duras armas rompe,
Naõ pode reſiſtir ao braço regio,
Que as horridas defenſas interrompe:
Verteo o immundo ſangue o golpe egregio,
Que inficionando a terra o ar corrompe;
Mas a falta o furor naõ debilita,
Quando a ferocidade mais ſe irrita.

108.

Naõ reſiſtio a lança ao novo impulſo,
Mas da caça ſentio no ferro breve
O bruto tal vigor do forte pulſo,
Que agora ſente o muito, a que ſe atreve;
Mas ſe no arrojo ſe julgava inſulſo,
Opiniaõ de ſagáz na morte teve;
Pois ſe rendeo a Henrique a bruta vida,
Ficou na illuſtre morte ennobrecida.

109.

Vingou Pelayo, vendo livre Aldara,
Em tantos Javaliz o ſeu perigo,
Que quaſi huma hecatombe lhe prepara, Nota 549.
Fazendo ſacrificio do caſtigo.
Bermudo hum taõ feroz ali matara,
Que a Vrania renovando o caſo antigo,
Diſſe: hum trofeo na caça te conſagro
Melhor do que á Atlanta Meleagro.

110.

Mil forãõ os despojos, que hoje as feras
Aos nobres caçadores entregaraõ,
E os Caens, que as descobriraõ, nas esferas
Entre os aſtros ſeu nome eternizaraõ:
Oribaſo nos montes ſempre imperas, Nota 550.
Dorceo na aguda viſta te chamaraõ,
Leucon pela cor branca conhecido,
Theron até no nome enfurecido.

111.

111.

Là vay correndo candida huma Cerva;
Neve parece a quem o Sol deſata
Da corrente, que rigida a reſerva,
Para a deixar correr liquida prata:
Mas apeſar de Cintia, e de Minerva
Volante golpe a cor lhe desbarata;
E veſtindo de purpura a brancura,
Tem no criſtal do rio a ſepultura.

112.

De Urania foy a venturoſa ſeta,
Que ferio eſta Cerva venturoſa,
Em criſtalino Ceo vago cometa
Com bella morte a quis fazer ditoſa;
Tanto o medo te cega, e te inquieta,
Diſſe Bermudo à Cerva temeroſa,
Que as flores deixas, buſcas os abrolhos,
Sentes as ſetas, por fogir dos olhos?

113.

Deve darte por culpa taõ groſſeira
Caſtigo taõ felis, que o naõ mereces,
Devendo ſer cruel, foy liſongeira
Eſſa immortal ferida, que padeces:
Se a hiſtoria ſe tiver por verdadeira
De outra Cerva, com ella te pareces
Dando a vida a Ifigenia ſobetana,
Como agradavel victima a Diana.

Nota 551.

114.

Naõ julgues, que te imito no cobarde,
Pois ſem fogir as ſetas homicidas,
Tanto o meu peito aos bellos olhos arde,
Que para os rayos multiplico as vidas:
E para que os incendios naõ retarde
Ambicioſo do amavel das fetidas,
Buſco de perto o delicioſo encanto,
E avivo o fogo ſuſpendendo o pranto.

115.

115.

De Licaon retratos infinitos
Conſervando a tenaz voracidade,
Moſtravaõ caſtigados os delitos,
Que cauſaraõ de Pirrha a tempeſtade:
Quando os mortaes na inundaçaõ aflitos,
Por ter do Ceo mais proxima a piedade,
Abandonando humildes oriſontes,
Naõ tem aſilo nos ſublimes montes.

Nota 552.

Nota 553.

116.

Exterminar a eſpecie furibunda
A grande montaria procurava,
E dos Lobos crueis a plebe immunda
Por todas as veredas ſitiava:
O tiranico exercito, que inunda
O gado manſo com torrente brava,
Vé deſpojar ſeus impetos groſſeiros
Para izençoens eternas dos cordeiros.

117.

Tal houve, que aſſaltando a Dorimène
Devorara a lindiſſima paſtora,
Se Dorſino das Serras de Pirene
Naõ oppuſeſſe a eſpada vencedora:
Dorſino, a quem o amor nunca condene,
Porque menos atento, ou fino adora,
Dando em ſeu coraçaõ felîz dominio
A' Venus, que o Erice achou no Erminio.

Nota 554.

Nota 555.

118.

Mas o Lobo ſobindo pela eſpada,
Foy na maõ do paſtor vingar a morte,
E devorou com furia arrebatada
Com a boca crùel o braço forte;
A paſtora das ancias animada
Vay ſocorrello, mas a iniqua ſorte
Fez cair aos ſeus pés com triſte indicio
A fera, e o paſtor por ſacrificio.

119.

119.

Ao Heróe Leonez Pedro Bernardo
Outro Lobo ferós ouzado aſſalta,
Mas igualmente pronto que galhardo
No ar o mata à lança quando ſalta:
Outro, que em atreverſe foy mais tardo
Com o golpe do alfange o campo eſmalta,
Donde inficiona o verde, e o florido
Com venenoſo ſangue denegrido.

120.

Ruſtico hum caçador com força deſtra,
E a quem faltou da caça o valor nobre,
Temendo hum Lobo foge da paleſtra,
E dos boſques no intimo ſe encobre:
Nota 556. O perſpicàs eſpoſo de Hipermneſtra
No centro impenetravel o deſcobre,
E o cobarde ſentio, ſem que o reſiſta;
Mais agudas as unhas, do que a viſta.

121.

Naõ valeo a deſtreza ao ſagàs bruto;
Com que à morte fogio fogindo à morte;
Porque Vulpeyo hum caõ pronto, e aſtuto
O deſpedaça com impulſo forte:
Salta hum Lobo cerval taõ reſoluto,
Que das lanças rompeo circulo forte,
E acometendo a todos com fereza,
De todos ſe livrou com ligeireza.

122.

Naõ amando exercicios taõ ferozes,
Fazem outros, que ſe ouçaõ na campanha,
De alegres gritos venatorias vozes,
Com que a caça das lebres ſe acompanha:
Com azas do temor voaõ velozes,
Porém, ou dos Falcoens a cautela eſtranha,
Ou dos ligeiros Galgos dura guerra,
Unem contra hum ſó bruto o ar, e a terra.

123.

Da trela com vigor ſahio Centelha
Dos campos Lauricenos veloz filha
Na matizada cor branca, e vermelha
Canicula terreſtre ardente brilha:
Nunca para correr ſofreo parelha,
Porque a competidoras naõ ſe humilha
Naõ tem no vivo os olhos paralello,
Delgado o talhe, e mais delgado o pello.

Nota 557.

124.

De Urania no favor deſvanecida
Naõ ſe ſoltàra da prizaõ dourada,
Nem rompéra a cadea appetecida,
Se naõ dos ſeus preceitos obrigada:
Pelo Ceo de eſmeraldas impellida
Terreſtre exhalaçaõ corre animada,
Centelha iguala, e toca levemente
Prompta faiſca a exhalaçaõ ardente.

125.

A vida lhe dilata em largos giros,
E embaraçando os impetos ligeiros,
Naõ lhe deixa valerſe dos retiros,
Em que ſó tinha aſilos verdadeiros;
Até que exhala os ultimos ſuſpiros
A lebre em deſalentos naõ groſſeiros,
Porque ou maquina foſſe, ou ſenſitiva,
Foy por Urania racional, e viva.

126.

Ao meſmo tempo os ares ſe povoaõ
De crueis ſettas, de aves innocentes,
Aquellas mataõ mais, que as outras voaõ,
E vemſe unidas penas diferentes;
As que doces cantavaõ, triſtes ſoaõ,
As que animaõ o amor, ferem ardentes,
Sobem a hum tempo, e deſcem inquietas,
Mortaes as aves, immortaes as ſettas.

127.

Neſte enſayo da arte venatoria,
Na diverſaõ inutil, mas auguſta
Da virtude Marcial á heroica gloria,
O Herôe as maximas bellicas ajuſta:
Nota 558. Para alcançar das feras a victoria
O Principe exercita guerra juſta;
E deſtruindo os Lobos carniceiros,
Patrocina os pacificos cordeiros.

128.

Aqui o ardente Sol, e a fria bruma
Aos corpos delicados endurece,
A força de ſer agil ſó preſuma,
Para evitar o riſco, que conhece:
De eſtratagemas a arte ſe reſuma
A' caça, que taõ deſtra ſe conhece,
Para attrahir incautos inimigos,
Nobres enganos, inclitos caſtigos.

129.

Aqui ſabe cortarſe a retirada,
Seguir, e aprizionar os fogitivos,
Exercitar da ſetta, lança, e eſpada;
Os acertos, e os golpes mais activos:
A arte equeſtre taõ util, e eſtimada
Exercita primores exceſſivos;
Que no dezembaraço, e na deſtreza,
Adquirem o vigor, e a fortaleza.

130.

Aqui claras as ordens deſtribuem
Os que formaõ projectos venatorios,
E os inſtrumentos bellicos influem;
E ſem voz os preceitos ſaõ notorios:
Nas memorias, que os brutos ſe attribuem
Nota 559. De Alcides, Meleagros, e Sertorios,
No Leaõ, Javalí, e aſtuta Cerva,
Vivem Bellona, Pallas, e Minerva.

131.

Em fim enſina a caça a Geografia
Com o conhecimento do terreno,
E o General já nella conhecia
Boſque inculto, alto monte, e prado ameno:
O campo de batalha deſcobria
Mais eſtreito, mais largo, ou mais pequeno,
Reduzindo o paiz a breve ponto
A viſta aguda, e o juizo pronto.

132.

Aſſim diſcorreo Cyro com Criſanto,
Quando ganhou de Armenia a vaſta terra,
E ao ſer de Azia terror, do mundo eſpanto,
Louvava a caça, exercitava a guerra;
Aſſim o fez quanto Rey grande, e quanto
Da fama o templo genio illuſtre encerra,
Quando huma arte taõ nobre em ſeu progreſſo
Naõ degenera em vicioſo exceſſo.

Nota 560.

133.

Outra vez te invoquey, claro Mecenas,
Mais do que Antonio Auguſto Luzitano,
E outra vez me inſpiraraõ as Camenas,
Quanto admirey no campo Tranſtagano:
Naõ frágeis ſettas com ligeiras pennas
Diſparava o teu braço ſoberano,
Ardentes rayos ſim de impulſo certo,
A quem Jove envejou poder, e acerto.

Nota 561

134.

Ou de hum ſó tiro os animaes ferozes
De hum globo de metal ſaõ ſignos vagos,
E humilhando os ſeus impetos atrozes,
Te devem na atençaõ nobres eſtragos:
Ou de Saturno breves, e velozes,
Plúmbeas eſferas, circulos preſagos,
Fazem do fogo a empenho taõ violento
Ser o metal mais leve do que o vento.

Nota 562.

135.

De hum Adonis a lança vingadora
Satisfaz outro Adonis, vence Marte,
E outras vezes do Touro vencedora,
Escusa de Medea a infeliz arte:
Eu vi fogir a Cerva voadora,
Naõ lhe valendo a mais distante parte,
Para livrarse a taõ fatal effeito,
Porque azas do temor corta o respeito.

136.

Nota 563. Teus Irmaõs, Pay, e Avo no Regio exemplo
Do venatorio bellico exercicio
Ja deraõ de Diana ao sacro templo
Em mil feras heroico sacrificio:
Nota 564. Em novo augusto Principe contemplo,
Que hoje he demonstraçaõ o antigo indicio,
De que triunfando na arte venatoria,
Antecipa os ensayos da victoria.

137.

Nota 565. Francisco, que he no agil, no robusto,
Do ar, da terra, e mar com tal dominio
Absoluto Senhor, Principe augusto,
Logra em continuo acerto alto desinio:
De aves, brutos, e peixes, prompto susto
Deveo da Musa ao claro vaticinio,
Que deixe o grande nome celebrado
No canto venatorio eternizado.

138.

Nota 566. Manoel dos magnanimos ensayos
Sahio a merecer glorias divinas,
Empregando os impulsos dos seus rayos
Nas indomitas feras Bisantinas:
Vendo a Lua Otomana com desmayos
Eclipsarse nas luzes, que fulminas,
Por ti a Aguia do Açor vence a protervia,
Assegura Pannonia, doma Servia.

139.

Carlos, e Pedro nos floridos annos
Igualaõ os mais deſtros caçadores,
Tres Deoſas com acertos ſoberanos
Vencem de Cintia as luzes, e os primores:
Outra nos campos, Beticos, e Hiſpanos,
Deſpoja os louros, e produz as flores,
E a ennobrecem com altos privilegios
Hum Regio eſpoſo, dous Monarcas Regios.

140.

Com cem trombetas interrompe a Fama
Da caça os inſtrumentos retorcidos,
A grande empreza os animos inflama,
E os feitos vaticina eſclarecidos:
Diana cede a Pallas, arde a chamma
Do ardor Marcial nos coraçoens luzidos;
Retiraõ-ſe as Princezas a Lamego,
Marcha Henrique, e as tropas ao Mondego.

HEN-

HENRIQUEIDA

CANTO IX.

Argumento

Coimbra fortifica o Grande Henrique,
E a Pombal, e Leiria conquiſtando,
Porque eſtragos aos Mouros multiplique,
Vay toda a Eſtremadura devaſtando:
E para que o projecto ſe publique,
Aos Generaes valentes conſultando,
Ao Mouro buſca, que o ſeu campo forma,
E de eſtranhas viſoens Axa o informa.

1.

Antes que as aves com clarins ſonoros
Deſpertaſſem o exercito das flores,
E aos harmonicos ecos, e canoros,
Se avivaſſem da Aurora as bellas cores,
E que attrahindo a Febo os doces coros, Nota 568.
Delle aprendeſſem muſicos primores,
E com tanta celeſte melodia
Se ajuſtaſſe dos orbes a harmonia.

2.

As trombetas, e as caixas retumbavaõ
No campo dos heroicos Portuguezes,
Os ſoldados equeſtres já marchavaõ
Dando mais luz que o dia os ſeus arnezes;
As pedeſtres milicias ſe formavaõ,
Henrique corre as linhas muitas vezes,
Sem perdoar leviſſima deſordem,
Faz a aliança do valor, e a ordem.

3.

3.

No paiz, que lhe rende á vaſſallagem,
Toda a terceira linha ſe reſguarda,
E as maquinas de guerra, e a bagagem
Marchavaõ na ſegura retaguarda:
Nas maõs lhe renovàra a homenagem
Quanto cabo fiel as praças guarda;
E porque a diverſaõ naõ aconteça,
Hum corpo deixa, que o paiz guarneça.

4.

Dom Garcia Rodrigues ſempre illuſtre, Nota 569.
De que o ſangue Coutinho ſe deriva,
Que deo a Africa honra, a Europa luſtre,
Governa a valeroſa comitiva:
E porque a devoçaõ nunca ſe fruſtre,
Buſcaõ todos no templo com fé viva,
E com pios affectos, e devotos,
O deſempenho dos ardentes votos.

5.

Naõ ſe arriſcou Amado a ver Aldara,
Porque temendo a ſua fermoſura,
Se a ſaudade ao ſemblante perturbara,
O valor malquiſtára na ternura:
E quando para eſtragos ſe prepara,
E contra o que ella adora ſe conjura,
Ou pelo amor o brio ſe eſquecera,
Ou groſſaria a honra ſe fizera.

6.

De Tereſa, e de Affonſo o Grande Henrique
Fino, porém conſtante ſe deſpede,
Porque ao darlhe hum Imperio juſtifique
A promeſſa, que o Numen lhe concede:
As lagrimas Urania multiplique,
Quando Bermudo a permiſſaõ lhe pede
De naõ morrer das armas á violencia,
Se naõ aos golpes de huma triſte auzencia.

7.

7.

Naõ chegava ainda o Sol da bella Aſtrea
Ao equilibrio com que o mundo alcança,
Hum bem, que a injuſtiça naõ recea
Pondo igual o ſeu ouro na balança:
Como o Mondego facil ſe vadea,
Em quanto com a frigida mudança
Naõ ſe engroſſa com rapida torrente,
As ſuas margens buſca promptamente.

8.

Cinco vezes no Ceo naſceo a Aurora,
E outras tantas no mar Apollo morre,
Quando Henrique nas marchas, que melhora
Pelo campo Colimbrico diſcorre:
Campou juntó á Cidade, porque agora
Primeiro a fortifica, e a ſoccorre,
Do que paſſar o rio forte emprenda,
Sem ſegurar a ponte, que o defenda.

9.

Nota 570. Quanto na Poliorcetica o experto
Grego, e Romano contra as praças uſa,
Prevenira o deſtriſſimo Roberto
Nota 571. Novo Archimedes de outra Siracuſa:
Com brevidade, metodo, e acerto,
Faz que a diſpoſiçaõ, ſem ſer confuſa,
Vença com prevençoens, e com porfias,
Obra de largo tempo em poucos dias.

10.

Dos torrioens os angulos flanquea,
Os terraplenos enche, e fortifica,
Alli repara de huma, e de outra amèa
As ruinas, e offenſas multiplica:
Ao foſſo, que em graõ circulo rodea
A forte praça, tal cuidàdo aplica,
Que nelle por conduto occulto, e cego
Sangria de criſtal deu ao Mondego.

11.

11.

Superava eminente Cidadela
A altiva ſituaçaõ da forte praça,
Prevenido Roberto guarda nella
Maquinas, com que os Mouros ameaça:
Soteraneos encobre com cautela,
Com que o ſitio, ou malogra, ou embaraça,
Que enſinou bruto timido, e aſtuto,
E imita o homem ſabio, e reſoluto.

12.

Da ponte reparou a Fortaleza,
Que os primeiros impulſos desbarata,
Da ponte, em que do marmore a riqueza
Nos mais excelſos arcos ſe deſata:
De Coimbra a alegria, e a belleza
Pinta o Mondego em lamina de prata,
E enriquecido com o objeto grato
Vay levar a Neptuno o ſeu retrato.

13.

Guarniçaõ numeroſa he o preſidio,
Com que a Coimbra Henrique aſſegurava,
Ao ſciente Roberto, ao forte Helvidio
O graõ Pedro Bernardo governava:
De armas, e muniçoens largo ſubſidio
Com abundantes viveres deixava,
Para que nem do largo do bloqueyo,
Nem do pronto do aſſalto haja receyo.

14.

O Mondego a paſſagem facilita
Pelos liquidos circulos de argento
Ao Luſitano exercito, a que incita
Da patria, e religiaõ gloria, e augmento:
Ainda em paiz dos Mouros ſe exercita
Da exacta diſciplina o documento,
Sendo de Henrique o animo piedoſo
Até com ſeus contrarios generoſo.

15.

Com ouro, e eſmeraldas das eſpigas
Enriquece aos mortaes prodiga Ceres,
Com que, ò Agricultura, das fadigas
Largamente o trabalho recuperes,
E com que das torrentes inimigas
No fertil anno as perdas remuneres,
Multiplicando os nitidos tributos
No aureo teſouro dos opîmos frutos.

16.

Campando no paiz dos inimigos,
De que ao longe ſó vio poucos ſoldados,
Se aviſtaõ de Pombal muros antigos,
Que ſe acharaõ de novo reparados:
Henriqne reſolveo darlhe os caſtigos,
Que por ſer temerarios mais que ouſados
Pelas leys militares mereceraõ
Os que as pequenas praças defenderaõ.

17.

Deſpreza Oſman os feros ameaços,
E reſponde que eſpera ſeja eterna
Pela força invencivel dos ſeus braços
A defenſa da praça, que governa:
Jà as Maquinas fazem em pedaços
Dos velhos muros toda a linha externa;
Por dentro fabricou fortes, e duras
Com largo foſſo largas cortaduras.

18.

Hercules de Rohan, e os ſeus Francezes,
Para ſegar o foſſo, e dar o aſſalto,
Com juſta emulaçaõ dos Portuguezes
Tudo rendeo à hum animo taõ alto:
Alano ſeu irmaõ, que ſem arnezes
Paſſou o foſſo de hum ligeiro ſalto,
Morto cahio de huma fatal ferida
Da guarniçaõ, que faz huma ſortida.

19.

O Principe galhardo de Bretanha
Eſtimulado do infeliz ſucceſſo,
E de que o Regio ſangue na campanha
Animaſſe outro barbaro progreſſo:
Incitado o valor da pena eſtranha
Tanto augmentou do impulſo o raro exceſſo,
Que pela meſma porta, a que embaraça,
A ſortida que ſahe, entra na praça.

20.

Primeiro com os ſeus vencera o foſſo,
E as ſetas, que tiravaõ das ameas,
Da guarniçaõ rompera todo o groſſo,
E das bocas das ruas as cadeas;
O eſtrago univerſal contar naõ poſſo
Sem manchar com o horror nobres idéas;
Porque o rio purpureo, que corria,
De que era o ſangue barbaro eſquecia.

21.

Naõ teve entre o furor uſo a piedade,
E tudo foy de Alànò ſacrificio,
Fermoſura, valor, ſexo, ou idade,
Nem com o pranto achou o ardor propicio:
Oh permitida, mas infiel crueldade
De animo generoſo eſtranho indicio!
Porque perde ao vencer ſem reſiſtencia
A magnanimidade na violencia!

22.

Henrique ſe laſtima da deſordem,
Louva o valor, mas o furor condenna,
Preſidia a Pombal, publica a ordem
Da marcha, adonde o Liz ſe junta ao Lena:
Mas porque os Generaes todos concordem
No militar projecto, logo ordena
Hum conſelho, a que ſejaõ convocados
Os principaes Varoens aſſinalados.

23.

Heróes invictos, diz, já que a fortuna,
Que cede à providencia o vago imperio,
He para Portugal sempre opportuna,
E para Mauritania vituperio;
Porque o valor à disciplina se una,
E gloria só respire este emisferio,
E do Numen no auspicio soberano
Tenha principio o Reyno Lusitano.

24.

Com marcial, com illustre liberdade
Espero huma magnanima reposta,
Porque nella o acerto me persuade
Toda a resoluçaõ desta proposta:
Zelo, valor, sciencia, amor, verdade
Na vossa reflexaõ verey exposta,
Que estes cinco axiomas verdadeiros
Constituem os sabios conselheiros.

25.

Todos sabeis, que a Corte de Borgonha
Deixey para buscar na terra Hispana
Nobres perigos, a que a vida exponha
Com pura fé sem ambiçaõ profana:
Sem que estranhos assumptos interponha,
Callarey quanto fiz contra a tirana
Barbara infiel naçaõ dos Mahometanos
Servindo ao Graõ Monarca dos Hispanos.

26.

Tambem naõ contarey, que interrompendo
O projecto, que o Ceo me determina,
Tomey a Cruz cerulea, que estais vendo,
E à conquista passey de Palestina,
Donde Gofredo com estrago horrendo
Dos filhos de Ismael fatal ruina
Com valor pio, e zelo nunca visto
Nota 572. O Graõ Sepulcro libertou de Christo.

27.

27.

O Emperador Leonez Affonſo Sexto
Me concedeo huma inclita Princeza,
Naõ por algum politico pretexto,
Mas por premio felice da fineza:
Naõ pelo cronologico contexto
Hey de contarvos huma, e outra empreza,
Com que em voſſo valor augmento teve
Da terra Portugueza a porçaõ breve.

28.

Quanto encerra a Provincia Interamnenſe Nota 573.
Do fertil Minho ao Douro caudaloſo,
Donde o nome formou Portugalenſe
Em Porto, e Gaya Portugal glorioſo:
Quanto aſſaltando os Ceos as nuvens vence Nota 574.
De outra provincia o ſitio montuoſo,
E quanto ainda em Leaõ Affonſo o torga Nota 575.
No dominio feliz da forte Aſtorga.

29.

Quanto vaſto paiz inclue a Beira,
E rega o Douro, o Daõ, o Alva, e Mondego, Nota 576.
E quanto de Caminha até a Figueira
O Occeano combate ſem ſocego;
Ou como dote da mercè primeira,
Ou como da conquiſta juſto emprego,
Como Conde ſegura ao meu dominio
Alto valor, celeſte patrocinio.

30.

Nos primeiros progreſſos da campanha
Paſſando o Douro, e defendendo o Porto,
Do feroz Almançor a furia eſtranha
No meſmo rio o precipita morto:
Obrou qualquer de vòs tanta façanha,
Que ſe hoje em referillas me reporto,
He porque vendo eſtou neſſes ardores,
Que haveis dee xecutar outras mayores.

31.

31.

Derrotado o exercito Agareno,
Todo o paiz foy premio da vitoria;
Mancha-ſe o rio, inunda-ſe o terreno
Com ſangue, que rubrica a ſua hiſtoria:
Duplicado o ſeu Rey bebe o veneno,
Quando ſabe, que perde a fama, a gloria
No exercito, a que o noſſo derrotara
E em ſer morto Almançor, e preza Aldara.

32.

Em Africa Joſef entaõ ſe achava
Domando a rebeliaõ do povo infame,
Armada prevenio com furia brava,
Para que Portugal ſeu nome aclame:
Em quanto hum novo exercito formava,
Que a troféos mais heroicos nos inflame,
Vi da gruta fatidica huns veſtigios
De futuros certiſſimos prodigios.

33.

Em Axa Ançures ſuſcitou o Abiſmo
Huma guerreira, e indomavel furia,
Que renovando o falſo paganiſmo,
A' ſua propria ſeita fez injuria:
Em Lamego com cego paraſiſmo
Incita em vil cautela, em torpe incuria,
Para os aſtutos fins, e temerarios
Contra mim aos Vaſſallos tributarios.

34.

Padroens ſaõ os penhaſcos levantados
Da Serra ſeca no aſpero deſtrito,
Em que o tempo ha de ver melhor gravados
Os caſtigos fataes do ſeu delito;
Os Reys do trono aos ferros trasladados
Deſpojos ſaõ do voſſo braço invito;
E para ſer mais claro o ſeu deſdouro
Vaõ no triunfo com cadeas de ouro.

35.

35.

Na expugnaçaõ furioſa de Lamego Nota 577.
Se queima à hydra a ultima cabeça,
A Imagem tutelar foy nobre emprego
Do culto, que em ſeus votos ſe intereça:
Nova conſpiraçaõ de impulſo cego
Nem da noute entre as ſombras hoje eſqueça,
Para que à eternidade ſe conſagre
Entre as luzes divinas do milagre.

36.

Do milagre, que a Affonſo capacita
Aos trabalhos do bellico exercicio,
E a quem Moniz intrepido habilita
Da illuſtre educaçaõ ao beneficio;
He Aldara hum penhor, que facilita
Da deſejada paz o bem propicio;
Mas ha de ſer depois que eſte emisferio
Veja fundado o Luſitano Imperio.

37.

He Muley hum contrario valeroſo,
A quem ſó entre os barbaros reſpeito;
Nunca vi tanto affecto generoſo
No eſpaço infiel de hum Mahometano peito:
O amor de Aldara o faz mais animoſo,
E ſe ha de prevenir o activo effeito,
Que hum coraçaõ produz, ſe a hum tempo encerra
Entre ſetas do Amor rayos da Guerra.

38.

Já de Joſef as tropas encaminha,
Que a Leyria marchavaõ de Lisboa,
ElRey de Fez com ellas ſe aviſinha,
Cobre a planicie, o monte ſe coroa:
Com marchas apreſſadas já caminha
Para a pronta vitoria, que apregoa,
Seu falſo coraçaõ naõ diz preſago,
Que os faz correr para o ſeu proprio eſtrago.

39.

39.

Conſtame por fiel intelligencia,
Que as maquinas de guerra, que conduzem
Ao ſitio de Coimbra com violencia,
Vigoroſos projectos introduzem:
Haõ de encontrar taõ forte reſiſtencia,
Por mais que iras, e furias reproduzem,
Que em D. Pedro Bernardo ſe aſſegura
Quanto a conſtancia no valor ſe apura.

40.

Mas porque naõ pareça que receyo
De Europa, Africa, e Aſia o Povo imundo,
Quando por mar a ſocorrelo veyo
Barbara multidaõ, que infama o mundo:
Naõ de eſperanças vans me liſongeo,
Naõ em ligeiras maximas me fundo;
Naõ pódem apagar claros veſtigios
Do Ceo milagres, do valor prodigios.

41.

Se houvermos de ſeguir o impulſo ardente
Do eſpirito marcial, que nos anima,
Na meſma marcha a Mahometana gente
Achará quem ſeus impetos opprima:
Mas ſe algum com aviſo mais prudente
Contrario voto com razoens exprima,
Livremente o explique de outra ſorte,
Porque nos aſſegure hum campo forte.

42.

Se paſſar o Mondego o Rey tirano,
Cortando-lhe os combois da propria terra,
Tambem lhe cauſaremos mayor dano
Em menos nobre, e mais ſegura guerra:
No ſitio de Coimbra o deſengano
Ha de encontrar pelo valor, que encerra,
A praça o debillta, o campo eu corro,
Até ter occaſiaõ para o ſoccorro.

43.

43.

E em quanto a praça bate com porfia,
Tambem a diverſaõ facilitada
Ganhará com ventagens a Leiria,
Ou deixará Coimbra aſſegurada;
Se deſtes tres projectos ſe deſvia
A voſſa diſciplina conſumada,
Paſſará eſte exercito ao emprego
De diſputar o paſſo do Mondego.

44.

Mas aſſim ficarà taõ pouco activa
A conquiſta total do Mouro Imperio,
Que reduzindo a guerra à defenſiva,
Será, quanto era gloria, vituperio:
No ſeu paiz faremos a offenſiva,
E já vejo gravadas no emisferio
Voſſas acçoens, que ſaõ com nova eſſencia,
De ſi proprias o aſtro, e a influencia.

45.

Naõ cabe, Heròes, em vòs deſconfiança,
Se hum valor reſpiraes ſempre admiravel,
Modere à Fortaleza a Temperança,
E a Prudencia ao Furor faça tratavel:
Todos temos no Ceo certa eſperança,
Mas ſeu alto ſegredo inexcrutavel
Diſpoem, por diſſipar noſſos receyos,
Seus os milagres, ſó ſe faltaõ meyos.

46.

Nem a reſoluçaõ mais atrevida
Acharà no meu peito repugnancia,
Nem a mais moderada, e prevenida
Encontrarey por ira, ou arrogancia:
A força, e diſciplina veja unida
Em todos a prudencia, e a conſtancia;
Toda a minha fortuna em vòs reſpire,
Eu vos conſulto, o Genio vos inſpire.

47.

Diſſe: e rompe o ſilencio o nobre Cunha,
E ſabio quer que o campo fortifique;
Como provecto as maximas propunha,
Porque tudo à defenſa ſó ſe aplique:
As grandes forças barbaras expunha,
E que ſem que os perigos multiplique,
Seu primeiro furor reſiſta a ordem,
Até que ſe diſſipem na deſordem.

48.

Que ou nos buſquem no campo, e lhes reſiſta
A natureza, a quem ſoccorre a arte,
Ou de Coimbra intentem a conquiſta,
Donde o Mondego as forças lhe reparte,
Sem que ſeja poſſivel, que ſubſiſta
Sem receber combois da oppoſta parte,
Que o Conde Oſorio as tres provincias guarda,
E os das duas o exercito retarda.

49.

Que ou o ſitio levanta, ou guarnecidas
As linhas com hum corpo numeroſo,
Que as defende das rapidas ſortidas,
E fique o reſto menos vigoroſo;
Ou por naõ ter as tropas deſunidas
Paſſa outra vez o rio caudaloſo,
Que dificulta o liquido caminho
Com as agoas do inverno já viſinho.

50.

E que entaõ diſputando-lhe a paſſagem
Da meſma parte auſtral, donde campamos,
Fica à noſſa eleiçaõ toda a ventagem,
Que para as Luſas armas procuramos:
Do ſeu paiz teremos vaſſalagem,
Quando as contribuiçoens delle tiramos,
E tenha o ſeu exercito o receyo
De que ao formar hum ſitio ache hum bloqueyo.

51.

Diz, que bem ſabe, que com gente armada
O ſoberbo Africano o mar domina,
E a praça de Buarcos conquiſtada
Deixa livre a campanha criſtalina,
Por donde a conducçaõ facilitada
Ao exercito os viveres deſtina;
Em quanto de Coimbra o ſitio dura,
Mas que outro inconveniente ſe conjura.

52.

E he do tempo hiemal a horrenda furia,
Das prayas a duriſſima aſpereza,
Do Auſtro a oppoſiçaõ, do Noto a injuria,
E dos portos o riſco, e a eſtreiteza:
Da ſciencia maritima na incuria
Terá dificuldade a ſua empreza,
E ganhando do tempo o beneficio,
A' prudencia o valor ſerá propicio.

53.

Do largo voto o Tavora impaciente
Diz, que he dos Portuguezes triſte offenſa
As chamas apagar do peito ardente,
E trocar a conquiſta por defenſa:
Que o Mouro ſe fará mais inſolente
De Africa tranſportando gente immenſa;
De Coimbra o perigo bem diſcorre,
Se a praça com vigor naõ ſe ſoccorre.

54.

Se o primeiro he inutil ao progreſſo
Deſte projecto o campo, que buſcamos,
E o Mondego das agoas com o exceſſo
A favor do inimigo lhe deixamos;
De paſſalo he dificil o ſucceſſo,
Pois o exercito immenſo ponderamos,
E aſſim que, ſem que o tempo ſe dilate,
O vamos encontrar para o combate.

55.

Vay o prudente Souſa ponderando,
Que ſe paſſe outra vez o largo rio,
E a ponte de Coimbra aſſegurando,
O Mouro ſe provoque ao deſafio,
Antés que o Sagitario và vibrando
Liquida neve, intoleravel frio;
Porque offendaõ ao barbaro deſvelo
Diluvios de criſtal, ſettas de gelo.

56.

Sem forragens a terra em montes de agoa;
Os caminhos aos carros intrataveis,
Fará, em quanto o rio naõ deſagoa,
Os combois de mais longe impraticaveis:
Que veraõ perecer com triſte magoa
Os Mouros ſeus apreſtos formidaveis;
E porque os armazens guarda Leyria,
Por entrepreza a praça ganharia.

57.

A Souſa, Cunha, e Tavora approvando
Os outros Generaes nos votos ſeguem,
A diviſaõ já hia eſtimulando
Aos que vencer os outros naõ conſeguem:
De Egas Moniz o geſto venerando
Faz que em ſeu roſtro as attençoens ſe empreguem,
Nota 578. Hercules eloquente ſem deſdouro
Prende os ſentidos com cadeas de ouro.

58.

Invenciveis, e ſabios Luſitanos,
A que o Ceo claramente favorece,
Terror eterno aos impios Mahometanos,
Que laço hoje a Diſcordia dèſtra tece?
Nota 579. Eu a vejo, eu a vejo, os ſeus tirannos
Aſpides, com que tragica apparece,
Introduzio com venenoſas cores
Da eloquencia marcial nas bellas flores.

59.

59.

Ser parciaes do valor, ou da cautela,
Hum imitando Achilles, outro Uliſſes,
Naõ diminue a gloria, a que ſe anhela,
Aos que ſaõ valeroſos, e felices:
Eu naõ ſou o que menos ſe deſvela
Em prevenir ſucceſſos infelices,
Nem o que tendo a Henrique taõ propicio,
Da vida hey de negarlhe o ſacrificio.

60.

Os milagres do Ceo vi taõ patentes,
Que a Fé, e a gratidaõ ſe arriſcariaõ,
Se eu duvidaſſe as provas evidentes,
Que os olhos ouvem, e os ouvidos viaõ:
Buſquemos logo os Mouros inſolentes,
Que tanto deſtas armas ſe deſviaõ;
Para formar o exercito em batalha
Sirva o mar à direita de muralha.

61.

Na ala eſquerda outro exercito nos guarda
De milhoens, e milhoens de verdes pinhos, Nota 580.
O Mondego aſſegura a retaguarda,
E dá aos mantimentos os caminhos:
Se ao Mahometano o vernos acobarda,
E ſe retira aos montes mais viſinhos,
Antes do que conſiga o ſeu intento,
O atacamos na marcha em movimento.

62.

Sobre a praya do indomito Oceano Nota 581.
Na terra aſſalta ao Ceo hum mar de area,
Que ondas, e nuvens rapido, e tiranno,
A Eolo ſuperior une, e enlea:
Vio Geraldo hum thezouro ſoberano
Que encobre no ſeu centro a ſacra idéa,
Que teve em Nazareth ſeu culto antigo,
E hoy aſſilo do ultimo Rodrigo.

63.

Se nelle teve fim o Godo Imperio
E lhe deu vida a ſuperior Deidade,
Buſcarmos eſte ſitio tem miſterio,
Com que Henrique ao imperio perſuade;
Quanto paſſa no mar, e no emisferio,
Alli ſe obſervarà com mais verdade
Para impedir com vigoroſa guerra,
Do mar a armada, o exercito da terra.

64.

Dom Fafes Luz levanta o eſtandarte,
E diz: creyo, ſenhor, que acerto tanto
Nem pòde duvidalo o meſmo Marte,
Que Moniz ainda a Marte he forte eſpanto.
Unem-ſe os votos de huma, e outra parte,
E antes que eſtenda a noute o negro manto,
Approvando o projecto o nobre Henrique,
Faz que a ordem da marcha ſe publique.

65.

Nota 582. Jà no Eſcorpiaõ celeſte o claro Apollo
Se preſervava do immortal veneno,
E em ſeus rayos beneficos o pólo
Eſtava ainda benevolo, e ſereno:
Moderava aos ſeus ſubditos Eolo,
Nota 583. E a Pomona, e Vertuno o campo ameno
Dos ſaſonados frutos, que formava,
Os precioſos tributos dedicava.

66.

Quando formado em ordem de batalha
Pela direita o campo já deſfila,
Quando a Aurora os aljofares eſpalha
No orvalho matutino, que deſtila:
Vio Hazen de Leyria na muralha
A marcha, e cre, que a praça eſtá tranquila;
E já os ſeus receyos naõ ſe augmentaõ,
Vendo que as tropas para o mar ſe auzentaõ.

67.

67.

Mas tanto que o Nadir na noute eſcura
Prende a Febo no oppoſto meridiano,
E Morfeo contra o mundo ſe conjura
Do opio lethal no imperio deshumano,
Henrique mayor danno lhe procura,
Que no inimigo esforço o meſmo engano,
Manda hum corpo de tropas com preſteza
A Leyria eſcalar por entrepreza.

68.

Do Tavora fiou a acçaõ illuſtre
Com eſcolhido igual deſtacamento,
Eſcadas leva, porque naõ ſe fruſtre
Pela altura dos muros eſte intento;
Eſconde a Lua o argentado luſtre,
E as Eſtrellas ſeu claro luzimento
Nas nuvens, de que a noute o manto tece
Das ſombras, com que aos Luſos favorece.

69.

Eco eſcutava, ſe hum acento breve
Entre o ſilencio repetir podia;
Mas ſem ouvir a clauſula mais leve
Deixa chegar as tropas a Leyria:
Qualquer expugnador pronto ſe attreve
Por toda a parte, a que chegar podia,
A animar com a ſombra ainda ſeguros
Altas eſcadas aos ſublimes muros.

70.

Primeiro acorda Hazen que as ſentinelas,
Que ſerendem do ſono ás leys indinas,
E vé dos Portuguezes as cautelas,
Quando já tropeçava nas ruynas:
A luz, que nega a Lua, e as Eſtrellas,
Suprio a arte em vigilancias dinas
Nos fogos, que acendeo ſobre a muralha
Formando a guarniçaõ logo em batalha.

71.

71.

Com huma parte os torreões guarnece,
Outra com pedras ſobre o muro corre,
Com as ſettas o ar mais ſe eſcurece,
Huns defendem a porta, outros a torre;
Hazen, que ao mayor riſco ſe offerece,
Valeroſo diſpoem, agil diſcorre;
Arroja contra os Luſos invenciveis
Penedos duros, pinhos combuſtiveis.

72.

Com as faxinas ſe cegara o foſſo,
Com as eſcadas ſe aſſaltara o muro,
Sobre as muralhas ſe formara hum groſſo,
Vence a maquina a porta em golpe duro:
Grita o Tavora: o dia he todo noſſo,
Morra ao ferro Chriſtaõ o Mouro impuro;
E porque ſe lhe augmentem as cegueiras,
Até ſe eclipſe a Lua das bandeiras.

73.

Sobre o muro o Catholico Eſtendarte
Do ſinal vencedor triunfante arvora,
Muitos ſeguindo o Luſitano Marte,
Poem já na praça a inſignia vencedora,
Corre o ſangue infiel por toda a parte:
Luſitania ſe alegra, Africa chora:
Hazen enveſte ao Tavora furioſo,
E entrega a vida ao braço valeroſo.

74.

Manda ceſſar o eſtrago fulminante,
E eſtá livre no medo, que o enlea,
Da morte, que tem longe o tenro infante,
E que perto o decrepito recea:
Do ſexo feminil pranto inconſtante
Na laſtima a piedade liſongea,
Só perecem dos Mouros, que perſiſtem,
Os que ainda obſtinados ſe reſiſtem.

75.

Mil no forte Caſtello ſe introduzem;
Mas ao nacer o Sol vendo os eſtragos,
Só pelos ameaços ſe reduzem,
E com a liberdade ficaõ pagos:
Outros ainda na noute ſe conduzem
Fóra da praça, e quando correm vagos,
Ja encontrados todos das partidas
Rendem á nobre eſpada infames vidas.

76.

Correa com preſidio competente
Governa a nova praça conquiſtada;
Dos deſpojos o Tavora excellente
Só para ſi tomou de Hazen a eſpada:
Dos grandes armazens mandou prudente,
Que ficaſſe a abundancia reſervada,
Paraque de mais perto ſocorrido
O Exercito ſe achaſſe bem provido.

77.

Com o reſto da gente ao campo volta,
E hum comboy de Leyria conduzira,
A quem ſervia de ſegura eſcolta,
Quanta do ſeu preſidio dividira:
Os cativos inuteis logo ſolta,
Henrique tudo approva, tudo admira
Do que o Tavora obrou, Ceſar invicto,
Que veyo, vio, venceo tanto conflito.

78.

Já neſte tempo o Rey dos Mahometanos
Sabia pelas tropas avançadas
Os progreſſos dos claros Luſitanos,
E as duas novas praças conquiſtadas;
De Mouros Eſpanhoes, e de Africanos
Innumeraveis gentes convocadas
Pós em marcha luzidos bem armados
Mais de dez vezes vinte mil Soldados.

79.

De Santarem nos campos abundantes,
A que naõ interrompem altos montes,
Fez reviſta das tropas arrogantes
Numeroſo terror dos orizontes;
Cincoenta mil tres vezes os Infantes,
E huma dos mais belligeros Etontes
Dividiraõ em corpos ſeparados
Deſtros, luzidos, fortes, bem armados.

80.

Ali Aben Jozef tem o governo
Do exercito exceſſivo, e formidavel,
He Muley ſeu primeiro ſubalterno,
E Adail deſta gente innumeravel:
Era com Axa o ſeu poder alterno,
Das maquinas a força incontraſtavel
Dirige Muſtafá para as conquiſtas
As fortes Catapultas, e Baliſtas.

81.

De Eſpanha as tropas manda Lucidoro,
As de Etiopia o rapido Alabruno,
As de Numidia o ſabio Artemidoro,
As de Negricia o fero Roſambruno,
As Tingitanas o feroz Lidoro,
As de Marrocos o cruel Mambruno,
As de Zaãra o rigido Aloandro,
As de Féz o galhardo Polexandro.

82.

Como de hum Rey, e huma Rainha vedes
De branco, e negro as tropas matizadas
Nota 584. Para o jogo do Sabio Palamedes.
Em mais breve planicie bem formadas,
Donde correm Delfins livres das redes,
Torres ſobre Elefantes levantadas,
Os Soldados equeſtres animoſos,
E os pedeſtres com paſſos vagaroſos.

83.

83.

Assim com movimentos differentes
O exercito da còr da noute, e dia
Com, vestidos com armas refulgentes
Hum xadrés animado parecia:
Convoca o Rey aos Generaes valentes,
E estas breves palavras proferia,
Tinto o rostro na ira fulminante
A voz horrivel, e horrido o semblante.

84.

Naõ vos convoco, Alcaides invenciveis,
Para sentir infamias taõ tiranas,
Que o destino em decretos infaliveis
Quer que sofraõ as armas Africanas:
Para vingarvos sim destas terriveis
Injustas leys, indignas, e inhumanas:
Fulmine hoje o valor mais animado
Imprecaçoens, contra o rigor do Fado.

85.

Já nos abandonou o graõ Profeta,
E sendo este o cuidado mais preciso,
Parece qne este mal naõ o inquieta
Nas delicias do eterno paraiso;
Mas pouco importa quanto Deos decreta, Nota 577.
Se nos deixa o valor com o juizo:
Nestas espadas temos opportuna
Fixa a voluvel roda da fortuna.

86.

De Pombal, e Leiria as fortalezas
Por castigo da pouca vigilancia
Se renderaõ a duas entreprezas.
Por treiçaõ, por fraqueza, ou ignorancia:
Para animar Henrique a outras emprezas
Lhe daõ os bons sucessos arrogancia;
E na boa fortuna louco, e cego
Para o nosso paiz passa o Mondego.

87.

Para cobrir a conquiſtada Beira
O exercito divide, e debilita,
E o Conde Dom Oſorio de Cabreira
Taõ temerario intento facilita:
Deixa em Coimbra gente mais guerreira,
A que Pedro Bernardo altivo incita;
E Henrique, que preſume de Mavorte
Sobre o mar ſe retira a hum campo forte.

88.

Nelle o vamos buſcar, cegos agouros,
Comque a ſuperſtiçaõ o perſuade,
Naõ lhe podem tirar hoje os deſdouros,
Que o ſeu temor deſcobrem com verdade:
Contra cada Chriſtaõ acha cem Mouros,
E he certo, que o valor me diſſuade
De buſcar com ventagens taõ crecidas
O vil emprego de taõ poucas vidas.

89.

Muſtafá com as bellicas tormentas
E com todo o peſado da bagagem
Nota 586. Corte ao Nabaõ as margens opulentas,
E à Serra de Anciaõ buſque a paſſagem:
Sobre Coimbra as maquinas violentas
Colloque, e ganhe os poſtos com ventagem;
Rompa ao Mondego os circulos crecidos
Com Soldados valentes, e eſcolhidos.

90.

Com o reſto do exercito animoſo
A Henrique vencerémos facilmente,
Ou de campo naõ ſaya temeroſo,
Ou nos ataque intrepido, e valente:
Se occupamos o rio caudaloſo
No inverno com mais rapida torrente;
Lhe cortaremos toda a ſubſiſtencia
Com ordem, com deſtreza, e com violencia.

91.

Cobrimos o paiz, quando obſervamos
No ſeu campo ao exercito inimigo,
Se a darnos a bata lha o obrigamos,
Terá inevitavel o perigo:
De Coimbra o ſoccorro embaraçamos,
Achando em noſſas armas o caſtigo,
Se intentar impedir eſta conquiſta,
E paſſar o Mondego à noſſa viſta.

92.

Muſtafá lhe diſputa a parte oppoſta,
E a contravalaçaõ ſegura a praça,
A circumvalaçaõ naõ fica expoſta,
Se Oſtorio pela Beira a ameaça:
A armada numeroſa eſtá compoſta
De tantas náos, que os mares embaraça:
Iſmeno Arraes cortando as ondas vejo,
Que hontem deixou a prata do aureo Tejo.

93.

Ganharà facilmente de Buarcos
O debil Forte, e do Mondego a boca,
E pelo rio encaminhando os barcos,
Os Sitiadores com vigor provoca:
Da ponte defendendo os altos arcos,
Outra ligeira armada ali convoca,
Que de Coimbra evitem os intentos
De meter pelo rio os mantimentos.

94.

Na peninſula em tudo inexpugnavel, Nota 587.
Que opprime ao Oceâno a ſalſa eſcuma,
E por hum iſthmo eſtreito, mas notavel,
Faz que de Cherſoneſo ſe preſuma;
Hum corpo há de embarcarſe formidavel,
Ainda que a dez mil homens ſe reſuma,
Porque no peito fortes, e nos peitos
Entre os Mouros de Heſpanha ſaõ eleitos.

95.

95.

Com eſte corpo deſembarque logo
Oſmin em lanchas neſte porto breve,
Nota 588. Que à pedra, que ferida lança fogo;
A dureza eterniza, o nome deve:
Naõ terà ſegurança, ou deſafogo
Naquelle lado, ſe a eſperar ſe atreve
Henrique, e toda a furia naõ lhe aplaque
Pela frente, e a eſquerda o Forte ataque.

96.

Sinto tingirme o roſtro hum nobre pejo
Na purpura do ſangue rubricado,
Quando atendido hum vil contrario vejo,
Que merecia mais ſer deſprezado;
Mas ſó o ſeu caſtigo hoje dezejo,
Pois conſeguio pelo rigor do fado:
Ganhando Tras os montes, Miñho, e Beira,
Morto Almançor, e Aldara priſioneira.

97.

Muley, e Lucidoro o ultimo acento
Ouvindo do Monarca Soberano,
Sem reprimir impulſo taõ violento,
O ſeu peſar deſcobrem deſhumano:
Todos louvam do Rey o Sabio intento,
Que ninguem contradiz hum Rey tirano,
Quando tem a verdade por contrarias
Do medo, ou da lizonja as paixoens varias.

98.

Axa Sò atreveo como Heroîna
A oppor-ſe aos novos bellicos projectos,
Que o temor ao ſeu peito naõ domina
Nem vence a adulaçaõ aos ſeus affectos:
Contar ao Graõ Monarca determina
Naõ de hum ſonho os vaniſſimos objectos,
Mas bem deſperta em referir ſe emprega
O que vio claramente, e affirma cega.

99.

99.

Eu, Principe Supremo (activa exclama)
Naõ me atrevera a opporme aos teus preceitos,
Se ardor celeſte, que ao meu peito inflama,
Me deixaſſe obſervar outros reſpeitos;
A minha voz anima a viva chama,
De genio ſuperior claros effeitos,
E antes que os teus projectos pronta ſiga,
A dizerte o que ouvi o Ceo me obriga.

100.

Hoje ao nacer do Sol, o Tejo claro
Buſquey para chorar o meu deſdouro,
O numen, que ao meu pranto nunca avaro
Pagou liquida prata em ondas de ouro:
De hum que foy meu eſpoſo, e Rey preclaro,
E do meu coraçaõ teve o teſouro,
Naõ a auſencia ſentia o peito aflito,
Mas o ter dos Chriſtaõs barbaro rito.

101.

Tocando as agoas o inſtrumento vago,
Ouço huma voz, que harmonica me enlea,
Suſpende me a doçura, temo o eſtrago,
Ao ver huma beliſſima Serea,
Eu ſou, me diſſe, o eſpirito preſago
Da maritima Deoſa Panopea: Nota 589.
Por mim has de ſaber caſos mayores,
Que te aviſaõ os Deoſes Superiores.

102.

Hoje quiz convocar o eterno Jove
Hum concilio no etereo Firmamento,
O mundo que a hum aceno rege, e move,
Quiz dirigir do Soberano aſſento:
E para que o deſtino naõ reprove
Os decretos do Sabio entendimento,
Quer ver ſe os Deoſes ſe unem, ou diſcordaõ,
Pois naõ pode mudallos, ſe concordaõ. Nota 590.

103.

103.

O ſeu throno aſſentou no ſeu Planeta,
Cada conſtellaçaõ logo ſe anima;
Mercurio altos miſterios interpreta,
E em divina eloquencia a vóz ſublima:
Tocou a Fama a harmonica trombeta
Do remoto emisferio, oppoſto clima;
Penetrando zafiras, e alabaſtros,
Errantes hoje ſaõ os fixos aſtros.

104.

Nota 591. Aſſim fallou Cilenio: Jove eterno;
De quem o vaſto Imperio tanto encerra,
Que tem ſubordinado ao ſeu governo
o Firmamento, Abiſmo, Mar, e Terra;
Com ſeu alto juizo ſempiterno
De Luſitania vendo a dura guerra,
Quer ſaber, ſe hade ſer, dos Mahometanos
Parcial, ou tutelar dos Luſitanos.

105.

Ambos ſe oppoem com encontrados ritos
A' antiga Religiaõ de Grecia, e Roma,
E entre tantos ſacrilegos delitos
Huma Matrona, a juſta cauſa, toma:
Terà do Ceo favores infinitos,
E quando a Henrique às altivezes doma,
Como jà lhe moſtrou mais claro exemplo,
Serà ſervida no ſeu novo templo.

106.

Quero inſpirarlhe, que ao ſeu Rey inſpire,
Que do exercito as forças naõ ſe pare,
Unido buſque a Henrique, porque admire
O poder, e o ſeu campo deſampare,
E paſſando o Mondego ſe retire,
A Coimbra do ſitio naõ repare,
E com grande valor, com arte eſtranha
Serà desbaratado na campanha.

107.

Calla o neto de Atlante a vóz facunda,
Que he aos filhos de Atlante favoravel;
Marte a ira agitando furibunda
Diz que o Luſo lhe foy ſempre agradavel:
Que em eſpiritos bellicos abunda
Eſta naçaõ, e terra inexpugnavel,
Que em Henrique o exceſſo vé notorio
A hum tempo de Viriato, e de Sertorio.

Nota 593.

108.

Que ſem emulaçaõ de hum Deos indigna
Ha de fazer, que ſeus marciaes alunos
Triunfem de influencia taõ maligna,
Vencendo a ſeus contrarios importunos,
E com guerra faraõ felice, e digna,
E com proſperos fados, e opportunos,
De hum invicto valor finos exceſſos,
Vendo o mundo ſogeito aos ſeus progreſſos.

109.

Há de oppor-ſe Mercurio à Luſa gloria,
Porque he menos valente que elegante,
He deſtro no artificio da Oratoria,
Mas naõ maneja o ferro fulminante,
Leo nos aſtros dos ſeculos a hiſtoria,
E como he neto do Soberbo Atlante,
Sabe que ha de uſurpar-lhe a naçaõ fera
Vencer o mundo, e ſuſtentar a Eſfera.

Nota 594.

110.

Em Africa de Atlante a gente dura,
Para fogir das armas Portuguezas
Ainda naõ ha de dar ſe por ſegura
Do monte nas ſublimes aſperezas:
Ceuta ſe rende, Tanger ſó procura
Sogeitar-ſe as magnanimas empreſas:
Mazagam, e Azamor haõ de ſeguila,
Cabo de Guê, Safim, Seguer, e Arzila.

Nota 595.

Nota 596.

111.

Nota 597. Sogeitarâõ o Atlantico Oceâno,
E o nome eſquecerà de Athlas potente,
E ao Eôo, e occaſo do Africano
Dominaraõ o vaſto Continente,
Aſia verá ſeu ſceptro Soberano
Até o ultimo extremo do Oriente,
Nota 598. E as Atlantides Ilhas encubertas
Conquiſtadas ſeraõ, e deſcubertas.

112.

Aquella terra Atlantide ignorada,
Nota 599. Do divino Platão ſó conhecida,
E da Europa diſtante, e ſeparada
Pela terra do fogo combatida;
Será dos Luſitanos dominada,
Nota 600. E America por elles ſe apellida:
Perde Atlante no Imperio poderoſo
Nota 601. O opulento, o fragante, e o precioſo.

113.

Do Caducê oligadas as ſerpentes
Só ſimboliſam paſes, e alianças,
E ſempre em guerra as Luſitanas gentes
Dos meus Feciaes ſaõ altas eſperanças:
Naõ ſe attendaõ enganos eloquentes
Do Tutelar de furtos, e mudanças,
Sabendo o Ceo, reconhecendo a terra,
Nota 602. Mercurio Deos da Paz, Marte da Guerra.

114.

Nota 603. Venus ſeguindo ao bellicoſo amante
Na boca a concha abrio de nacar breve,
Donde as perolas, e ambar mais fragante
Ao mar que a produzio, reſume, e deve:
A luz dos olhos doce, e fulminante
Do roſtro derretera a pura neve,
Se naõ a preſervaſſem dos deſmayos
Congelados rubîs, e ardentes rayos.

115.

Se eu posso (diz a bella Citerea)
Amado Pay, votar em mais milicia,
Que na que forma Amor na fina idea,
Donde he cada combate huma caricia;
E se as setas, que o mundo naõ recea,
Porque appetece a morte na delicia,
Conhece quem só sabe nos ardores
A suavissima guerra dos amores.

116.

Direy que he minha a gente Lusitana
E que ella succedeo à antiga gloria,
Que a fama consagrou só à Romana,
De que esta escureceo a illustre historia:
A minha protecçaõ tem soberana,
Sempre daõ ao Amor culto, e vitoria
E a alma inspiraraõ com luzes puras
A' fermosura as suas fermosuras.

117.

Haõ de usurparme os ferros Mahometanos
O dominio de Chipre, e de Cithêra, Nota 604.
Haõ de vencer os fortes Lusitanos
Do mar Egeo a gente mais severa:
E assim, celestes Deoses Soberanos,
Se ainda a belleza em immortaes impera,
Inspiray a esse Rey grande, e temido,
Que hoje combata a Henrique desunido.

118.

Pàllas a interrompeo com voz tremenda, Nota 605.
E assim disse: huma Deosa afeminada
Só triunfa de Pâris na contenda,
Donde vence a belleza delicada:
E porque ao Lusitano em tudo offenda;
Dé a batalha unida a gente armada; Nota 606.
E para fomentar esta ruina
Em Axa tem formado huma Heroina.

119.

Nota 607. Naõ ama Apollo a Liſia, porque ſente;
Que com nocturnos naufragos peſares
Cada dia o ſepulte o Occidente
No tumulo de argento dos ſeus mares;
E ſabe, que vencendo ao Oriente,
Ha de roubar occulto aos ſeus altares,
E deſpertando a Etonte, e a Piróo,
A faça madrugar no leito Eóo,

120.

Nota 608. Neptuno convocando o duro Eôlo
Favorece dos Mouros o deſinio,
Porque o Luſo de hum polo ao outro polo
Lhe diſputa dos mares o dominio;
E unindo o parecer com o de Apollo,
A verdade temeo do vaticinio:
Unidos dem ao Luſo fatal morte,
Porque a virtude unida obra mais forte.

221.

Nota 609. Baco, que eſtava hum pouco adormecido;
Do ſeu purpureo nectar certo effeito,
O nome de Dioniſio taõ temido
Crê que fique na Aſia ſem reſpeito:
De mil Deoſes, e Herôes o voto unido,
A que o meſmo deſtino eſtá ſogeito,
Que a ti te participe hoje me move
O decreto immortal do eterno Jove.

122.

Buſca, ô Axa, ao Monarca poderoſo:
E dizelhe, que mude o intento vago,
Combata unido a Henrique valeroſo,
E reduza a hum ſó golpe tanto eſtrago;
E depois de opprimillo vigoroſo,
Segundo Scipiaõ de outra Cartago;
Ganhe a Coimbra, e de Africano o nome
Nota 610. De Luſitano a antonomaſia tome.

123.

123.

Iſto diſſe a divina Panopea,
E ſe occultou entre os criſtaes do Tejo,
Volto os olhos ao Ceo, e quanto a idea
Confuſa imaginou, moſtra o deſejo:
O brilhante zafir, que nos rodea,
Entre rayos de luz aberto vejo:
Deoſes, e Deoſas bem ſe diviſaraõ,
Que as luzes das Eſtrellas eclipſaraõ.

124.

Diſſe: e moſtrando ao Rey, e aos do conſelho
O eſcudo de Tritonia, que encobria, Nota 611.
Qualquer no diamantino, e claro eſpelho
Da belligera Deoſa a forma via:
E diz aſſim: a todos aconſelho,
Que ſe deſtrua a nova Monarquia,
Porque ſerá o golpe irreſiſtivel
Sem dividir o exercito invencivel.

125.

Mais que a cabeça horrenda de Meduſa:
Que no eſcudo de Pallas ſe moſtrara
A' turba, que do caſo eſtá confuſa,
A ſuſpenſaõ em pedra transformara,
Mas o Rey, que canſado da diffuſa
Narraçaõ, que a Rainha recitara,
Naõ creo, ainda que ouvio, prodigio tanto,
E a illuſaõ deſprezou, que julga encanto.

126.

Agradecco a Axa o zelo ardente,
E condenou-lhe a vaã credulidade;
Jà nenhum General diz o que ſente;
Póde mais a lizonja, que a verdade:
Manda que marche Muſtafá valente,
E enviſta de Coimbra a graõ Cidade,
E elle vay combater os Luſitanos
A peſar dos decretos Soberanos.

HEN-

HENRIQUEIDA

CANTO X.

Argumento

Prepara-se a batalha mais tremenda,
Toda a força, e astucia se exercita
Do Mar, e a Terra, vence-se a contenda
Pelo Luso, que ao Mouro debilita:
Muley combate Amado em furia horrenda,
Axa o passo a Coimbra facilita:
Bernardo admira de Hercules a torre,
Pelayo em seu amor fino discorre.

1.

Assim como do rapido Oceâno
Pelas portas Hercûleas se separa
O Mar Mediterraneo, que inhumano
Tormentas forma, inundaçoens prepara;
Assim se aparta Mustafà, que ufano
De estar independente assegurára
Com força invicta, e arte incontrastavel
Conquistar a Coimbra inexpugnavel.

2.

Ao mesmo tempo marcha o Rey potente
A combater de Henrique o campo forte,
Tres dias vio nacer Febo luzente,
Antes que da batalha encontre a sorte,
Vio no Oceâno a armada diligente,
Com que Neptuno ameaçou Mavorte,
Para que à diversaõ premeditada
Tambem sirva ao exercito a armada.

3.

3.

Vem de Henrique os fieis exploradores
A aviſar do inimigo os movimentos,
Que carrega aos primeiros batedores,
Para que naõ deſcubraõ ſeus intentos;
Aviſtaõ-ſe os valentes contendores,
Receaõ tanto eſtrago os elementos;
Sahe ao dia ſeguinte o Sol mais tarde,
Naõ ſey ſe compaſſivo, ſe cobarde.

4.

De noute introduzio entre os pinheiros
Com militar aſtucia, mas indigna
O Rey infiel cem barbaros guerreiros
Com materia inflamavel, e maligna:
Nos troncos elevados, e groſſeiros
O igneo artificio em força menos digna
Fez, quando, Eôlo, o ſeu incendio impelles Nota 612.
Arder Atis naõ ſendo por Cibelles.

5.

O effeito ſente do improviſo fogo
No lado eſquerdo o vigilante Henrique,
Pelo direito o aviſaraõ logo,
Que a hum deſembarque o ſeu cuidado applique:
Naõ tinha pela frente deſafogo;
E porque a confuſaõ ſe multiplique,
Atacaõ com vigor os Luſitanos
Formados em batalha os Mahometanos.

6.

Pallas, que aſſiſte a Axa, convocava
Do abiſmo as furias, e implacavel Nume,
Iras aos elementos inſpirava
Plutaõ, que deu ao fogo infernal lume:
Teſifone, que a terra perturbava, Nota 613.
Aos Agarenos animar preſume,
Facilitando em rapidas violencias
Os barrancos, vallados, e eminencias.

7.

7.

Ao ar governa a horroroſa Alecto
Dando aos navios vento favoravel,
Porque do deſembarque no projecto
Vençaõ do campo o lado incontraſtavel:
E ao meſmo tempo com diverſo objecto
O incendio atèa fero, e inplacavel;
Se antes agita o Mar cruel Megera,
Para ſer mais furioſo, hoje o modera.

8.

Henrique ordena logo ao forte Cunha,
Que encaminhando alguns valentes Luſos,
Em quanto elle ao Exercito ſe oppunha,
Deixe os do mar perdidos, e confuſos:
Para atalhar o incendio ſó diſpunha
Eſpalhados nos boſques, e diffuſos
Gaſtadores, que hum foſſo fabricaſſem,
Com que o campo do incendio preſervaſſem.

9.

Com poucos, mas brioſos Cavalleiros
Bermudo a ala direita defendia,
Numero igual de intrepidos guerreiros
Na eſquerda o forte Sylva dirigia:
Com cinco vezes cem aventureiros
Amado, que ſe avança, combatia
Com valor ferem, com firmeza inſiſtem
Armas, que offendem, armas, que reſiſtem.

10.

No centro a infantaria bem formada
Do Graõ Moniz às ordens obedece,
De arcos, e ſetas levemente armada
Cada lado igualmente ſe guarnece:
Outra mais numeroſa, e mais peſada
Diſpoſta em duas linhas apparece,
Armandoſe eſtas bellicas falanges
De ferreos dardos, rigidos alfanges.

11.

Muitos deſtros béſteiros tranſmonta...
Fermarîs na vanguarda manda forte,
Voando contra os feros Mahometanos
Em cada tiro duplicada morte:
Na eminencia os impulſos mais tiranos
Das maquinas guerreiras de Mavorte
Já do Agareno vaõ ferindo as guardas
Com as violentas horridas bombardas.

12.

Dom Fafes Luz levanta o eſtandarte
Signifero Real do Auguſto Henrique, Nota 614
De Carquere bordado de huma parte
A Imagem tinha, porque a fé publique:
A meſma fé em todos ſe reparte,
Porque amor, e eſperança multiplique;
Antes que ſaya o Sol, o mundo adora,
O Sol, que naſce unido com a Aurora.

13.

Entre os Luſos no Ceo gira fermoſa
A Cruz da cor do Ceo em Ceo de prata,
E da ſua influencia luminoſa
O benefico effeito ſe dilata:
Cega aos Mouros a força vigoroſa
Dos rayos, com que as iras desbarata;
E o final já contrario, já propicio,
Quando de huns he troſeo, de outros ſuplicio.

14.

Houve quem vio Plutaõ romper da terra Nota 615
Deſde o ultimo abiſmo o duro clauſtro,
Dois negros brutos para a triſte guerra
Conduziaõ de fogo o horrendo plauſtro;
Na maõ hum rayo o ſeu furor encerra,
E excede no vigor Vulturno, e Auſtro,
E para dar final aos Agarenos
Com hum trovaõ perturba os Ceos ſerenos.

15.

Ataca o Rey a rigida batalha,
Tantas ſetas diſpara o Iſmaelita,
Que a cada carga, que no vento eſpalha,
Offuſca a luz do Sol, e a debilita:
Naõ bate com mais força huma muralha
Quanta Maquina as forças naõ limita,
Do que a linha dos Mouros vigoroſos
Combateo contra os Luſos valeroſos.

16.

Como eſtender naõ pode a grande frente,
Que o mar, e o boſque ao Luſo os flancos guarda,
Dobra, e reforça os corpos prontamente,
Multiplicando as linhas da vanguarda:
Muda a lunada forma de repente:
E ſó ſuperſticioſo ſe acobarda
De que neſte preſagio bem ſe argua,
Nota 616. Que ſe veja desfeita a mea Lua.

17.

Muley ſó com quinhentos voluntarios
Combate Amado com igual partido:
Foraõ os Mahometanos temerarios
Tendo o Luſo valor reconhecido;
Pois ſe excedendo tanto aos ſeus contrarios,
Paiſes, e batalhas tem perdido,
Eſcolhem a mayor deſigualdade,
Quando buſcaõ no numero a igualdade.

18.

Mas como todos eraõ valeroſos,
Pareceo deſafio eſta contenda,
A hum tempo ſe ſeparaõ, e brioſos,
Ninguem com vida eſpere que ſe renda:
Chocaõ os contendores vigoroſos
Tremendo a terra a força taõ tremenda,
Já foraõ com Mahometicos arnezes
Deſpojos de outros tantos Portuguezea.

19.

Reduaõ forte, e agil Tingitano
Para o combate encontra ao Luſo Hermigio;
Era pequeno o grande Luſitano,
Mas tinha de alto eſpirito o veſtigio,
Multiplicava os golpes o Africano,
E errallos, ſendo deſtro, foy prodigio;
Porem de Hermigio o corpo agora teve
O perigo menor, por ſer mais breve.

20.

Qual o ligeiro inſecto com deſdouro
Da inutil força do inimigo ingente
Na teſta, e olhos ao furioſo Touro
Incita agudo, fere deligente:
Tal o Portuguez breve ao fero Mouro
Com mil golpes matou taõ prontamente,
Que Reduaõ, que mal o diviſava,
Morreo quaſi ſem ver quem o matava.

21.

Aſſim com varios caſos varias ſortes
Dos Chriſtaõs, dos infieis, no Ceo, no inferno;
Huns tem mais vidas, outros tem mais mortes,
E ambos deixaõ ao mundo nome eterno:
De Roma, e de Sabinia os varoens fortes, Nota 617.
Que da terra julgaraõ o governo,
Imitaõ no triunfo dos Horacios,
E ruina fatal dos Curiacios.

22.

Já os dois eſquadroens iguais, e activos,
Que a famoſa batalha começaraõ,
Se reduziraõ a taõ poucos vivos,
Que a penas doze Luſos ſe contaraõ,
Mas de Amado, e Muley taõ exceſſivos
Prodigios de valor ſe numeraraõ,
Que muitos vendo os rayos, que concorrem,
Mais aſſombrados, que feridos morrem.

23.

Cuidas; Amado diz, Muley valente,
Que vnindo-me a eſtes doze companheiros,
Com a tua peſſoa hoje acrecente
A gloria dos illuſtres priſioneiros?
Ou julgas, que por meyo mais decente
Em duello igual de dois aventureiros
A' viſta da Africana, e gente Luſa
A hum ſingular combate te reduza?

24.

Nota 618. Nada diſto verás, que promettido
Deixey a Aldara, eo deixo ſatisfeito,
Que o teu peito de mim nunca ferido
Hâ de ſer, ſe ella vive no teu peito:
Já que do ſeu amor correſpondido
Naõ poſſo ſer, evito o duro effeito
De augmentar contra mim novos rigores,
Se eu armar contra ti novos furores.

25.

Voltou, e os mais ſem eſperar repoſta,
Donde viraõ mais rigido o combate,
E Muley ſe encorpora em parte oppoſta,
Porque à ira a vingança naõ dilate:
Pois neſta ley, que Aldara deixa impoſta
Tocaraõ os ciumes a rebate;
E antes quiſera ter outro homicida,
» Do que dever a Amado a triſte vida.

26.

Já na direita os eſquadroens carregaõ
Aos Luſos, que em valor ſaõ ſuperiores,
E contra os Mouros toda a furia empregaõ,
Ainda que ſaõ no numero inferiores:
Os navios, que proſperos navegaõ,
Sem ſentir os maritimos rigores,
As numeroſas tropas, que preparaõ,
Na praya ſem tardar deſembarcaraõ.

27.

Sobem ao monte pelo meſmo lado;
Mas Cunha, que os acertos naõ limita,
A peſar de hum combate porfiado
Nas ondas com vigor as precipita:
Algumas, que naõ tem deſembarcado,
Fogem na armada, a quem o vento incita,
E a fomentar de Muſtafá o emprego
Buſcam a fôs do placido Mondego.

28.

Cunha com prontidaõ logo ſocorre
Os fortes companheiros, que pelejaõ,
E unindo-ſe com Tavora diſcorre,
Porque o triunfo appetecido vejaõ;
Ou deſmaya, ou ſe rende, ou foge, ou morre
O Mouro, e os que livrarſe ſó dezejaõ;
E a ala direita infiel em torpe injuria
Ficou morta, ou desfeita a tanta furia,

29.

Os pinheiros, que a eſquerda defendiaõ;
Na materia ſulfurea preparada
A hum meſmo tempo mil a mil ardiaõ,
Naõ tendo ſido a rama bem cortada:
Mas ſobre os Africanos já cahiaõ
Parecendo a campanha fulminada
Com fogo, e fumo, ou abrazada, ou negra,
A dos Gigantes horridos de Flegra. Nota 619

30.

Axa, e o Rey no centro penetraraõ
Todo o corpo da Luſa infantaria,
E tantos batalhoens multiplicaraõ,
Que hum a outro cem vezes ſuccedia:
Com algumas bandeiras, que ganharaõ,
A vitoria total ſe prometia
O Iſmaelita, mas antes que a publique,
Appareceo o vigilante Henrique.

31.

Nota 620. Qual Prometheo já vio a humana forma,
Sem ter inanimada movimento,
Em quanto o fogo ſacro, que a informa,
Naõ roubou do celeſte Firmamento;
Aſſim o debil corpo ſe transforma
De Henrique em mais ardente luzimento,
E dos languidos membros deſmayados
Eſpiritos renacem animados.

32.

Corre o famoſo Heróe contra o Monarca,
Que com valor intrepido o eſpera,
E nenhum morre, porque teme a Parca
Quem merece imperar, quem forte impera:
Preparava Caron a fatal barca,
Suſpendiaſe o Deos da quarta esfera,
Para ver ſe dos dois na pronta morte
Dos dois Imperios decidia a ſorte.

33.

Nota 621. Mas ao brandir Henrique a lança dura
Pallas que Axa acompanha, ao Mouro eſconde
No centro opaco de huma nevoa eſcura,
Em que occultou o Rey ao Regio Conde:
No carro de Plutaõ mais o aſſegura,
E ſem ſaber o infiel como, ou por donde,
No ſitio de Coimbra já formado
Com Muſtafá ſe achou encorporado.

34.

Que novo aſſombro, que maligno encanto,
Diz Henrique, me rouba eſta victoria?
Se hum magico conjuro pode tanto,
Para que te eſcurece a clara gloria?
Melhor naõ fora que com raro eſpanto
Te illuſtraſſe, vencendome, a memoria?
Deixas equivocado eſte ſegredo,
Sem ſaber, ſe he prodigio, ou ſe foy medo?

35.

35.

Mas jà que naõ encontro objecto digno
Para empregar os golpes do meu braço,
Torna ò Rey ao combate, o fumo indigno
Aos meus olhos diſſipe eſte embaraço:
E jà que dura o ſeu ardor maligno,
Sem que eu da vida te deſate o laço,
Sinta eſſe teu exercito inconſtante,
Caſtigos, que lhe dá valor triunfante.

36.

Diſſe, e voltando a eſpada furibunda
Contra a turba infiel, e numeroſa,
Rio de hum ſangue vil o campo inunda
A os impulſos da ira valeroſa:
Qual o Leaõ, que com o furor circunda
Do inerme gado a plebe temeroſa,
Porque perde do Tigre a digna preſa,
Quando prefere a força à ligeireza.

37.

Aſſim Henrique vence em toda a parte
Por donde o reproduz o ardor guerreiro,
Jà vitorioſo o inclito eſtendarte
Vé derrotado o impeto groſſeiro:
Entre os ſeus os eſpiritos reparte,
E as verdes folhas do immortal Loureiro,
Sente porèm o naõ cortar ufano
Com hum ſó golpe as furias de hum tirano.

38.

Deu a trinta eſquadroens azas o medo,
E o Mondego no vào já bem paſſaraõ,
Naõ houve rio, boſque, nem rochedo,
Que embaraçaſſe a marcha, que levaraõ:
Axa buſca na eſquerda o arvoredo
Para ſalvar os poucos, que eſcaparaõ;
E ao forte Lucidoro poem na frente,
Quando o Sol ſe eſcondia no Occidente.

39.

39.

Escolhe mil Ginetes, e a galharda
Heroina invencivel, e fermosa
Cobrio na retirada a retaguarda
Da gente, que marchava temerosa:
Naõ haverà quem cuide se acobarda,
Por ser nas armas menos venturosa;
Mas para desmentir esta sospeita,
Deixa a desconfiança satisfeita.

40.

Volta adonde Moniz dá forma nova
Aᶜ sempre vitoriosa infantaria,
E na ultima difficil rara prova
Da desesperaçaõ seu valor fia:
A escura noute o seu projecto approva,
Nenhuma estrella em todo o Ceo se via,
Foge a Lua mingoante a outras partes
Por naõ ver se eclipsar nos estandartes.

41.

Huns seguem pelo campo os fugitivos,
Outros dormem nos braços da vitoria,
Huns curaõ aos feridos compassivos,
Outros tem nos despojos torpe gloria:
Só Moniz com impulsos sempre activos
Dignos de que os celébre eterna historia:
Pelo naõ sorprender furia inimiga,
O exercito reduz à forma antiga.

42.

A heroina investindo de repente
A os que ainda se achavaõ em desordem,
Fez sentir o castigo dignamente
Aos que naõ observaraõ toda a ordem;
Mas encontrou Moniz sabio, e valente,
Que porque os seus da forma naõ discordem.
Fogos fez acender com luzes varias,
Que foraõ prevençoens, e luminarias

43.

Encontrou a Rainha ao Varaõ forte,
E aſſiſtindo-lhe Pallas inviſivel,
Da batalha mudara a triſte ſorte,
Se ſuperaſſe hum animo invencivel,
Porém vencida Pallas de Mavorte,
Que Moniz triunfaſſe ſe faz crivel,
Ainda que na belligera Amazona
Tem Moniz que vencer outra Bellona.

44

Soaõ no campo os golpes diſſonantes
Nas armas dos dois feros combatentes,
Que foraõ no ſilencio reſonantes,
E nas ſombras ſe viraõ refulgentes:
As invictas eſpadas fulminantes
Giràraõ taõ luzidas como ardentes,
Parecendo acender-ſe em tanta gloria
Fogos artificiaes pela vitoria.

45

Mas vendo Axa que as tropas ordenadas
As ſuas poucas tropas venceriaõ,
E tambem, que as prudentes retiradas
Menos eſtimaçaõ naõ mereciaõ;
Em breve tempo as deixa bem formadas;
E ſempre ao retirarſe combatiaõ,
Para que o mundo a reconheça agora,
Até ſendo vencida vencedora.

46

Ainda achou Lucidoro que paſſava
O Mondego na nova, e facil ponte,
Que com as barcas Muſtafá formava,
E a famoſa Coimbra eſtá defronte
Deſta o paſſo difficil diſputava
Roberto, e ſem que a Fama antes lhe conte
Da acçaõ os glorioſiſſimos ſucceſſos,
Vè nos tres fugitivos os progreſſos.

47

Tinha chegado ao campo o Rey vencido;
E os reſtos da batalha recolhendo,
Da armada novas tropas tem unido,
Do remedio ao ſeu mal naõ ſe eſquecendo:
Aderbal de Sevilha Rey temido
Eſpera com exercito tremendo,
Tendo a barbara liga reforçada
Com os dois Reys de Cordova, e Granada.

48

Pedio ao Rey do Algarve que do Tejo
Junto a Lisboa a boca atraveſſando
E cobrindo as comarcas do Alentejo
O deixe, a diverſaõ naõ receando:
O pacifico Rey ao ſeu dezejo
Naõ ſatisfez, que eſtava ſocegando
As ſediçoens de hum povo taõ indigno,
Que nem era fiel a hum Rey benigno.

49

Dos de Granada, Cordova, e Sevilha,
Paſſando o meſmo Tejo por Abrantes,
Quando no Touro o Sol domina, e brilha:
Verá Coimbra as gentes arrogantes:
Se até entaõ a Praça naõ ſe humilha,
No ſeu aſſedio haõ de inſiſtir conſtantes;
A circumvallaçaõ já larga corre
Bem flanqueada de huma, e outra torre.

50

A contravallaçaõ com igual força
Para taõ largo ſitio ſe fabrica,
Com terra, e com faxina ſe reforça,
E todas as defenſas multiplica:
Com o mar, e a armada, que o esforça,
O exercito infiel ſe communica,
E antes que creça o rio monte a monte,
Emprendia occupar a grande ponte.

51.

Levantàra huma torre o grão Roberto
Do criſtalino rio ao Meyo dia,
Outra ao Septentriaõ eſtà mais perto
Da Praça, que do alto a defendia:
Como arquiteto militar, e experto
Com a gente eſcolhida as guarnecia,
Porque Pedro Bernardo recebeſſe
Socorros, que o Mondego favorece.

52.

Em quanto o largo ſitio ſe prepara,
E à expugnaçaõ o Mouro ſe previne,
E com maquina tanta, grande, e rara,
Pertende que a muralha ſe arruine:
Henrique da batalha, que ganhara,
Uze feliz, e aos povos predomine,
Tomando logo em militar governo
No contrario paiz quarteis de inverno.

53.

Vio no dia ſeguinte da vitoria
Nacer o Sol com mais brilhantes rayos;
E illuminar a Luſitana gloria
Nos matutinos lucidos enſayos:
Rendeo ao Ceo para immortal memoria
As graças; ſem que a Fé tenha deſmayos;
E os eſtendartes para eterno exemplo
Manda que leve Amado ao novo Templo.

54

E que livre à Real, e bella eſpoſa
Do ſuſto, pois naõ pòde da ſaudade,
exprimindo em papel tanta amoroſa
Fineza, que acredita na vontade:
Que a Oſorio participe a vitorioſa
Acçaõ, que o fim ditoſo perſuade
Do projecto, que aſſombra eſte emisferio;
De Portugal fundando o claro imperio.

55.

Que lhe ordene, que obſerve a defenſiva
Com o corpo de tropas, que mandava,
Em quanto o naõ emprega na ofenſiva,
Que para a Primavera reſervava:
Pois entaõ uniriaõ força activa
As linhas atacando em furia brava,
Se he que em Coimbra o Mouro poderoſo
Ainda formaſſe o ſitio vigoroſo.

56.

Parte Amado buſcando o monte Erminio
Por largo giro à Corte de Lamego,
E de todos occulta o ſeu deſinio,
Por evitar as guardas do Mondego;
Felíz preſagio, amante vaticinio
Lhe dá o amor mais fino do que cego,
Pois deſcobre os futuros, e lhe diſſe,
Que Aldara há de livrallo de infelice.

57.

Eſtava o vaſto campo da batalha
De innumeraveis corpos ſemeado,
Formam os Mouros mortos tal muralha,
Que â marcha ainda ſe oppõem o inanimado;
Acorrupçaõ, tanto contagio eſpalha,
Que ſe recea no ar inficionado,
Que façaõ os contrarios mais nocivos
Mayor eſtrago mortos do que vivos.

58.

Diſtribuio Henrique generoſo
Por todos os deſpojos opulentos,
Ao Numen conſagrou voto precioſo
De perolas bordando os ornamentos:
Nas ondas do vezinho o mar furioſo
Tem os corpos voluveis monumentos,
A os Mouros tendo horror peixes ferozes,
Pelos naõ devorar, fogem velozes.

59.

59.

Dez hecatombes foraõ de almas puras, Nota 622.
As que ao Ceo conſagrando os Sacrificios,
Voaraõ, donde em glorias mais ſeguras
Participem de eternos beneficios:
Em iguaes, e ſagradas ſepulturas
Daõ de ſeus nomes immortaes indicios
As pedras de Leiria em nobres templos
Da Fé prodigios, do valor exemplos.

60.

Deſde o monte arenoſo, que ſublime
Quer confundir os aſtros, e as areas,
Que defendendo a terra o mar opprime
Com marmoreas duriſſimas cadeas;
Porque a furia o inverno naõ reprime. Nota 623.
E ſe eſcondem as placidas Neréas,
Se vé paſſar a Mahometana armada,
Que a invernar a Lisboa foy mandada.

61.

Já da Eſfera o terrivel Sagitario Nota 624.
Tirava ao Mundo as argentadas Setas,
E antecipando inundaçoens de Aquario
Naufragavaõ os Signos, e os Planetas:
Já do aereo emisferio leve, e vario,
Dominaõ negras nuvens, que inquietas
Tem gravidas de aquaticos efluvios Nota 625.
Os partos monſtruoſos dos diluvios.

62.

Rebelde a Ceres o infeliz terreno
Sente o peſado jugo de Neptuno,
Entra o furioſo mar no campo ameno,
Cobra Protheo tributos de Vertuno;
Ondas de eſpigas nitido, e ſereno
Formara o fruto aos homens opportuno, Nota 626.
E do inverno em torrentes inimigas
Se vém trocar eſcumas por eſpigas.

63.

63.

O exercito em Quarteis ſe diſtribue,
O da Corte em Leiria ſe aſſinala,
O Paiz Mahometano contribue
Com porçaõ, que aos lugares naõ ignala:
Rigida a diſciplina reſtitue
Quanto a torpe injuſtiça deſiguala:
Fiel com infieis ſeja à juſtiça,
Que he com barbaros barbara a injuſtiça.

64.

Como ao Mondego a Ponte dominante
Cerra os limites com marmoreos marcos,
E para eternizarſe triunfante
A ſi ſe erige os levantados arcos,
Tumido rompe os muros de diamante,
Com a ponte de pedra, e a de barcos,
Foraõ a inundaçoens taõ repentinas
Dominadas das ondas criſtalinas.

65.

Roberto na vizinha Fortaleza,
Que guarda a ponte ouſado ſe defende
Já ſeguro da rapida entrepreza,
Com que a eſcalada o Mahometano emprende:
O rio o ſocorreo, e neſta empreſa
A os Mouros, que a aſſaltaõ tanto offende,
Que o campo aqui ſentio ver que deſagoa
Mais de ſangue a torrente do que de agoa.

66.

Em Coimbra mandou Pedro Bernardo
Os meyos prevenir para a defenſa
Vigilancia, valor, ſaber, reſguardo,
Tiveraõ no ſucceſſo a recompenſa:
Helvidio lhe obedece, que galhardo
Será dos inimigos dura offenſa,
Quando com fortes gentes prevenidas
Saya a levar-lhe a morte nas feridas.

67.

Era aquatico o foſſo, e com tal arte, Nota 627.
Que ſecalo ſangrando o bem pudeſſe,
Repara a falſabraga em toda a parte,
E fez que a barbacan forte eſtiveſſe;
Fortifica a muralha, em que reparte
O preſidio, que activo a guarneceſſe,
As ameas reforma, enas Séteiras
De ferro occulta exhalaçoens ligeiras.

68.

Reforça os torreoens com terraplenos,
E as defenſas deixando flanqneadas
Por donde os muros ſe reſiſtem menos
Enlaça bem unidas eſtacadas:
Em armazens reſerva naõ pequenos
De Guerra, e boca as muniçoens buſcadas,
Sendo às vidas ruina, ſendo augmento,
Humas deſtruiçaõ, outras ſuſtento.

69.

Naõ inventou o engenho de Arquimedes Nota 628.
Da Eſtatica, e Mecanica prodigios,
Que dentro das Colimbricas paredes
Naõ tiveſſe nas maquinas veſtigios: Nota 629.
Bem podes deſcobrir, ó Palamedes,
Como fizeſte ſobre os muros Frigios,
Jogo, que com ſciente paſſatempo,
Quando cuida que o ganha, perca o tempo

70.

Nem o eſpoſo Real de Clitemneſtra, Nota 630.
Nem de Tetis o filho invulneravel,
Nem do Itaco a maõ robuſta, e deſtra,
Nem o que ganha a Tiro inexpugnavel,
Nem quanros Poliorcetes na paleſtra
Da expugnaçaõ fizeraõ conquiſtavel
Na fortificaçaõ, em que reforça
A arte a defenſa, a natureza a força.

71.

71.

Contra taõ valeroſos defenſores
Conſeguiriaõ taõ ſublimes glorias,
Nota 631. Como em tantas emprezas ſuperiores
Coroaraõ taõ celebres vitorias:
Celebremſe outros ſitios anteriores
Em jaſpes, bronzes, tradiçoens, hiſtorias,
Que o de Coimbra deixa aos Luſitanos
Mais illuſtres qne os Gregos, e Romanos,

72

Naõ deſprezou a antiga cidadela
Ultimo receptaculo preciſo,
Quiz com deſtros beſteiros guarnecela,
Sendo ao Mouro iminente prejuiſo
Incerta tradiçaõ conſerva nella,
Ou ſeja por preſagio, ou por aviſo,
Nota 632. Huma torre, donde Hercules robuſto
Foy de Geriaõ hum triplicado ſuſto.

73

Para vencer ſuperſticioſo agouro
Pedro Bernardo a inſpiraçoens divinas,
Quando Febo occultava os rayos de ouro
Inveſtiga as fatidicas ruinas:
Naõ buſca cobiçoſo de hum teſouro,
Que ſe eſcondia entre profundas minas,
O que eſperava a van credulidade
Da cobiça animada, e da vaidade,

74

Mas ſó intenta vér, que altos prodigios
Encerra em ſi o miſterioſo templo:
Naõ cré ſejaõ encantos, ou preſtigios.
Mas da gloria immortal eterno exemplo;
Aqui, diz, buſcar quero alguns veſtigios
Das raras maravilhas, que contemplo,
E já que a noute encobre aſſombro tanto,
Emcubra eſte miſterio com ſeu manto.

75.

Diſſe, e acende a inextinguivel téa,
O eſcudo embraça, empunha a forte eſpada,
E o peito, que os perigos naõ recea,
Sem armas buſca a torre reſervada:
Deſcobre apenas a primeira amea,
Quando lé com a luz nella gravada
Breve inſcripçaõ, que diz: deixa eſſe intento;
O' tu que queres ver tanto portento.

76.

Eſte aviſo fatal naõ o intimida,
E animado de eſpirito divino,
Expoem ao mayor dano a nobre vida,
Por ſaber os ſegredos do deſtino:
De Hera, e de muſgo a porta reveſtida,
Intacta ao curioſo peregrino,
Por evos mil ao mundo reſervava
As raras maravilhas, que occultava.

77.

Ao bronze, que a guarnece, a força applica;
E foy mais que o metal o impulſo duro,
Pois vendo que reſiſte, multiplica
O deſigual combate ao fatal muro:
Huma ferrea cadea ſe dupplica
Antes que poſſa entrar no centro eſcuro;
Mas de Pedro o valor naõ interrompe,
Que em parte a deſenlaça, em parte a rompe.

78.

Qual deſpreſando oraculo horroroſo
O magnanimo filho de Felipe
Cortou de Gordio o jugo, que enganoſo
Quer que de Perſia o mal naõ ſe anticipe:
Aſſim Pedro mais forte, e valeroſo,
Porque de mayor gloria participe,
Ou com deſtreza os laços já deſata,
Ou com vigor os ferros desbarata.

Nota 633.

79

Cerra a porta outra vez, e dentro admira
A ſumptuoſa antiga arquitetura,
Que reſpeitos magnificos reſpira,
Que prodigios fatidicos apura:
Por toda a parte, que diſcorre, e gira
Enigmas acha, que entender procura;
E o Moſaico, que augmenta luz taõ rara,
A marauilha eſcura naõ lhe aclara.

80

Até que ouvio do Ceo voz taõ ſuave,
Que naõ pode imitarlhe o doce acento,
Nem deſpertando a aurora a feliz ave,
Nem ſuſpendendo a Tracia alto inſtrumento:
Clara ſe explica, quando entoa grave
De hum oraculo harmonico o portento;
Proſtrouſe Pedro humilde, mas proſtrado
Mais ſe exaltou nas glorias elevado.

81

Eu ſou (lhe diz a voz) o Genio eterno,
Que defende ao Imperio Luſitano,
E fuy quem deſterrou ao negro Averno
O rebelde Lusbel, e o povo inſano:
Como de Portugal tenho o governo,
Aqui formey o templo Soberano,
Donde em laminas puras bem gravadas
Durem tantas acçoens aſſinaladas.

82

Do que vay ſuccedendo eſtas pinturas
Vou com celeſte pena debuxando,
Paſſadas, e preſentes naõ futuras
Podes a hum tempo ir vendo, e venerando:
As vans ſuperſtiçoens cegas, e impuras
Com Hercules me vaõ equivocando,
Quando elle em fabuloſo paraſiſmo
Vence os monſtruos do mundo, eu os do Abiſmo.

83.

83.

Nos longes deſſa lamina primeira Nota 634.
Verás em geroglifico confuſo
A origem de Tubál naõ verdadeira,
Nem certa a fundaçaõ de Eliſa, e Luſo;
Porem da gente intrepida, e guerreira
Se dilata o comercio taõ diffuſo,
Que Luſitania deve os beneficios
Aos autores das letras, aos Fenicios.

84. Nota 635.

Ali pintadas vés as ſuas glorias
Em Colonias das prayas Luſitanas,
Deraõ-lhe o nome as palmas, e as victorias
Unindo armas, e letras ſoberanas;
Poriſſo ſaõ taõ claros nas hiſtorias,
Pois tiveraõ origẽs mais que humanas;
E pode ſer que á Liſia o nome deſſe
Doce fruto o primeiro, que florece. Nota 636.

85.

Os Punicos Varoens, que de Neptuno Nota 637.
Dominaraõ o Imperio tormentoſo,
Acharaõ nos favores de Portuno
Em Luſitania aſilo generoſo:
Neſſe quadro os verás, donde opportuno
Amilcar fero, e Anibal famoſo
Sendo aos campos Hiſpanos duro eſtrago
Tranſplantaraõ os Louros de Cartago

86.

Ves tremolar no Ceo outro eſtendarte,
De quem vencendo a Liſia o mundo doma?
Pois he dos filhos rigidos de Marte,
E da felîs Republica de Roma:
Diſciplina, valor, virtude, e arte
Por vencer o Univerſo aprende, e toma:
Oh quanras vezes Liſia com exceſſo
Interrompeo taõ rapido progreſſo!

87.

Aſſim o admirarás vendo copiado
Eſſe paſtor, que he Romulo entre os Luſos,
Oh quanto Conſul vés desbaratado!
Quantos de Roma Generaes confuſos!
Mas ay que â vil treiçaõ ſe acha proſtrado
Viriato, e triunfos taõ diffuſos,
Mas que a fama com eccos os aclame,
Deixaõ da antigua Roma o nome infame!

88.

Nota 638. Ves Sertorio, que a todos perſuade
Inſpiraçoens do bruto mais ligeiro?
Pois ſó em Luſitania a liberdade
Defende contra indigno cativeiro:
De Ceſar a immortal felicidade
Por aſtuto, por ſabio, por guerreiro,
O fez Emperador entre os Romanos,
Pois ſoube até vencer os Luſitanos.

89.

Nota 639. Do gelo Aquilonar desfeita a furia
Da parte ſuperior de Europa corre,
A ſer de Roma vigoroſa injuria,
Donde a Aguia Imperial ſem gloria morre:
Do ocio vil, da militar incuria
O vicio, que infeliz vago diſcorre,
Fez padecer effeitos taõ terriveis
Aos animos illuſtres, e inveuciveis,

90.

Nota 640. Ves no debuxo Gotico, que os Godos
As artes, e as ſcienc.as deſtruindo
Eſcureceraõ por diverſos modos
As naçoens, a que foraõ opprimindo:
Nota 641. O Luſitano Wamba, que entre todos
Se foy pelas virtudes diſtinguindo,
Mal imitado foy dos vaõs horrores
De tiranos, e indignos ſucceſſores.

91.

O Catholico, e Sabio Recaredo
Da Religiaõ o Imperio reſtitue;
Porém já por altiſſimo ſegredo
Aſtro maligno contra o Godo influe:
Cheyo o verás de aſſombro, horror, e medo,
Que nos campos de Eſpanha diſtribue
Mais do que à força de Africa o caſtigo
Que deo o Ceo às culpas de Rodrigo.

Nota 642.

Nota 643.

92.

Em pranto bem nacido o roſtro banhas,
E com razaõ, que o quadro que apparece,
Moſtra rendidas ambas as Eſpanhas
A' barbara naçaõ, que à terra dece:
Do Mahometano jugo as leys eſtranhas,
A que o povo Catholico aborrece,
Em toda a Luſitania ſe divulgaõ,
E com violencia horrivel ſe promulgaõ.

Nota 644.

93.

Mas nas ſerras altiſſimas de Aſturias
Vé que ao longe ſe moſtra o graõ Pelayo
Para domar as Mahometanas furias,
Reſuſcitando Heſpanha do deſmayo:
Qual rompendo ao vapor denſas injurias
Voa brilhando o fulminante rayo,
Multiplicando impulſos da violencia
Quanto ſe obſtina mais a reſiſtencia.

Nota 645.

94.

Aſſim diſſipa o Principe glorioſo
Tempeſtade cruel de Africa aduſta
Para fundar do Reyno milagroſo
A eterna ſerie da proſapia Auguſta:
Luſitania ainda ſofre o rigoroſo
Terrivel laço da cadeya injuſta,
Vendo a abominaçaõ nos patrios Lares
Profanar templos, abater altares.

95.

95.

Olha para eſſa lamina luzente,
Nota 646. Verás, que de Cantabria deſce à terra
Affonſo teu magnanimo aſcendente,
Que trouxe à Luſitania a dura guerra:
Qual dos montes a rapida torrente
Domina os campos inundando a terra;
Aſſim eſte Catolico Monarca
Sogeita o Agareno à juſta Parca.

96.

Nota 647. Outro Affonſo, a quem Caſto denomina,
A antonomaſia da virtude illuſtre,
Naſceo dos Mouros para ſer ruina,
E para ſer de Eſpanha immortal luſtre:
Com as armas brilhantes, que illumina,
Faz que de Africa a gloria ſe desluſtre,
Conquiſtando Viſeu, Braga povóa,
E até domina a inclita Lisboa.

97.

Nota 648. Outras altas façanhas naõ refiro,
Mas neſtes geroglificos que exponho,
Ali verás triunfando o graõ Ramiro:
Aqui verás vencendo o claro Ordonho:
Do Magno Affonſo o feliz nome admiro,
E o quadro que aos teus olhos interponho,
Deſta meſma Coimbra conquiſtada,
Já moſtra, que por ti ſerá guardada.

98.

Vés já perdida a fundaçaõ de Uliſſes
Sofrer o indigno Scetro ao feroz Mouro?
Pois com progreſſos claros, e felices
Nota 649. Doma Ordonho terceiro ao Tejo de ouro:
Succeſſos valeroſos, e infelices,
Naõ ſendo a ſorte do valor desdouro
Nota 650. Acha ſobre Viſeu Affonſo quinto
De ſacrilega maõ ao ferro extinto.

99.

99.

Vés em tudo primeiro o Graõ Fernando, Nota 651.
Que ſubindo às Eſtrellas pelo Erminio
A Cea inexpugnavel conquiſtando
Dilata até Lamego o ſeu dominio?
Ao protector eterno vay fundando,
Por buſcar o divino patrocinio,
Moſteiros ſumptuoſos, ſacros templos,
Da Fé padroens, e da piedade exemplos.

100.

Portugal proprio Rey já pretendia
Para a novas conquiſta ter pretexto:
Ali já coroado eſtá Garcia Nota 652.
No debuxo do hiſtorico contexto:
Mas como o ſcetro menos merecia,
O valeroſo irmaõ Affonſo o ſexto
Com invicto valor, com arte eſtranha,
Emperador ſe coroou de Eſpanha.

101.

Já vés de Santarem proſtrado o muro, Nota 653.
E de Cintra a duriſſima aſpereza,
De Lisboa o dominio mal ſeguro
Foy taõbem do ſeu braço excelſa empreza:
Elle foy quem a Henrique em laço puro,
Que eſtreitou a virtude, e a belleza,
Como ſabes, unio com Regia ſorte
A' amada filha a inclita conſorte.

102.

Mas eſſes quadros de ouro, donde brilha
O primor mais polido do deſenho,
Sò por eternizar a maravilha
Emprego foy do meu celeſte engenho:
Henrique o generoſo, a quem ſe humilha
Do vorâs tempo o rigoroſo empenho,
Verás que para credito da hiſtoria
Ha de ſer do univerſo aſſombro, e gloria.

103.

Nota 654. Dos Duques de Borgonha derivado,
Dos Monarchas de França produzido,
Ali verás Capeto coroado,
Aqui verás Roberto mais luzido:
Henrique antes que ao trono deſtinado
Tiveſſe em tanta gloria ſucedido,
Quer que o glorioſo filho feliz tome,
Pois tem a meſma fama, o meſmo nome.

104.

Em Sibilla o produz illuſtre eſpoſa,
E hum miſterio mayor quero explicar-te:
Vés aquella Sibilla, que fermoſa
Com clara tocha intenta illuminar-te?
Pois eſta foy da gruta tenebroſa
De Gaya quem nas luzes, que reparte,
A Henrique deſcifrou todo o miſterio
Da fundaçaõ do Luſitano Imperio.

105.

Nota 655. Naõ foy Sibilla naõ, mas de Sibilla
Mãy de Henrique o eſpirito glorioſo,
Que ſabia o inſpirou, ſanta e tranquilla.
Em forma eſtranha, em nome miſterioſo:
Naquelle livro de ouro recopila
A hiſtoria deſte Reyno vitorioſo
Da tutelar deidade os luſimentos,
E os precioſos rariſſimos talentos.

106.

Vé, como Henrique vem buſcar a Eſpanha
Para os triunfos bellico teatro,
Vencendo tanta fera mais eſtranha,
Que quantas vio o antigo anfiteatro:
E vé, que huma façanha, outra façanhã
O Sol do Ceo gravou nas partes quatro,
Mas como as viſte, agora as naõ explico,
Porque o menos notorio ſó publico.

107.

Vés, que tomando a inſignia ſacroſanta Nota 656.
A Portugal deixou por Paleſtina,
E quanto a ſua fama ſe adianta
Na empreſa mais heroica, e mais divina?
Vés como traz ao Reyno a illuſtre, e Santa
Reliquia taõ precioſa, e peregrina;
Que aos mortaes purifica do contagio,
E em hum ſó lenho os livra do naufragio?

108.

Pois agora verás, que preparadas
As laminas, que admiras de ouro puro,
Eſtaõ, para que ſejaõ debuxadas
De tanto aſſombro, que ainda eſtá futuro:
Nas primeiras, que advertes, delineadas
Vês as ameas, torres, rio, e muro
De Coimbra, que guardas animoſo,
Donde has de ſer dos Mouros vitorioſo.

109.

Ceſſou a voz do Genio ſoberano,
E Pedro ainda diſtingue entre fulgores
Brilhantes azas, geſto mais que humano,
Purpureos rayos, claros reſplandotes;
Animado, ſuſpenſo, pio, ufano,
Do amor, e a Fé unidos os ardores,
Com os olhos no Ceo devoto exclama
Afectos que na lingua o peito inflama.

110.

Oh naõ te eſcondas Paraninfo eterno; Nota 657.
E naõ fiquem agora preferidos
Em jubilo taõ grande, e taõ interno
Envejoſos os olhos dos ouvidos:
Tu es Miguel o vencedor do Averno,
E em Portugal terás ſempre erigidos
Altares com eſtatuas, que ao teu culto
Immortalizem tanto eterno indulto.

111.

Vou defender Coimbra ſatisfeito
De que heide triunfar deſſe Iſmaelita,
Que o barbaro tirano, activo effeito,
A hum eco teu as furias debilita:
Para defenſa baſtará meu peito
Que os teus doces acentos depoſita,
E quantas luzes ví neſtes enſayos
Fulminaráõ aos Mouros como rayos

112.

Diſſe, e logo ſahio Pedro excellente
Cerrando as portas da admiravel torre,
De tudo aviza a Henrique diligente,
E o que vio, mais admira que diſcorre:
Os poſtos aſſinala à forte gente,
Que a defender Coimbra entaõ concorre,
E ſe augmentarſe o ſeu valor pudera,
Com taõ feliz oraculo crecera.

113.

Muſtafà ao Monarca obedecendo,
A praça de tal ſorte vay cercando,
Que no artificio eſtá mais eſtupendo:
Huma Cidade a outra circundando:
Para a campanha as linhas fornecendo
Taõ altos torreoens foy levantando,
Que ſem da defenſiva ter cautellas,
Parece, que aſſaltar quiz as eſtrellas.

114.

Chega Amado a Lamego, e o recebe
Tereza com receyo, e alegria,
Receyo, que o amor fino concebe,
Em quanto a feliz nova naõ lhe ouvia;
Alegria que ao longe bem percebe
No ſeguro ſemblante, que lhe via,
E de Urania, e de Aldara acompanhada
Eſperava a noticia dezejada.

115.

He vivo, diz Pelayo, Henrique he vivo,
E com iſto jà digo, que vencemos,
Pois ſe o inſpira o ſeu vigor activo,
He certo que as batalhas naõ perdemos:
Vive Bermudo, e bem que em fado eſquivo
Vé Muley os triunfos, que tivemos;
Elle, e o ſeu Rey illeſos da batalha
Combatem de Coimbra a alta muralha.

116.

Sempre atento, Tereza lhe reſponde,
Livras tres coraçoens de hum mortal ſuſto,
Que o laconico eſtylo correſponde
A affecto impaciente, fino, e juſto:
Buſquemos a Giraldo, vamos doude
Demos ao Numen tutelar, e auguſto
As graças, em que os animos devotos
Equivoquem nos jubilos os votos.

117.

Foy-ſe, e Vrania: Aldara ſe deteve
Suſpenſa, vacillante, e temeroſa,
Purpura agora o roſtro, agora hé neve,
E cada affecto a deixa mais fermoſa:
Naõ perde Amado eſta fortuna breve,
E aſſim lhe explica huma ancia decoroſa;
Mas oh quanto o reſpeito o prende! oh quanto
O que a voz principia, acaba em pranto!

118

Já vos pedi, belliſſima deidade
Alviçaras da vida de hum felice,
E aceitarã tambem voſſa crueldade
Peſames de ver vivo a hum infelice:
Já vos devco a vida, e liberdade
Muley, e já compri quanto vos diſſe:
» Só eſpero que vos, dura homicida,
Porque eu lha dey, lhe aborreçais a vida.

119.

Naõ foy deſar do ſeu valente peito
Receber do contrario hum beneficio,
A vida naõ pedio, mas foy effeito
De ter em vós hum aſtro taõ propicio:
De vencer naõ ſe achava ſatisfeito
Seu esforçado braço dando indicio
De que era digno (a hum inimigo exalto)
De taõ alto favor valor taõ alto.

120.

Mas extintos os fortes companheiros,
Debeis as forças, o animo invencivel,
Ao numero exceſſivo de guerreiros
Ficava ás reſiſtencias impoſſivel:
Só duraõ na campanha os ſeus loureiros
Por coroar hum Marte irreſiſtivel;
Fiz retirar os meus, porque o deixára
Até triunfante quando naõ triunfara.

121.

Sey, que eſtá em Coimbra; e ſó rendido
Vos peço, que eſta vez mais opportuna
A quem taõ deſgraçado fez Cupido
Perdoeis ter por Marte huma fortuna:
Vede que o meu ciume he bem nacido;
Quanto mais minha ſorte he importuna,
Affectos, que em meu mal ſe contradizem,
Se a voz os cala, as lagrimas os dizem.

122.

Se a ſumma eſtimaçaõ, reſponde Aldara,
Que me deves Pelayo generoſo
Tantas finezas inclitas pagara,
Naõ terias razaõ de eſtar queixoſo:
Ainda vive Muley, e eu bem deixara
De repetirte hum nome taõ odioſo,
Pois te offende o ouvido, ſe naõ viſſe,
Que o nomeyo, por ſer mais infelice.

123.

Já te diſſe o eſtado do meu peito,
Que nam o recupero, e neſte eſtado;
No teu merecimento ſatisfeito
Tu a ti meſmo já te tens premiado:
Se o tempo produzir contrario effeito,
A fortuna inconſtante, o duro fado;
Veràs que a obrigaçaõ tanto ſe augmenta,
Que em mim a ingratidaõ vive violenta.

124.

Neſte tempo chegou o auguſto Infante
Agil, gentil, diſcreto, e gracioſo,
Pelo heróe perguntou ſeu peito amante,
E por Moniz atento, e generoſo:
Giraldo o a campanha vigilante,
Todos ao templo conduzio zeloſo:
Na alegre devoçaõ voaõ activos
A dar ao Numen cultos mais feſtivos.

HENRIQUEIDA

CANTO. XI.

Argumento

Forma-ſe de Coimbra o ſitio forte,
Faz Bernardo valente reſiſtencia,
Liſis, e Licio tem no amor a morte,
Brilha o valor até da luz na auſencia:
Elvidio, e Muſtafá tem igual ſorte,
Axa crè que he verdade huma apparencia;
Levanta Ali o ſitio com deſdouro,
E foy em terra, e mar vencido o Mouro.

1.

Em menos de huma Lua as meas luas
Brilhavaõ ſobre as torres Mahometanas,
Com que ao ſitiar Coimbra as glorias ſuas
Oſtentavaõ as gentes Mauritanas:
As linhas com defenſas naõ commuas
Deſpreſavaõ as forças Luſitanas;
E naõ menos ſe oppunhaõ guarnecidas
Ao vigor improviſo das ſortidas.

2.

Mas antes que de todo ſe acabaſſem
Contra a praça as fortiſſimas defenſſas,
Mandou Pedro Bernardo as atacaſſem
Dos defenſores rigidas ofenſas;
Que da parte do Boreas ſe formaſem,
Quando a ſombra enlutavaõ nuvens denſas,
A's tropas ordenou, que manda experto
O ſciente, e magnanimo Roberto.

3.

3.

Em quatro corpos levemente armados
Diſtribue os valentes Portuguezes,
Que a peitos taõ robuſtos, e esforçados
Eraõ defenſa inutil os arnezes:
De eſpadas, e rodellas ſó fiados
Vaõ os Luſos, de dardos os Francezes,
Naçoens donde a deſtreza, e a arrogancia
Unem a prontidaõ com a conſtancia.

4.

Outros conficionados artificios
Levaõ para atear a veloz chama,
Que ha de dar nas faxinas exercicios
Ao voraz elemento, que as inflama:
Na parte oppoſta Elvidio, dando indicios
De outra ſortida, aſtuto aos Mouros chama;
Porém ſe deſpreſarem a primeira,
Ha de fazer a falſa verdadeira

Nota 658.

5.

As armas toma já todo o preſidio,
Que ſe as primeiras tropas rechaçarem,
Acharáõ prontamente eſte ſubſidio
Para os novos progreſſos, que intentarem:
Pela ponte já ſahe o bravo Elvidio,
Para que os inimigos ſe preparem
A acodir ao rumor da gente expoſta,
Quando o dano he mayor na parte oppoſta.

6.

Aſſim ſuccede porque a voz ſe eſpalha,
Que a praça pello rio ſe ſocorre,
Dentro das linhas fórma-ſe em batalha
O Mahometano, que ligeiro corre:
Vendo que deſamparaõ a muralha,
Roberto pela parte, que diſcorre,
E a trincheira eſtá menos guarnecida
Pelo lado, em que intenta eſta ſortida.

7.

7.

Nota 659. Sahe com mil ſoldados, e velozes,
Os de Gallia aos de Libia aſſaltaõ logo,
Morrem do dardo aos impetos atrozes,
Sem achar na fogida deſafogo:
Multiplicando a confuſaõ, e as vozes
A Portugueza eſpada mais que o fogo,
Que tudo abraza, inflama, quima, humilha,
Entre as ſombras deſtroça, fere, e brilha.

8.

Maquinas que ali eſtavaõ preparadas
Em pouco tempo deixaõ deſtruidas,
As faxinas ſó ſervem abrazadas
De dar mais luz às armas homicidas:
Poucas daquella parte preſervadas
Do ferro ficaõ Africanas vidas;
E o trabalho ſe vé perdido agora,
Que cuſtou muitos dias, neſta hora,

9.

Correo Axa velóz áquella parte,
E affirmou que com elmo diamantino
Vira decer dos Ceos o meſmo Marte
A dar aos Luſos ſeu favor divino:
E que por mais que Pallas o eſtandarte
Fez tremolar no orbe criſtalino,
O Deos que aos Agarenos tanto aſſombra,
Porque o naõ viſſem, o eſcondeo na ſombra.

10.

Mas que Tritonia com ſeu claro eſcudo
Da Gorgona veneno transparente
Suſpendeo de Mavorte o golpe rudo,
E defendeo a Mauritana gente:
Axa com tal valor acode a tudo,
Que para que huma Pallas repreſente,
Supria com impulſo taõ terrivel
Os eſforços do Numen invencivel.

11.

11.

Roberto para a praça ſe recolhe
De trofeos, e deſpojos adornado,
Eſte tempo opportuno Elvido eſcolhe
Ao novo ataque pelo oppoſto lado:
Outras ventagens ſemelhantes colhe,
E deixou hum quartel já arurinado:
Tanto os expugnadores padeceraõ,
Que expugnados agora pareceraõ.

12.

Corre o Rey, e Altamor, vendo o incendio,
A extinguillo, que o campo abraza activo,
O preceito, o caſtigo, e o diſpendio
Suſpenderaõ o ardor executivo;
Foy a noute de eſtragos hum compendio,
E deſcobrio o dia ſuceſivo
Nos ſinaes dos triunfos, que luſiraõ,
Quantas acçoens as ſombras encobriraõ.

13.

A reparar huns danos taõ funeſtos
O trabalho ſe vio de muitos dias,
No inverno ſe faziaõ mais moleſtos
Nas proceloſas frigidas porfias;
Se eſtavaõ nas trincheiras manifeſtos
Os Mouros affectando as ouſadias,
Para matallos rapidos cometas
Voaõ dos muros as ardentes ſetas.

14.

Entre as meas Pedro diſtribue
Occultos nas ſéte iras os frècheiros,
E a emulaçaõ louvavel, que lhe influe,
Multiplica os acertos dos guerreiros
Artificioſa maquina conclue,
Que os ſeixos mais peſados faz ligeiros;
Tirando dos ſepulcros campas duras,
Voaõ para matar as ſepulturas.

15.

Oh dura ley da guerra, que interrompe
Dos mauſoleos o aſilo inviolavel!
E o cadaver, que emterra ſe corrompe,
Expoſto deixa objecto intoleravel!
Quando ao deſcanſo os privilegios rompe,
He da afliccaõ motivo deteſtavel;
E deixa com effeitos ſucceſſivos
Os vivos mortos, quando os mortos vivos!

16.

Mas do Agareno a multidaõ immenſa
O dano das ſortidas bem repara,
Com o exemplo, o caſtigo, a recompenſa,
O Rey aos ſeus Soldados animâra:
Tanta formaõ de ſetas nuvem denſa,
Que ſempre o Sol á praça ſe eclipſára,
Ainda que o meſmo inverno, que o aſſombra,
Lhe naõ roubaſſe a luz na eſcura ſombra.

17.

Nota 660. Hum rebanho de Arîetes robuſtos,
Por mais que inanimados já ſe viaõ
Com movimento eſtranho davaõ ſuſtos
A's muralhas que rapidos batiaõ:
Paſtos eraõ os marmores auguſtos,
E ſe cré ſem ter bocas, que os comiaõ,
E o impulſo, que a maquina reforça,
Quanto mais retrocede, mais ſe esforça.

18.

Nota 661. Catapultas juntaraõ taõ immenſas,
Que em vomitos fataes de ſeixos duros
As pedras deſuniaõ das defenſas,
Que o betume ligou nos fortes muros:
Das maquinas rompendo as nuvens denſas
Naõ ficaõ deſtes rayos bem ſeguros
Os jaſpes, que na força, que os domina,
A reſiſtencia trocaõ em ruina.

19.

19.

Conſpiraõ contra os ares as Baliſtas, Nota 662.
E da terra arrojando outros diluvios
Dilataõ nas eſferas as conquiſtas,
E ſem fogo de pedras ſaõ Veſuvios:
Por mais Eôlo, que ao furor reſiſtas,
Podem mais que teus ventos ſeus efluvios:
Cahem dentro na praça os ſeus enſayos,
E ſubindo vapores, bayxaõ rayos.

20.

Naõ faz mayor abalo hum terremoto,
Quando a terra combate a meſma terra:
Naõ ſó na força do opprimido Noto, Nota 663.
Mas do ſulfureo mineral, que encerra;
E unindo-ſe ao ſalitre deixa roto
Ocarcere infernal com dura guerra,
E para confundir os orizontes,
Rouba para o Abiſmo os altos montes.

21.

Aſſim unindo o tormentoſo eſtrago
Feria as pedras, e feria os ares,
Levava o rio com impulſo vago
Todo o terror da terra aos meſmos mares:
De Numancia, Sagunto, e de Cartago Nota 664.
Naõ ſejaõ as defenſas ſingulares;
Porque em Coimbra mais conſtancia admiro Nota 665.
Que a de Jeruſalem, Ravenna, e Tyro.

22.

Fabricavaõ perfeitas cortaduras
Contra as brechas os fortes defenſores:
Reſiſtiaõ ao ferro as pedras duras
Deſprezando os ſeus horridos rigores;
Mas já de outras ſoberbas eſtructuras
Vem occupar eſféras ſuperiores
De huma, e outra Babel, que tanto erguida Nota 666.
Algum dia ha de verſe confundida.

23.

As ſublimes muralhas excediaõ,
E ſobre ellas as maquinas plantavaõ,
Quantos nas ruas da eminencia viaõ
As ingentes Baliſtas fulminavaõ:
Os que nos proprios Lares aſſiſtiaõ,
E no azilo ſeguros ſe julgavaõ;
Oh quantas vezes a huma ſeta dura
Transformaraõ o leito em ſepultura!

24

Entre as iras de Marte amor ſe eſconde,
E huma fatal tragedia reprezenta,
Triſte o teatro foy Coimbra, adonde
O ſeu triunfo o ſeu eſtrago augmenta:
Nota 667. Quando Liſis a Licio correſponde,
Choraõ unidos morte mais violenta,
Ambos no ſangue iguaes, ambos amantes
Sentem da Parca os golpes fulminantes.

25.

A' bella Liſis o galhardo Licio
Amava fino, e reſpeitava mudo,
Naõ deveo ao amor mais beneficio
Que o ferillo com ferro mais agudo:
Antes que da razaõ o uſo propicio
Deſſe ao affecto eſte adorado eſtudo,
A innocencia admirando o bello objecto,
Antecipou com a razaõ o affecto.

26.

Dezejava, que occultas as finezas
Nem de merecimentos preſumiſſem,
Nem ainda por culto das bellezas
Ardentes ſacrificios ſe admitiſſem:
Naõ pudera encobrir tantas triſtezas,
Se quando a Liſis os ſeus olhos viſſem
Entre huma ſuaviſſima agonia
Naõ as equivocaſſe na alegria.

27.

Liſis, ſem o ſaber, a Licio mata,
Porem ſe elle lhe encobre o que padece,
Se, porque o ignorou, naõ foy ingrata,
Era injuſta, naõ vendo o que merece:
Mas no primeiro dia, em que deſata
O Amor os laços, que o ſilencio tece,
Vencida do eloquente, e do conſtante,
Se rende â diſcriçaõ do fino amante. Nota 668.

28.

Jurando de Himeneo ſeguir os ritos,
Eſperaõ que de Febo os reſplandores
Os caracteres deixem ver eſcritos
Pelo Deſtino em livros ſuperiores:
Noute; que eſcondes perfidos delitos;
Occulta agora licitos amores,
Sofre ó Aurora em talamo enganoſo
Frios abraços do teu velho eſpoſo. Nota 669.

29.

As caſas dos amantes ſeparava
Delicioſo Jardim, breve, e ameno,
E até do Inverno contra a furia eſtava
A terra florecente, o Ceo ſereno:
Sem artificio o talamo formava
Sobre o rigido gelo o brando feno,
Com folhas os Loureiros ſem mudanças
Simboliſaõ amantes eſperanças.

30.

Caſta Diana aos mares ſe retira, Nota 670.
Prónuba Venus bella ſe deſcobre,
De Amores o eſquadraõ nas ſombras gira,
E ao chegar os amantes naõ ſe encobre:
Liſis ouvindo Licio, que ſuſpira,
O reconhece, ainda que a noute cobre
Os affectos, que exprimem os ſemblantes
Dos ardentes finiſſimos amantes.

31.

Já ſe eſtreitava nō primeiro abraço
A cadea de amor ſutil, e dura;
E as almas no decente, e firme laço
Cuidavaō foſſe eterna uniaō taō pura:
Quando hum barbaro infame, iniquo braço
Dispara com tal força ſeta impura,
Que antes que hum coraçaō nos dois ſe ouviſſe,
Fez que a Parca voando os dividiſſe.

32.

Foy o caſo, que Alcino injuſto, e fero
Amava a Liſis com ardor activo,
E por fogir do ſeu deſdem ſevero
O trouxe aos Mouros, ſeu deſtino eſquivo:
Culto, que profeſſou certo, e ſincero
Da ſacra fonte no criſtal nativo,
Deixou por impio rito Mahometano,
Quando a Liſis ouvio hum deſengano.

33.

Deſertou de Coimbra aquelle dia,
Em que huma intereſſada confidente
Lhe deſcobrio, que a Licio preferia
Liſis com pura fé do peito ardente:
Buſca o Rey da Africana Monarquia,
Dizlhe que a praça tinha menos gente
Da que era neceſſaria aos largos muros
Para eſtar guarnecidos, e ſeguros.

34.

Que ſempre a fatigaſſe com aſſaltos,
E que naō tinha muitos mantimentos,
Taōbem de muniçoens eſtavaō faltos,
Mas que o rio lhe dava baſtimentos:
Que da obra interior naō eraō altos
Os muros, e que aos golpes mais violentos
Seu material muy pouco difficulta,
Quando os bate furioſa a catapulta

35.

Que he preciſo ganhar a Fortaleza
Só defendida do valor de Elvidio,
E que elle ſe offrece à nova empreſa,
E que ha de cativar o ſeu preſidio;
Que aſſim naõ lograrâõ tanta deſtreza,
Com que pelo Mondego tem ſubſidio,
Quando na eſcuridaõ pequenos barcos
Se introduzem da ponte pelos arcos.

36.

Que ſeus pays ſempre foraõ Mahometanos
Fingindo-ſe por medo convertidos,
E dos Criſtaõs ſuperſtiçoens, e danos
Nunca em ſeus coraçoens foraõ ſeguidos;
E por fogir dos perfidos enganos
Buſcava os ſeus parciaes, que agradecidos
Como o ſeu Rey o louvaõ, e engrandecem,
Porem de que he traidor nunca ſe eſquecem.

37.

Pede lhe Alcino, que a ſublime torre,
Que ao alto muro eſtava mais vezinha,
Lhe deixaſſe occupar, porque diſcorre,
Que della o tiro barbaro emcaminha:
De Liſis o jardim muy perto corre
Do muro, qne da torre ſe avezinha,
Sabe o lugar do talamo de feno,
E alguma luz lhe dava o Ceo ſereno.

38.

Eſtas imprecaçoens dictava a furia,
Que lhe influio ſacrilegos projectos,
Da Religiaõ, da patria, em torpe injnria,
Se rebellaõ ſeus perfidos affectos:
Mas para que naõ erre com incuria
O tiro na incerteza dos objetos,
A ſeta applica ao arco, e ſem que tema,
Eſta formou propoſiçaõ blasfema.

39.

Genio do Abiſmo, a quem do Averno o Nume
Deu poder de que às almas dos humanos
Inſpiraſſes o affecto do ciume,
Occultandolhe os bens dos deſenganos,
E a chama azul do teu ſulfureo lume
Cega outra vez o amor com ſeus enganos,
Contra mim tuas iras já provoco,
E a receber tres victimas te invoco.

40.

Se eſta ſeta encaminhas pelos ares
De ſorte, que os teus tragicos effeitos
Inſpirem os meus malevolos peſares,
Comque hum ſó golpe penetrar dous peitos,
Suas vidas conſagro a teus altares,
E ſe ainda naõ ficarem ſatisfeitos,
Para ir vér abrazar Liſis, e Licio,
Eu ſerey o terceiro ſacrificio.

41.

Appareceo voando o nume triſte:
Cerulea toga encobre o corpo ardente,
E para atala ſobre o peito exiſte
Com veneno ſotil azul ſerpente:
O cabelo entre viboras perſiſte,
Olhos de Lince tem, canino o dente;
A lingua triunfando dos ſentidos,
No mal perverte os olhos, e os ouvidos.

42.

Com a funeſta luz da negra téa
Lhe moſtra para a ſeta o certo emprego,
E eſtando cego na confuſa idea,
Para vingarſe naõ eſteve cego:
Diſpara a ſeta; em que o ciume atea
A chama do infeliz deſaſocego:
Ay! (diz Liſis) do amor ſou ſacrificio:
Liſis, já por ti morro, exclama Licio.

43.

Vendo Alcino os effeitos da vingança,
Cumpre ſem dilaçaõ o impuro voto,
Da torre à terra promptamente lança
O corpo que em pedaços ſe vio roto:
A alma por trofeo a furia alcança,
E do Aqueronte o funebre piloto
A conduſio no horrendo paraciſmo
Para augmentar o incendio ao meſmo Abiſmo.

44.

Vay Muſtafá pela profunda terra Nota 671.
Imitando os quadrupedes medroſos,
Introduzindo de huma occulta guerra
Aſtutos artificios tenebroſos:
Em largas minas tanta gente encerra,
Que nos eſtratagemas cauteloſos,
Parece que intentou ſeu peito impuro
Conquiſtar de Plutaõ o Reyno eſcuro.

45.

Era o intento das profundas minas
Debilitar os fortes fundamentos,
Para que das muralhas as ruinas
Do aſſalto facilitem os intentos:
Dentro das ſubterraneas officinas
Suſtentavaõ em pinheiros corpulentos
Poſtos a prumo os muros levantados,
Para cair deixando-os abrazados.

46.

Porem Pedro Bernardo vigilante
Ouvindo algum rumor dentro da terra,
E que em partes ſe move vacillante,
Como preſagio do furor, que encerra:
Gente eſcolhe, que deſtra, e arrogante
Faça no eſcuro campo occulta guerra,
E a contramina fabricou Roberto
Da mina conhecendo o lugar certo

47.

Encontraõ-ſe os nocturnos contendores;
E ſe tantas batalhas conta a hiſtoria,
Em que do Sol, e Lua os reſplandores
Illuminaraõ a preclara gloria:
Agora entre triſtiſſimos horrores
Naõ ſe ha de deſcrever clara memoria
Do valor, que na occulta, e baixa eſfera
Temeo Alecto, e receou Megera.

48.

Correa aos Portuguezes, que guiava
Fez encontrar as gentes de Zulema,
Sem luz ninguem ſabia quanto obrava,
Quando nem entre as ſombras há quem tema:
Mas já do Luſitano a furia brava
Faz que o Mouro cobarde grite, e gema,
E ficáraõ os barbaros Soldados
Mortos no meſmo ſitio, e ſepultados.

49.

Tranſportara-ſe à praça dos madeiros
O ſoccorro aos reparos taõ preciſo,
E os alicerſes conſervando inteiros
Emendaraõ da mina o prejuizo:
Mas já ſentem os celebres guerreiros,
Que daõ a Henrique deſte mal o aviſo,
Da fome horrivel o mortal inſulto
Inimigo domeſtico, e occulto.

50.

Ainda que o Sol apenas tem ſahido
Nota 672. Do tropico do gelo em que naõ doura
O prado ameno, nem o Ceo luſido,
E Flora ainda as riquezas entezoura;
Com abundancia ſe acha ſoccorrido
O campo ſitiador da gente Moura;
Lisboa lhe offerece, quanto encerra,
Que o mar lhe dá, ſe o difficulta a terra.

51.

51.

Mas em Coimbra falta de tal forte
O alimento, que a meſma ſobriedade
Reconhece o aperto extremo, e forte
Da tirana, e fatal neceſſidade:
Por mais que Pedro os animos conforte
Com o exemplo à conſtancia, e à piedade,
Teme que ſe atenuem nos conflictos
Com dura fome os animos aflictos.

52.

Os quadrupedes mata generoſos;
Perde a milicia equeſtre os ſeus projectos,
Já ſem aſco ſe julgaõ ſaboroſos
Os mais vis, e mais infimos inſectos;
Mas ſaõ os coraçoens taõ valeroſos,
Que deſprezando eſtes mortaes objectos,
Naõ ſe abate das forças a violencia,
E o vigor recuperaõ na abſtinencia.

53.

Já com as porfiadas batarias
A barbacaã cahio cegando o foſſo,
Sobre elle caminhando as galarias
O muro ſe arruina altivo, e groſſo:
A reparar as brechas com porfias
Naõ baſta a actividade, e valor noſſo;
Porém naõ receando os ſeus effeitos,
Muralhas invenciveis ſaõ ſeus peitos.

54.

Elvidio reſiſtira tres aſſaltos
Vingando-ſe do Mouro em muitas vidas;
Porém debeis os muros, e naõ altos
Cederaõ ás violencias repetidas:
De munições, e mantimentos faltos,
Depois de outras emprezas, e ſortidas,
Foy retirarſe à praya ultimo emprego,
Abandonando a ponte do Mondego.

55.

As levantadas maquinas, que os tiros
Faziaõ às muralhas superiores,
De horrendos feixos com horriveis giros
Cobriaõ os valentes defensores:
Naõ valiaõ os ultimos retiros
Dos lugares occultos, e inferiores,
E se algum no Sepulcro se assegura:
A morte o foy achar na sepultura.

56.

Preparou se o assalto formidavel
As tropas repartindo o Rey potente,
Fazendo se temido, quando amavel,
A tanta empreza anima a Moura gente,
Que Coimbra naõ era inexpugnavel
Lhe persuadio com methodo eloquente;
E que à nuvem fatal de tanta flecha
A guarniçaõ desamparava a brecha.

57.

Que a fome aos defensores extinguira;
Que o largo sitio as armas malquistara;
Que Henrique da campanha já fogira,
E em Leiria muy bem se atrincheirara,
Que de Sevilha o grande Rey partira:
E o Cordovés tambem o acompanhara,
E que chegando as tropas a Alentejo,
Passaraõ para a Abrantes o aureo Tejo.

58.

Que ganhar a Coimbra era preciso,
Por naõ roubarlhe a gloria os Aliados,
E Henrique temeroso, e indeciso
Acharia os tres Reys encorporados:
Sentindo irremediavel prejuiso
Naõ tinhaõ mantimentos seus Soldados,
E passando o Mondego sem receyo,
Teria aos Portuguezes em bloqueyo,

59.

Que ElRey do Algarve, o celebre Aloandro,
Que excedia no ſabio, e no prudente
Ao Rey Corintio, o docto Periandro
Entre os ſete de Grecia preeminente;
Que he emulo na guerra de Liſandro
Naõ menos que Temiſtocles valente,
Pode, ſe a rebeliaõ vé caſtigada
Guardar Lisboa, e expedir a armada.

Nota 674.
Nota 675.
Nota 676.

60.

Aſſim fallou o Rey de hum lugar alto,
Donde já Muſtafá, e Axa ſe viaõ,
Diſtribuindo para o duro aſſalto
Huns batalhoens, que aos outros ſuccediaõ:
De agoa o profundo foſſo eſtava falto,
De todo com faxina o entupiaõ;
E parece que a brecha, que já toca
Para eſpirar a praça abrir a boca.

61.

Arrimadas as mantas, que reſiſtem
Das pedras, e do fogo a ardente offenſa,
Encobrem os Soldados, que perſiſtem
Em tirar aos da praça outra defenſa:
Com mil eſcadas circulando inſiſtem
As muralhas, por ter a recompenſa,
Que o Rey promete a quem activo, e duro
Primeiro as Luas collocar no muro.

62.

Tartarugas terreſtres caminhavaõ,
E levantando as conchas às améas,
Do Grego engano equeſtre renovavaõ
Na nova Troya as tragicas ideas;
Pois pela horrenda boca vomitavaõ
Mil producçoens das Libicas aréas;
E parece, que de Africa as Serpentes
Reproduziraõ venenoſos dentes.

Nota 677.

63.

63.

A hum tempo no ar, e terra ſoa a caxa
Para montar a brecha vaõ primeiro
A' competencia Muſtafá com Axa,
Rara heroîna, intrepido guerreiro:
Ambos tocaõ do muro a ultima faxa,
Tiros multiplicou tanto frecheiro,
Que entre poucos ſe achavaõ do preſidio
O valente Roberto, o forte Elvidio.

64.

Sanguinolento barbaro eſtendarte
De tres Luas de prata ſemeado
Por Axa, e Muſtafá o Rey reparte,
Para ſer ſobre os muros arvorado:
Mahometo, o Mouro diz, a quem deu parte
Do governo do mundo eterno Fado:
Faze contra eſtas impias, falſas gentes
Nota 678. Deſtes tres novilunios tres crecentes.

65.

Axa aſſim clama! Oh tu Cintia divina;
Que triforme te moſtras em tres Luas
Nota 679. Na terra, Ceo, e Abiſmo, a que illumina
Triplicado fulgor das glorias tuas;
Se hoje à Cruz eſta Lua predomina,
E a ti ſe proſtraõ as vaidades ſuas,
Eu te farey hum templo izento á chama,
Que de Eroſtrato apague a indigna fama.

66.

Na maõ direita a eſpada rutilante,
E na eſquerda a bandeira Mahometana,
Levava Muſtafá ſempre arrogante,
Levantava a belliſſima Africana:
Mas naõ pode o Profeta ſer triunfante,
Nem vencer a diviſa de Diana,
Que a idolatras, e infieis as falſas luzes
Sempre eclipçaraõ Luſitanas Cruzes.

67.

Fere a Elvidio a heroîna bellicoſa,
Mas delle recebeo outra ferida;
Perto eſteve de ſer hoje fermoſa
A meſma morte com taõ bella vida:
Naõ cedeo a bandeira à victorioſa
Maõ, que já a roubava preſumida,
E ambos lutando no combate duro
Se precipitaõ deſde o alto muro.

68.

Sobre a concha do Anfibio os dous caîraõ;
E ſem acordo os levaõ para as tendas
Os Mouros, que hum preſagio triſte viraõ
No principio infeliz deſtas contendas:
Porque os ſeus eſtendartes, donde admiraõ
Brancas Luas de inſignias taõ tremendas,
Do ſangue das feridas ſe mancharaõ,
Que em terriveis ſinaes as transformaraõ.

69.

Roberto, que já tinha o aſcendente
Em Muſtafá, que em Gaya cativara,
Ainda que o vio taõ agil, e valente,
O rendeo com deſtreza, e força rara:
Braço a braço lutando o impulſo ardente
Do Francez o Agareno ſuperara;
Mas já vem mil a mil expugnadores,
E correm cento a cento os defenſores.

70.

Muley com os que o ſeguem deſmontando
Dos cavallos, ſubindo à brecha larga,
Foy aos que já a deciaõ ſuſtentando
Sem recear das pedras dura carga:
Vay com tal preſſa os muros aſſaltando,
E ſó, dos ſeus parciaes tanto ſe alarga,
Que do animo na intrepida grandeza
Naõ quer partir a gloria da ardua empreza.

71.

71.

De hum bruto equeſtre a cauda eſpeſſa, e negra
Sobre a muralha com valor arvora,
E todo o campo barbaro ſe alegra,
Por ver, que o fero aſſalto ſe melhora:
Da diſciplina Militar a regra
O peito temerario deixa agora,
Que a fortaleza com furor violento
Naõ ſogeita á prudencia o movimento.

72.

Muitos imitaõ a Muley galhardo,
E na ganhada brecha ſe alojaraõ,
Se de huma cortadura no reſguardo
Os Luſos outro corpo naõ formaraõ:
O Leaõ Leonés Pedro Bernardo,
E os ſeus aos Agarenos rechaçaraõ,
E fazendo-os decer da larga brecha,
Donde a lança naõ chega, os ſegue a flecha;

73.

Com Bernardo Muley combate activo,
E eſte vendo que os ſeus já o deixavaõ,
E que com tanto golpe executivo
No foſſo muitos mil ſe ſepultavaõ;
E ſe os contrarios o apriſionaõ vivo,
Os trofeos mais ſublimes alcançavaõ,
A Bernardo ferio no invicto peito,
E aos ſeus ſe retirou mal ſatisfeito.

74.

Naõ pode o Rey com vozes, e ameaços,
Exemplos, rogos, premios, e promeſſas,
Perder o medo neſtes fortes laços,
Quando a fogir, ó gente infiel, te apreſſas:
Mantas, e eſcadas cahem em pedaços:
E tanto em novas glorias te intereſſas,
O Correa invencivel, que a ſortida
Já te conſegue a palma prevenida.

75.

75.

Correa que eſcolheo deſtros Infantes,
Déce ao foſſo, e aos Mouros conſternados
Carrega com impu ſos arrogantes,
Enchendo de deſPojos os Soldados:
Achando mantimentos abundantes
Com o temor de todo abandonados,
A' praça os conduzio, donde com ancia
Se ſepultou a fome na abundancia.

76.

Eſcreve o Rey a Pedro, e lhe offerece
Ervas com que ſe cure das feridas,
A bizarra defenſa l. e engrandece
Com palavras honroſas, e polidas,
Que por Elvidio a Muſtafá lhe deſſe
Propoem com expreſſoens encarecidas,
E ſe o ſer deſigual naõ he deſdouro,
Diz lhe dará de mais todo hum thcſouro.

77.

Que bem ſabe, qne teve hnm màò ſuceſſo,
E faz ao victorioſo huma propoſta,
Mas que teme do ſitio no progreſſo,
Que a praça a toda a furia fique expoſta:
De Andaluſia vem com tanto exceſſo
Cente de tres exercitos compoſta,
Q' e unida com a armada, que jà chega
Tema quem marcha, tema quem navega.

78.

Que os muros reparar em tempo largo
Com guarniçaõ taõ debil naõ podia,
Que o mantimento mais que o ſitio amargo
Em pequena porçaõ o ſocorri. :
Que o frio Inverno com preciſo embargo
Detinha o ſeu exercito em Leiria;
Nem Henrique intentara louco, e cego
Paſſar com poucas tropas o Mondego:

79.

Que das mayores honras militares,
Refens, utilidades, ſeguranças,
Bem podia ajuſtar preliminares,
Que excederiaõ ſuas eſperanças:
Se voltar de Caſtella aos patrios lares
Quizeſſe com ſeguras alianças,
Acharia os Eſtados, e os caminhos
Defendidos dos Mouros Reys vezinhos.

80.

Abulfaragio hum Arabe eloquente
Como na propria lingoa na Heſpanhola
Era o Embaxador, e promptamente
Huma bandeira candida tremôla;
Em Cicero, e Demoſtenes ſciente
Poſſue a Grega, e a Romana eſcôla,
Sabendo da ſuaſoria nas pinturas
O artificio dos tropos, e figuras.

81.

Vendo a Pedro Bernardo, que no peito
Ferido eſtava, com algum perigo,
Da perſuaſaõ eſpera hum certo effeito,
Abatidas as forças do inimigo:
A carta lhe offerece com reſpeito,
E aſſim lhe diz, hei de fallar comtigo
Só Graõ ſenhor; e Pedro, que o admite,
Reſponde, que eſta graça lhe permite.

82.

Senhor, lhe diz o Arabio liſongeiro,
Ainda que aqui me vés Mouro, e contrario,
Em ſentir o teu mal ſou o primeiro
Abominando o golpe temerario;
Por ſer Axa huma Dama, tu groſſeiro
Parecer naõ quizéſte, e adverſario
Naõ defendeſte o peito da homicida,
Naõ de Marte, do Amor foy a ferida.

83.

Se o teu inclito ſangue ſe derrama,
Eſpiritos renova, e naõ diſſipa,
Pois ellès animando a tua fama,
Ella dos ſeus impulſos participa:
Taõ viva cor o teu ſemblante inflama,
Que hum indicio felís nos anticipa
De que outro Péan neſte Hiſpano pòlo
Será novo Chiron de hum novo Apolo.

Nota 680.

84.

Ali Aben Jozef, que auguſto impera
Naõ ſó nas terres, que o Oceano banha,
Mas nas que o mar interno em ſi numera
Senhor potente de Africa, e de Heſpanha;
Tanto, ò Graõ Pedro, o teu valor vencera,
(O que em hum peito nobre naõ ſe eſtranha)
Que a vida te dezeja, e te offerece
Sem vil enveja, ou perfido interece.

85.

Neſta precioſa caixa, que guarnecem
Das luzes orientaes porçoens brilhantes,
E a quem balſamos raros enriquecem,
E pedras de mais preço que os diamantes;
As ervas vulnerarias te offerecem
Seus affectos piedoſos, e conſtantes,
Sò para acreditar-ſe generoſo
De que eſtima hum contrario valeroſo.

86.

Pede que Muſtafá lhe reſtituas,
E que Elvidio virá quando curado,
Porque de tirania o naõ arguas
Te dirá quanto deve ao ſeu cuidado,
E para que os refens lhe conſtituas,
Na praça eu ficarey depſitado,
Que ſe por diſigual o deſmereço,
Por ſer Embaixador, bem o mereço

87.

Naõ quero repitir as razoens fortes,
Que a carta com verdade te refere,
Evita nas violencias, iras, mortes,
Que de outro aſſalto he juſto, que ſe eſpere,
Imita a guerra aquellas varias ſortes,
Em que huma boa de outra má ſe infere;
Ninguem deve fiarſe da opportuna
Neſte jogo inconſtante da fortuna.

88.

Perdeſte muita gente valeroſa
Na fome, nas doenças, nos aſſaltos,
Por mais que o cales, ſey que vive anſioſa
A plebe, e todos de ſuſtento faltos:
Tanta maquina intenta vigoroſa
Igualar com o foſſo os muros altos,
E em tres dias verás, como diſcorro,
Tres Reys, com groſſiſſimo ſoccorro.

89.

Aviſa a Henrique, e ſe elle bem ſe atreve
A fazer eſtas linhas penetraveis,
O meu Rey te concede hum praſo breve
Com ſuſpenſaõ das armas formidaveis;
Porém entendo, que do inverno a neve,
Se as eſtradas naõ fez impenetraveis,
Em Leiria aos ſeus Luſos vencedores
Congelou os viviſſimos ardores.

90.

Honras, e ſeguranças, que imagines,
Nas capitulaçoens verás firmadas,
E porque as concedidas examines,
Neſte papel as podes vér lançadas:
Porque em terra de Campos mais domines,
Te daõ duas comarcas dilatadas
Os Reys, que as terras cederáõ conformes
Nota 681. Do Mançanares, do Piſſuerga, e Tormes.

91.

91.

Chamou Pedro Bernardo os que ſahiraõ,
Para ouvir em ſegredo eſta propoſta,
E ainda que a embaixada naõ ouviraõ,
Quiz que teſtemunhaſſem a repoſta.
Artificioſo Arabio, em que ſe uniraõ
Frazes, de que a Retorica he compoſta,
Ouve em breves palavras razoens certas
Naõ em vís artificios encubertas.

92.

Ao caracter Real reſpeito atento,
E recebo o prezente obſequioſo,
Verás que contra golpe taõ violento
Sem medo applico o balſamo precioſo:
A Muſtafá já livre te apreſento,
E a palavra de hum Rey taõ valeroſo
Admitto ſem refens, para que Elvidio
Volte a convalecer a eſte preſidio.

93

As honras, que ao renderme me offerece
O teu Rey, e intereſſes, que aſſegura,
Nunca hum animo nobre as agradece,
Porque honras buſco ſó da ſepultura:
Mais quem governa praças ſe engrandece,
Quando com honra alto valor procura,
Que em capitulaçoens ainda taõ dinas
Dos muros ſepultados nas ruinas.

94.

Meus eſtados dos Mouros naõ dependem,
Para que na obediencia me perſiſtaõ;
Elles ſaõ quem dos meus mal ſe defendem,
Que cada dia terras lhe conquiſtaõ:
Os ſeus por aliados os pertendem,
Porque contra outros Reys fortes lhe aſſiſtaõ:
Coimbra ainda naõ vejo arruinada:
Eu eſtou vivo, e vive a minha eſpada.

95.

95.

Do inimigo naõ tomo eſte conſelho,
Mas atento, e cortés quero pagalo,
Que o ſitio hoje levante lhe aconſelho,
Antes que Henrique o obrigue a levantalo:
A ti te dou hum criſtalino eſpelho,
A ElRey brilhante eſpada lhe aſſinalo,
Tu porque enſayes geſtos de eloquencia,
Elle para livrarſe da violencia.

96.

Era o eſpelho de ouro guarnecido
Com rubís, que brilhando pareciaõ
No centro claro do criſtal luzido,
Que à bella aurora as cores repetiaõ:
Os diamantes de preço taõ ſubido
Na bem gravada guarniçaõ luziaõ,
Que aos olhos occultavaõ ſeus influxos
Dos eſmaltados cabos os debuxos.

97.

Foy-ſe o Embaxador taõ admirado
Da repoſta de Pedro generoſo,
Que todo o ſeu retorico cuidado
Suſpendeo de aſſombrado, ou de medroſo:
Muſtafá o ſeguio, e foy mandado
Elvidio, que impaciente, e valeroſo
Entra eſcondendo o mal, que o atenúa
Na praça, de que o ſitio continúa.

98.

Rocha, que com continuas baterias
No criſtalino aſſedio do Oceano
Sofre em ſeculos, annos, meſes, dias,
Furioſo impulſo, rapido, e tirano,
E naõ cedendo ás horridas porfias,
Deſpreza as iras do tridente inſano,
Por mais que na conſtancia ſe confirme,
Menos do que Coimbra ſe vé firme.

99.

99.

Já conduzia Zefiro opportuno
A numeroſa Mahometana armada
Pelos humidos campos de Neptuno
A' boca do Mondego prateada:
Procuravaõ do provido Portuno
A protecçaõ das nãos ſempre buſcada;
Leva ao Rey, porque logre altos intentos,
Moniçoens, armas, tropas, mantimentos.

Nota 682.

100.

Mas apenas aviſta o monte Sacro,
Que ſobe ao Ceo, e para o ter propicio
Lhe purifica o mar, como lavacro,
As victimas do amante Sacrificio;
Quando hum varaõ, que aſſiſte ao ſimulacro;
Dando de alta virtude claro indicio,
E preſervado à furia Mahometana,
He Paulo da Tebaida Luſitana.

Nota 683.

101.

Com oraçaõ invoca fervoroſa
A imagem da puriſſima Deidade,
Para que aquella armada poderoſa
Se derrote com fera tempeſtade:
Eoy deferida a ſupplica piedoſa:
Para extinguir a barbara impiedade,
Rompe os ares Miguel, e com a eſpada
Do mar a doce paz deixa alterada.

102.

Na eſfera ſuperior ao Ceo Sidereo
Recebeo da Rainha Soberana
A inſtrucçaõ, e paſſou o eſpaço etereo
A diſſipar a armada Mauritana:
Decendo o Paraninfo o aſſento aereo
Auxiliou a gente Luſitana,
Diſſolve de hum aſſopro eſſes terriveis
Indigetes malignos inviſiveis.

Nota 684.

Nota 685.

103.

103.

Os Genios, que inquietaõ o emisferio
De Lusbel padeceraõ os estragos,
Mas sem chegar do baratro ao imperio
Espiritos nos Ares giraõ vagos:
Estes de Lusitania em vituperio
Eraõ ao Mouro oraculos persagos,
E por elles os Lusos tem violentas
Epidemîas, chuvas, e tormentas.

104.

Miguel lhes manda com fâtal preceito,
Que entre os Mouros formassem hum contagio,
E ao mar, que ao seu arbitrio está sogeito,
Incitem para hum rapido naufragio;
E que no fogo com ardente effeito
Em Ethnas formem o infernal presagio;
E do globo da terra o centro roto
Agitem com horrivel terremoto.

105.

Axa ainda mal curadas as feridas
Foy assistir na boca do Mondego
A's tropas, que da armada conduzidas
Teriaõ para o sitio novo emprego:
A Miguel vio com azas taõ luzidas,
Que de noute illustrou o Imperio cego;
Mas por crer, que he Mercurio, naõ se assombra
Axa mais cega, do que a mesma sombra.

106.

E vio do mar no rapido limite
Neptuno, que com humido tridente
Nota 686. Dizia a Doriz, Tetis, e Anfitrite,
Que mais que o duro Marte era valente:
Já do torcido busio o som permite
Nota 687. A Tritaõ seu trombeta deligente;
E porque o seu poder faça notorio
Afastou com o tridente o promontorio.

107.

Mas logo vés, ò eſpirito celeſte
Obedecer as ordens inviolaveis,
Que do eterno motor aos orbes dèſte
Para extinguir os Mouros deteſtaveis:
Tu, Neptuno, o primeiro obedeceſte,
E os teus deoſes dos mares implacaveis
Fogem com medo ao centro mais profundo,
Eſcureceo-ſe o Ceo, tremeo o mundo.

108.

Dos tenebroſos carceres de Eôlo Nota 688.
Os ſubditos rebeldes deſatados
Aos reſplandores nitidos de Apolo
Sacrilegos já deixaõ apagados:
Euro, e Vulturno perturbando o pôlo,
Com o Africo, e Boreas encontrados
Movem a tempeſtade de repente
Do Norte, Sul, Occaſo, e Oriente.

109.

Sobem as ondas, decem os diluvios,
Altera o vento a paz dos orizontes,
Manda o Ceo contra o mundo mil Veſuvios,
Saltaõ no mar ao terremoto os montes,
Rompem-ſe as nuvens em fataes profluvios,
Cahem rayos quaes tragicos Faetontes,
A hum tempo apregoando em Ceo, e terra
Dos trovoens os tambores dura guerra.

110.

Para ſer conhecidas as triremes Nota 689.
Dourados animaes trazem na popa,
A que atê na eſcultura tanto temes
A Africa entaõ ſogeita, ò triſte Europa:
Da Capitania ao Touro outra vez tremes,
Como das Ninfas entre a bella tropa
Taõ vivo hum Leaõ vejo, que as Sereas
Pedem ſocorro ás Focas, e ás Baleas.

111.

De outro baixel hum Tigre horror de Hircania
He mais ligeiro que os Delfins velozes
Hum Leopardo terror de Mauritania
Centauro foy de eſpecies mais atrozes:
Hum novo Anfibio via Luſitania,
E quaſi ouvia as enganoſas vozes,
Comque aſtuto o tirano Crocodilo
He horrido antropofago do Nilo.

112.

Deſtes, e de outros brutos as figuras,
Comque as Náos Mahometanas ſe adornaraõ,
Animadas as mortas eſculturas
Em maritimos monſtruos ſe tornaraõ:
Dentes caninos tem, e garras duras,
Com que aos vîs Agarenos devoraraõ:
E no mar entraõ com furor eſtranho
Nota 690. A augmentar de Protéo ferós rebanho,

113.

Axa corre admirada, vay furioſa
Dizer ao Rey o tragico ſucceſſo,
Elle com a impaciencia mais raivoſa
Quer adiantar do ſitio o vaõ progreſſo:
E antes que a gente menos animoſa
Saiba o naufragio, e faça algnm exceſſo,
Por donde he já o muro menos alto
Fia de Axa, e Muley hum novo aſſalto.

114.

Mas ſendo igual da Praça a reſiſtencia,
Os peitos novamente impenetraveis
Foraõ dos defenſores com violencia
Rebatidos impulſos formidaveis:
Tres horas dura a nobre competencia,
E os obſtaculos vendo inexpugnaveis,
Faz demolir o Rey a forte linha,
Nota 691. E a unir-ſe aos Reys do Betis ſe encaminha

115.

115.

Sahio Pedro Bernardo, e victorioſo
Ainda achou nos quarteis proviſaõ tanta,
Que o preſidio canſado, e valeroſo
Bem ſatisfaz a fome, que o quebranta:
Para avizar a Henrique generoſo
Velôs até Leyria ſe adianta,
E elle por ſocorrello em prompto emprego
Marchava para as margens do Mondego.

116.

Eſta marcha ſoubera o Rey aſtuto,
E naõ ouſando defender trincheiras
Contra quem as buſcava reſoluto
Com tropas freſcas, deſtras, e guerreiras;
Tendo às Parcas a morte por tributo
Entregue as mais valentes, e ligeras,
Nos aſſaltos, ſortidas, e hum contagio,
E eſpalhada a noticia do naufragio.

117.

O ſitio levantando, a cauſa occulta
Henrique, e a prompta marcha muito ſente,
Que a victoria dilata, e difficulta
A retirada da Africana gente:
Mas como aſſim de Pedro mais avulta
Alta conſtancia, e animo valente,
Eſtas palavras diz, e o prende em laços
Nas illuſtres cadeas dos ſeus braços.

118.

Valeroſo Leonés, rama glorioſa
Dos Goticos Monarcas invenciveis,
Que de Heròes na proſapia generoſa
Os excedes, ſe acaſo iſto he poſſivel,
Pois te devo a defenſa valeroſa
De Coimbra no aſſedio taõ terrivel,
Porque alta gloria aſſim te multiplico,
Até hum trofeo mais te ſacrifico.

119.

Sentira que o Rey barbaro fogiſſe,
E que hum certo triunfo me roubaſſe,
Mas já o eſtimo, ainda que ſe viſſe,
Que em ſocorrerte o meu ardor tardaſſe,
Por mais que aos Reys da Betica ſe uniſſe,
E ao exercito já ſe encorporaſſe,
Eſtimo tudo, quanto aqui diſcorro,
Que o grande Pedro vença ſem ſoccorro.

120.

Deſde que ao Sol o Eſcorpiaõ mordia,
E a ſéta inficionada o ſagitario,
Tragico o Capricornio apparecia,
Antes de que hum diluvio verta Aquario
E como Jano as portas já lhe abria
Do novo anno, da guerra, effeito vario
Impaciente te vinha ſoccorrendo
Neves cortando, inundaçoens vencendo.

121.

Preſo em Leiria o inverno me deteve,
Em torrentes os campos inundados,
Naõ ſe esfriou o ardor na agoa, e na neve,
Mas ſubſiſtir naõ deixa os meus ſoldados;
Se algum o rio a vadear ſe atreve,
Se vio, e os que o ſeguiraõ afogados;
Mas ſoccorrerte prompto determino
Antes que doure Febo o Velocino.

122.

Alternando o deſcanſo, e exercicio
Nas tropas pelas villas alojadas
Em homens, e cavallos daõ o indicio
De vigoroſas, e de exercitadas:
Sendo ou mais rigoroſo, ou mais propicio;
As terras inimigas conquiſtadas
A Peniche ganhey por enterpreza
E Moniz conſeguio taõ alta empreza.

123.

De Lamego voltou Pelayo Amado,
Que aviſou Dom Oſorio de Cabreira,
Que o ſeu pequeno exercito campado
Tenha do Dam na rapida ribeira; Nota 692.
E que com elle irá encorporado
Vencer ao Mouro, e libertar a Beira,
E ſendo do Africano vituperio,
Fundar de Portugal o auguſto Imperio.

124.

Pedro admittio a honra incomparavel,
Com atenta, e modeſta corteſia,
Contou o ſitio largo, e formidavel,
E o que a Elvidio, e Roberto entaõ devia:
Vem já chegando o exercito admiravel,
Que no valor o numero ſupria;
Sendo fortes, naõ há forças incautas,
Todos foraõ heróes os Argonautas. Nota 693.

125.

Paſſa o Mondego, e para o Dam marchando,
Encontra Oſorio, que fiel o aviſa
De que dos Reys já o Tejo vem paſſando
O exercito, que a terra atemoriſa:
Que as partidas, que o campo vaõ cruzando,
Sempre avançou com prevençaõ preciſa,
Que Alí com ſuas tropas chega agora,
E hoje com o ſoccorro ſe encorpora.

126.

Formá, e deſcança em tanto a gente illuſtre
E o que depois paſſou contará logo,
Porque do genio o influxo naõ ſe fruſtre,
O ardor ſonoro do Apollineo fogo:
E para que o meu canto o naõ desluſtre,
Deſcanſe a voz, e ceſſe o canto logo,
Até que a penna fenix renacida
Tenha ao Pierio incendio nova vida.

HENRI-

HENRIQUEIDA

CANTO. XII.

Argumento

PAra a batalha os Principes famoſos
Se diſpoem, e o combate he fero, e duro;
Matão tres Reys os Luſos valeroſos,
Dos Mouros ſe deſtroe o rito impuro:
Conta Tancredo os caſos portentoſos,
Premea Aldara a Amado amor tão puro;
Funda Henrique o Imperio, e o dilata,
Ganha Lisboa; e o ſeu contrario mata.

I.

Celeſte Muſa, que à fecunda idéa
Atégora inſpiraſte nunca eſquiva,
Oh naõ permitas, que na minha véa
Corra a agoa Caſtalia menos viva:
Já ſinto, que me inſpiras, e ſe atéa
Em mim a immortal flama taõ activa,
Que ao mundo ſerá aſſombro, gloria, e paſmo,
Nota 695. Seu eſtro, vaticinio, e entuſiaſmo.

2.

Nota 696. Corria Cintio o Touro luminoſo,
De que a Aurora medroſa ſe eſcondia,
Quando o invicto Henrique generoſo
Sobre o campo do Dam ſeu campo via:
De Europa o ſigno ſimbolo imperioſo
Retrata a Luſitana Monarquia,
Se na batalha braço taõ valente
Da Lua as armas lhe cortar da frente.

3.

Ao grande Egas Moniz ſeu ſubalterno
Nomeou, e no exercito lhe dava
Mayor lugar no ſuperior governo,
Que para ſi Henrique reſervava:
De huma eſtreita amiſade o laço eterno
Eſte Patroclo a Aquyles igualava, Nota 697.
De ti Scipiaõ teu Lelio naõ divides,
Achàte a Eneas; a Teſeo Alcides.

4.

Manda a primeira linha o graõ Pereira
Do exercito dos fortes Portuguezes,
A ſegunda diſpoem deſtra, e guerreira
Pedro Bernardo tronco dos Menezes:
Da reſerva formou linha terceira
Tavora ſeparados os arnezes;
A ala direita entrega ao Silva experto,
Empregando na eſquerda o graõ Roberto.

5.

As alas da ſegunda governavaõ
O forte Mello, e o valente Cunha,
De Oſorio as experiencias animavaõ
Tropas, de que a reſerva ſe compunha:
Em Dom Mendo de Souſa ſe admiravaõ
As leys, comque os béſteiros bem diſpunha:
Rege Pelayo Amado os mais guerreiros
Nobres ſeis vezes cento aventureiros.

6.

Toda a milicia equeſtre ſe reparte
Em ſinco vezes mil Luſos valentes,
Hercules de Rohan, que iguala a Marte,
Manda os Franceſes rapidos, e ardentes
Dom Aniaõ de Eſtrada em toda a parte Nota 698.
O ardor incita ás valeroſas gentes:
Dom Garcia Rodrigues graõ guerreiro Nota 699.
Governa os de Leomil, de que he Couteiro.

7.

7.

De vinte batalhoens a mil Soldados
Se compoem a conſtante Infantaria,
F de todos formou corpos quadrados
O valente Bernardo, que os regia:
Na ordem da batalha pelos lados
Se colloca a veloz cavalaria,
Qual faz voar ao corpo tardo, e grave
Com as azas ligeiras veloz ave.

8.

Nota 700. Dom Egas Gomes, porque o nome admires
De hum varaõ, que acredita a hiſtoria Luſa
Nota 701. Igual a Dom Gonçalo Traſtamires,
Nota 702. De que a memoria naõ ſerá confuſa,
E Maya o Lidador, que quando vires,
O' Templo, deſcendencia taõ difuſa,
Dirás, que as acçoens raras, que publicaõ,
Nos herôes, que produzem, multiplicaõ.

9.

Eſtes, e outros varoens, que o tempo eſconde
Cego, en ejoſo, timido, e avaro,
O exercito compoem do excelſo Conde,
Que em tempo taõ eſcuro brilha claro;
Porque a fama, que atenta correſponde
Ao eco eterno do ſeu nome raro,
Repete huma taõ inclita victoria
No archivo incorruptivel da memoria.

10.

Soube vinhaõ ao Tejo os Reys contrarios
Pela Eſcalabitana ampla campanha
Marchando para os Luſos adverſarios,
Mais que em valor fiando em força eſtranha:
Votos blasfemos, vaõs, e temerarios
Prometem, ſe conquiſtaõ toda Heſpanha,
E ſe da Religiaõ, em cego arrojo
For da ſuperſtiçaõ triſte deſpojo.

11.

11.

A buſcallos corria Henrique invito,
Quando achou, que nos campos do Mondego
De huma batalha eſperaõ no conflito
Dar a eſta guerra deciſivo emprego:
Naõ queiraes (diz) ò Numen, que o delito
Aqui triunfe no ſeu rito cego;
Bem ſey que ha de vencer toda a malicia
Mais do que a minha a celeſtial milicia.

12.

De Carquere invocando a Santa Imagem,
Se venço eſta batalha, ſerá logo
Quem receba de mim nova omenagem,
Se a Deidade admitir meu puro rogo:
Mais quero eſcravidaõ, que vaſſalagem,
Nas ſuas aras inflamando o fogo
Eterno vituperio aos Mahometanos,
E credito immortal dos Luſitanos.

13.

Naõ foy inutil naõ o alto prodigio,
Com que de Affonſo deſatando o laço,
Dos ſeus primeiros paſſos o veſtigio
Foy o milagre de hum divino braço:
Elle ſerá quem do contagio Eſtigio
Livre o Reyno do tragico embaraço,
Pois para conſeguir altas idéas,
Já ſe lhe deſataraõ as cadeas.

14.

Vós ſois, Senhor, quem deu em Paleſtina
A's minhas armas gloria taõ ſublime,
Que na empreza feliz, ſanta, e divina
Gofredo por meu braço ao Mouro opprime:
Eſta porçaõ da Cruz, que me deſtina
Quem nella a mim defende, ao mundo rime,
Seja o final dos bens. que me reparte,
Quem me dá, porque vença, eſte eſtandarte.

15.

Nota 703. Vós, por quem já de Cordova, e Toledo
Venci hum tempo os barbaros Monarchas,
Antes que as minhas armas deſſem medo
De Portugal aos campos, e às comarcas:
Naõ ha nellas nem rio, nem rochedo,
Que naõ foſſe depoſito das Parcas,
Em que extinguindo ao Mouro os proprios lares,
Naõ trocaſſe as Meſquitas em Altares.

16.

Vós ſois por quem venci no Porto, e Gaya
Por dar a Portugal nome famoſo,
A Almançor formidavel, que ſe enſaya
A ſer de Heſpanha aſſombro bellicoſo,
Paſſey do Douro a criſtalina raya,
Donde naufraga o Mouro valeroſo,
E em Lamego por vós vingo a injuria
Da rebeliaõ de huma Africana furia.

17.

Por vós venço as inſidias dos cativos,
Que na batalha perfida, e nocturna,
Muy poucos ſaõ os que contaraõ vivos
Sua infame traiçaõ à luz diurna:
Por vós meus golpes ſempre executivos
Livraraõ entre a ſombra taciturna
O infante do infernal torpe projecto
A ſer unico emprego ao meu affecto.

18.

Por vós venci na ultima batalha
Innumeraveis feros inimigos,
E a fama em vozes celebres eſpalha
Com os noſſos triunfos ſeus caſtigos:
Por vós impenetravel a muralha
Foy de Coimbra aos ultimos perigos,
Em fim livre à priſaõ que era notoria,
Avança Affonſo os paſſos para a gloria.

19.

19.

Que fé, Senhor eterno, tibia, ou falta,
Naõ reconhecé tanta providencia?
E ſe a naõ penetrar por ſer taõ alta,
Humilde hade adorar a Omnipotencia:
Se a voſſa religiaõ em mim ſe exalta,
Ninguem recee a barbara violencia:
A minha gratidaõ logre o miſterio,
Por vós viva, Senhor, o Luſo Imperio.

20.

E vós, varoens inſignes, que temendo
Eſtaes, pois temerieis algum dia
Que eu vos exhorte, porque vos offendo
Deſta ſuppoſiçaõ na groſſaria:
Nada vos direy já, porque eſtou vendo,
Que o voſſo ardor aos Mouros dezafia;
E por indicio do animo conſtante
Hum heróe retratou cada ſemblante.

21.

Em tres marchas das margens do Mondego
Chega Henrique, e os claros Portuguezes;
Saõ ao longe da viſta largo emprego
Innumeraveis barbaros arnezes:
Para atacallos com impulſo cego
Sahem da linha os eſquadroens Francezes;
Rohan os reprimio, que generoſo
Sabe unir o prudente ao valeroſo.

22.

Depois que Alî ſe encorporou no Tejo
Com Aderbal Rey forte de Sevilha,
E com ElRey de Cordova, em quem vejo,
Que de Nazar o antigo nome brilha,
E concorrendo prompto ao ſeu deſejo
Ruben, que a Murcia, e a Granada humilha,
Para entrar em emprezas taõ famoſas
Governa as deſtras tropas numeroſas.

23.

Reſolvem já no militar conſelho
Desbaratar de Henrique a gente pouca,
E que foſſe o Mondego claro eſpelho
Para o caſtigo da arrogancia louca:
Sahio naquelle dia o Sol vermelho,
Cantou hum negro Corvo com voz rouca,
Hum o ſangue na cor vaticinando,
Os cadaveres outro devorando.

24.

Se mil ſe multiplicaõ por duzentos,
Ainda o numero inteiro naõ igualaõ
Dos que feros, crueis, ſanguinolentos
Do ardor, que occultaõ, o furor exalaõ:
Cem vezes numeraraõ por trezentos
Os que em Heſpanhoes brutos ſe aſſinalaõ,
Tem a a a direita o Mouro Hiſpano,
A eſquerda ſe deſtina ao Africano.

25.

Sem legiaõ, cohorte, nem falange,
Nota 704. Formaõ os quatro Reys a gente ſua,
Na lunada viſeira, e curvo alfange,
Como na fórma, tem a meya Lua:
Que a ſer propicio o fado aſſim conſtrange,
Cuida a ſuperſtiçaõ, que he taõ cõmua,
Como ſe a Lua, que naõ he crecente
Nota 705. Foſſe felice Taliſman vivente.

26.

Como oppoſtas com impeto furioſo
Correm para encontrarſe as nuvens denſas,
E de ardente vapor caliginoſo
Querem romper as rigidas offenſas,
E o orbe dos ſeus rayos receoſo
Nem acha nos loureiros as defenſas,
Aſſim os dous exercitos voando
Vaõ a terra com furia ameaçando.

27.

27.

Agora os dous exercitos ſe viaõ:
Defronte eſtá o Etiope do branco,
Os Mahometanos no poder confiaõ,
De Henrique o deſprezou o animo franco:
Da meya Lua as partes ſe moviaõ
E ao Portuguez por hum, por outro flanco
As pontas que feriaõ, e atacavaõ
Com funeſtos abraços, ſuffocavaõ

28.

Dom Fafes Luz levanta o eſtandarte,
Que em ſeu raro valor vay mais ſeguro
Do que ſe o tremelaſſe o meſmo Marte
Na quinta eſfera de diamante puro:
Henrique as ordens aos demais reparte,
Todos deſejaõ o combate duro,
Naõ duvidando da infalivel gloria,
Pois no roſtro do Heróe lem a vitoria.

29.

A oraçaõ militar com voz ſonora
O Monarcha Africano aſſim começa:
Muſulmanes, ouvime, porque agora
O tempo me interrompe, que ſe apreſſa:
Sois ſó quem hum ſó Deos no mundo adora,
E quem tem do Profeta a gloria impreſſa,
A religiaõ, que ao voſſo peito anima,
Aos barbaros idolatras opprima.

Nota 706.

30.

Vedé, que de Tarif ſe vay perdendo
A conquiſta vaſtiſſima de Heſpanha,
Que Africa dominante eſtá já vendo
A Portugal na Atlantica campanha:
De quatro Reys o exercito tremendo
Quer combater com ouſadia eſtranha
Henrique, que atégora foy ditoſo,
Como ſe foſſe eterno o venturoſo.

31.

Poucas tropas de gente collecticia
Inferiores em força, e eſtatura
Compoem dos Portuguezes a milicia
Em campo, que os ſeus flancos naõ ſegura:
Moſtra no atrevimento a impericia,
Com que arruinarſe impavido procura:
Taõ poucos ſaõ, que tenho hum nobre pejo
Da exceſſiva ventagem, que em nós vejo.

32.

Naõ de vencer, de caſtigar ſe trate
A rebeldes, iniquos, temerarios,
As cadeas prepare, para que ate
O duro ferro aos infieis contrarios:
Só do numero a viſta desbarate
A cega preſunçaõ dos adverſarios,
E ſenaõ reconhecem o perigo,
Lhes dem muitos mil braços o caſtigo.

33.

Inclitos Reys da Betica famoſa,
Sinto ver nos intrepidos ſemblantes,
Que vos queixais com ira bellicoſa
Do pouco emprego aos golpes arrogantes,
E que a inſtancia culpaes de temeroſa,
Que vos chamou de Reynos taõ diſtantes;
Porém naõ ficaréis menos glorioſos,
Que ſaõ, ainda que poucos, valeroſos.

34.

Avance a meya Lua as alas fortes,
Naõ poſſa retirarſe o inimigo,
Multipliquem-ſe eſtragos, priſoens, mortes,
E ninguem ſe preſerve do caſtigo:
Tenhaõ as penas com diverſas ſortes,
A cada paſſo encontrem hum perigo
Nota 707. Eſtes, que..... mas roubaraõ-lhe os acentos
Já de perto os clamores, e inſtrumentos.

35.

35.

Foraõ dos Portuguezes os eſcudos
Breves eſferas de infinitas ſetas,
Humas às outras com ſeus golpes rudos
Succediaõ peſadas, e inquietas:
Com o pezo de ferros taõ agudos
Naõ podiaõ os braços dos Athletas,
E ainda que o ſeu valor com tal deſprezo
Naõ receya o perigo, teme o pezo.

36.

Guerra civil as frechas matadoras
Ambicioſas nos ares fomentavaõ,
Para ſer as primeiras vingadoras
Dos que com fero impulſo as diſparavaõ:
As que já dos eſcudos ſaõ ſenhoras
A's que vinhaõ depois deſalojavaõ,
E no exceſſivo numero ſe argue,
Que quanto o multiplica, o diminue.

37.

Se alguns por vaidade deſpreſaraõ
Dos eſcudos firmiſſimas defenſas,
Da intençaõ temeraria alli pagaraõ
As vanglorias ao preço das offenſas:
Outros, que com firmeza os embraçaraõ,
Tiveraõ da cautela as recompenſas,
Que na guerra o valor ſe unio a arte,
Como filho de Pallas, e de Marte.

38.

Os Luſitanos aos immenſos tiros
Intrepidos toleraõ, e conſtantes,
E vendo aos Mouros perto, em vagos giros,
Diſpararaõ as ſetas penetrantes:
Obſervaõ dos contrarios nos retiros,
Que numeroſos ſaõ, mas inconſtantes;
Menos foraõ as flechas, que vibraraõ,
Que importa, ſendo mais as que empregaraõ!

39.

39

Já naõ ſervem das ſetas as tardanças,
E outros rayos fulminaõ mais activos,
Lançaõ já de mais perto as duras lanças,
Os ferros empregando executivos:
Mas já da mea Lua tem mudanças
Os influxos, que os ſeus ſentem eſquivos,
Porque os flancos do Luſo impenetraveis
Fazem ſeus movimentos variaveis.

40.

Já na direira o Silva mais ardente
Rompe a ala, que em circulo o combate,
Prompto Roberto, intrepido, e ſciente,
Faz que a eſquerda aos contrarios desbarate:
No centro Egas Moniz forte, e prudente
Com vigor, o vigor vence, e rebate:
Firme a ſegunda linha, e a reſerva
Com Tavora, valente ſe conſerva.

41.

Buſca o Rey valeroſo de Sevilha
A Egas Moniz, que levemente armado;
Se o Mouro o vence em armas, comque brilha,
O Luzo luzio mais pelo eſforçado:
Hum ao outro nem cede, nem ſe humilha,
Reſiſte o peito duro ao ferro irado
De Moniz, porém vê com furia nova,
Que naõ foy feito deſte braço à prova.

42.

A purpura, que o Betico veſtia,
E comque as armas nitidas guarnece,
Com a que agora liquida corria,
O ôſtro, e os matiſes eſcurece:
A alma ſe auzentava, e naõ fogia,
Que o valor entre as ſombras reſplandece,
Mas déce á terra, naõ aos ares voa,
E envilece o cadaver a Coroa.

43.

Corre ao Luſo ſignifero o Monarcha
Do Reyno Cordovês, que igual a Marte
Sacrificalo intenta à ferós Parca,
E roubarlhe o magnifico eſtandarte;
Monta hum bruto da Betica comarca,
Em que ao ardor modificando a arte,
O Leaõ, que o valor nunca ſogeita,
Rey dos irracionaes hoje o reſpeita.

44.

Na maõ eſquerda o Mouro ao Luſo fere,
E a haſtea do eſtandarte arrebatando,
O deixava, mas elle, ſem que eſpere
Outro ſoccorro, o ſegue pelejando;
A vida, porque a inſignia recupere,
Hia com tal furor ſacrificando,
Que jà deſeſperado na contenda
Naõ ſabe defenderſe, porque offenda.

45.

Encontra o Rey, e a inſignia lhe arrebata
Com força tal, que ao Rey tirou da ſella,
E de hum ſó go'pe em hum inſtante o mata,
Com que vingou a injuria de perdella:
Aos que ſe oppoem com tal vigor maltrata,
Que volta à ſua gente, e acha nella
Eſtimaçaõ taõ grande no regreſſo,
Como a conſternaçaõ deſte ſucceſſo.

46.

O de Granada intrepido acomete
Do Gtaõ Pedro Bernardo a força invita
Mas o Leonès nos golpes, que repete
Sabe domar a furia, que o incita:
Pela coroa a lança o ferro mete,
E ao miſero Monarcha precipita,
E conheceo fatal mortalidade
No mageſtoſo adorno da vaidade.

47.

Mas vendo o forte Alî, que os tres Monarchas
Por terra padeciaõ tres injurias,
E dos tres ſacrificios das tres Parcas
Formaraõ tres triunfos às tres Furias;
Conſidera perdidas as comarcas
Do ſeu Imperio em ultimas penurias;
A Muſtafâ, Muley, e Axa convoca:
E ao ſeu Profeta blasfemando invoca.

48.

Suprem os tres dos Reys os tres lugares,
E inflamados no novo, e nobre empenho,
Procuraõ com deſtrezas militares
De tanto máo ſucceſſo o deſempenho:
Das tropas nacionaes, das auxiliares,
Por ſuſpender o tragico deſpenho,
Ordem, valor, e confiança infundem
Nos que voltaõ, ſe abatem, ſe confundem.

49.

Já formados os corpos numeroſos
Buſcando a Henrique verdadeiro Marte,
Aos ſeus deſejos de vingança ancioſos
Satisfaz, porque eſtava em toda a parte:
Axa naõ deixa os votos ocioſos,
Que com Tritonia bellica reparte;
E aſſim na nobre acçaõ, a que ſe inflama,
Para darlhe o auxilio ardente a chama.

50.

Eſta he a ultima vez Pallas divina;
Que por trazerte à terra ao Ceo recorro;
Se o fado nova injuria me deſtina,
Bem ſey ſetá inutil teu ſoccorro;
De Henrique ſó procuro a alta ruîna,
Se tu me ſegues, a oprimillo corro,
Diſſe; e Pallas armada lhe apparece,
E ainda fulmina mais, que reſplandece.

51.

Mas outra Pallas vio, que mais brilhante
Ao Herôe amparava, e defendia,
Tinha na Lua trono rutilante,
De eſtrellas ſe coroa, ao Sol veſtia:
Terrivel contra Pallas fulminante,
A precipita à negra Monarquia;
E Axa, que antes cuidava ſer Diana,
Vio de Carquere a Imagem ſoberana.

52.

Illuſtrada dos ſantos reſplandores,
Se diſſipou o eſcuro paraſiſmo,
E as manchas dos idolatras horrores
Purificar pretende no Baupriſmo:
Depoſtos tantos bellicos furores,
Abomina os Indigetes do Abiſmo,
A Henrique ſe proſtrou, a quem rendida
Ainda lhe pede a alma mais que a vida.

53.

Alegre a recebeo o generoſo
Herôe, e a Muſtafá, que fero o buſca,
Com hum rayo da eſpada luminoſo,
Antes de fulminar, ao Mouro offuſca:
Elle com ſacrilegio monſtruoſo
De ſangue em ira tinge a cor mais fuſca;
Eu ſou, lhe diz com furias ſempre immenſas
Quem em ti vingue de Africa as offenſas.

54.

Da hacha de deſarmar o ferro agudo
Contra o Herôe levanta com tal força,
Que rompera da Cruz o ſacro eſcudo,
Mas o Ceo as offenſas lhe reforça:
Henrique lhe voltou golpe taõ rudo,
Porque o Herculeo braço he quem o esforça,
Que vaõ buſcar os olhos repartidos
Dois caminhos do Averno divididos.

55.

Muley, que pelejar quiz com Pelayo,
Que o evitou pelo notavel voto,
Encontra Henrique, que imitava o rayo,
Quando excede ligeiro o veloz Noto:
Quer fazer do valor o ultimo enſayo;
Mas da lança cahío o eſcudo roto;
O braço com reſpeito a ſi ſe prende,
E eſtas palavras diz, quando ſe rende.

56.

Dominais-mé Senhor, taõ fortemente
Que até me he impoſſivel reſiſtirvos,
Eo braço tenho preſo de repente,
Por caſtigo do intento de ferirvos;
Rendido eſtou, e eſpero obediente,
Se mereço, a fortuna de ſervirvos,
Deſcobrir o ſegredo impenetravel
Da minha ſimpatia inevitavel.

57.

Ao abraçar-ſe o coráçaõ reſponde
Com preſagios iguaes, que muito explicaõ;
Hum pranto alegre a os olhos correſponde
Dos varoens, qne os affectos multiplicaõ;
Mas a Henrique huma voz chamava, donde
As acçoens de quem he muy bem publicaõ:
Vé o Heröe, que huma lança fere, e mata,
E a quantos o acompanhaõ desbarata.

58.

Aqui cortou a Aniaõ o eſquerdo braço,
Paſſa a Oderico ali o forte peito,
Rompe a Gundar da vida o felîz laço,
Sente Gomes na teſta o duro effeito;
E já ſem enconttar outro embaraço:
Só ſe vencer a Henrique ſatisfeito
Se verá o Campeaõ, que mais ſe inflama,
E encontra a Henrique, a quem ouſado chama.

59.

Contra elle correo o fero Luzo,
As lanças em pedaços ao Ceo voaõ,
Foge Zefiro timido, e confuſo
Ao rumor rudo, com que os golpes ſoaõ:
Menos ſe ouvem no ar vago edifuſo
Os clamores de Jupiter, que atroaõ,
Menos ſe temem chamas fulminadas,
Que o ruido, e o fogo das eſpadas.

60.

Ferido levemente o Cavaleiro,
Os olhos lhe cobrio ſanguinea venda,
Quando outro Mahometano aventureiro
O retirou da tragica contenda:
Como a viſta perdeo o graõ guerreyro,
Naõ ſabe quem o offenda, ou o defenda;
Mas ao ſahir do exercito vencido,
Aſſim lhe diz atento, e comedido.

61.

Eu ſou, Senhor, que Alî te reconheço
De Africa, e Portugal Rey ſoberano,
Quem de tantas injurias ja me eſqueço,
Com que o trono me uſurpas Africano;
A vida pela tua hoje offereço:
Pois para combater o Luzitano
Henrique, eſte diſfarce aſtuto ordenas
Com mais cauſa que Côdro Rey de Atenas. Nota 708.

62.

Pois me obriga a ſervirte a varia ſorte,
Naõ hey de ſer infiel ao duro fado,
E por livrarte de huma prompta morte,
Cure tuas feridas meu cuidado:
Lisboa te defenda grande, e forte,
Donde do meu valor ſerás guiado,
E em Africa convoquem teus teſouros
Novos ſoccorros de valentes Mouros.

63.

63.

Só te peço por premio, se algum dia
Dispuseres de Aldara Soberana,
Que se o rigor da sorte o naõ desvia,
Eu mereça a belleza mais que humana:
Fortunas, Reyno, e vida renderia,
Mas bem sey, que ella sempre foy tirana,
E a fineza assim deixo mais luzida,
Se porque ella me mate, me das vida.

64.

Responde o Rey: ò Lucidoro illustre,
Eu te prometo Aldàra, naõ o Imperio;
Porque este he teu, sem que a ambiçaõ te frustre
Do teu direyto, indigno vituperio!
Esta injustiça fez perderlhe o lustre,
E foy do Ceo justissimo misterio,
Que eu sinta com infamia da memoria,
Que porque fuy injusto, perco a gloria.

65.

Neste tempo no bosque huns Cavaleiros,
Que a ElRey seguiaõ, promptos se introduzem,
Orcane os guia, e com tres mil guerreiros
A' maritima Corte o Rey conduzem:
Lucidoro, a quem muitos dos primeiros
Africanos formados se reduzem,
Com muita infantaria, que se espalha,
Fórma o resto do exercito em batalha.

66.

Entretanto os heroicos Lusitanos
Vendo as pontas das alas em desordem
Romperaõ pelo flanco aos Africanos
Do firme centro penetrando a ordem:
Na reserva dos fortes Mahometanos,
Que Lucidoro faz que naõ discordem,
Achavaõ o triunfo duvido'o
O Sylva forte, o Cunha valeroso.

67.

67.

Tal foy na noute horrivel triſte eſtrago,
Que das aves nocturnas, e agoureiras
Com o gemido tragico, e preſago
Fogem as Filomenas liſongeiras:
As eſtrellas errantes no Ceo vago,
Seguindo o Sol auzentaõ-ſe ligeiras,
E as fixas nos Zefiros fluctuantes
Ainda correraõ mais do que as errantes.

68.

Livre das ſombras a manhãa futura
Moſtrou alegre a Henrique a clara Aurora,
E da alta tutelar a luz mais pura
Obſequioſo venera, fino adora:
Deo aos ſeus a ſagrada ſepultura;
Dos Mouros na campanha vencedora
Fez enterrar os corpos horroroſos,
E aſſim fallou aos Luſos generoſos.

69.

Generaes admiraveis, e invenciveis,
Já moſtra Deos, que quer fundar o Imperio,
Da ſua protecçaõ fructos viſiveis,
Deſcobre em cada luz novo miſterio,
Trofeos vaõ erigindo os impoſſiveis,
E da Africana ley em vituperio
Temos hoje em deſpojo deſta guerra
Tres coroas poſtradas pela terra.

70.

Vamos aò novo templo de Lámego
Fazer as tres Coroas tributarias,
O exercito nas margens do Mondego
Deſcanſe, e nas mais terras feudatárias:
Lisboa, que ha de ſer ultimo emprego
Das armas, e ruina das contrarias,
Em quanto o Sol ardentes rayos vibra
Até que por Eſcorpiò deixe Libra.

71.

Diſſe; e com os varoens qualificados,
Axa, Muley, e os principaes cativos,
Chegou donde os finiſſimos cuidados
Da bella eſpoſa achou tenros, e activos.
Rende à Imagem os votos deſtinados
Para padroens eternos, e expreſſivos:
Cantaõ de mil Orfeos raros primores
Do cantico, do jubilo os louvores.

72.

Axa aos braços chegou do eſpoſo Regio,
E tendo a meſma fé, o amor foy firme,
Deixa da idolatria o ſacrilegio,
Giraldo a inſtrue, e faz, que ſe confirme:
Prepara-ſe o Bautiſmo mais egregio,
Porque aos dous Reys na converſaõ afirme;
Que de Henrique, e Tereza entaõ ſervidos,
Nota 709. Os oraculos fiquem entendidos.

73.

Muley, e Amado chegaõ impacientes
Ao meſmo tempo a ver a bella Aldara,
Que ſoſpiros, que affectos taõ ardentes
Nos ſeus dous coraçoens o amor prepara,
Ambos perdem o uſo de eloquentes;
E ou os ſuſpende a fermoſura rara,
Ou no culto o ſilencio naõ ſe rompe,
Ou o ciume as vozes interrompe.

74.

Ella temendo as conſequencias triſtes
Da emulaçaõ, formou eſtes acentos;
Generoſos amantes, bem me ouviſtes,
E ſabeis meu diſtino, e meus intentos;
Vòs Amado, que os votos proferiſtes
De ceſſar com Muley tantos violentos
Impulſos, muy bem ſey, que os obſervaſtes,
E nova eſtimaçaõ me grangeaſtes.

75.

Vós Muley bem ſabeis que huma promeſſa
Vos fiz de que ſeria voſſa eſpoſa,
E quanto o meu caracter ſe intereſſa
Eſtreitando aliança taõ forçoſa:
Mas huma ley me prende taõ expreſſa,
Que me obriga com cauſa poderoſa:
Naõ a poſſo dizer, que he taõ terrivel,
Que ſó hade mudalla hum impoſſivel.

76.

Que ley? Elle reſponde, Aldara ingrata,
Póde haver, que hum tal bem me difficulte?
Sendo divina, porque me naõ mata?
Se o naõ he, como ha cauſa, que a occulte?
Mas he voſſa inconſtancia a que maltrata
Só ao meu peito: della em fim reſulte
Ser prefetido Amado: ah homicida!
Para matarme me guardaes a vida!

77.

Se eſſa ley, qne occultaes, naõ dizeis logo,
Eſta venda fatal hade ſer laço,
Que deſte ar, que reſpiro, e he já fogo,
Apague a vital chama em breve eſpaço;
E ſe nelle, ou no pranto naõ me afogo,
Soccorrame fiel hoje o meu braço,
E no tempo, em que tenha melhor ſorte,
Dandovos vida, poſſa darme a morte.

78.

Tirou do peito a venda, que eſcondia,
E que no campo achou com raro acaſo
Empunhou o punhal, porque o trazia
Para memoria do felice caſo:
Aldara ſe deſmaya, e com o dia
Se deſmayou o nume do Parnaſſo; Nota 710.
E vendo eſcurecer luzes taõ bellas,
Tambem ſe deſmayaraõ as eſtrellas.

79.

Porém Amado em tudo generoſo
De Muley com tal força o braço prende;
Que mais o aperta agora por piedoſo
Do que quando inimigo antes o offende:
Soltame, diz Muley, que rigoroſo
Reconheço ainda mais quem me defende;
Tal generoſidade me maltrata,
Que por matarme mais, menos me mata.

80.

Se para verme atár queres, que viva
Ao carro no triunfo de Cupido,
E as glorias de huma ingrata, de huma eſquiva,
Hey de ver infamado, e abatido;
Deixa que morra, e ſeja compaſſiva
Hoje a fortuna de hum favorecido,
Ay Aldara cruel! Ella deſperta,
E entre a vida, e a morte eſtava incerta

81.

Naõ he, Muley illuſtre, diz Pelayo,
Em mim cruel effeito da vaidade
Evitar o funeſto ultimo enſayo,
Que transforma o valor em impiedade:
Veja Aldara tornando do deſmayo,
Que ao ſeu favor deveſte eſta piedade;
Por ella vives, vive na eſperança,
Em mim nunca foy vil huma vingança.

82.

Chega Henrique, e da luta activa, e dura,
Aos dous amantes emulos ſepara,
Reprende Amado, que matar procura,
Como ſuppoem, quem prezo ſe entregara:
O contrario acredita, e aſſegura
Juſtificando aos dous a triſte Aldara;
E admira aos tres hum novo, e raro objecto
De hum Eremita incognito, e provécto.

83.

83.

Ceſſe, lhes diz alegre, o grande Henrique,
Ceſſe o rencor, a furia, e a triſteza,
O Amor os ſeus triunfos multiplique,
Seja hum dia ditoſa huma fineza:
Tancredo hum tal ſucceſſo hoje publique,
Que ſó ſe duvidára da certeza,
Se elle tudo o que diz naõ confirmara,
E eu com minha aſſerſaõ naõ o affirmara.

84.

Neſte tempo a Princeza, e toda a Corte
Concorre para ouvir a novidade,
Que já ſoara por eſtranha ſorte
De que entrara Tancredo na Cidade:
Elle ſem que o ſilencio mais reporte,
A voz esforça deſmentindo a idade,
E todos mudos, timidos, e atentos,
Ouvem com ſuſpenſaõ os ſeus acentos.

85.

Heróe, de quem a inclita memoria
Até penetra o ruſtico retiro, Nota 711.
Donde para vencer a mortal gloria
Pela immortal com lagrimas ſoſpiro:
Ouvi a rara, certa, illuſtre hiſtoria
De Tancredo, e no debil, que reſpiro,
Com impulſos do amor, e da alegria,
Cuido, que até ſem vida a explicaria.

86.

Da incognita Princeza illuſtre, e bella,
De que dizer o nome difficulto,
Bayona vio que huma envejoſa eſtrella
Roubou a vida com mortal inſulto:
Premiou voſſa fineza com cautela
Em vinculo nupcial, breve, e occulto,
E acabando huma flor a bella vida,
Em dous frutos ſe vio reproduzida.

87.

Com os nomes de Pedro, e de Sibilla
Sairaõ do catolico lavacro,
Da Cruz azul, e eſtrella mais tranquilla
Se vè nos braços o caracter ſacro:
Lagrimas finas voſſo amor deſtilla
Ao ſepultar o amado ſimulacro.
E ao fiarme teſouros taõ precioſos
Do mar entre os perigos proceloſos.

88.

Ao graõ Ramon, que he Principe em Galiza,
E a quem vos une o ſangue, e a aliança,
Me mandaes, que os conduza, e ſe ſuaviza
O receyo no alento da eſperança:
A voſſa viſta ainda o baxel diviſa,
Que a Bayona de Heſpanha da de França
Leva os dous precioſiſſimos theſouros,
Quando atacar os viſtes pelos Mouros.

89.

O Cogia Arraes intrepido pirata
Vendo do meu navio a reſiſtencia,
E que a equipagem com valor lhe mata,
O condena das chamas â violencia:
Naõ me deixa o incendio quem combata,
E dos Ceos invocando a alta aſſiſtencia,
Peço ao fado de mim ſeja homicida,
E aos dous conſerve a religiaõ, e a vida.

90.

Ao mar me arrojo ſuſtentando hum braço
Aos dous Infantes, que com raro inſtinto
Me apertaraõ no cólo o doce laço,
Receando o ceruleo laberinto:
Por liurarme do tragico embaraço,
Piedoſo ao mar ſe lança o forte Aminto,
Aminto, que entre a barbara crueldade
Nunca pode perder a humanidade.

91.

Aos tres livrou, e o Capitaõ intenta,
Que eu lhe diga quem ſaõ os dois meninos;
Por mais que com tormentos me amedrenta,
Guardaõ ſegredos meus affectos finos:
Que ſaõ meus filhos digo, e que me alenta
Nobre ſangue, e teraõ os premios dinos
No reſgate, o meu animo offerece,
E obrou mais que a piedade o intereſſe.

92.

Por remedio, e regalo conduzia
A Jó, ou Izis à facunda copia
O pirata, e no leite, que vertia,
Socorreo dos dois Principes a inopia;
Mais que a capella, que nos Ceos luzia,
E de Amaltéa a fertil cornucopia
Mereça ſer nos aſtros collocada,
E do fiel Bootes bem guardada.

Nota 712.
Nota 713.
Nota 714.
Nota 715.

93.

A Lisboa chegou, e Alí recebe
Os dois infantes, de que a bella fórma
Das altas eſperanças, que concebe,
Sò pelos olhos toda a alma informa:
Por mais que me examina naõ percebe
Quem ſaõ, mas naõ comigo ſe conforma
Em crer, que ſaõ meus filhos, que hum cativo
O nega, e do naufragio eſcapou vivo.

94.

Mas eſſe que naõ ſabe ſeu pay certo,
Foy deſterrado para a Libia ardente,
E eu fogi para hum aſpero deſerto
Naõ penetrado da Africana gente;
Porèm naõ pude eſtar taõ encuberto,
Que Aminto a hum ſanto auxilio obediente
Depois de quatro luſtros naõ me achaſſe;
E do que paſſou naõ me informaſſe.

95.

95.

Diſſeme pois Aminto, que em tormentos
Apertado o cativo confeſſara
Dos meus occultos, e fieis intentos
Só o que no navio penetrara;
Pois me ouvira entre os finos ſentimentos,
Com que aos tenros Infantes abraçara,
Se ambos foſſeis meus filhos em tal ſorte,
Menos ſentira a voſſa triſte morte.

96.

Contoume que Almançor, que o Rey herdava,
Na batalha de Gaya pereçera:
Que por vòs, e Tereza ſe illuſtrava
Do Luzo Imperio a criſtalina eſfera:
Que ElRey por filha unica adoptava
Sibilla, a quem de Aldara o nome dera,
E que a Pedro criou forte, e guerreiro
Por Muley de Tarifa illuſtre herdeiro.

97.

Que a Lucidoro Aldàra deſtinava
Succeſſor claro do Africano Imperio,
E a Pedro as eſperanças enganava
Sem dizer do impoſſivel o miſterio:
Que Aldàra com preceito aſſegurava
De huma aliança, que era vituperio
Entre irmãos, que com cego intento amante
Livraõ o delinquente no ignorante.

98.

Foy occulto politico miſterio
Temer Alì, que os feros Mahometanos,
Se lhe faltaſſe o ſucceſſor do Imperio,
Appeteceſſem novos Soberanos:
Da juſtiça, e direito em vituperio
Segue a maxima falſa dos tiranos
De que para reynar com vãa cobiça
He licita a mentira, e a injuſtiça.

99.

99.

Victimas triſtes de hum amor impuro
Guardava com reſpeitos de Princezas,
Com ciume inquieto, e mal ſeguro
No Palacio em Lisboa mil bellezas,
Mas infecundas neſte laço duro
Equivocando afagos, e aſperezas
Entre as magoas, que tremulas ſentiaõ,
Só lagrimas, ſó ancias repetiaõ.

100.

De Artelinda fiou a tenra Infanta,
Artelinda, que em quarto ſeparado
Tinha em Alì ſoberania tanta,
Que o tirano ſe vio tiranizado:
Pediolhe, que ao projecto, que adianta
Dèſſe favor, por ver recuperado
Neſte fruto, que o Ceo quer adoptivo
O bem, que lhe negara ſucceſſivo.

101.

Artelinda fingio, que ella ocultara
Deſta nova Princeza o naſcimento,
Por ver ſe Ali, que a Africa paſſara,
O Imperio lhe quer dar mais opulento;
Pois antes mataria a bella Aldára,
Do que ſofrer opprobrio taõ violento,
Como ver que no Imperio lhe precede
Quem em belleza, e perfeições lhe cede.

102.

Porém voltando o Rey foy mais propicio
O fado, pois ſentio em tempo breve
Do ſeu fecundo amor hum certo indicio,
A que o goſto na duvida deteve:
Naſce Almançor com taõ ditoſo auſpicio,
Que o mayor alvoroço ao Reyno deve;
Porque hum Varaõ a Aldàra ſubſtitua;
Mas o ſeu fingimento continua.

103.

Naõ quiz moſtrar o Rey a indignidade
De fingir ter por filha huma eſtrangeira,
De quem ignora os pais, e ſe perſuade,
Que tinhaõ dos Chriſtãos a ley groſſeira;
Aſſim ſegura mais a liberdade,
Suppondo ſer a filha verdadeira,
Se a morte de Almançor por triſte caſo
Viſſe a guerra, a doença, ou outro acaſo.

104

Inutil lhe naõ foy tanta cautela,
Pois matou a Almançor o claro Henrique,
E influindo em Aldàra eſcura eſtrella,
Faz que no campo priſioneira fique;
E ao ver que Lucidoro ſe deſvela,
Porque o alto conſorcio ſe publique,
Lhe offerece em Muley hum novo objeto
De hum impoſſivel, quanto ardente affecto.

105.

Erà Muley aquelle bello Infante,
Que ſer irmaõ de Aldàra o Rey ſabia;
E porque o ſeu projecto ſe adiante
De pretexto ſervio á tirania:
Nota 716. A linha de Tarif em Tarudante
Por hum unico Principe exiſtia,
De Tarif vencedor de toda a Heſpanha
Em hum ſó golpe, em huma ſó campanha.

106.

Zegri o Varaõ claro ſe chamava,
E à Lisboa o conduz o ſeu diſtino,
Nella morreo, e hum filho ſó deixava
Fiando ao Rey eſte infeliz menino:
A Parca, que ao naſcer o ameaçava,
Promptamente exercita o golpe indino,
E o meu infante incognito atribue
Aſ eſtirpe de Tarif, que ſubſtitue.

107.

Assim de Gibarltar teve o dominio;
A quem Tarif mudou o antigo nome,
Muley chama ao infante, e seu desinio,
He de que ao innocente o Reyno tome:
De hum sabio respeitando o vaticinio
Faz que a tanta ambiçaõ a furia dome;
E o que antes foy misterio neste intento
Na guerra fez Muley merecimento.

108.

Com tal valor empunha o tenro braço
Ainda no tirocinio a forte espada,
Que o mesmo Marte teme o ameaço
Vendo a ira em Adonis preparada:
Sempre da guerra o mais remoto espaço
Lhe destina, e da Corte separada
De Muley a virtude o Rey deseja,
Naõ por emulaçaõ, mas por enveja.

109.

Assim de Lucidoro se assegura
Fomentando entre os dous cruel ciume;
Que de Aldara na extrema fermosura
Arde no incendio que arde, e naõ consume:
Oh tiranica ley, perfida, e dura,
Que em injusto, e politico costume
Só para prevenir futuro dano
Chama nobre misterio ao falso engano!

110.

A Aminto perguntey quem lhé differa
Os segredos mais intimos do Estado,
Por Galiana disse que os soubera,
De quem foy taõ amante, como amado,
De Artelinda era irmãa, ella lhe dera,
Tendo primeiro em suas mãos jurado,
Que esta noticia naõ fará notoria,
A fiel narraçaõ da occulta historia.

111.

Que como elle vivia no ſeu peito,
Quando o que nelle guarda participa,
Deixava o juramento ſatisfeito;
Se Aminto aos penſamentos ſe anticipa:
Porém (oh caſo raro!) em triſte effeito
A morte a Galiana a luz diſſipa;
Naõ póde Amor neſta tragedia dura
Livrar a Galiana de perjura.

112.

Entaõ vè, diz Aminto, a falſidade
De quem do Alcoraõ ſegue o torpe rito;
E vem buſcar as luzes da verdade,
Para fogir das ſombras do delito:
Eſtreito laço de intima amizade,
A que naõ diſſolveo tempo infinito,
Me fez, Senhor, por eſte eſtranho acaſo
Saber, Tancredo diz, taõ raro caſo:

113.

Naõ era longe dos confins de Ourique
O meu retiro em terras tranſtaganas,
Nota 717. Leovigildo buſquey, porque me explique
Da immortal vida as glorias ſoberanas:
Elle me ordena que aſſegure a Henrique,
Que das felicidades Luzitanas
Por elle hade ſaber Affonſo illuſtre,
Que o Ceo ao Luſo Imperio hade dar luſtre.

114.

E que a Pelayo, que de ſeu filho amado,
Moſtre em ſigillo de ouro eſta Cruz dobre,
E carta, porque ſeja acreditado
Quanto aqui o meu peito vos deſcobre:
Quer Aminto, que o deixe retirado
Com Leovigildo, a quem o boſque encobre,
E dou ſatisfaçaõ ao meu deſejo,
Em quanto paſſo occulto o claro Tejo.

115.

115.

Tudo he certo, exclamou Giraldo ſanto,
Em Lamego, Senhor, vos prometia,
Que transformando em goſto o triſte pranto,
Pedro, e Sibilla o voſſo amor veria:
A eſtrella, e Cruz azul moſtraõ em tanto
Os dous, ainda que a cauſa da alegria
Que ſe diminuiſſe era poſſivel,
Trocando-ſe hum amor a hum impoſſivel.

116.

Abraça Henrique os filhos ãdorados,
Que adoptou o carinho de Tereza,
Os Bautiſmos eſtavaõ preparados
Dos dous Reys com magnifica grandeza:
Ficaõ ao meſmo dia deſtinados
O himineo de Bermudo, e da Princeza,
E o de Amado, e Sibilla, que de Henrique
Manda a inviolavel ley, que ſe publique

117.

Pedro, e já naõ Muley, buſca proſtrado
A Henrique, que nos braços o recebe,
E o arrependimento do paſſado
No ſemblante, e acçoens bem ſe percebe;
Eſtreitamente o abraçou Amado,
E no grande conceito, que concebe,
Conhece, que haõ de ſer fieis amigos,
Pois foraõ generoſos inimigos.

118.

Sibilla a Pedro diz: hum puro affecto
Agora entendo, porque bem nacido
Tinha na ſimpatia occulto objecto,
Que equivocava amor deſconhecido:
Agora entendo hum interior projecto,
Que nunca foy de mim bem entendido:
Agora entendo os ecos de huma ancia,
Que era a hum tempo deſejo, e repugnancia.

119.

Lembrete quanto ouviſte Amado invicto;
Quando eu cantey os males, que chorava,
E aſſim entenderás hum peito afflicto,
Que ſem poder amarte, te eſtimava:
Mas agora, vencendo eſte conflicto
Me moſtra o Ceo os Pays, que me occultavâ;
Na paſſada ignorancia ache a deſculpa
Eſta inculpavel, e innocente culpa.

120.

Amado mudo eſtava, porém mudo
Eſtava mais que todos eloquente,
E quando nada diſſe, diſſe tudo,
Pois falla o coraçaõ, e a lingoa ſente:
Sem que da ſanta Ley façaõ eſtudo,
Giraldo as ceremonias naõ conſente
De Axa, que no Bautiſmo o bem alcança,
E Aldara de Pelayo na aliança.

121.

Quaes novas plantas em feliz terreno,
Que agricultor de longe preparára,
Com o eſtranho calor de cinza, e feno,
Fez que o fruto ſem tempo ſazonara;
Aſſim fertil verdor, fragrante, ameno,
Florido fruto a graça anticipara
Nos neofitos raros, que a Fé viva
Do Sagrado Paſtor rega, e cultiva.

122.

Correraõ dos Planetas ſete dias,
E do templo de Carquere adornadas
Nas paredes debuxa allegorias
O engenho com pinturas animadas:
Vence a Sara a fineza de Tobias,
Moſtra o Jordaõ as agoas prateadas,
E as alluſoens do mais feliz lavacro,
E da nupciál uniaõ no rito ſacro:

Nota 718.
Nota 719.
Nota 720.

123.

123.

Premios, eſtimaçoens, honras. grandezas,
A Tancredo promete agradecido
Henrique; dos trabalhos, e finezas,
Que lhe deveo, ſe vè reconhecido:
Prefere do deſerto as aſperezas
Ao engano do mundo mais luzido;
E evitando da Corte o mortal dano,
Quer viver immortal no deſengano.

124.

Já no dia do Sol ſahio a Aurora
Vaticinando os jubilos ſagrados,
Entaõ ſó rî as perolas, que chora
Do Bautiſmo em indicios duplicados;
Tithan rejuvenece, e fino adora
A Deoſa com carinhos animados,
Devendo o novo ardor, e a luz brilhante
De Pelayo, e Sibilla ao laço amante.

125.

Nos deſpojos do campo Mahometano
Luzia a Corte em inculpavel luxo,
Que já do claro Imperio Luſitano
Dava a grandeza a norma, e o debuxo:
Já participa o Hèroe Soberano
Da Sibilla da gruta o ſacro influxo,
E reconhece em movimento interno
O nome de quem teve o ſer materno.

126.

Vem de Lamego os Reys, e coroados
Moſtraõ, que ao Reyno eſtaõ reſtituidos,
E ainda que a Henrique ſaõ ſubordinados,
Os faz taõ nobre feudo mais luzidos:
Eraõ de ouro, e diamantes adornados
Os magnificos candidos veſtidos;
E para que a grandeza ſe duplique,
Tereza a Axa ſerve, ao Rey Henrique.

127.

127.

Os dous nomes impoz Giraldo illuſtre
Aos Reys, e na aſperſaõ, que lhe adminiſtra,
Lhes dà mayor Imperio, e mayor luſtre,
Que o que Henrique com gloria lhe miniſtra;
E porque tanta graça naõ ſe fruſtre,
Axa do Ceo aberto a luz regiſtra,
E vè, que nos celeſtes alabaſtros
Os falſos deoſes ſó ſe vem nos aſtros.

128.

De Urania, e de Bermudo o laço regio
Illumina Himineo com ſacra téa;
Já, ſem que pareceſſe ſacrilegio,
Na maõ de neve o fogo amor atèa:
Vinculo, que naõ he menos egregio
Com a priſaõ a Amado liſongea:
Do valor a belleza naõ ſe aparte,
Sibilla ſeja Venus, e elle Marte.

129.

No Palacio ſe achavaõ prevenidas
Mezas taõ abundantes, e luſtroſas,
Que na delicadeza de polidas
Nota 721. A affluencia eſqueceo de ſumptuoſas:
As vitorias de Henrique mais luzidas
Brilhavaõ em figuras primoroſas,
Sitios, defenſas, torreoens, muralhas,
Campos, quarteis, recontros, e batalhas.

130.

Almançor naufragando eſtá no Douro,
E mais no proprio ſangue a lança o banha;
Brunaforro em Lamego com deſdouro
Tem na Cidade a perda mais eſtranha:
Leiria, e a batalha perde o Mouro,
E fica derrotado na campanha,
Depois que de Coimbra deſtroçado
Levanta o ſitio duro, e dilatado.

131.

Nos ares ſe ſuſpendem mil vitorias,
A que a fama deo voz com mil trombetas,
A figura da Gloria com mil glorias
Multiplicou nos aſtros mil planetas:
A Hiſtoria eſtà ditando mil memorias,
As Muſas inſpirando mil poetas;
E mil a mil os goſtos ſem peſares
Aſſeguraõ fortunas a milhares. Nota 722.

132.

De hum teatro apparece o nobre orqueſtra,
Donde o epitalamio ſe retrata
De Agamenon, e a bella Clitemneſtra, Nota 723.
Que em ſcenas, còros, e actos ſe dilata:
Succede a dança harmonioſa, e deſtra:
Que a Corte de Borgonha inventa grata,
E alegre em Portugal ſe conſtitue,
Que depois a Borgonha a reſtitue.

133.

Dançaõ os quatro amantes, e a cadencia
He para os olhos harmonia clara,
E os paſſos com harmonica excellencia
Foraõ da viſta conſonancia rara;
Naõ tem Bermudo a Amado preferencia,
E Urania, que a Sibilla ſe compara,
Das corèas nos deſtros exercicios
Tiveraõ ſuſpenſoens por ſacrificios. Nota 724.

134.

Dos galanes, e damas ſe formaraõ
Amaveis laços, deſtros, e inocentes,
Mas ouſadas as maſcaras roubaraõ
Da fermoſura os rayos mais luzentes:
Se pelo miſterioſo ſe apuraraõ
Os ſacrificios puros, e decentes,
A chama naõ ſeria menos pura
Com o divino ardor da fermoſura.

135.

135.

Nota 725. Dos dois talamos bordaõ as cortinas
De Himineo as victorias amorosas,
De Jove, e Juno as bodas mais divinas,
De Amor, e Psiques ancias misteriosas:
De Anfitriaõ, e Alecmena as glorias finas,
De Andromaca, e de Heitor as decorosas;
E o Cisne de Verona doce, e grato,
De Thetis, e Peleo mostra o retrato.

136.

Entre muitos brilhavaõ cinco Amores;
Nota 726. Em que representados os sentidos
Simbolisaõ finissimos ardores
Das têas nos incendios mais luzidos:
De Bermudo, e de Urania aos superiores
Affectos daõ influxos repetidos;
E de Amado, e Sibilla a sua chama,
Sem moderar o ardor, nelle se inflama.

137.

O espirito, que ao mundo interno anima
No racional, sensivel, vegetavel,
Faz que o caracter deste amor se imprima
Renovando a uniaõ do imperio amavel:
A posse, em que o affecto desanima
O efficaz do dezejo invariavel,
Como em Sibilla novos bens alcança,
Em Amado renace em esperança.

138.

Nota 727. Sahio do mar o amante de Climene,
E por fazer dos rayos mais dispendio,
Pede a Amor lhe permita, ou que lhe ordene
Resumir tantas chamas a hum compendio;
Porque o alcança, ficarà perene
A ardente luz, o rutilante incendio;
Ja que dispòs o espirito profundo,
Que falte o Sol, se falta amor no mundo.

139.

Mas Henrique, que a Pedro procurara,
E na feſta magnifica o naõ vira,
Entre o cuidado, e a ſaudade achara,
Que o grande coraçaõ ſe repartira:
Mayor mal, do que o peito imaginara
Deſcobre o ſeu temor, que naõ reſpira:
Tremulo abre hum papel com tal enleyo,
Que ſó entaõ conhece o que he receyo.

140.

Senhor, dizia, ainda mayor fortuna
Que a de ſer filho voſſo, he a excellencia
Da Chriſtãa religiaõ, que hoje opportuna.
Me concedeo a Eterna Providencia:
Segui a ſeita errada, e importuna
Fundada na impureza, e na violencia,
E com as impreſſoens do negro Abiſmo
Apagava o caracter do Bautiſmo.

141.

Todos quantos me virem neſta Corte,
Naõ ſey ſe haõ de julgar, que eſtaõ preſcritos
De tantos annos com taõ prompta ſorte
Meus eſtragos, meus males, meus delitos:
Quantos ſe haõ de lembrar cauſey a morte
De Pays, de irmaõs, de amigos infinitos;
E ainda que vejaõ o meu braço exangue,
No meu meſmo rubor veraõ ſeu ſangue.

142.

Se houveſſe com hum Principe perfeito
Deſcontentes, que ſempre ha deſcontentes,
Cauſa eu nunca ſeria, mas effeito
De diſcurſos infames, e imprudentes:
Naõ de Matilde o vinculo imperfeito
Achariaõ, mas falſos, e eloquentes
Taes razoens, porque eu reyne fingiriaõ,
Que as leys trocendo, os textos quebrariaõ.

143.

De voſſa eſpoſa, a quem por mãy venero;
Naõ venceria o animo incorrupto;
Mas quem me diz, que a hum proceder ſincero
Naõ pode malquiſtar hum peito aſtuto?
Tiraniſou-me Amor com taõ ſevero
Imperio, e em mim foy taõ abſoluto,
Que ainda que afogue o ſangue eſta violencia,
A impreſſaõ da belleza apague a auſencia.

144.

Digno eſpoſo em Amado lhe contemplo,
Oh queira o Ceo, que ſe amem com conſtancia!
Mas ſaiba, que naõ ſigo o ſeu exemplo,
E que he ſó feminina a inconſtancia:
Naõ me verá deidade em outro templo
Perturbar da fineza a conſonancia,
E bem pudera, porque em fim a argua,
Naõ podendo ſer minha, ſer ſó ſua.

145.

Outra culpa, ſe o he, hoje apregoa
A confiſſaõ, que quero ſe publique,
Mas ſe a voſſa piedade a naõ perdoa,
Que importa, que cos mais me juſtifique?
Vòs marchareis a conquiſtar Iſboa,
E fundareis o Imperio, ô invicto Henrique,
Fogem de vòs os Mouros temeroſos,
Tendes os Generaes mais valeroſos.

146.

E aſſim permitireis, que a minha eſpada
A hum Rey, a quem ſervio, já mais offenda,
Na religiaõ ficava deſculpada,
Mas a honra ſofrera na contenda;
Tenho a ſcena da guerra ſó mudada,
E a Paleſtina he juſto, que defenda;
A ſeguir voſſo exemplo ſó me humilho,
O que o pay conquiſtou, defenda o filho.

147.

147.

Deixaſtes Portugal ainda opprimido,
E eu o deixo ſeguro, e victorioſo,
Atè que volte a elle mais luzido
Da Cruz Sagrada o Lenho glorioſo:
De huma ſanta milicia revestido, Nota 728.
Ligado ao voto puro, e decoroſo,
Me inſpira o Ceo, que com divino effeito
Seguirey inſtituto mais perfeito.

148.

Perdaõ com muitas lagrimas vos peço
De naõ vos conſultar, pois ſe ſaõ juſtas
As cauſas, que em papel vos offereço,
Sem que hoje as approveis, ſeraõ injuſtas:
Temi o voſſo amor, e vos confeſſo,
Que venerando as voſſas leys auguſtas,
E eſtando reſoluto a interpretalas,
Naõ me quiz arriſcar a quebrantalas.

149.

As terras, que em ſegredo me diſſeſtes
Me deſtinaveis com real grandeza,
Aceito, e ja que prodigo mas deſtes,
Deva-vos meu amor outra fineza:
Naõ ſó vos naõ ſervi; porèm perdeſtes
Por meu braço a mais inclita nobreza:
Vos as repartireis prudente, e juſto,
Sendo Ceſar em guerra; em pás Auguſto.

150.

Aſſim eſcreve Pedro, e ſe retira
Da noute na mayor eſcuridade;
Henrique a nova acçaõ ſente, e admira;
Pòde mais a razaõ do que a ſaudade:
Dentro em ſi meſmo o coraçaõ inſpira,
Vence o diſcurſo impulſos da vontade:
Sibilla ainda que chora, vè prudente,
Que como irmaõ, naõ como amante o ſente.

151.

Pelos varoens de acçoens aſſinaladas
O generoſo Herôe ali reparte
As terras das provincias conquiſtadas,
Em que arvôra da Cruz ſacro eſtandarte.
Nota 729. De Guimaraens nas Cortes convocadas
Minerva moderou as leys de Marte;
E a ira na prudencia mais remiſſa
Funda o Reyno na guerra, e na juſtiça.

152.

Para Africa paſſara Lucidoro
A prevenir armada poderoſa;
Mas a ſublevaçaõ de Alteſidoro
Formou guerra civil, e vigoroſa:
Nota 730. Deſcendia do ſangue de Medoro
Digno eſpoſo de Angelica fermoſa,
E admira ao vello taõ guerreiro, e forte,
Ver que de Adonis decendeo Mavorte.

153.

Em Tangere o rebelde ſe coroa;
E entre ſi os mais povos divididos
Naõ daõ para o ſocorro de Liſboa
Navios, e ſoldados prometidos:
Tanto que certa eſta noticia ſoa,
Com tropas promptas, Cabos eſcolhidos,
Henrique invicto marcha de Lamego,
E ſem oppoſiçaõ paſſa o Mondego.

154.

As guarniçoens das Praças encorpora,
Naõ perdem a ordem na velocidade,
Doze vezes ſó vio naſcer a aurora
Antes de ver de Uliſſes a Cidade:
Tal o terror da eſpada vencedora
Era, que ſem achar difficuldade,
As tropas, que ſe oppoem, fogem inquietas
Dos eccos mais diſtantes das trombetas.

155.

Qual do Aquilon ceruleo Gerifalte,
Que a Garça já opprime em leve ponta,
Seguro de que a preſa lhe naõ falte,
Curvo, eburneo punhal com furia aponta;
Porem temendo ver, que mais ſe exalte
A aguia, que até os aſtros ſe remonta,
Foge no azul, e aereo laberinto,
Dando-lhe vida o irracional inſtinto.

156.

Aſſim do terror panico occupados,
Desfiladeiros, campos, rios, montes
Deixaõ os Mouros vìs abandonados,
Vendo a Henrique em Eliſios oriſontes:
A infiel barbararidade inficionados
Deixa os puros criſtaes das claras fontes:
Oh quantos, que o veneno naõ percebem,
Em argentada copa a morte bebem!

157.

Queimando campos, arruinando villas,
Querem tirar a Henrique a ſubſiſtencia,
E barbaros naõ vem, que ao deſtruillas
Naõ cura huma violencia outra violencia:
Sobem chamas ao Ceo, para extinguillas
Vence chuva benigna eſta inclemencia:
A terra manda ao Ceo novo Veſuvio,
Mas o apaga hum benefico diluvio.

157.

Sangrou ao Tejo artificial torrente,
Porque os campos vezinhos inundaſſe;
Porem Eólo provido, e clemente,
Fez que hum aſſopro rapido a ſecaſſe:
Impraticaveis para a Luſa gente,
Se as bellicoſas maquinas levaſſe,
Deixar-ó as eſtradas mais famoſas,
Precipitando as arvores frondoſas.

159.

159.

Tudo venceo o eſpirito invencivel,
E chega a ver Lisboa, quando chega
O claro Febo ao Eſcorpiaõ terrivel,
E em fogir do veneno ſó ſe emprega:
Trocouſe o Noto em Zefiro aprazivel,
A fonte renacendo o prado rega;
O Outono ao moderar calor, e frio,
Nem ſecou, nem prendeo o claro rio.

160.

Serve o Tejo de eſpelho, e de teatro,
Donde a inſigne Lisboa repreſenta,
E elevada em viſtoſo anfiteatro
Na perſpectiva a fermoſura augmenta:
Por dominar do mundo as partes quatro
De outro Imperio ſerà Corte opulenta,
Quando glorioſo à quinta Monarquia
Se renda o ouro, com que naſce o dia.

161.

Tributos de criſtal lhe dâ Neptuno,
Primavera immortal lhe pinta Flora,
Em ſazonados frutos de Vertuno
O goſto ſe ſuaviza, e ſe melhora:
Contra Eòlo no aſilo de Portuno
O naufrago ſeguro a terra adora;
Daõ aos olhos illuſtres exercicios
Templos, Jardins, Palacios, e edificios.

162.

Tanta gente guarnece os altos muros,
Que hum exercito guarda cada porta,
Clamava o Rey, e de que eſtaõ ſeguros
Com razoens efficazes os exhorta;
Soccorros lhe promete, que futuros
Africa lhe aſſegura, e quanto importa,
Lhe moſtra haver de ſer bem defendidas
As eſpoſas, os filhos, bens, e vidas.

163.

As maquinas marciaes vinhaõ chegando
Conduzidas por terra, ou pelo Tejo,
Para o ſitio os quarteis ſe hiaõ formando,
E hum panico terror nos Mouros vejo:
O generoſo Henrique hia eſpalhando
Em diverſos papeis, que o ſeu deſejo
Era ſó de pacifica coroa
Concedendo ventagens a Lisboa.

164.

As capitulaçoens, que por honroſas,
E uteis ſaõ admitidas dos rendidos,
Juſtas, ſuaves, firmes, decoroſas,
Prometia em alivio dos vencidos:
Do ſitio ameaçava as vigoroſas
Offenſas contra os muros mais erguidos,
E que naõ accuſaſſem de crueldade
Dos ultimos aſſaltos a impiedade.

165.

Elmacin hum Egipcio, que eloquente
Os corações dos povos perſuadia,
E ao Grego aſtuto imita no ſciente,
Se o naõ póde igualar na valentia;
No dilatado Fóro à immenſa gente
Sedicioſas palavras proferia,
Contradizendo ao Rey aplebe infórma,
E com voz clara falla neſta fórma.

166.

Ainda quereis, ò povos infelices,
A hum tyranno ſeguir vaõ, e inquieto?
E que huma nova Troya veja Ulyſſes?
Hum Sagunto os ſequazes de Mahometo?
Acclamay outro Rey, ſereis felices,
Invencivel em guerra, em paz quieto,
Sabio, prudente, varonil, piedoſo,
Magnanimo, felíz, e generoſo.

167.

167.

Eſte he Henrique, vede o ſeu ſemblante
Das altas torres deſtes ſete montes,
Que cada hum ſe erige altivo Atlante
De Uliſſea nos claros oriſontes:
Antes que o carro arraſtre triunfante
Entre as cinzas de miſeros Faetontes,
Os poucos, que do incendio ſáiaõ vivos,
Fiquem mais fulminados por cativos.

168.

Aproveitay as graças, que offerece
Com inviolaveis nobres privilegios,
Vede que com as caſas ja perece
A Religiaõ do templo em ſacrilegios;
Eſtou vendo-o entrar, ja me parece,
Que erigindo ao trofeo padroens egregios,
Se grava em cada pedra, que fulmina,
Hum epitafio da fatal ruina.

169.

Os que a Africá queiraõ retirarſe,
Navios lhes darà bem pervenidos,
Os que em Lisboa queiraõ conſervarſe,
Naõ ſeraõ de tributos opprimidos:
Os noſſos ritos querem tolerarſe,
Entre nos os juizes eſcolhidos:
Haõ de ſer, e a Republica publique
Naõ Rey, mas Protector o grande Henrique.

170.

O grande Henrique, que em feliz deſtino
Fundou o excelſo Imperio Luzitano,
E a quem ja concedeo Numen Divino
Vencer ſempre ao intrepido Africano:
Lucidoro nos deixa, e peregrino
O de Africa prefere ao Reyno Hiſpano:
Alí uſurpador quer que a memoria
Victimas nos conſagre da vangloria.

171.

Seguime todos; e com mil clamores
Segue ao cobarde o vulgo monſtruoſo;
Sahe o Rey ao encontro, e aos temores
Naõ anima eſte exemplo valeroſo:
Por naõ exporſe aos barbaros furores
Cede ao tumulto indigno, e horroroſo:
E ſó alcançar pòde com porfias,
Que para reſponder lhe dem dois dias.

172.

Preceitos, rogos, premios, ameaços
Naõ fizeraõ mudar a ruda plebe,
E deſtes inteſtinos embaraços
As noticias Henrique ja recebe:
Fiar o Rey quizera dos ſeus braços
A victoria, e mil duvidas percebe,
Com ellas pouco tempo deſcanſando
Dizem que eſtes preſagios vio ſonhando.

173.

De ſeu falſo, e malevolo Profeta
Se lhe repreſentou triſte a figura,
Horrendo tinha o roſtro, a viſta inquieta,
E o cobria huma negra veſtidura:
Crinito o ſeu cabelo era cometa, Nota 731.
Outro barbato a cara desfigura,
E do tragico triſte indigno ornato
Outro arraſtrava funebre, e caudato.

174.

Sulfureas chamas, em que o peito ardia,
O vaſto corpo em furias abraſavaõ,
Como a final trombeta a voz ſahia,
E dos Ceos as eſferas ſe turbavaõ:
Eſtas palavras com horror dezia,
Que ao infelice Rey tanto enganavaõ,
Que lhe naõ deixaõ crer ainda que o veja,
Porque lhe diz o que ouve, o que dezeja.

175.

Naõ temas, grande Rey, eu ſou Mafoma,
De que a cauſa juſtiſſima defendes,
Meu eſpirito a fórma humana toma,
Ainda que os atributos naõ lhe entendas;
Da minha religiaõ, que ao orbe doma,
Por quem tu taõ belligero contendes,
Has de ver tremolar os eſtandartes
Com eſtes tres cometas nas tres partes.

176.

Se me vez abrazar cerulea chama
Do meu ardente zelo he o miſterio,
Ainda hoje verás, que a ti te inflama
Para recuperar o Luſo Imperio;
Levantate, e ganhando immortal fama
Do idolatra inimigo em vituperio,
Antes que acabe o dia decretado
Moſtra no campo a intrepida ouſadia.

177.

Qual o Betico Touro, que incitado,
Quando dormia, o fere o ferro agudo,
E do pungente golpe eſtimulado
Deſperta com bramido fero, e rudo:
Aſſim o Rey ao fulgido traçado,
A' lança, ao arco, às ſetas, e ao eſcudo,
Reduz o Imperio em ſingular batalha,
E chama Henrique do alto da muralha.

178.

Cavalleiro, que errante de Borgonha
Vens vagabundo a uſurparme Heſpanha,
E ſem que a ſorte á ſem razaõ ſe opponha,
Tantas vezes venceſte na campanha:
Eu ſó te deſafio, hoje ſe exponha
No teatro Uliſſe o tragedia eſtranha,
Hum dos dois nas auriferas arèas,
Seja Aquilles de Heitor, de Turno Eneas.

Nota 732.

179.

179.

Armas, e campo elege, eu aſſeguro
Da Cidade a treiçaõ, e as portas cerro;
Mas no fero combate, que procuro,
He mais propria a que o nome tem de ferro: Nota 733.
Pòde ſer, que ategora o fado eſcuro
Por occulto deſtino, e naõ por erro,
Fez, que tantas batalhas malograſſe,
E a mayor ao meu braço reſervaſſe.

180.

As condiçoens ſeraõ, que perca a vida
O que perder de vencedor a gloria,
Mas quem vè ſua fama desluzida,
Ja tem o ſeu verdugo na memoria:
Deixando a Monarquia decidida,
Serà Lisboa o premio da victoria:
Se vences, cinja o Louro o teu dezejo,
Mas ſe eu vencer, ha de coroarme o Tejo.

181.

Henrique ao Rey contrario aſſim reſponde;
Eu naõ ignoro, ò Rey dos Africanos,
Que a dezeſperaçaõ muy mal ſe eſconde
Do teu ultimo esforço nos enganos:
A fama tanto aos feitos correſponde,
E às heroicas acçõēs dos Luzitanos,
Que os teus da lealdade em vituperio
Deſprezaraõ as leys do teu Imperio.

182.

Bem ſey, que na politica prudente
Eu devia evitar o dezafio,
Pois rendendo a Lisboa brevemente,
Sò de hum ſucceſſo tanta gloria fio:
Mas o valor nativo naõ conſente
Politica, que offende o proprio brio:
A pè ſeraõ os golpes ſempre rudos,
As armas os alfanges, e os eſcudos.

183.

Como no occaſo o Sol ſe precipita,
A noute as iras nos ſuſpenda agora,
E entre as funebres ſombras depoſita
A acçaõ, que hà de admirar a luz da aurora:
Ao norte da Cidade ſe limita
Paleſtra, em que Lisboa triunfadora,
Ou ha de dar a gloria, ou o deſdouro,
Entre as margens do Tejo pomo de ouro.

184.

Naõ dorme o Mouro, que a viſaõ tremenda
Da noute antecedente o maltratava;
Parcas, e furias com a forma horrenda
Só a imaginaçaõ lhe retratava:
A Henrique ſem receyo da contenda
Placido ſonno os olhos occupava;
E de Carquere a Imagem lhe apparece,
Que entre as ſombras brilhante reſplandece.

185.

Lisboa lhe moſttou, que coroada
Lhe abre as portas do templo de Minerva,
Que à verdadeira Pallas conſagrada
Com os veſtigios do Itaco conſerva;
Mas a coroa, que cingio dourada,
Para ſeu filho Affonſo entaõ reſerva.
Que aſſim o ha de cantar com plectro de ouro
Epico Ciſne, a que he Caiſtro o Douro.

186.

Deſperta alegre o Hèroe generoſo,
Adora o Numen, que feliz o inſpira,
Quando deixava Febo luminoſo
De arder no occaſo na nocturna pira:
Moniz com fino affecto, amor anſioſo,
E cada varaõ forte aceſo em ira
Deſafiar deſeja hum inimigo,
E dar a Henrique a gloria ſem perigo.

187.

187.

Ao Boreas ſe dilata hum valle ameno
Separando dous montes apraziveis,
Alegre inſpira o zefiro ſereno
As producçoens de Flora mais riſiveis,
Criſtaes ocultos ao felîz terreno
Nos circulos fecundaõ inviſiveis,
E os harmonicos eccos entre os montes
Multiplicaõ a voz de aves, e fontes. Nota 734.

188.

Dous pavelhoens magnificos preparaõ
Os regios, e valentes contendores,
Em ambos, os combates ſe pintaraõ
De antigos, e famoſos vencedores:
As portas da Cidade ſe cerraraõ,
Guardaõ aõ campo os cabos ſuperiores;
Nos muros, e quarteis a gente immenſa
Por ley, e por reſpeito eſtà ſuſpenſa.

189.

Da porta Aquilonar o Rey ſahia,
Quando Elmacin do muro ao Rey valente
Com rebelde, e ſacrilega ouſadia
Profere eſtas palavras imprudente:
Vay, porque tenha fim a tirania,
Da ambiçaõ a ſer victima inſolente;
No teu exemplo tenhaõ os humanos
Novo exemplar da morte dos tiranos.

190

Ja para receberte o horrendo Abiſmo
Abre a boca no concavo da terra:
Quem vira de hum tirano o paraſiſmo
Na paz injuſto, e infeliz na guerra!
Naõ cuides, que te illuſtra o Oſtraciſmo; Nota 735.
Que hoje dos noſſos muros te deſterra,
Nem julgues, que por ti preſos eſtamos,
Pois como a fera, as portas te cerramos.

191.

191.

Permita o Ceo ; mas eſte naõ tolera
Imprecaçoens , que offendem hum Monarca;
Arroja o Rey a lança , e taõ ſevera ,
Que obedeceo ao golpe a dura parca ;
A boca lhe atraveſſa , e ja o eſpera
No Aqueronte infernal a triſte barca ;
E antes que acabe o horroroſo acento ,
Eſpirito , e palavras leva o vento.

192.

Todos ſe callaõ ao fatal caſtigo ,
Que Elmacin do ſeu Rey juſto recebe ;
Ja vè no campo o intrepido inimigo ,
E à ultima batalha ſe apercebe :
Dos combates iguaes o eſtilo antigo
Em quanto aqui ſe obrava ſe percebe ,
Eſcudos ſem diviſas ter gravadas ,
Do meſmo peſo , e tempera as eſpadas.

193.

Com os roſtros , e os peitos deſcubertos
Moſtraõ , que naõ tem pacto , que ſe occulte
Com caracteres magicos , e incertos ,
Que as feridas evite , ou difficulte :
Das capitulaçoens artigos certos ,
De que todo o bem publico reſulte ,
Depois que com refens mais ſe confirmaõ ,
Approvaõ , juraõ , lem , trocaõ , e firmaõ.

194.

Nellas ſe diz , que ſendo o Rey vencido ,
Lisboa as portas abra ao grande Henrique ,
E que ao ſeu povo ſeja permitido
O exercicio da ſeita , a que ſe aplique :
Porèm que ſerà occulto , e ſó o luzido
Da Cruz triunfo ſacro ſe publique ,
Que as leys ſe deixaõ ſem coſtumes novos ,
E as liberdades , e izenções aos povos.

195.

Mas ſe vence o Monarca Mahometano,
Deixando morto a Henrique, ſe conſerve
Quanto tinha ganhado o Luzitano,
E nem Leiria ao jugo ſe preſerve:
Que Cintra no ſeu monte ſoberano Nota 736.
Com a Ericeira de Lisboa obſerve
O deſtino, imitando da Cidade,
Ou ſeja ſogeiçaõ, ou liberdade.

196.

Juizes pelos dous foraõ eleitos
Moniz, e Hazen de ſumma integridade,
Porque ambos igualmente ſatisfeitos
Tinha a juſtiça de hum, de outro a vérdade:
Para julgar ſem iras, nem reſpeitos,
Do duelo o fim, os meyos, a igualdade;
E a inclinaçaõ ao Principe, ao amigo,
Naõ tirou a juſtiça ao inimigo.

197.

De Chiron os diſcipulos peritos
Preveniraõ nas vaſtas regias tendas;
Promptos eſtaõ remedios exquiſitos
Com inſtrumentos, balſamos, e vendas:
Pois como a morte de hum ſegundo os ritos
Serà tragico fim deſtas contendas,
Quem vencer, a Alexandre entaõ retrate, Nota 737.
E o diadema as feridas cure, e atè.

198.

Com paſſo igual, e com igual ſemblante
Se move, e outro Principe famoſo,
Em Alî ſe conhece o arrogante,
Em Henrique ſe admira o generoſo:
Ambos cingem o louro triunfante,
Que ſó merecerà o victorioſo:
Ambos de curta toga ſe veſtiraõ,
E a cor purpurea a todas preferiraõ.

199.

Cortadores alfanges Damaſquinos,
Mas nas extremidades pouco agudos
Eſpelho, ſaõ da Parca criſtalinos
Para copiar da morte effeitos rudos:
Gira o Sol nos reflexos diamantinos
Na eſfera duplicada dos eſcudos,
E ao chocar faz rayos, que reparte,
Na terra a conjunçaõ de Febo, e Marte.

200.

Partem o Sol, e medem a diſtancia,
E com comminaçaõ bem exprimida
Mandaõ, que ou na malicia, ou na ignorancia,
Quem perder o ſilencio, perca a vida:
De hum clarim a guerreira conſonancia
Tres vezes pelos ares repetida,
Faz, que em campo, e cidade ſe dilate
O ſinal certo do ultimo combate.

201.

Ao meſmo tempo levantado o braço,
Foge o ar, teme a agoa, e treme a terra!
Se eſte effeito produs ſó o ameaço,
Qual ſerâ o que cauſe a fatal guerra?
Quanto mais ſe apartou por breve eſpaço,
Mayor impulſo cada alfange encerra,
E o impeto fogio para augmentar-ſe,
Sendo força, e esforço o retirar-ſe.

202.

Se ainda caiſſe o Pelion ſobre o Oſſa
Nota 738. Arrojado do horrendo Centumano,
Duvido, que o ruido exceder poſſa
O dos golpes do Luſo, e do Africano:
Quando rapida, e tumida ſe engroſſa
Contra as coſtas a furia do Oceano,
Naõ iguala o rumor, que agora incita
O furor, que os eſcudos precipita.

203.

Torrente de criſtal, que arrebatada
Inunda os valles, e ſupèra os montes,
Exhalaçaõ ſulfurea, que inflamada
Fulmina as torres, raſga os oriſontes,
Vento ſetentrional, que em furia irada
Agita os mares, e congela as fontes,
De Deucalion o rapido diluvio,
Chamas do Ethna, ardores do Veſuvio.

204.

Ainda que com ſeus rapidos effeitos
Cauſem no mundo eſtragos, e terrores,
A tanto impulſo de cair desfeitos
Toda a izençaõ dos globos ſuperiores,
Naõ ſey ſe excedem dos valentes peitos
As nobres iras, e inclitos ardores,
Com que ſe vio ao impeto iracundo
Parar o Ceo, eſtremecerſe o mundo.

205.

Recebem os eſcudos taõ conſtantes
Os rayos nos ſeus globos refulgentes,
Que com tremor os braços arrogantes
Reſiſtiraõ aos impetos ardentes:
Mas ſe os braços tremeraõ inconſtantes,
Os eſcudos ficaraõ permanentes,
E todos do valor pelos effeitos
Viraõ tremer os braços, naõ os peitos.

206.

As mãos, que tantos golpes maquinãvaõ,
Tambem com ſeu furor ſe mortificaõ,
Com que a guerra offenſiva começavaõ
Eſcudos, que à defenſa ſe dedicaõ:
Entorpecidos ao ferir ſe achavaõ
Os dois robuſtos braços; como ficaõ
Inſenſiveis, ſe incitaõ os ardores
Do venenoſo peixe os peſcadores. Nota 739.

207.

Renovaõ os esforços; quando fere
No esquerdo braço Henrique ao seu contrario;
Saltou o escudo, e deixa o recupere
O generoso, e inclito adversario:
Leve a ferida faz se naõ modere
O excesso de valor extraordinario:
O Mouro da attençaõ pouco se adula;
Que a ferida o furor mais lhe estimula.

208.

Quer cortar na cabeça o sacro louro
De Henrique, mas izento foy ao rayo,
Que o duro alfange desviou do Mouro,
E de escudo o alfange fez o ensayo;
Mas foy o escudo alfange; e sem desdouro
Ambos chocaraõ sem temer desmayo,
Mais que os fortes combates das falanges
Nota 740. Chocaraõ os escudos, e os alfanges.

209.

Com a perda do sangue se enfraquece
Do Mouro o braço, e arrojado em terra
O escudo, que o defende, e que o guarnece,
Sem reparo se expoem a nova guerra:
Henrique, a que alto espirito ennobrece,
Tambem o escudo lucido desterra;
Mas o Mouro se esquece da ferida,
Para que outra mayor lhe acabe a vida.

210.

Desesperado, furioso, e cego,
Ao Hèroe de hum revès ameaçando,
Quando elle o reparava, o falso emprego
A hum talho destramente vay mudando:
Henrique, que o espera com socego,
Vay o seu fero impulso desviando,
E a espada recebendo o golpe duro
Foy a impulso marcial marmoreo muro.

211.

Antes que a furia novamente cobre,
O alfange levantou, porque pereça
A parte ſuperior, que lhe deſcobre,
Para cortarlhe a horrida cabeça:
O louro, que cingia, verde, e nobre,
Pena da uſurpaçaõ tambem padeça:
Henrique vencedor, vencido o Mouro,
Primeiro que a cabeça perca o louro.

212.

Aſſim ſuccede; e a Apollinea rama Nota 741.
Vio Alì, que cahio aos pès de Henrique,
Que perde o Imperio, a vida, a gloria, a fama,
No funeſto preſagio ſe publique:
O Herôe no ardor, que o peito illuſtre inflama,
Os ultimos triunfos juſtifique;
O alfange levantando prompto dece,
E o feroz Mouro tragico perece.

213.

Corta de hum golpe do Africano Imperio,
E de Alì a cabeça horrida, e forte,
O que era Sol do barbaro emisferio
Nas ſombras do Occidente teve a morte:
O eſpirito fogindo ao vituperio
Parece que ainda teme ao Varaõ forte:
Naõ voa ao Ceo no cego paraſiſmo,
Mas dece a eſcurecer o negro Abiſmo. Nota 742.

FIM

DO POEMA.

No-

Notas, em que ſe explicaõ os lugares difficeis do Poema Henriqueida *C.* ſignifica Canto, *O.* Outava, *V.* Verſo, e eſtas notas correm atè 724. e vaõ na margem do Canto, Outava, e Verſo, que ſe explica com a letra *N.* que ſignifica Nota, e o numero deſtas para mayor clareza.

AInda que nas advertencias preliminares, que precedem ao Poema da Henriqueida, procurey moſtrar toda a ordem que ſegui neſta obra, a unidade da acçaõ, o tempo que durou, os Poetas, que imitey, o eſtillo, e outras muitas partes, em que eſte Poema ſe divide, me parecco ceder às inſtancias de muitos dos meus cenſores, que deſejaraõ, que eu aclaraſſe com algumas notas breves as erudiçoens vulgares, e os lugares, que parecem mais difficeis. Duvidava eu ſeguir eſte conſelho, e os poucos exemplos de que os Authores dos Poemas heroicos ſe comentaſſem a ſi meſmos: muito util fora, que aſſim o tiveſſem feito, porque ſo entaõ entenderiamos muitos lugares que os ſeus Comentadores deixaraõ de explicar, ou deraõ diverſo ſentido. Authores houve que por affectar eſcuridade prepararaõ (como diz) o Satirico Francez, tormentos aos Salmaſios futuros; e tambem houve Scoliaſtes, e Illuſtradores em todas as naçoens, que por moſtrar a ſua ſciencia eſcreveraõ vaſtiſſimos comentos aos mayores Poetas Epicos. Naõ he o meu fim julgar que eſpere achar hum Euſtathio, hum Servio, hum Lacerda, hum Faria, hè ſó a ſincera confiſſaõ de que ſe eu me aclaraſſe mais, neceſſitaria menos de ſer o meu proprio interprete, e aſſim no que podia parecer vaidade, hè ſó modeſtia, pois me arguo o defeito de naõ ſer taõ claro, como deſejava. He verdade que Virgilio, e Camoens, que por naõ ſerem eſcuros ſe tem viſto reproduſir em innumeraveis impreſſoens, acharaõ muito largos, e doutos comentadores, e melhor juſtificarey que naõ eſcrevi eſtas notas por oſtentaçaõ, pois nellas quaſi ſenaõ verão allegações, e menos os Poetas, que imitey, e ſe a obra naõ foſſe minha, ſeguiria a juſta medida, que deo às ſuas judiciozas notas aos Luſiadas

de Camoens o Reverendo Ignacio Garcès Ferreira Conego Penitenciario da Sè de Lamego.

Bem sey que os eruditos da primeira classe despresarão as explicaçoens de fabulas, historias, termos scientificos, conceitos mais sublimes, palavras mais cultas, que lhes são tão vulgares. Os mediananente instruidos ainda receberão peyor estas Notas, porque estes são os que querem saber tudo, sem confessar o que ignoraõ. Os que não tem estudos, serão os mais doceis, porque lhes não será inutil alguma tintura das erudiçoens, que os obrigará a ler nestas notas a curiosidade de entender o Poema, se lhes agradar a sua contextura.

Não me seria difficultoso tresladar os comentos dos Poetas antigos, e modernos, ou dos Metamorfoseos de Ovidio, e a Mythologia de Natal Comes, e dos mais, que escreveraõ sobre as fabulas, e para a historia, os que trataraõ das antiguidades Gregas, Romanas, Hespanholas, e Portuguesas, e o que seria mais facil, authorisar com Diccionarios Poeticos, e Historicos, as noticias de que trato, ou com os Authores, que allegaõ estes Vocabularios, de que ordinariamente são indices imperfeitos, e causas de que a erudiçaõ solida senaõ buscasse nas fontes, de que trouxe a origem, não deixando de agradecerse este trabalho aos Authores dos Diccionarios, de que entre muitos doutissimos merece hum grande lugar o Vocabulario Portuguez, e Latino do Padre Dom Rafael Bluteau Clerigo Regular, e Academico Real, de que brevemente daremos à luz quatro volumes, que servem de supplemento, e de correcçaõ aos dez que correm impressos.

Nas margens do Poema se vèm, como jà advertimos, as notas que aqui vão seguidas, e nellas se confronta o Canto, Outava, e Verso, a que pertencem, para divizar livres os claros das margens, e não interromper a liçaõ seguida do Poema, e a impressaõ, que a brevidade não deixou fazer taõ adornada de estampas, como se desejava.

NOTAS

NOTAS

CANTO I.

NOTA I.

Oitava 1. verſ. 1. Eu canto as Armas. Uzey com o exemplo de Arioſto, e outros acreſcentar o pronome, *eu*, ao prezente do Verbo, *canto*, por me parecer mais expreſſivo.

Nota 2.

O. 3. Verſ. 1. Alta aliança. Explica o caſamento de Henrique com a Rainha Dona Thereza, filha legitima de Dom Affonſo ſexto, Rey de Caſtella, e Leaõ, que lhe deo em dote com o titulo de Conde o Porto, e algumas terras, que tinha conquiſtado aos Mouros em Portugal, e Henrique dilatou eſtas conquiſtas pelas quatro Provincias deſde o Minho atè Lisboa.

Nota 3.

O. 4. Verſ. 1. Naõ Caliope. Naõ invocando eſta Muſa heroica moſtro que naõ ſigo a Poeſia gentilica, e como Urania no ſeu nome, e exercicio ſignifica celeſte, procuro inſpiraçaõ ſuperior naquella Senhora, a quem repreſenta a Imagem de Carquere Tutelar da Fundaçaõ do Reyno.

Nota 4.

O. 5. Verſ. 1. Excelſo deſcendente. Dedico ao Sereniſſimo Senhor Infante D. Antonio, Irmaõ terceiro delRey Dom Joaõ o Quinto, Principe adornado de todas as Virtudes, para que offereça o Poema a eſte ſabio Monarca, e na oitava ſettima o buſco como Mecenas protector dos eſtudioſos, para que patrocine o Poema com Auguſto, lembrando-me dos primeiros dois verſos

da primeira Ode de Horacio.

Mæcenas atavis edite regibus,
O' & præsidium, & dulce decus meum.

5.

O. 10. verſ. 3. Agareno, nome que ſe dà aos Mouros que ſe ſuppoem deſcendentes de Abraham, e de ſua eſcrava Agar. Já ſuponho Henrique da Real Caſa dos Duques de Borgonha, intentando junto ao Porto paſſar o Rio Douro, que Almançor Principe de Fés lhe diſputa com exercito muito ſuperior.

Nota 6.

O. 16. verſ. 2. Gaya. Hoje Mira gaya, a que o Douro divide do Porto, que unidos formaraõ o nome de Portugal, como logo ſe dirà.

Nota 7.

O. 17. verſ. 4. De Gordio. Todos ſabem, que Alexandre cortou o nò de Gordio, que foy annuncio de conquiſtar a Azia: e a Arvore do Averno hè a que em Portugal ſe chama Figueira do Inferno, que hè rara em outros Paizes.

Nota 8.

O. 19. verſ. 5. Nemeo, e Erimantho. Nemeo, o Leaõ de Hercules pelo Boſque de Acaya, onde Hercules matou hum feroz Leaõ. Erimanto monte de Arcadia, onde Hercules matou o Javali.

Nota 9.

O. 19. verſ. 8. de Althea, e de Deyanira, Althea, Mãy de Meleagro queimou hum madeiro, a que eſtava vinculada pelas Parcas a vida do Filho, furioſa porque quando elle matou o Porco Eſpim de Calidonia, e o offereceo a Atalanta, porque dois Irmãos de Althea lho diſputaraõ, os maton tambem, e Meleagro morreo à proporçaõ, que o madeiro ſe conſumia. Deyanira foy cauſa pelo ciume de Centauro Neſſo, de que Hercules veſtiſſe a camiza, com que ſe abraſou, e por iſſo lhe chamo Holocauſtos.

Nota 10.

O. 20. verſ. 1. Africo, vento Sul, porque vem da parte de Africa, e ſempre ſe ſuppoem tempeſtuoſo.

Nota 11.

O. 20. verſ. 3. Trophonio. Sacerdote, profetiſava em huma cova, donde os que entravaõ, nunca mais ſe riaõ.

Nota

Nota 12.

O. 24. verſ. 2. de Rodrigo. Alguns Hiſtoriadores Heſpanhoes mais credulos referem a hiſtoria de que ElRey D. Rodrigo ultimo dos Godos entrou na Torre encantada de Toledo, donde por deſpreſar eſte agouro, vio os Sinaes, de que os Mouros haviaõ de conquiſtar Heſpanha como brevemente ſuccedeo em 714.

Nota 13.

O. 24. verſ. 7. Cenotafio como ſignifica o ſeu nome Grego hè a quella inſcripçaõ, que ſe eſcreve no ſepulcro, dentro do qual naõ ha cadaver, nem cinzas, e o contrario hè o Epitafio.

Nota 14.

O. 25. verſ. 6. No eſcudo a Cruz. O Conde Dom Henrique trazia por armas, ou por diviſa, em campo de prata huma Cruz azul, e naõ eraõ Armas de familia, mas por ellas ſe confirma que o Conde por hir à conquiſta da Terra Santa, uzou deſta Cruz.

Nota 15.

O. 27. verſ. 1. Como o Douro divide, &c. Eſcrevem os noſſos Autores de antiguidades, que a primeira fundaçaõ da Cidade do Porto foy ao Sul do Douro, donde hoje hè Gaya, e que a deſtruio ElRey Dom Ramiro II. de Leaõ, e que os Suevos, que tiveraõ em Portugal hum Reyno ſeparado dos outros povos Godos, fundaraõ a Cidade do Porto donde hoje eſtà.

Nota 16.

O. 27. verſ. 7. o Fòrte Elvidio. O nome Elvidio he proprio do Seculo de que ſe eſcreve, mas hè de Heroe fingido.

Nota 17.

O. 30. verſ. 2. Egas Moniz. Eſte hè o ſegundo Heroe do Poema, e Ayo delRey Dom Affonſo Henriques, bem conhecido na noſſa hiſtoria pelo ſeu valor, e fidelidade.

Nota 18.

O. 32. verſ. 1. Eco, &c. Ninguem ignora a fabula de que a Ninfa Eco ſe transformou em voz, que repete os ultimos acentos, porque Narciſo a deſpreſou namorado de ſi meſmo, e poeticamente ſe explica aſſim a noticia confuza, que teve a Rainha Dona Thereza da morte do Conde Dom Henrique ſeu Eſpoſo.

Nota 19.

O. 33. verſ. 6. O Mauſoleo. Artemiſia Rainha de Caria fez fabricar para ſeu marido Mauſolo hum Sepulcro, que deo o no-

me aos Mauſoleos, e foy huma das ſette maravilhas do Mundo; mas naõ o achando digno daquelle depoſito lhe bebeo as cinzas, a que allude a outava.

Nota 20.

O. 36. verſ. 2. Iſmaelita. Tambem ſe dá eſte nome aos Mouros por deſcenderem de Iſmael filho de Abraham.

Nota 21.

O. 37. verſ. 6. Tifeo. Por hiperbole comparo o Gigante Alcidemonte com Tifeo hum dos principaes Gigantes, que fingiraõ os Antigos, quizeraõ aſſaltar o Ceo, pondo hum monte ſobre outro.

Nota 22.

O. 38. verſ. 1. Porem Dom Mendo. Eſte hè o Conde Dom Mendo de Souſaõ tronco dos Illuſtres ramos dos Souſas, que floreceo por eſtes tempos, e a quem atribuo eſtas, e outras acçoens.

Nota 23.

O. 38. verſ. 4. Cyclope ſignifica em Grego quem tem hum ſó olho, como teve Poliphemo, e os tres que debaixo do Monte Etna trabalhaõ na fórja de Vulcano, donde ſe fabricaõ os rayos de Jupiter: todos incluio o Poeta neſte verſo.

Brontesque, Steropesque, ac nudus membra, Pyracmon

e lhe chamo Coloſſo, comparando-o com a grande eſtatua de Rodes, que com eſte nome foy tambem huma das maravilhas do Mundo.

Nota 24.

O. 45. verſ. 1. Numidas. Saõ os povos de Numidia Provincia de Africa, que ſupponho ſogeita o ElRey Aly Aben Juzef, que hè o meſmo, que filho de Juzef, e he o inimigo que tiranizou huma grande parte de Africa, e Heſpanha.

Nota 25.

O. 40. verſ. 4. Amphibio. Eſte nome tem os Animaes que andaõ em terra, e agoa, como a Tartaruga, nome que tinha chamando-ſe *Teſtudo* a maquina bellica, com que ſe chegava às muralhas, levantando a Concha, como deſcreve Vegecio na ſua Arte militar, a que depois ſupriraõ de algum modo as mantas.

Nota 26.

O. 42. verſ. 1. Roberto. Os Genealogiços faſem a Robetto de Licorni tronco de algumas familias.

Nota

Nota. 27.

O. 44. verſ. 5. Corrêa. Jà eſta illuſtre familía era çonhecida, e della foy o grande D. Payo Peres Correa.

Nota 28.

O. 46. verſ. 8. Atè naõ cabe o medo no perigo. Eſte verſo parecerà menos claro, mas como diz a outava, que em todos os quatro elementos achavaõ os Mouros caſtigos, naõ cabia o ſeu medo por naõ ter lugar ſeguro, nem no meſmo perigo, que em toda a parte os ameaçava.

Nota 29.

O. 49. verſ. 2. Batalhoens. Bem ſey que eſte nome ſe dá aos corpos de Infantaria, que coſtumaõ compor-ſe de quinhentos, ou ſeiscentos homens, e o de Eſquadroens, que na Cavallaria ſaõ de cento e cincoenta, naõ ſo naõ eraõ uſados na milicia daquelles tempos, mas ainda na guerra, que acabou em 1668. de Portugal com Caſtella, ſe trocavaõ eſtes dois nomes: eu uſey dos que agora ſaõ mais proprios com licença Poetica, ſeguindo nas mais operaçoens militares, como jà adverti, a fórma de que ſe uſava no anno de 1100. procurando em tudo imitar a Mr. Foulard na ſua excellẽte traducçaõ, e notas à Hiſtoria de Polibio, que quer, que os preceitos geraes da guerra antiga ſirvaõ para moderna.

Nota 30.

O. 51. verſ. 3. Terror Panico. Eſte Adagio Grego entendem todos quando nos exercitos ſe introduz hum temor, que os faz fugir ſem ſaber a cauſa: huns dizem, que Pan Deos dos Satiros tocando a ſua buzina fazia fugir os Paſtores, outros, que Pan foy hum General, a quem fugio o exercito ſem ter motivo.

Nota 31.

O. 52. verſ. 1. Fatidica. He tudo o que pelo Fado (ſeguindo a fraſe Poetica) tem deſtinado algum effeito preciſo.

Nota 32.

O 52. verſ. 5. Alà. Eſte nome, que os Mouros daõ a Deos, uſey neſta oraçaõ de Almançor para moſtrar de algum modo a differença, com que crem a Divindade, e os Poetas me daõ exemplo em palavras de outras lingoas, Virgilio diz Brilan, pelo couro do Boy, que cortado ſutilmente por Dido augmentou o terreno de Carthago. Camoens no Cant. 9. acaba huma out. com hum verſo Italiano de Arioſto.

Frà la ſpica, e la man qual muro è meſſo,

o defende Faria çom muitos exemplos.

Nota. 33.

O. 56. verſ. 1. Hermenigildo. Eſtes, e os outros dois ſaõ nomes proprios de Principes Godos, que podiaõ uſar ſeus deſcendentes.

Nota 34.

O. 60. verſ. 8. No braço que naõ acha ainda circula. Para entender eſte verſo ſe neceſſita da ſuppoſiçaõ dos Filoſofos Carteſianos, que querem provar, que o corpo he incapaz de ſentir dor, que hè ſempre na Alma, com a repetida experiencia, de que aquelles, a quem ſe cortou huma perna, ou hum braço, diſtinguem o dedo, ou lugar da nova dor que ſentem, na meſma maõ, e braço, que jà naõ tem, o que ſó póde ſer pela determinaçaõ dos eſpiritos da ſubſtancia pugitante, atè o termo que havia de animar, e circular na ſubſtancia extenſa, que ſaõ as duas com que elles definem o homem por ſer compoſto de ambas em quanto hè vivente.

Nota 35.

O. 62. verſ 2. Tingitana-Mauritania. Os Romanos detaõ eſte nome à parte da Mauritania por donde Africa ſe divide de Heſpanha com o Eſtreito chamado antes Herculeo, e depois de Gibaltar: o nome de Tingitana lhe deo a ſua Cidade principal chamada Tingis, e depois Tanger, glorioſo Theatro de Façanhas Portugueſas, conquiſtada aos Mouros por ElRey Dom Affonſo V. em 1471. e cedida aos Inglezes por ElRey Dom Affonſo VI. como dote da Rainha da Graõ Bertanha D. Catherina, e Irmãa delRey, e Eſpoſa de Carlos II. em 1662. Morreo eſta Catholica Heroina em Lisboa no ultimo de Dezembro de 1705. A Hiſtoria de Tangere eſcreveo com grande elegancia, e verdade o Conde da Ericeira D. Fernando de Meneſes, que foy mais de cinco annos ſeu Capitaõ General com felices ſucceſſos.

Nota 36.

O. 62. verſ. 6. de Aquitania. Eſta Provincia de França ſe chama Guièna, e como ſe divide de Heſpanha pelos montes Pirineos, e os Chriſtãos jà tinhaõ conquiſtado deſde Aſturias parte de Biſcaya, e Navarra para a parte do Oriente, e Leaõ, e Galiza para o Occidente, naõ era impoſſivel na Geografia do Poema, que Henrique tiraſſe alguns ſoccorros de Cavalleria Franceza por aquella Orla do Occeano Cantabrico, ou que vieſſem por mar deſembarcar em Galiza, que governava ſeu Primo o Conde D. Ramon, com eſta meſma licença conduzo depois de Portugal a

Hercu-

Hercules de Rohan Principe de Bertanha com tropas Franceſas

Nota 37.

O. 63. verſ. 4. Huma bellica tormenta. As machinas bellicas, que batiaõ as muralhas, e as que arrojavaõ ſettas, e pedras, ſe deſcreveraõ em ſeu lugar: Mavorte hè o meſmo que Marte.

Nota 38.

O. 68. verſ. 2. A quartãa do Leaõ. Aqui principia a contar o tempo que dura a acçaõ do Poema, como declaro nas advertencias preliminares, e hè a 22. de Julho quando o Sol entra no Signo do Leaõ attribuindo-ſe a eſte Rey do brutos ter ſempre quartãas, que aqui explicaõ o rigor da calma.

Nota 39.

O. 68. verſ 4. Que alguns vàos permitte o Rio. Naõ ignoro, que o Rio Douro naõ dà vão principalmente junto ao Porto. Bem pudera deſculpar-me com que os Rios mudaraõ muito as ſuas correntes, e com que Virgilio diz que hà Cervos em Africa, donde nunca os houve, e em tempo, e lugar tomaõ os Poetas muitas liberdades, mas em huma out. do cant. 2. digo que a Sibilla moſtrou a Henrique milagroſamente vàos no meſmo Douro.

Nota 40.

O. 68. verſ. 6, Logo em quatro columnas. Dividir para as marchas as linhas dos exercitos em columnas hè a operaçaõ moderna, mas os antigos tambem tinhaõ alguns ſemelhantes, como pòde verſe nos Commentarios de Ceſar, e aqui ſe diſpenſarà a applicaçaõ deſtas columnas às do Templo da Fama, em que o Heroe ſe colocou pelas ſuas acçoens.

Nota 41.

O. 70 verſ. Pelayo Amado. Alguns Genealogicos, e Hiſtoriadores Portuguezes fazem Pelayo Amado tronco dos Almeydas, e pelo ſeu nome o eſcolhi para o Heroe Erotico, ou amoroſo deſte Poema, em que pelas ſuas valeroſas proèſas ſe faz digno progenitor deſta Illuſtre familia.

Nota 42.

O. 72. verſ. 8. O que a fama calou diſſe a victoria. Aqui ſe ſuppoem a Victoria huma Deoſa, que voòu mais que a Fama para explicar à Princeza que Henrique tinha vencido, pois ella inferio que elle naõ era morto, como ſe publicàra, vendo que os Portuguezes desbaratavaõ os Mouros taõ prontamente, que bem ſe via, quem era o Heròe que os animava.

Nota

Nota 43.

O. 74. verſ. 1. Bracaros. Sáõ os Povos de Braga chamada Bracara Auguſta Cidade de Portugal celebre entre os antigos, e modernos, e Primaz das Heſpanhas.

Nota 44.

O. 74. verſ. 5. Letes. Querem os Antiquarios que ſeja o Rio Lima, ou o Leſſa, e do Letes diz a fabula, que os que o paſſavaõ, perdiaõ a memoria de tudo, para ſignificar que o ſeu Paiz era delicioſo, e abundante, como hoje ſe vè nas terras, que regaõ eſtes dous Rios na Provincia de Entre Douro, e Minho. Os noſſos dous antigos Poetas Portuguezes Diogo Bernardes, e Franciſco de Sà e Miranda fizeraõ celebres eſtes dous Rios com os ſeus verſos, o primeiro o Lima, o ſegundo o Leſſa; a quem bebia a agoa do Letes ſe atribuia o meſmo eſquecimento, a que allude a out.

Nota 45.

O. 76. verſ. 4. Pedro Bernardo. Pedro Bernardo de S. Fagundo Rico Homem, e grande Senhor em terra de Campos, e pelos priviiegios, que firmou, ainda podia ſendo moço alcançar o anno de 1100. e a viſinhança lhe facilitava ſocorrer o Conde D. Henrique, hè tronco dos Menezes por Varonia, e deſcendente delRey D. Fruella II. de Leaõ.

Nota 46.

O. 92. verſ. 1. Cruel Amor. Principia Aldàra que ſe ſuppunha filha delRey Ali, e herdeira do ſeu Imperio por morte de Alman. çor, a moſtrar o ſeu Amor a Muley, e a ſer cauſa do de Pelayo Nas advettencias preliminares pertendi moſtrar como osMouros de Heſpanha podiaõ pelo trato dos Heſpanhoes cativos, e pelos Livros doutos Arabigos ter conhecimento das fabulas, ainda que foſſem taõ oppoſtos à idolatria.

Nota 47.

O. 29. verſ. 5. Celeſte. Culpando Aldàra o Amor lhe nega o ler Celeſte, e lhe chama Deos por Ironia, ſeguindo a Religiaõ Mahometana.

Nota. 48.

O. 95. verſ 3. Jupiter, e Marte. Preſuppondo a meſma noticia das fabulas podia ſaber Aldàra que ao cego Cupido fizeraõ Deos do Amor, e que rendera tantas vezes com as ſuas ſettas a Jupiter, a Marte, e aos outros falſos Deoſes.

Nota 49.

O. verſ. 1. Vi a Muley. Continua Aldàra no ſeu canto que tam-

tambem como Poetico permitia as fabulas tocando a de Adonis favorecido de Venus Deoſa da Belleſa, e Mãy do Amor, a encarecer o que tinha a Muley, a quem primeiro tinha viſto matar hum Javali.

Nota. 50.

97. verſ. 8. Diana. Foy Deoſa da caça, e como Aldàrà refere as meſmas palavras, que Muley lhe diſſe, naõ tirou o Epiteto de Beliſſima, que de outro modo ſeria eſtranho ſe foſſe louvor proprio.

Nota 51.

O. 98. verſ. 2. Endimion. Torna a dizer mais claramente; que ſabia as fabulas, porque as tinha lido, e por iſſo refere a de Endimion Paſtor, a quem no Monte Lathmo de Caria Diana favorecia em ſonhos dando-lhe ſono para goſar dos ſeus favores ſem malquiſtar a pureſa, que lhe attribuiaõ, conſiguio que lhe deſſem os Deoſes hum ſono perpetuo. Diana era a Lua, e eſte Paſtor hum dos primeiros Aſtronomos, que a obſervou.

Nota 52.

O. 98. verſ. 8. O vicio claro o documento occulto. Eſtes verſos ſaõ huma fórte invectiva contra a Religiaõ do Paganiſmo pois contavaõ aos Povos os delitos dos ſeus Deoſes, e guardavaõ para ſi os Filoſofos occultamente os Documentos, e Allegorias.

Notas 53.

O. 99. verſ. 6. Himineo. Deos dos Caſamentos, que com a ſua tocha nupcial os concluia, aſſim diz Aldàra, que Muley lhe propunha ſer ſeu Eſpoſo, com que o ſeu affecto neſta eſperança ſempre foy puro, e decoroſo.

Nota 54.

O. 100. verſ. 3. Tarif. Julgava-ſe que Muley, como Ali publicava, era deſcendente de Tarif primeiro conquiſtador de Heſpanha, e que paſſou o Eſtreito de Gibaltar dando a eſta Cidade, que ſe chamava Calpe, e eſtava defronte de Abila bem conhecidas pelas duas Columnas de Hercules em Heſpanha, e Africa com o Non plus ultra, deo, digo a Calpe o nome de Gibel Tarif, ou o Monte de Tarif que ſe corrompeo em Gibaltar.

Nota 56.

O. 107. verſ. 7. Com huma venda. Eſta venda era a meſma, que Muley trazia no turbante, e que lhe tinha dado Aldâra como ſe vè no combate que teve com Henrique no cant. 2. em todo o Poema hè cauſa de ſucceſſos extraordinarios.

Nota

Nota 57.

O. 109. verſ. 2. O mal paſſado. Eſte era naõ ter avizado á Princeſa que ſeu Eſpoſo eſtava vivo, como elle ordenou na Batalha, naõ lhe mandando aviſo por outro Soldado como ſe ſupoem que Henrique teria já deferido á Princeſa.

Canto 2.

Nota 58.

O. 1. verſ. 1. Exaltando o valor, e a fermoſura. Bem ſe vè que em Henrique, e Thereſa ſe verificaõ o valor, e a fermoſura, e neſte cant. imitãdo a Virgilio refere o Heroe de lugar alto o Epiſodio fundamental da acçaõ do Poema com os miſterios da Gruta, donde a Sibilla lhe profetiſou com o auſpicio da Imagem de N. Senhora de Carquere a fundaçaõ do Reyno de Portugal.

Nota 59.

O. 7. verſ. 2. Hercules. A fabula de que Hercules deſpedaçou no berço as ſerpentes hè bem notoria, e aqui ſerve de comparaçaõ modeſta moſtrando o Herõe que todas as maravilhas, que o ſeu esforço obrou, foraõ, porque tinha propicio o auxilio Divino.

Nota 60.

O. 7. verſ. 8. Què ſofrer o Egypto. Eſtas injurias ſe comparaõ com as pragas, que o Egipto ſofreo, com a differença de que aqui as fomentava o Inferno contra hum Principe juſto, e là eraõ caſtigo bem merecido dado por Deos a Faraõ.

Nota. 61.

O. 9. verſ. 4. Enigmaticas fortunas. Naõ me pareceo explicar logo, como outros Poetas, ſenaõ enigmaticamente as glorias futuras de Portugal, quando Camoens refere as paſſadas com inimitavel elegancia.

Nota 62.

O. 10. verſ. 1. O Porto, e Gaya. Aqui ſe vè a uniaõ deſtes dous nomes para formar o de Portugal, que principiou por eſtes tempos.

Nota 63.

O. 11. verſ. De Bronze eſtatuas vi ſeis veſes quatro. Neſtas 24. Eſtatuas que hè o numero dos Reys athe El-rey Dom Joaõ o V. que Deos guarde, naõ ſe inclue o Senhor Dom Antonio, porque naõ foy Rey univerſalmente reconhecido, e o Reyno pertencia á Senhora Dona Catherina filha do Infante Dom Duarte, e Neta delRey Dom Manoel, por quem o Reyno ficou tocando á Real Caſa de Bragança, e ainda que os tres Reys todos

com

como os nomes dos tres DD. Filippes ſe incluem nos 24. Reys, logo ſe declara, que foraõ uſurpadores por quaſi 60. annos com Armas de Caſtella.

Notas 64.

O. 14. verſ. 1. Conquiſtador. Dou aos noſſos Reys os Epitetos que ſe lhe atribuiraõ, e applico aos outros os que julguey mais proprios do ſeu caracter. O Conquiſtador hé ElRey Dom Affonſo Henriques primeiro do nome, e primeiro Rey de Portugal; que havia de ganhar Lisboa, que hè a Cidade, a quem paga o Rio Tejo com as ſuas areas precioſas o tributo de ouro.

Nota 65.

O. 15. verſ. 5. Povoador. Eſte hè o nome que ſe deo a ElRey Dom Sancho primeiro por povoar o Reyno, que ſeu Pay conquiſtou, o que elle tambem fez.

Nota 66.

O. 15. verſ. 1. Robuſto. ElRey Dom Affonſo II. foy chamado o Gordo, e teve grandes eſpiritos.

Nota 67.

O. 15. verſ. 3. De outro o nome no trage. ElRey Dom Sancho II. pelo trage foy chamado Capelo: doulhe o titulo de Sincero, porque creo os màos conſelhos, que foraõ cauſa de lhe tirarem o Reyno os ſeus Vaſſallos para elegerem ſeu Irmaõ o Conde de Bolonha.

Nota 68.

O. 15. verſ. 5. Outro Irmaõ ſeu de condiçaõ mais dura he ElRey Dom Affonſo III. Principe valeroſo, mas chamolhe Severo, por abandonar Matilde Condeſſa de Bolonha ſua primeira Eſpoſa.

Nota 69.

O. 15. verſ. Lavrador. ElRey Dom Diniz foy chamado Lavrador dizem muitos Authores, que porque fez florecer a agricultura, e alguns, que porque fez lavrar muitos muros, e edificios, e eu querendo unir eſtas duas qualidades dizia no meu original.

Que o Reyno fortifica, e frutifica.

mas os meus Cenſores naõ quiſeraõ eſte jogo de vozes, e lha ſubſtituhi eſte verſo.

Porque o Reyno enobrece, e frutifica

Nota 70.

O. 76. verſ. 1. De Bravo. ElRey Dom Affonſo o IV. bem me-

receo

receo o nome de Bravo pelo ſeu valor, e pela victoria de Salado.

Nota 71.

O. 16. verſ. 2. Juſticeiro. Eſte nome hè mais proprio que o de Cruel a ElRey Dom Pedro o primeiro, Principe Liberal, e rigido executor das Leys.

Nota 72.

O. 16. verſ. 3. Fermoſo. ElRey Dom Fernando quaſi naõ teve outra qualidade mais que a da gentileſa.

Nota 73.

O. 16. verſ. 4. E da Boa memoria ElRey Dom Joaõ o primeiro, a quem o Reyno acclamou para livrar-ſe de outro Rey de Caſtella do meſmo nome, ſe fez digno do de boa memoria pela que deixou das ſuas virtudes militares, e politicas, e venceo entre outras a grande Batalha de Algibarrota.

Nota 74.

O. 16. verſ. 5. Conſtante. ElRey Dom Duarte valente, e ſabio tem aqui ſó o titulo de Conſtante, porque o foy nas adverſidades da guerra de Africa, em que deyxou no cativeiro a ſeu Irmaõ o Santo Infante Dom Fernando, e na peſte, que afligio o ſeu Reyno, de que tambem morreo com poucos annos de governo.

Nota 75.

O. 16. verſ. 6. Africano. Deu-ſe com raſaõ eſta antonomaſia a ElRey Dom Affonſo V. Scipiaõ Portuguez, que conquiſtou em Africa, Tanger, Arzila, e outras Praças.

Nota 76.

O. 16. verſ. 8. De Perfeito, e Filho da Fortuna. Pelas virtudes regias, e varonis de que foy adornado, hè reconhecido ElRey Dom Joaõ o II. por Principe Perfeito. Por Filho da Fortuna ſe adopta ElRey Dom Manoel aſſim por herdar o Trono, de que eſtava muito diſtante, como pelo deſcubrimento, e conquiſta da India, e Braſil, e por outras felicidades do ſeu ditoſo Seculo.

Nota 77.

O. 17. verſ. 1. Religioſo. ElRey Dom Joaõ o III. naõ deſmerece eſte atributo pela ſua piedade, pelas Ordens Religioſas, que admitio no Reyno, em que ſe diſtinguio a Companhia de Jeſus com S. Franciſco Xavier levando por elle, e por outros Miſſionarios a Religiaõ Catholica á India, e às partes mais remotas.

Nota

Nota 78.

O. 17. verſ. 2. Perde-ſe hum grande Rey por temerario. ElRey Dom Sebaſtiaõ de altos eſpiritos ſe perdeo pela ſua temeridade com a mayor parte da Nobreſa de Portugal na Batalha d' Alcacere em Africa em 1578.

Notas 79.

O. 17. verſ. 3. O ultimo denomina virtuoſo o Cardeal Dom Henrique ornado de muitas virtudes Criſtãas, e Moraes: morreo ſem nomear ſucceſſor ao Reyno em 1580.

Nota 80.

O. 17. verſ. 5. Mas cumprindo hum decreto rigoroſo. Na appariçaõ de Chriſto a ElRey Dom Affonſo Henriques no Campo de Ourique lhe promulgou o Senhor o Decreto, de que a ſua decima ſexta Geraçaõ ſe havia de attenuar, e neſte tempo, o Povo mais contrario ao Reyno, que era o de Caſtella, o uzurpou.

Nota 81.

O. 17. verſ. 8. Prudente, Bom, e Grande appellidara, a ElRey Dom Filippe o II. de Caſtella deraõ os Eſpanhoes o Epiteto de Prudente, ao terceiro, o de Bom, ao quarto, o de Grande: nem todos os eſtrangeiros concordaõ em que eſtes tres titulos foſſem igualmente bem merecidos, ao quarto reſpondeo Miguel da Silveyra, erudito Portuguez, e Author do Macabeo, perguntando-lhe ElRey ſe achava que merecia juſtamente o nome que lhe tinhaõ dado de Filippe o Grande, quando tinha perdido Catalunha, Portugal, e grande parte de Flandes, naõ ſey Senhor que V. M. poſſa ſer grande, ſenaõ como hè huma cova, a qual hè grande pela muita terra que lhe tiraõ.

Nota 82.

O. 18. verſ. 1. Reſtaurador. ElRey Dom Joaõ quarto na feliz Aclamaçaõ de 1640. em que Portugal ſe ſacodio do tiranico jugo de Caſtella.

Nota 83.

O. 18. verſ. 3. Feliz. ElRey Dom Affonſo o VI. que venceo 5. Batalhas, e ganhou muitas Praças aos Eſpanhoes, mas alterouſe eſta felicidade tirandoſe-lhe o Reino com viruperio da Mageſtade, mas com cauſa, pelo haverem deyxado incapaz os ſeus achaques ſubſtituindo o ſeu Lugar o Infante Dom Pedro ſeu Irmaõ, com o titulo de Principe Regente.

Nota 84.

O. 18. verſ. 5. Pacifico. ElRey Dom Pedro o II. tem eſte nome

nome entre alguns eſcritores modernos, porque celebrou glorioſamente, em 1668. a paz com Heſpanha, ainda que nos ſeus ultimos annos rompeo a guerra com a meſma Heſpanha, que continuou depois da ſua morte em 9. de Dezembro de 1706.

Nota 85.

O. 18. verſ. 7. De Sabio. ElRey Dom Joaõ o V. pelas ſciencias que poſſue, e que patrocina, ſe faz digniſſimo de ſer denominado o Sabio.

Nota 86.

O. 19. verſ. 5. Triunfante Armada. O meſmo Rey, que coroa a ſerie deſtas vinte, e quatro Eſtatuas, mandou duas vezes nos annos de 1716. e 1717. huma luſida armada, que lhe pedio o Pontifice Clemente XI. para ſoccorrer os Veneſianos contra os Turcos, que queriaõ ganhar a Ilha de Corfû com grande perigo do reſto de Italia. Da primeira vez levantaraõ o ſitio quando chegou a Armada a Sicilia: e da ſegunda fugiraõ depois de combater com as noſſas nàos, que ſe adiantaraõ às de outras naçoens fazendo nos Turcos grande eſtrago. Governava a Armada o Almirante Lopo Furtado de Mendoça, Conde do Rio grande. Servia de Almirante Manoel Carlos da Cunha, e Tavora Conde de S. Vicente, e de Fiſcal Pedro de Souſa Caſtel Branco que ſe diſtinguiraõ com ſummo valor bem imitado dos mais Cabos, e Nobreza, que embarcou neſtas Armadas. O lugar da Batalha foy naquella parte do Mediterranco, a que os antigos chamaraõ Mar Egeo. No principio falley na inſtituiçaõ da Academia real da Hiſtoria Portugueſa em 8. de Dezembro de 1720. a ſua empreza he a Imagem da Verdade com a letra: *Reſtituet omnia*, tem cincoenta Academicos, e outros ſupra numerarios, cinço Directores, e Cenſores, hum Secretario, tem impreſſos muitos, e excellentes volumes.

Nota 87.

O. 20. verſ. 5. Da primeira ſo vejo: depois que o Conde D. Henrique vio as vinte, e quatro Eſtatuas, refere que lhe foraõ incognitas as dos outros Reys, de que ſo diſtinguio huma que he a do Principe D. Jozè filho delRey D. Joaõ o V. de que as virtudes, e os dotes varonis brilhaõ na adolecencia com a mais heroica diſtincçaõ, moſtrandoſe digniſſimo imitador de ſeus Auguſtos Pays, ElRey D. Joaõ o V. e a Rainha D. Maria Anna de Auſtria.

Nota

Nota 88.

O. 21. verſ. 2. Cem pinturas. Igual a hum numero de cento os Infantes, e Infantas de Portugal, de que huns na primeira idade ſegurāraõ o Reino do Ceo, e outros em regias alianças illuſtrāraõ os mayores do Mundo; e faz memoria de tantas Rainhas de Portugal, que floreceraõ em todas as virtudes.

Nota 89.

O. 22. verſ. 1. Mais huma parte. Claramente ſe vê o deſcubrimento da America, que deve attribui-e a Portugal, pois hum Piloto Portuguez foy o primeiro, que deu eſta noticia a Chriſtovaõ Colon, que eſtava na Ilha da Madeira, e veyo offerecer-ſe primeiro a ElRey D. Joaõ o II. de Portugal, e deu o nome á America Americo Veſpucio debaixo dos auſpicios del-Rey D. Manoel, e no ſeu tempo deſcubrio o Braſil Pedro Alvares Cabral em 1500. e Fernando de Magalhaens, Vaſque Anes Corte-real Portuguezes, fizeraõ pelo Sul, e pelo Norte da America os mais famoſos deſcubrimentos. A Zona Torrida julgavaõ os antigos inhabitavel.

Nota 90.

O. 22. verſ. 8. Os váos. Aqui dá a razaõ dos váos do Douro de que falla a Nota, moſtrando, que como prodigio os conheceu o Heroe, naõ dando hoje váo eſte Rio.

Nota 91.

O. 23. verſ. 8. Sibilla. Já adverti, que a Sibilla, que aqui revela os ſegredos a Henrique, como a de Virgilio fez a Eneas, equivoca a ficçaõ Poetica com a verdade, de que elle era filho de Sibilla, filha de Reginaldo primeiro Conde de Borgonha, mulher de Henrique de Borgonha, com que he huma eſpecie de appariçaõ do eſpirito de Sibilla, a fórma da antiga Sibilla, que aqui ſe deſcreve.

Nota 92.

O. 24. verſ. 2. No altar, que erige hum Sabio a hum Deos ignoto. Nos Actos dos Apoſtolos cap. 12. verſ. 5. ſe diz, que S. Paulo vio huma ara com a letra *Ignoto Deo*, ſe acha o argumento, que fez aos Gentios de terem hum altar a hum Deos deſconhecido com a letra *Ignoto Deo*, e como a Sibilla era gentia, dizem que profetizou muitas verdades, por iſſo aqui digo lhe era deſconhecido o Deos verdadeiro, ſendo a profecia gratia gratis data.

Nota 93.

O. 24. verſ. 4. Contra Lacheſis, Atropos, e Cloto. Saõ os nomes das tres Parcas, que tem diverſas ſignificações, e exercicios no fiar, eſtender, e cortar o fio da vida.

Nota 94.

O. 26. verſ. 1. Sobre a Tripode. Neſtes ſimbolos do numero de tres vou moſtrando aquella idéa da Trindade, que os Santos Padres entendem, que Deos foy deixando imperfeita ao paganiſmo, para que depois tiveſſe menos, que fazer a fé. Era hum dos ſimbolos a Tripode, ou Cadeira de tres pés de ouro, em que a Profetiza explicava os futuros.

Nota 95.

O. 26. verſ. 2. Tres livros. Os tres livros unidos em hum volume, alludem á hiſtoria, que logo ſe referirá da Sibila com Tarquino ſoberbo, ultimo Rey de Roma.

Nota 96.

O. 26. verſ. 5. A Lira Triangular. He outro ſimbolo do numero de tres ſendo em Triangulo a Lira de Apolo.

Nota 97.

O. 28. verſ. 1. Herofile de Troya. Foy a Sibilla chamada Eritrea, que vendeo a Tarquino ſoberbo, Rey de Roma, o livro, que reſervou dos tres, conforme a opiniaõ de Plinio; e porque pedio os meſmos tres talentos, que pelos dous, o qual comprou o Rey por tres talentos. Suidas o diz, depois de outros hiſtoriadores Romanos.

Nota 98.

O. 28. verſ. 3. Sendo huma ſó. A opiniaõ do Doutor Petit agradou tanto pelas ſuas erudîtas razoens a muitos modernos, que ſe inclinaõ, a que as dez, ou doze Sibillas, a que daõ os nomes, que ſe lem neſta Oitava, e na ſeguinte, e ainda outras profetizas, era ſó huma, que viveo muitos annos, e vaticinou em diverſas partes, tomando os nomes dos lugares, e aquî ſigo eſta opiniaõ, e naõ explico mais largamente eſtes nomes, porque no Author allegado, em Servato Galleo, e outros muitos póde ver-ſe tudo, o que toca ás Sibillas, e aos ſeus Oraculos.

Nota 99.

O. 29. verſ. 1. Tambem de Colofonio. De mais das dez Sibillas, ſe contaõ eſtas cinco, fazendo duas, ambas em Cumas, huma a de Italia, outra a de Jonia.

Nota 100.

O. 29. verſ. 8. A Lampuſa, Caſſandra Dafne, e Manto. Foy Lampuſa Dafne, filha de Thereſias, e a tem alguns pela Sibilla Delfica, Pauſanias diz, que ella foy Herofile, que profetizou a perda de Troya. Foy Caſſandra, aquella celebre filha de Priamo, Rey de Troya, de que ſe finge, que prometendo favorecer a Apollo ſe lhe deſſe o dom de profecia, elle lho concedeo, mas faltando-lhe ella à promeſſa, fez que nunca foſſe crida, e por iſſo diz Virgilio: *Jam nunquam credita Teucris.* Manto, filha tambem de Thereſias, dizem fundou a Mantua, Virg. Eneid. 10. Honrou a ſua Patria: *Qui dedit tibi Mantua nomen*, tendo-lhe chamado profetiza: *Fatidicæ Mantus.*

Nota 101.

O. 30. verſ. 1. Pitoniſas. Chamavaõ-ſe Pitoniſas as Sacerdotiſas de Apollo Pythio por matar a ſerpente Python, e faziaõ horriveis geſtos, quando lhe entrava o furor profetico.

Nota 102.

O. 30. verſ. 2. Os dous, os dez, e os quinze Sacerdotes. Em diverſos tempos foy eſte em Roma o numero dos Sacerdotes, que conſultavaõ nos grandes apertos os livros Sibillinos.

Nota 103.

O. 50. verſ. 8. Eu conheci primeiro altas verdades. He hoje conſtante nos Authores allegados, e nos melhores Criticos, que os verſos, que temos atribuidos ás Sybillas, e ainda os que viraõ Santo Agoſtinho, e outros Santos Padres, ſaõ de hum Chriſtaõ Filoſofo Platonico, ſendo huma das razões, em que ſe fundaõ naõ ſer veroſimil, que Deos revelaſſe aos gentios, muito mais claramente, que aos Profetas muitos myſterios; e a Paixaõ de Chriſto, que ſe lê com mais individuaçaõ neſtes oraculos, que no meſmo Iſaías.

Nota 104.

O. 31. verſ. 1. Por tres livros. Contaõ os Hiſtoriadores Romanos, que a Sibilla buſcou a ſeu ultimo Rey Tarquino Soberbo, e pedindo-lhe hum grande preço por tres livros, elle os refuſou; e queimando ella hum, pedio o meſmo pelos dous, e naõ os querendo o Rey, queimou a Sibilla o ſegundo, e pedio o meſmo pelo que ficava, e elle admirado lhe deo o que ella pedia por aquelle ſó.

Nota 105.

O. 33. verſ. 6. Do numero ternario. Reconheceraõ os Filoſofos,

ſoſos, que o numero impar era agradavel á Divindade: *Numero Deus impare gaudet*, e de que eſte impar naõ ſeja ſó a unidade, mas o numero ternario, exiſtem verſos antigos, que ſe atribuem a Pythagoras.

Nota 106.

O. 34. verſ. 4. Acroſticos, hum deſtes acroſticos atribuidos á Sibilla, authoriſa Santo Agoſtinho na Cidade de Deos e nas primeiras letras de cada hum dos verſos Latinos, que he a lingua em que ſe tranſçreve, ſe lê JESUS Chriſtus Salvator.

Nota 107.

O. 34. verſ. Marſos. 7. Lê-ſe na Hiſtoria Romana, que quando os Marſos, que era huma naçaõ de Italia, faziaõ guerra aos Romanos, ſe queimou o Capitolio em Roma, e ſe abrazou nelle o livro da Sibilla, em que aqui ſe finge livro de fogo para a felicidade da fundaçaõ de Portugal.

Nota 108.

O. 35. verſ. 3. Em vaõ de Auguſto. Vendo o Emperador Auguſto, que ſe tinha queimado o verdadeiro livro da Sibilla os que eſcreveraõ deſtas, e da Hiſtoria Romana dizem, que mandou pelo Mundo recolher os Oraculos Sibillinos, que ſe achaſſem nas memorias, e tradições, de que formou outro livro, mas pelo que ſe colhe, tudo eraõ falſidades, e ſuperſtições, e ainda aſſim ſaõ mais modernos os que exiſtem, como provaõ os Authores citados, veja-ſe por ambas as partes Servato Galeo.

Nota 109.

O. 36. verſ. 7. Bericinthia. Eſte nome he o que ſe deo a Cibeles mãy dos Deoſes, por ter hum Templo ſobre o monte Berecinto.

Nota 110.

O. 36. verſ. 8. Cinthia. Bem obſervaõ alguns, que a Villa, e Serra de Cintra deve eſcrever-ſe com C. e naõ com S. porque lhe deo o nome Cinthia, que he a Lua, a quem eſte monte era dedicado, e donde tinha hum templo, como conſta de huma inſcripçaõ, que he tida por verdadeira, naõ ſendo taõ certa a outra, que ſe traduz na Oitava ſeguinte.

Nota 111.

O. 37. verſ. 1. Naõ ha de reſolver-ſe. Toda eſta Oitava he a traducçaõ dos verſos em tudo pouco certos, e atribuidos á Sibilla, que dizem ſe acháraõ em Cintra, quando a India ſe deſcobrio, e ſaõ os ſeguintes

Volventur ſaxa literis, & ordine rectis
Cum videas ocidens orientis opes
Ganges, Indus, Tagus erit (mirabile viſu)
Merces comutabit ſuas uterque ſibi
Soli æterno ac Lunæ decretum.

Nota 112.

O. 38. verſ. 4. Argonautas. He o nome, que tiveraõ os Heroes, que ſeguiraõ a Jazon na nao Argos para a conquiſta do Velocino de ouro, e os Portuguezes merecem mais eſte nome pelos perigos, e diſtancias das viagens, que emprenderaõ, e acções, que obráraõ.

Nota 113.

O. 38. verſ. 8. Alexandre Seſoſtris, Dioniſio. Alexandre ſabem todos, que conquiſtou a Aſia. Lea-ſe Arriano, Diodoro Siculo, Plutarco, e Quinto Curcio. Seſoſtris foy hum antigo Rey do Egypto, que dizem conquiſtou o Mundo, e de que a hiſtoria he pouco ſabida; veja-ſe Valerio Flaco, que diz conquiſtou Colcos, Diodoro, e outros. Dioniſio he o nome de Baco, como muitas vezes refere Camões, e com os antigos Nónno no ſeu grande Poema Heroico Grego intitulado Dioniſiaca.

Nota 114.

O. 39. verſ. 2. Eliſio Homero. Claramente ſe vê, que aqui ſe profetiza o grande Luiz de Camões, e que o Author da Henriqueida lhe cede em tudo, ſem uſar da permiſſaõ com que os Poetas heroicos ſe louvaõ a ſi meſmos.

Nota 115.

O. 39. verſ. 3. Caſtalia. A Fonte de que ſe finge, que bebem os Poetas, he na Phocide junto ao Parnazo, deu-lhe o nome a Ninfa Caſtalia, que fogindo de Apollo ſe transformou em fonte.

Nota 116.

O. 39. verſ. 8. Em Sicilia, em Ponto, em Grecia, e Italia. Por eſtas quatro Provincias ſe aſſinalaõ os Poetas, que melhor eſcreveraõ Eglogas como Virgilio de Italia, Elegias como Ouvidio deſterrado no Ponto, Idillios Theocrito de Sicilia, Odes Pindaro de Grecia.

Nota 117.

O. 40. verſ. 3. Pereira. Entre os deſcendentes, que vaticina a Sybilla dos varões illuſtres Portuguezes, que ſe acháraõ com o Con-

o Conde D. Henrique, diſtingue como deſcendente de D. Rodrigo Forjás, ao grande Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira.

Nota 118.

O. 40. verſ. 5. Quarenta Luſitanos. A tradiçaõ commua aſſenta, que foraõ ſó quarenta os Fidalgos Aclamadores delRey D. Joaõ o IV. mas na primeira relaçaõ, que o meſmo Rey mandou imprimir, vem no fim hum Cathalogo de mais de ſetenta. Deſta relaçaõ he Author Anonimo o Padre Nicolao da Maya, a quem dizem, que ElRey a dictou: todos numèra o P. Antonio dos Reys na Apotheoſe Latina do Duque do Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello.

Nota 119.

O. 40. verſ. 8. Quarenta. O anno de 1640. foy o da Aclamaçaõ, que aqui faz huma deſculpavel Analogia profetica com os quarenta Aclamadores.

Nota 120.

O. 41. verſ. 1. Primeira batalha. Neſta Oitava ſe incluem as ſeis batalhas, que ſe venceraõ a Caſtella deſde o anno de 1640. até o de 1668. em que ſe fez a paz. A primeira foy a de Montijo em 1644. General Mathias de Albuquerque, e dos Heſpanhoes o Marquez de Torrecluza, e a Infanteria Portugueza ficou formada no campo da batalha. A ſegunda foy a do Forte de S. Miguel junto a Badajós, General Portuguez Joane Mendes de Vaſconcellos, Caſtelhano o Duque de S. German no anno de 1658. A terceira foy a das linhas de Elvas, que rompeo D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, depois Marquez de Marialva, ſocorrendo a Praça, e desbaratando a D. Luiz Mendes de Haro em 1659. A quarta foy a que ſe chama do Ameixial, ou do Canal, que por ſer junto ao Lugar do Cano, ſe lhe applicou huma chamada profecia, que dizia, que vira *A Grifa morrer no Cano*, que allude no quinto verſo, e eſta batalha venceo em 1663. D. Sancho Manoel, Conde de Villa-flor, a D. Joaõ de Auſtria, filho legitimado delRey Catholico D. Filippe IV. A quinta foy a de Caſtello Rodrigo em 1664 vencendo com pouca reſiſtencia Pedro Jaques de Magalhaens, Governador das armas da Beira, ao Duque de Oſſuna. A ſexta, em que o vaticinio quer moſtrar entre longes eſcuros Montes Claros, he a que com eſte nome venceo em 1665. o meſmo Marquez de Marialva ao de Carracena. Eſtas batalhas ſe podem ler nos dous volumes da Hiſtoria de Portugal Reſtaurado, eſcrita pelo Conde da

Eri-

Ericeira D. Luiz de Menezes, com todos os mais succeſſos daquelles tempos.

Nota 121.

O. 42. verſ. 2. Ás artes, que inventáraõ. Naõ ſó ſe contaõ cinco mil Authores Portuguezes, de que eſperamos a erudita Biblioteca, que eſcreve o Abbade Diogo Barboſa Machado, e o Principal D. Franciſco de Almeida, Academico Real; mas na terceira parte da Europa Portugueza de Manoel de Faria, podem ver-ſe as Sciencias, e Artes, e outras acções, em que os Portuguezes foraõ os primeiros.

Nota 122.

O. 42. verſ. 3. Oh quantos. Neſte verſo, e nos ſeguintes ſe pronoſticaõ os Santos Portuguezes, Confeſſores, e Martyres, que enchem todos os dias do anno, como moſtra nos primeiros ſeis mezes o Agiologio Luſitano de Jorge Cardoſo, que doutamente continúa o Padre D. Antonio Caetano de Souſa, Clerigo Regular, e tambem Academico Real

Nota 123.

O. 43. verſ. 7. Hum cativo. Confuſamente previne a Sibilla a Henrique as contrariedades, que ha de achar em Muley, e os ſeus ſucceſſos.

Nota 124.

O. 46. verſ. 2. Preſtigios. Saõ as illuſoens da magica, ou os que a fingem, como ſe vê nas de Axa, nas de Zaida, ou fingida Palas.

Nota 125.

O. 46. verſ. 3. Filhos de Marte, alumnos de Bellona. Bem ſe entende, que ſaõ os Soldados, por ſerem Marte, e Bellona o Deos, e a Deoſa da guerra.

Nota 126.

O. 46. verſ. 5. Amazona. Naçaõ de mulheres guerreiras na Scitia, e eſta ſe entende por Axa, Rainha de Lamego, de que ſe tratará no Canto III. e tambem nos ultimos dous verſos deſta Oitava inſinúa a Sibilla ao Heroe, que reſiſta aos perigos da falſa Matilde, como ſe verá no Palacio da gloria do Canto IV.

Nota 127.

O. 49. verſ. 5. Em acertar. Finge-ſe, que a Sibilla deu ao Heroe os tres talentos, que recebeu em Roma por preço do ſeu livro (como já ſe diſſe) para fundar com elles o Templo de N. Senhora de Carquere, que alcança a ſaude do Infante D. Afon-

ſo,

ſo, e he neſte Poema aquella Imagem o Paladio, ou Tutelar da fundaçaõ do Reino.

Nota 128.

O. 53. verſ. 5. Pomona. He a Deoſa dos frutos, tirando o nome dos Pomos; e neſtas Oitavas ſe vê allegoricamente, que a gloria ſe naõ conſegue ſenaõ pela aſpereza, e dificuldades.

Nota 129.

O. 54. verſ. 3. Serea. Quem ignora, que as Sereas foraõ filhas do rio Aqueloo, e que atrahiaõ com a muſica para matar, e por iſſo comparo com ellas ao roxinol, que procurava deter o Heroe para que naõ foſſe a batalha, dando-lhe o conhecido nome de Filomena, a quem ElRey Tarco ſeu cunhado cortou a lingua, e diz a fabula ſe transformou em roxinol, os quaes tem a lingua farpada.

Nota 130.

O. 57. verſ. 2. As defenſas. Os dentes, ou defenſas de hum Javali, trazia Muley no eſcudo, e eraõ as daquelle bruto, que no fim do Canto I. diz Aldara, que elle matou, e lhe offereceo.

Nota 131.

O. 57. verſ. 3. Cinta larga. Eſta cinta, venda, ou banda, de que ſe trata no primeiro Canto, he a que deu Aldara a Muley, que tem no Poema varios incidentes.

Nota 132.

O. 58. verſ. 1. Se eu pudéra. Neſte combate de Muley, e Henrique, naõ pareça, que ha ahi modeſtia da parte deſte Heroe, porque primeiro a previne, e depois atribue a ſua confiança naõ ſó ao ſeu valor, e fortuna, mas á Cruz do ſeu eſcudo, e a ſumma generoſidade de Muley he pela ſimpatia, que tem com Henrique, de quem era filho, como ſe verá no fim do Poema, e tudo redunda em gloria do Heroe, por ſer do ſeu proprio ſangue.

Nota 133.

O. 60. verſ. 6. De Cezar. Julio Cezar primeiro Emperador de Roma, he o de que aqui ſe falla como valeroſo fundador de outro Imperio.

Nota 134.

O. 60. verſ. 6. Entre aſtros. Fingio a liſonja dos Romanos, que huma eſtrella, ou exalaçaõ, que appareceo, quando Marco Brutto matou a Julio Cezar no Senado, era a alma de Cezar, e com eſta fabula açabou Ovidio o ſeu engenhoſo Poema dos Metamorfoſios.

No-

Nota 135.

O. 60. verſ. 7. A Luſitania, e França. Como o Conde D. Henrique era Francez, e fazia a guerra em Portugal, diz Muley, continuando a comparaçaõ com Cezar, que aſſim como eſte venceo França, que entaõ ſe chamava Galia, e a Luſitania, que depois ſe chamou Portugal, pertende elle vencer a hum Heroe, e ambas eſtas duas, e valeroſas nações.

Nota 136.

O. 67. verſ. 3. O peito, que o defende. Pondéro as duas differenças do peito de ferro, que era arma defenſiva de Muley, e ſe deſatou por naõ querer elle perder a cinta de Aldara com o peito do meſmo Muley, que o offende pelas ſetas do amor, que recebeo, porque contra o amor naõ valem armas.

Nota 137.

O. 68. verſ. 1. O Sol me ſoccorreo. Neceſſita de alguma reflexaõ para ficar mais clara eſta Oitava, porque nella ſe entende, que o Sol dando no eſcudo de prata de Henrique, cegou a Muley, e como tambem reverberou nas ſuas luzidas armas, tornou a refracçaõ a ofuſcar os olhos de Henrique; e aſſim ſe deſculpa a infelicidade de hum, e a ventagem com que ſem o ſaber o ferio o outro naõ vendo, que eſtava já ſem o peito de ferro.

Nota 138.

O. 72. verſ. 1. Hecha Martin. Eſte he o nome verdadeiro de hum Rey de Lamego, tributario do Conde D. Henrique, caſado com a Rainha Axa Anzures, que era muito guerreira, e deraõ ambos ao Conde a batalha ſobre o rio Alarda junto ao monte Fuſte na Serra ſeca, viſinha a Lamego para a parte de Arouca, ficáraõ cativos, e ſe fizeraõ Chriſtaõs, como tudo póde verſe no fragmento da Hiſtoria dos Godos, com o titulo *Hiſtoria Gotorum*, que authoriſa, e ſegue o doutiſſimo Fr. Antonio Brandaõ, tresladando-a na terceira parte da Monarchia Luſitana fol. 28. e em outros lugares, e ſerve eſta nota para o Canto III. e para outras partes do Poema, em que eſta Hiſtoria ſe altera com liberdade poetica, ſendo Axa a Heroina do Poema, que combate mais o Heroe.

Nota 139.

O. 72. verſ. 3. Coimbra nos daria do Mondego. Diſpoem Henrique ganhar Lisboa, deixando ſeguras as terras conquiſtadas na Beira, pois Lamego eſtava tributario, e Coimbra ſe conſervava

ſervava pelos Chriſtaõs, e tinha ſido governada pelo Conde D. Sizinando, e outros, e paſſando Henrique o Mondego pela Ponte, havia de intentar, como fez, a conquiſta de Leiria, e outras terras para vir a Lisboa, e he certo o ſitio, que os Mouros puzeraõ a Coimbra, como ſe dirá em ſeu lugar.

Nota 140.

O. 72. verſ. 7. Ali Aben Jozef. Ali filho de Jozef, (que iſto ſignifica Aben em Arabigo) he certo, que foy Rey poderoſiſſimo naquelle ſeculo em Africa, Lisboa, e huma grande parte de Portugal, e Heſpanha, em que fez cruel guerra a ElRey D. Afonſo VI. e he o competidor do noſſo Heroe, acabando com a ſua morte corpo a corpo o Poema, e aſſegurando Henrique a fundaçaõ de Portugal, como largamente ſe tem dito nas advertencias preliminares tratando da acçaõ.

Nota 141.

O. 73. verſ. 8. Hum dia. Naõ he difficil de entender, que temiaõ ſó os Portuguezes dilatar, nem por hum dia huma guerra, de que a memoria das ſuas acções havia de durar tantos ſeculos, ſuprindo a poeſia por naõ ſe fazer proſaica eſtas declarações.

Nota 142.

O. 75, verſ. 1. Haver dito Aldara. Como no fim do primeiro Canto tinha Pelayo Amado dito a Aldara, laſtimado das ſuas finas queixas, que Muley era vivo, e Pelayo eſtava já rendido ao amor deſta Princeza, ſente agora, que ella dizendo eſte ſucceſſo a Henrique, elle agradecido lhe dê liberdade, ficando a Pelayo hum taõ poderoſo competidor no favor de Aldara como elle lhe tinha ouvido.

Nota 143.

O. 78. verſ. 5. Meu Pay he eſſe illuſtre. Aldara, que ſe ſuppunha filha delRey Ali para facilitar a ſua liberdade, traz á memoria o ſeu poder, e as ſuas vitorias, entre as quaes foy huma a batalha de Uclés, em que matou o Infante D. Sancho, tendo-ſe achado o Conde D. Henrique neſta occaſiaõ ſervindo a ElRey D. Afonſo VI. Veja-ſe eſta batalha em Brandaõ, e nos hiſtoriadores de Heſpanha.

Nota 144.

O. 79. verſ. 1. De Luſitania, e Betica. Luſitania he como todos ſabem o nome, que tinha a mayor parte de Portugal, dividindo-ſe Heſpanha em Tarraconenſe, a que deu o nome Tarragona em Catalunha, em Betica, que he Anda-Luzia, chamada

da assim pelo rio Betis, a que os Mouros deraõ o nome de Guadalquivir, que significa rio grande, e em Lusitanica, naõ sendo certo, que lhe deu o nome Luso, companheiro de Bacho, como com alguns antigos differaõ os modernos, nem Elisa, e he mais provavel a etimologia, que lhe da Bochart no seu Phaleg donde póde ver-se.

Nota 145.

O. 79. vers. 8. Lhe poupaõ as balistas as trombetas. A construcçaõ deste verso he, as trombetas poupaõ as balistas, e a sua intelligencia he dizer Aldara, que tanto, que nas Praças se ouviaõ as trombetas do Exercito delRey seu pay, se lhe rendiaõ temerosas, naõ necessitando de ser batidas, e atacadas com as maquinas militares, de que huma era a balista, como em outro lugar se explicará. Todo o Commentador se lembraria, de que ao tocarem-se as trombetas de Josué cahiraõ as muralhas de Jericó; mas naõ faço Aldara taõ erudita na Escritura, ainda que já a favorecí julgando-a com alguma noticia das fabulas, mas naõ das verdades.

Nota 146.

O. 80. vers. 3. Libia. Como naõ será facil saber os limites do Imperio de Aly, eu os estendo pela Libia adusta, ou queimada pela visinhança da Zona torrida, e da linha Equinocial por onde se chega ao Polo Antartico, ou do Sul.

Nota 147.

O. 80. vers. 8. Lis, e Lena. Saõ os dous pequenos rios, que correm por Leiria.

Nota 148.

O. 88. vers. 2. De Chiron. Chiron Centauro, e mestre de muitos Heroes, e entre elles de Esculapio Deos da Medicina, dizem, que tambem foy inventor da Cirurgia, que he a parte mais antiga da Medicina, mas naõ lhe deo o nome, porque este se deriva de Chiros, que significa em Grego a maõ.

Nota 149.

O. 88. vers. 8. Huma venda. A venda com que lhe ligáraõ a ferida, e era a famosa neste Poema, por ser dada por Aldara, vingou a Muley da venda de Cupido, por ser causa o amor de todas as suas infelicidades.

Nota 150.

O. 97. vers. 6. Negára. Aqui se usa da figura reticencia, de interromper a narraçaõ semelhante ao verso de Virgilio:

Quos ego: sed motos præstat componere fluctus.

E a razaõ de naõ caſtigar o generoſo Henrique eſta eſpecie de tumulto, ſe veja nas advertencias preliminares, donde trata do ſeu çaracter.

Nota 151.

O. 98. verſ. 8. Zelozo. Eſte zelo de Pelayo he como muitas vezes ſucede a alguns Conſelheiros dos Principes, naſcido das proprias paixões, que eraõ em Amado o Amor, e o ciume, e em Caſtelhano, onde zelozo ſignifica ambas as couſas, diz o Author da tragedia do Conde de Eſſéx, quando a Rainha diz a Blanca, querendo ſeparalla do amor do Conde, a quem a Rainha tambem amava: Eſto Blanca es zelo, e ella lhe reſponde á parte. Zelo? Añadiendole una letra.

Nota 152.

O. 101. verſ. 2. e 8. Que os Leonezes. Já ſe diſſe, que D. Pedro Bernardo era grande Senhor no Reino de Leaõ, e Caſtella. O Rio Tormes, he o que corre por Salamanca, o Piſuerga por Valhadollid; e o Mançanares por Madrid, ſendo ſeu filho D. Tello Peres de Menezes Senhor deſtas terras.

Nota 153.

O. 103. verſ. 1. Impulſo eſtranho. A ſimpatia, que ocultamente o fazia reconhecer pelo ſangne, que Henrique era ſeu pay.

CANTO III.

Notas 154.

O. 3. verſ. 3. Circulo de Febo. Diz Egas Moniz, que o Infante D. Afonſo mais gentil, que Adonis amante de Venus ainda naõ tinha cinco annos.

Nota 155.

O. 5. verſ. 4. Paſſos. Aſſim ſe explica poeticamente, que o Infante naõ podia andar tendo já perto de cinco annos, que he o eſpaço de tempo, a que os Latinos chamavaõ luſtro.

Nota 156.

O. 7. verſ. 2. Filhos de Apollo. Aqui ſe ſignificaõ os Medicos, por ſer tambem Deos da Medicina.

Nota 157.

O. 7. verſ. 7. Morfeo. Poucos ignoraõ, que era o Deos do ſono.

Nota 158.

O. 8. verſ. 3. De Juno. Eſta alluſaõ, que faz Egas Moniz, he tirada do livro 14. da Iliada de Homero, onde finge, que a Deo-

a Deosa Juno, inimiga dos Troyanos, quiz adoi upiter seu esposo, para que naõ evitasse o estrago de Troya, e que foy buscar Morfeo á Ilha de Lemnos huma das do Archipelago, de donde o levou ao Ceo, para que com opio incitasse o sono de Jupiter, transformado na Ave chamada Simindis, que he o Falcaõ nocturno, chamado Calcis, e prometendo-lhe por premio a bella Ninfa Pasithea. E o cingulo, ou cinto de Venus, que Homero admiravelmente descreve no livro 14. significa as graças, atracções, e carinhos, que Juno pedio a Venus para agradar a Jupiter.

Nota 159.

O. 17. vers. 1. Matilde. Epizodio, que he todo fingido, serve de grande adorno ao Poema, pois nelle desculpo serem illegitimos Muley, e Aldara, supondo este primeiro casamento de Henrique com Matilde, naõ deixando de lembrar-me este nome no succesSo delRey D. Afonso III. seu tresneto, que sendo Conde de Bolonha em França, repudiou Matilde Senhora daquelle Estado, casando tambem com outra filha delRey D. Afonso de Castella, chamado o Sabio, illegitima com huma mãy tambem da familia de Gusmaõ, como a da Rainha D. Theresa, e se esta trouxe em dote o Reino de Portugal, a segunda o do Algarve.

Nota 160.

O. 17. vers. 2. Eo Loire. Estes saõ os quatro principaes rios de França, de que o primeiro passa por Pariz, e os outros por diversas Provincias, e terras principaes.

Nota 161.

O. 17. vers. 4. De Bayona. Cidade, e porto de mar do governo geral de Guiena em França, onde Matilde estava occulta.

Nota 162.

O. 24. vers. 1. Galatea. Ninfa, que por amar Acis foy causa da morte, que lhe déo, lançando sobre elle hum penhasco o ciume do Ciclope, e Gigante Polifemo na Ilha de Trinacria, hoje Sicilia, e a Ninfa fogindo deste monstro se meteo no mar, de que era huma das Deosas.

Nota 163.

O. 26. vers. 1. Champanha. Provincia de França, a que se une á de Brie, e de que a Capital he Troyes. Governa estas

Pro-

Provincias o Principe de Rohan-Soubize, e teve Soberanos, que aqui vaõ fingidos.

Nota 164.

O. 26. verſ. 3. Bretanha. Outra Provincia famoſa de França, que teve Duques Soberanos até os ultimos ſeculos, de que eraõ deſcendentes legitimos, e herdeiros, ſe Anna de Bretanha, mulher de Carlos VIII. Rey de França naõ tiveſſe filhos.

Nota 165.

O. 26. verſ. 4. Guiena. Já ſe diſſe, que Matilde eſtava em Bayona porto da Provincia de Guiena, de que a Capital he Bordeos. Eſta Provincia tambem teve Duques, e a conquiſtáraõ, e domináraõ muitos annos os Inglezes.

Nota 166.

O. 27. verſ. 8. Me fez trocar a magoa pelo encanto. A magoa, que tinha enternecido a Henrique, paſſou a ſer ſuſpenſaõ, ou quaſi encanto, ficando admirado de taõ raro ſucceſſo.

Nota 167.

O. 29. verſ. 3. Rogero, e Clotilde. Saõ nomes fingidos.

Nota 168.

O. 34. verſ. 4. De Pirene a ſerra. Dizem, que aos montes Pireneos, que dividem França de Heſpanha, deu o nome a Ninfa Pirene, a quem Hercules violou neſtes montes, e as feras a devoráraõ, dando-ſe ſepultura ao reſto do ſeu corpo neſtes montes.

Nota 169.

O. 35. verſ. 8. Anteros. Fingiraõ os Gregos, que de Cupido amor cego, e tirano era Irmaõ o amor correſpondido, e bem viſto, a que deraõ o nome de Anteros, que ſignifica, como diz Cicero libr. 3. de Nat. Deor. e Pauſanias, o Vingador dos que deſpreſaõ o Amor, ou os amantes.

Nota 170.

O. 37. verſ. 1. Reſtaurar a Paleſtina. Como eſte ſeculo foy o em que ſe conquiſtou a Paleſtina, e ganhou Jeruſalem, finjo, que Henrique quiz evitar as diſſenções dos Priucipes de França, e naõ embaraçar a Cruzada, em que pouco depois ſe achou.

Nota 171.

O. 37. verſ. 8. Os doze Signos. Bem ſe vê, que he o eſpaço de hum anno, o que o Sol gaſta em correr os doze Signos Celeſtes, principiando por Aries no Equinocio de Março.

No

Nota 172.

O. 38. verſ. 2. Geminis. O Sol entra no Signo de Gemini a 20. de Abril, e me pareceo proprio, por ſer eſte Signo de Caſtor, e Polux irmaõs gemios, que o foraõ tambem da Bella Elena, e filhos de Jupiter, e Leda influirem no naſcimento de Pedro, e Sibila, que eraõ Muley, e Aldara igualmente amantes.

Nota 173.

O. 39. verſ. 5. Heſpanhol Rodrigo. As acções de Rodrigo, ou Ruy Dias de Bivar, chamado o Cid, e as vitorias, que alcançou dos Mouros em Heſpanha por eſtes tempos, dizem foy hum dos motivos de que o Conde D. Henrique vieſſe de Borgonha a Heſpanha a fazer guerra aos meſmos Mouros.

Nota 174.

O. 40. verſ. 3. De Bayona. Como em Galiza ha outro Porto de mar do meſmo nome de Bayona, e governava aquelle Reino o Conde D. Ramon primo com irmaõ do Conde D. Henrique, inventey eſta viagem de hum a outro porto, e o combate naval, e cativeiro dos dous filhos de Henrique, e de Tancredo.

Nota 175.

O. 42. verſ. 8. Do Parnaſo nos Archivos. Quando allego os titulos dos Archivos dos Poetas, que eſtaõ no Parnaſo monte de Beocia, onde com a ſua fonte Cabalina eſcrevem os ſeus Poemas, bem provo a certeza deſte Epizodio, pois diz Santo Agoſtinho, que os Hiſtoriadores tem tanta obrigaçaõ de fallar verdade, como os Poetas, de a naõ dizer. Vejaõ-ſe largamente neſte ponto a Hiſtoria dos Poemas, e as advertencias preliminares.

Nota 176.

O. 44. verſ. 5. Melhor Eneas. Aſſim como Eneas levou a Religiaõ de Troya a Italia, e foy tronco pelos Reys de Alba dos de Roma, como diz Virgilio no primeiro da Eneada verſ. 10. e 11.

Inferretque Deos latium; genus unde latinum
Albanique patres, atque altæ mœnia Romæ.

Aſſim Henrique trazendo a Portugal a verdadeira Religiaõ, fundou o Reino, e foy tronco dos ſeus Reys conquiſtando Lisboa que ſobre ſete montes, he a ſegunda Roma.

Nota 177.

O. 44. verſ. 8. Ganhais Lavinia por perder Creuza. Continua o paralelo, que Cunha faz de Henrique com Eneas, pois eſte

eſte perdeu ſua primeira eſpoſa Creuza; e aquelle Matilde; eſte ganhou com o caſamento de Lavinia o Reino de Alba, aquelle com o de Thereſa o de Portugal, e naõ me eſqueceo, que o Sabio Rey D. Joaõ o V. ſe dignou de tomar na minha Arcadia, de que he Protector em Roma o nome de Paſtor Albano, em attençaõ ao Pontifice Clemente XI. que era da Familia dos Albanos.

Nota 178.

O. 48. verſ. 1. Amado aborrecido. Proteſto, que o nome proprio de Amado me naõ trouxe á memoria o equivoco de aborreçido, porque naõ podem ſer equivocos, epitetos taõ contrarios.

Nota 179.

O. 50. verſ. 8. Amazona. As Amazonas de que tanto ſe eſcreveo, dizem tinhaõ o ſeu Imperio no Paiz da Scitia, por onde corre o rio Thermodonte.

Nota 180.

O. 50. verſ. 8. Pantaſilea Oritia. Entre as celebres Amazonas, eſcolhi para a comparaçaõ de Axa, imagem de Belona, Deoſa da guerra, a Pantaſilea; que foy a primeira, que ſocorreu os Troyanos, e morta por Aquiles; e a Oritia ſua anteceſſora, era filha de Erecthes.

Nota 181.

O. 52. verſ. 2. Semiramis. Entre o muito, que ſe conta de Simiramis Rainha dos Aſſirios, e fundadora de Babilonia, ſe diz, que eſtando-ſe toucando-ſe a aviſaraõ, que os inimigos entravaõ muito poderoſos nas ſuas terras, meteo o pente no cabello, diſſe ás ſuas Damas, que em vencendo, voltava logo a acabar de toucar-ſe, e tudo executou prontamente.

Nota 182.

O. 55. verſ. 8. Palas, e Belona. Neſta louca idolatria de Axa, adorava as Heroinas guerreiras, que eraõ hum gráo menos, que Deoſas, e as duas da guerra lhe deviaõ mais ſacrificios do que Marte, aſſim por ſerem como ellas molheres, como porque eſte Deos favoreceria os Portuguezes pelas cauſas, que ella em outro lugar explica.

Nota 183.

O 56. verſ. 6. Expiações, e lavacros. As expiações ſe faziaõ para purificar os delitos nos delubros, ou pequenos templos, e ſempre lavando com agoa, e da meſma ſorte os lavaçros faziaõ

ziaõ puros os ſacrificios; e deſte conſoante culto, uza muitas vezes D. Joaõ de Xaurigui na ſua Farſalia, e o ſeguem muitos modernos, póde ſer que por naõ terem ſimulacro, e ſacro terceiro conſoante heroico para huma Outava.

Nota 184.

O. 57. verſ. 2. Tritonio. Era Palas chamada Tritonia por aparecer junto ao Rio Triton, que naſce na lagoa Tritonide em Africa.

Nota 185.

O. 57. verſ. 4. Eriethonio. Nome que teve Athenas donde Palas foy mais venerada.

Nota 186.

O. 57. verſ. 6. Gorgonio. Uzei de licença poetica em lugar de Gorgoneo, como ſe uza de Impirio em lugar de Impireo, e Syderio por Sydereo, e chamo terror gorgonio ao eſpelho do eſcudo de Palas, porque vendoſe nelle Meduza, que era huma das tres Gorgonas, ſe matou com a ſua viſta, e convertia em pedra aos que a viaõ.

Nota 187.

O. 57. verſ. 7. Egide. He hum nome que daõ os Poetas ao meſmo Eſcudo de Palas, o qual lhe deo Jupiter, e tinha eſte nome por ſer feito da pelle da Cobra, que o criou com o ſeu leite chamando-ſe em Grego Hegos a Cobra.

Nota 188.

O. 58. verſ. 1. Belona. Para entender eſta Oitava bem, podia oſtentarſe muita erudiçaõ, mas baſta ſaber o que diz Danet no ſeu Diccionario de antiguidades na palavra Belona, que era Mãy, ou Eſpoſa de Marte, e Deoza da guerra. Apio Claudio chamado depois, çeco, lhe edificou hum Templo, em Roma, no circo Flaminio perto da porta Carmental: junto delle eſtava a columna belica, e por ſima della lançavaõ os Feciaes hum dardo, para a parte do Paiz inimigo, a que declaravaõ a guerra.

Nota 189.

O. 58. verſ. 7. Fecial. Eraõ os Feciaes huma eſpecie de Reys de Armas, que intimavaõ a guerra aos inimigos arrojando huma lança para o paiz contrario, e por iſſo Axa lançou hum dardo para a parte do Douro, que era o Paiz de Henrique.

Nota 190.

O. 59. verſ. 1. Buſto. Chamaõ-ſe Buſtos ás eſtatuas de meyo corpo.

Nota 191.

O. 59. verſ. 5. Tomiris. Foy Rainha dos Maſſagetas, que venceo, e matou ao grande Cyro Rey dos Perſas, veja-ſe Xenofonte na ſua Cyropedia, e os que a tiverem por alegorica acharaõ eſta morte em outros Autores antigos.

Nota 192.

O. 57. verſ. 8. A cabeça. Dizem que Tomiris cortando a cabeça a Cyro a trazia dentro de hum odre de ſangue para que ſe ſatisfizeſſe do licor de que fora ſempre hydropico.

Nota 193.

O. 60. verſ. 1. Camila. Os que tem qualquer liçaõ de Virgilio, naõ ignoraõ, que eſta Rainha dos Volſcos diſputou a Eneas o Reyno de Italia, e que a matou Aruncio.

Nota 194.

O. 60. verſ. 5. Harpalice. Venceo os Getas, libertando a ſeu Pay Licurgo Rey de Tracia: Virgilio 1. Ened. lib. 1. e Servio no ſeu comento.

Nota 195.

O. 61. verſ. 1. O filho de Peleo. Aquiles filho de Peleo, e Thetis naõ podia ſer ferido, mais, que pela extremidade de hum pé, por onde Thetis lhe pegou para o banhar na lagoa Eſtigia, e venceo Pantazilea Rainha das Amazonas, a qual inventou a foice Ovid. Heroid. epiſt. Cydipe a Aconſio.

Nota 196.

O. 61. verſ. 5. Clelia. Virgem Romana, que paſſando o Tybre com as outras, que ſe tinhaõ dado em refens a Porſena Rey dos Etruſcos, enganou as guardas, e ſe libertou, e as companheiras.

Nota 197.

O. 62. verſ. 1. Semiramis. Já diſſemos, que venceo ſahindo do toucador, e agora ſe alude, a que no jardim de Axa eſtava melhor, que nos jardins penſis, que fabricou ſobre os muros de Babilonia que tinha fundado, e foraõ huma das ſete maravilhas do mundo, de quem diz Marcial no primeiro Epigrama.

Aſſiduus jactet nec Babilona labor

Nota 198.

O. 62. verſ. 5. Hipolita. Foy tambem huma Amazona vencida

çida por Hercules, e Eſpoza de Peleo.

Nota 199.

O. 63. verſ. 8. Arietes. Deſtas tres machinas militares ſe explicaõ os uzos no canto undecimo.

Nota 200.

O. 64. verſ. 4. Triunfal. Quem tresladaſſe a Carlos Paſcalio de Coronis encheria muitas folhas no comento deſte verſo: baſta porém ſaber, que entre as coroas, que os antigos concediaõ aos vencedores, a principal era a Triunfal, que ſenaõ dava ſenaõ aos que em huma batalha matavaõ ao menos ſeis mil inimigos. A Ovaçaõ era menor, que o triumfo, e a coroa civica ſe dava a quem em huma batalha conſervava a vida a hum Cidadaõ Romano.

Nota 201.

O. 64. verſ. 6. Chromatica. Eſte era o nome que davaõ os Gregos á muzica, que provocava ao Amor.

Nota 202.

O. 64. verſ. 7. Galo. Conſagrado a Palas como ſimbolo de huma boa ſentinella, e a Minerva pela vigilancia.

Nota 203.

O. 66. verſ. 3. De Roma. Nos Jogos Circenſes, e no Amphiteatro de Roma ſe exercitavaõ os combates dos brutos ferozes.

Nota 204.

O. 66. verſ. 5. Amphiteatro. Edificio publico para os Jogos, e combates com lugares para os que chamavaõ eſpectadores, ſendo o de Roma contado por alguns entre as 7. maravilhas do mundo, de quem diz Marcial, no primeiro Epigrama.

Unum pro cunctis fama loquatur opus.

Nota 204.

O. 66. verſ. 8. Contra o Rinoceronte o Elefante. Rhinoceronte, a que os noſſos antigos chamavaõ, com Damiaõ de Goes, Rhinocerotte, ou Rhinocerotta, e em Grego ſignifica corno no nariz he huma féra, que erradamente ſe confunde com a Abada, e da ſua inimizade com o Elefante ſe pódem ver alguns Epigramas de Marcial. A Lisboa ſe trouxe hum no tempo delRey D. Manoel.

Nota 205.

O. 69. verſ. 5. Taleſtris. Taleſtres, ou Taleſtris Rainha das

Amazonas vay na boa fé de Quinto Curcio, que veyo vizitar Alexandre Magno inclinada ao que a fama contava deſte heroe. Naõ ſe acha eſte ſucceſſo em Arriano, nem em outro Autor antigo, e he hum dos motivos, porque le Clerc na ſua Arte Critica ſupoem Quinto Curcio Autor fingido por algum moderno, mas duvido, que quem eſcreveo huma obra taõ excelente, quizeſſe atribuir a outro eſta gloria.

Nota 206.

O. 71. verſ. 5. Monte Fuſte. O Monte Fuſte, o Rio Alarda, e a Serra Seca ſaõ como já apontei os lugares do ſitio da batalha, que refere o fragmento da hiſtoria dos Godos allegado por Brandaõ na 3. parte da Monarchia Luzitana.

Nota 207.

O. 75. verſ. 4. Zelozo. Já adverti, que naõ uzava de licença vulgar de dizer em Portuguez zelozo por ciozo, e que aqui ſó ſe diriva do zelo, que Muley tinha de defender a ſua cauſa animado do amor de Aldara.

Nota 208.

O. 75. verſ. 8. Sagitario. O Signo celeſte de Sagitario, em que entra o Sol a vinte, e tres de Novembro, he o Centauro Chiron, ou Chroton, e ſe pinta no globo atirando ſetas, e aqui uzo da figura Hiperbole com mais atrevimento, que outras vezes, de que pudera alegar exemplos de muitos Poetas. Baſte por agora o do grande Calderon, que na Comedia de Amado, e Aborrecido, diz que as lanças que ſe quebraraõ ſubiraõ taõ alto

que dela region del ayre
paſſando-ſe a la del fuego
por encenderſe tardaron
en caer, ó nó cayeron.

Nota 209.

O. 76. verſ 6. Tranſmigraçaõ. A tranſmigraçaõ, á que os Gregos chamaraõ Palingeneſis, ou Metempſicoſis, foy dogma de Pythagoras ſupondo, que as almas paſſavaõ de huns corpos a outros, erro que dos antigos Gymnoſophiſtas da India herdaraõ as Bracmenes; e como ſuponho a Axa inſtruida em alguma erudiçaõ, naõ ſendo eſta muy profunda, tira della o conceito Hyperbole, com que fomenta a vaidade de Muley.

Nota 210.

O. 77. verſ. 5. Alcaides. Ainda hoje daõ os Mouros o nõme

me de Alcaides aos Generaes, e Governadores de Praça, que nós conservamos no de Alcaides Mores, ainda que em Espanha, e Portugal tambem significa o de Officiaes de justiça, tendo em Castelhano o de Alcaide só a primeira significaçaõ, e o de Alcalde a segunda.

Nota 212.

O. 79. vers. 2. Libaçaõ. He termo proprio dos Sacrificios quando só se toca com os beiços o licor lançando-se o resto por terra.

Nota 213.

O. 79. vers. 30. Jó. Foy a Ninfa Jó amada de Jupiter, e Juno cioza a transformou em Vaca, de que digo era o leite, que por ser de noite o comparo com a via lactea, que he a mancha, que se ve no Ceo, a que os Gregos chamaraõ tambem Galaxia, e os modernos descubriraõ com os Telescopios, que era toda formada esta mancha de Estrellas imperceptiveis á vista, em quanto Galileo Galilei Florentino pelos annos de 1600. naõ descubrio o modo de trabalhar nos vidros para os oculos de Tubos grandes. A primeira vez, que ordenei a magnifica Livraria delRey D. Joaõ o V. achei hum manuscripto das obras de Mathematica de Claudio Ptolomeo Alexandrino escrito antes do anno de 1400. e no principio está o mesmo Ptolomeo muito bem illuminado com hum grande tubo olhando para as Estrellas; porèm naõ infiro, que a invençaõ dos oculos com vidros, fosse por este manuscripto mais antiga, senaõ que uzassem para augmentar a vista com os rayos vizuaes unidos de canudos ocos, e compridos da mesma sorte, que dentro dos poços, e covas profundas se vem algumas vezes de dia estrellas que senaõ distinguem na superficie da terra. Em Marcial se acha memoria de que os mal vistos augmentavaõ com o vidro as letras para poder divizallas.

Nota 214.

O. 81. vers. 2. O marmore se anima. Este oraculo me dava motivo para discorrer na opiniaõ de Wandale, que abreviou com erudita discriçaõ Mr. Fontenelle querendo provar, que todos os Oraculos eraõ fingimento dos Sacerdotes Gentios sem operaçaõ diabolica, porém ainda que em grande parte seja este discurso bem fundado, he muito contrario ao sentido dos Santos Padres esta proposiçaõ absoluta. Aqui podia ser iluzaõ de Axa, e nunca o máo genio costuma dizer verdades, nem pó-

de

de saber com certeza os futuros.

Nota 215.

O. 82. versſ. 1. No dia. Este Oraculo, que, como todos, recebe dois sentidos, se verifica naõ como Axa o entendia, mas com mayor fortuna sua, pois se cumpre quando ella, e ElRey seu marido se bautizaõ, e os servem como padrinhos o Conde D. Henrique, e a Rainha sua esposa, como se verá no fim do Poema.

Nota 216.

O. 83. versſ. 4. Perseo. A voz guerreira de Palas produz na idea de Axa a iluzaõ de que os elementos perturbaõ a paz, e os Planetas, e Constelaçoens se confundem. Perseo he huma imagem celeste da parte do Norte, e das vinte, e tres Constelaçoens deste polo, e fingiraõ, que fora colocado no Ceo este filho de Jupiter, e de Danae filha de Acrisio Rey dos Argivos entrando Jove na torre em que estava presa transformado em chuva de ouro. A acçaõ de cortar a cabeça de Medusa, que ja expliquey, e outras de que algumas se diz foraõ verdadeiras fundando Perseo o Reyno de Mycenas, e dando o nome a Persia o eternizaraõ, e como se achaõ estas fabulas astronomicas em Arato Poeta Grego, que escreveo hum Poema intitulado. Phenomenas, traduzido naõ menos que por Cicero, por Germanico Cezar, por Rufo Festo Avieno, e ilustrado por Grocio por Manilio no seu Poema astronomico, por Hyginio Liberto de Augusto, e pelo moderno, e vastissimo Cezio, apontarey ló destas constelaçoens o que baste para huma ligeira inteligencia. Hercules no versſ. 4. he outro astro dominando o Dragaõ das Hesperides, que guardava as maçans de ouro.

Nota 217.

O. 83. versſ. 5. A Balea. A Perseo montado no cavallo Pegaso se segue no globo a Constelaçaõ Boreal da Balea, que he o monstro marinho, que Perseo matou voando no mesmo cavalo Pegaso para livrar a vida da formosa Andromeda, e porisso finjo que se lhes opoz interrompendo-lhe a carreira neste movimento extraordinario das estrellas fixas cauzado pela horrenda voz de Palas. Neste verso uzo quasi a unica vez do verbo, e do nome turba, como consoantes pela esterilidade destes.

Nota 218.

O. 83. versſ. 7. O Zodiaco. O nome de Zoos em Grego, signi-

ſignifica animal, e o de Zodiaco, que tem animaes; porque os doze Signos, que eſtaõ neſte circulo, ou faxa celeſte, todos eraõ de homens, ou brutos, e até o de Libra ſe pintava na primeira fórma, e por iſſo digo, que os animaes celeſtes ſe agitaraõ neſta confuſaõ.

Nota 218.

O. 84. verſ. 1. Morre o Ciſne, &c. Por naõ multiplicar as notas explicarey brevemente em huma ſó as de que neceſſita eſta Outava. O Ciſne Conſtelaçaõ do Polo arctico he o em que ſe transformou Jupiter para conſeguir a Leda, e digo que morre, e naõ canta por moſtrar, que o medo lhe mudou a natureza. O Bruto Heſperio, que inſulta Alcides, he o Dragaõ, que expliquey na nota antecedente. A Urſa, ou Cynozura, a qual digo ſe eſconde no mar medroza ſem que ſe mude, ou eſconda o Polo do Norte, aludindo ao que diz o grande Camoens quando paſſou a linha equinocial.

Vimos as Urſas a peſar de Juno
Banharem-ſe nas agoas de Neptuno.

E como ſaõ duas, falo aqui ſó na menor, que he a mais vizinha ao ponto do Polo do Norte, a quem deo o nome, porque Arctos em grego, ſignifica Urſa. A Náo Argos foy a que deo o nome aos Argonautas, e a em que Jazon foy conquiſtar o Velocinio de ouro a Colcos; he Conſtelaçaõ do Sul. Antinoo, que he do Norte, foy hum valido do Emperador Adriano, que ſe matou, para que nas ſuas entranhas ſe viſſe o Aruſpicio, ou agouro felice da batalha, que aquelle Emperador eſtava para dar no Egypto, e o faço neſta confuſaõ ſepultar na Urna Conſtelaçaõ do Sul. Orion gigante no emisferio antartico, he o que ſe atreveo a Juno, e neſta Conſtelaçaõ contaõ os Aſtronomos modernos depois da invençaõ do Teleſcopio mais eſtrellas, que as 1022. que faõ ſó as que ſem oculo pódem verſe, e faço que a Canicula ſendo aſtro do Norte morda raivoza com o ſeu ardente veneno a eſte Gigante.

Nota 219.

O. 87. verſ. 1. Correm eſtatuas. O fim deſta Oitava explica o engano, com que ſe repreſenta a Axa, que as eſtatuas das heroinas ſe animaõ para a ſeguir na guerra.

Notas 221.

O. 88. verſ. 5. A animar o cadaver. Eſta morte da Zaida, e o ſeu cadaver animado por Palas, imita a Erecto de Lucano, a Taſſi-

a Talfirena de Marino, e outras magicas de que fe conta, quẽ com o maligno eſpirito animavaõ os cadaveres. Muitas hiſtorias referem ſemelhantes Authores mais credulos, e entre ellas havia huma bolatina celebre de Italia, a quem hum feiticeiro depois de morta, fez continuar o exercicio, e outro mais poderozo a fez cahir da Maroma reduzida a pó, e cinza, e Palas aqui toma com o ſeu corpo a ſua fórma, como Minerva a de Mentor em Homero para açonſelhar a Telemaco filho de Ulifes, ficçaõ, que ſeguio com mayor propriedade o Illuſtriſſimo Author do Telemaco Francez, que eſpero dar á luz traduzido em Oitavas Portuguezas, porque ainda que em proza Franceza ſe hum Poema heroico perfeito, aſſim ficaraõ milhor na memoria as ſuas utiliſſimas reflexoens.

Nota 221.

O. 89. verſ. 4. Ocazo Heliaco. Helius em Grego he o Sol, e os Mathematiços chamaõ Ocazo Heliaco das Eſtrellas, quando alguma entra nos rayos do Sol, ſeja ella, ou o meſmo Sol, os que ſe avizinhaõ.

Nota 222.

O. 92. verſ. 1. Tavora Galhardo. Eſte podia ſer D. Ramiro Pinhones aſcendente dos Tavoras ſem muita diferença da cronologia da eſcritura, que traz Fr. Bernardo de Britto, em que deduz a ſua varonia delRey D. Ramiro II. de Leaõ, como em outra parte ſe dirá.

Nota 223.

O. 93. verſ. 3. Mentor. Veja-ſe a nota 220. em que expliquey a transformaçaõ de Minerva em Mentor para aconſelhar a Telemaco, que por filho de Ulifes era Principe de Ithaca pequena Ilha do Archipelago.

Nota 224.

O. 98. verſ. 1. Herminia Serra. A Serra de Eſtrella ſe chama Monte Herminio, e o engano com que o Mouro deo hum cavallo ao Embaxador de Henrique, o faz comparar ao cavallo de Troya, que deo tanto a conhecer o incomparavel Virgilio no livro 2. da Eneada introduzido pelo engano de Sinon.

Nota 225.

O. 103. verſ. 5. Tambem no mar. Depois da comparaçaõ do Crocodilo, que engana chorando, e mata aos que o buſcaõ, animal amfibio, ou de terra, e agoa, que infeſta o Rio Nilo benefi-

benefico com as ſuas cheyas, pois com ellas fertiliza o Egipto, ſuprindo a falta da chuva, e que deve aos Portuguezes o deſcubrimento da fonte, em que naſce no Reyno de Gujaõ, e Dambea, na Ethiopia inferior.

Segue outra comparaçaõ, que alude ao que ſe conta, de que dezembarcaraõ de huma lancha huns mârinheiros de huma Náo, e cuidando, que eſtavaõ ſobre hum baixo cuberto de area, e limos acenderaõ fogo para enxugar-ſe, e fugiraõ ſobreſaltados para a lancha, vendo que a terra ſe movia, e era huma Balea, que tinha vindo parir a terra, e voltára para o mar: ſeja, ou naõ a hiſtoria verdadeira, baſta para comparaçaõ poetica, pois naõ ſe achaõ menos fabulas nos Authores das viagens, que nos dos Poemas; e deſta meſma comparaçaõ uzou Milton no 1. Canto do ſeu Paraizo perdido.

Nota 226.

O. 104. verſ. 8. Nevoa. O Eſpirito infernal, que Axa julgava, era a Deoza Palas animando o corpo de Zaida fabricava eſtes encantos de nevoas, torrentes, e os mais, que ſe ſeguem neſta batalha.

Nota 227.

O. 108. verſ. 7. Eſquadraõ fantaſtico. Eſte Eſquadraõ de eſpiritos, he huma imitaçaõ de Homero, que faz combater os Deozes.

Nota 228.

O. 109. verſ. 3. Incorporea ſubſtancia. Naõ me atrevi a ſeguir em tudo Homero, que ſupondo os Deozes corporeos, faz ferir a muitos por Diomedes, e aſſim digo, que Pelayo admirou o achar ilezas as ſubſtancias, que naõ ſupunha incorporeas vendoas extenſas, como ſe explicaõ os Cartezianos, e deixo ao cadaver de Zaida as feridas, que lhe dá Egas Moniz, a quem comparo com Diomedes.

Nota 229.

O. 111. verſ. 2.. Clicie. Foy Clicie Ninfa amante de Apolo, que amava mais a ſua irmãa Leucotoe, e eſta fugindo delle, ſe transformou na arvore, que dá o incenſo, a outra na flor do Giraſol, ou Heliotropio, porque ſegue, e retrata o meſmo Sol.

Nota 230.

O. 117. verſ. 2. Vulcano. As armas dos Deozes, e dos Heroes, forjou muitas vezes Vulcano, de que o nome he com-

corrupçaõ, o de Tubal Cain, que a eſcritura díz, foy o primeiro, que inventou a forja, ou a Arte de trabalhar o ferro, como prova Bochart no ſeu Phaleg, e a fabula fingio ſer aborrecido eſpozo de Venus, e ficar coxo, porque Jupiter pela ſua deformidade o arrojou do Ceo, para trabalhar com os Ciclopes na fragoa do Monte Etna. He eſta fabula tirada da verdade do precipicio de Lusbel.

Nota 231.

O. 119. verſ. 2. Zefiro amante. He o ſuave vento Zefiro, que reſpira da parte do Norte principalmente na primavera, e porque neſte tempo anima as flores, o fizeraõ os Romanos amante de Flora Dama mais fermoſa, que honeſta, e que deixou os ſeus mal adquiridos Thezouros ao povo Romano, o qual a adorou como Deoza das flores.

Nota 232.

O. 119. verſ. 4. A arvore triunfante. Aſſim como Zefiro amante quiz roubar a banda de Aldara para a reſtituir, a quem mais a merecceſſe, a roubou o loureiro, ficando preza nos ſeus ramos, e neſta arvore triunfante, porque coroa os vencedores, ſe tinha transformado a bella, e rigoroza Dafne, fugindo do amante Apolo, e como rigoroza, dificultou eſte premio de Aldára, que pertendiaõ os dois competidores.

O. 125. verſ. 2. Delfin. Os Tavoras puzeraõ naſ ſuas armas hum Delfin ſobre as ondas, por conſervar a memoria de D. Theodon, e D. Rauzendo pelejando no Rio Tavora, como deſcrevendo eſte eſcudo, e os de outras Familias, ſe verá no Canto quinto.

Nota 234.

O. 126. verſ. 3. Acheronte. He o Acheronte hum Rio de Napoles, que por nocivo, e triſte, e vizinho da Lago Averno, fingiraõ os antigos, que era o Rio do Inferno, por onde a barca do Piloto Charon, que muitos confundem com Acheronte, paſſava as almas dos que morriaõ.

Nota 235.

O. 130. verſ. 5. D. Faſes Luz. Conſta, que foy eſte D. Faſes Luz Signifero, ou Alferes Mór do Conde D. Henrique, e como já diſſe, era Senhor de terras junto ao Rio Lima.

Nota 236.

O. 131. verſ. 5. Geometria. Significa medida da terra, e he a arte, que ſó dá principios certos ás ſciencias, e artes verda-

verdadeiras entre as humanas; porém para o jogo da eſpada, a que naõ he inutil, a quiz reduzir com demaziada eſpeculaçaõ, D. Luiz Pacheco de Narvaes, a quem ſatirizou hum dos Lupercios no engenhozo ſoneto, que principia.

Quando los ayres, Parmeno divides
Con el eſtoque negro, no te acuzo, &c.

E acaba dizendo, que he impoſſivel.

El reduzir la colera a preceptos.

Que he o verſo, que imitey.

Nota 237.

O. 133. verſ. 1. O filho de Thetis, e o de Alemena. O filho de Thetis, e Peleo, era Aquiles, o de Alcmena, e de Jupiter, era Hercules, e ambos, como já diſſe, combateraõ com a Amazona Hypolita.

Nota 238.

O. 134. verſ. 1. Iſthmo. No Iſthmo, que era o de Corinto, e he a lingoa da terra, que ata a peninſula do Peloponeſo (hoje chamada Morea) com a terra firme de Grecia ſe celebravaõ os jogos, a que o ſitio deo o nome de Iſtmicos.

Nota 239.

O. 135. verſ. 3. Infernal eſtigio. O lago eſtigio, era no Inferno, e o juramento inviolavel dos Deozes.

Nota 240.

O. 135. verſ. 5. Diomedes. Agora explico mais a comparaçaõ de Egas Monîs com Diomedes, que Homero diz ferio a Marte.

Nota 241.

O. 135. verſ. 8. Peon. O nome de Peon, he o que dá Homero ao Cyrurgiaõ, ou Medico, que curava os Deozes feridos por Diomedes.

Nota 242.

O. 136. verſ. 8. A triſte corrupçaõ. Egas Moniz ſempre favorecido do Ceo, deſtruio o material, compoſto do corpo morto de Zaida, e ſe exalou o genio maligno, que o animava, ficando reduzido a corrupçaõ, porque entendi, que eſte encanto eſtranho naõ devia durar mais tempo no Poema, ainda que Palas em diverſas fórmas ficaſſe fomentando a idolatria de Axa.

Nota 243.

O. 137. verſ. 7. Leucotoe. Pouco tempo ha, que expli-

quei, que Leucotoe fora amada de Apolo, e o Poeta unio eſtas tres Ninfas em hum verſo. Para que em Dafne, Clicie, ou Leucotoe, &c.

CANTO IV.

Notas 244.

O. 3. verſ. 5. Hidra. He aluzaõ á Hidra do lago Lerneo, á qual quando Hercules cortava huma das ſete cabeças, naſcia logo outra, e ſó quando as queimava, ſenaõ reproduziaõ, e aſſim ainda que Henrique mataſſe muitos Mouros, logo com novas levas apareciaõ os ſeus Exercitos, igualmente numerozos.

Nota 245.

O. 6. verſ. 1. D. Afonſo Auguſto. ElRey D. Afonſo VI. de Leaõ chamado Emperador, teve filhas de diverſas mulheres, em que ha duvida, quaes foraõ legitimas, e ha quem diga, que foy 6. ou 7. vezes cazado, e ſe prova baſtantemente, qne foy legitima a Rainha Dona Thereza, mulher do Conde D. Henrique, ainda que o contradiz a meſma Cronica, ou Exemplar Floriacenſe, a quem damos credito em fazello deſcendente dos Duques de Borgonha, e Reys de França; mas ſobre a ſucceſſaõ delRey D. Afonſo, de quem foy herdeira a Rainha D. Urraca, houve com Portugal varias diſſençoens.

Nota 246.

O. 7. verſ. 8. Tormes. Eſtendia-ſe já o dominio do Conde D. Henrique deſde o Mondego, onde já era Senhor de Coimbra, atè o Reyno de Leaõ, por onde corre o Rio Tormes.

Nota 237.

O. 10. verſ. 8. O Trofeo de hum tronco. Grecia, e Roma levantavaõ no campo da batalha troféos nos troncos, e Henrique fez triunfar o tronco da Cruz de toda a infidelidade.

Nota 248.

O. 12. verſ. 1. Do eſpaço aereo. Imaginaraõ muitos Filoſofos antigos, e ainda modernos, que no eſpaço aereo ficaraõ alguns genios infernaes menos malignos, e que cauzaõ tempeſtades.

Nota 249.

O. 12. verſ. 3. Teſiphone. He huma das tres Furias, ſendo as duas Megera, e Alecto, e aqui por Hiperbole digo, que ſó quem a invocaſſe por Muza, e por heroes aos eſpiritos, que fallavaõ nos Oraculos, e eraõ preſagos dos males, igualaria o furor de Axa. Heroes tambem trazem origem no ſeu nome do ar, em que andavaõ girando eſtes, que chamavaõ Deozes da 2. claſſe, e Indigetes.

No-

Nota 250.

O. 14. verſ. 1. Deſtino. A barbaridade gentilica, que deſconhecia a providencia, ſugeitava os ſeus Deozes ao deſtino.

Nota 251.

O. 14. verſ. 3. Filho de Venus. Eneas filho de Venus, e de Anchizes, tendo huma Mãy Deoza, que o amparava, naõ pode evitar o ſeu deſtino, nem a oppoziçaõ de Juno, ſofrendo tantos trabalhos na ſua peregrinaçaõ, e viagem de Troya a Italia.

Nota 252.

O. 14. verſ. 4. O filho de Tetis. Achiles filho de Tetis; e de Peleo morreo, como já ſe diſſe, ferido de huma ſetta em huma extremidade de hum pé, por onde ſó naõ era invulneravel.

Nota 253.

O. 16. verſ. 1. Atheiſmo. Axa vay degenerando da ſuperſtiçaõ para o Atheiſmo, que ſignifica ſem Deos, porque Atheos em Grego com o A privativo, e Theos, que he Deos, deo o nome a eſta impiedade.

Nota 254.

O. 16. verſ. 5. Eſcuro ſonho. As portas, por onde os ſonhos ſahem do Abyſmo, guiados por Morfeo, deſcreve com elegancia Virgilio, e outros Poetas Latinos, e Gregos.

Nota 255.

O. 21. verſ. 1. Brunaferro, o Troglodita. Chamey Brunaferro, a eſte barbaro, compondo o nome de Bruno, que em Italiano, e em outras lingoas, ſignifica cor eſcura, ou negra, e de ferro, fazendo-o Troglodita, Povo barbaro de Africa, na Ethiopia, perto do Seyo Arabico, hoje chamado golfo de Omus.

Nota 256.

O. 21. verſ. 2. Ceraſtes. Saõ Serpentes venenozas de Africa, e os cornos, que tem, e em Grego ſe chamaõ ceros, lhe deraõ o nome, e digo, que ſe alimentou com eſte veneno, porque aſſim ſe conta de Mitridates Rey de Ponto, a quem naõ fazia mal a peçonha, por habituarſe a ella.

Nota 257.

O. 21. verſ. 4. A Gorgona. Já expliquey, como a Gorgona Meduza tinha por cabellos Serpentes, a quem digo, que os de Brunaferro imitavaõ no retrocido, e no venenozo.

Nota 258.

O. 23. verſ. 1. Lucidio. Para fazer hum retrato em oppoziçaõ ao de Brunaferro, imagine eſte galhardo Francés, que foy deſpo-

deſpojo da ſua barbaridade, e com o ſeu martirio motivo do ſeu caſtigo.

Nota 259.

O. 26. verſ. 7. Soldaõ de Babilonia. Os Mouros de Eſpanha foraõ muito tempo tributarios do Soldaõ de Babilonia, e deſte, dos Califas, e outros Soberanos, ſe póde ver a Africa de Marmol, e a hiſtoria dos Mouros de Eſpanha de Bleda.

Nota 260.

O. 27. verſ. 8. Falſo Paraizo. Mafoma no ſeu Alcoraõ promette aos Mouros hum Paraizo de delicias ſenſuaes, e groſſeiras.

Nota 261.

O. 34. verſ. 8. Antes nas armas, e depois nas letras. Como conto a gloria militar de Coimbra, na ſua defenſa pelas armas, pronoſtico, a que hade adquirir alguns ſeculos depois com a ſua inſigne Univerſidade pelas letras.

O. 37. verſ. 1. No Plenilunio Cinthia. Eſta Outava deve explicar-ſe, debaixo de huma ſó annotaçaõ. Cintia, que he o nome, que ſe dá á Lua, como já diſſe, ſuponho no plenilunio vulgarmente Lua chea, que he quando eſtá a noſſo reſpeito diametralmente oppoſta ao Sol, que aſſim a ilumina mais, e lhe chamaõ plauſtro Apolineo, que he o meſmo, que carro de Apolo, a quem de noite ſubſtitue com o luar, termo que ſem fraze tem ſó a lingoa Portugueza. Os encantos ſempre buſcavaõ o tempo da Lua chea: entre os Poetas, e Autores, que aſſim o eſcrevem, o diz Marino no ſeu Adonis.

Talſirena aſpettó, che pieno aveſſe
Cintia del orbe ſuo le parti ſceme.

E aſſim digo, que eſtava expoſta aos canticos, ou invocaçoens magicas, que aprendiaõ, em hum clauſtro horrivel dentro de outro circulo, como diz o Poeta.

Carmina de cœlo poſſunt deducere lunam.

Iſto entendiaõ, que naſcera do engano de huma feiticeira, que vendo, que os Povos ruſticos de Theſſalia naõ conheciaõ os eſpelhos, lhes moſtrou dentro de hum a imagem da Lua chea, perſuadindo-nos, a que com a força dos ſeus verſos, fazia vir a Lua do Ceo á terra, quando queria. Huma pequena nuvem, que veyo da parte do auſtro ao Sul, vento tempeſtuozo, e naõ da do Favonio, que vizinho ao Norte he favoravel, encobriu a luz da Lua; e como a eſte Planeta, ſe atribue a prata entre os metaes, por eſſa razaõ com expreſſaõ poetica digo, que quando a eſcureceo, lhe falſificou a ſua imagem argentada como ſe foſſe

ſoſſe huma medalha de prata, em que eſtava gravado o ſeu roſto.

Nota 263.

O. 38. verſ. 1. Cipo. He o Cipo, hum dos monumentos da antiguidade, que ainda exiſtem, e era huma pedra, com alguma inſcripçaõ, que ſe punha nas eſtradas, para enſinar o caminho, ou para fazer memoria de algum ſucceſſo raro; acha-ſe nas medalhas, Hottinger no liur de Cipis hebræorum lhe dá outros uſos.

Nota 264.

O. 38. verſ. 4. Liſipo. Famozo eſtatuario, a quem Alexandre ſó permitia, que fabricaſſe as ſuas eſtatuas, como a Apeles, que fizeſſe os ſeus retratos, e entre os Eſcultores antigos, o que fez mais obras, floreceo 364. annos antes do naſcimento de Chriſto.

Nota 265.

O. 40. verſ. 2. Eólo, &c. Eólo Rey, e Deos dos ventos, ſe toma aqui pelo meſmo vento. Arvores rebeldes de Apolo, ſaõ os Loureiros, aludindo ao rigor de Dafne. Triforme Deidade, he a Lua, que aſſim ſe chama no Ceo, nos boſques Diana, e nos abiſmos Porſerpina, e neſtas duas ultimas propriedades, moſtro, que o boſque era eſpeſo, e eſcuro.

Tria virginis ora Dianæ.

Nota 266.

O. 42. verſ. 5. Plutaõ. Plutaõ era filho de Saturno, e irmaõ de Jupiter Deos do Inferno, que favorece a arte perniçioza da magica.

Nota 267.

O. 42. verſ. 7. Deos Pithio. He Apolo aſſim chamado por matar a Serpente Python, e deu o nome ás Pitonidas, e huma das quaes, como da meſma Eſcritura conſta, fez aparecer a Saul a alma de Samuel.

Nota 268.

O. 43. verſ. 2. Intrincado Labirinto. Labirinto de Creta, era aquelle edificio, que dizem, guardava o Minotauro, fruto do amor brutal de Paſife, irmaã delRey Minos, e onde todos ſe perdiaõ, e ſó Thezeo ſe dezembaraçou com o fio, que lhe deo Ariadna, que foy ſeguindo, quando entrou, e quando ſahio.

Nota 269.

O. 43. verſ. 5. Paros, e Corinto. O marmore de Paros Ilha do mar Egêo, era o mais celebre, e o metal de Corinto, ſe compoz em hum incendio daquella grande Cidade do Polonezo

ponezo dos muitos metaes, que caſualmente, correndo fluidos com o fogo, fundiraõ aquelle preciozo mixto.

Nota 270.

O. 45. verſ. 4. Jonicas colunas. Entre as cinco ordens da architetura, que ſaõ a Toſcana, Dorica, Jonica, Corinthia, e Compoſita, ſaõ as colunas Jonicas, das mais eſtimadas, vejaõſe as ſuas proporçõnes em Vitruvio.

Nota 271.

O. 48. verſ. 5. Campaſpe. Neſta iluzaõ do Palacio da gloria, ſe reprezentaõ a Henrique, as obras mais famozas dos Pintores antigos, e bem notorio he, o ſucceſſo de Apeles, que endoudecendo pelo amor de Campaſpe, a quem retratou por ordem de Alexandre, que a amava, eſte magnanimo Principe lha deo para eſpoza.

Nota 272.

O. 48. verſ. 6. Duas Venus. Eſtas duas pinturas de Venus,

Nota 273.

O. 48. verſ. 7. Anadiomene. Venus Anadiomene, foy a que pintou Apeles ſahindo do mar, e iſto lhe deu o nome, foy eſte quadro taõ eſtimado, que Auguſto o conſagrou no Templo de Julio Cezar.

Nota 274.

O. 49. verſ. 4. Ifigenia. Tendo Agamenon promettido ſacrificar a primeira couſa viva, que o encontraſſe, quando voltou da expediçaõ de Troya, foy eſta a bela Princeza Ifigenia ſua filha. Querendo o celebre pintor Thimantes pintar eſte Sacrificio, exprimio nos ſemblantes de todos os que aſſiſtiaõ diverſos afectos de fina magoa, mas chegando a pintar o roſtro de Agamenon lhe pareceo, que nem o debuxo, nem as cores podiaõ dar a conhecer a inexplicavel pena de hum Pay afflito, e lhe cobrio o roſtro com o meſmo lenço, com que enxugava as lagrimas.

Nota 275.

O. 50. verſ. 1. Xeuxis. A competencia de Xeuxis com Parraſio ſe reduzio a pintar aquelle, humas uvas (que he o fruto, que Baco aperta, em que vieraõ picar os paſſaros) porém Parraſio pintou huma cortina em hum quadro, que Xeuxis quiz correr, cuidando que era verdadeira, e perdeo o premio: deſtas, e outras pinturas ſe veja Plinio na hiſtoria natural.

Franciſco Junio de Pictura veterum, e Topi Vite de Pittori antichi.

No-

Nota. 276.

O. 50. verſ. 5. Protogenes. Protogenes fez entre outros quadros famoſos, o do Caçador Jaliſo, a quem deu para reſiſtir ao tempo triplicadas tintas, porque ſe ſe gaſtaſſe a primeira, foſſem ficando as outras.

Nota 277.

O. 50. verſ. 7. Jaliſo. Jaliſo era Paſtor, ou Caçador que ſe pinta com hum caõ, e ſe louvava o ſer robuſto, e veloz, e dizem deu ſeu nome á Cidade de Jaliſo, na Ilha de Rhodes.

Nota 278.

O. 51. verſ. 1. Parraſio. Parraſio foy hum Pintor celebre, competio com Zeuzis, veja-ſe a nota 275. Com os exemplos dos que foraõ conſtantes no primeiro amor, ſe perſuade pela fingida Matilde a Henrique, para que deixe o de Thereza.

Nota 279.

O. 51. verſ. 6. Orfeo. Moſtra-ihe, que Orfeo conſtante no amor de ſua Eſpoſa Euridice, a favor da ſuavidade da ſua Lira, a reſgatou do abiſmo, para onde voltou em caſtigo da ſua curioſidade

Nota 280.

O. 52. verſ. 1. Hypſicratea. Os exemplos deſta Oitava ſaõ do amor conjugal, pois Hypſicratea, mulher de Mitridates Rey de Ponto, depois de vencido eſte por Pompeo, o ſeguio na guerra, veſtindo-ſe á Perſiana.

Linceo foy o unico, a quem Hipermneſtra livrou da morte, entre os cincoenta filhos de Bello, a que mataraõ outras tantas filhas de Danao, as quaes pagaõ querendo no Inferno eſgotar hum tanque com hum crivo, a ſua infidelidade. Proteſiláo foy o primeiro, que deſembarcou em Troya, foy a quem livrou da morte Aquiles, amante de Deidamia. E foy Laudamia, taõ fina eſpoſa de Protiſiláo, que porque Hector o matou, pedio aos Deoſes lhe deixaſſem ver a ſua ſombra, e conſeguindo-o, morreo de pena.

Nota 281

O. 53. verſ. 1. Apollodoro. Digo, que foy Apollodoro o Pintor, e quem pintou a hiſtoria da conſtancia de Penelope a ſeu eſpozo Uliſes, defendendo-ſe em Ithaca das violentas inſtancias de ſeus amantes, como cantou Homero, a quem chamaraõ Miliſignes, pela razaõ que já dey nas advertencias preliminares, era Apolodoro Athenienſe, e foy o primeiro, que ob-

ſervou a proporçaõ dos corpos, e inſigne no debuxo, e colorido.

Nota. 282.

O. 54. verſ. 1. Calipſo e Circe. Quem leo a Odiſſea de Homero, ou a Oliſſea de Gabriel Pereira, naõ póde ignorar os encantos, com que Calipſo, e Circe, quizeraõ embaraçar a Uliſes com delicias, a que voltaſſe a ver ſua eſpoza Penelope, ſem que o conſeguiſſem. Licó foi caſtigado, por deixar a ſua eſpoza Antiope por Dirce, que foy convertida em Fonte, perdendo os ſeus dois primeiros filhos.

Nota 283.

O. 58. verſ. 3. Matilde. Apparece em fim a fantaſtica Matilde, tendo dito, que Pedro, e Sibilla filhos de Henrique eraõ vivos, mas naõ que eraõ Muley, e Aldara, e eu com a permiſſaõ de Poeta digo, que ſaõ verdadeiros eſtes fingmentos, para adornar o Epizodio.

Nota 284.

O. 70. 1. verſ. Acho ſempre, que á gruta buſco a boca. Depois que a fingida Matilde quer perſuádir falſamente a Henrique, que a tiraraõ viva da ſepultura em Bayona, donde veyo buſcallo a Portugal, e que por premio do ſeu amor a conduzira a Sibilla ao Palacio da gloria, que ſe communicava com a ſua gruta, lhe refere as maravilhas, e delicias de que gozava para o tentar, a que abandonaſſe ſua verdadeira eſpoza.

Nota 285.

O. 71. verſ. 1. Nelle vejo os problemas. A primeira tentaçaõ he enſinar-lhe os problemas, e ſegredos, que nunca ſe deſcubriraõ, ou que nos ſeculos futuros ſe inventaraõ, e os ſiſtemas da nova Filoſofia.

Nota. 286.

O. 72 verſ. 1. Eſſa pedra. Promete Matilde a Henrique, enſinar-lhe a fazer a pedra Filoſofal, e explicando-ſe com os meſmos termos, que os enigmas dos Alquimiſtas, diz que he Elixir, e tirado de materia celeſte, que hade fixar o Mercurio primeira cauſa do ouro, e mais permutaçoens deſta arte fabuloza.

Nota 287.

O. 73. verſ. 1. Vitrificaçaõ. O ouro quando ſe expoem aos rayos unidos do eſpelho uſtorio, e convexo ſe reduz a vidro, mas os Chimicos querem, que a pedra Filoſofal tenha a cor, e eſmalte da vitrificaçaõ, mas que ficando branda para penetrar os poros dos metaes, tenha a firmeza do ouro.

No-

Nota 288.

O. 73. verſ. 7. Panacea. Naõ prometem menos os profeſſores, que a riqueza, e a ſaude, e elles ſaõ os primeiros, que naõ coſtumaõ ter huma, nem outra; porque ambas ſe lhes diſſipaõ no fogo, e aſſim chamaõ á pedra Filoſofal Panacea, que ſignifica univerſal medicina. Eſte nome ſe vulgarizou applicandoſe a alguns remedios, que o naõ merecem; porque o que ſe applica a todas as doenças, coſtuma curar poucas, pois he dificil, que os achaques, e os temperamentos achem hum remedio univerſal, ſendo taõ diverſas, depois que Deos mandou guardar com huma eſpada de fogo o pomo da vida.

Nota 289.

O. 74. verſ. 4. Filacteres. Eſte nome ſe diriva de Philos, que em Grego ſignifica Amor, e ſe dá aos eſcriptos, a que ſe attribue cauſar magicamente eſta paixaõ, vulgarmente chamados carta de tocar.

Nota 290.

O. 74. verſ. 8. O Amor filho do crime, e da violencia. Naõ he impropria eſta origem do amor criminoſo, de que ſe attribuem á arte magica violentos, e criminoſos effeitos.

Nota 291.

O. 75. verſ. 8. Huma ſetta de chumbo. Depois de explicar a projecçaõ chimica, conclue comparando os effeitos da pedra filoſofal, de que hum he transformar o chumbo em ouro, com os do Cupido, de quem a fabula diz, que com as ſettas de chumbo cauſava odio, e amor com as de ouro.

Nota 292.

O. 76. verſ. 2. E a pedra. O Magnetiſmo da terra naõ ſe póde explicar por princípios fiſicos, e mathemathicos em huma breve nota, porém com elle he attrahida, veja-ſe Rohault na ſua Fiſica, porèm he certo, que a pedra de cevar ſe naõ conheceo entre os antigos, mais que por attrahir o ferro, mas naõ por buſcar o polo do Norte, e no tempo do Conde D. Henrique, ou pouco depois, dizem, que ſe acha em hum Poeta Francez, que havia huma pedra amante do Polo; chamavaſe o Poeta Guiot de Provines; os ſeus verſos traz Faucher, e dizem que pelos annos de 1200. ſe principiou a conhecer, que buſcava o polo.

Nota 293.

O. 76. verſ. 3. Fogo central. Como o fogo do Inferno he

material, diſcorrem alguns Filoſofos como Kirker no ſeu Mundo ſubterraneo, o Padre Gaſpar Scoto no ſeu tratado da origem das fontes, que deſte fogo, e naõ ſó do calor do Sol ſe formaõ os metaes. e ſe produzem outros effeitos dentro na terra, a que os rayos do meſmo Sol naõ pódem penetrar.

Nota 294.

O. 76. verſ. 5. Paraleliſmo. Eſte termo ſe dá no ſiſtema de Copernico a hum terceiro movimento, qne ſuppoem na terra para conſervar o ſeu eixo paralelo ao do univerſo, e ſe advirta, que eſta opiniaõ, que ſe ſegue como Hypothezi, ou ſuppoſiçaõ, aqui ſe trata poeticamente, ainda que pareceſſe, que ſe affirmava pódem ſatisfazer-ſe os eſcrupuloſos, com que aqui he o Demonio quem falla, e naõ coſtuma dizer a verdade, e em huma diſſertaçaõ que fiz, ſe poderá ler largamente eſta materia, ſobre que ſe acha tanto eſcrito, e dizem que eſte movimento ſe naõ ſente pelo coſtume, e que tambem com a terra ſe move o ſeu ambiente, que he a regiaõ do ar, que lhe eſtá mais veſinha.

Nota 295.

O. 77. verſ. 1. Cubo duplicado. A duplicaçaõ da Cubo he hum problema de Geometria, que ainda ſenaõ reſolveo por ſenaõ ter achado medida certa às linhas Diagonaes, que ſaõ as que correm de canto a canto, e por iſſo ſe chamaõ ainda, incommenſuraveis.

Nota 296.

O. 77. verſ. 3. Com o circulo quadrado. A quadratura do Circulo ſenaõ tem deſcuberto ainda perfeitamente, porque ſenaõ acha a proporçaõ da linha do Diametro com a da circunferencia, que em Gtego ſe chama periferia. Entende-ſe, que a differença mais proxima de huma a outra linha, naõ he como 7. para 22. como lhe dava o inſigne Archimedes, mas de 113. para 355. como lhe aſſignalla Adriano Metio, ainda aſſim ſenaõ ajuſta.

Nota 297.

O. 77. verſ. 5. Moto perene. A mecanica, que he huma das partes mais nobres, e mais uteis da Mathematica, contra a vulgar ſignificaçaõ, que ſe dá ao ſeu nome, tem ainda entre os ſeus ſegredos naõ deſcubertos, o do movimento perpetuo, em que a mayor difficuldade eſtá na duraçaõ dos inſtrumentos, que ſe lhe haõde applicar, para que o primeiro impulſo ſe vá ſempre reſtaurando, depois de voltar do centro da gravidade.

No-

Nota 298.

O. 77 verſ. 8. Se o pendulo. O famoſo Holandez Huygens achou a medida da Cicloide, e por ella ajuſtou as vibraçoens, e oſcilaçoens do pendulo, que logo applicou com grande utilidade para a certeza dos relogios; e ſe houveſſe hum, em que eſte movimento perfeitamente ſe ajuſtaſſe, e naõ ſe alteraſſe com a agitaçaõ dos Navios, ſe acharia a deſejada certeza da navegaçaõ de Leſte ao Oeſte para o ponto fixo das longitudes comparando a hora, que moſtraſſe o Sol como o relogio da Pendula aſſignalaſſe, que havia de ſer a que entaõ foſſe no Porto de que ſahio o Navio, por onde ſe ſaberia pela differença dos meridianos, e parallelos, quanto ſe tinhaõ apartado para o Oriente, ou para o Occidente

Nota 299.

O. 78. verſ. 1. Antecipar preſume. Naõ ſó promette a enganoſa Sybilla para tentar ao Heroe os problemas, e inventos que ainda ſe naõ deſcobriraõ, mas os que no ſeu ſeculo naõ eſtavaõ deſcubertos: entre eſtes foy hum dos mais uteis o da impreſſaõ; e aſſim o ſeu inventor, como o verdadeiro anno, em que principiou, naõ eſtá de todo averiguado, mas a opiniaõ mais commua he que eſta gloria ſe deve á Cidade de Moguncia, primeiro Eleitorado de Alemanha, onde Joaõ Fauſto, ou Fuſt, e Joaõ Gutemberg com humas letras abertas em huma taboa que encheraõ de tinta, foraõ aperfeiçoando eſta Arte, e aggregaraõ Pedro Schefer entre o anno de 1442. e o de 1450. porque antes deſtes naõ ha com certeza livro impreſſo. A Cidade de Harlem em Holanda diſputa eſta gloria como patria de Lourenço Cuiter, a quem dizem furtaraõ o ſegredo os dois referidos de Moguncia ſendo elle ſeu hoſpede. He certo, que os Europeos acharaõ já eſta Arte na China, onde era muito antiga, e o meſmo dizem da Polvora.

Nota 300.

O. 78. verſ. 7. Microſcopio. Oculo de ver couſas pequenas, como diz o ſeu nome Grego, e ha quem affirme, que com elle ſe vem inſectos de que o Oiſaõ, que era o mais pequeno, que ſe via com os olhos, faz tanta differença, como o Elefante fazia ao Oiſaõ: com eſte inſtrumento ſe tem deſcuberto, que os Medicos, e Filoſofos antigos diſcorreraõ erradamente por falta de huma taõ util invençaõ reſervada para os ſeculos mais modernos.

No-

Nota 301.

O. 78. verſ. 8. Teleſcopio. Oculo grande para obſervar as Eſtrellas, como tambem diz o ſeu nome, e ſaõ tantas as que ſe deſcubriraõ com eſte excellente inſtrumento, que ſendo ſó, como já apontey 1022. as que ſe vem com os olhos, ſó na Conſtelaçaõ de Orion ſe achaõ quaſi outras tantas; a elle devemos ver os Satelites de Saturno, e os quatro de Jupiter, de que as continuas emerſoens, e eclipſes deraõ pelas taboas Loxodromicas tanta luz ás longitudes.

Nota 302.

O. 79. verſ. 1. Contar do tempo. A invençaõ dos relogios, que ſe propoem a Henrique, poderia ſer já conhecida no ſeu tempo, pois ſe affirma que Hayton Rey de Armenia mandou ao Emperador Carlos Magno, pouco depois do anno de 800. hum relogio de horas com muitos movimentos diverſos, mas antes do anno de 1300. naõ foy mais conhecida em Europa; ao menos em Portugal, eſta admiravel invençaõ, que tanto ſe aperfeiçoou em Inglaterra, e com o pendulo, como já diſſe, veja-ſe o excellente Poema, que em louvor dos relogios eſcreveo Hieronymo Preti Poeta Italiano, e principia,

Fabricando ſonora, e viva mole;
L' arte ſi moſſe ad emular natura.

Nota 303.

O. 79. verſ. 7. Panecio. O Filoſofo Panecio enſinou, como diz Cicero, excellentes maximas militares ao grande Scipiaõ Africano. Veja-ſe no livro 3. de Officiis.

Nota. 304.

O. 79. verſ. 8. Vegecio. Flavio Vegecio Varaõ conſular, que floreceo no .... ſeculo eſcreveo a Arte militar mais completa, que temos dos antigos, e ſe imprimio na ediçaõ de 4. de do anno com excellentes notas de varios Autores, e alguns lugares ſe explicariaõ melhor ſe ſerviſſe hum manuſcriro do meſmo tempo do Conde D. Henrique, que ſe conſerva na Livraria Ericeiriana.

Nota 305.

O. 80. verſ. 8. Germania. Invençaõ da polvora veyo de Germania, ou Alemanha, e ſe atribue a hum frade chamado Bertoldo Schuartz, que ſignifica negro, no decimo quarto ſeculo. Dizem que uzaraõ primeiro della os Turcos no ſitio de Rodes, e em Portugal foy conhecida no de Liſboa no tempo

del

delRey Dom Joaõ o primeiro, de que eu vi ainda na Fortaleza de S. Juliaõ da Barra de Lisboa as primeiras peças muito informes chamadas Trons, que atiravaõ com balas de pedra de que os Turcos ainda uſaõ nas ſuas Sultanas, lançando-as de extraordinaria grandeza, nas nàos dos Condes do Rio grande, e S. Vicente, quando eſtes os venceraõ nos mares de Grecia, como já referi no ſegundo canto. Nota. 306.

O^c 81. verſ. 1. Dois mineraes a hum material unidos he bem vulgar que os dois mineraes ſaõ o ſalitre, e o inxofre, e o material o carvaõ, e que deſtes tres ingredientes ſe faz a polvora.

Nota 307.

O^c 85. verſ. 1. O ſitio fórma: como a Sybila moſtra a Henrique em profecias os effeytos da polvora, como no ſeu Orlando furioſo alegueý nas advertẽcias preliminares fizera o admiravel Arioſto, tambem em poucos verſos deduzi os termos da fortificaçaõ moderna na expugnaçaõ, e defenſa das praças que vay neſta oitava, e na ſeguinte, e de que ſupponho, que os meus leitores eſtaraõ inſtruidos, podendo ver as ſuas difiniçoens entre outros autores no eſtimavel Livro intitulado Engenheiro Portuguez que compoz o Sargento mòr de Batalha, e Engenheiro mòr Manoel de Azevedo Fortes, meu Meſtre da Filoſofia Carteziana, e de algumas partes da Mathematica, que me naõ tinha enſinado o incomparavel Manoel Pimentel Coſmografo mor.

Nota 308.

O^c 87. verſ. 1. Exalaçoens: tambem pintey hum fogo artificial comparando os frutos das ſuas arvores com os pomos de ouro do jardim Heſperio, já explicados.

Nota. 309.

O^c 90. verſ. 8. Da belliſſima Matilde: como eſte palacio da gloria humana he todo formado pelas illuſoens dos màos eſpiritos para preverter a virtude de Henrique, aſſim como hum tomou a fórma da morta Matilde, outro ſe transformou na virtuoſa Sibilla Herophile para authorizar eſta ficçaõ.

Nota 310.

O^c 91. verſ. 8. a Affonſo: Quer a falſa Sibilla perſuadir a Henrique, que Matilde eſtà viva, e que como tambem o eſtà ſeu filho Pedro, eſte deve ſuccederlhe, e naõ Afonſo, e que bem ſe vè, que o Ceo no embaraço com que lhe vedou o poder andar, jà moſtrou a inutilidade, tambem alegoricamente dà a entender, que pela meſma cauſa havia de ſubſtituir muitos ſeculos depois a ElRey Dom

Dom Affonſo ſexto o Infante Dom Pedro ſeu irmaõ.

Nota 311.

O^c 92. verſ. 7. Filha de Aclòo. as Sereas eraõ filhas de Aclòo, e ſuſpendiaõ com o canto, para matar depois a quem as tinha ouvido.

Nota 312.

O^c 92 verſ. 8. Canto Lidio. O canto Lidio, e a muſica Cromathica. O canto Lidio, he hum dos ſete, ou oito modos dos cantos antigos, he dos mais ſuaves, veja-ſe Prolomeo l. 2. cap. 10. e Merſeno de armonia: a Cromatica he a muſica, que tem muitos ſinaes, intervalos, cordas, e ſemitonos, que ſuſpendem, e admiraõ agradavelmente aos que a ouvem.

Nota 313.

O^c 93. verſ. 1. Alma do mundo. Os Filoſofos antigos entenderaõ que o mundo era animado, e Platão, que o amor era eſtá alma.

Nota 314.

O^c 94. verſ. 4. No antigo eſpoſo: Tythan eſpoſo de Aurora envelheceo de ſórte, que ella madruga por fugirlhe, e diz a fabula, que iſto ſuccedeo pelo deſcuido em que ella pedio aos Deoſes que lhe deſſem à immortalidade eſquecendo-lhe pedirlhe, que o perzervaſſem da velhice conſervando-o na idade juvenil em que eſtava.

Nota 315.

O^c 94. verſ. Acteon: Diana, que permittio por decoroſos os affectos de Endimion premiando-o em ſonhos, caſtigou por ſacrilega a curioſidade de Acteon, a quem tranformou em cervo porque a eſpreitou eſtando com as ſuas Ninfas no banho.

Nota 316.

O^c 96. verſ. 8. Amor gigante: já explicàmos a fabula de Clicie, e o Giraſol em que ſe converteo, ſe chama tambem Acantho, e flor gigante, por ſer a mais alta das flores.

Nota 317.

O^c 97. verſ. 1. Vibora: entre as fabulas que os antigos que eſcreveraõ a Hiſtoria natural affirmaraõ, e que os Oradores, Poetas, e Filoſofos moraes ſeguiraõ para as ſuas comparaçoens, deo a vibora baſtante aſſumpto, dizendo, que para que ſe naõ multiplicaſſe eſta eſpecie venenoſa, perde o pay a vida ao gèrar, e a mãy ao parir.

Nota 318.

O^c 106. verſ. 8. Tres talentos à conſtancia de Henrique

vay

vay deſcubrindo os enganos do genio maligno transformado na Sibilla, e lhe argue, que perſuadindo-o a que fique naquelle Palacio lhe difficulte o empregar no templo de Maria os tres talentos que lhe deo na gruta como vimos no Canto 2.

Nota 319.

O. 111. verſ. 1. Divina Aurora. He eſta oitava como todos advertiraõ huma traduçaõ fiel das palavras, que a Igreja applica a Noſſa Senhora nas ſuas liçoens: *Quaſi, aurora conſurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis, ut caſtrorum acies ordinata.*

Nota 320.

O. 112. verſ. 7. Giraldo. S. Giraldo Arcebiſpo de Braga Primaz das Heſpanhas floreceo em letras, e virtudes no tempo do Conde Dom Henrique, e por eſta cauſa o introduzi no Poema para o conſelho, para as acçoens do Sacerdocio, e para as inſpiraçoens, e milagres.

Nota 321.

O. 114. verſ. 8. A quinta de Reſende. S. Giraldo confirma com huma revelaçaõ, que tudo quanto tinha viſto Henrique, fora iluſaõ Diabolica, e o conduzio para a quinta de Reſende em que aînda hoje ſe conſerva a caſa, e a tradiçaõ de que nella ſe criara ElRey Dom Afonſo Henriques, e foy como digo na oitava ſeguinte da familia dos Rezendes, aquem herdou a illuſtre dos Caſtros hoje Almeirante de Portugal.

CANTO V.

Nota 322.

O. 1. verſ. 1. Dia do Sol. Como os dias da Semana eraõ dedicados aos ſete planetas, ſe applicava o Domingo ao Sol em quanto a verdadeira Religiaõ o naõ ſantificou.

Nota 323.

O. 2. verſ. 1. Contava a tradiçaõ. A hiſtoria do deſcubrimento da Imagem de Noſſa Senhora de Carquere, he aqui quaſi copiada da meſma que eſcreve Fr. Agoſtinho de Santa Maria, no Santuario Mariano. Sigo a opiniaõ de Faria, e outros, que atribuem a fundaçaõ ao Conde Dom Henrique em 1099. por cauſa do milagre, ainda que Cardoſo, e outros dizem que foy em 1131. por ElRey D. Afonſo Henriques ſendo Infante.

Nota 324.

O. 5. verſ. 4. Bronte. He Hyperbole como toda eſta oita-

va dizer que o caſtanheiro era taõ alto, que excedia à regiaõ das nuvens, e aſſim deixava inuteis os rayos na forja, onde Bronte, e Eſterope dois dos tres Ciclopes os fabricaõ. Naõ he fabula dizer que na terra ha montes mais altos que as nuvens, porque o Padre Fernando de Ovalle Jezuita de grande fé, refere na ſua Hiſtoria de Chili, que foy com alguns companheiros ao cume de Serranevada chamada Cordillera, e Andes na America, onde achou, que as nuvens, vento, chuva, e rayos cahiaõ ſobre a terra ficandolhe elles ſuperiores, e para reſpirarem em elemento taõ puro levaraõ remedios humectantes, com que ſempre eſtavaõ molhando a boca, e os narizes.

Nota 325.

O. 6. verſ. 2. Hamadriadas. Ninfas que eſtaõ nas arvores, como fingio a fabula, e ſignificaõ a ſua alma vegetativa, como ella com os ſeus Filoſofos ſe explicavaõ, naõ conhecendo ainda que ha nas arvores huma circulaçaõ de Suco como nos homens, e nos brutos, e que o ſecarſe hum ramo he como ſe faltaſſem os eſpiritos, paraſſe o ſangue, donde procede nos homens a Paralyzia. Inveſtigou melhor, e deſcobrio a anatomia das Plantas, o celebre Mapighi. Nota 326.

O. 6. verſ. 5. Sacro metal Sonoro. O Santuario Mariano ja alegado conta que a imagem de Carquere ſe achou no concavo do tronco de hum caſtanheiro dentro de hum pequeno ſino.

Nota 327.

O. 7. verſ. 2. Dodona. As arvores de boſque de Dodona em Grecia reſpondiaõ como Oraculos, e lhes dava eſte uſo Jaſon, conſultando o maſtro grande da ſua nao Argos, que era feito de huma deſtas arvores.

Nota 328.

O. 11. verſ. 5. Paladio. O Paladio foy a cauſa do incendio de Troya ſendo dedicado a Palas o cavallo de Madeira, que encubrio os Gregos que à abraſaraõ, e era o Paladio o ſimulacro de Palas, que cahio do Ceo em hum templo de Troya; e como naõ podia ſer ganhada, ſem o roubarem, o conſeguiraõ Ulyſes, e Diomedes. Nota 329.

O. 12. verſ. 6. Claràval. Profetiza S. Giraldo, que o Reyno de Portugal ſempre ſeria glorioſo, pois o Conde Dom Henrique o fundava com o templo de Noſſa Senhora de Carquere, e ElRey D. Afonſo Henriques o faria feudatario a Noſſa Senhora de Claràval, que he o Orago em França da Ordem de Ciſter que S. Bernar-

nardo entaõ tambem fundava, e pronoſticou ao meſmo Rey as mayores fortunas. Nota 330.

O. 12. verſ. 6. E hum Joaõ. FlRey Dom Joaõ o quarto depois da ſua feliz aclamaçaõ, jurou a Conceiçaõ Immaculada, e a declarou protectora do Reyno pagando-lhe cada anno hum feudo em medalhas de ouro dedicadas a eternizar eſta devoçaõ, e ſe offerecem pelos Reys ſeus ſucceſſores na ſua Real Capella para ſe pagarem à Conceiçaõ de Villa Viçoza.

Nota 331.

O. 2. 6. verſ. 6. Circes, e Medèas. A formoſura de Axa, e de Aldara, naõ neceſſitava dos encantos com que Circe quiz deter Ulyſſes, nem dos de Medea, que pelo amor de Jaſon fez pela ſua magica tantos prodigios em Colcos para roubar o Velocinio de ouro, e depois cioſa de que elle ingrato a deixaſſe por Glauca, ou Creuza filha de Creon Rey de Corintho, as queimou, e deſpedaçou os dous filhos que a meſma Medea tinha de Jaſon, e quando antes do incendio do ſeu Palacio apparecendo pelo ar em hum carro de Dragoens de fogo, elle duvidou, que lhe pudeſſe fazer dano quando tinha experimentado os portentos com que lhe tinha guardado a vida, lhe reſpondeo ella com aquelle admiravel Dilema, que nos conſervou Quintiliano ſendo quaſi o unico fragmento, que permanece da tragedia de Medea compoſta por Ovidio, e julgada por igual ás melhores dos Gregos.

Servare potui, perdere an poſſim rogas?

Veja-ſe Quintil. inſt. Orator. L. 10. cap. 1. Ov. Metarmorph.

Nota 332.

O. 37. verſ. 1. Roberto. No principio do primeiro Canto ſe leo, que Roberto quando pela ſua parte rebateo no aſſalto de Gaya ao aſtuto Muſtafà lhe deo a vida, e o captivou, o que Axa lhe lembra para mudar-lhe a generoſidade de Roberto em ter ſó o intento de perpetuarlhe com a vida, a ignominia, facilitando lhe a ſua confiança meyos da fuga pois lhe deixava toda a liberdade no campo em que andava livre.

Nota 333.

O. 38. verſ. 1. Frio Herminio. Jà ſe diſſe que era a Serra de Eſtrella, e Axa encaminha a Muſtafá para que deſde Lamego a và buſcar, e della venha ao Tejo para entrar na Eſtremadura, ou paſſar ao Alentejo ambas dominadas pelos Mouros.

Nota 334.

O. 39. verſ. 2. Galego, e Portuguez. He o Dialecto, que

diz o primeiro verſo hnma diverſidade da meſma lingoa nas Provincias em que ſe falla, de qne os Gregos tinhaõ cinco que todos eraõ permitidos aos Poetas. O Galego, e o Portuguez ſaõ dois dialectos de Eſpanha. O eruditiſſimo Feijoo no ſeu Theatro Critico pertende, que a lingua Galega ſeja a de que ſe diriva a Portugueza, e ſendo corrupcaõ chamado Romance da Romana: porèm Martinho de Mendoça e Pina noſſo douriſſimo Academiço, reſpondeo eruditamente a eſta opiniaõ em hum papel, que imprimio anonimo, e eu no juizo que fiz da incomparavel obra do Theatro Critico acreſcentey novos fundamentos ſendo hum delles Dom Joſé Pellicer no ſeu tratado da lingoa primitiva de Heſpanha em que pertende provar, que a primeira que nella ſe fallou foy a do Fuero Juſgo, e eu procuro moſtrar que eſta he mais Portugueza antiga que Galega.

Nota 335

O. 40. verſ. 4. Clorinda. Clorinda Rainha de Gaza he a Heroina de Taſſo entre os Mahometanos, eu lhe atribuo eſta guerra de Perſia, e eſta diſcipula Ermaſinda, que ao menos me deo hum conſoante.

Noto 336.

O. 41. verſ. 3. Ave de Marte. O Gallo como ſintinella tambem he Ave de Marte deos da guerra, e os antigos dando huma razaõ eſpeculativa ao ſeu canto da meya noite chamado Galicinio dizem com pouco fundamento que he porque o Sol paſſa naquelle inſtante diametralmente por debaixo dos ſeus pèz nos ſeus antipodas, e o poſto meridiano do inferior emisferio.

Nota 337.

O. 42. verſ. 4. Vay deſconhecido. Da origem de eſcrever por cyfra ha pouca noticia na antiguidade, e menos da maravilhoſa arte de decifrallas, a que ſedá o nome de poligrafia. Hum dos primeiros, que tratou das regras de cifras foy o AbadeTrithemio, e quem eſcreveo melhor da arte de deſcifrar foy o Duque de VVirtemberg, tambem ſe chama eſta arte Steganographia.

Nota 338.

O. 42. verſ. 8. Com a Imagem da guerra. Bem ſe deixa ver que he a caça, conforme aó ſabido verſo.

O caça viva imagen de la guerra.

Nota 339.

O. 48. verſ. 1. Da Lua. Dia da Lua he a ſegunda feira, e a lingoa Portugueza entre as polidas he ſó a que tirou a memoria do

do Gentiliſmo nos dias da ſemana chamando com a Igreja ſegunda feira, ou feria, porque ſe corrompeo, a eſte, e a os outros dias de que he o Domingo o primeiro depois do Sabbado, e por iſſo ſe chamava com os Hebreos, como ſe vé no Euangelho da Paſchoa, Prima Sabati, a que outros diziaõ, Una Sabatorum.

Nota 340.

O. 49. verſ. 5. Exalta Luminoſo. O Polo do Norte aqui ſe chama de Caliſto porque he o nome da Vrſa mayor, que com a menor chamada Cynozura lhe eſtaõ vizinhas: Lisboa eſtà em 38. gràos, e 45. minutos de latitud.

Nota 341.

O. 49. verſ. 8. Nove mil vezes. As legoas Portuguezas tem cada huma tres milhas de Italia, que cada huma he de mil paſſos geometricos de que ſe formou o nome de milha, e de Lamego ao templo de Carquere ſe contaõ pouco menos de tres legoas. Das Portuguezas faziaõ 17. legoas, e meya, hum grào; porèm por evitar o quebrado, introduzio juſtamente Manoel Pimentel na ſua incomparavel arte de navegar, que cada grào do circulo da terra ſe contaſſe por 18. legoas Portuguezas com que tem o ſeu circulo maximo multiplicando-as por 360. gràos 6480. legoas.

Nota 342.

O. 51. verſ. 5. Leys Olimpicas. Bem ſe ſabe que os jogos Olimpicos foraõ os mais celebres de Grecia, e porque ſe celebravaõ de quatro em quatro annos ſe contava o tempo por Olimpiadas.

Nota 343.

O. 51. verſ. 7. De Iſthmo, ou Nemeo, e ainda o grande Pitio. Dos jogos Iſthmicos porque ſe celebravaõ no Iſtmo de Corintho fiz jà memoria. Os Nemeos ſe conſagraraõ a Hercules por matar o Leaõ Nemeo, os Pitios a Apolo por vencer a Serpente Pithon, de donde ſe chamou Pitio, como ja adverti no quarto Canto, todos podem verſe em Natal Comes na Mythologia, e em muitos filologos.

Nota 344.

O. 52. verſ. 1. Muza, que o entuſiaſmo, e vaticinio. A invocaçaõ da muza no meyo do Poema he muito uſada, baſte para exemplo Camoens, que tendo invocado no principio as Tagides, invoca a Caliope.

Agora tu Caliope me enſina,
O que contou ao Rey o illuſtre Gama.

Entuziaſmo he o furor, ou nobre loucura dos poetas, vaticinio o que pronoſticaõ, e por iſſo foraõ chamados vates; e eu bem poſſo

posso neste lugar invocar huma Muza Sacra, como fiz no principio de Poema, pois os jogos eraõ tambem Sacros dedicados à fundaçaõ do templo da Virgem Maria. Lembro primeiro à Muza os jogos, que Homero descreveo no fim da Iliada consagrados por Achiles nas exequias de seu amigo Patroclo filho de Menetio, e chamado Menetiades, e naõ sey como naõ quiz algum ignorante adulador dar aos Menesses esta fabuloza origem como seriamente se atribuio a algumas, pella semelhança dos nomes.

Nota 345.

O. 52. vers. 3. E nos do Pay do fundador Lavinio. Virgilio no quinto livro da Eneada cantou com estillo sublime os jogos que celebrou Eneas depois esposo de Lavinia, e fundador do Reyno de Italia:

Lavina que venit litora,

na morte de seu Pay Anchizes.

Nota 346.

O. 52. vers. 5. Papinio. Estacio Papinio descreveo com grande espirito, e muito largamente huns jogos na sua Thebaida, que como adverti, procurey imitar nesta parte, mas como elle reconheço, quando digo ao menos, e elle he inferior a Homero, e a Virgilio.

Nota 347.

O. 54. vers. 2. Cipariſſos. Foy Cipariſſo favorecido de Apolo, e pela sua morte tragica, foy transformado em arvore triste, e destinada para as pompas funebres.

Nota 348.

O. 55, vers. 1. O instrumento de Ceres. He a foice desta Deosa da Agricultura.

Nota 349.

O. 55. vers. 3. Volturno. He hum vento rapido.

Nota 350.

O. 56. vers. 2. Circo. Em quanto a Lua descreve o seu circulo de hum mez se previne na terra o circo, que he o lugar onde celebravaõ os antigos os jogos que chamavaõ Circenses, veja-se o douto livro que delles escreveo Onufrio Panvino.

Nota 351.

O. 76. vers. 8. Artur, e Carlos Magno. As verdadeiras historias deste dois heroes de que hum foy Rey da Graõ Bertanha, outro

tro Emperador Rey de França, ſe alterararaõ com muitas fabulas de Cavalleiros Andantes, e dos da Tabula redonda com muitos amores, e Torneios. Nota 352.

O. 58. verſ. 2. Ecliptica. He a Ecliptica o circulo, e caminho que faz o Sol em linhas eſpiraes na eſfera Celeſte, e corta o Zodiaco ſem paſſar dos dois Tropicos, e aqui ſe compara poeticamente ao lugar que occupavaõ as Princezas, e Damas, a quem os Poetas liberalmente naõ daõ menos, que dois Soes a cada huma. Nota 353.

O. 61. verſ. 5. Pan. As producçoens, que Pan vè transformadas ſaõ as canas mudando-ſe em huma a Ninfa Syringa fugindo o ſeu amor, e aſſim deſcrevo a feſta Heſpanhola do jogo das canas, qne he huma das mais luzidas, e ſe compoem de quadrilhas de ſeis cavalleiros cada huma de que hum ſe chama quadrilheiro, outro Mouraõ, veſtidos à mouriſca com marlotas, e capelhares, nomes proprios deſte trage, e cada huma he de cor diverſa, e nas feſtas Reaes ſe tiraõ eſtas cores por ſorte na Secretaria de Eſtado. Nota 354.

O. 61. verſ. 8. A maõ de Midas. Para dizer que as canas eraõ douradas lhe applico a fabula vulgar de que o avarento Midas Rey de Phrigia pedindo aos Deoſes que tudo o que tocaſſe ſe converteſſe em ouro, e ſuccedeo o meſmo com o que intentava comer, e morreu de fome, de que ſe originou o adagio: *Inopem me copia fecit.* Nota 355.

O. 62. verſ. 1. Opulento metal. O ouro, que he o metal mais rico, e que ſe atribue ao Sol, era ſem outra figura, o eſcudo antigo dos Menezes que tomaraõ o axpelido em Dom Tello Peres de Menezes filho de D. Pedro Bernardo, e Senhor de huma Villa deſte nome, e de outras muitas. O Padre Meneſtrier na ſua Sciencia do Brazaõ, em que he texto, traz pelo primeiro exemplo da regra das Armas o eſcudo de ouro puro, que traſia Dom Joaõ de Meneſes, que caſou com Maria de Borgonha, que ignoramos quem foſſe. Das mudanças deſte eſcudo naõ trato agora, e ſó do timbre em que fallaõ os dois ultimos verſos, direy, que he o que depois ſe lhe applicou fundado na hiſtoria fabuloſa de huma filha delRey Dom Sancho, ou Dom Ordonho de Leaõ, que eſteve em huma torre; e fugio com hum cavalhero, que a enganou caſando ella com Tello de Menezes, e em lugar do meyo corpo de mulher em huma torre que traziaõ por timbre os Condes de Cantanhede chefes deſta familia lhe deo ElRey Dom Manoel huma flor de Liz no meſ-

meſmo caſtello, que era ja huma parte do meſmo eſcudo no qual eſta Caſa de Cantanhede ja trazia as meſmas flores de Liz eſquartellando-as com as Armas de Portugal, e França ſobre poſto o eſcudo de ouro como hum anel armado de purpura, que tambem teve origem da meſma hiſtoria incerta da Infanta de Leaõ.

Nota 355.

O. 63. verſ. 1. Em campo de ouro &c. As armas dos Tavoras, que ſaõ em campo de ouro ondas azues com hum Delfim que comparo ao que Arion atrahio com a muſica, e o livrou quando o arrojavaõ ao mar em huma tormenta, tiveraõ a origem que lhe dà a hiſtoria em Dom Thedon, e Dom Rauſendo, netos delRey Dom Ramiro II. de Leaõ pelejando no rio Tavora contra os Mouros. Eſte heroe chamo Dom Ramiro, e poderia ſer o que ſe apelidou Pinhones. A letra: *quaſcunque findit*, he huma eſpecie de divita, que fez do eſcudo corpo da empreza, e lhe acreſcentou Luiz Alvares de Tavora primeiro Marquez de Tavora terceiro Conde de Saõ Joaõ, hum dos heroes deſta familia, de que logo ſe tratarà, igualando-o ſeus dois Irmaõs Miguel Carlos de Tavora Conde de Saõ Vicente, e Franciſco de Tavora Conde de Alvor, eſte Vizo-Rey da India, aquelle General da Armada, ambos do Conſelho de Eſtado, Preſidentes do Conſelho Ultramarino, e Governadores das Armas, e todos tres de igual valor, e capacidade.

Nota 357.

O. 64. verſ. 1. Claro metal. A prata metal da Lua com hum Leaõ de purpura ſaõ as armas dos Silvas deſcendentes delRey Dom Fruella II. de Leaõ, e he Dom Guterre Alderete da Silva rico homem, que floreceo por aquelles tempos, hum dos heroes deſte Poema, e he tronco de muitas, e illuſtres familias de Portugal, e Heſpanha, como pòde verſe na hiſtoria deſta Caſa, qne com grande acerto eſcreveo Dom Luiz de Salaſar, e Caſtro.

Nota 358.

O. 55. verſ. 1. Se o Ceo grava. Nove cunhas azues em campo de ouro he o eſcudo das armas dos Cunhas tambem deſcendentes delRey Dom Fruella II. de Leaõ: deſta familia, e da dos Menezes eſcreveo a hiſtoria, que ficou manueſcrita, o eſcriptor Cenealogico ja allegado na nota antecedente. Foy Dom Payo da Cunha illuſtre em armas hnm rico homem do ſeculo do Conde Dom Henrique. Nota 359.

O. 66. verſ. 1. Com claro argento. Ainda os Souzas da Caſa dos Marquezes de Arronches hoje Duques de Lafoens naõ tinhaõ

nhaõ eſquartellado o eſcudo com Armas Reaes de Portugal, que no tempo do Conde Dom Henrique naõ havia, e lhe entraraõ por ElRey Dom Affonſo III. de quem deſcendem por ſeu filho Dom Affonſo Diniz, que he huma das ſuas tres alianças Reaes ſendo as outras duas, a que tem por muitas linhas delRey Dom Joaõ I com a Real Caſa de Bragança, e a do Senhor Dom Miguel filho legitimado delRey Dom Pedro II. que caſou com a Senhora Dona Luiza Duqueza de Lafoens, e herdeira deſta Caſa. O Conde D. Mendo de Souzaõ foy valeroſo contemporaneo do Conde Dom Henrique, e advirtaſe, que eſtes Condes naõ eraõ como os que ſe crearaõ depois pelos Reys, dos quaes foy o primeiro, que houve em Portugal D. Joaõ Affonſo Telles de Menezes feito por ElRey Dom Diniz Conde de Barcellos em 1298. e aquelles Condes eraõ governadores de terras, ou Senhores dellas, que acompanhavaõ os Reys, de que lhes veyo o nome de Comes, que ſignifica companheiro, e primeiro foraõ no Imperio do Oriente chamados Condes Palatinos, por terem no Palacio dos Imperadores as mayores dignidades, e entre todos os titulos he o de Conde o mais antigo.

Nota 360.

O. 67. verſ. 1. Egas Moniz, As armas dos Atahides que deduzem de Egas Moniz ſegundo heroe deſte Poema os genealogicos, ſaõ em campo azul (que he a cor da cerulea Thetis Deoſa do mar) quatro bandas de prata. O deſcendente deſta familia, que fez na India Oriental heroicas acçoens, foy D. Luiz de Atahide Conde de Atouguia no tempo delRey D. Sebaſtiaõ, e faço a aluzaõ de que tudo ſe deve ao devoto zelo com que Egas Moniz buſcou o Oriente, ou o novo naſcimento da imagem de noſſa Senhora do Carquere.

Nota 361.

O. 68. verſ. 1. Pelayo Amado. As armas dos Almeidas, ſaõ em campo de purpura húa Cruz dobre de ouro çom ſeis Bezantes de ouro que ſaõ moedas, que na regra de Brazaõ dizem ter eſte nome de Bizancio, hoje Conſtantinopla, ou de Bezancon cabeça do Condado de Borgonha, de quem o Conde Dom Henrique deſcendia por Sibilla ſua Mãy, e naõ por Henrique ſeu Pay, como muitos quizeraõ, de que naſceo a celebre equivocaçaõ de entenderem alguns, que era filho de hum Emperador de Conſtantinopla, pois lendo-ſe, que tinha vindo ex partibus Vezuntinis entenderaõ Byzantinis. Pelayo Amado progenitor deſta illuſtre familia he heroe que tem a parte heroica, e Erotica, ou amoroza com mais frequencia neſte Poema. Eſtas armas uſa o Eminentiſſimo Cardeal

Dom Thomaz de Almeyda primeiro do nome, e primeiro Patriarca de Lisboa com as mayores honras, Ecleſiaſticas, e Civiz, que lhe deo a Sè Apoſtolica, e ElRey D. Joaõ V. dignas do ſeu ſangue, virtudes, e letras. Em huma diſſertaçaõ que fiz ſobre as Armas da Santa Igreja Patriarchal obſervey, que no eſcudo do ſeu primeiro Patriarca, eſtava, parece que profeticamente a purpura de que ſe adorna, a Cruz dobre Patriarcal, e as moedas de ouro, que ſimbolizaõ as rendas, que ElRey lhe acreſcentou, deſentrahando-as das Minas da America, de que tambem na Bula Aurea tinha o titulo, para diſtribuillas pelos pobres do Occidente. Sendo o timbre deſtas armas huma Aguia volante, gerolifico do ſublime genio, e do imperial ſangue do Rey que erigio eſta ſuperior dignidade, e que enriqueceo a nova Igreja, e os ſeus Excellentiſſimos, e Reverendiſſimos Principaes. Deſta Caſa ha muitos illuſtres ramos.

Nota 362.

O. 69. verſ. 1. Outra Cruz. Os Pereiras tem por brazaõ em campo vermelho huma Cruz de prata floreteada de verde, e deſta familia deſcende pello grande, e Santo Conde D. Nuno Alvares Pereira a Real Caſa de Bragança, e della todos os Reys, e Soberanos da Europa, e todas as familias illuſtres de Portugal. Foy Dom Rodrigo Forjaz emulo no nome, e nas acçoens, de Dom Rodrigo Dias de Bivar chamado o Cid, e de ambos ſe dizia, que naõ faziaõ os Reys de Caſtella, e Leaõ muito, em alcançar tantas victorias dos Mouros tendo por Generaes eſtes dois Rodrigos.

Nota 363.

O. 70. verſ. 1. De outras Regias familias. Bem deſejava fazer memoria de outras familias, que ja eraõ conhecidas no anno 1106. que he o da acçaõ deſte Poema, porèm dos Vaſconcellos, Coutinhos, Mellos, e algumas mais faço memoria em outros lugares. Tambem naõ podia tratar das que deſcendem dos noſſos Reys, de que exiſtem muitas, porque ainda naõ tinhaõ por aſcendente ná ſua varonia, ſe naõ o meſmo Conde Dom Henrique ſuccedendo o meſmo às que ſe derivaraõ depois dos Reys de Heſpanha, e as que vieraõ a Portugal de outros Reynos, onde ja eraõ conhecidas. Eſte Poema naõ he genealogico, nem he juſto que neſte eſtudo entre a poeſia a acreſcentar as fabulas que a muitos livros de genealogias introduzio a malicia, a inveja, a ignorancia, e a lizonja.

Nota 364.

O. 71. verſ. 8. Mercurio, Marte, Jupiter, e Apolo. Dividindo neſſa translaçaõ as eſtrellas em fixas, que ſaõ as que conthem as vin-

vinte,e tres Conſtellaçoẽs do Norte, as quinze do Sul,os doze ſignos as doze Conſtellaçoẽs novas tambem Meridionaes, que com os Portuguezes formou em Malaca Federico Hotman,e as muitas eſtrellas, que como adverti ſe deſcobriraõ com os Teloſcopios.E em errantes, que ſaõ de mais dos Satelites, e dos Cometas nos ſete Planetas faço ſó memoria dos quatro, reſpeitando a idade, e a infelicidade de Saturno, e o ſexo, e belleza de Venus, e Diana, ainda que eſta como caçadora, e aquella como ligeira bem podiaõ entrar nas feſtas.

Nota 365.

O. 72. verſ. 3. Flora. Aqui faço a Flora tolerar a rebeliaõ das flores, que receando ſer pizada dos cavallos corteraõ a adornar as cores das quadrilhas. Nota 366.

O. 72. verſ. 5. Iris. Tambem Embaixatris de Juno, e ſimbolo da paz com as ſuas cores deſce das nuvens com o ſeu arco neſtas feſtas pacificas, e naõ me falcava aqui occaſiaõ de dizer em muitas folhas o que ſetem eſcrito ſobre o Iris, ſem allegar a Monſieur de La Chambre no ſeu corioſo tratado, como ſucede aos plagiarios, que antigamente tinhaõ eſte nome pelo caſtigo que recebiaõ roubando os trabalhos dos eſtudioſos ſem citallos. Só direy, qne os modernos deraõ a conhecer o Iris no vidro triangular que he taõ comum chamado Priſma pelos Gregos, no qual ſe formaõ as tres cores do Iris celeſte, que o Sol tambem forma huma ou mais vezes ao meſmo tempo, e algumas vezes a Lua quando as nuvens ficaõ na configuraçaõ do Priſma.

Nota 367.

O. 73. verſ. 1. Os brutos. Atrevime a introduzir em oito quadrilhas, naõ ſó as oito principaes cores dos cavallos, mas algumas das propriedades, que attribuem os nobiliſſimos profeſſores deſta illuſtre arte, de que eſcreveraõ mais de cem autores em todas as lingoas, ſendo o mais eſtimado pelas inſtruçoens, e pelas eſtampas o Marquez da Nevveaſtle. a que traduzio, em Portuguez, e illuſtrou com diſſertaçoens eruditas, o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Silva, Secretario da Academia Raal de ſaudoza memoria. Nota 368.

O. 75. verſ. 2. Alfragano. Foy Alfragano no ſeculo nono famoſo aſtrologo Arabigo, e tomey o ſeu nome para os pronoſticos que aqui faço do que haviaõ de obrar alguns varoens inſignes em armas, e letras deſcendentes das familias dos quadrilheiros.

Nota 369.

O. 75. verſ. 8. Montes Claros. O primeiro vaticinio he o de

dois Luizes intimos amigos : hum foy Luiz Alveres de Tavora Conde de Saõ Joaõ , e outro D. Luiz de Menezes Conde da Ericeira, que depois de outras grandes acçoens, que podem lerſe na vida, que o ſegundo eſcreveo do primeiro, e neſte meſmo autor na hiſtoria de Portugal Reſtaurado, andaraõ unidos na celebre bataha de Montes Claros em 17. de Junho de 1665. contribuindo muito para a grande victoria, que alcançou ElRey de Portugal D. Afonſo VI. ſendo Capitaõ General do exercito de Alentejo o Grande Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes contra o de Carracena General delRey Catholico D. Felippe IV. de que ja ſe fez memoria no Canto 2.

Nota 370.

O. 79. verſ. 5. Menezes. Naõ ſe julguem contra a modeſtia os elogios que em algumas partes deſte Poema faço aos meus aſcendentes, pois me naõ pareceo occultar, que ſem exceiçaõ de hum ſó ſerviraõ todos na guerra aos ſeus Princepes com valor, e fidelidade, que ſaõ duas virtudes eſſenciaes, que naõ devem negarſe, nem encobrirſe. Aqui me lembro tambem de que meu Pay naõ foy menos celebre nas letras, eſcrevendo muitos livros, e entre elles os dois volumes da hiſtoria de Portugal Reſtaurado vendo-ſe no primeiro o ſeu retrato com eſte diſtico compoſto pelo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes ſeu Irmaõ, e Sogro, a quem pelas meſmas razoens podia aplicarſe :

Militat , & ſcribit calamo , Ludovicus , & enſe :
Pro Patria pugnans, Cæſaris inſtar erit.

Nota 371.

O. 77. verſ. 5. Duas vezes a Azia. De hum aſcendente do Conde D. Luiz de Menezes, que foy o grande D. Henrique de Menezes ſeu terceiro avo, e outro o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes ſeu quinto Neto faço aqui memoria pello que obraraõ na India com hum breve paralello, pois ambos de 27. annos foraõ o primeiro, Governador, o ſegundo, Viſe-Rey, ambos uniraõ ao valor a prudencia, e deſintereſſe , e ambos alcançaraõ glorioſas victorias hum dos Malabares, outro dos Arabios. Succedeo D. Henrique ao famozo D. Vaſco da Gama Conde da Vidigueira , Viſe-Rey , e deſcubridor da India no tempo delRey D. Joaõ III. e lhe ſuccedeo Lopo Vaz de S. Payo. Succedeo o ſegundo a Vaſco Fernandes Ceſar de Menezes ViſeRey da India, e depois do Braſil dignamente nomeado Conde de Sabugoſa por ElRey D. Joaõ V. e ſuccedeulhe Franciſco Joſé de S. Payo. Sirva na liberdade de hu-

mas

mas notas eſta comparaçaõ como curioſa noticia, e naõ como pueril circunſtancia. Nota 372.

O. 78. verſ. 1. Quatro vezes o nome de Fernando. Naõ podia reduzir a menos de huma oitava as acçoens de outros ſete aſcendentes meus deſde que a minha familia ſe ſeparou da dos Condes de Cantanhede, em D Joaõ de Menezes, que continua a linha dos Marquezes de Marialva, com outro D. Fernando de Menezes que fez a dos Condes da Ericeira, Marquezes do Louriçal o primeiro tronco das duas, he tambem eſte o primeiro deſtes quatro Fernandos, e obrou em Africa grandes façanhas no tempo dos Reys D. Joaõ I. atè D. Afonſo V. o ſegundo Fernando imitou a ſeu Pay na meſma guerra no tempo deſte ultimo Rey, e bem notoria he a acçaõ de romper o Palanque. O terceiro Fernando no reynado delRey D. Sebaſtiaõ continuou glorioſamente muitos annos em Africa, e na Batalha de Alcacer em 1578. onde aquelle Rey ſe perdeo, ficou cativo com ſeus Irmaõs D. Diogo, e D. Joaõ de Menezes, morto D. Simaõ que era o mais velho, e D. Henrique. Foy depois eſte D. Fernando Capitaõ General de Tras os Montes contra Caſtella que para uſurpar o Reyno lhe tirou a mayor parte dos grandes bens, que poſſuia a Caſa em que ſuccedeo. O quarto, e ultimo D. Fernando he meu Avó materno Conde da Ericeira como ha pouco referi; e naõ ſó ſervia em Italia, mas foy em Africa Capitaõ General de Tangere com felices ſucceſſos eſcrevendo a hiſtoria deſta Cidade, e em latim a da guerra, e politica de Portugal no tempo delRey D Joaõ IV. O primeiro Diogo, foy D. Diogo de Menezes filho do grande D. Henrique, e Pay do terceiro D. Fernando ſendo do Conſelho delRey D. Joaõ III. e muito ſeu favorecido deixou o Paço por ſervir em Africa o que fez alguns annos, e com muita diſtinçaõ. O ſegundo D. Diogo naõ foy meu aſcendente, por ſer ſó Irmaõ do terceiro D. Fernando, com quem como diſſe ficou cativo, mas pelos ſeus ſerviços militares teve a Caſa dos Senhores do Louriçal o titulo de Condes da Ericeira. Na America, e em muitos combates navaes ſe achou valeroſamente D. Henrique de Menezes Pay dos Condes D. Fernando, e D. Luiz, e foy hum dos reſtaudores da Bahia, no anno de 1625. no 1. de Mayo. Nos ultimos dois verſos, naõ pude eſconder o meu nome, nem negar que ſegui os veſtigios belicos de meus progenitores achando-me em ſete campanhas, e tendo o poſto de Sargento mòr de Batalha, e Meſtre de Campo General, e tambem vio o Aſtrologo, que eu havia de cantar na Henriqueida os prodigios do meu heroe generoſo.

No-

Nota 373.

O. 79. verſ. 1. Filho ſerà. O carinho de Filho, e a ternura de eſpoſo me obrigaraõ a eſcrever com lagrimas eſta oitava para immortalizar a memoria de duas Joanas. Eſte era o nome de minha May D. Joana Joſefa de Menezes, filha herdeira, e em tudo unica dos Condes D. Fernando de Menezes, e D. Leonor de Noronha. Obſerveſe curioſamente, que do nome de Joana, he anagrama o de Aonia; que era hum dos Epitetos, que os antigos davaõ as Muſas pelo monte Etonio de Beocia parte do monte Parnaſo

e que mereceo eſte nome pelos ſeus admiraveis verſos em muitas lingoas naõ ſendo liſonja os atributos, que lhe dà o quarto verſo, virtude, diſcriçaõ, graça, e belleſa: naſceo em 13. de Setembro, de 1652. morreo em 26. de Agoſto de 1709.

Nota 374.

O. 79. verſ. 5. Celeſte graça. A ſegunda Joana foy D. Joana Magdalena de Noronha filha dos Condes de Sarzedas D. Luiz da Silveira, e D. Mariana de Lencaſtro, e Silva, naſceo em 21. de Mayo de 1673. caſou em 24 de Outubro de 1688. e a perdi com eterna magoa, em 17. de Mayo de 1729. Das ſuas virtudes Chriſtãs, e dos ſeus dotes naõ he encarecimento o pouco, que dizem eſtes verſos, nem do meu nunca enxuto pranto.

Nota 375.

O. 80. verſ. 8. Em Elvas. Eſtas batalhas das Linhas de Elvas, e de Montes Claros, e a conquiſta de Vaiença de Alcantara, ſaõ as tres mayores emprezas do invicto D. Antonio Luiz de Menezes Marquez de Marialva, e o nome da Erice, que eſtà no ſegundo verſo deſta oitava abrevia poeticamente o nome da Ericeira, Villa que por ſer ſobre o mar em ſitio alto diz que paga tributo azul ao verde ramo de Cantanhede de que procede, ſendo Erice hum monte de Sicilia em que Venus era venerada, e donde tomou o nome de Ericina aludindo à formozura do ſitio daquella Villa, e os Ciſnes, ou Poetas que ſaõ Senhores della à beleza de Venus, e a os Ciſnes, que lhe ſaõ dedicados, e que como filhos da eſcuma do mar a conduzem por elle no ſeu carro.

Nota 376.

O. 81. verſ. 1. Tarouca. O Ramo dos Menezes de que ſe deriva a illuſtre Caſa dos Condes de Tarouca, tem ſido igual aos Cantanhedes em varoens inſignes, dividindo-ſe deſte tronco na linha que faz a Caſa de Villa Real. Aqui ſó ſe faz memoria de D. Pedro

de

de Menezes, e de D. Duarte de Menezes Condes de Viana, de que Africa em Ceuta, e Tangere, nunca eſqueceraõ as memorias que largamente ſe podem ler nas ſuás Cronicas manuſcritas, e na vida do ſegundo, que com diſcreto eſtillo imprimio D. Agoſtinho Manoel de Vaſconſellos; e tambem a ſua varonia corre impreſſa doutamente eſcrita por D. Pedro de Brito Coutinho. Joaõ, he Joaõ Gomes da Silva filho de Manoel Telles da Silva Marquez de Alegrete, e foy Conde de Tarouca por caſar com D. Joana Roſa de Menezes herdeira deſta Caſa, e naõ he a amizade, que deſde os primeiros annos profeſſamos, nem o encarecimento permitido aos Poetas, os que podem fazer ſoſpeitozas de fabulas, as comparaçoens que reduzi a hum ſó verſo, pois o mundo o reconhece igual a Mercurio como eloquente, e como Embaixador tambem pacifico no congreſſo de Utrecht, e em outra das mayores Cortes da Europa, aonde reſidio na do Emperador com grande acerto, e luzimento. Naõ he inferior à Apollo, ſendo hum dos mayores Poetas do ſeu tempo. Naõ deve ceder a Marte, nas campanhas, em que vaieroſamente occupou os primeiros poſtos, tendo o de Governador das armas, e ſeguindo em tudo ſeus filhos o ſeu generozo exemplo. As ſuas Armas ſaõ diverſas das de Cantanhede, mas conſervaõ o antigo eſcudo de ouro lizo, ſobre poſto, e dividido todo em ſuas partes, na primeira, e terceira as barras de Aragaõ; na ſegunda dois Lobos de vermelho, em campo de ouro, e as meſmas nas tercelras ordens debaixo.

Nota 377.

O. 81. verſ. 5. Se os Menezes. Os muitos homens grandes deſta familia podem verſe nas noſſas hiſtorias, e o verſo ultimo deſta oitava he de hum Soneto de Camoens, de que pòde verſe o Comento no que fez às Rimas Manoel de Faria, e Souza, e principia o Soneto:

Illuſtre, e dino ramo dos Menezes,
Aos quaes o prudente, e largo Ceo
(Que errar naõ ſabe) em dote concedeo
Rompeſſe aos Mahometicos arnezes

No Poema, e Rimas deſte Principe dos Poetas Portuguezes póde lerſe o muito, que no Canto decimo, e em outros lugares honrou eſta familia.

Nota 378.

O. 87. verſ. 5. Souſa. Já diſſe quem era o Conde D. Mendo de Souzaõ, e as regias alianças de ſeus deſcendentes.

No-

Nota 379.

O. 83. verſ. 1. Das Minas. Claramente explica eſte permitido equivoco em hum vaticinio, que trata eſta oitava de dois Marquezes das Minas; e falla primeiro em D. Antonio Luiz de Souza, que foy o ſegundo, e aquelle Heroe, que conquiſtando Praças, Provincias, e Reynos de Heſpanha, levou o exercito de Portugal à Corte de Madrid em 1706. Chamo a Heſpanha Heſperia, porque os antigos lhe deraõ eſte nome por eſtar na parte Occidental pela meſma cauſa, porque ſe chama Heſpero a Eſtrella de Venus quando naſce ao tempo que o Sol ſe eſconde, e Phosforo, quando apparece antes que o Sol naſça.

Nota 380.

O. 83. verſ. 5. Se eu merecera. Continua Alfragano dizendo, que ſó ſe mereceſſe huma revelaçaõ, poderia contar claramente, o que naõ póde lerſe nas Eſtrellas, e louvar ao progenitor de Antonio, o qual era ſeu Pay D. Franciſco de Souza Conde do Prado, e Marquez das Minas, que governando as armas do Minho muitos annos defendeo a Provincia com prudencia, e conquiſtou o Forte da Guarda, o de Gayaõ, e outras Praças de Galiza com valor, ſendo depois Embaixador extraordinario a Roma aos Papas Clemente IX. e X. em nome do Principe D. Pedro, dando ao Pontifice a obediencia pelos annos de 1669. e ſeguintes durando ainem Roma a lembrança da ſua ſabedoria, e generoſidade. Ambos eſtes Marquezes foraõ do Conſelho de Eſtado, e tiveraõ muitos governos.

Nota 381.

O. 84. verſ. 1. Do meſmo grande Affonſo Rey terceiro. Aſſim como a Caſa dos Marquezes das Minas de que tratey deſcende por varonia delRey D. Affonſo III. por D. Martim Affonſo ſeu filho illegitimo, deſcende a Caſa dos Souzas Marquezes de Aronches hoje Duques de Lafoens, como dà a entender o verſo terceiro de que agora trato de D. Affonſo Diniz filho tambem do meſmo Rey, tendo agora mais proxima a varonia Real pelo Senhor D. Miguel filho legitimado delRey D. Pedro II. que caſou com a Senhora D. Luiza Caſimira de Souza, e Naſſau filha herdeira deſta illuſtre Caſa, como ja diſſe por ſeu Pay deſcendente dos Principes de Ligne da primeira nobreza de Flandres.

Nota 382.

O. 84. verſ. 5. De Uliſſes a Cidade. Lembraſe o Aſtrologo de que obſervou nos aſtros, que a Cidade de Ulyſſes que he Lisboa havia de ſer defendida, e libertada do jugo delRey D. Joaõ I. de

Caſ-

Caſtella por ElRey D. Joaõ I. de Portugal, oitavo deſcendente por varonia do Conde Henrique, e que neſta Cidade ha de ſer Prelado com luzidas virtudes Luiz de Souza ſeu Arcebiſpo, e Cardeal Irmaõ do Marquez de Arronches; Henrique de Souza Tavares foy Embaxador muitas vezes, Governador do Porto, e ambos foraõ do Conſelho de Eſtado, e da mayor eſtimaçaõ dos ſeus Principes.

Nota 383.

O. 85. verſ. 1. Luiza. Segue-ſe hum breve elogio da meſma Duqueza de Lafoens adornada de grande formozura, e de muitas virtudes, e que morreo na flor da idade depois de perder com a laſtimoza tragedia, que logo ſe referirà, ao Senhor D. Miguel ſeu eſpozo, deixando dois filhos dignos ſucceſſores dos dotes de ſeus Pais, e Avòs, que ſaõ D. Pedro Duque de Lafoens, e D Joaõ, e huma filha que he a Senhora D. Joanna Perpetua de Bragança de ſingular formoſura, e ainda mayores prerogativas no eſpirito.

Nota 384.

O. 86. verſ. 1. Miguel. O Senhor D. Miguel filho, como ſe diſſe, delRey D. Pedro o ſegundo, tendo vinte e quatro annos ſe afogou no Tejo em 13. de Janeiro de 1724. voltando em hum Bergantin para Lisboa da caça que fóra buſcar da outra parte do Tejo, com magoa univerſal pelas ſuas excellentes partes.

Nota 385.

O. 88. verſ. 3. Que eternize a Miguel. Naõ ſe faz ſoſpeitoza a amiſade intima, que profeſſey com o Senhor Dom Miguel, quando pondero na oitava antecedente o ſeu breviſſimo elogio, que mais largamente eſcrevi na Egloga, que lhe imprimi depois da ſua morte, porque ninguem duvidou que era bem merecido o louvor.

Nota 386.

O. 88. verſ. 5. Tu, Pereira. Huma, e muitas vezes ſe repete neſte Poema o nome do grande Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira Heroe Luſitano.

Nota 387.

O. 89. verſ. 8. Atoleiros, Valverde, Aljubarrota. Eſte he o nome das tres principaes batalhas, que venceo aos Caſtelhanos o grande Condeſtavel, e neſta oitava ſe abreviaõ com o nome dos Rios as Provincias de Portugal, que foraõ theatro das ſuas façanhas. Quem as quizer ler as achará com eſtillo ſingello na ſua Coronica antiga, e na delRey D. Joaõ I. de Fernaõ Lopes, com abreviado, e diſcreto eſtillo na vida do meſmo Rey compoſta pelo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, e com exacta averiguaçaõ nas memorias da Academia Real eſcritas pelo ſeu Academico Joſe Soa-

res da Silva.

Nota 388.

O. 91. ver. 1. Silvas, e Cunhas. Eſtas duas familias, que ſe deduzem delRey D. Fruella II. de Leaõ, uni neſtas oitavas, e as duas purpuras explica a ſeguinte.

Nota 389.

O. 92. verſ. 1. Miguel. Faz memoria do Cardeal D. Miguel da Silva, de quem Roma admirou a ſciencia, e generoſidade, foy creado em 1539. morreo em 1556. era filho de D. Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre, foy Biſpo de Vizeu.

Nota 390.

O. 92. verſ. 3. De Cunha inſigne Nuno. Em paralello do Cardeal D. Miguel da Silva pondero as grandes virtudes do Emi-nentiſſimo Nuno da Cunda de Ataide, a quem ElRey D. Joaõ V. elevou a eſta, e a outras dignidades, e entre ellas à de Inquiſidor Geral, a que alude o ultimo verſo, e he do Conſelho de Eſtado, e deſpacho, moſtrando na jornada que fez a Roma pela morte do Papa Clemente XI. no anno de 1721. naquella Corte, e nas de Pariz, Madrid, Turin, e outras, quanto era digno de taõ ſuperiores empregos. Na Igreja de Santa Anaſtazia, de que tem o titulo, deixou eternos monumentos da ſua piedade, e da grandeza do ſeu Principe participando de ambas toda a Italia, e outros Reinos.

Nota 391.

O. 93. verſ. 1. No nome igual. O grande Nuño da Cunha Governador da India. Vejaõſe as ſuas acçoens em Barros, e Maffeo, e Faria.

Nota 392.

O. 93. verſ 5. Ayres. Ayres Gomes da Silva hum dos mais inſignes Varoens, entre os deſte apelido, aſcendente dos Senhores de Vagos Condes de Aveiras, e de toda a illuſtre deſcendencia deſte eſclarecido tronco, teve muitas victorias em Ceuta contra os Mouros, e a mayor fortuna por ſer Pay de dois Santos, e Fundadores, que foraõ o Beato Amadeo, que fez a reforma de S. Franciſco chamada em Italia dos Amadeos, e D. Brites da Silva, que fundou em Madrid o Convento da Conceiçaõ.

Nota 393.

O. 93. verſ. 8. Conduzindo heroinas coroadas. Eſtas producçoens ſabias ſe entendem pelo dois Marquezes de Alegrete Manoel Telles, e Fernando Telles da Silva, bem conhecidos pelas ſuas obras, e empregos: o primeiro conduzio a Rainha D. Maria Sophia Palatina, ſendo Embaixador extraordinario delRey D. Pedro II. naquella Corte. O ſegundo com o meſmo lugar na de Viena, acom-

acompanhou a Rainha D. Mariana de Auſtria inclita eſpoſa del-Rey Dom Joaõ o quinto.

Nota 394.

O. 94. verſ. 1. De Ataides Almeidas. D. Luiz de Ataide Conde da Atouguia, e D. Franciſco de Almeida primeiro Vice-Rey da India no Oriente, e D. Jeronymo de Ataide tambem Conde da Atougia no ſeu deſintereſſado governo do Brazil ſaõ os que ſe inſinuaõ neſtes verſos, e em alguns da oitava ſeguinte. Leaõſe as acçoens de D. Luiz na ſua hiſtoria eſcrita por Antonio Pinto Pereira, as de D. Jeronimo, em Portugal Reſtaurado do Conde da Ericeira, as de D. Franciſco de Almeida em Oſorio, Goes, e nos hiſtoriadores da India.

Nota 395.

O. 94. verſ. 7. Em deſcendentes ſeus. Do Conde D. Luiz de Ataide naõ hà deſcendencia, do Conde D. Jeronymo exiſte, e aqui ſe faz memoria de ſeu filho D. Joaõ de Ataide Conde de Alva, Governador das Armas do Alentejo ſeu valeroſo imitador, e do Conde de Atouguia D. Luiz de Ataide ſeu biſneto, e digno ſucceſſor de ſeus illuſtres Avos recopilando em poucos annos muitas virtudes.

Nota 396.

O. 95. verſ. 1. Franciſco. He Como ſe diſſe D. Franciſco de Almeida primeiro ViceRey da India, e Eóo, he o meſmo que Oriental por ſer o nome de hum dos quatro Cavallos do Sol ſendo os outros tres Phlegon, Piroes, e Etonte: dos dois fez o diſcreto Fr. Jeronimo Vahia na Cançaõ heroica da batalha de Montes Claros dois verſos muitos celebres:

Por quanto argenta o mar, doura Pirôo
Da Tumba Occidental, ao berço Eôo

Nota 397.

O. 95. verſ. 4. Joaõ. O Conde de Aſumar D. Joaõ de Almeida do Conſelho de Eſtado ſendo Embaixador extraordinario de Portugal a ElRey Catholico Carlos III. hoje Imperador Carlos VI. naõ ſó moſtrou neſte emprego politico o ſeu luzimento, e capacidade, mas nas campanhas em que ſe achou com aquelle grande Principe, o ſeu valor.

Nota 398.

O. 95. verſ. 7. Pedro. D. Pedro de Almeida Conde de Aſumar filho do Conde D. Joaõ, e hoje Meſtre de Campo General, e Director da Cavallaria, ſe diſtinguio nas batalhas, e ſitios, que houve nos tres Reynos, que diz a oitava, e em outros de Heſpanha,

naõ ſendo menos benemerito pelas letras, que pelas armas.

Nota 399.

O. 97. verſ. 3. Cada filho de Zefiro he Pegaſſo. Naõ he muito que fingiſſem os antigos, que as Egoas de Luſitania pela ligeireſa dos cavallos, que ſe criaõ nas margens do Tejo, os geravaõ abrindo a boca ao vento Zefiro, mas he muito, que o creſſem alguns Autores modernos. Ja ſe diſſe que o Pegaſſo era hum cavallo com azas, e Etonte hum dos quatro do carro do Sol.

Nota 400.

O 99. verſ. 8. Se Jove reſuſcita ao ſeu Faetonte. Neſta figura poetica em que a aurora falla com o Sol, e os aſtros com o Orizonte, ſe conclue com que Febo, ou o Sol naõ podia eſtar taõ alegre ſenaõ ſe Jove reſuſcitaſſe a ſeu filho Faetonte de quem diſſe no culto Poema, que eſcreveo deſta fabula o Conde de Villa Mediana:

Que ſu fama adquiriò con ſu ruina

E melhor Ovidio no Epitafio que lhe faz nos ſeus Metamorphorſeos:

Hic ſitus eſt Faeton, currus auriga paterni;
Quem ſi non tenuit magnis tamen excidit auſis

Nota 401.

O. 103. verſ. 1. Bermudo. D. Bermudo Peres de Trava de quem deſcende a illuſtre caſa dos Limas, Viſcondes de Villanova de Serveira, foy bem conhecido no tempo do Conde D. Henrique, e caſou com ſua filha a Infanta D. Urraca, que finjo ſe chamou Urania, por tirar no Poema a aſpereza do ſeu nome ſendo eſta a cauſa de que Luiz VIII. Rey de França naõ quiz caſar com a Infanta D. Urraca, ſenaõ com ſua Irmãa Dona Branca, que foy Mãy de S. Luiz, e aquella Infanta de Leaõ mulher delRey D. Affonſo II. de Portugal biſneto do Conde D. Henrique.

Nota 402.

O 105. verſ. 1. De Etiopes Eſte fingimento, de que Dom Bermudo levou quando toureava à praça muitos negros captivos, a que deo a liberdade, pronoſtica o que vimos verdadeiramente executado por ſeu deſcendente o Viſconde D. Thomàs de Lima nas feſtas Reaes do caſamento delRey D. Joaõ V. onde toureou com grande primor, e luzimento, dando liberdade a hum grande numero de negros, que comprou para eſte fim, e as outras ſortes de D. Bermudo tambem ſaõ figuradas pelas do Viſconde muito deſtro na equeſtre, e em outras boas artes.

No-

Nota 403.

O. 108. verſ. 8. Sibaritas povos da Magna Grecia dizem q̃ eraõ taõ efeminados, q̃ enſinavaõ os ſeus cavallos a ſuſpender as maõs, e ſeguir o compaſſo ſempre que ouviaõ o ſom de certos inſtrumentos, e que ſabendo os Crotoniatas ſeus inimigos eſte coſtume do ſeu inconſiderado genio, levaraõ à batalha inſtrumentos ſemelhantes, e tocando o meſmo ſom, os cavallos principiaraõ a ſua dança ſem querer obedecer às eſporas; com que foraõ inteiramente derrotados. Veja-ſe Atheneo lib. 12. e a Ariſtoteles, a quem cita.

Nota 404.

O. 109. verſ. 4. Bucefalo. O nome de Bucefalo ſignifica cabeça de Boy, por ter com eſta alguma ſemelhança a do famoſo çavallo de Alexandre, que ſó deſte Heròe deixava monrarſe.

Nota 405.

O. 111. verſ. 1. O Touro. Entre os encantos de Medea de que ja dey noticia para que Jazon levaſſe de Colcos (hoje chamado Mingrèlia) o velocino de ouro, foy hum matar o Touro de fogo que guardava eſte theſouro appetecido.

Nota 406.

O. verſ. verſ. 3. O em que Jove occultou. Dando a fabula de Jove transformado em Touro para roubar a filha de Agenor a bella Europa, o nome a eſta parte do mundo, ninguem pòde ignorar eſta hiſtoria, que dizem foy verdadeira, naõ em tudo, pois Jupiter, que a fabula diz roubou pelo mar a Ninfa, fraterna per æquora vexit, transformado em Touro foy hum Heróe, a quem davaõ o nome de Jupiter, que roubou eſta Princeza em hum navio que tinha hum Touro na popa por diviza.

Nota 407.

O. 111. verſ. 5. Em Abril. Em 20. de Abril entra o Sol no ſigno de Tauro, o qual tem huma eſtrella muito ardente a que chamaõ os aſtronomos Olho de Touro, e he da primeira grandeza.

Nota 408.

O. 111. verſ. 7. Momo. Foy Momo o critico dos Deoſes, e cenſurando as ſuas obras achou que Neptuno errara na do Touro, pois fecha os olhos, quando executa os golpes, devendo entaõ abrillos para prevenir os meyos da offenſa, e da defenſa.

Nota 409.

O. 112. verſ. 2. Zodiaco. Chamo com nova metafora, à praça Zodiaco pelo Touro que eſtà nella, çomo o ſigno no circulo celeſte.

Nota

Noto 410.

O. 113. verſ. 8. Tirano artifice. Perillo fabricou para lizongear o Tirano hum touro de bronze, para que dentro delle padeceſſe com fogo lento a morte cruel, o infelice, e foy elle o primeiro, que a experimentou. Arte perire ſua, diz Ovidio.

Nota 411.

O. 115. verſ. Hircania. Provincia da Aſia de que os Tigres ſaõ muito ligeiros, e ferozes, e ſe chamava por ella mar Hircano o Caſpio, que lhe fica a Oriente.

Nota 412.

O. 118. verſ. 6. Da meya Lua. Eſta metafora da meya Lua obra exterior, e defenſiva da fortificaçaõ das praças com a teſta dos Touros, a que os Poetas chamaõ Lunada.

(*Media Luna las Armas de ſu frente.*

diz o ſublime Gongora no terceiro verſo da ſua primeira Soledade) vay ſeguindoſe neſta oitava, e na immediata, e a diverſifiquey lembrado que os Arietes com cabeças de Carneiro, e tambem Lunadas ſerviaõ para a offenſa na antiga expugnaçaõ em tempo que naõ eraõ conhecidas para a defenſa as meyas Luas.

Nota 413.

O. 119. verſ. 8. Oſſa. Na guerra dos Gigantes com os Deoſes ſupunhaõ hum monte ſobre outro, e Olimpo ſobre Oſſa. He eſte hum monte muito alto na Teſalia. Hercules o ſeparou do Olimpo que he mais ſublime.

O Poeta diz que foy o Pelion. Imponere Pelio Oſſæ

Nota 414.

O. 120. verſ. 1. Tranſtagana. Nome latino do Alentejo donde os touros de Roncaõ ſaõ os mais ferozes.

Nota 415.

O. 124. verſ. 1. Megèra. Finjo que Urania vio Megèra huma das tres Furias infernaes, ſendo as outras duas Theſifone, e Alecto que ſimbolizaõ os eſpiritos malignos, que pertendiaõ tirar a vida a hum cavalleiro que havia de tirar muitas aos brutos infieis Mahometanos. Nota 416.

O 125. verſ. 8. Trifauce. Nome que deu a fabula ao caõ Cerbero guarda do Inferno, por ter tres bocas chamadas fauces nas ſuas tres cabeças. Nota 417.

O. 127. verſ. 5. Tres Graças. Uſo aqui diverſamente da comparaçaõ das tres Graças, que foraõ Talia, Aglaya, e Eufroſina irmãas do amor com as tres Deoſas,

No-

Nota 418.

O. 127. verſ. 7. Tres Deoſas. Sempre entendo pelas Deoſas Juno, Palas, e Venus, ſendo eſta a que foy preferida no juiſo de Paris, dandolhe a maçaã de ouro que a diſcordia tinha offerecido à mais fermoſa, Detur pulchriori.

Nota 419.

O. 128. verſ 8. Venus propicia antes, que Dafne ingrata. As Coroas que nos triunfos antigos eraõ os premios, ou ſe compunhaõ de Murta conſagrada a Venus mãy do Amor, ou de Louro em que ſe transformou Dafne ingtata a Apolo; e Bermudo que procura o favor de Urania prefere por eſta cauſa as de Murta.

CANTO VI.

Nota 420.

O. 13. verſ. 8. Do eburneo dente. Todo eſte Torneio ſegue o eſtillo daquelle tempo neſtas feſtas, que Arioſto, Taſſo, e os mayores Poetas modernos imitaraõ dos livros dos Cavalleiros Andantes, de que foy o primeiro Vaſco de Lobeira Portuguez, e Autor de Amadis de Gaula. O Javali incitado pelo ciume de Marte matou Adonis; e no Poema deſte titulo bem podéra Marino naõ copiar a impureza de huma Ode de Anacreonte.

Nota 421.

O. 16. verſ. 1. Lidia. Reino da Aſia Menor celebre pelas boas artes, e pelas riquezas do Rio Pactolo, que tinha areas de ouro.

Nota 422.

O. 20. verſ. 5. Tonantes. As duas trovoadas que ſe encontraõ chamo effeitos da colera do Tonante nome que ſe deu a Jupiter, por cauzar os trovoens. Zomba deſte falſo Deos com eſte epiteto o gracioſo Gongora, no Soneto que principia:

Tonante Mon Señor de quando acá?

E acaba, com hum Apoſtrophe burleſco

O' Jupiter! O' tu mil vezes tu!

Nota 423.

O. 35. verſ. 1. Do Betis. Como pinto eſte cavallo Andaluz filho do Betis hoje Gualquivir, com pès calçados, digo que pelo ligeiro pareciaõ Talares, que ſaõ como jà expliquey as azas que Merçurio tem nos pes para voar.

Nota 424.

O. 33. verſ. 6. Tu te retiras. Mais natural, e menos atrevida he a figura rethorica de falar aqui o cavaleiro ao ſeu cavalo!

vallo, do que a de Homero, que faz falar eſtes brutos com **Aquiles.**

Nota 425.

O. 35. verſ. 4. Plutaõ. Como Plutaõ era o Deos do Inferno, naõ impropriamente lhe atribuo o temor dos ferros das lanças com hyperbole fazendo-os ferir fogo nas pederneiras, que eſtavaõ dentro na terra.

Nota 426.

O. 36. verſ. 5. Ceres. Quando Ceres buſcou ſua filha Porſerpina, a quem tinha roubado Plutaõ para reinar no abiſmo, a andou Ceres buſçando com huma tea aceza, e aqui lembrando eſta fabula, digo que entenderaõ a buſcava com duas teas pelas entranhas da terra a que abriraõ as duas lanças.

Nota 427.

O. 41. verſ. 2. Califas. O Reinado dos Califas entre os Mouros ſe dividio em diverſas partes, e ſe deo eſte nome aos ſucceſſores de Mafoma: foraõ os mais poderoſos os da Siria, depois os houve na Perſia, e Egipto, outros tambem em Africa, e em Heſpanha: os Turcos ſuccederaõ em muitos deſtes Reynos.

Nota 428.

O. 48. verſ. 4. Gladiatores. Os gladiatores eraõ, como poucos ignoraõ, os que nos jogos publicos de Roma combatiaõ com as eſpadas, que lhe deraõ o nome, muitas vezes atè perder a vida.

Nota 429.

O. 58. verſ. 1. Monomaquia. Significa combate de **hum** com outro inimigo, que ſaõ os deſafios.

Nota 430.

O. 58. verſ. 7. Simpatia. Nas tragedias de Grecia ſe conheciaõ os affectos, e a Simpathia com que cada hum dos aſſiſtentes ſe inclinava aos repreſentantes.

Nota 431.

O. 58. verſ. 8. Orqueſtra. Lugar do Theatro onde eſtavaõ os Coros com inſtrumentos, e muzica, e jà ſe diſſe que era a Cromatica a mais atractiva antes de haver no mundo os Bmoes, que tanto ſuavizaõ a muſica moderna.

Nota 432.

O. 59. verſ. 2. Sofocles, e Euripides. Os dois mais famoſos poetas tragicos dos Gregos, de que permanecem algumas tragedias: o primeiro foy Athenienſe, o ſegundo tambem, e Sofocles deu a **melhor** ordem às tragedias de que inventou algumas partes, eſcreveo 123. tragedias, e Euripides 75. Eſte era ſegundo algumas opinioens natural de Salamina, naſceo na Olimpiada 75.

75. 400. annos antes de Chriſto, a Sophocles chamaraõ a abelha, ou Serea Atica. Nota. 433.

O. 59. verſ. 5. Cataſtrofe. He a ultima parte da tragedia, em que muitas vezes os Reys tyrannos tinhaõ o caſtigo. Titulo foi eſte pouco proprio, e ainda menos no eſtylo de hum livro Portuguez ſobre a revoluçaõ da Monarquia na depoſiçaõ de hum Rey, e juſtamente encobrio o ſeu illuſtriſſimo author o nome em hum anagramma. Nota 434.

O. 62. verſ. 5. Linha recta. A linha recta, ou raya, que ſe aſſinalava entre os dous combatentes, e as mais ceremonias que ſe ſeguẽ, eraõ as q̃ ſe obſervavaõ nos deſafios publicos de que o ultimo permitido foy em Heſpanha entre D. Feliz Torrellas, e D. Jeronymo de Anſa no tempo de Carlos quinto, que os prohibio, e aos particulares, o que melhor conſeguiraõ nos ſeus Reynos El-Rey D. Pedro ſegundo no de Portugal, e Luiz quatorze o Grande no de França. Nota 435.

O. 71. verſ. 1. Anteos. Lutava Alcides com Anteo, e como eſte era filho da terra quando cahia nella cobrava novas forças, e advertindo Alcides, que ja voluntariamente ſe deitava no chaõ, o deſpedaçou no ar ſem deixallo chegar à terra.

Nota 436.

O. 75. verſ. 4. Erva vulneraria. Como em latim ferida he vulnus, dá a Medicina, e Cirurgia eſte nome às ervas que ou bebidas, ou applicadas curaõ as feridas, aſſim o fez Alquife, nome que ſe dá a hum ſabio nos livros de Cavallarias.

Nota 437.

O. 76. verſ. 5. Eſfera. O que foi maravilha na eſfera de vidro, em que Archimédes abreviou em Syracuſa todos os movimentos Celeſtes, e que Claudiano deſcreve em hum admiravel epigramma, hoje he vulgar em mais exactos inſtrumentos, e relogios, que mais exactamente recupilaõ aquelles admiraveis, e diverſos movimentos. Nota 438.

O. 76. verſ. 7. Chiron. Algumas vezes repeti que o Centauro Chiron dera o nome, e inventara a Cirurgia, e fora meſtre de Eſculapio Deos da Medicina.

Nota 439.

O. 76. verſ. 8. E o Numen Serpentino de Epidauro. He o meſmo Eſculapio filho de Apolo, que de Epidauro, hoje Raguſa, onde era adorado na forma de huma grande ſerpente, foy levado a Roma no tempo de huma peſte, de que a livrou, ou a imagina-

çaõ, ou a magica, ſe he verdadeira eſta hiſtoria: no anno de Roma de 462. foy eſte prodigio.

Nota 440.

O. 80. verſ. 1. Primeiro das Gentilicas. Para parecer veroſimil a brevidade da obra do templo de N. Senhora de Carquere, digo que foy feita primeiro de madeira, e pintura, que cubria as paredes do edificio, que digo fora templo dos Gentios, e Meſquita dos Mouros, e agora falla o Santo de futuro moſtrando profeticamente os marmores, e Arcos, que a Igreja de Carquere hoje tem, e que eu finjo, que o Conde D. Henrique tinha mandado fazer ſó de madeira.

Nota 441.

O. 82. verſ. 8. Templo de Diana. O Templo de Diana em Epheſo, que como moſtrey, foy huma das ſete maravilhas do mundo, comparo ao de Alcobaça da Religiaõ de S. Bernardo fundado com largas doaçoens por ElRey Dom Affonſo Henriques, que he hum dos famoſos de Portugal, que deſcreve em profecias S. Giraldo ao devoto, e generoſo Henrique.

Nota 442.

O. 83. verſ. 2. Junto ao Mondego lenho ſacroſanto. O meſmo Rey D. Affonſo Henriques fundou em Coimbra o Real Moſteiro de Santa Cruz, que deu aos Conegos Regulares de Santo Agoſtinho, chamado Aguia de Africa.

Nota 443.

O. 83. verſ. 5. Da gloria de Guſmaõ. A Mãy da Rainha D. Tereſa, era D. Ximena Nunes de Guſmaõ, e deſte meſmo ſãgue repetido muitas vezes nos noſſos Reys foy S Domingos fundador da Veneravel Religiaõ dos Prégadores, a quem ElRey D Joaõ o primeiro deu o Real Convento da Batalha, que fundou. Eſtrellas ſaõ as Armas deſta Ordem, e claros, e eſcuros ſe unem no ſeu habito branco, e negro.

Nota 444.

O. 84. verſ. 1. Deſempenho. ElRey D. Joaõ o primeiro oitavo deſcendente, e ſetimo neto do Conde D. Henrique pelo voto que fez para vencer a ElRey D. Joaõ o primeiro de Caſtella na Batalha de Aljubarrota, edificou no campo do combate hum templo a noſſa Senhora da Victoria, pouco diſtante do Convento da Batalha, de que a Igreja he huma das mais ſumptuoſas do mundo, e na Capella dos Reys da meſma Igreja ſe ſepultou, e todos ſeus filhos.

Nota

Noto 445.

O. 45. verſ. 5. Hum deſcendente ſeu. ElRey D. Manoel filho do Infante D. Fernando neto delRey D. Duarte, e biſneto do meſmo Rey D. Joaõ o primeiro, era o undecimo deſcendente do Conde D. Henrique, e quando deſcobrio a India, fundou o magnifico templo, e Moſteiro de Bellem no lugar de Reſtello huma legoa de Lisboa para o Occidente, e como Chriſto teve como ſol de juſtiça o ſeu Oriente em Bellem, digo que levando ElRey D. Manoel a fê do meſmo Senhor de Bellem à India Oriental, levou a Deos do ſeu Oriente ao meſmo Oriente.

Nota 446.

O. 85. verſ. 1 Interprete Divino. Aos Monges de S Jeronymo, que foy o interprete divino das eſcrituras, e do texto da lingua ſanta que he a Hebraica, deu ElRey D. Manoel eſte Real Moſteiro.

Nota 447.

O. 85. verſ. 8. Mais de tres Reis do Oriente. Continùa a alluſaõ dos dous Bellens, e aſſim como ao primeiro levaraõ tres Reys do Oriente os ſeus tributos, ao ſegundo fez ElRey D. Manoel tributarios muitos mais, e muito mayores Reys do Oriente.

Nota 448.

O 86. verſ. 1. O evo decimo outavo. Todos os annos que correm do de 1700. da era vulgar atè o de 1800. ſe contaõ como do ſeculo decimo oitavo; neſte meſmo numero de deſcendente dezoito eſtà ElRey D. Joaõ o quinto pela ſua real varonia com o Conde D. Henrique, e neſte evo, que ſe toma por ſeculo para deſempenhar o voto que tinha feito pelo naſcimento de hum Principe, edificou o Real Convento de Mafra digno da ſua generoſa piedade.

Nota 449.

O. 86. verſ. 5. Itaco facundo. Uliſſes, natural de Ithaca, e muito eloquente, ſegundo muitas opinioens, fundou, ou amplificou Lisboa, a que deu o nome.

Nota 450.

O. 86. verſ. 8. Caliſto ſe levanta, o ſol ſe eſconde. Aparta ſe Mafra de Lisboa quaſi ſeis legoas ao Norte; que he o meſmo que Caliſto, e para o Occidente.

Nota 451.

O. 87. verſ. 2. Vias Apias. A Via Apia era huma das mais famoſas das em que os Romanos dividiraõ o mundo facilitando os caminhos do ſeu Imperio, e às comparo as que vencendo as dificuldades do terreno ſe fabricaraõ de Lisboa a Mafra, e ſe cruzaõ pa-

ra outro deſtrito. A Apia hia de Roma, a Brunduzio, e lhe deu o nome Apio Claudio, que a fez lagiar.

Nota 452.

O. 88. verſ. 8. Praxitéles. Eſcultor famoſo; autoriza a eſta nota a diſcritiſſima copla de Solis, na comedia de Triunfos de Amor, y Fortuna, em que Venus diz fallando da ſua eſtatua feita por eſte Artifice.

La Eſtatua que a Praxiteles
Apurò tòdo el eſtudio,
Que parece, que en el marmol
quedò violento lo mudo.

Nota 453.

O. 90. verſ. 1. Serafim de Aſſis. A Religiaõ Capucha reformada da Provincia da Arrabida, e do Serafico Saõ Franciſco de Aſſis com trezentos Religioſos ſuſtentados pela caridade delRey D. Joaõ o quinto, he a quem ſe deſtinou pelo meſmo Rey o Convento de Mafra.

Nota 454.

O. 90. verſ. 5. Ao Santo que excelente. Santo Antonio admiravel nos prodigios, que Deos obrou, e obra pela ſua interceſſaõ, he o Orago do Convento de Mafra. Naſceo eſte Santo em Lisboa, morreo, e eſtà ſepultado em Padua, porèm o principal Orago he a Virgem Maria N. Senhora.

Nota 455.

O. 92. verſ. 8. Sem impiedade aſſaltaõ as eſtrellas. Os ſinos hums de extraordinaria grandeza, e outros de numeroſa armonia levantados a Torres muito altas comparo aos gigantes, que aſſaltaraõ ao Ceo com a differença de que aquelles foraõ por cauſa da impiedade, e eſtes por effeito da devoçaõ.

Nota 456.

O. 92. verſ. 1. Dezempenho. Depois de dar ElRey ao Ceo o Principe D. Pedro, ſeu primogenito, que naſceo dia de S. Pedro de Alcantra em 19. de Outubro de 1712. e morreo em 29. de Outubro de 1714 naſceo em 6. de Junho de 1714. o Principe D Joze, e das ſuas regias virtudes, e das da Princeza, e Infanta de Eſpanha Dona Maria Victoria he hum pequeno, e verdadeiro elogio eſta Oitava.

Nota 457.

O 97. verſ. 6. A pura Mãy. No Alcoraõ, que compoz Matoma, ſe confeſſa, que a Virgem Maria o foy antes, e depois do parto, e que Jeſus ſeu Filho a que chamaõ Izay fora hum grande,

de, e Santo Profeta, e injuſtamente perſeguido pelos Judeos.

Nota 458.

O. 111. verſ. 5. Hum galhardo Francez. Como a Caſa de Rohan ja pelos annos de 1000. tinha grandes terras em Bertanha, e os Principes de Soubize contaõ deſde aquelle tempo, e antes a ſua illuſtre Varonia, trouxe neſte Poema a Portugal a Hercules de Rohan, e a ſeu Irmão Halano nomes antigos neſta Caſa, naõ me eſquecendo, que para a minha buſquey eſta aliança no caſamento do Conde D. Luiz de Menezes meu filho com D. Anna Xavier de Rohan filha do Conde da Ribeira D. Jozè da Camara, e de Conſtança Emilia de Rohan, Irmãa do Principe de Rohan, e do Cardeal Armando de Rohan, ambos Principes Eſtrangeiros de França.

Nota 459.

O. 116. verſ. 1. O Eſtreito Herculeo, e Gaditano Pego. Diz Muley que a Armada que vem de Africa há de paſſar o eſtreito de Gibaltar, e depois o golfo de Cadix para vir às coſtas de Portugal, e a fós do Mondego.

Nota 460.

O. 131. verſ. 8. Tu de Muley. Sabia Haly, que Aldara era Irmãa de Muley, e com eſte artificio politico embaraça o ſeu caſamento, e naõ explico aos leitores aplicados eſte enredo, que corre por todo o Poema, fiando mais da ſua inteligencia, que do meu comento.

CANTO VII.

Nota 461.

O. 1. verſ. 7. Nas Eſtrellas. A celebre vizaõ do Apocalipſe vay recopilada neſtes dois verſos.

Nota 462.

O. 4. verſ. 5. Dos Romanos. Se eu fora comentador de Obra alhea, aqui oſtentaria huma diſcriçaõ dos triunfos dos Romanos, que era huma das tres couſas, que Santo Agoſtinho dezejava ter viſto. Baſta agora ſaber que o herõe no triunfo de Maria deu liberdade aos captivos, que coſtumavaõ ir atados ao carro do vencedor na vaidade gentilica.

Nota 463.

O. 7. verſ. 6. Amniſtia. Eſta palavra, que ſignifica em grego eſquecimento, vindo do verbo Amneſteo, uſou Cicero pedin-

do

do licença de a introduzir, e he hoje muito comua nos tratados de paz, e no perdaõ geral que concedem os Principes, pondo em eſquecimento as hoſtilidades dos inimigos, e os delictos dos vaſſallos. Nota 464.

O 8. verſ. 3. Palas, e Minerva. Que foſſe huma ſó, ou duas Deozas Minerva, e Palas, he queſtaõ entre os Mythologicos, os primeiros daõ a entender, que na cabeça de Jupiter, como na de hum Rey, donde eſta Deoza naſceo, naõ podiaõ eſtar dignamente as letras ſem as armas, os ſegundos que ſaõ os mais, as duplicaõ por ſerem taõ diverſas as ſuas operações. Para as illuzões de Axa, me valho muitas vezes do ſonho taõ comum nos poetas heroicos Nota 467.

O. 11. verſ. 4. Com ferro eſcrito. Entre as duras, e barbaras maximas do Alcoraõ, he huma, que a ley Mahometana naõ deve defenderſe com a pena, ſe naõ com a eſpada. Nota 468.

O. 16. verſ. 3. Das azas de Dedalo. Finge a fabula que as azas com que voou Dedalo, eraõ unidas com cera, e tambem as de Icaro de que o precipicio deu, como ja diſſe, nome ao mar Icario. Aſſim explico, que para a prociſſaõ ſe deraõ a todos tochas de cera Nota 469.

O. 17. verſ 3. O Florentino experto. He Galileo Galilei grande Mathematico de Florença inventor dos oculos, e Teleſcopios. Nota 470.

O. 17. verſ. 8. Numero numerou inumeravel. Naõ ſe condene como jogo de vocabulo eſte verſo, porque entendo que naõ he muito pueril, pois a ſemelhança das vozes unio hum ſubſtantivo, hum verbo, e hum adjectivo tudo fundado na Eſcritura no cap. 15. do Genezis, *Suſpice cælum, & numera ſtellas ejus, ſi potes.* Ja referi que os antigos dividiraõ pelas conſtellações que formaraõ, ſò mil e vinte duas eſtrellas, que eraõ as que podiaõ ver, ſem os oculos que naõ conheceraõ; e como aqui as comparo com as vellas, e tochas, naõ he impropria a memoria neſte triunfo de Noſſa Senhora, de que Ericio Puteano achou mil e vinte dous verſos certos, na combinaçaõ das palavras de hum ſó, entre quarenta mil trezentos e vinte mudanças que lhe dava a meſma combinaçaõ nas outo palavras de que o verſo ſe compoem

Tot tibi ſunt dotes virgo, quot ſydera cœlo

Nota 471.

O. 19. verſ. 2. Tardo. Com ſoccego. O movimento do primeiro

meiro movel, que he o meſmo, que do Firmamento. Segundo Ceo, em que eſtaõ as eſtrellas fixas, contaõ os antigos, e modernos com alguma diferença, mas a opiniaõ mais comua he, que ha de acabar a ſua volta em vinte e cinco mil e duzentos annos. A eſte chamavaõ anno Platonico, dizendo que todas as couzas haviaõ de tornar ao ſeu principio, e hir ſuccedendo como a primeira vez. Eſta comparaçaõ continua a luzaõ das eſtrellas, e vagar, com que a prociſſaõ caminhava.

Nota 472.

O. 19. verſ. 3. Por trinta, e cinco eſtadios. Hum eſtadio era a diſtancia em que podia ouvirſe claramente a voz de hum homem, e continha cento e vinte e cinco paſſos, e eſta he quaſi a diſtancia de Lamego a Carquere, onde ſe encaminhava a prociſſaõ.

Nota 473.

O. 20. verſ. 8. A acorde melodia. Era tambem opiniaõ dos Filoſofos antigos vendo a ordem, e armonia, com que ſe movem as eſtrellas, e o Firmamento, que formavaõ huma muſica ſuaviſſima, a qual, ou pela diſtancia ſe naõ ouvia, ou pelo coſtume de a ouvirmos ſempre, ſe naõ podia diſtinguir: os inſtrumenros de que trata a outava ainda que alguns ſe ſupoem de invençaõ mais moderna, bem ſabem os eruditos as queſtoens que ha ſobre os nomes, que dá a eſcritura, e que hoje tomaraõ inſtrumentos diferentes, e da meſma ſorte ſe daõ os nomes modernos aos antigos, e os Poetas uſaõ deſtas antecipações de tempos.

Nota 474.

O 21. verſ. 1. Pneumatico. Como na oitava antecedente diſſe os inſtrumentos que hiaõ no triunfo, neſta com Kirker, Meurſio, e todos os Autores da muſica, os divido em tres claſſes. Chama-ſe a primeira pneumatica, que he o meſmo, que vento, pois iſto ſignifica pneuma, que he vento, e eſpirtio; a eſta claſſe ſe reduzem a Trombeta, o Orgaõ, a Flauta, e os mais inſtrumentos, que tocaõ com o vento. A ſegunda ſe chama encordia dos inſtrumentos, que tocaõ com as cordas, como ſaõ a cytara, a Arpa, a Viola, e os mais deſte genero. A terceira he a pulſatil dos que tocaõ batidos, como os Timbales (Atabales lhe chamaremos ſempre) os Tambores, os Adufes, e os mais deſta eſpecie.

Nota 475.

O. 22. verſ. 1. Nove carros. A Raynha dos Anjos era juſto, q̃ eſtes imitados celebraſſem nos ſeus nove Coros divididos em tres Gerarquias que a Igreja reconheceo depois do antigo livro de cælêſti hierar-

hierarquia attribuido a S. Dionizio Areopagita ainda que os Criticos lhe daõ outro Dionizio por Autor.

Nota 476.

O. 27. verſ. 5. Os atributos. Nas Eſcrituras, e na Ladainha Lauretana, que a Igreja ſó permite ſe reſe a N. Senhora, ſe achaõ os ſeus ſoberanos atributos, que neſta outava, e nas ſeguintes ſe aplicaõ á fundaçaõ, e patrocinio de Portugal: veja-ſe o livro do Patrocinio de N. Senhora eſcrito pelo Padre Alonſo de Andrade, e o de Divi Tutelares do noſſo erudito Padre Antonio de Macedo da meſma Companhia, e naõ ſó os Authores, que o Padre Mariacio principiou a recopilar na ſua Biblioteca Mariana, mas os innumeraveis, que dedicaraõ as ſuas obras em lóuvor dos infinitos atributos de Maria. Duas Bibliotecas deſtas piiſſimas obras vemos formar em Lisboa juntando-as à competencia os doutos, e virtuoſos Clerigos Regulares de S. Caetano, e os da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri.

Nota 477.

O. 28. verſ. 7. Reſtaurador. ElRey D. Joaõ o quarto, que fez o Reyno feudatario à Conceiçaõ.

Nota 478.

O. 34. verſ. 7. Hum dos Meilos. Contaõ os genealogicos por Tronco da illuſtre familia dos Mellos a D. Pedro Fetmaris.

Nota 479.

O. 34. verſ. 8. Valconcellos. No tratado que doutamente eſcreveo Joaõ Salgado de Araujo Abbade de Pera da illuſtre familia dos Valconcellos os entronca com o Conde D. Ozorio de Cabreira deſcendẽte de ElReyD. Ramiro III. de Leaõ, como diz o Conde D. Pedro, deſta familia ſaõ os Condes de Caſtello-Melhor, os Morgados do Eſporaõ, e outros ramos illuſtres.

Nota 480.

O 43. verſ. 8 Generoſo. No caracter de generoſo, que dey ao meu Heroe ſem nunca o diſmintir ſegundo me parece, cabem todas aquellas acções, que ſe julgaõ menos acautelladas pelos politicos em que a deſconfiança he contraria da generoſidade, e ſe aqui ha algum defeito, ja nas advertencias preliminares moſtrey com os meſtres da arte, que era precizo para fazer veroſimeis as vertudes do Heroe do Poema diferente do da Novella.

Nota 481.

O. 46. verſ. 8. Meduza. Muitas vezes ſe repetio que Meduza tinha ſerpentes por cabellos.

Nota

Nota 482.

O. 49. verſ. 8. Eſtatuas. Como dizem que Meduza convertia em pedras a todos os que a viaõ, e que a ſua cabeça depois de cortada cauzava o meſmo effeito, aqui o introduzo para moſtrar a ſuſpençaõ dos que viraõ eſte prodigio: aſſim dizem os Medicos que ficaõ os que tem o mal incuravel, chamado Catalepſis em que o ſangue ſe congella, e os deixa na meſma acçaõ em que eſtavaõ. No ſeu mundo ſubterraneo refere Kirker com outros Authores q̃ na Tartaria havia huma Cidade chamada Biadagio, q̃ por hum caſtigo do Ceo ficarà petrificada, e os homens, e animaes da meſma ſorte, porèm os modernos o negaõ, e os novos Sabios da Academia Ruſſianna o naõ tem deſcuberto.

Nota 483.

O. 53. verſ. 1. Fatima. Como os Mouros ſaõ contrarios da idolatria faço a reflexaõ de que entenderaõ que Fatima, a quem veneraõ, era filha de Mafoma, e mulher de Ali, que fundou huma Seita, chamada dos fatimidas. Fingem que foy virgem depois de May de muitos filhos, morreo em Medina ſeis mezes depois de Mafoma tendo 28 annos.

Nota 484.

O. 57. verſ. 1. Phosphoro. Eſte nome grego, que a luz, e o fogo deraõ à eſtrella de Venus na Aurora de quem diz Marcial.

Phoſphore redde diem, cur gaudia noſtra moraris?

He o meſmo que deraõ os Chimicos modernos a todas as produções naturaes, ou artificiaes, que luzem na eſcuridaõ: huma das principaes he a pedra de Bolonha: veja-ſe deſtes phoſphoros, o que diz Ozanam na ultima ediçaõ das recreações mathematicas.

Nota 485.

O. 62. verſ. 3. Eroſtrato. Bem conhecido ficou pelo ſacrilegio com que queimando o templo de Diana em Efeſo, quiz immortalizar o ſeu infame nome, na meſma noite em que naſceo o grande Alexandre, e porque hum orador lizongeiro diſſe que Diana que com o nome de Lucina era a Deoſa dos Partos, ſe deſcuidara do ſeu Templo, que lhe importava mais ajudar a Olympia no naſcimento daquelle Principe, outro Orador, como diz Plutarco, reſpondeo, que aquelle penſamento adulador era taõ frio, que ſe admirava de que naõ baſtaſſe para apagar o incendio do templo.

Nota 486.

O. 63. verſ. 5. Radamanto. Minos, e Radamanto diz a fabula, que pela ſua Juſtiça foraõ nomeados pelos Deozes Juizes

dos condenados ao abiſmo, para onde paſſaraõ os ſoldados pelo deſcuido de eſtarem dormindo ſendo o ſonõ imagem da Morte.

Nota 487.

O. 63. verſ. 8. As deixou como as achara. Atribue-ſe eſte apotegma a Alexandre Magno, que condenando-lhe matar hum ſoldado ſentinella que eſtava dormindo, reſpondeo que o deixara como o tinha achado.

Nota 488.

O. 65. verſ. 2. Touro. Dizem que Neptuno fez o Touro, o qual cerra os olhos quando marra, e Momo, por eſta cauſa culpou aquella imperfeiçaõ fechando os olhos quando havia de abrillos para dar o golpe.

Nota 489.

O. 70. verſ. 8. Vulçano. Vulcano foy ferreiro inſigne, e dizem que a armonia ſe inventou, obſervando a proporçaõ dos golpes do ferro quando bate o martello ſobre a Bigorna, porque faziaõ conſonancia de hum a hum, ou de hum a dois, que he o principio da Muzica, e do uniſono, e Monòteſſaron.

Nota 490.

O. 73. verſ. 1. Bellicoſa, e beliſſima Bellona. A propriedade com que ſe dá a Axa o nome de Bellona Deoza da guerra, e os Epitetos de belicoza, e beliſſima, deſculpa eſta quazi paranomazia de que naõ faltariaõ exemplos, até no meſmo Cicero, e naõ ha figura, que naõ ſendo frequente ſe exclua da Rhetorica, e Poetica. Clelia, e Pantaziléa ja ſe diſſe quem foraõ.

Nota 491.

O. 74. verſ. 8. Foge a meſma morte. Naõ ſõ he hiperbole e conceito poetico, mas parte da narraçaõ, para moſtrar que Axa ficou ferida, e naõ morreo, porque a morte fugio de medo dos golpes de Egas Moniz.

Nota 492.

O. 84. verſ. 7. Atlante. He parte da fabula de Perſeo, e Meduza, que tanto ſe tem explicado, a tranformaçaõ de Athlas, ou Athlante, Rey de Mauritania em monte do meſmo nome que dizem ſuſtenta o ceo em que ſe converteo, porque Perſeo o caſtigou da ſua má hoſpedagem, moſtrando-lhe a cabeça de Meduza.

Nota 493.

O. 84. verſ. 8. Do meſmo Athlante. Em outro lugar ſe dirá o dominio de Portugal contra Athlante, aſſim no oceano deſte nome, como nas terras de Africa nas viſinhanças deſte monte.

Nota

Nota 494.

O. 87. verſ. 6. Piromancia. He a parte da magica, e Nigromancia, em que ſe adivinha pelo fogo chamado Pyros, a que ſe faz no ar he a Eromancia, na agoa Hydromancia, e na terra Geomancia, eſta ſe uza tambem com o meſmo nome com linhas, e pedras, Emancia ſignifica adivinhaçaõ.

Nota 495.

O. 88. verſ. 7. Moloſſo. He o nome de hum cão, que fabricou Vulcano de bronze, e o deu a Jupiter, e Jupiter a Europa, e depois a varios caçadores, ſendo feroz, e ligeiro, àcremque Moloſſum lhe chama Virg. 3. das Geor.

Nota 496.

O. 88. verſ. 8. Coloſſo. A grande eſtatua de Rhodes huma das ſete maravilhas do mundo.

Nota 497.

O. 89. verſ. 5. Sanſaõ. A comparaçaõ de hum herõe Chriſtaõ com Sanſaõ, que foy figura de Chriſto, e a do Gigante com o Templo naõ ſe eſtranhará em hum Poema tambem Chriſtão. Naõ ſey ſe o era muito Antonio Henriques Gomes, e fez hum Poema naõ indigno, que intitulou Sanſon Nazareno. A Eſcritura nos diz, que Sanſaõ abraçando-ſe com duas colunas arruinou o Templo dos infieis, e perdeo com todos a vida.

Nota 498.

O. 90. verſ. 1. Anteo. Em huma Nota referimos ja eſta fabula.

Nota 499.

O. 97. verſ. 3. Huma delgada nevoa. He alluzaõ ao que diz a Eſcritura: *tamquam virgula fumi ex aromatibus*, o que ſe compara com a Igreja no livro dos Cantares cap. 3.

Nota 500.

O. 97. verſ. 7. Plutaõ. O roubo de Proſerpina por Plutaõ ſe repete algumas vezes neſte Poema, ſendo entre muitos deſte aſſumpto o que Claudiano eſcreveo em quatro livros com o titulo de *Raptu Proſerpinæ*, a que no generoſo burleſco, iguala, ou excede o Eſpanhol D. Pedro Sylveſtre, ſe he que, como adverti nos preliminares, naõ tem Autor mais excellente. Aqui continuo eſta fabula para applicalla a huma verdade, que he a alegoria; pois ſafim como Jove colocou ſeis mezes a Proſerpina no Ceo, onde fingiraõ que era a Lua, tambem Deos que he o Supremo, e verdadeiro Jove livraria, a quem he: *pulchra ut luna* do roubo que Plutaõ fulminava da ſua imagem.

Nota 501.

O. 102. verſ. 6. Elemento ſubtil. Os que tiverem qual quer luz da Filoſofia Carteziana, entenderaõ, o que em poucas palavras ſe inſinua do terceiro elemento, e da cauza de ferir lume a pederneira, e tantas outras producções da natureza em que eſta porçaõ ſutil eſtá rezervada.

Nota 502.

O. 104. verſ. 1. Amianto. Tudo o que ſe tece com os fios do Amianto, e ſe chama depois por incombuſtivel, Asbeſto, he certo que naõ ſó eſtá livre de queimarſe, mas que ſe lava no fogo. Naõ ſó eſta eſpecie de Alumen plumen, como chamaõ os Boticarios, ſe conſervaõ em muitos gabinetes de raridades, mas nas do meu Muſeo tenho papel pardo, e hum pão ligeiro, que naõ podem queimarſe. Naõ entro na queſtaõ, ſe eraõ verdadeiras as Alampadas, ou lucernas inextinguiveis, que dizem ſe acharaõ acezas em algumas ſepulturas Romanas, e que ſe apagaraõ, expondo-ſe ao ar, de que entre outras hiſtorias ſe conta, que no tempo do Papa Paulo III. ſe achou a de huma filha de Marco Tulio Cicero, chamada Tuliola, veja-ſe o volume de lucernis antiquis de Fortunio Liceto, Pancirolo rerum deperditarum, e os muitos que o defendem, ſendo mayor, e póde ſer que melhor, o numero dos que o impugnaõ.

Nota 503.

O. 106. verſ. 1. Arvore da Vida. A comparaçaõ da Arvore da Vida izenta do roubo de Eva com a Virgem he muito commua, e aqui ſe compara o templo com o Paraizo; e a eſpada de fogo do Querubim, com o que agora preſerva o templo do incendio.

Nota 504.

O. 110. verſ. 1. Chuva de ouro. A fabula de Jupiter que para introduzirſe na torre em que Acriſio Rey dos Argivos tinha preza a ſua filha Danae, ſe transformou em chuva de ouro, he taõ conhecida, como a alluzaõ de que o intereſſe corrompe as guardas, e vence as mayores difficuldades.

Nota 505.

O. 122. verſ. 5. Falange. Nome que davaõ os Macedonios aos ſeus batalhões guarnecidos por todas as partes de lanças, e outras defenſas, originando-ſe eſte nome das aranhas chamadas Falanges que he huma eſpecie de centopeas, que por todas as partes eſtaõ rodeadas de pés, que lhe deu o nome de *Centumpedes*, e com elles offendem, e ſe defendem.

Nota

Nota 506.

O. 130. verſ. 1. Sem armas. Eſta deſcripçaõ de Egas Moniz afflicto pela perda do Infante D. Affonſo he huma figura da que Camões deſcreve do meſmo Egas Moniz quando como outro Atilio Regulo foy ſacrificar a vida, por livrar a Portugal do tributo de Caſtella.

CANTO VIII.

Nota 507.

O. 3. verſ. 1. David. Neſta Oitava inclui os nove da fama de que nem a eſcolha (ſegundo entendo) foy juſta, nem a tradiçaõ he antiga, pois he certo, que he mais moderna, que Gofredo, e cuido que huma Chronica antiga Eſpanhola chamada dos nove da fama he a primeira, que os elegeo, pois naõ acho nas outras Naçoens origem deſtes eſcolhidos heroes. Bem ſe elegeraõ os tres da eſcritura Jozuè, David, e Judas Macabeo, porèm Moizes, Sanſaõ, e outros podiaõ tambem competir com algum dos tres. Entre os Gentios naõ havia de eleger a Hector, ſenaõ a Aquiles que o matou, e a nenhum dos dous, pois entre os fabuloſos eſtava primeiro Hercules, e com mais noticia, como Plutarco nos moſtra na ſua vida, dera eu o primeiro lugar a Theſeo, a Alexandre, e a Cezar naõ diſputo o lugar. Entre os tres chriſtãos, he Artur o o Heytor, porque deſte famoſo Rey de Inglaterra ſaõ poucas as acçoens que naõ ſejaõ fabuloſas. Carlos Magno, e Gofredo conſervem embora a preferencia, ainda que naõ lhe faltavaõ no concurſo fortes oppoſitores. Baſte neſtas breves notas o pouco que digo de Heròes taõ conhecidos no mundo

Nota 508.

O. 5. verſ. 1. Vedes o Templo. Sobre quatro arcos, ainda que naõ taõ ſuntuoſos como eu os deſcrevo, ſe levanta o Templo de Carquere, e os aplico aos que tem as propriedades dos arcos, que incluem os ultimos dois verſos.

Nota 509.

O. 6. verſ. 2. Eſtyllo Lapidario. As inſcripçoens que os Gregos, e Romanos gravavaõ nas pedras chamadas em latim *Lapides* daõ o nome ao eſtyllo lapidario, em que com regras de diverſa, e ignorada medida, e com letras todas majuſculas, ou grandes de que algumas ſaõ as primeiras de cada nome chamadas iniciaes, e com

com outras notas, e abreviaturas ſe dicifra quanto eſtes certos monumentos nos conſervaõ da antiguidade. Delles temos amplíſſimas colleçõnes em Grutéro Reyneſio, Sponio Fabreto, e outros muitos; os modernos depois de Juglar, e Theſauro inventaraõ hum eſtyllo a que chamaõ de Elogio, que he meyo entre a proza, e o verſo com agudeza, e alguma armonia, de que amplamente tratou Boldonio na ſua Epigrafia.

Nota 510.

O. 7. verſ. 3. Auſtro. A Igreja de Carquere tem a Cidade de Lamego ao Sul, que he o Auſtro.

Nota 511.

O. 7. verſ. 5. Cinthio plauſtro. Cinthio he epiteto de Apolo, pelo monte Cinthio, e plauſtro, he o carro, e aqui ſignifica o carro do Sol.

Nota 512.

O. 7. verſ. 8. Preludio. Foy Carquere primeiro dos Conegos Regrantes de Santo Agoſtinho, que depois tiveraõ o magnifico Convento de Santa Cruz de Coimbra, de quem digo foy Preludio o de Carquere.

Nota 513.

O. 8. verſ. 1. Terà de Paroquial. Depois que os Conegos Regrantes largàraõ o Convento de Carquere, foy a Igreja Paroquial, e ElRey D. Sebaſtiaõ, que foy o decimo ſexto entre os de Portugal, deu eſta Igreja para rezidencia aos Padres da Companhia de Jeſu do Collegio de Coimbra, a quem pela ſua Univerſidade chamo nova Athenas, Republica de Grecia, que floreceo muito nas Letras.

Nota 514.

O. 9. verſ. 1. Neofitos. Neo em Grego ſignifica novo, e fitos planta, e eſta he a cauſa de ſe chamarem Neofitos os novamente convertidos, ao Chriſtianiſmo, e eſta outava he hum digno Elogio da Companhia, comparando as ſuas Leys com as de Licurgo famoſo Legislador de Lacedemonia; e chamo Taumaturgo, que ſignifica prodigioſo, a S. Franciſco Xavier da meſma Companhia, e Apoſtolo do Oriente.

Nota 515.

O. 12. verſ. 5. Com fingido furor. Como em hum Poema hà de obſervar-ſe o caracter de cada hum dos actores, e o Infante D. Affonſo ainda que tambem Infante na idade he com milagre de Noſſa Senhora de Carquere, a pedra fundamental em que o Conde D. Henrique ſeu Pay vè fundado o Reyno de Portugal de que o In-

o Infante havia de ſer o primeiro Rey, me naõ rendi à critica dos que tiveraõ por menos nobre eſte Carater da infancia em que animado pelo milagre, e antecipando-ſe o uſo da razaõ podia Affonſo obrar, e dizer muito do que lhe atribuo: em Virgilio o minino Aſcanio falla, e obra conforme a ſua idade, e naõ me parece que incorro na cenſura, que faz Boileau Deſpreaux ao Moizes Libertado de Saint Amante, quando ſalta, e brinca com hum ſeixinho, que depois offerece, a quem o livrou, como ſe vè no canto primeiro da ſua Arte Poetica. Em Homero me naõ faltavaõ exemplos das que os modernos chamaõ puerilidades, como ſe o copiar a natureza em hum caracter horroroſo foſſe amavel, e em hum innocente aborrecivel?

Nota 516.

O. 13. verſ. 5. Timantes. Aqui buſco por modo diverſo a comparaçaõ de Timantes, que ja expliquey quando encobrio o roſtro de Agamenon affligido pelo ſacrificio de ſua filha Iphigenia com hum lenço: vejaõ-ſe os affectos deſte Pay inconſolavel na admiravel tragedia de Iphigenia eſcrita em Francez por Racini.

Nota 517.

O. 19. verſ. 1. Tullio, e Demoſtenes. Deſtes dous oradores de que o primeiro foy o mayor dos Latinos, o ſegundo, que foy no tempo muito primeiro, o mais inſigne dos Gregos, fazendo o paralello de ambos o erudito, e diſcreto Padre Rapin, digo que naõ imitou S. Giraldo como orador ſagrado as flores, e artificios da Rhetorica, mas que fez huma oraçaõ patetica do milagre de Maria. Nota 518.

O. 16. verſ. 8. Ourique. Moſtra o Santo, que teve revelaçaõ da appariçaõ de Chriſto a ElRey D. Affonſo Henriques em 1139. quando lhe deu as cinco Chagas por armas, e venceo cinco Reys Mouros ſendo acclamado Rey, e confirmado nas Cortes de Lamego. Nota 519.

O. 24. verſ. 8. O eſpirito divino ſobre a agoa. Depois de explicar S. Giraldo os tres bautiſmos de agoa, e ſangue pondéra, que o fogo do amor divino com que ja deſeja o bautiſmo o farà ver na meſma agoa o Eſpirito Santo, explicando aſſim com os Santos, e Expoſitores o verſo do primeiro capitulo do Genezis: *Spiritus Domini ferebatur ſuper aquas.*

Nota 520.

O. 27. verſ. 7. A Cidade. Depois de prevenir Henrique a defenſa de Lamego ſe lembra do verſo do Pſalmo *Niſi Dominus cuſtodierit*

todierit civitatem fruſta vigilat qui cuſtodit eam.

Nota 521.

O. 29. verſ. 7. Napéa. Eraõ as Napéas as Ninfas dos boſques, como as Driadas, e as Naydes eraõ as das fontes.

Nota 522.

O 38. verſ. 3. Veas que deixa. Sigo a metafora da circulaçaõ do ſangue no corpo humano, que ſahindo do coraçaõ pela Aorta entra nelle pela vea cava, paſſa por ſeu inventor Harveo, e dizem alguns, que o deſcubrimento foy do famoſo Fra Paulo Sarpi Religioſo Servita taõ venerado em Veneza como condenado em Roma.

Nota 523.

O. 50. verſ. 1. Sou filha. Como Aldára naõ ſupunha, que a ouviaõ pondero os effeitos do ſeu amor a Muley, e em hum ſoliloquio muito uſado em Poemas, e Tragedias ſe propoẽ a ſi meſma as duvidas em que vacilava, e que ſervem muito de inſtruir a Pelayo, que a eſtava eſcutando, de darlhe occaſioens de novas finezas, e de ir prevenindo os lances futuros.

Nota 524.

O. 51. verſ. 3. Anteo. Junto a Tangere, que deu o nome á Mauritania Tingitana, como ja notey, ſe conta que ſe achou hum oſſo de huma perna do Gigante Anteo ſeu fundador de extraordinaria, e incrivel grandeza.

Nota 525.

O. 59. verſ. 1. Azul eſtrella. Eſtes ſinaes que tinhaõ Aldára, e Muley, ſervem depois para provar, que ſaõ filhos do Conde D. Henrique.

Nota 526.

O. 61. verſ. 4. O que fiou da agulha a voſſa pena. A fabula de Filomena a quẽ ſeu cunhado ElRey Teréo caſado cõ ſua Irmãa Progne, violentou, e cortando-lhe a lingoa para que ella o naõ publicaſſe bordou com a agulha as letras em hum lenço por onde aviſou a Progne a ſua infelicidade, e ſendo convertida em Roxinol ficou por eſte ſucceſſo com a lingoa farpada ſendo Progne transformada em Andorinha, e Teréo em Eſtorninho, vay rezumida neſta outava em que Aldára vay contando a ſua hiſtoria a Filomena.

Nota 527.

O. 61. verſ. 8. Nénias. Eraõ as Nénias as cancoens triſtes, que ſe cantavaõ nos funeraes, Manoel de Faria fez humas a croſticas a Raynha de Heſpanha Dona Izabel de Borbon primeira mulher de Filippe IV. que mereceraõ huma gracioſa, mas exceſſiva ſatira de D. Gabriel del Corral Abbade de Toro, que anda

nas

nas obras de D. Luiz de Ulloa insigne Poeta Hespanhol da mesma idade. Nato 528.

O. 62. vers. 8. A violencia. Estes effeitos contrarios que sente Aldàra saõ huns avizos de que era Muley seu Irmão, e equivocavaõ a simpatia do sangue com o amor que estava n'alma,

Nota 529.

O. 64. vers. 1. Amado aborrecido. digo. Ja procurey justificarme, que naõ digo como equivoco o nome verdadeiro de Amado que a historia dà a Pelayo, com o adjectivo de aborrecido, que aqui uza Aldàra, equivocando mais os affectos que os nomes.

Nota 530.

O. 65. vers. 8 Só por beber meu Sangue. Este pensamento, que parece menos claro, cuido que se explica querendo Aldàra persuadir a Pelayo, que se matasse a Muley havia de perdella, porque os dois corações estavaõ unidos, e no sangue de Muley verteria tambem o de Aldara, e assim procurou evitarlhe hum inimigo taõ formidavel fiando mais da sua generosidade, e fineza, do que temendo incitar assim seu ciume, e a sua desesperaçaõ com este desengano.

Nota 531.

O. 67. vers. 4. Acteon. Ja se vio em outra Nota, que Acteon foy convertido em Cervo por Diana; porque a quiz ver em hum banho com as suas Ninfas.

Nota 532.

O. 86. vers. 1. Girifalte. He o nome de huma das dez especies de Falcoens, e vem do Norte, e das suas qualidades, e das mais Aves de rapina, e termos desta arte real se vejaõ muitos Autores que escreveraõ da Volataria, he hum delles Carlos IX. Rey de França no livro que imprimio intitulado: *Chasse Royale*, de que fiz hum largo Catalogo, tratando tambem da origem desta casa desconhecida até o decimo Seculo

Nota 533.

O 89. vers. 5. Aguia real. Quando a Aguia se descobre, fogem as mais Aves de rapina, e ha no firmamento huma constelaçaõ setentrional, que he a Aguia de Jupiter.

Nota 534.

O. 90. vers. 8. Carnivolo. Uso desta palavra culta, para mostrar a voracidade com que as Aves de rapina comem a carne de outros passaros.

Nota 535.

O. 91. verſ. 8. Auſpicios. os Auſpicios, de que os das Aguias eraõ os mais felices, foraõ propicios na fundaçaõ de Roma, e eraõ os pronoſticos favoraveis que ſe faziaõ pelo voo das Aves, aqui he o auſpicio, e vaticinio de que Portugal como Aguia voando para o Oriente havia de vencer os infieis, que aqui ſe ſymbolizaõ nas aves de rapina, atribuindo-ſe commummente ao graõ Turco o Açor. D. Miguel de Barrios no ſeu Coro de Muzas em hum verſos anagramaticos, e quaſi acroſticos, diz aſſim.

Roma aguila bolando al Turco Azor.

Nota 536.

O. 92. verſ. 1 A legiaõ dos domeſticos Açores. Legiaõ entre os Romanos correſpondia a hum regimento de Infantaria de feis mil homens divididos em dez cohortes, que eraõ como os noſſos batalhoens de ſeis centos homens cada hum, e neſte lugar digo que os Açores domeſticos, ou por me explicar melhor domeſticados, formavaõ huma legiaõ contra as perdizes, que poeticamente digo com Ovidio, que Perdicas foy hum ſobrinho, e diſcipulo de Dedalo, e eſte envejoſo de que elle o venceſſe na habilidade, vendo que inventara a ſerra, e o compaſſo, o precipitou de hum monte, e os Deoſes o converteraõ em Perdiz. *Mr. Deſmarets.* eſcreveo hum Poema ſummamente engenhoſo dos amores da regra, e do compaſſo, em verſos Francezes que eu traduzi em oitavas Portuguezas, e dediquey a D. Joaõ da Coſta III. Conde de Soure, meu intimo amigo, que em poucos annos ſe adiantou muito nos progreſſos Militares, e literarios, e morreo no Reyno de Valença ſendo Sargento mór de Batalha, em 1706.

Nota 537.

O. 94. verſ. 8. Amaltea. Foy Amaltea a Ninfa que criou a Jupiter, e como foy ſua a Cornucopia, ou corno da abundancia adornado de flores, e frutos, explico aſſim os cornos de caça inſtrumentos venatorios, que precederaõ á montaria.

Nota 538.

O. 95. verſ. 2. Meleagros. que Alcides, Marte, e Adoniz foſſem caçadores he muito vulgar, e naõ o he menos, que Meleagro mataſſe o Javali de Calidonia, e porque ofereceo a Atalanta os deſpojos da caça, envejoſos Plexipo, e Toxeo Irmãos de Altéa May de Meleagro, quizeraõ tirar a Atalanta o Javali, e Meleagro os matou; e Altea, que livrou quando Meleagro naſceo hum Madeiro, que as Parcas principiaraõ a queimar, e a que eſta-

va

va vinculada a vida de Meleagro, por vingarſe da morte de ſeus Irmãos, lançou no fogo eſte madeiro, e quando acabou de queimarſe eſpirou Meleagro. Eſta Atalanta querem alguns, que ſeja a meſma, que Hipomenes venceo na carreira com os tres pomos de Ouro da ſabida fabula; outros as diſtinguem fazendo eſta filha de Schenéo, ou Suenéo Rey de Arcadia, e a outra de Jazio Rey dos Argivos, e naõ faltaõ Autores que lhe daõ trocados eſtes Pays.

Nota 539.

O. 95. verſ. 5. Batida. He huma das eſpecies da montaria, batendo os Monteiros as moutas, para que ſaya a caça groſſa, que oũ ſe eſpera nas portas para matallas á eſpingarda, o que no tempo do Conde D. Henrique, era ſó com ſetas, ou ſe for de Porcos montezes ſe correm a lança. He a calcada, outro genero de caça, que para deſcubrir-ſe ſe vay com os pes dos cavallos calcando o mato, quando he praticavel.

Nota 540.

O. 98. verſ 2. Melampos. Eſtes nomes de caens a que chamamos ſabujos, ſaõ muito uſados dos poetas, e naõ merecem huma digreſſaõ para as ſuas ethimologias.

Nota 541.

O. 98. verſ. 3. Hecuba. Hecuba Rainha de Troya convertem os Poetas em cadella. Veja-ſe Ovidio, e Homero, e Virgilio, e na tragedia da Troade do diſcreto Eſpanhol Seneca ſe póde ler o ſeu caracter, e ſucceſſos com os delRey Priamo ſeu marido, e da ſua illuſtre, e felice familia.

Nota 542.

O. 98. verſ. 5. Mera. Que Mera ſe converteo na meſma eſpecie canina diz a fabula nos Metamorfoſeos.

Nota 543.

O. 99. verſ. 8. Calydonia. Provincia de Arcadia famoſa por hum dos trabalhos de Hercules, e pelo ſucceſſo de Meleagro nos ferozes porco eſpim, e Javali, que venceraõ, e alguns querem que foſſe hum ſó, que Diana deu por caſtigo a aquelle paiz de Grecia, por lhe negarem o culto. Nota 544.

O. 100. verſ. 2. Erimanto. Ja ſe explicou outras vezes o que era Erimanto, e em muitas notas ſenaõ repete o que ja eſtava comentado. Nota 545.

O. 102. verſ. 8. Os dous caens celeſtes. Saõ duas as conſtelaçoens deſte nome, e da parte do Sul, chamando-ſe a primeira o caõ mayor, a que daõ o nome de Sirio, que pela morte de Icaro de

quem era, não quiz comer mais, e foy transferido ao Ceo, o segundo se chama Procyon, e cão menor, que he a Canicula bem conhecida pelo ardor dos caniculares, em que o Sol está nesta constelaçaõ da zona torrida, veja-se a sua fabula em Hyginio, e nos mais que trataraõ das celestes.

Nota 546.

O. 103. vers. 1. Hacanea. Este nome he mais conhecido pela que se offerece ao Pontifice, como feudo do Reyno de Napoles, e delle se derivou chamarse em Hespanhol, e em Portuguez facas os cavallos medianos no tamanho; e no estylo humilde, se diz faquineo, sendo esta ethimologia mais natural, que a que deo Menage, dizendo que Equus dera o nome a Alfana, que em Italiano he hum cavallo pequeno, de que hum poeta satirico disse em hum Epigramma Francez contra esta violenta ethimologia, que se Alfana vinha de Equus, se mudara muito na derrota perdendo no caminho todas as letras do nome de que a derivavaõ. Veja-se o cavalleiro de Cayli com o nome de Aseyli.

Nota 548.

O. 103. vers. 8. A maquina. Este verso pedia huma larga disserraçaõ, se eu quizesse deffender a opiniaõ Carteziana de que os brutos saõ maquinas, ou descrever, o que he instincto, termo certamente mal entendido, e que o engenhoso, e erudito Padre Feijò, combatendo as duas opinioens, disputa com a sua costumada agudeza, pois ainda que he Heretico dizer que os brutos tem alvedrio, aquelle doutissimo critico pondera hũ certo grão de discurso por huma especie de inferencias, e de comparaçoens de ideas, que confirma com varias experiencias, mas a tudo respondem os Filosofos modernos.

Nota 549.

O. 109 vers. Hecatombe. Significa em Grego o sacrificio de cem bois, mas achase por todo o que he de cem victimas sempre com o mesmo nome, ainda que sejaõ de outras rezes, e de cem aguias se lè em Homero o nome de Hecatombe.

Nota 550.

O. 110. vers. 5. Oribaso. Do nome deste, e dos outros caens se vè bastantemente a ethymologia Grega nestes quatro versos, e foraõ os mesmos nomes que riveraõ entre outros muitos os do famoso Caçador Acheon, como pòde ver-se em Natal Comes tratando na sua Emythologia da fabula deste curioso, e infelice amãte de Diana, que o transformou em veado; e o despedaçaraõ os seus

seus proprios caens. Nota 551.

O. 113. verſ. 7. Iphigenia. Para ſuavizar a tragedia de Iphigenia dizem alguns poetas, que em ſeu lugar aceitou Diana huma Cerva por ſacrificio. Nota 552.

O. 115. verſ. 1. Licaon. He o nome daquelle tyranno que matava os hoſpedes, e os dava a comer a outros, e a quem Jupiter, e Mercurio transformaraõ em lobo, vendo em ſua caſa eſta atrocidade; e irritado Jupiter caſtigou os homens com o diluvio, ou foſſe o univerſal, a que os Gregos chamaraõ cataclyſmo, ou o particular de Theſalia. Nota 553.

O 115. verſ. 4. Pyrrha. O diluvio de que ſó ſe ſalvaraõ Deucalion, e Pyrrha, deſcrevem os Poetas, e admiravelmente Horacio nos verſos ſaphicos da ſua ſegunda ode, que principia: *Jam ſatis terris.* Nota 554.

O. 117. verſ. Pirene. Nome da Ninfa de quem o tomaraõ os montes Pirenèos, que dividem França de Caſtella. Nota 555.

O. 117. verſ. 8. Que o Erice ſe axou no Erminio. Como digo que eſte Paſtor amante ſeguia a Venus Mãy do amor, e que amava a Dorimene Paſtora da ſerra da Eſtrella, chamada pelos antigos monte Erminio, digo tambem, que naquelle monte achou o Erice, que era conſagrado a Venus em Trinacria, que he Sicilia, donde como ja diſſe, lhe chamaraõ Ericina. Pareceome conſervar neſta nota huma copla antiga das paſtoras da ſerra da Eſtrella, que o inſigne Bacelar imitou, mas naõ ſey ſe fazendo-a mais diſcreta, a deixou menos natural. Dizia a copla:

Naſceo na Serra da Eſtrella,
Que fica junto às eſtrellas,
Tomou a aſpereza della,
E a formoſura dellas,

Diz Bacellar. *Paſtora do gado branco,*
Filha da Serra da Eſtrella,
Que no celeſte, e no duro,
Lhe roubaſte a natureza.

Nota 556.

O. 120. verſ. 5. O perſpicaz eſpoſo de Hipermneſtra. He o Lince huma eſpecie de lobo cerval, de viſta agudiſſima, tanto que diziaõ penetrava o ſolido, idea falſa, e ridicula, que ainda hoje dura nos que crem, que ha homens, que vem o interior dos outros, e que deſcobrem o que eſtá occulto nas entranhas da terra. Ja em

Fran-

França se desvaneceo a illuzaõ com que Jaques Haymar, uzava da chamada por elles Baguette devinatoire, e pelo nosso vulgo varinha de condaõ; defendeo este paradoxo com mais subtileza que verdade Vallemont na sua Fisica oculta. Diz a fabula que Lynco, ou Lynceo espoſo de Hypeſmneſtra a quem ella livrou da morte, que suas quarenta e nove Irmãas deraõ na mesma noute a seus esposos fora convertido em Lince.

Nota 557.

O. 123. Dos campos Lauricenos. Dei o nome de campos Lauricenos, aos do Louriçal Villa do Bispado de Coimbra onde tem a minha familia o seu antigo dominio, he hoje celebre pelo magnifico Convento que a piedade, e grãdeza de ElRey D. Joaõ o V. fundou em memoria do instituto da serva de Deos Maria do Lado da primeira regra de S. Francisco, e com Lausperene ao Santissimo Sacramento. As galgas daquelle destricto saõ celebres, e Centelha era o nome de huma, que excedeo a todas em Salvaterra, e Santa Martha, e a deu meu Pay o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes a seu particular amigo o Conde da Atalaya D. Luiz Manoel descendente por varonia delRey D. Duarte, e herõe que depois de grandes acções Militares, e politicas deu a vida pela patria, morrendo de huma balla que recebeo indo a reconhecer a Praça de Alcantara em Abril de 1706. deixando em seus dous illustres filhos, os Condes da Atalaya D. Pedro Manoel, e D. Joaõ Manoel de Noronha, hoje General, e Governador das Armas do Exercito, e Provincia de Alentejo, huns dignos retratos das suas heroicas virtudes. O titulo de Marquez do Louriçal deu ElRey D. Joaõ o V. ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, nomeando-o segunda vez ViceRey da India em 1740. mandando huma numerosa esquadra.

Nota 558.

O. 127. vers. 5. Para alcançar. Esta comparaçaõ da caça com a guerra, he imitada de Xenofonte na sua Cyropedia, em que o grande Cyro faz estas reflexoens a Chrysanto, e as ampliou nas suas excelentes notas Militares a Polibio Mr. Frolard no primeiro volume da sua Traduçaõ.

Nota 559.

O. 130. vers. 6. Sertorios. Sertorio defendeo em Luzitania o partido de Mario, e he bem sabido, que costumando huma Cerva a comer na sua orelha, ganhou a superstitiosa credulidade dos povos para que cressem, que da parte dos Deoses o vinha inspirar para as glorioſas victorias que alcançou com tropas Luzitanas

das

das Romanas. Nota 560.

O. 132. verſ. 5. Aſſim o fez quanto Rey grande. O erudito Portuguez Mendoça no ſeu Viridario excita o problema, ſe ao Principe he mais util ſer caçador, ſe eſtudioſo, e o deixa por decidir, porèm parece que as ſciencias excedem muito a caça, ſenaõ he que a tememos como imagem da guerra, que he muito mais nobre por mais heroica, que tódas as applicaçoens humanas, mas nunca vale a copia tanto como o original; he certo que muitos dos mayores Reys do mundo exercitaraõ ſempre a caça, que deve ſer illuſtre diverſaõ, e naõ unico emprego.

Nota 561.

O. 133. verſ. 1. Claro Mecenas. Torno a invocar como Mecenas ao Senhor Infante D. Antonio, a quem dediquey o Poema lembrando-me de que no campo Tranſtagano que he o meſmo que de Alentejo, matou hum Gamo na Real Tapada de Villa Viçoſa em huma diſtancia taõ grande, que parecia impoſſivel que a balla o alcançaſſe, o que entaõ celebrey com hum Soneto Eſpanhol, que naõ foy mal recebido na Corte delRey Catholico D. Filippe V. em 1729. que foy o anno em que ſe celebrou em Caya o caſamento reciproco dos dous Principes, e Princezas de Portugal, e Heſpanha. Nota 562.

O. 134. verſ. 5. De Saturno. Na applicaçaõ dos metaes aos Planetas attribuem os Chimicos o chumbo a Saturno.

Nota 563.

O. 136. verſ. 1. Teus Irmãos, Pay, e Avo. ElRey D. Joaõ o quinto exercita a caça com a meſma deſtreza, e primor com que faz tudo ao que ſe applica Neſte exercicio foy inſigne ElRey D Pedro II. e ſeu glorioſo Pay ElRey D. Joaõ o IV. e dos Senhores Infantes D. Franciſco, e D. Manoel ſe tratarà logo.

Nota 564.

O. 136. verſ. 5. Em novo Auguſto. o Principe D. Jozé entre os virtuoſos exercicios a que ſe aplica, dà ao da caça hum grande lugar, e florece nella, e em todos os progreſſos deſtros, e robuſtos da arte venatoria; como o vaticinio he do Conde D. Henrique, conta eſte ao Principe ſeu XVIIIo neto por varonia, como quem ha de ſer ſeu ſucceſſor no Reyno, e nas virtudes, e nos exercicios nobres. Nota 565.

O. 137. verſ. 1. Franciſco. Que o Senhor Infante D. Franciſco he inſigne em todos os exercicios varonis, aſſim terreſtres, como maritimos, he taõ notorio, que naõ neceſſita de mais explicaçaõ

caçaõ, e igualmente se distingue nas sciencias militares, e nauticas, que nas equestres, e venatorias.

Nota 566.

O. 138. vers. 1. Manoel: o Senhor Infante D. Manoel, que principiava a exercitar a caça com primor, sahio de Lisboa a vencer os Turcos, a quem chamo Feras Bizantinas, por ser Bizancio o nome de Constantinopla Corte do Graõ Senhor, e que trasem nos Estandartes as meyas Luas. Achouse gloriosamente na Batalha de Peter Varadin, e Conquista de Temesvvar, em Hungria, que he a antiga Pannonia, e na batalha, e conquista de Belgrado, que he a capital da Servia derramãdo em defensa da Religiaõ, e do Imperio o seu Real Sangue sendo General o herõe deste século o Principe Eugenio de Saboya.

Nota 567.

O. 139. vers. 1. Carlos, e Pedro, &c. Naõ me atrevi a emmendar esta outava quando ao escrever estas notas tinha a morte roubado a Portugal no anno de 1736. ao Senhor Infante D. Carlos de Regias esperanças, e a Senhora Infanta Dona Francisca de Soberanos atributos. O Senhor Infante D. Pedro he tambem igualmente inclinado, entre outros nobres exercicios, ao da caça. As tres Princezas saõ a Raynha D. Mariana de Austria, e a Princeza do Brazil D. Maria Victoria, e foy como acabo de dizer a Senhora Infanta D. Francisca, a outra he a Princeza de Asturias, que assim em Castella como em Andalusia (que he a antiga Betica) segue na caça a sua Real Familia.

CANTO IX.

Nota 685.

O. 1. vers. 5. Febo como Apolo, he Deos da Musica que exercita no Parnaso com as nove Musas, e venceo nella a Pan, e a Marsias padecendo ambos o castigo da temeridade de competir com elle.

Nota 569.

O. 4. vers. 1. D. Garcia Rodrigues. Pela doaçaõ original que está na torre do Tombo consta, que D. Garcia Rodrigues, que era dos Fonsecas, teve as terras do Couto de Leomil, que depois possuiraõ os Coutinhos seus descendentes, e que em Africa, e outras partes deraõ a Portugal immortal gloria. Foy herdeira da Casa de Marialva a Infanta D. Guiomar Coutinho de Menezes, que casou

caſou com o Infante D. Fernando filho de ElRey D. Manoel, e da Raynha D. Maria, de que naõ ha ſucceſſaõ, porèm herdou o reſto deſta Illuſtre Caſa a Marqueza de Marialva D. Caterina Coutinho, que caſou com o grande D. Antonio Luiz de Menezes, de quem deſcendem, e a quem imitaraõ os Marquezes de Marialva, e Condes de Cantanhede.

Nota 570.

O. 9. verſ. 1. Poliorcectica. Chamouſe em Grego aſſim a arte de ganhar as Praças, e por conquiſtar muitas ſe deu o nome de Poliorcetes a Demetrio, e no ſeculo paſſado ao Marechal de la Mothe-Houdancourt.

Nota 571.

O. 9. verſ. 5. Archimedes. Poucos ignoraõ, que Archimedes admiravel profeſſor das Mathematicas com as maquinas que inventou defendeo Siracuſa em Sicilia contra os Romanos, que o mataraõ inadvertidamente, porque naõ reſpondeo a hum Soldado, pela grande applicaçaõ com que eſtava a huma figura Geometrica, que deſcrevia na aréa.

Nota 572.

O. 28. verſ. 8. O Graõ Sepulcro libertou de Chriſto. A expediçaõ do Conde D. Henrique á Terra Santa de Paleſtina, achandoſe com Gofredo de Bullon na conquiſta de Jeruſalem, he mais conhecida de alguns dos noſſos eſcritores, que dos Eſtrangeiros. Eſte verſo he huma traduçaõ literal do ſegundo verſo da Jeruſalem libertada de Taſſo.

Che il gran Sepolcro liberò de Criſto.

Nota 573.

O. 28. verſ. 1. Interamnenſe. He o nome latino que ſe dá a Provincia de Entre-Douro, e Minho, e ſe deriva de inter amnes, ou entre Rios.

Nota 574.

O. 28. verſ. 5. Quando aſſaltando os ceos. Aſſim nomeyo poeticamente a Provincia de Tras dos Montes.

Nota 575.

O. 28. verſ. 7. E quanto ainda em Leaõ. He certo, que ou por dote, ou por direyto, e conquiſta occupou o Conde D. Henrique no Reyno de Leaõ muitas terras DelRey D. Affonſo VI. ſeu Sogro, e entre ellas a Cidade de Aſtorga, onde morreo em 1112.

Nota 576.

O. 29. verſ. 2. o Douro, &c. Os quatro Rios que inclue o verſo ſaõ dos mais caudaloſos da Beira, e eſta Provincia naõ ſó a-

qui ſe reſume, mas a coſta que corre ſobre o Occano deſde Caminha que he no Minho até a Figueira, e Buarcos, que ſaõ na Beira, onde o Mondego dezemboca no meſmo mar.

Nota 577.

O. 35. verſ. 1. Expugnaçaõ, &c. Neſta outava, e nas outras ſe reſumem as acções ja referidas, o que ſe obſerva, naõ ſó nos Poemas, mas nas hiſtorias para renovar a memoria dos ſucceſſos em grande beneficio dos Leitores.

Nota 578.

O. 57. verſ. 7. Hercules. O Hercules gallico ſe pintava com cadeyas de ouro na boca para moſtrar que os heròes naõ ſó vencem actívamente com o valor, mas prendem ſuavemente com a eloquencia. Deſta ſe chamar Aurea ſaõ reſtemnnhas os epitetos dados a Dion, e a S. Joaõ, ambos chamados Chriſoſtomos, ou bocas de ouro, e a S. Pedro, o Chryſologo, que ſignifica pratica, ou diſcurſo de ouro. Nota 579.

O. 58. verſ. 5. Eu a vejo, eu a vejo. Eſta figura de repetiçaõ, e eſta imagem da diſcordia com os ſeus aſpides, ſaõ muito uſadas dos que conhecem ainda medianamente a Rhetorica, arte igualmente deleitavèl. e util. Veja-ſe a de Ariſtoteles, a do Padre Lamy, e outras excellentes, em que he a mais vaſta a do Padre Cauſino. Nota 580.

O. 61. verſ. 2. De verdes pinhos. O pinhal delRey chamado tambem de Leiria, he ainda hoje famoſo, e agora mais pelas novas maquinas com que ElRey D. Joaõ o V. facilitou o còrte das madeiras para navios, e obras publicas; occupa mais de nove legoas, e ficava à eſquerda do Exercito do Conde D. Henrique, que vinha da parte do Norte, com a direita para a do mar, e ainda que eſte pinhal foſſe plantado por ElRey D. Diniz, pode ſuppor a poeſia, que o tinha havido antes, e que foy queimado, ou cortado, e que na terra propria para eſtas arvores tambem ſe tiveſſem ſemeado muitas como ja ſe explicou, tendo o primeiro pinhal ſido do Conſelho, pelo que hoje tem eſte nome.

Nota 581.

O. 62. verſ. 1. Sobre a indomita. Deſcreve-ſe o monte, e o areal de noſſa Senhora de Nazareth, de que a Imagem ainda ſe occultava, e apareceo com o milagre de Dom Fuas Roupinho no tempo delRey D. Affonſo Henriques, e contaõ alguns Autores dos noſſos que alli fizera penitencia com o Monge Romaõ ElRey D. Rodrigo ultimo dos Godos de Heſpanha, de que a ſepultura dizem

zem ſe achou em Vizeo, e na ſua Chronica antiga Heſpanhola ſe acha eſta hiſtoria alterada com muitas fabulas.

Nota 582.

O.65.verſ.1. Ja no Eſcorpiaõ O. Eſcorpiaõ em q̃ o Sol entra a 23. de Outubro he onde o Outono tem a mayor força, e principia a diminuir o calor. A fabula diz, que foy o Eſcorpiaõ o que mordeo hum pè ao Gigante Orion, por atreverſe a Juno, e tambem que o precipicio de Faetonte fora cauſado pelo medo, que tiveraõ os cavallos do Sol do veneno deſte monſtro.

Nota 583.

O. 65.verſ. 6. Pomona, Vertuno. Eſte era o Deos, e aquella a Deoſa dos frutos,e os que chamo aureos, ſaõ as laranjas que dizem vem de Aurancia pela cor de ouro, e chamo ſalvas de eſmeraldas as folhas.

Nota 584.

O. 82. verſ. 3. Palamedes. Dizem que Palamedes no ſitio de Troya, que durou dez annos, inventou para devertir os Gregos o jogo chamadado dos Latrunculos,que querem ſeja ò do Xadrez. delle eſcreveo hum excelente poema Jeronymo Vida, e deſcraveo aſte jogo Marino no ſeu Adonis com a fabula de Galania transformada em Tartaruga, porq̃ Venus raivoſa de q̃ ella advertiſſe a Adonis hum lance para livrarſe do Mate, lhe quebrou nas coſtas o taboleiro, e o ficou trazendo perpetuamente, he mais certo que o Xadrez que hoje temos foy inventado na Perſia donde Xà ſignifica Rey como prova em huma diſſertaçaõ o erudito Mr. de Sarrazin, e em huma ficçaõ agradavel, referio a ElRey Luiz XV. de França muito deſtro neſte jogo, na ſua puericia, a Academia Real das inſcripçoens, e bellas letras, como na ſua excellente hiſtoria refere Mr. de Bòze ſeu illuſtre Secretario.

Nota 585.

O. 85. verſ. 5. Mas pouco importa quanto Deos decreta. Aqui ſe explica o Rey Mouro com o erro do Alcoraõ de que tudo ha de ſucceder por força, e o acreſcenta com o Atheiſmo de que ainda aſſim fia mais do ſeu valor, que dos decretos divinos, maxima propria do caracter de hum infiel, e tyranno.

Nota 586.

O. 89. verſ. 3. Nabaõ. O Rio Nabaõ paſſa por Thomar Villa celebre da Eſtremadura, e bem conhecida por ſer patria de Santa Iria, ou Irene, q̃ com o ſeu Martyrio em Santarem lhe deu o nome, e por ſer cabeça da Ordem de Chriſto com o ſeu ſumptuoſo Convento q̃ naõ merecia menos vaticinio, q̃ os que no Poema ſe deſcre-

vem. A marcha do Exercito Mahometano ſe dirige por Anciaõ Villa, que ſe erigio para o Conde de Ericeira D. Luiz de Menezes em memoria do que obrou ſendo General da Artelharia de Alentejo em 1663. na paſſagem do rio Degébe, e na batalha do Ameixial, mandando ElRey D. Affonſo VI. que ſe levantaſſe hum padraõ, que com huma elegante inſcripçaõ latina immortaliza eſta memoria, conſervando-ſe eſta Villa, e os lugares do ſeu termo na caſa da Ericeira. He bem conhecida a Serra, e Ribeira de Anciaõ por ſer em clima benigno, ainda que em terreno aſpero, e na eſtrada principal de Coimbra para onde marcha o Exercito de ElRey Ally.

Nota 587.

O. 95. verſ. 1. Na peninjula. Aqui ſe deſcreve Peniche Villa da Caſa dos Condes de Atouguia, e que depois ſe fortificou, e eſtá em huma peninſula, que ſignifica quaſi Ilha, a que os Gregos chamaraõ com nome generico Cherſonezo, e a lingoa de terra, que a ata com a terra firme, ſe chama como ja diſſe Iſthmo.

Nota 588.

O. 95. verſ. 3. Que a pedra que ferida lança fogo. Bem claro eſtà o nome da Pederneira, Villa, e porto pequeno na coſta do Oceano na Eſtremadura, e em pouca diſtancia do monte da Nazaret, que lhe fica iminente.

Nota 589.

O. 101. verſ. 6. Panopéa. He o nome de huma Deoza Maritima, que a fabula diz foy huma das 50. filhas de Nereo, e Doris, dizem que foy Serea, e lhe deu o nome aperſpicacia da viſta.

Nota 590.

O. 102. verſ. 8. Pois naõ pòde mudallos. Eſta iluſaõ da Seréa, e do Conſilio dos Deoſes, he efeito da cega idolatria da Rainha Axa, a que o mào Genio perſuadia eſtas falſidades, e as dos antigos ſupunhaõ na ſua errada Theologia, que Jupiter naõ podia obrar contra as Leys do Deſtino, nem contra o conſelho dos Deozes, ſe eſtavaõ todos conformes; confundindo aſſim a verdadeira ordem da Provincia divina, onde naõ hà açaſos, ſe naõ hum continuo acerto.

Nota 591.

O. 104. verſ. 1. Cilenio. Nome que ſe dà a Mercurio pelo monte Cilenio, em que naſceo, ou pela eloquencia, Virg. ſegue o 1. Eneid lib. 8. e eſte Deos era o que convocava para o conſelho por ſer correyo de Jupiter.

Nota

Nota 592.

O. 107. verſ. 1. O Neto de Atlante. Mercurio era filho de Jupiter, e da Ninfa Maya, que deu o nome ao mez de Mayo, e era filha de Atlante Rey de Mauritania. Aſſim lhe chama Horacio Nepos Atlantis, e eu finjo que por eſta cauſa era contrario aos Portuguezes, como explicaõ as notas que brevemente declaraõ eſta averſaõ de Mercurio.

Nota 593.

O. 107. verſ. 7. Marte. Faço Marte favoravel aos Portuguezes para moſtrar o animo guerreiro deſta naçaõ, que com Viriato, e Sertorio venceo os Romanos, ſendo o primeiro hum Paſtor a quem chama Lucio Floro Romulo da Luzitania.

Nota 594.

O. 109. verſ. 8. Vencer o mundo, e ſuſtentar a eſfera. He a primeira cauſa da oppoſiçaõ de Mercurio aos Portuguezes ſer menos valente, e eſta naçaõ nos primeiros ſeculos pouco aplicada à eloquencia, ainda que ja Strabaõ diz na ſua Geografia, que conſervavaõ em verſo as acçoens dos ſeus mayores, e que os Phenicios ſeus primeiros conquiſtadores inventaraõ as letras. Bem acreditaraõ nós ſeus ultimos Seculos a ſua elegancia hum Padre Antonio Vieira, hum Joaõ de Barros, hum Luiz de Camoens, e outros illuſtres Oradores, Hiſtoriadores, e Poetas. Fingiaõ que ElRey Atlante, convertido em monte, ſuſtentava o Ceo nos ſeus hombros, mas que o ajudava Hercules, por ſer muito alto o monte Atlas da Mauritania.

Nota 595.

O. 120 verſ. 1. Em Africa Sente Mercurio ver nas eſtrellas, que os Portuguezes em Africa haõ de vencer os Mouros até as fraldas do monte Atlante, e que haõ de conquiſtar, as praças que ſe reſumem neſta outava, e outras muitas que com gloria ganharaõ, e por deſcuido perderaõ

Nota 596.

O. 110. verſ. 5. Ceuta ſe rende. A primeira conquiſta em Africa foy a famoſa expediçaõ a Ceuta por ElRey D. Joaõ o I. os Infantes ſeus filhos, e quaſi toda a nobreza de Portugal no anno de 1415. Tanger foy ganhado por ElRey D. Affonſo V. em 1471. e depois dado em dote à Rainha da Grãa Bertanha D. Catherina quando caſou com ElRey Carlos II. de Inglaterra em 1662. os Inglezes a abandonaraõ aos Mouros, e a ſua hiſtoria eſcreveo com grande elegancia o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes

que

que foy ſeu Capitaõ General, perto de ſeis annos, deſde o de 1655 e naõ deſmereceo a gloria que tantos do ſeu appelido adquiriraõ em Tangere, e Ceuta. Eſta ultima foy a unica Praça que naõ aclamou em 1640 o ſeu Rey verdadeiro, e na paz de 1668 ficou cedida aos Eſpanhoes, e libertando-a do mayor ſitio na duraçaõ que nunca vio o mundo, o valor das armas de ElRey Catolico D. Felipe V. e a tinha ſoccorrido ElRey D. Pedro II. mandando as tropas Portuguezas com grande credito Pedro Maſcarenhas, Conde de Sandomil, Vice-Rey na India, do Conſelho de Guerra, e Governador das Armas de Alentejo, ſempre com igual reputaçaõ, que ſe augmentou em 1712. ſoccorrendo Campomayor, quando glorioſamente a defendeo o Conde da Ribeira D. Luiz Manoel da Camara. Arſila tambem ganhada por ElRey D. Affonſo o V. ſe perdeo no tempo do governo de Caſtella. As outras Praças largou por màõ conſelho ElRey D. Joaõ o III. e ſo ſe conſerva Mazagaõ, que era a menos importante.

Nota 597.

O. 111. verſ. 1. Atlantico Oceano. Todo o mar Oceano que corre pelas coſtas de Portugal, e Africa ſe chama Atlantico em memoria daquelle monte, e he a outra cauſa da enveja de Mercurio, porque os Portuguezes com os ſeus deſcubrimentos das Ilhas, e navegaçaõ ao Oriente haviaõ de ſer os primeiros que o navegaſſem, e dominaſſem.

Nota 598.

O. 111. verſ 7. As Athlantides Ilhas. Eſtas Ilhas em que os antigos fingiraõ tantas fabulas querem que ſejaõ as de Cabo Verda, que outros chamaõ Gorgades, e Heſperides defronte do Cabo Arſinario de quem diz Camoens:

Que de Cabo Arſinario o nome perde
Chamado pelos noſſos Cabo Verde.

Nota 599.

O. 112. verſ. 1. Athlantide Plataõ chamado o divino nos ſeus Dialogos deſcreve a Ilha Atlantide, que diz foy ſeparada da Europa por hum terremoto de que o mar Oceano a dividio: muitos entendem, que tiveraõ os Gregos, e os Cartaginezes pelas navegaçoens de Hanon, e outros, alguma noticia da America. Veja-ſe em Izac Voſſio, e no Padre Feijò, e outros muitos a curioſa inveſtigaçaõ dos primeiros povoadores da America, que ao Sul ſe divide pelo Eſtreito de Magalhaens, da terra do fogo chamada tambem dos Patagoens, deſcobrindo aquelle Eſtreito, e a navegaçaõ

do

do mar do Sul Fernando de Magalhães Portuguez, dando a não Victoria a primeira volta, que se deu ao mundo.

Nota 600.

O. 112. verſ. 6. America. Ja diſſe que Americo Veſpucio Florentino debaixo dos auſpicios delRey D. Manoel teve a gloria de dar o nome à America, naõ ſó quarta parte do mundo, mas outro mundo novo.

Nota601.

O. 112. verſ. 8. O opulento, o fragante, e o precioſo. Neſte verſo ſe reſumem as riquezas das noſſas Conquiſtas, que ſe compoem de ouro, prata, aromas, pedras precioſas; frutos, e outras varias producções. Nota 602.

O. 113. verſ. 8. Mercurio Deos da paz, Marte da guerra. Argue Marte Deos da guerra a Mercurio Deos dos furtos, e dos enganos da eloquencia artificioſa, de que como Deos da paz, ſimbolizada no Caducéo em que as Serpentes eſtaõ prezas, aborrecia a guerra, e por eſſa cauſa aos Luzitanos, que ſempre invenciveis a exercitaraõ. Nota 603.

O. 114. verſ. 1. Venus. O admiravel Camoens deu as cauſas, porque Venus (de quem Marte era amante) favoreceſſe aos Luſitanos como tinha feito aos Troyanos, e baſta aquelle grande Poeta, e os ſeus comentadores para que eu me naõ atreva a repetir o que nelles pode verſe.

Nota 604.

O. 117. verſ. 2. Chipre, e Cithèra. Eſtas Ilhas ganharaõ os Turcos, a de Chypre em 1571. e outras em diverſos tempos; tornando aqui a lembrar Venus as victorias do mar Egeo de que fizemos memoria no Canto ſegundo.

Nota 605.

O. 118. verſ. 1. Pallas. Era Pallas inimiga de Venus, porque Paris a preferio no pomo de ouro do monte Ida, e tambem emula de Marte, e protectora de Axa, e por conſequencia inimiga dos Portuguezes. Nota 607.

O. 119. verſ. 1. Apolo. Para fazer Apolo inimigo dos Portuguezes buſco poeticamente os motivos de que eſtà Luſitania na parte mais Occidental do mundo onde o Sol morre no Ocaſo. Naõ ſey ſe diga com o inſigne Vieira que em Portugal quem luz mais ſe ſepulta logo, como elle adverte no Sermaõ de Santo Antonio entre as ſombras no ſeu tomo 12. Tambem he Apolo inimigo de Portugal por lhe ir tirar o culto que tinha no Oriente, dõde

os

os Perſas o adoraraõ com o nome de Mitra, exiſtindo entre elles alguns chamados Gures da ſua antiga idolatria, e outros Gentios da Aſia adoraõ o Sol com diverſos nomes.

Nota 608.

O. 120. verſ. 1. Neptuno. O Deos do mar naõ podia ſofrer que os Portuguezes deſcobriſſem os ſeus ſegredos, e o opprimiſſem com as ſuas armadas.

Nota 609.

O. 121. verſ. 1. Baco. a meſma razaõ, porque o reſpeito de Luiz de Camoens me fez naõ amplificar as cauſas do patrocinio de Venus aos Portuguezes, me obriga a naõ referir as da inimizade de Baco, que conquiſtou o Oriente com o nome de Dionizio.

Nota 610.

O. 122. verſ. 8. Luzitano. Os antigos tomavaõ o epiteto que em alguns foy antonomaſia, das naçoens que conquiſtavaõ, e que venciaõ, e aſſim como Scipiaõ foy chamado Africano por ganhar Cartago em Affrica, promete Axa a ElRey Aly, que ſerà chamado Luzitano por vencer a Henrique, e conquiſtar Coimbra em Luzitania.

Nota 611.

O. 124. verſ. 2. Tritonia. Já expliquey que Tritonia era Palas, e que o ſeu eſcudo era hum eſpelho, onde Axa magicamente a moſtrou a ElRey, e aos ſeus Generaes, para perſuadirlhes juſtamente que naõ dividiſſem as forças, porque como ja tinha dito, a virtude unida obra mais forte ſegundo o proloquio: *Virtus unita fortius agit.* Sertorio aſſim o demonſtrou na cauda de hum Cavallo, que naõ pode arrancar unida o moço mais robuſto; e ſeda por ſeda, desfez o velho mais debil.

CANTO X.

Nota 612.

O. 4. verſ. 8. Atis. Foy Atis amante de Cibelles transformado em pinheyro, e uzo deſta fabula quando refiro que os Mouros atearaõ o fogo no pinhal, em que o Exercito de Henrique tinha a ala eſquerda, e ja dey a razaõ na nota da outava 61. do Canto 9. de como podia haver eſte pinhal antes do tempo de ElRey D. Diniz.

No-

Nota 613.

O. 6. verſ. 5. Tezifone. As tres furias infernais, que eraõ Tezifone, Alecto, e Megera, tem aqui diverſo emprego ſegundo a ſua etymologia, e fabula.

Nota 614.

O. 12. verſ. 2. Signifero. He o nome de quem leva a bandeira chamada Signum pelos Latinos, e o que ſe dà ao Alferes mòr, que dizem foy por aquelles tempos D. Fafes Luz.

Nota 615.

O. 14. verſ. 1. Plataõ. Veja-ſe a imitaçaõ, que fiz da deſcripçaõ que faz Claudiano no ſeu Poema de Raptu Porſerpinæ em que pinta o carro de Deos do abiſmo.

Nota 616.

O. 16. verſ. 8. A meya Lua. Ainda que as meyas Luas naõ ſejaõ muito certo que na quelle tempo foſſem a diviſa dos Mahomeranos, os Poetas tem liberdade para eſtas antecipaçoens, e a fórma lunar dos ſeus Exercitos para que com o numero ganhem pelos flancos os contrarios, tambem dizem alguns he ſuperſticioſa para imitar as ſuas meyas Luas.

Nota 617.

O. 21. verſ. 5. Sabina. O deſafio dos Horacios, e Curiacios na guerra dos Romanos, e Sabinos deſcreve Tito Livio, e incluyo Pedro Cornelio na ſua incomparavel tragedia Franceza de Horacio, que venceo os tres inimigos, perdendo os ſeus dous Irmãos. Criticos ha, que dizem que eſta hiſtoria ou foy repetida, ou furtada a outra que ſuccedeo em Grecia.

Nota 618.

O. 44. verſ. 1. Nada diſto veràs. Eſte generoſo ciume de Pelayo Amado, e eſta obediencia à invencivel inclinaçaõ de Aldàra, que deſejava conſervar a vida de Muley, parecerà inveroſimil aos que naõ conhecem os eſtranhos effeitos de hum amor puro, e ao meſmo tempo activo.

Nota 619.

O. 29. verſ. 8. Flegra. O campo em que os Gigantes Titaens, que ſe atreveraõ a eſcalar o Ceo, foraõ fulminados pelos rayos de Jove, ſe chamou Flegra de que o nome ſe deriva de ardor, que abraza, na lingoa Grega, donde ſe chamou Phlegetonte o rio ardente do Inferno, ja na nota à oitava 61. adverti, que podia haver pinhal antes que ElRey D. Diniz o mandaſſe plantar.

Nota 620.

O. 31. verſ. 1. Promethèo. A fabula da Eſtatua de Promethèo fi-

lho Japeto, que roubou o fogo do ceo para dar espirito aõ corpo inanimado, he taõ vulgar como cuido que o naõ he a comparaçaõ de que Henrique restituisse com o seu valor, e ardor o espirito, que ja naõ tinha o corpo delanimado do seu exercito.

Nota 621.

O. 33. vers. 1. Mas ao brandir. Esta ficçaõ de que Pallas violentamente arrebatou no carro de Plutaõ a ElRey Ali, serve de mostrar, que só assim poderia livrar-se com hum prodigio da espada do Heròe, e de conservar em Ali o caracter de valeroso, e que naõ fugiria da batalha sem esta violencia. Assim vemos nos melhores Poetas ennobrecer os emulos dos seus heròes para augmentar a estes a gloria de vencellos.

Nota 622.

O. 69. vers. 1. Dez hecatombes. Como ja disse que hecatombe era o sacrificio de cem victimas, mostro o numero de mil Christãos, que sacrificaraõ a vida pela Fé em dez vezes cento.

Nota 623.

O. 60. vers. 6. Nereàs. Nereàs, ou Nereidas saõ as Ninfas do mar filhas do rio de Trinacria.

Nota 624.

O. 61. vers. 1. Sagitario. O Sol entra em Sagitario a 21 de Novembro, e digo que pelos effeitos anticipou o tempo às agoas de Aquario em que entra a 23. de Janeiro estando entre hum, e outro Signo o de Capricornio

Nota 625.

O. 61. vers. 7. Tem gravidas de aquaticos effluvios. Este verso culto, que diz que as nuvens estaõ prenhes de agoa copiosa com o nome de effluvios bem usado em outros sentidos pelos Filosofos modernos, para produzir diluvios de chuva, póde dispensar-se à fraze heròica de hum Poema, que naõ affecta a escuridaõ do estyllo.

Nota. 626.

O. 62. vers. 4. Protheo. He o Deos maritimo, e o Pastor do gado de Neptuno que muda sempre de fórma, e que faço entrar pela terra a inundar Vertuno Deos dos frutos. Imitey a Horacio na Ode 2. e segunda strofe.

Omne cum Protheus pecus egit altos
visere montes.

Nota 627.

O. 67. vers. 1. Era aquatico o fosso. Neste fosso aquatico, que quando póde encher-se, e vazar-se a arbitrio dos sitiados, se chama-

va

va Cuneta, introduzo os termos da fortificaçaõ antiga procurando sempre tirar alguma utilidade para a instrucçaõ da guerra moderna. Nota 628.

O. 69. verſ. 1. Arquimedes. Ja ſe explicou o que Arquimedes obrou com a ſua ſciencia na defenſa de Siracuſa em Sicilia. A Eſtatica he huma parte da Mathematica, que trata dos pezos, e por ella inventa a Mecanica muitas maquinas uteis, e admiraveis, veja-ſe entre outros a Mr. de Varignon.

Nota 629.

O. 69. verſ. 5. Palamedes. Ja tambem ſe diſſe, que inventara o jogo do Xadrez no ſitio de Troya a que aqui chamo muros Frigios. Dizem deſte jogo, e dos que ſe applicaõ demazidamente a elle, que para ſciencia he pouco, e para jogo he muito.

Nota 630.

O. 70. verſ. 1. Nem eſpoſo real. De Lynco eſpoſo de Hipermneſtra, de Aquiles filho invulneravel de Tetis, de Itaco Ulyſes, de Alexandre que ganhou a Tiro, e de outros Poliorcétes, ou conquiſtadores de Praças, ſe tem dado neſtas notas repetidas noticias. Nota 631.

O. 71. verſ. 4. Celebres. As Coroas eraõ as que ſe davaõ aos que as mereciaõ por victorias grandes, e outras acçoens, como ja ſe explicou na nota 200.

Nota 632.

O. 72. verſ. 7. Hercules. Alguns dos noſſos Eſcritores, que mais amantes da gloria da patria, que do exame da antiguidade trouxeraõ a Portugal a Hercules, para vencer a Geriaõ que diziaõ ter tres cabeças, dizem que eraõ tres Reys Irmãos, muito unidos, a quem Hercules venceo. A torre de Coimbra, e hum ſitio ameno, viſinho a eſta Cidade chamado a Geria, ſaõ debeis teſtemunhas deſta tradiçaõ.

Nota 533.

O. 78. verſ. 3. Gordio. Que Alexandre cortou o jugo enlaçado do nò de Gordio, ou Gordiano dizendo: tanto importa cortar como deſatar, e que aſſim venceo a Azia, he muito vulgar erudiçaõ. Aqui introduzo para defenſor de Coimbra a D. Pedro Bernardo de S. Fagundo, porque ſendo certo eſte ſitio, naõ ſe lhe ſabe o defenſor, e baſta para hum Poema eſta prova negativa. Neſte epiſodio tinha eſcrito em muitas outavas os aſcendentes, e deſcendentes deſte verdadeiro tronco dos Menezes, e ainda que eſta gloria era commua a taõ dilatada familia, me rendi a alguns

dos meus Cenſores que entenderaõ poderia interpretarſe como valdade, vicio a que ſou ſumamente contrario, e tambem era repetiçaõ, porque tinha feito neſte Poema memoria de alguns de meus aſçendentes; porèm para conſervar neſtas notas as oitavas a que no corpo do Poema ſubſtitui com epiſodio mais nobre a hiſtoria de Portugal até o Conde D. Henrique, as fiz copiar no fim deſtas notas, para que ſeja mais facil deixarem de as ler os que ſe naõ intereſſaõ, e os que ſe oppoem ás glorias alheyas, ſendo que poucas familias haverà em Heſpanha, e ainda em Europa, a quem naõ pertençaõ muitos deſtes Varoens illuſtres, e ſó de D. Henrique de Menezes Senhor do Louriçal, e famoſo Governador da India deſcendem em Portugal quarenta e cinco Caſas das primeiras que hoje ſe conſervaõ.

Nota 634.

O. 83. verſ. 1. Nos longes deſſa lamina. Naõ ha de agradar a critica, que faço aos que fallamente zeloſos da gloria da patria admitem tradiçoens pouco certas, e póde ſer que digaõ, que ao menos em hum Poema bem podia eu deixar como eſtava à povoaçaõ de Tubal, o nome de Setubal, e a ethimologia de Eliſa, e de Luzo, porém como ſe authoriſaõ com os Poetas aquellas verdades hiſtoricas, e que nos ſeus poemas ſe ſeparaõ da fabula, naõ quiz moſtrar, que me perſuadiaõ os que equivocaraõ Iberia Provincia da Azia com Heſpanha que muitos ſeculos depois teve o nome de Iberia pelo rio Ebro ſendo a primeira Iberia a quem povoou Tubal filho de Japhet, e neto de Noè, como póde ver-ſe no douto Bochart no ſeu Phaleg, ou Geografia Sacra. Luſo companheiro de Bacho, e Eliſa mais autores tem antigos, mas todos eſtes ſe fundaõ na certeza da Ethimologia ſem verificar as expediçoens deſtes heroes na Luſitania, nem as conquiſtas, e Colonias de algumas naçoens, que conduzem a Portugal, e Heſpanha.

Nota 635.

O. 83. verſ. 8. Fenicios. A primeira expediçaõ certa que labemos aos portos dos Reynos, que depois ſe chamaraõ Algarve, e Portugal, he a dos Fenicios, que mereceraõ bem eſte nome pelas palmas, e pelas victorias, que immortalizaraõ a ſua naçaõ, e o Reyno de Fenicia em Azia. Veja-ſe a hiſtoria do comercio dos antigos do Illuſtriſſimo Huet, e o ja allegado Bochart. Que elles foraõ os inventores das letras, diz entre muitos em dois elegantes verſos Lucano.

Phæ-

Phœnices primi, famæ si creditur, ausi
mensuram rudibus vocem signare figuris.

636.

O. 48. verſ. 8. Doce fruto o primeiro que florece. Origem menos glorioſa, porèm mais natural dá Bochart ao nome de Luzitania de huma palavra Fenicia, que ſignifica amendoa, por ſer eſte fruto o que vinha buſcar entre outros às coſtas do Algarve; - que ſeja a Amendoeira a arvore que primeiro florece, he bem notorio; e o pondera a diſcreta ſeguidilha antigua.

Fueron mis eſperanças
como el Almendro,
Florecieron temprano,
cayeron preſto.

Nota 637.

O. 87. verſ. 1. Punicos. A ſegunda conquiſta de Luzitania foy a dos Punicos, ou Cartaginezes com a Amilcar, Anibal, e outros Varoens Africanos bem conhecidos na hiſtoria Romana de Tito, e na Grega de Polibio, e Vidas de Plutarco; e naõ cabem em humas breves notas a hum Poema as largas hiſtorias deſtas, e outras naçoens, e dos ſeus varoens inſignes, nem as que ſe ſeguem dos principios de Portugal, e Heſpanha teraõ aqui mais que huma breve explicaçaõ.

Nota 638.

O. 86. verſ. 1. Ves tremolar. Venceraõ aos Carthaginezes os Romanos, que fingiaõ deſcender de Marte fazendo-o Pay de Romulo, primeiro Rey, e fundador de Roma, e depois do ſetimo Rey que foy Tarquinio o Soberbo, ſe erigio a famoſa Republica, que conquiſtou Luzitania, e de quem muitas vezes foy vencida, principalmente no tempo de Viriato, que foy morto com traiçaõ, como diz a oitava ſeguinte.

Nota 639.

O. 88. verſ. 1. Sertorio. De Sertorio ſe deo ja baſtante noticia, e da ſua Cerva, e que Cezar venceſſe, e illuſtraſſe Luzitania dizem todas as hiſtorias.

Nota 640.

O. 89. verſ. 1. Do gelo Aquilonar. Dentro de Norte que he o Aquilon, vieraõ os Godos, e outras Naçoens conquiſtar a Roma com Alarico, e a Heſpanha, e Portugal com Ataulfo, e a outros Reynos com diverſos Capitaens Pelos annos de 422. principiou a ſua Monarquia em Heſpanha.

Nota

Nota 641.

O. 90. verſ. 1. Debuxo gotico. Os Godos para fazer eſquecer atè as boas artes em que os Romanos floreceraõ, ſeguiraõ nellas, e na Pintura, e Architetura outros principios ſem imitar ás proporçoens da natureza, mas com huma magnificencia barbara, cómo ſe vè no que ainda exiſte do goſto gotico atè o decimo ſexto ſeculo, em que as boas artes ſe reſtauraraõ.

Nota 642.

O. 90. verſ 5 Vvamba. O grande Santo Rey Vvamba vulgarmente chamado Bamba, foy natural de Idanha a Velha chamada entaõ Egitania, Cidade que era da Beira, e ſe he certo, que na ſua eleiçaõ floreceo hnma vara, indicio foy de que havia de florecer nas virtudes, e Religiaõ Catholica, em que o naõ imitaraõ muitos Reys Arrianos, que lhe ſuccederaõ.

Nota 643.

O. 91. verſ. 1. Recaredo. O grande Flavio Recaredo Rey dos Godos em Heſpanha, reſtaurou a Religiaõ verdadeira, que alguns dos ſeus anteceſſores Arrianos tinhaõ perſeguido.

Nota 644.

O. 91. verſ. 8. Rodrigo. No primeiro canto, e em outros deſte Poema, dey alguma noticia de D. Rodrigo ultimo Rey dos Godos em Heſpanha, a quem os Mouros a ganhoraõ na batalha de Guadalete no anno de 645.

Nota 645.

O. 92. verſ. 3. Ambas as Heſpanhas. Naõ ſo ſe dividio Heſpanha pelos Romanos em Luſitania, Betica, e Tarraconenſe, mas em Citerior, e Ulterior; celebre he o verſo do Poeta Gabriel Pereira de Caſtro no principio da Ulyſſea.

De ambas as Indias, de ambas as Eſpanhas.

Nota 646.

O. 93. verſ. 2. Pelayo. ElRey D. Pelayo foy logo o que ſalvando as reliquias do exercito de Heſpanha ſe retirou ás montanhas de Aſturias, onde foy acclamado Rey, e com milagroſas victorias principiou a reſtaurar do jugo infiel a Monarquia, de que os Mouros naõ acabaraõ de ſahir ſe naõ perto de outocentos annos depois da ſua primeira entrada.

Nota 647.

O. 95. verſ. 2. Cantabria. ElRey D. Affonſo Catholico, filho de Pedro Duque de Cantabria, e genro delRey D. Pelayo foy o primeiro que veyo de Aſturias, a que os antigos chamavaõ Cantabria,

bria, e ſe dividem em Aſturias de Oviedo, e de Santilhana, a fazer guerra aos Mouros em Portugal. Vejaõ-ſe Brito, e Faria.

Nota 648.

O. 66. verſ. 1. Outro Affonſo a quem Caſto denomina. ElRey D. Affonſo o Caſto venceo muitas batalhas, e conquiſtou em Portugal as terras que diz a outava, e outras muitas de que ha pouca memoria.

Nota 649.

O. 97. verſ. 1. Outras altas. As conquiſtas em Portugal que fizeraõ aos Mouros ElRey D. Ramiro primeiro, e D. Ordonho de Leaõ, e ElRey D. Affonſo o Magno, que ganhou Coimbra, pódem ler-ſe em Mariana, Ferreras, e nos hiſtoriadores Portuguezes.

Nota 650.

O. 98. verſ. 4. Ordonho. A diverſa ſorte, que Lisboa teve, ſendo perdida, e recuperada muitas vezes no tempo dos Mouros, naõ he muito conhecida nas hiſtorias. Sabe-ſe porèm que ElRey D. Ordonho III. de Leaõ a ganhou aos infieis.

Nota 651.

O. 98. verſ 7. Sobre Viſeu Affonſo V. ElRey D. Affonſo V. de Leaõ foy morto pelos Mouros no ſitio de Vizeu.

Nota 652.

O. 99. verſ. 1. Vez em tudo primeiro o Graõ Fernando. ElRey D. Fernando o I. chamado o Magno, fez muitas conquiſtas em Portugal, principalmente na Beira, onde ganhou a Cidade de Lamego, e a Villa de Cea, vizinha da Serra da Eſtrella, e naquelle tempo huma Praça fórte, hoje ſaõ ſeus Alcaydes mòres os Condes de Sarzedas da Caſa dos Sylveiras, que tiveraõ a varonia de Lobos, hoje a de Tavora por Antonio Luiz de Tavora filho ſegundo do Conde de Alvor bem conhecido em Europa, e America pelas ſuas acçoens militares, e eſta Alcaydaria mòr herdou a Caſa de Sarzedas pela dos Sylvas. ElRey D. Fernando o Magno fundou em Portugal muitos Templos de que exiſtem as doaçoens.

Nota 653.

O. 100. verſ. 3. Garcia. Na divizaõ de Eſpanha teve ElRey D. Garcia o titulo de Rey de Portugal, de que o deſpojou ElRey D. Affonſo VI. ſeu Irmão chamado o Emperador, e de que muitas vezes temos tratado por ſer ſogro do Conde D. Henrique.

Nota 654.

O. 101. verſ. 1. De Santarèm. Sabe-ſe que ElRey D. Affonſo VI. ganhou Santarèm aos Mouros, mas naõ ſe ſabe como ſe perdeo,

deo, o meſmo ſuccede na conquiſta de Lisboa, e Cintra, ſe achou o Conde D. Henrique, e que eu faço neſte Poema ſer acçaõ ſó do meu Herõe, como adiante ſe verà.

Nota 655.

O. 103. verſ. 1. Dos Duques de Borgonha. Sempre ſegui neſte Poema a opiniaõ que o Conde D. Henrique naõ era por varonia da Caſa dos Condes de Borgonha, ou Franco Condado, como alguns dos noſſos Autores diſſeraõ, e defendeo no ſeu Marte Portuguez o douto Joaõ Salgado de Araujo, Abade de Pera, a quem naõ allega D. Luiz de Salazar, que renovou no noſſo tempo eſta opiniaõ. Henrique, como ja apontey, era filho de Henrique, que naõ chegou a ſer Duque de Borgonha por morrer em vida de ſeu Pay Roberto Duque de Borgonha, que era filho de Roberto o devoto Rey de França filho de Hugo Capeto, que he o tronco da 3. geraçaõ, que hoje reyna em França, e à Varonia daquelles, e dos noſſos Reys. Os Genealogicos mais exactos, e entre elles o Padre D. Antonio Caetano de Souſa na ſua excellente obra da hiſtoria Genealogica da Caſa Real de Portugal naõ reconhecem com certeza mais que a Roberto o Forte viſavo de Hugo Capeto, naõ contando como verdadeiros os aſcendentes que o entroncaõ atè Carlos Magno, de quem a ſegunda linha que reynou em França ſe derivava, e muito menos os que ſe nomeaõ de Carlos Magno atè Clodoveo primeiro Chefe da primeira familia que reynou em França, e com muito mais duvida, os nomes que ſe attribuem aos avòs de Clodoveo atè os Reys da Troya. Brevemente ſahirà a luz huma Diſſertaçaõ Academica, em que me parece provey que ainda que naõ ſejaõ certos os nomes deſtes aſcendentes de Roberto o Forte, he quaſi demonſtrado pelas provas que allego, que Hugo Capeto deſcendia de Carlos Magno, eſte de Clodoveo, e Clodoveo dos Reys dos Francos netos dos de Troya.

Nota 655.

O. 105. verſ. 1. Sibila. Ja expliquey a allegoria com que o nome de Mãy do Conde D. Henrique, e o ſeu eſpirito me fez introduzir huma Sibila no meu Poema, imitando a Virgilio, e a outros poetas.

Nota 676.

O. 107. verſ. 5. Vês como traz ao Reyno. Huma das provas de que o Conde D. Henrique foy á conquiſta da Terra Santa he o Santo Lenho, que D. Rodrigo da Cunha diz, que elle trouxe de Jeruſalem à Sé de Braga.

Nota 657.

O. 110. verſ. 1. Paraninfo. Aos que hoje ſe chamaõ padri-

nhos

nhos dos que caſaõ, e de outras funçoens davaõ os antigos o nome de Paraninfos formado do Grego pela propoziçaõ *para*, e pelo nome *Nimphos*, que he o eſpoſo, ou deſpoſado, e no ſentido miſtico, ſe dá eſte nome ao Anjo Cuſt. AS. Miguel dou o epiteto de Paraninfo, como os poetas os daõ aos Anjos da guarda, e que eſte Archanjo o foſſe de Portugal provey largamente no Panegirico que por eleiçaõ delRey recitey na Academia Real da hiſtoria em 1721. ao Pontifice Innocencio XIII. de que era o nome Miguel Angelo Conti, e que tinha ſido Nuncio em Portugal, era ſeu Cardeal Protector, e foy eleito dia da appariçaõ de S. Miguel. Veja-ſe Macedo livro: *Divi Tutelares.*

CANTO XI.

Nota 658.

O. 4. verſ. 1. Outros conficionados. Ainda que naõ havia polvora no tempo do Conde D. Henrique, ſempre ſe uſou na milicia antiga de materiaes conficionados para o fogo, e havia faxinas para cobrir as trincheiras, livrando-as das pedras, e ſetas.

Nota 659.

O. 7. verſ. 1. Sahe com mil ſoldados. Introduzi em Coimbra tropas de França chamada Gallia pelos Latinos para moſtrar a antiga aliança deſtas duas generoſas naçoens, que em todos os tempos quaſi ſem excepçaõ ſe ſoccorreraõ reciprocamente.

Nota 660.

O. 17. verſ. 1. Hum rebanho de Arietes. Metaforicamente chamo rebanho de Arietes, ou carneiros à maquina militar, que tinha eſte nome, como ja notey, por ter huma cabeça de carneyro de bronze, e quanto mais recuavaõ com movimento eſtranho tanto era mayor o impulſo com que batiaõ os muros, em que poeticamente digo que comiaõ as marmores.

Nota 661.

O. 18. verſ. 1. Catapulta. Ja deſcrevi eſta maquina militar, e todas pódem verſe em Juſto Lipſio, e nos mais, que trataõ da milicia Romana.

Nota 662.

O. 19. verſ. 1. Baliſtas. Tambem eſta maquina ſe deſcreveo, e póde ver-ſe nos Autores allegados, e de algum modo a imitaraõ as bombas inventadas em França por Pedro Maltus em 1638. e reduzidas a arte por Blondel depois que a Geometria achou a medida da linha chamada Parabola.

Nota 663.

O. 20. verſ. 4. Sulfureo. Ja naõ prevalece a opiniaõ dos Filoſofos antigos de que o vento opprimido, a que aqui chamo Noto, que he o Sul, he o que cauſa os terremotos nas concavidades da terra, porque a razaõ, e a experiencia moſtraõ, que as minas de enxofre unindo-ſe com as do ſalitre, fórmaõ de algum modo polvora, e rebentando ſubvertem, e arruinaõ Cidades, e Provincias ſendo mais ſugeitas a eſtes danos, as que tem montes, que pelas minas de enxofre lançaõ fogo, chamando-ſe por eſte motivo ignivomos, e volcães por Vulcano, que fingia a fabula tinha nelles a ſua fórja de ferreiro, e ſaõ em Europa os mais celebres, o Etna, ou Mongibello de Sicilia, o Veſuvio, ou monte da Soma de Napoles, e o Hecla de Irlanda.

Nota 664.

O. 21. verſ. 5. de Numancia, Sagunto, e de Cartago. Numancia que alguns autores Portuguezes querem com pouco fundamento foſſe em Portugal, era na Heſpanha Tarraconenſe, por naõ render ſe aos Romanos depois de hum largo ſitio, tendo-ſe defendido de outro que durou 14. annos. Sagunto que tambem era na Eſpanha Tarraconenſe aliada do povo Romano ſe queimou por naõ render-ſe a Anibal. De Cartago em Africa ſe lea o ultimo ſitio em Tito Livio, Marco Catam votou que ſe deſtruiſſe, Scipiam Nàſica que ſe conſervaſſe; rendeo-ſe a Scipiaõ na 3. guerra Punica.

Nota 665.

O. 21. verſ. 8. Jeruſalem, Ravena, Tiro. O ſitio de Jeruſalem por Gofredo de Bulhon póde ler-ſe poeticamente em Taſſo a quem procurey imitar. O ſitio de Ravena em que houve fóme extraordinaria foy famoſo pela conſtancia dos defenſores. O ſitio de Tiro por Alexandre Magno contaõ Arriano, Plutarco, Quinto Curſio com elegancia.

Nota 666.

O. 22. verſ. 7. Babel. A Torre de Babel, ou de Babilonia principiada por Nembrot para aſſaltar o Ceo, e a Eſcritura nos conta, e o Padre Atanazio Kirker curioſamente deſcreve em hum volume, ſe perdeo pela confuſaõ das lingoas, que eu aqui applico à confuſaõ, com que ſe arruinaraõ as ideas dos infieis no ſitio de Coimbra, e nas torres que levantaraõ para conquiſtalla.

Nota 667.

O. 24. verſ. 5. Quando Liſis a Licio. Deſte epiſodio amoroſo, e tragico, e que imita o de Olindo, e Sofronia de Taſſo, dey razaõ nas advertencias preliminares.

Nota.

Nota 668.

O. 27. verſ. 8. A diſcriçaõ. Naõ me condenem os criticos como equivoco o que digo de renderſe Lizis à diſcriçaõ de Licio, equivocando a eloquencia a que chamamos diſcriçaõ, com a fraze militar de renderſe à diſcriçaõ, ou à merce do vencedor quem naõ pòde defenderſe, mas ſe me naõ valer eſte proteſto, bem pudera, como outras vezes adverti, defender o equivoco quando he natural, e ſenaõ abuſa delle, com exemplos muito illuſtres, e a diſcreta maxima de Soliz atè neſte meſmo Autor teve muitas exçeiçoens, ainda que diſſe.

Los equivocos ſe acaben
Reynen ſolo los concetos;
No ha de eſtar la diſcricion
En que nos equivoquemos.

Nota 669.

O. 28. verſ. 8. Frios abraços. Titaõ velho eſpoſo da Aurora de que ja contey a fabula.

Nota 670.

O. 30. verſ. 1. Caſta Diana. Como Diana era Deoſa taõ pura, digo que a Lua ſe eſcondeo para naõ ver nem o licito termo do amor conjugal dos dous amantes, e que Venus chamada pronuba, que he o epiteto que ſe lhe dava quando aſſiſtia ao talamo, veyo animar a Liſis, e Liſio. Marino eſcreveo hum epitalamio, em fraze mais diſcreta que pura intitulado: *Venere Pròjuba.*

Nota 671.

O. 44. verſ. 2. Quadrupedes medroſos. Os coelhos ſaõ os que enſinaraõ aos homens a fabricar as minas para ganhar as praças por baixo da terra, e por eſta razaõ lhe chamavaõ *Cuniculi*, e ſe formavaõ ſuſtentando os aliceces dos muros ſobre eſtacas de madeira com pès, e outras materias inflamaveis, e deixandolhe fogo quando acabavaõ de arder, ſe arruinavaõ os muros faltandolhes o fundamento: a primeira mina depois da invençaõ da polvora fez executar o graõ Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova no ſitio de Gaeta em Napoles, e ſe affirma, que voando hum lanço de muralha, deixou ver aos ſitiadores huma cortadura, que os defenſores fabricavaõ, mas cahindo outra vez o muro, ficara inteiro ſobre os meſmos pontos donde tinha voado. Iſto que parece incrivel, vimos ſucceder tm Serpa com huma torre de marmore, que em 1707. ſe intentou voaſſe, e ficou muito pouco pendente onde antes eſtava.

Nota 672.

O. 50. verſ. 2. Do tropico do gelo. Diz que o Sol tinha ſahido havia pouco tempo do tropico de gelo, que he o de Capricornio, em que ſe faz o ſol ſticio invernal em 21. de Dezembro com o mais pequeno dia do anno.

Nota 673.

O. 53. verſ. 2. Barbacãs. Barbacãs, e galarias ſaõ como as outras obras bem conhecidas da fortificaçaõ antiga, e moderna, a primeira entre a muralha, eo foſſo, e ſegunda para paſſar o meſmo foſſo.

Nota 674.

O. 59. verſ. 3. Periandro. Entre os ſete Sabios de Grecia foy hum dos mais famoſos Periandro, que a pezar da ſua Filoſofia moral dominou Corintho, advertindoſe, que o nome de tyranno naõ ſe dava ſõ ao que era cruel, mas, ao que uſurpava a liberdade da patria. Segundo a opiniaõ mais commua foraõ os outros ſeis Sabios Bias de Priene, Chilon de Lacedemonia, Cleobulo de Lydia, Pitaco de Mitilene, Solon de Athenas, e Thales Mileſio.

Nota 675.

O. 59. verſ. 5. Lizandro. Capitaõ famoſo.

Nota 676.

O. 59. verſ. 6. Temiſtocles. General inſigne de Athenas, donde foy deſterrado pela Ley do Oſtraciſmo, e paſſando-ſe aos Perſas, ſe matou com o ſangue do touro, que ſe ſacrificava por naõ concorrer para a ruina da ſua patria. Vejaõ-ſe Cornelio Nepos, e Plutarco.

Nota 677.

O. 62. verſ. 8. Venenoſos dentes. Diz a fabula, que Cadmo ſemeou dentes de Serpentes, de que naſceraõ homens armados, que logo ſe combateraõ; e que Africa produza Serpentes, he bem ſabido, pois atè o adagio antigo, que perguntava *Quid novi*? tinha a reſpoſta: *Sumus ne in Africa*? porque ſignificava, que na Libia ſe produziaõ cada dia diverſas eſpecies de animais venenoſos. Aſſim chamou Gongora a huma Dama Africana.

Hija alfin de Jus arenas
Engendradoras de Sierpes.

Nota 678.

O. 64. verſ. 8. Deſtes tres novilunios. Ja ponderey, que poderia repararſe o anacroniſmo, ou erro de tempo no em que os Mouros uſaraõ nos eſtandartes as tres Luas; mas entendo que ſaõ mais antigas eſtas divizas pelo muito que o Alcoraõ atende à Lua nova, ſuppondo os Mouros, que Mahometo, ou Maſoma

tinha

tinha o governo do mundo dado por Allà, nome que davaõ a Deos.

Nota 679.

O. 65. verſ. 2. Que triforme te moſtras. Das tres Luas do eſtandarte tirou a idolatra Axa a invocaçaõ à triforme Cynthia *Tria virginis ora Dianæ*, ſendo eſta Deoſa Lua no ceo, Diana na caça, e Proſerpina no abiſmo; e lembra outra vez a indigna fama, que Eroſtrato pertendeo por queimar o templo de Diana em Ephezo, como algumas vezes ſe terà lido neſtas notas.

Nota 680.

O 83. verſ. 7. Pean. Segundo Homero, como ja expliquey, era Pean Medico, ou Cirurgiaõ, que curava as feridas dos Deoſes, e Apolo foy tambem chamado Pean, e Deos da medicina, ſendo a Cirurgia mais antiga inventada por Chiron, que foy meſtre de muitos heròes, e de Eſculapio filho de Apolo, e inventor da Medicina.

Nota 681.

O. 90. verſ. 8. Do Mançanares, do Piſſuerga, e Tormes. Ja ſe diſſe algumas vezes, que D. Pedro Bernardo de S. Fagundo, ou de Sagun era rico homem, e grande Senhor em terra de Campos, e em Leaõ, e Caſtella, por onde correm o Mançanares de Madrid, o Piſſuerga de Valladolid, e o Tormes de Salamanca.

Nota 682.

O. 99. verſ. 5. Portuno. He o Deos dos portos, os Gregos lhe chamaraõ Palemon, e dizem que eſte Deos fora primeiro Melicerta filho de Ino, que precipitando-ſe no mar, fugindo da furia delRey Athamante ſeu marido, foy convertida em Deoſa. Os jogos Portunos, e Iſthmicos ſe lhe dedicaraõ.

Nota 683.

O. 100. verſ. 8. He Paulo da Tebayda Lùzitana. Digo que à viſta do monte de noſſa Senhora de Nazareth ſe derrotou a Armada dos Mouros com huma tormenta, pelas oraçoens de hum Anacoreta a que chamo imitador de S. Paulo primeiro Ermitaõ da Tebaida do Egypto, e na Luzitana, ou de Portugal, houve depois a Religiaõ dos Pauliſtas, que da Serra de Oſſa em Alentejo continuaõ em dar virtuoſos exemplos. Chamey a imagem ſimulacro, porque achey naõ ſò em Poetas, mas em Autores muito graves darſe eſte nome às imagens verdadeiras dos Santos, e naõ ſò aos idolos dos Deoſes falſos.

Nota 684.

O. 102. verſ. 1. Na eſfera Superior. Do Ceo Empireo deſceo S. Miguel ao Ceo Sydereo, ou das eſtrellas, que he o ſegundo, e

veyo

veyo ao aereo, que he o terceiro, e ultimo a executar as ordens da Rainha dos Anjos; e digo que fez fugir os maos espiritos, que muitos Theologos, e Filosofos dizem ficaraõ na Regiaõ do ar, de que os antigos tiveraõ algum conhecimento.

Nota 685.

O. 102. verſ. 8. Indigetes. Os Indigetes conheceraõ os Gentios por protectores das Cidades, que inviziveis soccorriaõ aos que os invocavaõ, Virg. no primeiro das Georg. falla nelles. Dizem se chamaraõ assim, porque *non indigebant*, ou naõ necessitavaõ de ninguem. Daõlhes outras ethimologias, os que crem nos genios malignos chamados pelos Espanhoes Duendes, suppoem que eraõ estes espiritos aereos, e com sutil, e engenhosa extravagancia o Padre Fuente la Penha no Ente Dillucidado quer persuadir, que saõ animaes mortaes, e invisiveis.

Nota 686.

O. 106. verſ. 3. Doris, Tetis, e Anfitrite. Deosas maritimas. Foy Doris, esposa de Nereo, e Thetis filha de Nereo, esposa de Peleo, e May de Aquiles; Anfitrite Irmãa de Tetis esposa de Neptuno.

Nota 687.

O. 106. verſ. 6. Tritaõ. Bastaõ para saber a fabula de Tritaõ os dois versos de Camoens, e o seu comento de Faria.

Era Tritaõ Mancebo negro, e feyo
Trombeta de seu Pay, e seu correyo.

Nota 688.

O. 108. verſ. 1. Eolo. He imitaçaõ de Virgilio no primeiro livro da Eneada, quando principia.

Æolium venit, hic vasto Rex Æolus antro
Luctantes ventos, tempestates que sonoras
Imperio premit, ac vinclis, & carcere frænat.

Nos ventos que nomeyo de diversas regioens se incluem os outros que dos quatro pontos do Norte, e Sul, Leste, e Oeste correm os rumos nas tempestades grandes, e os nomes que tem hoje modernos dizem que lhos deu Carlos Magno, e tem outros no Medi terraneo.

Nota 689.

O. 118. verſ. 1. Triremes, A's nãos, e Gales antigas de que naõ he hoje muito conhecida a construcçaõ, se dava o nome de Biremes, se tinhaõ duas ordens de remos, e de Triremes se tinhaõ tres, e supponho, que tinhaõ animaes de escultura nas popas para fazer que se transformem em monstros marinhos como Virgilio fez às Nãos de Eneas em Ninfas maritimas, e aqui pinto as Sereas

me-

medroſas, pedindo ſocorro às Focas, e Balèas formidaveis monſtros Marinhos.

Nota 690.

O. 112. verſ. 8. Protheo. Ja declarey, que Proteo era paſtor do rebanho maritimo.

Nota 691.

O. 214. verſ. 8. Betis. Naõ ſó chamo Reys do Betis, aos de Cordova, e Sevilha, mas ao de Granada, com elles paſſou eſte rio para incorporar-ſe com Ali, como depois fizeraõ.

Nota 692.

O. 123. verſ. 4. Dam. O Rio Dam naõ muito caudeloſo dà o nome à Villa de Santa Comba, que o tem de huma Santa Portugueza, e entra no Mondego.

Nota 693.

O. 124. verſ. 8. Argonautas. O nome de Heròes ſe deu a todos os Argonautas, que embarcaraõ na náo Argos com Jazon, porque ſegundo a minha opiniaõ combatida pela eloquencia do Marquez de Valença na Academia Real naõ podiaõ ſer Heròes em ſentido proprio, ſenaõ por expediçoens militares, como o foy a Argonautica combatendo eſtes heroes mõſtros, e elementos: vejaõ-ſe os ſeus nomes na Mythologia de Natal Comite, e nos fragmentos atribuidos a Orfèo, em Dionizio Milezio, e nos dous Poemas Grego, e Latino de Apolonio Rhodio, e Valerio Flacco, de que fiz juizo nos preliminares.

Nota 694.

O. 126. verſ. 8. Pierio. Eſta pauſa no fim do canto aſſim na Poeſia, como na Muſica, he armonioſa, e fazendo a pena da Ave Fenix, eſpero que no ultimo Canto poſſa renacer ao fogo o de Apolo, e do Pierio, monte de Beocia em Grecia viſinho ao monte Parnazo que lhe tomou o nome, e as Muſas o de Pierides depois que venceraõ a eſtas deſalojando-as do ſeu monte. *Pierius menti calor incidit*, diz Stacio.

CANTO XII.

Nota 695.

O. 1. verſ. 8. Eſtro, vaticinio, e entuſiaſmo. Invòcar a Muſa no corpo do Poema tem muitos exemplos, que allega Faria no Comento da oitava de Camões que principia com o Canto 3.

Agora tu Caliopè me enſina,
O que contou ao Rey o Illuſtre Gama,

e baſ-

e baſtava o grande Camões para exemplo. O Eſtro, que hé o inſecto, ou moſca, que pica os Poetas, e lhes dà o furor, e o vaticinio, que os faz profetizar, e o entuſiaſmo, que os eleva ſobre o commum com huma quaſi divina loucura de que diz o Lirico: *Excludit ſanos Helicone poetas*; eſtà taõ diſcorrido nos Meſtres da Arte como mal applicado pelos inimigos da poeſia.

Nota 696.

O. 2. verſ. 1. Touro luminoſo. Ja corre o tempo da acçaõ atè 20. de Abril dia em que entra o Sol no Signo de Tauro, que hé o Touro, em que Jupiter ſe converteo para roubar Europa que deo o nome à mais pequena, e mais illuſtre das quatro partes do mundo, e com eſta alluzaõ a faço tambem às armas do Touro, que ſaõ em meya Lua, inſignias dos infieis; o inimitavel Gongora, e Pindaro Eſpanhol, principia aſſim as ſuas cultas Soledades.

Era del año la eſtacion florida,
en que el mentido robador de Europa,
media Luna las armas de ſu frente,

Naõ poſſo deixar na permiſſaõ, que tem as notas, de contar que ouvi muito ſeriamente em huma Academia explicar eſtes verſos pelo graõ Turco, que era mentido roubador de Europa, e tinha meya lua por armas: naõ occorreo eſta intrepretaçaõ a Pelicer, nem a Coronel.

Nota 697.

O. 3. verſ. 6. Patroclo. De Patroclo amigo de Aquiles tratou Homero. De Scipiaõ, e Lelio eſcreve com outros Cicero tomando o titulo de Lelio no ſeu admiravel tratado de *Amicitia*, a que ſeguio em outro livro do meſmo titulo elegantemente o Portuguez Macedo com elogios em proſa, e verſo dos poucos amigos verdadeiros, que houve no mundo, e que ainda hoje ſaõ mais raros. De Eneas, e Achates ſe lea Virgilio; de Hercules, e Tezeo ſe veja Plutarco. Nota 698.

O. 6. verſ. 5. D. Aniaõ de Eſtrada. Fazem os Genealogicos a D. Aniaõ de Eſtrada, tronco dos Goes, que pela Caſa de Sortelha pertence hoje ao Conde de Villa nova, e da qual terra com outras lhe fez doaçaõ o Conde D. Henrique, e a Rainha D. Thereza em 1110. Nota 699.

O. 6. verſ. 7. Garcia Rodrigues. Ja fiz menção de D. Garcia Rodrigues, tronco dos Coutinhos, e Senhor do Couto de Leomil, que entaõ ſe chamavaõ Couteiros, de donde lhe veyo o apelido.

Nota

Nota 700.

O. 8. verſ. 1. D. Egas Gomes. D. Egas Gomes ſe acha aſignado em muitos privilegios, e foy o primeiro que tomou aos Mouros a terra de Souza entre Douro, e Minho, achou-ſe em muitas batalhas com o Conde D. Henrique, e ElRey ſeu filho.

Nota 701.

O. 8. verſ. 3. D. Gonçalo Traſtamires. Chamou-ſe da Maya por ſer Senhor deſta terra entre o Douro, e Ave, era filho de Traſtamiro Alboazar, e alcançou o tempo dos Reys D. Affonſo V. e VI. de Leaõ, e do Conde D. Henrique.

Nota 702.

O. 8. 1. verſ. 5. Maya o lidador. D. Mendo Soares da Maya rico homem foy chamado o lidador pelas muitas batalhas, e combates, que venceo, que entaõ ſe chamavaõ Lides, e ainda em Caſtelhano ſe diz Lid pela contenda, e o termo vulgar de lida, e lidar por trabalhar, he uſado em Portuguez. Era D. Mendo filho de D. Soeiro Mendes da Maya, e Irmão de D. Maria Soares da Maya caſada com D. Pedro Bernardo de S. Fagundo.

Nota 703.

O. 15. verſ. 1. Cordova, e Toledo. Vay o Conde D. Henrique recopilando os beneficios que deve a N. Senhora, e ſe lembra agradecido das victorias que alcançou dos Mouros de Cordova, e Toledo, quando ſervia a ElRey D. Affonſo VI. de Leaõ, ante de eſtabelecer-ſe em Portugal.

Nota 704.

O. 25. verſ. 1. Sem legiaõ. As legioens (como diſſe) ſe numeravaõ no Imperio Romano, e ſe dividiaõ em cohortes.

Nota. 705.

O. 23. verſ. 8. Taliſman. O nome de Taliſman ſe deo na lingoa hebraica a certas figuras, que ſe gravavaõ em pedras, ou metaes, que criaõ, que por influencia de algum Planeta, ou Signo dava bens, e perſervava de males, e muitas veſes ſe eſculpia a meſma figura celeſte no Taliſman, e por iſſo digo que era a Lua, a que a ſuperſtiçaõ fazia agora entre os infieis mais poderoſa. Jacobo Gafarel em hum livro antigo Francez intitulado Curioſitès Finovies defende, que naõ ha ſuperſtiçaõ nos Taliſmans com o meſmo fundamento com que intenta provar, que o ceo he hum livro em que póde aprender-ſe a ler pelas eſtrellas os ſucceſſos futuros, porque ellas ſe naõ dividem nas figuras com que as debuxóu a Aſtrologia, mas que todas formaõ os caracteres, e letras he-

braicas, que pódem facilmente ler-se, e decifrarse.

Nota. 706.

O. 29. verſ. 3. Muſulmanes. Muſulmanes na lingoa Arabiga ſignifica fieis, e os Mouros, que o naõ ſaõ, com barbara impiedade chamaõ idolatras aos Chriſtãos, porque adoraõ a Trindade, e veneraõ as imagens; e ſigo o caracter deſte Rey infiel como he proprio, e preciſo fazer aos Poetas.

Nota 707.

O. 34. verſ. 7. Eſtes que a figura da reticencia Apoſiopeſis com o exemplo de Virgilio, e de outros interrompe o ſentido com propriedade, ainda que Neptuno no primeiro da Eneida he quem ſe interrompe a ſi meſmo ameaçando os ventos.

Quos ego; ſed motos præſtat componere fluctus.

Nota 708.

O. 61. verſ. 8. Codro Rey de Athenas. Lucidoro generoſamente ſe eſquece da uſurpaçaõ de Aly, e lhe lembra o exemplo de Codro Rey de Athenas, que ſe disfarçou em Paſtor para dar a vida pela patria, por ter dito o oraculo, que venceria aquella naçaõ a quem na batalha ſe mataſſe o Rey, e aſſim ſuccedeo.

Nota 709.

O. 72. verſ. 8. Os oraculos. Faça-ſe memoria de que no terceiro canto prometeo Palas a Axa que no dia do ſeu mayor triunfo havia de ſer ſervida no templo dos Chriſtãos por Henrique, e Tereſa, o que Axa entaõ naõ entendeo, e ſe verificou no ſeu baptiſmo, e delRey de Lamego ſeu eſpoſo. Que os oraculos foſſem todos artificios dos Sacerdotes defendeo eruditamente Van Dale; e reſumio diſcretamente Mr. de Fontenele, erudito Secretario da Academia Real das Sciencias, mas eſta opiniaõ abſolutamente naõ he facil de defender-ſe contra o commum dos Santos Padres, que julgaraõ que os demonios muitas vezes fallavaõ nos oraculos, a que Chriſto fez ceſſar.

Nota 710.

O. 78. verſ. 6. Onume do Parnazo. Para dizer que ſe deſmayou o Sol, lhe chamo nume do Parnazo por ſer Apollo o que preſide às Muſas naquelle monte.

Nota. 711.

O. 79. verſ. 1. Heròe. Eſta hiſtoria, que deſenlaça todo o enredo do Poema continuando a de Muley, e Aldàra que em varias partes da Henriqueida ſe vay referindo, he contada por Tancredo, que no Canto III. ſe diſſe, fora cativo por hum pirata Mouro;

quando

quando depois da morte de Matilde sahio de Bayona de França intentando levar estes dois filhos do Conde D. Henrique para Bayona de Galiza governando aquelle Reyno o Conde D. Ramon primo do Conde D. Henrique.

Nota 712.

O. 92. vers. 2. Jo, ou Izis. Para dizer que como muitas vezes se costuma traziaõ os Mouros no navio huma vaca que lhe dava leite, lhe chamo Jo, que se converteo em vaca pelo ciume que Juno teve de Jupiter, que amava esta Ninfa filha do Rio Inaco, e que depois foy adorada em Egipto com o nome de Izis, e guardada por Argos que tinha cem olhos a quem Mercurio com o toque da Flauta, e do Caduceo adormeceo primeiro, e matou depois, convertendo-se em Pavaõ de que os matizes parecem olhos, e desta fabula disse hum Poeta Portuguez.

Jo foy vaca, Jupiter foy touro.

Nota 713.

O. 92. vers. 5. Capella. Em latim capella he diminutivo de capra pela que deo de mamar a Jupiter, e he huma estrella da primeira grandeza, que se tem por chuvosa como os Hedos, ou cabritos, que tem a mesma origem nas fabulas astronomicas.

Nota 714.

O. 92. vers. 6. Cornucopia. Estas questoens pódem chamar-se *de lana Caprina*, todas tocaõ com a cornucopia de Amaltèa as fabulas referidas. Nota 715.

O. 92. vers 8. Bootes. Este nome se dá ao guarda das constelaçoens das Ursas, que foy filho de Jupiter, e Calixto, e chama-se assim, porque o seu curso he taõ vagaroso como o boy, *Cic. Lib 2. de nat. Deor.*

Nota. 716.

O. 105. vers. 5. Tarudante, He Tarudante Reyno de Africa, a que Camoens faz de trez sylabas, dos muros de Marrocos, e Trudante, deu-lhe o nome a Cidade de Teurant no Reyno de Sus, sugeito ao de Marrocos.

Nota 717.

O. 113. vers. 3. Leovegildo. Ao Ermitaõ que ElRey D. Affonso Henriques diz no seu juramento o auisou junto a Castro Verde no Campo de Ourique de que Christo queria aparecer-lhe, chama Fr. Bernardo de Brio Leovigildo Pires de Almeida, e vay na sua fé esta noticia, que me bastou para o fazer pay de Pelayo Amado, que se conta por tronco desta illustre familia, e aqui me servio para verificar o fim da historia de Muley, e Aldara.

Nota 718.

O. 121. verſ. 7. Neòphitos. Aos novamente convertidos chama a Igreja Neophitos. Veja-ſe a nota 514.

Nota 719.

O. 122. verſ. 5. Tobias. Pòde ler-ſe, como a ſua conſtancia, e virtude fez felice o ſeu caſamento com Sàra filha de Raguel, afugentando o mào eſpirito Aſmodeo, que matou no talamo os primeiros ſete maridos deſta mulher virtuoſa, animando a Tobias a inſpiraçaõ do Anjo Saõ Rafael.

Nota 720.

O. 122. verſ. 6. Jordaõ. Para figura do bautiſmo ſe lembra o rio Jordaõ, que os Hebreos paſſaraõ a pè enxuto, bautizando depois S. Joaõ Bautiſta a Chriſto junto a eſte rio da Paleſtina.

Nota 721.

O. 129. verſ. 5. As victorias de Henrique. Imito a Virgilio que nas copas da baixella de Dido deſcreve a Eneas muitas acçoens heroicas, e eu as ſupponho nos adornos das meſas, que antigamente ſe chamavaõ triunfos, e em algumas partes ſe uſaõ ainda hoje em occaſiões publicas dos Palacios.

Nota 722.

O. 131. verſ. 8. A milhares. O numero de mil que indefinito tem privilegio de exprimir-ſe entre os poetas, e atè em Autores mais ſagrados para ſignificar multidaõ, me deo a confiança para repetillo em todos os verſos deſta oitava para dar huma idea da grandeza, ſem temer que pareça jógo de vocabulo, a que condena Lupercio dizendo como já ponderey em outra nota,

Que jugar de vocablo es triſte ſeta.

Nota 723.

O. 132. verſ. 3. Agamenon. He bem conhecido eſte heròe em Homero, por ſer General das tropas de Grecia, e o ſeu Epitalamio com a Rainha Clitemneſtra, que cantaraõ os Poetas, dizem ſe achou ha poucos annos em huma lamina de bronze. Orcheſtra he o lugar do teatro onde eſtavaõ os Muſicos, e inſtrumentos.

Nota 725.

O. 133. verſ. 7. Chorèas. Era o nome que davaõ os antigos às danças das Ninfas: Virg. Æneid. lib. 6. v. 644.

Pars pedibus plaudunt choreas, & carmina dicunt.

parece que eſta dança he a que ſe acompanha com a Muſica, e a ſua ethimologia vem de chorus.

Nota

Nota 725.

O. 135. verſ. 1. Dos dous Talamos. Neſtes dous leitos nupciaes digo eſtavaõ bordados os epitalamios mais celebres, como foraõ o de Jupiter, e Juno, que eraõ os principais Deoſes, e Irmãos; o de Cupido, e Pſiques, a quem depois da ſua infelicidade fazem alguns Mythologicos eſpoſa do Amor, porque Pſiques em Grego ſignifica a alma; o de Anfitriaõ, e Alcmena, da qual naſceo Hercules tomando Jupiter a fórma de Anfitriaõ, como ſe vé na admiravel comedia de Plauto bem imitada por Molieri, e por Camoens; o de Heitor filho de Priamo com a bella Andromaque famoſa em Homero, e nos poetas tragicos Gregos, e naõ menos em Racine Francez; o de Peleo, e Tetis, que com puriſſimo eſtylo eſcreveo Catullo a quem chamo Ciſne de Verona, por ſer como já diſſe a ſua patria.

Nota 726.

O. 136. verſ. 1. Cinco Amores. Nos epitalamios naõ ſó ſe entroduzia o Amor, mas muitos Amores, e aſſim o diz Claudiano no Epitalamio de Honorio, e Maria, fazendo o primeiro filho de Venus, e os outros das Ninfas.

Hos Nimphæ pariunt, illum Venus aurea ſolum.

Marino diz

è Capitan frà gl' altri Amori Amore;

Gongora,

Coronò laſcivo enxambre
De cupidillos menores:

E eu reduzo eſtes Amores a cinco para repreſentar os ſentidos, e fugi neſtes epitalamios da malicioſa licença, com que Ausonio ſendo Poeta Chriſtão tirou centoens impuros de hum Poeta Gentio, mas muito puro, como foy Virgilio, de quem diz Santo Agoſtinho *Virgilium pueri legant*, e a meſma licença tomaraõ muitos Poetas nos ſeus epitalamios.

Nota 727.

O. 138 verſ. O Amante de Climene. Bem ſe ſabe que he Apolo, que de Climene teve a Faetonte, e que a eſte Deos venceo ſempre Cupido, porque o Sol, e o Amor ſaõ as fontes do calor de que o mundo ſe anima.

Nota 728.

O. 147. verſ 5. De huma ſanta milicia reveſtido. A hiſtoria diz, que eſte D. Pedro Affonſo foy o primeiro Meſtre de Aviz, Ordem mais antiga entre as Militares de Portugal, e que depois

foy

foy Religioso de S. Bernardo, e morreo santamente em Alcobaça. A Ordem de Aviz instituhio ElRey D. Affonso Henriques, e como este Rey teve outro filho do mesmo nome, se equivocaõ as acçoens de hum, e outro D. Pedro Affonso, como já adverti, e me pareceo que o dizer sahira de Portugal nesta occaziaõ a buscar a guerra da terra Santa, como D. Pedro dizem que fez, era hum modo decoroso de o naõ deixar com Aldàra para conservar o seu Caracter com esta ultima, e generosa resoluçaõ, dando com esta acçaõ quasi tragica hum novo exercicio aos que lerem o Poema de que o fim com esta opposiçaõ de tragedia, e felicidade, naõ fica menos proprio das regras epicas, pois assim he a morte de Heitor, e de Patroclo, em Homero, e a de Camila, e Turno em Virgilio.

Nota 229.

O. 151. vers. De Guimaraens nas Cortes. Veja-se a Fr. Antonio Brandaõ na 3. parte da Monarchia Luzitana a noticia que póde alcançar destas primeiras Cortes de Portugal, em que se estabeleceraõ Leys muito uteis antes que as de Lamego.

Nota 730.

O. 152. vers. 5. Medoro. Da fermosa Angelica amada de Orlando, e amante do galhardo Medoro tratou larga, e discretamente Arioslo no seu Orlando furioso, e com brevidade naõ menos conceituosa o sublime Gongora no Romance que principia.

En un Pastoral alvergue,
Que la guerra entre unos robles
Le dexò per escondido.
O' le perdonò por pobro.

Nota 731.

O. 173. vers. 5. O cabello crinìto. Os cometas que saõ huns astros peregrinos se dividem em crinitos, porque a luz faz que pareça que tem cabellos, que isto significa crinìto, e por isso o applico ao cabello da Infernal figura de Mafoma; em Barbatos, porque parece, que a mesma luz fica como barba crescida na estrella; e por este motivo os applico ao rosto de Mafoma; e em caudatos porque parece tem huma cauda, que atribuo à vestidura desta horrenda vizaõ.

Nota 732.

O. 178. vers. 8. Aquiles de Hector, de Turno Eneas Nas auriferas areas do Tejo vou dispondo o fim da acçaõ, em hum combate singular do Herò com o seu principal contrario, como Homero descreveo o de Aquiles matando a Heitor, e Virgilio, o de

Eneas

Eneas tirando a vida a Turno.

Nota 733.

O. 179. verſ. 3. De ferro. A porta do ferro em Lisboa tinha já eſte nome quando a ganhou aos Mouros ElRey Dom Affonſo Henriques, e o conſervou atè os ultimos ſeculos.

Nota 734.

O. 187 verſ. 1. Valle ameno. Ao norte de Lisboa eſtà ſituado o valle da Anunciada entre os montes de S. Roque, e Santa Anna, e he hum dos mais apraziveis ſitios de Lisboa, cheyo de Palacios, e Jardins, onde de algum modo me lembro do dos Condes da Ericeira, da fonte de Neptuno, obra admiravel do inſigne Eſcultor o Cavalleiro Joaõ Bautiſta Bernini, o primeiro entre os modernos, e que em Roma compete com os antigos.

Nota 735.

O. 190. verſ. 5. Oſtraciſmo. Ja tratey deſta ley antiga Grecia em Athenas, e Lacedemonia, onde quem ſe diſtinguia muito dos mais Cidadãos no merecimento; pelo receyo, de que podeſſe tiranizar a patria, padecia ainda que com honra, o deſterro de dez annos, e ſe chamava Oſtraciſmo, porque ſe votava com caſcas de Oſtras brancas, e negras. Em Sicilia chamavaõ a eſta ley Petaliſmo porque votavaõ com folhas verdes, e ſecas de Oliveira, que em Grego tem o nome de Petalos.

Nota 736.

O. 195. verſ. 5. Cintra. Que Cintra ſeguio o deſtino de Lisboa rendendo-ſe ao Conde D. Henrique, diz Brandaõ no lugar muitas vezes citado. He Cintra humã Villa diſtante de Lisboa cinco legoas ao Norte celebre pela magnificencia do ſeu Palacio, fundaçaõ delRey D. Affonſo o V. e que ElRey D Joaõ o V. reſtaurou da ruina: pela aſpereza, e ao meſmo tempo amenidade da ſua ſerra, e mais que tudo pelos ſeus Santos Conventos da Pena, e dos Capuchos. Tudo deſcreveo em hum Poema Latino a admiravel Luzia Sigéa, que cultivou a Academia da em tudo incomparavel Infanta D. Maria. A Ericeira pouco diſtante de Cintra, e ſobre o mar bem conhecida pela ſua peſcaria, deo-lhe o nome, e armas hum mariſco chamado pelos antigos Eiriç, hoje Ouriço, he antigo titulo, e perpetuo Senhorio dos Condes da Ericeira, da familia dos Menezes.

Nota 737.

O. 197 verſ. 8. E o diadema as feridas cure, e ate. Conta-ſe que Alexandre atou com o Diadema as feridas de Liſimaco de que lhe

lhe profetisaraõ, que havia de ser Rey de Macedonia, o que se verificou na repartiçaõ que se fez depois da morte do grande Alexandre. Nota. 738.

O. 202. vers. 2. Centumano. He hum nome que se dâ ao Gigante Briarèo, que diziaõ tinha cem braços, e foy hum dos que na guerra dos Titaens contra os Deoses punha montes sobre montes, e entre elles os dois da Grecia Pelion, e Ossa, de que diz o Poeta. *imponere Pelion Ossæ.*

Nota 736.

O. 206. vers. 8. Do venenoso peixe os pescadores. He certo que o peixe chamado pelos Latinos Torpedo, e pelos Portuguezes Tremelga, faz entorpecer o braço, mas naõ querem os modernos, que isto seja por virtude occulta, pois tem experimentado que as muitas fibras de que se compoem, com hum movimento convulsivo se apertaõ de repente quando os fere o anzol, ou qualquer outro instrumento, e sente o braço de repente o mesmo aperto que o peixe faz no ferro, e que agita com violencia o mesmo braço pelo cordel, em que o anzol està preso.

Nota. 740.

O. 208. vers. 8. Os Escudos, e os Alfanges. A repetiçaõ de Escudos, e Alfanges em diversos usos naõ desfigura esta Outava como ja ponderey em outras em que o mesmo nome tambem se repete que Falangues era hum batalhão Macedonico, e que os Loureyros se suppunhaõ livres dos rayos he muyto sabido, e se acha nestas notas algumas vezes explicado.

Nota 741.

O. 212. vers. 1. Apolinea rama. Depois da transformaçaõ de Dafne foy o Loureyro chamado Apolineo, porque o consagraraõ a Apolo. Nota 742.

O. 213. vers. 8. Mas dece a escurecer o negro abismo. Acabey o Poema, imitando a Virgilio, que diz de Eneas, matando a Turno, *Vitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras*, verso que se acha repetido no mesmo Poeta, a que imitou Ariosto, e outros que conheceraõ o Poema heroico havia de acabar com a morte do Emulo do Heròe, deixando suppor-se o fim da acçaõ sem individuala, como se faz nas obras Dramaticas dos teatros, delicadeza que naõ entenderaõ muitos antigos, e modernos; e que deo confiança a Mafeo Vegio para entender, que Virgilio deixara o seu Poema postumo imperfeito, parecendo-lhe, que havia de continuar o Poema depois da morte de Turno, com o estabelecimento

de

de Eneas no Reyno de Italia, e caſamento de Lavinia, circunſtancias que largamente ponderey nas advertencias preliminares que ſervem muito para entender a Henriqueida, e as ſuas notas, que he ja tempo de concluir.

O Epiſodio da Torre de Hercules em que D. Pedro Bernardo vio debuxada a ſua aſcendencia, e deſcendencia na varonia dos Menezes, e que ſe mudou no canto decimo pelas razoens que ſe daõ na nota 633. à outava 78. do meſmo Canto, introduzindo em ſeu lugar, outro epiſodio dos principios de Portugal, e conſervando-ſe eſtas outavas pelos motivos que ſe podem ver naquella nota, e com o exemplo, ainda que taõ deſigual pelo exceſſo, que me faz Luiz de Camoens em tudo incõparavel, de conſervar Manoel de Faria, e Souza no ſeu erudito comento as outavas que o Poeta tirou dos ſeus primeiros manuſcriptos.

FIM DAS NOTAS.

OITAVAS.

1.

Vlo que laminas fulgidas, e puras
Naõ ſó ſua magnanima aſcendencia,
Mas de Muſaico em immortaes pinturas
Dos ſeus Menezes a alta deſcendencia:
Hercules com profeticas figuras
Vendo ſem excepçaõ quanta excellencia
Todos teriaõ no marcial officio
Os quiz eternizar ſabio, e propicio.

2.

Trinta ſeculos hà que o Grande Balto
Rey de Gocia chamado o atrevido,
De que a progenie generoſa exalto,
Deixa ao Baltico mar ſeu nome unido;
Eſte da torre no lugar mais alto
He da proſapia tronco eſclarecido;
Por evos dezeſete o ſeguem todos
Rayos ſetentrionaes Monarcas Godos.

3.

Seu deſcendente o Balto Theodoredo
No Trono illuſtre, que illuſtrou de Heſpanha
Foy por ſeis luſtros dos contrarios medo,
Juſto na paz, glorioſo na Campanha:
Eurico filho ſeu o alto rochedo
De Pirene venceu com gloria eſtranha;
E Marte, que o anima, e o aconſelha,
Lhe cinge o louro em Arles, e Marſelha.

4.

O coroado ſucceſſor de Eurico
Teve valor igual, deſigual ſorte
Que o grande Clodoveo deu a Alarico
Nos Bogladenſes campos dura morte:
Naõ tem melhor fortuna Amalarico,
Que menos religioſo do que forte,
Aos decretos do Ceo naõ viſſe humilde
Que amparou as virtudes de Clotilde.

5.

Depois da uzurpaçaõ de Atanagildo
Com valor raro, e religiaõ profana
Filho de Amalarico, Leovigildo
Moſtra no roſto a condiçaõ tirana:
Mais lhe deveo o Santo Hermenegildo
Banhada em ſangue a imagem Soberana,
Sendo Progenitor, ſendo homicida,
Que na vida mortal, na immortal vida.

6.

Em Grecia Atanagildo a furia evita,
Com que a herezia barbara o perſegue,
Contra infieis intrepido milita
A buſcada aliança entaõ conſegue
Em ſeu fiiho Ardavaſto depoſita
De altas virtudes o exemplar, que ſegue
Atè que de Arrio vence o horrendo medo
O Catholico Flavio Recaredo.

7.

Foy filho de Ardavaſto o claro Hervigio
Que o Sceptro empunha Gothico, e Hiſpano
Na guerra aſſombro foy, na paz prodigio,
Luz no ſagrado, gloria do profano,
Em Pedro de Cantabria hum ſó veſtigio
Naõ ſe apagou de hum Pay taõ ſoberano,
E o Cantabro renova antigas glorias
Com que de Roma diſputou victorias.

8.

Com a ſombra ecclipſou das acçoens ſuas
O Catholico Affonſo Rey primeiro
Triunfantes Mahometanas meyas Luas
A quem foy ſol o celebre guerreiro:
Nelle, ó Pelayo, a gloria perpetúas
Que a Heſpanha libertou do cativeiro
Logo ſuccedem tres imagens bellas
De hum Rey Affonſo Caſto, e dois Fruelas.

9.

Robuſto illuſtre Principe Bermudo
Naõ reinou; e reinar bem merecia,
Mas da Fé ſendo eſpada, e ſendo eſcudo
Ramiro a dilatava, e defendia;
De Clavijo no campo aſpero, e rudo
Rendida a gente barbara ſe via,
Porque a memoria no trofeo conſagre,
Que o Ceo pelo valor obra o milagre.

10.

Reina o primeiro Ordonho, e porque poſſa
Ser igual ao Graõ Rey eſclarecido,
Vio em Toledo, Hueſca, e Caragoça
Desbaratado o barbaro temido:
O Magno Affonſo para a gloria noſſa
Seja exemplar illuſtre, alto, e luzido,
Pois mais que o vencedor do mundo em Aſia
Mereceo a glorioſa antonomaſia,

11.

Segundo Ordonho de Leaõ, e Aſturias
Cinge a coroa proſpero, e guerreiro
Domeſticando as Mauritanas furias
He do valor exemplo verdadeiro.
De outro Fruela a Parca com injurias
Do ſeu Reyno o privou no anno primeiro,
Mas deixou o pincel bem expreſſivo
No ſemblante ferós o peito altivo.

12.

Ainda que Ordonho eſclarecido Infante
Perdeſſe a viſta às mãos da tirania,
Naõ ſe eſcurece o nome relevante
Pois vè ao tempo, ſe naõ vio ao dia,
E Dom Affonſo Ordonhes, fulminante
Rayo, e Conde de Aſturias, parecia
Que dos Mouros aos perfidos arrojos
Ainda ali ſe vingâra nos deſpojos.

13.

Rodrigo Affonſo ſucceſſor illuſtre
Do incomparavel Pay ſegue o exemplo,
D. Diogo Rodrigues claro luſtre
Em tudo igual com ſuſpenſaõ contemplo
Em Dom Bernardo Dias naõ ſe fruſtre
O lugar que reſerva no ſeu templo
A militar memoria em que o aclama
Com inſignes padroens a eterna fama.

14.

Pedro Bernardo a eſtatua ſucceſſiva,
Como ſe foſſe eſpelho que o retrata,
Admirou, e a eſpada ſempre activa,
Vé que os infieis valente desbarata:
A memoria immortal a gloria viva
Em Caſtella, e em Lizia ſe dilata,
E o debuxo lhe moſtra nas figuras
As paſſadas áccoens como as futuras.

15.

Vè que da grande praça na defenſa
A fundaçaõ do Imperio certa eſtava,
E que Hercules por alta recompenſa
O ſeu nome feliz diviniſava,
E depois dominando terra immenſa,
E libertando a nobre Calatrava
Das Cidades do Reyno de Toledo,
Serâ paſmo, terror, aſſombro, e medo.

16.

Tambêm com gerolificos Alcides
Lhe diz aſſim : ò Pedro valeroſo ,
Porque grande no tempo te apelides,
Ouve o meu vaticinio venturoſo :
No Regio tronco as ramas , que divides
Fazem de Europa o ambito frondoſo ,
E os Menezes ſeraõ em poucos annos
Transplantados aos troncos ſoberanos.

17.

Naõ ſó dos Reys mil vezes derivados,
Mas os Reys do ſeu ſangue produzidos
Os verá nas coroas enlaçados
Em trinta e ſeis grandezas repartidos :
De huma linha os varoens aſinalados
Sò te moſtro em retractos parecidos ,
Porque ſem excepçaõ no mar , e terra
Foraõ rayos intrepìdos da guerra

18.

Vê a Tello teu filho , que tomando
Primeiro o nome excelſo de Menezes
Aos barbaros contrarios deſtroçando ,
Fez triunfar Caſtelhanos , e Leonezes.
Cuenca em padroens eternos vay moſtrando,
Que vencer Mahometicos arnezes
He gloria deſte nome ſoberano
Como canta outro Ciſne Luſitano.

19.

De hum perfeito varaõ a clara idèa
Moſtra de Affonſo Telles a pintura ,
O Mouro vence , e o rebelde enfrèa ,
E de Albuquerque os muros aſſegura ,
Rompe das Navas a fatal cadea ,
E rompendo ao palanque a força dura
Nas armas em que os ferros eterniza,
A eſcravidaõ dos Mouros ſimboliza.

20.

D. Joaõ Affonſo Tello varaõ forte
Do Segura, e do Betis fertil terra
Dando ao fero Iſmaelita fatal morte
Ao meſmo Marte vencerà na guerra,
Verà o Algarve ao rigido Mavorte,
E quanto Heſpanha em largo eſpaço encerra
Verà muito applaudido, e reſpeitado,
Do Portuguez Affonſo alto aliado.

21.

Naõ ſó a Aquiles no valor o igualo
Por digno de aſcendentes taõ felizes
Nas victorias illuſtres que aſinallo
Para fazer aos Mouros infelizes,
Porém na aſtucia excede o Graõ Gonçalo
Toda a deſtreza do facundo Uliſſes,
E ſoube unir no militar officio,
Effeitos do valor, e do artificio.

22.

Naõ baſta a Affonſo Telles, que invencivel
O viſſem as campanhas de Caſtella,
Para que hum Rey de condiçaõ terrivel,
Naõ uniſſe a crueldade, e a cautella,
Para evitar a offenſa mais ſenſivel
A Portugal o guia a ſua eſtrella,
Donde com ſucceſſivas altas glorias
Coroou as magnanimas victorias.

23.

Dos campos Tranſtaganos na paleſtra
Martim Affonſo Tello ſe exercita
Com ſciente valor, com força deſtra,
Prudente manda, intrepido milita:
Sendo a prudencia das virtudes meſtra,
Modera a fortaleza, que a incita,
E nas quatro florece ſem mudança
Igualando à Juſtiça a Temperança.

24.

De Neiva, e de Faria illuſtre Conde
Gonçalo em Elvas o arma Cavalleiro
O Rey; a quem taõ fino correſponde
Aos herdados acertos de guerreiro:
Jâ donde corre o veloz Douro, e donde
O Vouga rega a opulenta Aveiro,
Deixando a irmãa por bella coroada
Fiel, ao Luzo Rey, defende a eſpada.

25.

A Gonçalo ſuccede em nome, e gloria;
O Menezes inſigne D. Martinho,
Que a Joaõ filho illuſtre da memoria,
Segue na Extremadura, Beyra, e Minho;
No mar, e terra mais de huma victoria
Lhe deo da Fama a o templo amplo caminho
Perde os dominios pela ingrata ſorte,
Porém naõ perde o ſer fiel, e forte.

26.

A ninguem cede o varonil Fernando,
Que em Ceita rayo foy do Luzo Jove,
Tetuaõ ſe lhe rende, e receando
Tangere o ſeu valor a Africa move.
Atilio Portuguez o admire quando
Entre infieis os duros ferros prove,
Atè que triunfante dos contrarios,
Os reſpeitaõ os duros adverſarios.

27.

Outro Fernando ao grande Pay ſuccede
Segundo Scipiaõ, Marte Africano,
O Palanque de Tangere lhe cede,
E ſe rende o ſoberbo Mauritano:
Civil diſcordia a gloria naõ lhe impede,
Ainda que ja no campo Luzitano
Alfarrobeira chore o duro fado
De Pedro varonil, mas deſgraçado.

28.

Cante a lira de heroica Mageſtade
Do Virgilio entre vates Luzitanos,
De outro Menezes logo, cuja idade
He mayor na prudencia, que nos annos:
Gentileza, valor, zelo, verdade
Santas virtudes, dotes ſoberanos,
Fazem vencer na India ao grande Henrique,
Porque eterna memoria delle fique.

29.

Segue Diogo os paternaes veſtigios
Ceita o confeſſe, Tangere, e Arzilla;
Tambem do amor reſiſte aos vãos preſtigios
A conſtancia magnanima, e tranquilla:
Premio de quantos bellicos prodigios
Eſta marcial proſapia recopila,
Deu a Ericeira na grandeza logo,
Filho deſte Diogo a outro Diogo.

30.

Fernando a aquelle ſegue generoſo,
E com quatro Irmãos ſeus exalta as quinas,
Dous em Alcaçar tem termo glorioſo
Tres as cadeas ſofrem mais indinas,
Fernando taõ fiel, taõ valeroſo,
Quiz libertar a patria das ruinas,
Que tudo perde às iras do inimigo,
Mas eſtimou por premio eſte caſtigo:

31.

Africa, Europa, e Aſia preſumiaõ
De ſer trofeos dos braços ſingulares,
Sò da ſoberba America ſe viaõ
Taõ izentas as terras, como os mares,
Porém ja na Bahia ſe eſculpiaõ
Em bronzes os acertos militares
De outro Henrique; que vence em mar, e terra
Do Batavo feròs a feròs guerra.

32.

Qual em Càſtor, e Pollux à fraterna
No Geminis uniaõ indiſſoluvel;
Que a mortal natureza com a eterna
Alternaõ eſſa maquina voluvel;
Parecendo, que hum ſó tudo governa
Da amiſade no laço naõ ſoluvel;
E Roma os vè valentes, e brilhantes
Em dous candidos brutos triunfantes.

33.

Aſſim Fernando, aſſim Luiz ſe via,
E outra Helena os unio taõ caſta, e bella;
Que ſe a Grega a Dardania deſtruia,
Foy eſta à Luſitania clara eſtrella:
Joanna em que de Aonia bem ſe lia
No nome, que huma muſa inspirou nella;
Dandolhe com virtúdes mais diffuſas
Belleza as Graças, e ſciencia as Muſas.

34.

Fernando, que em Italia fez primeiro
Ser Faetonte no Eridano os contrarios,
Neptuno ſobre o mar o vè guerreiro;
Vence no Guadiana os adverſarios:
Scipiaõ ſó no tempo foy primeiro
Em triunfar de Africanos temerarios;
Febo em ſciencia iguala, e ſabio obſerva;
Leys de Themis, preceitos de Minerva.

35.

Luiz em tudo igual teu nome eſpalhas
O' Cezar mais fiel, naõ menos fórte,
A Hiſtoria eſcreves, vences as batalhas,
E afinas com a eſpada à pena o córte:
De Elvas, Valença, e Evora as muralhas
Defendes, ou aſſaltas Graõ Mavorte,
Ao teu zelo, e juſtiça deo a idèa,
Nemeſis incorrupta, igual Aſtrèa.

36.

Franciſco ſegue ao longe eſtes que adora
Veſtigios de valor inimitaveis,
E para o eſtudo na primeira aurora
Achou de Apollo os rayos favoraveis;
De Henrique ha de cantar com voz ſonora
As heroicas acçoens incomparaveis;
E decifrando o Epico miſterio,
A fundaçaõ do Luzitano Imperio.

37.

Luiz do grande Avo maximo nome
Em Letras, e Armas claro deſempenhe,
Em Alentejo ao forte Hiſpano dome,
E em ſoccorrer Campomayor ſe empenhe:
Occupe a Sumba, e a Patâne tome,
E ou no mar fuja, ou no Sertaõ ſe embrenhe,
O Arabio o tema, o Indio, o Perſa, o Mouro,
Que a gloria trouxe de Azia por theſouro.

38.

O magnanimo Rey, que à Azia opprimida
Poderoſo ſoccorro deſtinava,
Do Louriçal a linha eſclarecida
De Marquez com o titulo illuſtrava:
Segunda vez o manda, e da temida
Do grande Vice-Rey valente eſpada
Fia o Monarca as Luzitanas glorias
Da Religiaõ, e a Patria altas victorias.

39.

Franciſco em gentil forma ainda ſe via
De educaçaõ feliz, de indole amavel,
O eſtudo militar tambem ſeguia,
Quanto permite a paz ſempre eſtimavel,
Dos outros deſcendentes ſe encubria
A ſerie pelo tempo variavel,
Mas com exemplos taes bem he ſe eſpere,
Que do eſtudo, e valor naõ degenère.

Furtando-ſe os primeiros quatro Cantos deſte Poema moſtrou ElRey ſentimento, e quiz prometer premio a quem os reſtituiſſe, aſſim o fizeraõ, e o Conde da Ericeira tinha offerecido a Sua Mageſtade depois de reſtaurallos de memoria eſte

SONETO.

SEntis, Senhor, que das acçoens de Henrique,
De quem ſois o mais claro deſcendente,
Quanto a Muſa cantou pouco eloquente
A Enveja roube, a Fama naõ publique,

Apolo o permitio, para que aplique
A vòs ſó toda a Epica excellente;
Pois de hum Heròe a perda ſe naõ ſente,
Porque de outro mayor o acerto explique.

Mas ſe por eſcrever da Luza hiſtoria
O Poema feliz que a Muſa ordena
Foſſe eterno no Templo da memoria;

Vòs o illuſtraes, Apolo o naõ condena;
Pois nunca alcançaria tanta gloria,
Quanta lhe deu na perda a voſſa pena.

ERRA-

APPROVAC,AM DO P. D. JOZE' BARBOZA.

Erratas.

PAg. 2. reg. 19. atem *álem* Pag. 5. §. 10. ouviado *ouvia*

APPROVAC,AM DO P. PAULO AMARO.

Pag. 3. §. 5. reg. 4. Deimocrito *Democrito*

ADVERTENCIAS PRELIMINARES.

Erratas.

PAg. 2. reg. 26. a Lucano eſguilace *á de Lucano Eſquilache.* Pag. 11. reg.... Claro em nobre Demarine *em claro, e em nobre, de Mariene* Pag. 16. reg. 24. nos autores que tratão *neſtes autores que tratão* Pag. 18. reg. 26. ou combate, de fende *ou o combate, ou o defende* Pag. 27. ultima reg. approvar *provar* Pag. 30. reg. 2. Abdara *Aldará* Pag. 53. reg. penultima e naõ ſendo *e naõ tendo* Pag. 54. reg. 6. Puley *Pulcy* Pag. 56. reg. 23. du Bertás *du Bartás* Pag. 70. reg. 18. e mayor de todos *e o maior de todos* Pag. 71. reg. 3. Leiriã Pombal *Leiria e Pombal*

CANTO I.

Erratas do Poema.

Oit. 90. e o mundo naõ o *e o mundo o naõ*

CANTO II.

Oit. 23. verſ. 7. Scintilla *Cintilla*

CANTO III.

Oit. 37. v. 5. e digna *e dina* Oct. 40. v. 1. ficiticios *fiey ôs* Oit. 58. v. 7. reſgnardo *reſguardo* Oit. 62. v. 4. Babelovia *Babilonia* Oit. 63. v. 1. nos debuvos *nos debuxos* Oit. 105. v. 3. orque *Porque* Oit. 137. v. 5. eſquadroen. *eſquadroens*

CANTO IV.

Oit. 9. v. 8. pertos *perto* Oit. 50. v. 2. intentara *intentava* Oit. 110. v. 7. falſos *indignos* Oit. 111. verſ. 5. pteſurſoras *precurſora*

CANTO V.

Oit. 18. v. 6. o raro *oh raro* Oit. 61. v. 5. tranformadas *transformadas* Oit. 87. v. 8. maogas *magoas*

CANTO VI.

Oit. 4. v. 4. o receyo *ao receyo* Verſ. 5. ſe deſcobre *naõ ſe encobre* Oit. 26. v. 2. aquem *a que* Oit. 34, v. 7. deſſe *déce* Oit. 44. v. 6. Hazin *Hazen* Oit. 54. v 4. o teu *o ſeu* Oit. 63 v. 2 indinos *indignos* Verſ. 6. condinos *condignos* Oit. 79. v. 6. e dos Superiores *e Superiores* Oit. 135. v. 3. da carvidaõ *eſcravidam*

CANTO VII.

Oit. 7 aminiſtia *amniſtia* Oit. 44. v. 1. que armas *que as armas* Oit. 55. v. 3. E que aos ultimos tres *E aos ſete que formou* Oit 61. v 2. aſſegurava *aſſegurara* Oit. 67. v. 5. o Monis *ó Monis* Oit. 71. v. 1. fragoa *a fragoa*

goa Oit.75.v.2.Sut.*Sutil* Oit.78.v.4. aos Mahometanos *ao Mahometano*

CANTO VIII.

Oit.8.v.8.Suſtente *o ſuſtente* Verſ.5.As razoes *A's razoes* Oit.24.v.1. lhe reſpond *lhe reſponde* Oit.40 v.4. acſentos *accentos* Oit. 46. v.1. negror *negros* Oit. 49. v. 2. Poir, por forma *Pois por cauza* Verſ.4. e a noro *canoro* Oit. 54. v. 2. Nos primeiros *Nos meus primeiros* Oit. 55.v.4.Fex *Fes* Oit. 56.v.8. Ser *Ter* Oit. 77.v.5. arriſcando *arriſcado* Verſ. 6. eſtrado *eſtado* Oit. 95. v. 4. rigoroſos *vigoroſos* Oit. 122. v. 6. a cautela *cautela*

CANTO IX.

Oit.9.v.8.obta *obra* Oit.55.v.5.Eolo *Eólo* Oit.89.v.3.corre *corra* Oit. 92.v.4.oſtoris *a Soris* Oit.98.v.1. Só atreves *Só ſe atreveo* Oit. 124. v. 8. exereite *exercito*

CANTO X.

Oit.5.v.7.os Luziranos *aos Luzitanos* Oit.11.v.1.tranſmontan *tranſmontanos* Oit. 100. v. 2. conquiſta *conquiſtas*

CANTO XI.

Oit.14.v-2.nas ſéte eras *nas Séteiras* Oit.17.v.6.e ſe cre *e ſe cre*, Oit. 41. v. 3. a tala *atála* Oit.v. 6. cente *gente* Oit. 79. v. 6. ſe uras *ſequras* Oit.84.v.5. veneira *venera* Oit.88. v. 8. com grociſſimo *com hum grociſſimo* Oit.91.v.5. unras *uniram* Oit.93.v.8. ſepultados *ſepultado* Oit. 116.v. 6. e legueras *e ligeiras* Oit.120. v. 2. e a ſétta inficionada *e á ſetta inficionava*

CANTO XII.

Oit. 9. v. 2.en ejoſo *envejoſo* Oit.10.v.8. da ſuperſtiçaõ *á ſuperſtiçam* Oit.24.v.6.a a a direita *a ala direitá* Oit. 32. v. 7. o pe igo *o perigo* Oit.54.v.3.ecudo *eſcudo* Oit.66.v.duvido o *duvidoſo* Oit.85.v.4.ſoſiro *ſuſpiro* Oit.92. v. 2. A jo ou Izirá *A Jo ou Izis a* Oit. 94. v. 8. e do que paſſou *e do que antes paſſou* Oit.114.v.1. de ſeu *he ſeu* Oit. 132. v. 1. o nabre *a nobre* Oit. 138. v. 5. Porque a alcança *Pois ſe o alcança* Oit.156. v. 5. barbararidade *barbaridade* Oit. 178. v. 6. ulliſſeo *uliſſio* Oit.198. v. 2. ſe move, e outro *ſe move hum*, *e outro* Oit. 199.v. 7. faz rayos *fás nos rayos* Oit. 213. v. horrida *horrenda*

A D-

ADVERTENCIAS DAS NOTAS

Erratas.

Erudiçois vulgares *erudiçoes menos vulgares* no que podia *o que podia* para deviſar *para deixar*.

NOTAS CANTO II.

N. 82. ſe ſacodio *ſacodio* n. 84. qne continuou *que ſe continuou* n. 89. atribui e *atribuirſe* n. 127. em a certar *em aceitar* n. 129. ElRey Tarco *ElRey Terio*

CANTO III.

N. 175. e as advertencias *nas advertencias* n. 181. toucandoſſe *toucandot* n. 182. como ellas *como éla* n. 187. da cobra a cobra *da cabra a cabra* n 209. o conecito Hyperbole *o comceito, e Hyperbole* n. 213. a Nimfa Jó *a Nimfa Jo* n. 218. brevomonte velocinio a canicula ſendo Aſtro do Norte *brevemente velocino que tambem naõ he Aſtro do Norte* n. 221. a Erecto a Talſerena *a Ericto a Falſerena*

CANTO IV.

N. 318. á conſtancia *a conſtancia* n. 319. adverriraõ *advertirám*

CANTO V.

N. 325. o celebre Malpighl *o celebre Malpighi* n. 346. e éle reconheço quando digo ao menos e éle inferior a Homero e a Virgilio *e éle reconheceo quanto era inferior a Virgilio por iſſo eu digo que ao menos me dè a Muza a inſpiraçaõ que a Eſtacio para deſcrever os ſeus jogos* n. 351. deſtes *deſtes* n. 355. o axpelido *o apelido* n. 355. 356. n. 361. Bezancon *Bezançon* n. 368. que atribuem *que lhes atribuem* n. 382. e naõ ſó ſervia *e naõ ſó ſervio* n. 373. monte Etonio *monte Aónio* n. 376. aos Cantanhede com outra das *aos de Cantanhede cem outras das* n. 382. do Conde Henrique *Conde D. Henrique* Távares foy Embaixador *do que foy Embaxador* n. 383. no ſpirito *e no ſpirito cazou com D. Luiz de Caſtro IV. Marques de Caſcaes ſucceſſor deſta illuſtre Caza, que deu a Portugal, e a Caſtela duas Raynhas, tendo a varonia pelos Noronhas delRey D. Henrique II. de Caſtela, e de huma Filha delRey D. Fernando de Portugal, e com tantos merecimentos proprios como herdados dos ſeus eſclarecidos Pays, e Avos* n. 393. pelo dois *pelos dois* n. 403. taõ efeminadas *taõ afeminadas* n. 413. imponere Pelio *imponere Pelion*

CANTO VI.

N. 423. Gualquivir *Guadalquivir*

CANTO VII.

N. 474. lhe chamaremos ſempre *lhe chamaremos antes* n. 500. pois ſaſim *pois aſſim* n. 502. de Alumen ſtumen *de Alumen plumæ.*

CANTO VIII.

N. 520. fruſta *fruſtra* n. 534. carnivolo *carnivoro* n. 535. hum verſos *huns verſos* n. 541. illuſtre e fèlice *illuſtre e infelice*

CANTO IX.

N. 585. na Pininjula *na Peninſula* n. 590. da Provincia *da Providencia* n. 598. de Caboverda *de Caboverde*

CANTO XI.

N. 689. ſetranformem *ſe transformem*

OITAVAS ULTIMAS

Erratas.

Oit. 1. u. 1. vio que *vio em* Oit. 15. v. 3. recipenſa *recompenſa* Oit. 21. v. 2. felezes *felices* Verſ. 4. infelizes *infelices*

BIBLI-

BIBLIOTHECA

ERICERIANA,

COM CATALOGO DOS LIVROS IMPRESSOS, e manuſcriptos que compuzeraõ os Condes da Ericeira da Familia de Menezes, aſſim os Senhores deſta Caza, como os filhos ſegundos della, e os de algumas, que os Condes da Ericeira hoje poſſuem.

D. DIOGO DE MENEZES, I. CONDE da Ericeira.

1 VIDA de D. Henrique de Menezes, Governador de la India, con vna dedicatoria al Conde Duque. 4. Madrid. 1628.

D. FERNANDO DE MENEZES, II. Conde da Ericeira.

2 HIſtoriarum Luſitanarum libri decem ab anno 1640. uſque ad annum 1656. pars I. Ulyſſipone 1734. in quart.

3 Hiſtoriarum Luſitanarum, pars II. in quart. Ulyſſip. 1735.

4 Hiſtoria de Tangere, in fol. Lisboa. 1732.

5 Vida de ElRey D. Joaõ I. quart. Lisboa 1668.

6 Monumento perene à memoria da Rainha D. Maria Franciſca Izabel de Saboya, com hum Epitome da ſua vida em Portuguez, outro em Latim, e varias obras em proſa, e verſo em ſeu louvor quart. M. S.

7 Relaçoens, e Tratados Hiſtoricos de varios ſucceſſos de Portugal militares, e politicos, do anno de 1640. até o de 1669. quart. M. S.

8 Diſcurſos, Oraçoens Academicas, e Panegyricas. quart. M. S.

9 Cartas, e Diſcurſos na lingua Latina. quart. M. S.

10 Poeſias Latinas, que ſe imprimem na Collecçaõ dos Poetas illuſtres Luſitanos. quart. M. S.

11 Poeſias Portuguezas com hum Poema heroico de Lisboa conquiſtada, de que ha ſó cinco Cantos: Hum Epinicio à batalha do Ameixial, e outras obras. q. M.S.

12 Poeſias Heſpanholas, com a Comedia: *Nó es deſengaño el deſprecio*: dous Autos Sacramentaes, e outras Rimas. quart. M. S.

13 Papeis politicos, e militares no Conſelho de Eſtado, e outros Tribunaes. I. Parte fol. M. S.

14 Papeis politicos, e Militares, ſendo Regedor das Juſtiças, e Capitaõ General de Tangere. fol. M. S.

D. LUIZ DE MENEZES, III. CONDE da Ericeira.

15 HIſtoria de Portugal Reſtaurado do anno de 1640. atè o de 1656. P. 1. Lisboa 1679. fol.

16 Hiſtoria de Portugal Reſtaurado do anno de 1657. atè a paz de 1668. 2. Part. fol. Lisboa. 1664.

17 Exemplar de virtudes morales en la vida de Jorge Caſtrioto quart. Lisboa 1668.

18 Compendio da vida do I. Marquez de Tavora com varias obras em ſeu louvor. quart. Lisboa. 1674.

19 Relaçoens militares de algumas campanhas. quart. M. S.

20 Diſcurſos, e Oraçoens Academicas, e Problemas moraes quart. M. S.

22 Obras Poeticas Heſpanholas. I. Part. quart. M.S.

23 Obras Poeticas Heſpanholas, que contèm huma Repoſta pelos meſmos conſoantes a todos os Sonetos de D. Luiz de Ulhóa: o Poema da fabula de Orfeo, e duas Comedias. 2. Part. quart. M. S.

24 Papeis Politicos ſendo Védor da Fazenda, e outros em negocios importantes do Reyno: fol. M. S.

25 Papeis militares ſendo General da Artilharia do Al-

Alentejo, e Governador das armas de Traz-os-Montes: fol. M. S.

26 Cartas familiares. fol. M. S.

DONA JOANNA DE MENEZES III. Condeſſa da Ericeira.

27 VIda Panegyrica de S. Agoſtinho: fol. M. S.

28 Deſpertador del alma al ſueño de la vida en trecientas Octavas, com o nome ſuppoſto de Apollinario de Almada. quart. Lisboa 1695.

29 Reflexos ſobre a Miſericordia de Deos, traduzidas de Francez de Soror Luiza da Miſericordia, que foy Duqueza de Vaujour, com hum Panegyrico à Rainha da Graõ-Bretanha, Anonymo: oitavo Lisboa 1694.

30 Panegyrico ao Duque de Saboya, traduzido do Abbade de S. Real, Anonymo. quart. Lisboa 1680.

31 Cartas Francezas à Rainha D. Maria de Saboya, e outras peſſoas illuſtres, e varios Diſcurſos na meſma lingua quart. M. S.

32 Triunfo das mulheres, traduzido de Francez, e illuſtrado quart. M. S.

33 Diſcurſos Academicos, e Moraes, com huma Novella allegorica, quart. M. S.

34 Cartas familiares a varias Senhoras. I. Part. quart. M. S.

35 Cartas familiares II. Part. quart. M. S.

36 Obras Poeticas, Francezas, e Italianas, e traducçoens. quart. M. S.

37 Obras Poeticas Heſpanholas. I. Part. quart. M. S.

38 Obras Poeticas Heſpanholas, que contèm duas Comedias: dois Autos Sacramentaes, e outras obras de Theatro: II. Part. quart. M. S.

39 Obras Poeticas Heſpanholas, que contèm a fabula Heroica de Perſêo, em cinco Cantos: o Poema funebre à Rainha D. Maria de Saboya: III. Part. quart. M. S.

40 Obras Poeticas Portuguezas quart. M. S.

D. FRANCISCO XAVIER DE MENEZES, IV. Conde da Ericeira.

41 HEnriqueida, Poema Heroico, em doze Canto quart. Lisboa 1741.

42 Obras Poeticas Portuguezas, fol. M.S.

43 Obras Poeticas Hefpanholas, fol. M. S.

44 Obras Comicas Hefpanholas, fol. M. S.

45 Obras Poeticas Latinas, Italianas, e Francezas, e traducçoens deftas linguas com a da Arte Poetica de Boileau em quatro Cantos: fol. M. S.

46 Oraçoens Academicas, fendo Prezidente, e Director em varias Academias: fol. M. S.

47 Oraçoens Panegyricas na Academia Real, e em outras: fol. M.S.

38 Difcurfos, Problemas Academicos, e moraes: fol. M. S.

49 Difcurfos Filologicos, que contêm doze liçoens fobre o methodo dos eftudos: fol. M. S.

50 Difcurfos Filologicos fobre queftoens eruditas: fol, M. S.

51 Excellencias do numero XXII. cumprindo ElRey D. Joaõ V. vinte, e dois annos em 22. de Outubro de 1711. fol. M. S.

52 Illuftraçaõ das Armas da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa: fol. M. S.

53 Tratados Scientificos, I. Part. que contêm fete liçoens Academicas fobre as artes liberaes, e outras em varias Faculdades fol. M. S.

54 Tratados Scientificos, II. part. que contêm varias differtaçoens, e obfervaçoens Filofoficas, e Mathematicas: hum epitome da Logica: e hum fiftema da cauſa das febres: fol. M. S.

55 Tratados Scientificos, III. Part. que contêm huma

ma diſſertaçaõ ſobre a exiſtencia do Vnicorneo, provando que he a Abàda, feita à inſtancia do Imperador Carlos VI. fol. M. S.

56 Obras Hiſtoricas, I. Part. que contèm as memorias da vida do Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes: fol. M. S.

57 Obras Hiſtoricas, II. Part. que contem as memorias Eccleſiaſticas do Arcebiſpado de Evora, I. Part. pela Academia Real: fol. M. S.

58 Obras Hiſtoricas III. Part. que contèm a ſegunda parte das memorias Eccleſiaſticas de Evora: M. S.

59 Obras Hiſtoricas, que contèm a III. Part. das memorias Eccleſiaſticas de Evora: fol. M. S.

60 Obras Hiſtoricas, que contèm a IV. part. das memorias Hiſtoricas de Evora, com os documentos, e provas dos primeiros tres volumes: fol. M. S.

61 Obras Hiſtoricas, que contèm Relaçoens impreſſas do ſitio de Campo-mayor, em 1712. e de outros ſucceſſos militares, impreſſos ſem nome: Diſſertaçoens hiſtoricas ſobre varios pontos duvidoſos da Hiſtoria de Portugal, e ſuas Conquiſtas: Defenſa do direito de Portugal ao Maranhaõ, e outras terras: Memoria dos Biſpos de pouca idade: fol M. S.

62 Obras Hiſtoricas, que contèm Diſſertaçoens Criticas da Hiſtoria Eccleſiaſtica ſobre os Concilios univerſaes: Diſſertaçoens Critico hiſtoricas ſobre varios pontos da Hiſtoria Eccleſiaſtica: fol. M. S.

63 Relaçoens de feſtas Reaes, e de outras, feitas por direcçaõ do Conde da Ericeira, e outros Tratados:

64 Miſcellaneas, que contèm fama poſthuma do Padre Antonio Vieyra: Relaçaõ das Exequias, que o Conde da Ericeira lhe fez celebrar em Lisboa, em 1697.

65 Illuſtraçaõ do nome Nuno: cenſuras a duzentos livros de varias materias: Obſervaçoens a varios Autores: Diſtribuiçaõ da Bibliotheca Regia: e Catalogos curioſos, e ſelectos: fol. M. S.

66 Obras

66 Obras Genealogicas, que contèm varonia, e Arvores hiſtoriadas com a vida dos aſcendentes, Varoens illuſtres em virtude, e armas, e letras, dos Menezes da Caſa do Conde da Ericeira : fol. M. S.

67 Obras Genealogicas, que contèm Apologias de diverſas familias, fol. M. S.

68 Obras Genealogicas, que contèm varonias, e Arvores de algumas familias aſſim naturaes, como eſtrangeiras : M. S.

69 Obras Sacras : Reflexoens ſobre as ſete palavras da Virgem Santiſſima : Meditaçoens ſobre as ſuas dores: fol. M. S.

70 Oraçoens pias, e devotas. fol. M. S.

71 Papeis politicos ſobre negocios importantes do Reyno : Manifeſtos, Inſtrucçoens, e pareceres na Junta dos Tres Eſtados : votos ; e outros papeis militares, nas ſete Campanhas, em que ſe achou : fol. M. S.

72 Bibliotheca Souſana, com obſervaçoens a trezentos, e ſeſſenta livros, que eſcrevia o P. D. Manoel Caetade Souza, Clerigo Regular : in quart. Lisboa, anno 1738.

73 Extractos dos livros, que a Academia da Ruſſia mandou á Academia Real da Hiſtoria : in quart. Lisboa 1738.

74 Apparato Hiſtorico para a vida do Conde Dom Luiz de Menezes : in fol. M. S.

75 Vida de Soror Maria Magdalena de Jeſu, Freira no Convento da Madre de Deos de Enxobregas : in quart. M. S.

67 Epicedio na morte da Sereniſſima Senhora Infante D. Franciſca in quart. Lisboa 1737.

77 *Templo de Neptuno* : Epithalamio nos caſamentos do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Luiz Joſeph de Caſtro Noronha Ataide e Souza, com a Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. Joanna Perpetua de Bragança, Marquezes de Caſcaes : in quart. Lisboa 1738.

78. Documentos a ſeu neto D. Franciſco de Menezes

ſo-

ſobre as leys do duello : in quart. M. S.

79 Reflexoens ao Theatro Critico, que compoz o R. P. Fr. Bento Féyjoó, diſcorrendo por cada hum dos Tratados daquella excellente obra : in quart. M. S.

80 Memoria metrica, que contèm em verſo para ſe ter de memoria a Hiſtoria univerſal, e a particular do Reyno ; a Mythologia, a Geografia, a Filologia, e os principios de todas as Artes, e Sciencias : Part. I. in octavo M.S.

81 Memoria metrica, II. Part. in oct. M. S.

82 Diſcurſos, Panegyricos, e outras obras recitadas por elle na Academia Real : in fol. M. S.

83 Duzentas hiſtorias memoraveis para ſe ajuntarem ao livro *de Sciti dignis* : in quart. M. S.

84 Tratado das honras Civis, que muitos Eccleſiaſticos tem na Europa : in quart. M. S.

SOROR MARIA MAGDALENA DE JESU, Irmãa dos Condes da Ericeira D. Fernando, e D. Luiz de Menezes, que foy ſeſſenta annos Religioſa no Moſteiro da Madre de Deos de Enxobregas.

85 HIſtoria de algumas Religioſas, que morreraõ no Moſteiro da Madre de Deos com opiniaõ de Santidade : Vida da meſma Soror Maria Magdalena eſcrita por duas Religioſas do meſmo Moſteiro, e muito accreſcentada por ſeu Sobrinho D. Franciſco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira : in fol. M. S.

86 Meditaçoens ſobre alguns Pſalmos de David. Methodo para commungar com perfeiçaõ : Obras myſticas, e alguns Poemas Sacros : M. S. in fol.

87 Cartas devotas, e familiares. fol. M. S.

D. LU-

D. LUIZ DE MENEZES V. CONDE da Ericeira, e primeiro Marquez do Louriçal.

88 COmmentarios do que lhe ſuccedeo em todo o tempo, que foy Vice-Rey da India, a primeira vez: in fol. M. S.

87 Inſtrucçoens, Regimentos, e outros papeis politicos, pertencentes à boa adminiſtraçaõ do governo da India: M. S. in fol.

90 Diſcurſos, e pareceres ſobre o commercio, e Conquiſtas de Portugal M. S. in fol.

91 Supplemento, e Correcçoens Anonymas ao Vocabulario Portuguez, que compoz em dez tomos o R. P. D. Rafael Bluteau, I. Part. in fol. M. S.

92 Supplemento, e Correcçoens Anonymas ao Vocabulario Portuguez do P. D. Rafael Bluteau: II. Part. in fol M. S.

93 Supplemento, e Correcçoens Anonymas ao Vocabulario Portuguez do P. D. Rafael Bluteau: III. P. in fol. M. S.

94 Correcçoens, e Supplemento ao Diccionario hiſtorico de Moreri, principalmente a tudo o que pertence a Portugal: as quaes correcçoens, e Supplemento vem na ediçaõ Franceza de Pariz, e na Caſtelhana de Leaõ. I. Part. in fol. anno 1735.

95 Segunda parte das Correcçoens, e Supplemento ao Diccionario de Moreri, impreſſa em Pariz, e Leaõ in fol. 1735.

96 Terceira parte das Correcçoens, e Supplemento ao ao meſmo Diccionario: fol. M. S.

Fr. ANTONIO DA PIEDADE DOUtor nos Sagrados Canones : agora Religioſo da Familia Serafica na Provincia de Portugal, filho do quarto Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes.

97 SErmoens varios, Part. I. in quart. M. S.
98 Sermoens varios, Part. II. in quart. M. S.
99 Sermoens varios, Part. III. in quart. M. S.
100 Sermoens varios, Part. IV. in quart. M. S.
101 Sermoens varios, Part. V. in quart. M. S.
102 Sermoens varios, Part. VI. in quart. M. S.
103 Sermoens varios, Part. VII. in quart. M. S.
104 Sermoens varios, Part. VIII. in quart. M. S.
105 Pareceres em Theologia Moral, e Canonica, I. Part. in quart. M. S.
106 Pareceres em Theologia Moral, e Canonica: II. P. in 4. M. S.

ERICERIANA.

107 APothemas, verſos, obſervaçoens, e circunſtancias particulares das vidas, e acçoens de Senhores, e Senhoras da Caſa dos Condes da Ericeira, recopilados das ſuas meſmas obras, e de outras memorias fidedignas, pelo Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes : I. Part. fol. M. S.
108 Apothemas, &c. Part. II. in fol. M. S.

CATALOGO CRITICO DA LIVRAria dos Condes da Ericeira, feito pelo IV. Conde da Ericeira D. Franciſco Xavier de Menezes, e pelo V. D. Luiz de Menezes, Marquez do Louriçal.

109 BIbliotheca Ericeriana com o Extracto, e Catalogo Critico dos livros da Biblia, e

ſeus commentadores, Santos Padres, Theologia: fol. M.S.

110 Biblioteca Ericeriana: Filoſofia, Medicina, Hiſtoria natural: fol. M.S.

111 Bibliotheca Ericeriana: Filologia, Grammatica, Diccionarios, Oratoria, Poetica, Antiquarios, e Miſcellaneas: fol. M.S.

112 Hiſtoria univerſal, e particular: fol. M.S.

113 Bibliotheca Ericeriana, M.S. Eſtrangeiros.

114 Bibliotheca Ericeriana, M.S. Portuguezes.

SUPPLEMENTO Aª BIBLIOTHECA ERICEriana dos AA. de que a Caſa da Ericeira poſſue os Morgados.

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA Theologo de ElRey D. Sebaſtiaõ ao Concilio Tridentino.

115 DEfenſio Trident. Fidei: quart. Ulyſſipone; 1578.

116 Orthodoxæ Fidei conſultationes: quart. Ulyſſipo 1574. e em outras ediçoens.

117 Oraçoens no Concilio Tridentino, e outros Opuſculos impreſſos em diverſas Collecçoens com os Elogios ao A. de mais de cem Eſcritores illuſtres.

118 Sermoens varios, Part. I. in quart.

119 Sermoens varios, Part. II. in quart.

120 Sermoens varios, Part. III. in quart. Todas tres impreſſas mais vezes, e traduzidas em diverſas linguas.

Fr. THOMEª DE JESU, RELIGIOZO Aguſtiniano, e Irmaõ de Diogo de Paiva de Andrada, que morreo com opiniaõ de Santo no cativeiro de Marrocos.

121 TRabalhos de JESU, Part. I. que com a ſegunda foy traduzida em oito linguas, e im-

impreſſa muitas vezes. A ultima edição com a vida do A. eſcrita pelo Illuſtriſſimo D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebiſpo de Goa, e Braga, Vice-Rey da India, e de Portugal, he a de Lisboa na Officina Aguſtiniana, em quart. 1734.

122 Trabalhos de JESU, Part. II. ibidem.

123 Oratorio Sacro: em Lisboa, e em outras partes em diverſas formas

124 Vida de Fr. Luiz de Montoya: Inſtrucçaõ de Noviços, e outros tratados: M. S. in quart.

125 De Oratione Dominica. Antuerpiæ, in oct.

126 Praxis Fidei: Coloniæ, 1629. in octav.

127 Methodus Spiritualis, Coloniæ, 1623. in oct.

128 Comedia em louvor de S. Agoſtinho, e hum volume de verſos, que vio, e leo Jorge Cardozo, como elle refere

129 Vida de Chriſto, in quart.

130 Tratado Dogmatico contra os Judeos, com a Relaçaõ da Controverſia, que teve com hum Rabino, a quem converteo em Marrocos: dirigido a ſua Irmaã D. Violante de Andrada Condeſſa de Linhares.

Fr. MANOEL DA CONCEIÇAO, RELIGIOſo, e Provincial de S. Agoſtinho filho de Alvaro Peres de Andrada, Commendador de S. Pedro de Torres Vedras na Ordem de Chriſto.

131 HHeatro triunfal de Luſitania: in quart.

132 Sermoens varios, in quart.

FRANCISCO DE ANDRADA, IRMAM de Diogo de Paiva, e de Fr. Thomè de JESU.

133 CHronica de ElRey D. Joaõ III. in fol. Lisboa 1613.

134 Hiſtoria de Eſcanderbego, ou Jorge Caſtrioto. fol. Lisboa 1567.

135 Fi-

135 Fiolomena de S.Boaventura, in oct. Lisboa 1566.

136 Poema heroico do primeiro cerco de Dio, no governo de Nuno da Cunha, e Antonio da Silveira: in quart. Coimbra 1589.

157 Peregrinaçoens de Fernaõ Mendes Pinto, ſobre as memorias deſte Author, impreſſas muitas vezes, e em varias linguas.

138 Opuſculos em verſo traduzidos de Diogo de Teve: in oct.

139 Inſtrucçaõ politica, Dialogo entre o Anjo da Guarda, e o corpo humano, M. S. em folha, da letra do A. que ſe converſa na Bibliotheca dos Condes da Ericeira.

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA COMmendador de S.Payo de Fragoas, filho de Franciſco de Andrada Commendador da meſma Comenda.

140 EXame de antiguidades. in quart.

141 Caſamento perfeito: in quart. duas vezes impreſſo.

142 Chauleidos, Poema heroico Latino, in quart. Lisboa 1628. e em outras partes.

143 *De Scitu dignis*, livro em proſa Latina, que ha de imprimirſe muito accreſcentado pelo P. Antonio dos Reys da Congregaçaõ do Oratorio: he volume de quarto.

144 Poeſias Latinas, em que entraõ tres Tragedias intituladas: *Antonius Magnus*, *Joannes Baptiſta*, *ere Eduardus*: Panegyricos, e diverſas obras, que com o Chauleidos, e com a vida do A. comprehendem o terceiro volume ja impreſſo da Collecçaõ dos Poetas Portuguezes, feita pelo meſmo R. P. Antonio dos Reys, por ordem de ElRey D. Joaõ V. in quart.

145 Cartas Latinas, e vulgares, Poeſias, e Enigmas na lingua Italiana, Heſpanhola, e Portugueza: in quart.

FIM.